

# Textos

Telmo Mario Dornelles Gosch

Coleção de artigos do Autor, colhidos de forma livre nos meios eletrônicos e redes sociais, jornais, revistas e livros diversos.

Todos estes trabalhos foram colhidos de forma eletrônica, já publicados e disponíveis livremente.

Esta coleção não é um livro, apenas um apanhado para registrar os trabalhos de sua autoria e/ou de sua preferência, publicados por ele, sobre temas diversos.

A critério do Autor poderá ser transformado em livro.

O ProjetoPF pode ajudar nesta tarefa. Contate-nos.

Data : 31/10/2008

Título : ERVA MATE...CHIMARRÃO

Categoria: Poesia

Descrição: Tens nome - tens sobrenome Vens de família afamada

## ERVA MATE... CHIMARRÃO

Tens nome - tens sobrenome,  
Vens de família afamada  
É Ilex paraguariensis,  
No Bosque és consagrada.

Por tua fama, por teu nome,  
Foste muito pesquisada,  
O Gaúcho te consome  
De tarde e de madrugada.

És colhida com amor  
Nas coxilhas do Riogrande,  
Sepé tirava o vigor,  
Do amargo de teu sangue.

É Sagrada tua aura,  
No balcão da pulperia,

Alimentas china e taura,  
Na forma quente ou fria.

No ritual galponeiro  
Ao chiru és lenitivo,  
O teu sabor, o teu cheiro,  
Tem algo de primitivo.

A cuia é tua vasilha  
A bomba teu sorvedor,  
A seiva verde, fervilha,  
O topete é tua flor.

Junto ao fogo de chão  
E a chaleira sem idade,  
Tu passas de mão em mão  
Semeando hospitalidade.

Ao encerrar esta lenda  
Da qual foi o motivo,  
Fica a saudade da Prenda  
No chimarrão de estrivo.

Data : 31/07/2009

Título :        PROS FUNDOS DO BOQUEIRÃO

Categoria:     Poesia

Descrição:     O tempo passa ligeiro Como vôo de um colibri

## PROS FUNDOS DO BOQUEIRÃO

Meu umbigo é verdade,  
Enterrei naquele chão,  
Também minha saudade  
Ficou lá no Boqueirão.

Nasci miudinho – perrengue,  
Quase não escapo desta  
Sai pro oco do mundo,  
À benzedura e promessa.

De origem mui carente  
Eu padeci pra crescer  
Meu desafio era urgente,

Peleei muito pra vencer.

Era topada nas pedras  
Alpargatas nos garrões,  
Segui a trilha agrônômica  
Fui trabalhar nos sertões.

Por uma graça divina  
Repontei bendita china,  
E, como nos contos e fados,  
Vivemos enamorados.

A china tem olhos verdes  
Cabelos cor de cevada,  
Ternura em pele alva  
Com brilhos da estrela D'alva.

As crias foram bem vindas  
Felizes estão aqui,  
São três gurias mui lindas  
E um macho com pedigree.

No vicio pelo trabalho  
Trabalhei sempre com sorte  
No destino um atalho  
Segui então pra região norte.

Apreendi a comer pequi  
E falar Vixe Maria  
Deixei o tchê por ai,  
Perseguindo a minha trilha.

O tempo passa ligeiro,  
Como vôo de um colibri  
Não me sinto forasteiro,  
Mas queria estar ai.

Fiz amigos, fui honrado,  
Já cheguei de sobre ano  
E pra este povo dourado,  
Era Gaúcho/Goiano

Segui então minha sorte  
Com arrocho - com ação  
No peito saudade forte,  
Recuerdos do Boqueirão,

Lembro sempre o velho pago  
Com carinho - com amor,  
E tenho um largo afago

Pelo imortal tricolor.

Churrasco, eu tenho assado,  
Prá companheiros de luxo,  
Criamos um novo Estado,  
Sou Tocantinense/Gaúcho.

Faço assim à narrativa  
De um passante no mundo,  
Minha história é primitiva  
Sou Gosch de Passo Fundo.

Estou veterano inquieto  
Já com pêlo araçá,  
Tenho um magote de netos  
Conservo a alma de piá.

Quando chegar minha hora  
Na retina o meu rincão,  
Voltem então minha cabeça  
Pros fundos do Boqueirão.

Data : 31/12/2009

Título : VIAGEM

Categoria: Poesia

Descrição: O sábio trabalha duro, Quer visitar o passado, Quer viajar ao futuro,

## V I A G E M

O sábio trabalha duro,  
Quer visitar o passado,  
Quer viajar ao futuro,  
É um trabalho louvado,  
Que discordo, mas aturo,  
Com meu pensamento alado  
Sigo sempre pro passado,  
Imaginando o futuro.

Ao futuro eu não vou!  
Nem quero ser convencido,  
Só vou, se for atado,  
Ou se for abduzido,  
Eu... Não irei nem pintado!  
Aqui, ninguém me convence,  
Como diz o velho ditado,

O futuro a Deus pertence.

O passado é meu destino!  
Meu pensamento é profundo,  
Chego logo a minha infância  
Nos campos de Passo Fundo,  
Tenho lá minha estância  
CEP gravado no chão,  
Andradas - quatro, meia, meia,  
Bairro do Boqueirão.

A existência era insegura,  
Pobre, simples, mas vivida,  
A bóia? Revirado com fritura  
E um naco de rapadura,  
A roupa? Remendada e puída  
Passava de mão em mão,  
Desbotada, envelhecida,  
Servia pra algum irmão.

Mas a alegria era farta  
A felicidade então...  
Papai rabiscando uma carta,  
Mamãe fazendo o boião,  
A gurizada entusiasmada,  
Só de cuequinha e calção,  
E nos campinhos da estrada  
Todos jogavam um bolão.

A nossa pobre bola  
Carepenta, velha e feia,  
Nunca era de sola  
Sempre era de meia,  
A mamãe comandava,  
E não usava de peia,  
A meninada brincava  
E saracoteava na areia.

Brincávamos então de luta,  
Arranca toco e queimada,  
Tinha também muita fruta  
Prá alimentar a piazada,  
A velha porca, astuta,  
Roncava num som bagual  
E a galinhada ciscava  
Embaixo do taquaral.

A sombra do arvoredo  
Vovô prendia o alazão,  
Jogava o corpo num banco

E sorvia o chimarrão,  
No murro, caiado, branco,  
Ao anoitecer no verão,  
Caçávamos pirilampo  
Ao som de guapo violão.

É minha felicidade  
Os recuerdos de meu ninho,  
O sorriso dos de idade  
Só me fazendo carinho,  
Chega à hora do retorno  
Gostaria de ficar lá,  
Lá me sinto energizado,  
Entusiasmado como um piá.

Data : 28/02/2010

Título : Agro - Papo

Categoria: Poesia

Descrição: A soja - Glycine max, Perguntou ao milho - Zea mays,

Agro - Papo

02/2010

A soja – Glycine max,  
Perguntou ao milho – Zea mays,  
-Porque és tão feliz.  
A resposta foi no tento,  
-Sou alto, magro – esbelto,  
E balanço contra o vento.

-E você soja buenacha,  
Até parece que é guaxa,  
Pelo seu desenvolver...;  
-Conta-me o teu bem querer.

-Sou verde em grão amarelo  
E tenho boa linhagem,  
Produzo óleo e farelo,  
No mundo eu faço viagem.

-A sua origem é Maia,  
O meu berço é a China  
Você produz carboidrato,  
Eu fico na proteína,  
Vamos ombrear de novo,  
Alimentando este povo!

Vai então o nosso agrado  
Ao Agrônomo sabido,  
Que nos tem fomentado  
Que nos tem desenvolvido.

Data : 31/03/2010

Título : POBRETÃO

Categoria: Poesia

Descrição: Depois de trabalho ativo Com muita dedicação,

P o b r e t ã o

Depois de trabalho ativo,  
Com muita dedicação,  
Sendo do lar um cativo,  
Aguentando o tirão,  
Quando estou pensativo,  
Na hora do chimarrão,  
Decretou em som altivo  
Você é um pobretão!

Fiquei então meio teso,  
Com certa admiração,  
Realmente surpreso,  
Na roda de chimarrão,  
Senti-me um contrapeso,  
Numa vida de ilusão.

Assim de afogadilho,  
Cheguei a uma conclusão,  
Quem sustenta mulher e filho,  
Proporcionando um vidão,  
É burro preso em atilho,  
Morre pobre e sem razão.

Enganou-me a audição,  
Com discurso tão inflado?  
Ou é meu pobre coração,  
Que está sendo liquidado?  
Sem carinho, sem paixão,  
Sinto-me desorientado,

Desamor, desatenção...  
Sou pobretão, magoado.

Data : 23/04/2010  
Título : DEUS NO BOQUEIRÃO  
Categoria: Poesia  
Descrição: Diz o velho ditado, E fala quem é matreiro,

### DEUS NO BOQUEIRÃO

Diz o velho ditado,  
E fala quem é matreiro,  
Que o povo do Brasil  
Vive em eterno braseiro,  
Só escapa desta lida,  
Porque Deus é brasileiro.

Se brasileiro é Deus,  
Tudo indica que é gaúcho,  
Vivendo aqui na querência  
E bendito em todo o mundo,  
Não tem o que discutir,  
Ele é de Passo Fundo.

Passo-fundense é o Senhor,  
Com certeza e com razão,  
Ele tem cruzado os pagos,  
Com amor no coração,  
Abençoando em afagos  
O povo do Boqueirão.

Data : 20/05/2010  
Título : CACAU  
Categoria: Poesia  
Descrição: Quem repontou primaveras E chega a melhor idade,

C A C A U

05/2010

Quem repontou primaveras  
E chega a melhor idade,  
Tem sonhos, tem quimeras,  
Lembranças e muita saudade,  
Nesta longa travessia  
Procuramos em verdade,  
Fugir da monotonia,  
Queremos amor, lealdade,  
Felicidade e sabedoria,  
E uma fiel companhia.

Estávamos neste torpor  
Inativos, sem calor.  
Apelamos pra benzedor,  
Consultamos até doutor  
Pois a feijoada e a canha,  
O chimarrão e a picanha,  
Já não tinham mais sabor,  
Abrimos nossa janela  
Entrou luz em aquarela,  
Adotamos uma cadela.

Animalzinho inocente  
Até parece que é gente,  
Foi chegando, foi olhando,  
Não sabia a onde andava,  
Com seu focinho negro  
Tudo o que via cheirava,  
No colo, foi pulando,  
Pêlo branco – atordilhado  
Todo em forma de anel  
E lindo olhar cor de mel.

A casa agora está cheia,  
Num ambiente só de festa,

São raios de arco-íris,  
Qual luz cortando uma fresta.  
Quando tiramos à sesta  
Com ela aos pés deitada,  
Despojada e atrevida...  
Comanda a casa e a vida,  
Concluimos preocupados  
Fomos nós os adotados.

Embora nossos esforços  
Aqui devo confessar,  
Não conseguimos ensinar  
A cachorrinha a falar,  
Isso não é importante  
Pra canídeo é irrelevante,  
Com o rabo levantado  
E um nariz assanhado  
Carisma e docilidade  
Simpatia sem vaidade.

E um nome pra donzela?  
Que mostre o quanto é bela,  
Que seja a imagem dela  
Pesquisamos muitas listas,  
Livros, almanaques, revistas,  
Padre, veterinário, sortista,  
Anão, gago, varapau,  
Cabra bom e Índio mau  
É doce, chique – otimista,  
O nome certo é Cacau.

Data : 30/05/2010

Título : CASAL DE GUACHOS (Leite de Égua)

Categoria: Poesia

Descrição: Foi no vinte de junho Dia frio ensolarado,

CASAL DE GUACHOS  
(Leite de Égua)

Foi no vinte de junho,  
Dia frio ensolarado,

Eu já meio atrasado,  
Pra assistir a parição,  
Corri com muita afeição,  
Nesta minha meia idade,  
Ao Hospital da Cidade,  
Esperando um índio macho,  
Pra compensar a ansiedade,  
Nasceu um casal de guachos.

Confirmava-se minha sina,  
De ser pai só de guria,  
E sendo linda menina,  
Dei-lhe o nome de Carina,  
Ela trouxe um paralelo,  
Quebrando assim a rotina,  
Veio um cuera interessante,  
Jeito de grilo falante,  
Amarelo - bem magrelo,  
Dei-lhe o nome de Marcelo.

Eu olhava com deleite...  
A mulher tava amojada,  
Tô tranquilo, tá pra mim,  
Mas era pura fachada,  
Tinha só colostro a amada,  
Fiz massagem com azeite,  
Pra vê se baixava o leite,  
Rezei pra São Serafim,  
Os bebes sugaram e nada!  
O leite chegou ao fim.

História de índio guacho,  
Não é fácil de contar,  
Pus-me então a procurar,  
Acabei ficando rouco,  
Atrás do que era pouco,  
Campeei em muita frente,  
Buscando, buscando sempre,  
Não necessitava de enfeite,  
Pra ser feliz e contente,  
Bastava uma ama de leite.

Procurei por benzedeira,  
Que reza de canto em canto,  
Fui a uma mãe de santo,  
Pedindo paz - implorando,  
Tinha Avó se escabelando,  
E a gurizada clamando,  
Percorri quase uma légua,  
Resolvi passar a régua,

E prestas crias chorando,  
Vou caçar leite de égua.

Leite equino é da lida,  
É remédio de ocasião,  
Nesta gaudéria vida,  
Cura tosse comprida,  
Perebas e rouquidão,  
Apeei com a bebida,  
Resolvi a situação!  
Os avôs se revoltaram,  
Quase me expulsaram,  
Do rancho e do rincão.

A guria só chorava,  
O machinho resmungava,  
A sogra me excomungava,  
Perguntando-me na refrega,  
-Vai tomar leite de égua?  
Quem não é forte se entrega,  
Eu me senti muito só,  
Espantei a urucubaca...  
Apelei pra leite em pó,  
E pra leitinho de vaca.

E o tempo foi passando,  
Balanceei a situação,  
Coalhada com rapadura,  
Fritura, aveia e feijão,  
E a gurizada na altura,  
E a sogra na contra mão,  
Pedi a ela uma trégua,  
Chega de tanto sermão,  
Troco o leite de égua,  
Por canha, mel e limão.

Data : 30/05/2010

Título : LANÇAS DE GUAMIRIM

Categoria: Poesia

Descrição: Te chega pra cá João! Foi boa a tua chegada

### LANÇAS DE GUAMIRIM

-Te chega pra cá João!  
Foi boa a tua chegada,  
Vem para o pé do fogão,  
Traz o mocho da latada,  
Tô aprontando o chimarrão,  
A água já tá aquecida.

-Vim na égua estradeira,  
Acordei-me com o clarim,  
Passei mata e capoeira,  
Fale compadre pra mim!  
Gosto de boa madeira,  
Me conte do Guamirim.

-Tchê, é fato não é ciência,  
Não posso ficar calado,  
Olho pra esta querência,  
E vejo tudo alterado,  
Miro o futuro assustado,  
Já saudoso do passado.

Hoje, tá tudo mudado!  
E o que é bom acabado!  
Onde está o boi Pintado,  
O Brazino e o Colorado?  
A junta de boi já era,  
Só o trator lavra a terra.

Às vezes me da um estalo,  
De registrar numa foto,  
Pois a tropilha, o cavalo,

Foram trocados por moto,  
Não temos mais cavaleiros,  
Só o ronco de motoqueiros.

Eu não aceito a derrota,  
E minha opinião não muda,  
Pra mau olhado e batota,  
Na orelha levo arruda,  
Trocaram bombacha e bota,  
Por tênis, jeans e bermuda.

O curandeirismo campeiro,  
A medicina arrasou,  
Guaco, Poejo e Sabugueiro,  
Lá no passado ficou,  
Já não se benze cobreiro,  
De moleque, piá arteiro.

A prosa está uma lindeza,  
Mas vieste por outro fim,  
Falaste-me com franqueza,  
E perguntas-te para mim,  
Da qualidade e beleza,  
Que atende por Guamirim.

Respondo-te porque sei,  
No Rio Grande, adornado,  
Dentre as madeiras de lei,  
O Guamirim é aclamado,  
Foi companheiro de luxo  
Pra muito cuera Gaúcho.

Veja só, em noventa e três,  
O passado é nossa escola,  
Foi arrojo e destemor,  
Na Revolução da Degola,  
Foi vencido e vencedor,  
Ombreando com o peledor,

Guerreiros de confiança,  
Uma lança e seu embalo,  
Na ordem de quem avança,  
Infante ou a cavalo,  
E o Guamirim em sua dança  
Peleando e tirando o talo.

Mas os dias de heroísmo,  
Como tudo foi passando,  
Chegou o modernismo,  
Que tudo vai acabando,

E a lança de Guamirim,  
Em museu teve seu fim.

Em tempos de harmonia,  
É pacífico como um regato,  
Mas mantém sua valentia,  
E sua fama lá no mato,  
Balança com a ventania,  
Saudosos dos maragatos.

Data : 20/06/2010

Título : PELEGO E PELEGADA

Categoria: Poesia

Descrição: Presta atenção, companheiro! Não quero fazer intriga,

PELEGO E PELEGADA  
06/2010

Presta atenção, companheiro!  
Não quero fazer intriga,  
Pois sabes que sou arteiro  
Pra confusão faço fíga,  
Mas em questão de justiça  
Confesso, sou moralista,  
Não confundam o pelego gaudério,  
Com a pelegada sindicalista.

Fica esperto companheiro!  
Pois aqui ninguém te acode,  
Explico não se incomode,  
Pelego é couro curtido,  
De carneiro, ovelha ou bode,  
Macio, cheiroso, sovado,  
Nas lidas do campo usado,  
E na querência aclamado.

Aqueça-me no frio do inverno,  
Refresca-me em pleno verão,  
É tralha que a tudo se presta,  
Assim como o guasca e o peão  
É nele que faço minha sesta,  
A sombra do velho galpão,  
Entendes então meu apego  
Ao buenaço e querido pelego.

Não podemos esquecer o valor  
Desta peça nas lides do amor,  
Colorido, primitivo, no jeito,  
É ninho que sempre está feito,  
Aos amantes é cálido leito,  
Aos apaixonados é doce aconchego,  
Prá piaçada é história e proveito,  
Aos idosos é sempre pelego.

Veja agora você, meu senhor,  
Angustia do trabalhador  
Que derrama dia a dia o suor,  
E sofre com tamanho encosto,  
Surdos ao seu justo clamor,  
Cinco meses lhe tiram em imposto  
Talvez você agora entenda,  
A barroca que engole a renda.

Quando março chega é fato,  
Limpam o bolso do operário pacato,  
Descontam do trabalhador  
Um dia de grande labor,  
E derramam em algum sindicato,  
É dinheiro para ações sem recato  
Assanhando a “cumpanherada”,  
Movendo a reles pelegada.

Atuam sempre em malta  
Só querem as benesses da plata,  
Arrogantes, covardes, safados...  
Arapongas, parasitas, infiltrados,  
Montados por algum dirigente,  
Governador, Deputado, Presidente,  
É povo a quem não me acheço  
Malacaras - são neo - pelegos.

Tatuados em vermelho - estrelado  
Na picanha a revés do baixeiro  
Mostrando para o povo cansado  
Que, quem manda é o cavalheiro,  
De joelhos e lombo curvado

Com jeito de quem se escorra,  
Mostrando o lombo lanhado,  
Esporado pelo governo da hora.

Portanto amigo, me creia!  
Você que conhece a aldeia,  
Que luta e não aceita a peia,  
Não confunda o pelego amoral  
Que parasita a peleja alheia  
Com o altivo pelego rural  
Que cobre o lombo animal  
E merece respeito total.

Data : 23/07/2010

Título : LENÇO ENCARNADO (Tributo a Alcides Gosch)

Categoria: Poesia

Descrição: De minha janela florida Aonde vou curtindo a vida

### LENÇO ENCARNADO (Tributo a Alcides Gosch)

De minha janela florida,  
Aonde vou curtindo a vida,  
Descortino a Avenida,  
E a Andradas do Boqueirão,  
Seja manhã iluminada,  
Ou seja, tarde abafada,  
Sobe ele pela estrada  
Até a esquina encantada.

Encosta no murro caiado  
Cachorro ao pé deitado,  
Menino preso na mão  
-E este guri Alcides?  
-Meu neto, filho do João,  
O menino pipoqueando,  
O cão atento, rosnando,  
E o lenço esvoaçando.

Naquela esquina, com dano,  
Em dia de sol ou chuva,  
Faz curva o minuano,  
Bamboleando tudo em fim  
Lenço vermelho ao pescoço,

Em pilchas simples de brim,  
Bombeava sem alvoroço  
Contando histórias pra mim.

As prosas eram de então  
Como só um velho conta,  
Histórias de assombração  
Que a tradição nos reponta,  
Causos de revolução,  
De cavalos, de remonta,  
-E o sangue derramado?  
-Por esse lenço encarnado.

Relatava outra vez,  
Na prosa ele embalava,  
Noventa e três, vinte e três,  
O nó maragato ajustava,  
Num jeitão bem trigueiro,  
E falava, sem gabola,  
Do bombeiro do lanceiro,  
Das peleias das degolas.

Contos de um realismo,  
Que do clarim se ouvia o toque,  
O cão as pulgas coçava,  
E o piá arrumava o bodoque,  
O velho olhava... Argumentava,  
E afirmava sem retoque,  
O povo ao redor cochichava,  
Mas não perdia o enfoque.

O gaioteiro se aproximava  
O padeiro só bispava,  
O pipoqueiro estacava,  
E o sorrateiro observava,  
A bela mulher religiosa  
Que todo o dia rezava  
Beirava elegante e cheirosa,  
Entusiasmada ela escutava.

-Este lenço, roto, encarnado,  
Testemunha da chucra história,  
É uma bandeira remota,  
Conta soberbas vitórias,  
Também sofridas derrotas,  
Nas voltas que a vida atalha,  
Em pia foi minha coberta,  
Vai me servir de mortalha.

A conversa continuava

Sempre com animação  
Um crioulo preparava  
E oferecia o chimarrão,  
Quando o sol se deitava  
Chamava o filho do João  
O amarelinho tragava,  
Sumia no Boqueirão.

A esquina da minha infância,  
Do florido, de meu canto,  
Que tanto olhei em criança,  
Perdeu todo seu encanto,  
Quando ele fez a passagem,  
Que o Pai grande nos destina,  
Seguiu ele então em viagem...  
Deixando um vazio na esquina.

Data : 28/07/2010

Título : BUENAS - TARDES

Categoria: Poesia

Descrição: Profetizaram os Pagés Alertou o vento Aragano,

#### BUEN AS - TARDES

Profetizaram os Pagés  
Alertou o vento Aragano,  
Veio primeiro o homem branco  
Depois veio o africano,  
Homens de estilo franco,  
Que gauderariam com luxo  
Nasceu no pago o Gaúcho.

Brotou uma raça - um povo:  
Do Guarani do Castelhana,  
Do Português do Angolano,  
Nesta mistura caldeada  
A tempera foi forjada,  
No calor de muita ação  
Em guerra e revolução.

Surgiu um tauro amistoso  
Peleador e corajoso,  
Como a luz que vem da aurora,

Tudo isso são heranças  
Da vida dura de outrora  
Quando defenderam este chão  
Com espada, lança e facão.

Nos volteios desta vida  
Com muita dignidade,  
No sol na chuva na lida  
Ombream a liberdade,  
Mas como qualquer varão  
Com asas no coração,  
Campeavam a diversão.

No verão quando o sol arde,  
Carreiras, jogo de osso,  
Nas primaveras à tarde  
Entrevero de china e grosso  
Peleias com muito alarde  
Assinalando, paisanos,  
Com a marca, Buenas-Tardes.

Aos gritos, refregas - clamores,  
Carimbaram-se muitos cueras,  
Por desavenças - desamores  
Nos bolichos - nas taperas,  
Em cachaçadas e farra,  
Marcando pra todo e sempre  
O desafeto na cara.

Conto pra quem é guasca  
Afirmo no meu feitio,  
Buenas é um talho que lasca  
De punhal, adaga ou chavasca,  
Ferros que cantam num pio,  
Daqueles que acaba a faca  
Mas nunca acaba o fio.

Data : 31/07/2010

Título : LAGENÁRIA VULGARIS (Tributo a Cuia)

Categoria: Poesia

Descrição: Nos varjedos, nas chapadas, Nas coxilhas onduladas,

LAGENÁRIA VULGARIS

(tributo a Cuia)

Nos varjedos, nas chapadas,  
Nas coxilhas onduladas,  
Até na beira da estrada,  
Como noiva enfeitada,  
Cresce uma planta buenaça  
De flor branca aveludada  
Cuia, legenária ou cabaça.

Tratada e elaborada  
Por capacitado artesão,  
Fica polida, arrumada,  
Em forma de coração  
De bocal toda prateada,  
Passas de mão em mão,  
Pronta para o chimarrão

Com este jeito de flor,  
Andas no pago sem mágoa  
És boia para o nadador  
E continente, pra água,  
Envolves bebidas - guapa:  
Mate-amargo; tererê;  
Apojo; cachaça e graspa.

Em cantoria envolvente,  
No redondo de teu ventre  
Trazes água da vertente,  
É também o continente,  
Pro feijão, angu e azeite,  
Neste processo obediente  
Faz a coalhada do leite.

A ciência nos informa:  
Nada se cria nada se perde,  
Tudo se transforma,  
Quando chegar minha hora  
E o clarim anunciar,  
Que é tempo de ir embora,  
O chão vou fertilizar.

Serei então hospedeiro,  
Em eterna aleluia,  
Prum pé de porangueiro,  
Transformando-me em cuia,  
Repousarei bem trigueiro  
Em fragrância de açucena,  
Em mãos de bela morena.

Data : 07/08/2010

Título : MÁGICO BROCHE (Fivela de prata)

Categoria: Poesia

Descrição: Dos recuerdos da família, Tenho muito orgulho dela

## MÁGICO BROCHE

(Fivela de prata)

Dos recuerdos da família,  
Tenho muito orgulho dela,  
Pois recebi de herança,  
Bonita e prateada fivela.

Relíquia familiar,  
Cruzou campo e cidade,  
Enegrecida e argenta,  
Riscada pela idade.

Prendes o couro curtido,  
Em tua presilha arteira,  
De pelica ou de vaqueta,  
É rude jóia campeira.

Atravessaste os séculos,  
Em muita cintura taca,  
Sentiu a fumaça negra,  
Da buena luta Farrapa.

Chegou a noventa e três,  
Das peleias ouvindo prosa,  
Fazia parte das pilchas,  
De Francisco Antunes da Rosa.

Acompanhou os entreveros,  
Lançãos, tiros - desacatos,  
Na Batalha de Valinhos,  
Chorou com os Maragatos.

Na poeira e nas tropilhas,  
Como se fosse um broche,  
Manteve-se na família,  
Com Alcides da Rosa Gosch.

No cinturão do pedreiro,  
Da natureza sentiu o cheiro,  
Atravessastes potreiros,  
No lombo de parceiros.

Quando chegou vinte e três,  
Continuou a sua saga,  
Na cintura de vovô,  
Alojou pistola e adaga.

Em rinhas de galo,  
Na cancha reta - na bocha,  
Tinhas o orgulho de guacha,  
Brilhando sobre a bombacha.

A vida é pequena viagem,  
Vai embora o peleador,  
Vai também quem tem coragem,  
Fez o maragato a passagem.

Foi embora o velho Gosch,  
Meigo mimo ao Testa Azul,  
Ficou linda na cintura,  
Do meu padrinho Raul.

Teve então alegre sina,  
Na farra foi cinturão,  
Ralou umbigo de chinas,  
Apalpou belas meninas.

Em festas de cola atada,  
De potras foste à cela,  
Ficou toda engraxada,  
Na gordura de costelas.

Foi-se embora o caborteiro,  
Choraram as tiangas o Gosch,  
Deixando pra mim de herança,  
Aquele mágico broche.

Hoje é minha companheira,  
Te manuseio encantado,  
Não está mais preza ao couro,  
Mas as glórias do passado.

É orgulho da família,  
Tua história eu completo,  
Guardar-te-ei em presilha,  
Será lembrança a meu neto.

Data : 07/08/2010

Título : TEMPOS. . .

Categoria: Poesia

Descrição: Eu venho de um tempo sagrado, Dos fundos do meu rincão

TEMPOS. . .

08/2010

Eu venho de um tempo sagrado,  
Dos fundos do meu rincão  
Cortava lenha de machado  
Descascava arroz no pilão,  
Erva cancheada no soque  
Pra fazer o chimarrão,  
Na cancha jogava bocha  
Carteava em cima de banco,  
Na chuva usava galocha  
Capinava de tamanco.

Era um tempo sem preguiça  
Onde enganar, era pecado,  
Uma fiada de linguíça  
Mantinha um cachorro atado,  
Tempo em que a carne moída  
Chamava-se de guisado,  
Tempo que na lavratura  
O bigode tão honrado,  
Valia mais que assinatura,  
Tempo de compostura.

Tempo cheio de lembrança,  
A onde na minha querência  
Idoso, mulher e criança,  
Tinham sempre preferência,  
Na escola e na sociedade,  
Os jovens se comportavam  
Aprendiam – estudavam  
Alegre os Hinos cantavam  
Avós e pais respeitavam  
E os professores amavam.

A água era um colosso,

Cristalina, da nascente,  
Ou recalçada do poço,  
O povo era decente  
E evitava alvoroço,  
Todos tinham sua toca,  
Rancho, tapera ou maloca,  
Tênis..., usava a nata,  
Na vila, simples - pacata...  
Chinelo, bamba e alpargata.

Ao morno sol de outono,  
As prosas eram remotas,  
Lagarteávamos na calçada,  
E comíamos bergamotas.  
Menino de perna torta  
Era chamado cambota,  
No tacho grande de cobre  
Vovó fazia compota,  
As tias faziam doces,  
A rapa era minha cota.

Tempo de paz e amor,  
A mulher era senhora,  
O homem era senhor  
Radionovela, quanta emoção!  
Não havia computador  
Tampouco televisão,  
Erva era um mato turrão  
Ou pó para o chimarrão,  
Coca, só refrigerante,  
E a vida seguia adiante.

Naquele tempo dourado  
No universo familiar,  
O namoro e o noivado  
Fundamentavam o casar,  
Num rito todo estudado  
O jeitinho de olhar,  
Olho vivo, iluminado,  
Na magia de flertar,  
Noiva em branco, imaculado,  
Encontrava o noivo no altar.

Na net, em trocadilhos,  
Estas verdades são comentadas,  
Mulheres para ter filhos  
Precisavam estar casadas,  
A nossa anuência  
Amarou-nos com atilho

Originamos uma descendência  
Moderna e de próprio brilho,  
Foi a última a obedecer ao pai  
E a primeira a obedecer ao filho.

Hoje tudo é diferente!  
Queria eu, ser discreto,  
Vivo animado o presente,  
Mas olho o futuro inquieto,  
Velho experiente e séptico  
Sou um avô presencial,  
O comportamento é genético,  
Mas também é ambiental,  
Viverão meus netos em pânico!  
E as armadilhas do mal?

Data : 08/09/2010

Título : FAZENDA CAJUMATE

Categoria: Poesia

Descrição: Toda a vez que digo seu nome O curioso quer saber,

FAZENDA CAJUMATE

09/2010

Toda a vez que digo seu nome  
O curioso quer saber,  
Donde saiu estas letras?  
Quem se atreveu a escrever?  
Oito letras, algo insólito,  
Um nome meio estrambólico  
Brilhante como Harley, o cometa,  
Enigmático qual a Pedra de Roseta.

Por ser mágico, diferente,  
Incomoda a tanta gente,  
Na verdade é um nome simples  
Chega até ser inocente,  
O Caju é fruta da mata  
Veja quanta emoção  
A Erva-Mate, bela e pacata,  
Da origem ao chimarrão.

Sob a luz da lamparina,  
E estrelas na campina  
Meu velho verbo se afina

Prá falar não tenho pane,  
Este Ca vem da Carina  
Este C vem de Cristiane  
O Ju de juvenil, de juventude,  
É de minha filha Juliane.

Peguei-te agora na bucha  
Pois sabes que pinto o sete,  
Será o Ma alguma bruxa  
Feia má com canivete,  
Ou o nome de um pivete?  
Fique tranquilo – acerte,  
O M é de Marcelo  
O Ma é de Margarete.

Não se assuste rapazinho,  
Faço como a parida gata,  
Que ensina seus gatinhos,  
Que a curiosidade mata,  
Desarme-te neste embate  
Da frente retire o elmo,  
O te, da trigueira Cajumate,  
É o Te de teu criado Telmo.

Está satisfeito irmão  
Fiel foi à explicação,  
Siga então sem alvoroço  
Calmo como água de poço,  
Ficamos nós por aqui  
Em terras da Cajumate  
Brindarei tua saúde  
No sabor quente do mate.

Data : 14/09/2010

Título : DO RIO GRANDE AO TOCANTINS

Categoria: Poesia

Descrição: Enfim pra ser gaúcho Eu não preciso estar lá,

DO RIO GRANDE AO TOCANTINS

Lêem minhas poesias,  
E já se prendem a pergunta,  
Vai voltar prá tua querência?

E quando isso será?  
Escreves apaixonado,  
Busque outra direção,  
Estar longe, desterrado,  
Não é sofrimento em vão?  
Porque não voltas pra casa?  
Pro teu povo, teu rincão.

Sou andante equilibrado,  
Transpirando esperanças,  
Ao norte fui sequestrado,  
Olhos cheios de lembranças,  
Sonhei novo alvorecer,  
Falo com fé e confiança,  
Quis o destino aquecer,  
Percorrendo este caminho,  
Este é meu jeito de ser,  
Explico devagarzinho.

Venho de um pago distante,  
Solo sagrado – fecundo,  
Natureza estonteante,  
Dos campos de Passo Fundo,  
Terra de povo vibrante,  
Que viaja e invade o mundo,  
Na simplicidade do andante,  
Aos céus canto em louvor,  
Nos tropeços do errante,  
Rogo as benções do Senhor.

Habitam-me recuerdos sim,  
Do vinho do chocolate,  
Do perfume do jasmim,  
Das prosas tomando mate,  
Do por do sol escarlate,  
Da reserva do Taim,  
Do churrasco bem dourado,  
Das hortênsias de Gramado,  
É um quadro emoldurado  
Um quadro pintado em mim.

Sopra vento Aragano,  
Como está determinado,  
Segui o meu destino,  
Com o coração derramado,  
Arriei minha bandeira,  
Vai ela comigo embora,  
Levo comigo este pano,  
Esta é a minha hora,  
Sob as luzes da aurora,

Digo adeus e vou embora.

O homem faz seu caminho,  
Parti firme sem assédio,  
Despedi-me dos trigais,  
Dos pinheiros, pinheirais,  
Cruzei o planalto médio,  
Cruzei terras e Estados,  
Matas, campos e jardins,  
Mora aqui eterno verão,  
É o sul do Tocantins,  
Colorindo minha visão.

Enfim pra ser gaúcho  
Eu não preciso estar lá,  
Falo-te isso com calma,  
Eu trouxe o pago pra cá,  
Ele está em minha alma,  
Num relicário ardente,  
Alvo, claro, transparente,  
Irisado em cores malva,  
Com luzes de pirilampo,  
E raios da Estrela D'alva.

Tecido com fios de saudade,  
Pespontado em amizade,  
Nesta bolsinha carrego:  
O perfume de meu pago;  
Amizade – amor e afago;  
Cachaça buena pro trago;  
A água lá da Mãe Preta;  
Um pássaro, uma borboleta;  
Pandorga – caniço e anzol;  
E finos raios de sol.

Fica tudo misturado,  
Numa amizade sem fim,  
É a tradição do gaúcho,  
Chegando ao Tocantins,  
Aqui criei os meus filhos,  
Vi nascer aqui meus netos,  
Como os andarilhos,  
Eu não tenho desafeto,  
Tenho uma vida feliz,  
Aqui me sinto completo.

Ponho-me a meditar,  
Pensam que me vou embora,  
Não posso enganar,  
Tenho saudades de outrora,

Mas sabia pelejar,  
Quando sai campo a fora,  
Busquei novos horizontes,  
Com a raça que se expande,  
Agora aqui é minha fonte,  
Já não volto pro Rio Grande.

Data : 12/10/2010

Título : FACHEIRO

Categoria: Poesia

Descrição: Do chifre, belo e forte, Da Brasina, vaca tambeira,

FACHEIRO

10/2010

Do chifre, belo e forte,  
Da Brasina, vaca tambeira,  
Que encontrou a morte  
A sombra da grande figueira,  
Num trabalho artesanal  
Criou, sendo exímio arteiro,  
Um lapidado isqueiro  
Também chamado facheiro.

Com paciência foi tratado,  
E a caco de vidro lixado,  
Depois de bem ensebado,  
E com estopa, lustrado,  
Ficou liso - iluminado,  
No miolo foi todo grosado,  
Um pedacito de porongo,  
E o tampo tava ajeitado.

Corrente fina de ouro  
Une o porongo à guampa,  
Um tufo de lã de carneiro,  
Tosquiada e cardada na pampa,  
Calcinada com jeito trigueiro,  
Enche o interior do facheiro,  
Lima trisca o sílex grosseiro  
Faiscando o negro baixeiro.

Vermelho como o sol da manhã  
Inicia-se escarlata braseiro,  
O rubi se espalha na lã  
Incendiando o grosso palheiro,

Crioulo com sabor de pitéu,  
Vai fumaça! Qual nevoeiro,  
Azul prateada ao céu,  
Como diáfano e tênue véu.

Data : 18/10/2010

Título : B A N C O

Categoria: Poesia

Descrição: Esta noite em devaneio, Um sonho para ser franco,

B A N C O

Esta noite em devaneio,  
Um sonho para ser franco,  
Fazia eu um passeio,  
Vestido todo de branco,  
Do povo eu fiquei no meio,  
Sentado em um velho banco.

O banco era sombreado,  
Por gigante gameleira,  
Em azul velho pintado,  
De Guajuvira a madeira,  
Tinha desenho estriado,  
A construção era arteira.

Ao redor daquele assento  
Tinha um jardim bem florido  
Descansava ali sonolento:  
O Juiz, o Padre e o bandido;  
O idoso trêmulo e lento,  
A mãe, os filhos e o marido.

Nos galhos em algazarra  
Num ajuntamento de ninhos  
Propiciando grande farra,  
Cantavam os passarinhos,  
Cantava também cigarra  
Em mágico som de guitarra.

Nas pilchas, um gaúchão,  
Com a prenda se abancava,

Pegava o fumo, amarelão,  
E devagarito picava,  
Servia um chimarrão,  
Contava histórias e fumava.

Nesta sombra saborosa,  
Via-se a vida passar,  
Passava a criança viçosa,  
Já apreendendo a falar,  
Passava à senhora idosa,  
Que ia à igreja rezar.

Passava o moço aprumado,  
O ricaço, o preto e o branco,  
Um casal, idoso enlaçado,  
Mãos dadas, sorriso franco,  
Passava o trabalhador suado,  
E o mendigo, velho e manco.

Foi um sonho iluminado,  
Não sei se estava dormindo,  
Não sei se estava acordado,  
Achevou-se um luar lindo,  
A jovem beija o namorado,  
E o povo... Indo e vindo.

Data : 18/11/2010

Título : MOCHO DE TRÊS PERNAS

Categoria: Poesia

Descrição: Nunca foi estudado Seu uso não foi pesquisado

## MOCHO DE TRÊS PERNAS

Nunca foi estudado  
Seu uso não foi pesquisado,  
Logo, não é validado,  
Mas na vida verdadeira  
E na experiência campeira,  
Se quiser sentir conforto  
Se não queres ficar torto  
Nem sofrendo das cadeiras,

Use o mocho de três pernas  
Que equilibra e não aderna.

O mocho de então  
Cheio de simplicidade,  
Uso sempre no galpão  
Não dispenso na cidade,  
Nas festas e nas tabernas,  
Pois supera em segurança  
O banco de quatro pernas,  
É assento de confiança,  
Em sua forma de cocho,  
É mui vistoso este mocho!

Um mocho desta versão,  
Tem mais de mil serventias,  
Na roda de chimarrão,  
No chá das cinco das tias,  
No churrasco de verão  
No namoro das gurias,  
Por toda esta variedade,  
Pertence a nossa cultura  
Senta-se nele o de idade  
Pra curtir sua leitura.

Esta estranha cadeira  
Acha-se em qualquer feira,  
Dependendo da algibeira  
Escolhe-se a madeira,  
Pra gaúcho bom de pila  
Cedro, Louro ou Guajuvira,  
Já o povo do norte  
Que cultua o Curupira,  
Usa madeira de porte  
Jatobá, Baru e Sucupira.

O mocho tem seus chamegos,  
Para ela, em seu sossego,  
Cubro esta peça de apego  
Com um curtido pelego,  
A princesa de mi vida  
Sempre eternamente bela,  
Sonhadora e querida,  
Com a elegância que é dela,  
Curte em riba das três pernas  
Chá, chocolate e novela.

Data : 06/01/2011

Título : P A Z

Categoria: Poesia

Descrição: Dezembro, mês natalino, De noites iluminadas,

P A Z

Dezembro, mês natalino,  
De noites iluminadas,  
Anda o povo peregrino  
Pelas ruas e estradas,  
Clamam graças ao Senhor  
E das mãos do Pequenino,  
Paz, felicidade e amor.

Paz, palavra encantada,  
De busca obstinada,  
Que faz a fé aflorar,  
Velas carregam na palma,  
Passam dias a rezar,  
Encontramo-la na calma,  
E a reconhecemos no olhar.

É mão firme apertada,  
Abraço forte em doação,  
É o sorriso franco da amada,  
É amizade é perdão,  
É sombra a beira da estrada,  
É água que flui perfumada  
Da aura e do coração.

A paz é representada,  
Pelo branco da bandeira  
Pelos galhos da oliveira,  
Por expressões bem maneiras,  
Por gestos e em cochichos  
“Que a paz esteja contigo”  
“Paz e amor, bicho”.

É alva como a neve,  
Exigente em confiança  
É leve como um ninho,  
Mas gosta de segurança,  
Voa como um passarinho,

Na leveza do carinho,  
No sorriso da criança.

A paz é irmã do amor  
Límpida, alegre e serena,  
Vem das mãos do Criador,  
Com ela a existência é plena  
Tem a pureza da flor,  
Da madrugada o frescor,  
Na candura da açucena.

Data : 14/01/2011

Título : CORREIO ELETRONICO

Categoria: Poesia

Descrição: As pernas pediam socorro, O coração disparava,

#### CORREIO ELETRONICO

As pernas pediam socorro,  
O coração disparava,  
Os latidos do cachorro  
O carteiro anunciava,  
As quintas-feiras à tarde  
A correspondência chegava  
Na mão tremula, suada,  
A carta tão aguardada.

Envelope, maculado,  
Por letra de quem amava  
Aquele perfume bom  
No ambiente se espalhava,  
As cores de batom,  
Entre as linhas cintilavam,  
Informações e segredos,  
Que os amantes trocavam.

As notícias que chegavam  
Cheias de emoção,  
Aplacavam a saudade  
Enchiam o coração,  
Paz, amor, felicidade,  
Alegria e paixão,  
Missiva sempre esperada

Carta de mulher amada.

Trocar carta se constituía  
Num ritual consagrado  
O romantismo nos conduzia,  
Os anos eram dourados  
A vida livre fluía  
O povo era ajuizado,  
A moça se produzia  
Pra esperar o namorado.

Quartas, sábados e feriados,  
Momentos tão aguardados  
Namorávamos no portão,  
Os beijos eram roubados,  
Valsa, tango e bolero,  
Dança de rosto colado  
Amor puro e sincero,  
De casal apaixonado.

Hoje ninguém espera,  
Moderna revolução,  
A mulher na primavera  
Só pensa em sedução,  
A velha carta de outrora!  
Isso chega a ser irônico!  
A mensagem chega agora,  
Por correio eletrônico.

Data : 18/01/2011

Título : DOZE DE OUTUBRO

Categoria: Poesia

Descrição: De forma mui singela Me expresso com fervor,

DOZE DE OUTUBRO

De forma mui singela,  
Me expresso com fervor,  
Homenageando aquela,  
Que por mim sentiu a dor,  
Marco em ferro rubro,  
Sinalizando amor e saudade,  
Nasceu ela em vinte e dois,  
Primavera em Soledade.

Elvira é o seu nome,  
Gosch herdou do esposo,  
Dornelles seu sobrenome,  
Outubro é mês mui pomposo,  
Doze é dia de Rainha,  
Numero mágico, caprichoso,  
Além de representar a dúzia,  
É um numero religioso.

Numero cheio de encanto,  
Marca a história, marca a vida,  
Pois o doze de outubro,  
É da Senhora Aparecida,  
Nesta crônica maneira,  
Abuso e não uso métrica,  
Pois nesta data trigueira,  
Foi descoberta a América.

Consagro aos agrônomos,  
Meus irmãos de profissão,  
Esta data benfazeja,  
Porque homenagear é a razão,  
Falo cheio de esperança,  
Conto tudo e faço coro,  
Este dia é da criança,  
É dia também do cachorro.

Nos eventos aqui citados,  
O amor todo é visível,  
Mas quero destacar,  
Pois isso é mesmo incrível,  
O perfil de minha mãe:  
Serenidade e perdão,  
Fez da vida um sacerdócio,  
Na vida foi doação.

Casou bela e preciosa,  
Logo veio a produção,  
Três machos e uma mimosa,  
Viveu sempre em comunhão,  
Cumprindo o seu destino,  
Com amor - dedicação,  
Criou muitos outros “filhos”,  
Apoiou grande legião.

Foste muito desprendida,  
Nessa sagrada missão,  
Amar ao próximo...,  
Foi celestina opção,

Alimentou, acarinhou,  
Deu-lhes até profissão,  
Poucos lhe compreenderam,  
Raros lhe agradeceram.

Às vezes incompreendida,  
Nunca esmoreceu,  
Com ternura e com doçura,  
Abrigou filhos dos outros,  
Como filhos fossem seus,  
Tendo a consciência perfeita,  
De que ajudando aos pobres,  
Estava emprestando a Deus.

Te olho cheio de enlevo  
Velha matriarca querida,  
Cada vinco em teu rosto  
Foi uma batalha vencida,  
Na verdade aqui contada  
Teu amor nos alimenta,  
Comemoramos tua estrada,  
“Guria”! Já tens noventa!

Tens meiga biografia,  
Remota sabedoria,  
Como a roseira florida,  
Colore e ilumina a vida,  
Mereces a proteção,  
Pela experiência vivida,  
Da Mãe do Redentor,  
A Senhora Aparecida.

Data : 24/01/2011

Título : C O X I L H A

Categoria: Poesia

Descrição: Quando o Patrão do universo, Criou a grande querência,

C o x i l h a

01/2011

Quando o Patrão do universo,  
Criou a grande querência,  
Ao sul do Rio Uruguai,  
Usou de divina ciência  
O nosso bendito Pai,  
Esculpiu aquela paisagem

Usando o cinzel e o traço  
Dispensou a velha régua  
E abusou do compasso.

Nasceu assim a coxilha,  
Num estilo arredondado,  
O planalto verdeja em ilha,  
Galopa ali a tropilha  
Ali pasteja o gado,  
O Minuano assoprado  
Ronda o solo como fera,  
Com seu hálito gelado  
Forma seios sobre a terra.

Topografia sinuosa  
Na baixada, na ravina,  
A água sangra ruidosa,  
Fresca, pura, cristalina,  
É banho para o guri,  
É fresco para a china,  
Habita nesta partilha  
Pintassilgo, Bem-Te-Vi,  
Guajuvira e Coronilha.

No frescor em sua magia,  
A lua clareia o campo  
Luminosa em harmonia  
Brinca com os pirilampos,  
Que vigiam o Boitatá,  
Esperto como o relampo,  
Que vem pra aqui, vai pra lá,  
Espanta o Tatu-Galinha,  
O zorrilho a Paca e o Preá.

Na hora da Ave-Maria,  
Em aquarela envolvente,  
Aninha-se o sol no poente,  
No topo, um cuera valente,  
Montado em pingo de luxo,  
Como se fosse num trono,  
Anuncia num repente,  
Este torrão é gaúcho  
Estas coxilhas têm dono.

Data : 08/02/2011

Título : DE POTROS E TEMPO

Categoria: Poesia  
Descrição: Tinha eu quatorze anos Da vida só tinha estalo,

## DE POTROS E TEMPO

Tinha eu quatorze anos  
Da vida só tinha estalo,  
A pelagem era tobiano  
Tempo era meu cavalo,  
E o relógio, já veterano  
Era lento em seu badalo.

O futuro a encarar,  
Queria, de era mudar,  
Para poder namorar,  
Pinga e cerveja tomar,  
Quem sabe um pito fumar,  
E o Tempo..., dele a empacar.

Esporei de riço o Tempo,  
Animando-o a cavalgar,  
Mas como estava afoito  
Pedi pro vento ajudar,  
Cheguei, curtido aos dezoito,  
Comecei a me barbear.

Chegando a maior idade  
De cavalo eu troquei,  
A pelagem era baia  
O apelido não mudei,  
Adentrando nesta raia  
Em sonhador me tornei!

Para sonhar não tem tempo  
Bem como não tem idade,  
Fecham-se os olhos com calma,  
Etérea felicidade,  
Leve sorriso na alma  
Diáfana suavidade.

Até aos quarenta anos,  
Poeira eu levantei,  
Trabalho, família, planos,  
Mil desafios enfrentei,  
O Tempo, quantos enganou,  
Passou não me conformei!

Aos sessenta sou contente,  
Sigo em minha missão,  
Aprendi a ser paciente,  
Da vida faço gestão,  
Ganhei tempo de presente,  
Pinhão vermelho - Alazão.

Passo os dias com agrado,  
O potro Tempo é atrevido,  
O futuro é atropelado  
Ontem foi bem vivido,  
Lembro-me de meu passado,  
Todo o presente é esquecido.

Meu gosto por potro novo,  
Confesso é velha paixão,  
Comprei um negro azeviche  
Aposentei o alazão,  
Tempo preto como piche,  
Aquece meu coração.

De clina solta ao vento  
Pelagem cor de tormenta,  
Bufo forte – sem mistério,  
Formando oito na venta,  
Prevendo que este gaudério  
Passa frouxo dos oitenta.

Troquei o potro na viagem,  
Na estrada fui sempre atento,  
Cavalguei com fé e coragem,  
Sob céu claro ou cinzento,  
Cultivei a paz a camaradagem,  
O amor à confiança e o alento.

Quando eu deixar esta trilha,  
Seguindo pra última morada,  
Nos pastos verdes da coxilha,  
Ouvir-se-á, tropel de eguada,  
O soar de esporas Farroupilha,  
Ao fechar da madrugada.

Data : 05/03/2011

Título : ALGODÃO DOCE

Categoria: Poesia

## ALGODÃO DOCE

Flutuas como crianças  
Em cores de beija flor,  
Leve, meigo tu balanças,  
Suave é o teu sabor,  
O perfume que tu lanças,  
Adoça o ar, em vapor.

Tua charmosa linhagem  
Tem histórias que exala,  
Trazes na tua bagagem  
Recordações da senzala,  
Com trejeitos de plumagem,  
Ao frescor da brisa embala.

Delicado filho do açúcar  
Da garapa em espuma,  
É delicado manjar  
Num meigo jeito de pluma,  
Leve como o luar,  
Rendado como a espuma.

Parente da rapadura  
Primo irmão do melado,  
Adoça a boca, com brandura,  
Da moça e do namorado  
Naquele sabor de aventura,  
Beijando bem abraçado.

É neve que se desmancha  
No calor quente do beijo,  
É o arco-íris multicolor,  
A natureza em lampejo,  
Na boca de meu amor  
Assanha o meu desejo.

Mágica são as sonhadas,  
No frescor da minha tenda,  
Cruzo as madrugadas  
Em sonhos de espuma e renda,  
O mar nos olhos da amada,  
São doces, os lábios da prenda.

Data : 24/04/2011

Título : VITRINA

Categoria: Poesia

Descrição: Não importa o endereço Vai-se só ou em romaria,

## VITRINA

Não importa o endereço,  
Vai-se só ou em romaria,  
Não sei ao certo o começo,  
Pois apreendi com a guria,  
Ver roupas e adereços,  
Cobrindo maneca fria.

Caixa de vidro com aura  
Espelhada e com cortina,  
Mostra pilcha para o taura,  
Nylon e seda pra menina,  
Com valores de Isaura,  
Mulher gosta desta sina.

O perfume de qualidade,  
Deixa a prenda cheirosa,  
Tudo ali é suavidade,  
O que agrada a vaidosa,  
Há um ar de futilidade  
Que deixa mulher curiosa.

Nesta arca esquisita,  
Cria-se o bem e o mal,  
Atrai a moça bonita,  
Com vestido celestial,  
Ali a amadora faz fita,  
Circula a profissional.

É um tal de ir e vir,  
Umas falam em terapia,  
É o bom gosto a florir,  
E fêmeas em euforia,  
Elegante é bem vestir,  
É a moda em sua tirania.

Esta arapuca tão chique,  
Tudo tem pra enganar,  
Deixa o povo num chilique,  
Com sonhos de ali comprar,  
Comprometem até a psique,  
Suam sangue para pagar.

Data : 18/05/2011

Título : V E L H O

Categoria: Poesia

Descrição: Quando nasci lá no Pago, Naquele ambiente rural,

## V E L H O

Quando nasci lá no Pago,  
Naquele ambiente rural,  
Se meu futuro era vago  
A alegria era geral,  
Pra combater a geada,  
Que arrebatava o chão,  
Uma talagada, um trago,  
Na chapa quente, pinhão.

Rosto vincado, enrugado,  
Com jeitinho vacilante,  
Só carinho, apaixonado,  
Amor puro – rutilante,  
Logo fui consagrado,  
Tornei-me um navegante,  
O tempo... Compassado,  
Envelhece meu semblante.

No embalo de andar,  
Como folha revoada,  
Eu me deixei levar,  
Iniciei a caminhada,  
Rio abaixo a navegar,  
E o vento a sussurrar,  
Vá simples nesta jangada!  
É teu tempo de brincar!

O tempo foi passando,  
O rio virou turbilhão,  
Adolescência chegando,  
Hormônios em profusão,  
Eu queria envelhecer,  
Para os adultos, imitar,  
Prendendo, prendas no olhar,  
E na bailanta dançar.

Na correnteza do rio,  
Eu completei o meu viço,  
Logo eu tava casado,  
Filhos, netos, compromisso,  
Agora eu tava mudado,  
Comecei até a orar,  
Eu que queira ser velho,  
Passei a idade negar.

Sou folha velha - puída,  
A água se acalmou,  
Mudei a visão da vida,  
Meu ser se pacificou,  
Navego em lago sereno,  
Pra mocidade eu aceno,  
Sou velho, sigo na lida,  
Sou velho, sinto-me pleno.

Nas noites de primavera,  
Sob céu todo estrelado,  
Rumino a velha experiência,  
Remôo o meu passado,  
Cultivo a convivência,  
Exercito esta atitude,  
Desprezo à impaciência,  
Mas sonho com a juventude

A cada amanhecer  
Imponho minha rebeldia,  
Nas manhãs para espairecer  
Frequento academia,  
Não posso ficar parado,  
Aceitando o envelhecer,  
O meu corpo é bem cuidado,  
Meu cérebro bem azeitado.

Um velho independente,  
Preserva a liberdade,  
Curte muito a família,  
E os laços de amizade,  
Lê tudo, não é uma ilha,  
É moderno sem problema,  
Persegue a felicidade,  
Adora praia e cinema.

Não tenhamos ansiedade,  
Quem sabe tem o poder,  
Aceitamos a idade,  
Em cada alvorecer,  
Com paz - fraternidade,

Não temos o que temer,  
Fé, ternura e humildade,  
E a magia de viver.

A poesia! Encerrou,  
Leve e clara como a espuma,  
O Rui de Mello me inspirou,  
Vão meus respeitos a UMA\*,  
Inspiradora de velhos,  
Tirando-os da bruma,  
Em idosos diferenciados,  
Ativos e iluminados.

\* UMA – Universidade da Maturidade  
UFT - Palmas -TO

Data : 29/06/2011  
Título : UMA REDE  
Categoria: Poesia  
Descrição: De um lado uma mangueira, Do outro uma goiabeira,

#### UMA REDE

De um lado uma mangueira,  
Do outro uma goiabeira,  
Naquela sombra em fenda  
Enlaçada na madeira,  
Num recanto do sertão,  
Trabalhada toda em renda,  
Uma rede de algodão.

O vulto ali deitado,  
Naquela sombreada ilha,  
Com o corpo torneado  
Arredondada em coxilha,  
Tem o perfume da flor,  
O gaúcho a chama de china,  
Eu a chamo de amor.

O sol deita esparramado,  
E o luar vem do nascente  
Com nuances de dourado,  
Como flores de marcela  
Colhidas para presente,  
Bambeava eu a mais bela,  
Curtindo meu chima quente.

Passarada em sinfonia,  
Alegre é meu coração,  
No lombo da ventania  
Ouço cordas de violão,  
O campo é só melodia,  
E o Papagaio-charão,  
Discursa sobre o oitão.

Nos pelegos, espreguiçava,  
Preguiça buena a curtir,  
O zaino inteiro pastava,  
E a cachorrada a latir,  
O rancho a luz do candieiro,  
E ao pé do velho saleiro,  
O Touro baio a mugir.

Toldando aquele momento,  
Achegou-se fresca aragem,  
As folhas em movimento,  
Correm nuvens em viagem,  
Escurece o firmamento,  
Agita-se a ramagem,  
As sombras viram miragens.

Estrelas no céu cintilam,  
Como olhos de criança,  
Pirilampos à noite brilham,  
Festejando esta bonança,  
Velo a amada em devoção,  
Revolvendo lembranças,  
De amores e de paixão.

Data : 23/08/2011

Título : AMOR PARA AMAR

Categoria: Poesia

Descrição: Apreendi desde criança A mulher respeitar,

AMOR PARA AMAR

Apreendi desde criança  
A mulher respeitar,  
Numa vida de esperança  
Ter muito amor para dar,  
Fazer a troca de alianças,  
E simplesmente amar.

Comecei a vida assim,  
Seguindo um itinerário,  
Amei Bea no jardim,  
E Vera lá no primário,  
Romances de folhetim,  
Amei miles no secundário.

Nos namoros fui jeitoso,  
Mensagens via poema,  
Naquele tempo saudoso,  
Namorei prima no cinema,  
Cangote macio, perfumoso,  
Cheirando a alfazema.

Fui ficando taludaço,  
Na cabeça só quimera,  
Vagueava pelo espaço,  
Em cores de primavera,  
Sonhava sem embaraço,  
Sozinho ou com a galera.

Usei toda a minha prosa,  
Buscando amor para amar.  
Dona bela e carinhosa,  
Pra meu rancho perfumar,  
Uma amante amorosa,  
Para meu fogo apagar.

Vi-o na estrela que brilha  
No feitiço do luar,  
No sossego de uma ilha,  
Nas flores pra lhe enfeitar,  
Na magia de uma trilha  
Na espuma branca do mar.

Segui a minha jornada,  
Atrás do amor para amar,  
Como as aves em revoada,  
Como as pedras a rolar,  
Achei-o em ti minha amada,  
Encontrei-me em teu olhar.

Data : 20/09/2011  
Título : F U M A Ç A  
Categoria: Poesia

Descrição: Eu que tô bem distante, Ouço pela ventania,

## F U M A Ç A

Eu que tô bem distante,  
Ouço pela ventania,  
As notícias são vibrantes,  
Vem do Parque da Harmonia.

Como não posso lá estar,  
Minha fantasia é fina,  
Fico de longe a sonhar,  
Com imagens na retina.

Começa com cavalgada,  
Festança grande eu lembro,  
A gauchada entreverada,  
Salve o Vinte de Setembro.

Lá onde foi minha casa,  
A pilcha agora é moda,  
Carne buena na brasa,  
E canha cruzando a roda.

Na trempe, cambona velha,  
Aquece a água pro mate,  
Descansa sobre pelegos,  
Prenda de lábios escarlate.

Sobre o curtido balcão,  
Rude e colorida gamela,  
Bala, rapadura e chupão,  
E um feixe de marcela.

Juntinho, ali na capela,  
Cavaram grande trincheira,  
Assam picanha e costela,  
Na velha moda campeira.

Em parede rude de pinho,  
Retratos de alguns senhores,  
Tramadas sobre o caminho,  
As bandeiras tricolores.

Junto a flores num terraço,  
Dois bigodudos a trovar,  
O leguêiro no compasso,  
E a oito baixos a roncar.

Um deles junto aos jardins  
Violão clássico a dedilhar,  
Pra você lá do Tocantins,  
Versos eu vou dedicar.

- Guri que foi lá pro norte,  
Chegou a hora de voltar,  
Te acheque cheio de sorte,  
Venha à saudade matar,  
Venha comer carne gorda,  
Tomar pinga e matear.

Quem de fora tá olhando  
E não tem a vida arteira  
Fica com cara emburrada  
Reclama da fumaceira.

O nevoeiro em fumaça,  
De lenha de cambuatã,  
Vai ao céu cheio de graça,  
Homenageando Tupã.

Data : 12/10/2011  
Título : CATA-VENTO  
Categoria: Poesia  
Descrição: Ensinarão os Pagés, Longe vê quem é atento,

C A T A - V E N T O  
Outubro 2011

Ensinarão os Pagés,  
Longe vê quem é atento,  
A lua a estrela e a maré  
Confirmam meu pensamento,  
Já sabia São Tomé,  
Como é mágico o vento.

Vem ele dos quatro cantos,  
Como se fosse espírito,  
Desce serra, vara o mar,  
Vem das bandas do infinito,  
O seu jeito de falar,  
É um sussurro bonito.

Múrmura em sua passagem,  
Carregado de mensagem,  
Com seu intenso rugir,  
Transmite-nos coragem,  
Quem medita e sabe ouvir,  
Em seu lombo faz viagem.

Quem é leve em pensamento  
Leva a vida prazerosa,  
Tem ouvidos para o vento  
Esta força poderosa,  
Que põe tudo em movimento,  
Mora na casa da Rosa.

És pobre em sentimento?  
E não consegue sonhar?  
Larga deste abatimento,  
Enche teu peito de ar,  
Procure o contentamento,  
O Vento vai te ajudar.

Para energizar o pensar,  
E teu sonho embalar,  
Use o encanto do vento,  
Deixe a alegria voltar,  
Medita calmo e atento,  
A sombra de um Cata-Vento.

Continuas na mofina?  
Use outro tratamento,  
Faça em cartolina,  
Colorido Cata-Vento,  
Suba em uma colina,  
Corra livre contra o vento.

Data : 15/11/2011

Título : FELICIDADE

Categoria: Poesia

Descrição: Na tentação de Eva, Na fraqueza de Adão,

FELICIDADE

Na tentação de Eva,  
Na fraqueza de Adão,  
A vida ficou maleva,

O mundo em opressão,  
A humanidade na ceva,  
Não importando a idade,  
Na sombra e na solidão,  
Perdeu a felicidade.

O homem, um pecador,  
Com cisma de ser deidade,  
Compara-se ao criador,  
Em sua louca vaidade,  
Nesta trilha, triste estrada,  
Perdeu a simplicidade,  
Em insana revoada,  
Procura a felicidade.

Ao pecante o castigo,  
Preço da inferioridade,  
Como se fosse um mendigo,  
Suplica amor - pede amizade,  
Seja jovem, seja antigo,  
Curte a infelicidade  
Sofre então ao desabrigo,  
Com o amargor da saudade.

Intercedeu o Senhor,  
Luz, esperança e bondade,  
Sendo Ele o Pastor,  
Ensinou-nos humildade,  
Com seu irrestrito amor,  
Divina sinceridade,  
Ilumina o caminho,  
Pra quem quer felicidade.

Pra conseguir esta graça  
É preciso garimpar,  
Encontrar dentro de si,  
Esta jóia a cintilar,  
O prazer de sorrir,  
Andorinhas a voar,  
Largos sonhos a florir  
E no Senhor confiar.

Só você pode prover,  
E esta dádiva achar,  
Ela gosta de esconder,  
Você tem que encontrar,  
Está num raio de sol,  
No sorriso da lembrança,  
No esplendor do arrebol,  
No sono de uma criança.

Num jantar bem familiar,  
No entardecer, na madrugada,  
Na lua, no céu, no mar,  
No carinho da amada,  
No silêncio de um olhar,  
Num rancho junto à estrada,  
Na alegria de andar,  
No desenho da enseada.

No calor de um abraço,  
Na carta de amor enviada,  
Na poesia que eu traço,  
Nas flores em ramalhada,  
Na dança em seu compasso,  
Na alegria em gargalhada,

...

O destino com seu laço,  
Fez da maçã uma fachada.

Data : 06/01/2012

Título : DE NETOS E SONHOS

Categoria: Poesia

Descrição: Se há alegria na vida, É curtir a gurizada,

## DE NETOS E SONHOS

Se há alegria pra gente,  
É curtir a gurizada,  
Ao fechar o dia quente,  
Papear com a netaiada,  
Não importa o ambiente,  
A turma fica grelada,  
A conversa é envolvente  
A atriz é uma fada,  
A história é atraente  
E todo acaba em risada.

No sossego dos pelegos,  
Sorvo a doce infusão,  
A vovó frita bolinho,  
Eu acendo o lampião,  
Os pássaros buscam o ninho,  
Meus netos sentam no chão,  
Num ambiente de carinho,  
Os prendo em meu coração,

Espiando aqueles rostinhos,  
Que só pensam em diversão.

A noite cheira a marcela  
Estrelada em sua beleza,  
Num frescor que é só dela  
Se expressa a natureza,  
Em sua forma mais singela  
A mais bela, a mais amada,  
Serena é a criança  
Em sua cama deitada,  
Qual anjo em segurança  
É a paz iluminada.

Os versos que acima traço  
Pra você ouvir e ler,  
Me da na vida compasso  
Vem do fundo de meu ser,  
Neles uso o abraço  
Para os netos proteger,  
Envolvo-os neste laço  
Na hora de acalantar,  
Deixo um pequeno espaço,  
Para os bons sonhos entrar.

Data : 25/01/2012

Título : DE SEREIAS E BOTOS

Categoria: Poesia

Descrição: O rastro serpenteava Sobre a brancura da areia,

## DE SEREIAS E BOTOS

O rastro serpenteava  
Sobre a brancura da areia,  
O Araguaia ondulava,  
Será mulher? Será sereia?

Eu que a tudo olhava  
Tinha certeza na veia,  
Quem a paisagem enfeitava,  
Era mulher, era sereia.

Sob aquele céu em lume  
Acompanhava as pegadas,  
Sentindo no ar o perfume,  
Gaiotas em revoada.

Muita gente, um cardume,  
Segui a minha andada,  
O ribeirinho em seu costume,  
Caçoava e dava risada.

Nesta branca passarela,  
Seguindo sua jornada,  
Desfila a magricela,  
Nos volteios da enseada.

Miro a bela adornada,  
Marchando na mesma raia,  
Piso na onda rendada,  
Que dança beijando a praia.

Beirando o manancial  
Ela faz seu estirão,  
Num biquíni magistral  
E canga verde-limão.

Um cravo em sua fronte,  
Boné disposto na mão,  
Desapareceu no horizonte  
Seguindo sua direção.

O sol queima o grande rio,  
Em cores avermelhada,  
Num galho, grande bugio,  
Berra forte sua toada.

A coruja toda cismada,  
Observa-me admirada,  
No beiral, daquela aguada,  
Jogo firme minha linhada.

Percebo então no caminho  
Pertinho quase ao meu lado,  
Como se fosse um vizinho  
Aquele corpo torneado.

Com belos olhos marinhos,  
Cabelo negro enfeitado,  
Chegou-se devagarzinho,  
Postou-se no meu costado.

Fogueiras em brilho roto,  
Homenageiam São João,  
Achegou-se então um boto,  
Jeitoso como um ladrão.

Guinchando cheio de prosa,  
Exibindo pra vaidosa,  
Sua narina vistosa,  
Toda lisa, cor de rosa.

Levantou-se a linda gata  
Como num encantamento,  
Sob a lua cor de prata,  
Foi entrando rio adentro.

O boto em sua tocaia,  
Como tecendo uma teia,  
Mergulhou no Araguaia,  
Abraçado em sua Sereia.

Data : 18/02/2012

Título : P R O F A N A D A

Categoria: Poesia

Descrição: Quando o céu chorava Virava uma sanga forte,

## P R O F A N A D A

Quando o céu chorava  
Virava uma sanga forte,  
Quando a chuva minguava,  
Secava quase a morte,  
Em curvas se alongava  
Do poente para o norte.

Corria naquele mundo,  
Banhando a piazzada,  
Desaguava no Passo Fundo  
Alagando a baixada,  
Formando poço profundo,  
Traíçoeira, aquela aguada.

Nas margens daquele regato  
Aves, flores, capoeiras,  
Chorão entremeava o mato  
Sombreando a lavadeira,  
Na roupa dando um trato  
Cantando moda campeira.

Ao pé daqueles chorões,

Já desde a madrugada,  
Em seus fortes mourões,  
Cantava a passarada,  
Na ramagem, nos pendões,  
Eram bandos em revoada.

Tempo de recordação:  
Chimarrão, prosa, leitura,  
Tudo era inspiração,  
Cultivava-se a cultura,  
Por conta da imaginação,  
Contos, poesias, pinturas.

À tarde seguia andando  
Voava livre o colibri,  
Aparecia alguém pescando,  
Casquedo, sardela, lambari,  
João de Barro, saltitando,  
Lembranças, eu vou parti.

Parto com a lembrança  
De água clara e mansa,  
Do chorão de longa trança,  
Da sanga de minha infância,  
Que já não estão mais ali,  
São paisagens que perdi.

O rio de som cascadeado,  
O pássaro verde dourado,  
O Peixe sendo sungado,  
Lavadeira no tabuado,  
O canto sendo cantado,  
Já não estão mais ali.

Naquele triste cenário  
Que teve água encantada  
Onde trilava o canário  
É só história passada,  
A sanga, poluída e profanada,  
Morreu - foi canalizada.

Data : 14/03/2012

Título : LEMBRANÇAS (Campos de Soledade)

Categoria: Poesia

Descrição: Quando conjugo o lembrar, Concretizo uma lembrança,

LEMBRANÇAS  
(Campos de Soledade)

Quando conjugo o lembrar,  
Concretizo uma lembrança,  
Gosto muito de viajar,  
No potro branco, Esperança.

Estou sempre ajustado,  
Com a luz do pensamento,  
Chego logo ao passado,  
Com a velocidade do vento.

Nesta minha andadura,  
Cada dia é um paradeiro,  
Sigo minha aventura,  
No lombo do parreheiro,

Cruzo água, mata, potreiro,  
Lavoura, vila e cidade,  
Chego rápido – ligeiro,  
Aos campos de Soledade.

Galopo minha montaria,  
Sob a luz dos pirilampos,  
Corro contra a ventania,  
Pisando naqueles campos.

De pasto rico formado,  
O meu destino eu sabia,  
Era um rancho esfumaçado,  
Para bombear a pulperia.

Vi a estrela se acender,  
Nesta bruta correria,

Vi a coruja emudecer,  
Ao se anunciar o dia.

A passarada acordou,  
Impondo sua sinfonia,  
Um vibrante dia raiou,  
Nas cercas da pulperia.

O rancho era em pinho,  
Antigo – amarelado,  
Lá me cheguei sozinho,  
Não viajo acompanhado.

Naquela bodega chucra,  
Encontrava-se o que queria,  
Cachaça, fumo e verdura,  
Também tinha barbearia.

Insumos pra agricultura,  
Produtos de padaria,  
Erva mate, rapadura,  
Querosene e chimia.

Em canto, fosco ensebado,  
Num estrado arredondado,  
Em cima de um verde oleado,  
Corria sempre um carteadado.

Nos fundos em velha choça,  
Se junta um povo animado,  
Rinha, tava, trova e bocha,  
Sempre havia um jogo atado.

Na entrada do terreiro,  
Tinha dois nomes anunciados:  
Chiquinho o seu Barbeiro;  
Dornelles - Secos e Molhados.

Este volteio abençoado,  
Ao alto deste platô,  
Levou-me ao passado,  
Visitei meu velho avô,

Um bodegueiro honesto,  
Um barbeiro muito feliz,  
Se na vida foi modesto,  
Nesta vida foi aprendiz.

Data : 20/06/2012

Título : CIRCO

Categoria: Poesia

Descrição: Fui chegando pelo rastro, Pelo som do bate estaca,

## CIRCO

Fui chegando pelo rastro,  
Pelo som do bate estaca,  
Vendo ao longe o mastro,  
Da colorida barraca,  
A serragem era o lastro,  
O palhaço, o grande astro,  
Desfilava com a macaca.

O simpático elefante,  
Num jeitão de professor,  
Com seu corpo possante,  
E seu olhar sonhador,  
Junto à girafa elegante,  
De pelagem multicolor,  
Seguiam o domador.

O mágico todo gabola,  
Desfila fazendo treta,  
Tirando de sua cartola,  
Pássaros e uma borboleta,  
Em gestos e gargalhada,  
Jogava em revoada,  
Balinhas para a piazada.

Num caminhão colorido  
Atrizes dançam balé,  
O povoeiro, protegido,  
A sombra do arvoredó  
Da Praça Tamandaré,  
Logo chegou o chinaredo,  
Aplaudindo e batendo o pé.

O macaco zombeteiro  
Pulava e fazia pirraça,  
Um transeunte faceiro,  
Goleava uma cachaça,  
A bailarina com graça,  
Bailava em um taboado,  
Corpo belo – torneado.

Quando o sol foi apagado  
Estrelas vieram em rastilho,  
Abriu-se o pano encarnado,  
Num espetáculo de brilho,  
E o povo todo enfeitado,  
Naquele mundo encantado,  
Povoado por pai e filho.

O mestre anunciador  
Entra logo em ação,  
Com seu elegante porte,  
Anuncia a atração,  
E que todos tenham sorte  
Do palhaço Cabeção,  
Até o globo da morte.

A função é envolvente,  
Luz em raio multicolor,  
Tudo é muito refulgente,  
Tudo é feito com calor,  
Até um anão sorridente,  
Corre pro lado da gente,  
Atirando rosa em flor.

Desfilam os cavalos,  
Domador, urso e leão,  
No balanço o trapezista,  
Provoca admiração,  
No arame o equilibrista,  
E o palhaço malabarista,  
Geram riso e confusão.

O espetáculo se finda,  
Ao som de feiticeiro bolero,  
A multidão leve, ainda,  
Carrega um sorriso sincero,  
Naquela alegria de criança,  
Que nos recorda a infância,  
Aonde a tristeza era zero.

Data : 14/09/2012

Título : T A L I S M ã

Categoria: Poesia

Descrição: A estrada sobe o morro E tem a margem florida,

T A L I S M ã

A estrada sobe o morro,  
E tem a margem florida,  
Segue-me um cachorro,  
E a mulher de minha vida.

O pássaro busca o ninho,  
O morcego busca a flor,  
Eu busco o carinho,  
Nos olhos de meu amor.

Sopra brisa em lufada,  
Querendo ser ventania,  
Sobe lua ensanguentada,  
É à noite engolindo o dia.

Morre o sol em agonia,  
Poente vermelho malva,  
Surgem as três Marias,  
Repontando a estrela D'alva.

Cai Estrela em revoada,  
Rasgando a noite num talho,  
Os olhos verdes da amada,  
São gotas de puro orvalho.

Os raios daquela estrela,  
Instigou-me a meditar,  
Extasiei no brilho dela  
Passei a vida festejar.

Iluminei meu olhar,  
Com um sorriso nos lábios,  
Senti-me livre para andar,  
Imitando quem é sábio.

Depois de muito matutar,  
Não temo qualquer pecado  
Para o meu amor provar,  
Te ofereço um belo agrado.

Na emoção desta hora,  
Faço a entrega amanhã,  
Antecedendo a aurora,  
Verás precioso talismã.

Uma estrela com fulgor,  
Bela, clara, efervescente,  
Minha bela meu amor,

Dou-te ela de presente.

Data : 12/12/2012

Título : CHALEIRA SEM IDADE

Categoria: Poesia

Descrição: Vi hoje a chaleira preta, Que já falei sem idade,

### CHALEIRA SEM IDADE

Vi hoje a chaleira preta,  
Que já falei sem idade,  
Cheia de flores, violeta,  
Em um balcão da cidade.

Quem te viu velha chaleira!  
Sempre bela e preciosa,  
Transformada em floreira,  
Pra agradar dama vaidosa.

A dona que cuida dela,  
Não sabe não tem memória,  
Conto então com pouca trela,  
A sua inigualável história.

A chaleira que vos falo,  
Foi marcada com arrojo,  
Tem a figura de um galo,  
Ao pé do bico, no bojo.

Por esta gravura de macho,  
Conheci-a num repente,  
Tinha aquele belo penacho,  
Gravado em minha mente.

Herança de família,  
Vistosa cheia de graça,  
Fazias parte da mobília,  
Tens raiz em nossa raça.

Acompanhou meu avô,  
Índio calmo, pouco afoito,  
Comprou-a meu tetravô,

Lá no século dezoito.

Esta preta se extraviou,  
Numa de tantas mudanças,  
Meu coração amarelou,  
Tristes ficaram as crianças.

A tampa arte em ferro,  
Desenhada em borboletas,  
Vai voltar tapar tua boca,  
Desatravancando as gavetas.

Andaste como os ventos,  
Por querências, por rincões,  
Na carreta presa em tentos,  
Na paz, nas revoluções.

Das bulhas e dos combates,  
Herdou uma alça rala,  
Depois de tanto embate,  
Tem riscos e lanhas de bala.

Merecias mil medalhas,  
Pelo que fez em tua trilha,  
Sentiu o calor das peleias,  
No Paraguai na Farrroupilha.

Na paz de minha guarida,  
Foste sempre servideira,  
Aquecias água pra lida,  
E leite pra mamadeira.

Nas noites de lichiguana,  
Na trempe, em fogo de chão,  
Borbulhavas soberana,  
Espumando o chimarão.

Cometi grave desatino,  
Mas quem sabe faz à hora,  
Floreira não é teu destino,  
Vem comigo, vamo embora.

As flores vou transplantar,  
Pois não firo a natureza,  
Com cinzas vou te lavar,  
Restituindo tua beleza.

Vamo embora, sem demora,  
Pois teu lugar é sagrado,  
Viveremos como outrora,

Ficaras junto ao meu lado.

Data : 16/12/2012

Título : VELHO ARMÁRIO

Categoria: Poesia

Descrição: Meu armário vai embora, Vai embora conservado,

### VELHO ARMÁRIO

Meu armário vai embora,  
Vai embora conservado,  
Foi comprado em boa hora,  
Foi comprado no mercado.

Torneado na cor preta,  
Sempre foi admirado,  
Duas portas, três gavetas,  
Em estilo rebuscado.

Este armário tem história,  
Do que foi vivenciado,  
Tá comigo e minha senhora,  
Desde quando tô casado.

Ele guarda todo atento,  
Recordações do passado,  
Fotos de meu casamento,  
Do namoro e do noivado.

Depositamos sempre nele,  
Expectativas e esperanças,  
Arrumamos dentro dele,  
As roupinhas das crianças.

Numa porta meu senhor,  
Eu conservava com carinho,  
Canha, uísque, graspa e licor,  
Chocolate, queijo e vinho.

Na outra, fotos do escrete,  
Do meu tempo juvenil,  
Minha fitas em cassete,  
E meus discos de vinil,

Vai embora, triste fico,  
Vai embora sem razão,  
É melhor calar o bico,  
Ou arrumo confusão.

Em nome da modernice,  
Querem lhe substituir,  
Não passa de macaquice,  
Não tem jeito vais partir.

Fica em meu peito saudade,  
Do amigo que se evade,  
Choro por nossa amizade,  
Até pedi por piedade.

Argumentei com a “chefe”,  
Exaltei tua velha idade,  
Ela quer fórmica - MDF,  
Ela quer modernidade.

Vai embora meu irmão,  
Exponha tua qualidade,  
Ver-te-ei em algum pregão,  
Lá no centro da cidade.

Data : 05/01/2013

Título : MALA DE GARUPA

Categoria: Poesia

Descrição: Me alembro,... Eu era guri, Seguia por longa estrada,

#### MALA DE GARUPA

Me alembro, eu era guri,  
Seguia por longa estrada,  
Minha égua, alazão rubi,  
E mula cargueira rosada.

Papai seguia trigueiro  
Num rosilho prateado,  
Um pingo leve e ligeiro,  
Cavalo bueno e atentado.

O nosso destino era vago,  
Queríamos ver o mundo,  
Conhecer de perto o pago  
Com alma de vagabundo.

O trecho era de poeira,  
Terras para agricultura,  
Pasto, mato e capoeira,  
Paisagem tal qual pintura.

Na garupa, sem defeito,  
Feita em saco de farinha,  
Uma mala, que ao direito,  
Tinha tudo pra cozinha.

Tinha arroz, tinha feijão,  
Toicinho para fritura,  
Erva para o chimarrão,  
Charque, canha e rapadura.

Enfrentávamos a estrada,  
Em profunda gratidão,  
Se livre era a jornada  
Tinha também meditação.

Gratidão pela beleza,  
De uma natureza em festa,  
Meditávamos em profundidade,  
O que a vida nos oferta.

Concluímos nesta hora,  
Reconhecemos então,  
Que a simplicidade vigora,  
No sopro da criação.

A beleza é água singela,  
A felicidade também,  
O simples as fazem bela,  
E não se mede em vintém.

Belo é o sol ao amanhecer,  
Aurora que desabrocha,  
Belo é o ato de nascer,  
A chuva que molha a rocha,

Bela é à flor do sarraceno,  
Bela é a brisa e a garoa,  
Guapo é o olhar sereno,  
E o luar sobre a lagoa.

Belo é o homem de palavra,  
Que trabalha com bravura,  
Bela é a terra que se lavra,  
Provendo-nos de fartura.

Aprendemos esta lição,  
Observando a natureza,  
A paz da meditação,  
Mostrou-nos tanta beleza.

No meio da caminhada,  
Tomamos a decisão,  
Na mala foi desenhada,  
A marca do coração.

Quem abria o lado esquerdo,  
Ficava pasmo, encantado,  
Em cores de primavera,  
Tava ali tudo guardado.

Esperança, amizade,  
Paz, ternura e perdão,  
Silêncio, sonho, bondade,  
E meigas gotas de oração.

Foi ficando cheia a mala  
Com tudo que aprendemos,  
A vida é sempre bela,  
Não importa o que fazemos.

Me alembro, eu era guri,  
Tempo de grandes façanhas,  
Da mala, o esquerdo tá aqui,  
Gravado em minhas entranhas.

Data : 09/01/2013

Título : DESPEDIDA

Categoria: Poesia

Descrição: Estas palavras, em poesia, De lembranças, de meu jeito,

DESPEDIDA

Ao meu pai,  
João Carlos Moreira Gosch.

Estas palavras, em poesia,  
De lembranças, de meu jeito,  
Fiz em profunda agonia,  
Arraigada está em meu peito.

As águas morrem na areia,  
Os rios deságuam no mar,  
O sangue corre na veia,  
O som se perde no ar.

Tudo passa nesta vida,  
Um dia tudo falece,  
Faltou-me a despedida,  
Só restou a minha prece.

Das lembranças, veterano,  
Ficou aquela imagem,  
Do giz marcando o pano,  
Como se fosse uma viagem.

Já não ouço a tesoura,  
Que corta como uma faca,  
Com um som de roçadura,  
Cortando peça de alpaca.

Não vejo mais o sorriso,  
A máquina já não murmura,  
O ferro passando liso,  
A Singer já não costura.

O diploma está num quadro,  
Aguilha, dedal e muleta,  
Régua, trena e esquadro  
Repousam numa gaveta.

Não se busca erva no mato,  
Já não se colhe a marcela,  
Fiquei muito triste, de fato,  
Com aquele aperto na goela.

O alfaiate qual peregrino,  
Com Deus partiu, foi embora,  
Seguiu seu largo destino,  
Só tristeza ficou nesta hora.

Acompanhei o desenrolar,  
Perdido neste mundão.  
Não pude lhe acompanhar,  
Quando fez a transição.

Não deixou só saudade,  
Deixou muito mais ao se ir,  
Deixou amor e simplicidade,  
Mil exemplos ao partir.

Sei que tive teu perdão,  
Sabes que por ti eu orava,  
Foi embora, papai João,  
Sabendo que eu te amava.

Ao eterno você seguiu,  
Sob céu claro, azulado,  
Deixaste um grande vazio,  
Estarei um dia a teu lado.

Quando chegar o momento,  
Meu velho muito querido,  
Vou te encontrar prazeroso,  
Em luzes, num jardim florido.

Data : 18/02/2013

Título : F E I T I Ç O

Categoria: Poesia

Descrição: Todos pensam que feitiço, É galinha na encruzilhada,

## F E I T I Ç O

Todos pensam que feitiço,  
É galinha na encruzilhada,  
Em realidade, feitiço,  
É o encanto da mulherada.

Feitiço é o que sempre sinto,  
Quando a olho na janela,  
Vejo o cabelo preto, retinto,  
Da morena sempre bela.

Também ele é o desejo,  
Naquele jeito enamorado,  
Da mulher que num lampejo,  
Mostra o olhar esverdeado.

Feitiço é a bela e jeitosa,  
Que desfila junto ao espelho,  
Não canso de admirar a vaidosa,  
E sua boca em tom vermelho.

É aquela perna torneada,

Que de olhar não me canso,  
Sigo-a pela rua, pela estrada,  
Naquele doce balanço.

Feitiço, é pele bronzeada,  
Tostada no mar e na areia,  
Enfeitada e toda assanhada,  
Com trejeitos de sereia.

Um feitiço bem jogado,  
Por olhar terno, quente,  
Deixa o sujeito afogueado,  
Da alvorada ao poente.

Sigo sempre meu farol,  
Só ou bem acompanhado,  
Faço chuva ou faço sol,  
Eu tô sempre enfeitado.

A vida é graça preciosa,  
Dom mágico da criação,  
Com tanta mulher formosa,  
Não morro de depressão.

Data : 08/03/2013

Título : TERNA MAGIA

Categoria: Poesia

Descrição: Naquela encruzilhada, Onde passam caravanas,

TERNA MAGIA

Naquela encruzilhada,  
Onde passam caravanas,  
Naquela beira de estrada,  
Tinha uma tosca cabana,  
Com flores e passarada,  
Laranja, lima e banana.

No centro um caramanchão,  
Em madeiras cinzeladas,  
Canjerana e Pau-Alazão,  
As flores eram encarnadas,  
Quatro metros tinha o vão,  
E as entradas cascalhadas.

Nesta estrutura grosseira,  
Conservado como um osso,  
Com a tampa em madeira,  
Tinha um profundo poço,  
Água fria de cachoeira,  
Cristalina, um colosso.

Móveis de estilo discreto,  
Toalha florida em chitão,  
Bancos de tarumã preto,  
Tosca mesa de taboão,  
Lá não pousou arquiteto,  
O poço virava balcão.

Nas festas, após a igreja,  
Ajuntava-se o povaréu,  
Corria carne e cerveja,  
Cuca, polenta e pitéu,  
E o povo nesta peleja,  
Bóia de tirar o chapéu.

A cerveja mergulhada,  
Esfriava na cisterna,  
A turma na gargalhada,  
Numa amizade fraterna,  
Ao longe se ouvia a toada,  
Como um troar em caverna.

O caramanchão e o poço,  
Era um local de descanso,  
Para o velho e para moço,  
Para o zangado e o manso,  
Sesteava-se após o almoço,  
Em cadeiras de balanço.

Num recanto bem ao lado,  
A sombra de um Veludinho,  
Em volta de um estrado,  
Italianos tomavam vinho,  
Jogavam mora e carteadado,  
Ao doce som de um pinho.

Três gringos do Sitio Escuro,

Naquela de “pega e flocha”.  
Desafiaram os “Pelo Duro”,  
O Nego o Jango e o Galocha,  
Que aceitaram te asseguro,  
Um entrevero de bocha.

As mães no fim da jornada,  
Depois de bom tricotear,  
Juntavam toda a piazada,  
Num banho pra refrescar,  
Davam-lhes bela tratada,  
Sem parar de conversar.

O céu na cor escarlate,  
Anunciava a escuridão,  
Chegava a hora do mate,  
Preparem o chimarrão!  
E pra fazer o rebate,  
Cueca virada e pinhão.

Assim a tarde morria,  
Nos fundos de meu torrão,  
Naquela terna magia,  
Sempre ao som do violão,  
Domingos de pura alegria,  
Leveza em meu coração.

Data : 19/03/2013

Título : MATUNGO

Categoria: Poesia

Descrição: Quando clareou o dia, Logo me deu um estalo,

## MATUNGO

Quando clareou o dia,  
Logo me deu um estalo,  
Naquela hora mais fria,  
Ouvindo o canto do galo,  
De escrever uma poesia,  
Falando de um cavalo.

Já tive muitos cavalos,

Tobiano, Baio, alazão,  
Neles dei muitos pealos,  
Neste não tive a ilusão,  
O cavalo que vos falo,  
Chegou-me de supetão.

Chegou ele entreverado,  
No meio de uma vacada,  
Com olhar desconfiado,  
Relinchava e dava patada,  
Um matungo assombrado,  
A peãozada em gargalhada.

Troncho de uma orelha,  
Sugada por carrapato,  
Lanhada estava a cernelha,  
Por espinhos lá do mato,  
Por estas coisas da telha,  
Resolvi lhe dar um trato.

Terminado o rasqueado,  
Dei-me conta da judiaria,  
Tinha marcas o coitado,  
Qual porta de ferraria,  
Um olho tava vazado,  
Foi grande a selvageria.

Continuando em minha lida,  
Os cascos foram aparados,  
Tinha agora ele guarida,  
A crina e o rabo trançados,  
Para reanimar sua vida,  
No cocho ele foi milhado,

Loguito foi engordando,  
Foi ficando refreado,  
O pelo foi só brilhando,  
E logo estava amansado,  
Ao povo foi agradando,  
Tava o matungo ajeitado.

Pra serenar a aparência,  
Já que ele era caolho,  
Para cobrir a violência,  
Eu lhe fiz um tapa olho,  
Melhorando a convivência,  
Mitigando o olhar zarolho.

Então o cavalo aparecido,  
De vida pobre, ingrata,

Ganhou logo um apelido,  
Com a alcunha de Pirata,  
Isso faz muito sentido,  
Em nossa vida pacata.

Ele é muito carismático,  
É um cavalo camarada,  
Chega até a ser simpático,  
Empanado a gurizada,  
Por ser feio e sistemático,  
Provoca muita risada.

Em algumas madrugadas,  
Matungo e eu no capricho,  
Saímos rodando estrada,  
Para um trago num bolicho,  
Fazemos depois gauchadas,  
Na porta de meu cambicho.

Quando a coisa ai bem,  
Veja só que vida ingrata!  
Apareceu um Zé ninguém,  
Querendo compra o Pirata,  
Para mata-lo logo, além,  
Oferecendo-me uma prata.

Plata pouca, pila minguado,  
Pirata não está à venda,  
Fica junto em meu costado,  
É relíquia em minha vivenda,  
Ele é livre, é bem tratado,  
Alegrando minha fazenda.

Data : 23/04/2013

Título : LENÇOS

Categoria: Poesia

Descrição: Voltava de uma caçada, Em noite de primavera,

LENÇOS

Voltava de uma caçada,  
Em noite de primavera,  
Na friagem da madrugada,  
Abrigui-me numa tapera,

Caiu então uma aguada,  
Longa foi a minha espera.

A tapera era barreada,  
Treliçada em taquara,  
Tinha uma banda queimada  
Flores e ninhos de arara,  
Que saíram em revoada,  
Espantando o Malacara.

Embaixo de uma mesinha  
Coberta por grossa poeira,  
Junto a um ninho de galinha,  
Vi restos de uma chaleira,  
Garrafas de uma caninha  
E uma grosseira algibeira.

O embornal era de lona,  
Amarrado com um tento,  
Tinha a cor da azeitona,  
Mas pegajoso e sebento.  
Curioso como uma dona,  
Abrir foi o meu intento.

Ligeiro puxei o tento,  
Abri... Fiquei admirado,  
Um lenço branco, poeirento,  
Preso a um lenço encarnado,  
Manchado, sanguinolento,  
Em nó firme, escoteirado.

Junto ao meu encontrado,  
Para ler foi um problema,  
Em papel grosso, judiado,  
Interessante era o tema,  
Escrito a lápis despontado,  
Rascunho de um poema.

Tava escrito - te reconto -  
Poema de anônimo autor,  
Entranhado está no conto,  
Pois também é seu ator.  
Levo-te assim já de pronto  
Prum caso do Pulador.

-Mataram o meu tobiano,  
De apelido galante,  
Foi tiro de um castelhano,  
O que me deixou infante,  
Matei à facção o tirano,

Por diante, fiquei errante.

Naquela bruta matança,  
Senti da luta o calor,  
Foram guampaços de lança,  
Nos campos do Pulador,  
Naquela macabra dança,  
Gritos - lamentos de dor.

Olhando pra todo lado,  
Na cerração da fumaça,  
Vi mortos e degolados,  
Numa imensa desgraça,  
Gaúchos despedaçados,  
Apinhados naquela praça.

No silêncio do clarim,  
Sai a pé, desgarrado,  
Andei assim, meio assim,  
Com olhar enuviado,  
Grassava fogo no capim,  
O ar tava empestado.

Na densa fumarada,  
Perdi-me dos Maragatos,  
Fiz então minha retirada,  
Dirigi-me para um mato,  
Procurando camaradas  
E água em algum regato.

Ali perto, ao pé da coxilha,  
Vi Pica-paus se ajuntando,  
Na fúria de uma matilha,  
Com raiva, se organizando.  
Esgueirei-me pela trilha  
Ao capão me aventurando.

Mas percebi de imediato,  
Os Pica-paus viram então,  
Quando eu entrava no mato,  
E ordenaram a um negão.  
Persiga aquele Maragato!  
E não lhe dê condição!

Com ferimentos na mão,  
Eu circudei um pinheiro,  
Peguei meu bueno facão,  
Vinha o negão no carreiro.  
Aprimorei minha visão,  
Era o Joca, o marceneiro.

Meu facão era em aço,  
Cabo em osso e madeira,  
Na lamina tinha traços  
E o sinal de uma caveira,  
A marca de um balaço  
E uma bainha grosseira.

O forte e valente negão  
Era um colega mui querido,  
Morador do Boqueirão,  
De Pica-Pau tava vestido,  
Vendo meu velho facão,  
Ele ficou surpreso.

Mesmo surpreso o negão,  
De logo apeou do rosilho,  
Joguei o facão no chão,  
Em seus olhos eu vi brilho,  
Abraçou-me de coração,  
Como pai abraça o filho.

-Vamos até a sanga, amigo!  
Para um palheiro fumar,  
Teremos ali bom abrigo,  
Dá até para conversar,  
É bom estar aqui contigo,  
Foi muito bom te encontrar.

Fumamos então o palheiro,  
Mostrou-me bela pistola,  
Relembramos mui faceiros,  
Os nossos dias na escola,  
A carne sobre o braseiro,  
A canha, a gaita e a viola.

Pedi então o meu lenço,  
De sangue todo manchado,  
Tirou também o seu lenço,  
Branco ruço, empoeirado,  
Com costumeiro bom senso,  
Deu um nó escoteirado.

-Levo este lenço comigo  
Pros companheiros olhar,  
Não se inquietarão contigo,  
Não voltam prá te campear,  
Escuta bem o que eu digo,  
É bom você se alongar.

Atravessei a pinguela,  
Tomei água do regato,  
Usei de toda a cautela,  
Saí pra fora do mato  
Ao longe numa capela.  
Vi meu povo Maragato.

Depois de curtidas peleias,  
O arrego foi assinado,  
Numa noite de lua cheia,  
Um xiru e seu recado,  
Sob a luz de uma candeia,  
Falou-me do Joca minguado.

-Ao chegar do alvoroço,  
De tísica, tava baleado,  
Quando partiu era moço,  
Voltou tossindo e curvado,  
Chegou ao fundo do poço,  
Morreu sozinho o coitado.

Senti os olhos molhados,  
Tristeza em meu coração,  
Sentei-me triste, cansado,  
Foi embora o Joca, irmão,  
Mais um amigo tombado,  
Qual garoa de verão.

O xiru era animado,  
Sujeito bom, serviçal,  
Firme e determinado,  
Desembrulhou um jornal  
E sorrindo entusiasmado  
Entregou-me um embornal.

No interior daquele saco,  
Tavam os panos, atados,  
Do Joca o lenço branco,  
E o meu velho colorado.  
Levei no peito um tranco,  
Fiquei triste, abobalhado.

Um mês após sua partida,  
Fiz visita ao Campo Santo,  
Nesta triste despedida,  
Levei comigo meu pranto,  
Recordações de uma vida,  
Um lenço branco - seu manto.

No túmulo em sua beira,

Sendo assim homenageado,  
Plantei uma simples roseira,  
Com belo galho enxertado,  
Rosa branca trepadeira,  
E o enxerto avermelhado.

Data : 25/04/2013

Título : A SANTA ESQUECIDA

Categoria: Poesia

Descrição: No meu sétimo verão, Junto com minha madrinha,

### A SANTA ESQUECIDA

No meu sétimo verão,  
Junto com minha madrinha,  
Cruzei o Bairro Boqueirão,  
Fui conhecer a Cruzinha.

Nessa longa caminhada,  
Em conversa ela contava,  
As aventuras passadas,  
E histórias me narrava.

Contos de afirmações,  
De memórias viva - tenaz,  
Das peleias nas revoluções,  
Também dos tempos de paz.

Poucos foram os escolhidos,  
Pela história em sua esteira,  
Também tem os esquecidos,  
Tem a história sua cegueira.

Proseou então nesta hora,  
Memórias tristes, distantes,  
O que sofreu a senhora,  
Com Maragatos errantes.

Na Revolução Federalista,  
Envolveu-se ela em atos,  
Não sonhava com conquista,  
Mas desafiou os Maragatos.

Aquela guerra de guerrilhas,  
Manchou de sangue o pago,  
Era um tempo de armadilhas,

De violência, medo, estrago.

Vibrou... De cavalos o tropel,  
Barbarizando tão bruta cena,  
Testemunhou o Arroio Raquel,  
A agonia de Maria Pequena.

Ao proteger, filho e marido,  
A bela bugra foi apunhalada,  
Enquanto orava em gemido,  
Foi brutalmente degolada.

Aos pés de simples cruzinha,  
Maria foi enterrada,  
Em celestial azul da rainha,  
A sepultura foi toda pintada.

Tempos sem esperanças,  
Só soluços eram escutados,  
Recém-nascidos e crianças,  
Junto à cruz foram sepultados.

Os pais dos anjinhos, agoniados,  
Juntavam suas preces ao povaréu  
Aqueles pedidos, desesperados,  
Como raios de luz subiam ao céu.

As orações, choro - ladainhas,  
Clamando a proteção da Pequena,  
Cresciam os devotos da cruzinha,  
Vertia o conforto de forma serena.

Quem degolou aquela garganta,  
Feriu um povo e criou lembranças,  
O fio da adaga gerou uma Santa  
Santa em amor, paz e esperanças.

...

Novos tempos, novo imperativo...  
Os restos mortais foram transladados,  
O povo esperou um mausoléu votivo,  
Espera até hoje, triste e desconfiado.

A história esqueceu a Santa ferida,  
Devotos passaram, passou a geração,  
A nova geração não quer ser socorrida,  
Não ora, não reza, não tem devoção.

A Santa dos pobres está esquecida...

Data : 20/06/2013

Título : DESATINADO

Categoria: Poesia

Descrição: Sentado em meu pelego, Com a perna bem cruzada,

### DESATINADO

Sentado em meu pelego,  
Com a perna bem cruzada,  
Recordo de meu chamego,  
Chimarreio na madrugada,  
Era bom aquele aconchego,  
Em noite quente estrelada.

Depois de alguns tragos,  
Amofino-me com razão,  
Saudades de teus afagos,  
Do amor em outra dimensão,  
Recordo a festa nos pagos,  
Dourada aliança em tua mão.

Meu pensamento viajando,  
Seguindo meu coração,  
A noite escura passando,  
Enredo-me em doce ilusão.  
Meu raciocínio pulsando,  
Sofrendo por ti de paixão.

Meus olhos estão no infinito,  
Olhando para o estrelado,  
Na garganta tenho um grito,  
Queria tê-la a meu lado.  
Meu ser está todo aflito,  
Sinto-me desorientado.

Foge de mim, escuridão!  
Noite que não quer ter fim,  
Achege-te, lua, tal qual botão,  
Na alva cor pérola – marfim,  
Ilumine as coxilhas do rincão,  
Ilumine - clareie meu jardim,

Continuo pensando em ti,  
Minha bela, iluminada,  
És livre quanto o colibri,  
Lembro-me de tua risada,  
Que já fez pousada aqui,  
Hoje a casa está calada.

O sol realça a pastaria,  
Que de sereno esteve alva,  
Já não vejo as Três Marias,  
Só enxergo a Estrela D'Alva.  
Sabiás arrulham em cantoria,  
Saltitando em pés de malva.

Acabou-se a sinfonia,  
Foi-se embora a passarada,  
Minha cama está vazia,  
Choro por ti, doce amada,  
Corre fresca a ventania,  
Minh' alma despedaçada.

O silêncio tudo domina,  
Não estou acostumado,  
Olho triste pra campina,  
Fito o trieiro ensolarado,  
Volte pra casa, minha china,  
Estou só... Desatinado.

Data : 01/07/2013

Título : PELEIA

Categoria: Poesia

Descrição: O boteco que eu frequento Tem o formato de taba,

## PELEIA

O boteco que eu frequento  
Tem o formato de taba,  
De madeira e de cimento,  
Coberto com piaçaba.

Neste boteco crioulo,  
Ajunta-se uma indiada,  
Num ambiente meio chucro,  
Na beira de uma estrada.

A cangebrina ao natural  
É servida num balcão,  
Naquele sabor sensual  
Que afoga ódio e paixão.

É um ambiente rasteiro,  
Mas bastante procurado,  
Por carreteiros - tropeiros,  
E pinguço desacorçoad.

Nos sábados, companheiro,  
Às luzes de lamparinas,  
Apresenta-se um gaiteiro,  
E se aproximam as chinas.

Onde tem mulher faceira  
E a caninha é largada,  
Estranha-se a bagaceira  
E já partem pra bordoad.

Foi isso que sucedeu,  
Lembro, fico até com pena,  
Quando o campeiro Alceu,  
Buliu com bela morena.

Mesmo estando no abandono,  
Tereza era da flor a beleza,  
Mas aquele que foi seu dono  
Olhou o Alceu com frieza.

Foi então se aproximando,  
Tendo no olhar a rudeza,  
O facão desembainhando,  
Tudo com muita destreza.

Mas não conhecia o Alceu,  
Índio vago e corajoso,  
Era escuro como o breu  
E na peleia, perigoso.

No descer do ferro branco,  
O Alceu se esquivou,  
Pegando na perna um banco,  
O Tenório ele acertou.

A pancada foi na boca,  
A dentadura quebrou,  
Sentindo a cabeça oca,  
O Tenório trambalhou.

Caiu num canto amontoado,  
Sobre seu velho facão,  
Entrou no enredo o cunhado,  
De apelido Zoião.

O Zoião bateu no Alceu,  
Com uma mão de pilão,  
O frege se assucedeu,  
Armou-se a confusão.

O Alceu ficou caído,  
Mas seu irmão se achegou,  
Era um peão atrevido  
E no Zoião se botou.

Cuspiu pra longe o tabaco  
E a adaga lhe enfiou,  
Cortou-lhe fundo o sovaco,  
O Zoião sequer piou.

A briga ia avançada,  
E o povo foi ajuntando,  
Lá dentro, só cacetada,  
E o chinaredo gritando.

O padre Faria Caldeira,  
De madrugada, ia passando,  
Sacou de uma cartucheira  
E dois tiros ele foi dando.

Correu macho, correu guria,  
Mandaram-se pra capoeira,  
Só ficaram o Padre Faria,  
E a Tereza, mui trigueira.

Entraram ouvindo gemidos,  
O chão estava coalhado,  
Além dos três feridos,  
Tinha mais dois degolados.

Socorreram os machucados,  
Água-benta no Zoião,  
O religioso rezou calado  
E lhes deu a extrema-unção.

O vigário tomou um trago,  
Tereza também tomou,  
Trocaram um olhar vago,  
Um calor lhes assaltou.

O casal ficou arrepiado,  
O olhar se embaciou,  
Mas um vento frio, gelado  
Todo o calor lhes roubou.

Suspiraram nesta hora,  
Naquele momento louco,  
Caldeira diz - Vou embora,  
Tudo o que é bom dura pouco!

Tereza ficou abanando,  
Naquele dia castanho,  
O padre se foi, rezando,  
Em busca de seu rebanho.

Data : 23/08/2013

Título : PINHEIRO DO PULADOR - Lenços II

Categoria: Poesia

Descrição: Todo o dia quando o Patrão, Lança a luz e seu clareado,

## PINHEIRO DO PULADOR Lenços II

Todo dia, quando o Patrão  
Lança a luz e seu clareado  
Ribomba um grande clarão,  
Deixando o céu azulado,  
O sol vira um grande lampião,  
Eu campeão entusiasmado.

Sigo em poeirento carreiro,  
Montado em meu alazão,  
Vou até o grande pinheiro,  
Ao fundo de um lagoão,  
Do sereno sinto o cheiro,  
Num saco levo o boião.

Canha e boia para a gula,  
Panela de tampa bateadeira,  
Que assusta a velha mula,  
Que troteia mui faceira,

Na garupa, trempe e mala,  
Naquela mansa carreira.

Depois de vigiar o gado,  
E uma cerca palanquear,  
Do saleiro vejo o estado,  
Tomo a pinga pra aquestrar,  
Almoço solito e animado,  
Vou ao capão sestear.

Deito-me sobre um pelego,  
Embaixo de uma imbuia,  
Curto o outono e o sossego,  
Ajeito um amargo na cuia,  
Ouço a voz de um córrego  
E pássaros fazendo buía.

Ajeito-me para cochilar,  
Naquela doce madorna,  
Sinto a imbuia palpitar,  
Em uma conversa morna,  
Parece querer segredar,  
Num som de bate bigorna.

O vento frio a murmurar,  
Como levando a mensagem,  
Eu encolhido a escutar  
O balançar da ramagem  
E a imbuia a conversar,  
Com toda a camaradagem.

Ouço o pio de uma perdiz,  
Da relva sinto o cheiro,  
E a imbuia, tagarela e feliz,  
Fala agora com o pinheiro,  
Que, como um velho juiz,  
Respondia conselheiro.

-Por ser velho em idade,  
Sete séculos e meio,  
Nesta minha antiguidade,  
De histórias eu tô cheio,  
Conheço toda a verdade  
Que cerca este rodeio.

Sou de um gênero altaneiro,  
Bispo aonde a vista alcança,  
Observo este tabuleiro,  
Desde os tempos de criança,  
Conheço este povo trigueiro

E as prosas da vizinhança.

Vi o índio comer o fruto,  
Vi o missionário rezar,  
Vi o branco resoluto,  
Para estes pagos chegar,  
O nascer do gaúcho astuto,  
Que cresceu pra pelear.

As árvores balançam a saia,  
Em gestos de concordar,  
Erva-mate, bugre - uvaia,  
Todas procurando falar,  
Logo recebem uma vaia:  
Deixem o pinheiro contar!

O pinheiro volta às falas,  
Em compassada locução:  
-Tenho até marcas de bala,  
De guerra, lutas - revolução.  
A coxilha lamenta e se abala,  
Quando irmão combate irmão.

Nasci no chão do Pulador,  
Plantado por uma gralha,  
Vi choros e gritos de dor,  
Naquela grande batalha,  
Quando o ódio, em seu calor,  
Fez o amor em migalha.

A amizade, pau sabão,  
É sentimento consagrado,  
Em minha raiz há um facão  
Que na emoção foi largado,  
Num abraço amigo – irmão,  
Um lenço alvo e um colorado.

Acordei meio assustado,  
Pelo baque de uma pinha,  
Despertei todo encantado,  
Da conversa e ladainha.  
O chão estava forrado  
De sementes em caixinha.

Levantei assim devagar,  
Tomei logo um chimarrão,  
Resolvi então catar  
Um poquinho de pinhão,  
Foi quando eu avistei  
O pedaço de um facão.

Nas raízes - enredado,  
Tinha uma parte de fora,  
Então com meu três listrado  
O desenterrei sem demora.  
Fiquei muito admirado,  
Sem ação naquela hora.

Sentei-me na capoeira  
Para limpar o achado,  
Cabo em osso e madeira,  
Um tanto deteriorado,  
Na lâmina uma caveira  
Por bala tava marcado.

Espantei com o enredo,  
Por tudo que eu passei,  
Conversa de arvoredos,  
Será que eu acreditei?  
De falar tenho até medo,  
O velho facão - bejei.

Bejei com todo fervor,  
Cumprir a minha missão,  
Chorei lágrimas de amor,  
Por toda aquela emoção,  
O pinheiro do Pulador,  
Guardou-me o raro facão.

Data : 23/08/2013

Título : Glossário

Categoria: Resenhas

Descrição: Regionalismos do Rio Grande do Sul

## GLOSSÁRIO

Regionalismos do Rio Grande do Sul;

Algumas plantas dos Biomas Mata Atlântica e/ou Cerrado

A

Alazão – Cavalo com pelagem alazã tem a cor da canela cuja cor pode variar em sua tonalidade em tons castanho avermelhados

Aprochegar – Aproximar-se, chegar perto.

Atilho(s) - Tira de pano ou couro que serve para atar, amarrar.

Atordilhado – Cor de tordilho - pelo de cavalo fundo branco encardido, salpicado de pelos escuros e de manchas.

Aragano//Haragano - Qualificativo do cavalo assustadiço, fujão ou difícil de ser domado.

Argenta – Em cor de prata

Arruda - Ruta graveolens

## B

Bagual – Equino selvagem ou não domado, cavalo novo e arisco, reprodutor, animal não castrado, rude, bravio.

Barbicacho – Cordão, cadarço ou trança de couro que prende aos lados do chapéu

Bichará – lã grosseira utilizada para confeccionar ponchos ou Cobertores, normalmente nas cores branca e preta.

Bispar – Perceber, compreender, descobrir as intenções de outrem.

Boitató – Fogo-fátuo, emanações de hidrogênio fosforado, muito leve,

Bombear – Espionar, espreitar, olhar, espiar, explorar.

Baru - Dipteryx alata

Bergamoteira - Citrus reticulata

    Branquilha - Sebastiania commersoniana

    Bugre - Casearia sylvestris

## C

Caborteiro – Cavalo ou outro animal, manhoso, arisco , infiel, velhacador, que não se deixa pegar.

Cabreiro – Desconfiado, astuto, esperto, pastor de cabras.

Cabresto – Cabeçada sem freio, para conduzir cavalgadas.

Candieiro – Pequena lâmpada de folha, para alumiar, abastecida com querosene ou óleo vegetal.

Canguçu – Municipio do Estado do Rio Grande do Sul;

Chimango – Partidários do governo nas revoluções gaúchas.

China – Descendente ou mulher de índio, cabocla, mulher morena, mulher de vida fácil.

Chiripá – Vestimenta rústica, constuida por tecido de mais ou menos, Um metro e meio que é passado por entre as pernas é preso na cintura Em suas extremidades por uma cinta de couro ou pelo tirador.

Chiru//Xiru – Índio, caboclo, moreno carregado, indiático.

Chulear – olhar de vagar, examinando aos poucos, descobrindo lentamente.

Cuera //qüera – Gaúcho forte, destemido, homem ruim, melava.

Caju - Anacardium occidentale.

Camboatá (Camboatã) - Cupania vernalis

    Canjerana - Cabralea canjerana.

Cedro - Cedrela fissilis,

    Chorão - Salix babylonica.

    Coronilha - Scutia buxifolia.

## D

Douradilho – pelo de cavalo na cor vermelho clara com reflexos dourados,

cor de ouro

E

Esquela – Través, soslaio, diagonal.  
Erva Mate - *Ilex paraguariensis*.

F

Fandango - Denominação genérica de antigos bailes campestres.

G

Gaioteiro – Carroceiro.  
Gaudério – Andarengo, pessoa que viaja muito, índio vago  
Guamirim // Guamerin – Arbusto de pequeno porte de madeira de extraordinária dureza. Os revolucionários de 1893 e ainda em 1923 preparavam lanças com as hastes deste arbusto.  
Guacho // Guaxo – Animal ou pessoa criada sem mãe ou sem leite materno.  
Guampa – Aspa, chifre.  
Guasca – Homem rústico, forte, valente // tira, correia, corda de couro cru, isto é, não curtido.  
Goiabeira - *Psidium guajava*  
Guaco - *Mikania laevigata* Spreng  
Guajuvira - *Patagonula americana*  
Guamirim - *Myrcia multiflora*

I

Inambu – Ornate tinamou, Ave brasileira que se caracteriza pela ausência de cauda.  
Imbuia - *Ocotea porosa*

J

Jatobá - *Hymenaea courbaril*

L

Louro - *Cordia trichotoma*

M

Maragato – Denominação dado ao revolucionário ou Partido da Revolução Rio-grandense de 1893 / 1923  
Matambre – Carne que fica entre as costelas e o couro da rês Assado muito saboroso.  
Matungo – Cavalo velho, ruim, imprestável, defeituoso, lerdo.  
Melena – Cabelo, cabelo vasto, cabelo grande, cabeludo.

Minuano – Tribo indígena que habitava o sudoeste do R.G.do Sul; vento frio e seco que sopra do sudoeste, no inverno.

Malva - *Malva sylvestris* L

Manacá - *Tibouchina mutabilis*

Mangueira - *Mangifera indica* L

Marcela - *Achyrocline satureioides*.

## P

Paisano – Amigo, camarada,

Pealo – Ato de arremessar o laço prendendo as patas do animal que esta correndo e derrubá-lo.

Piá – Menino, guri, caboclinho.

Povoeiro – Denominação dada pelos camponeses aos habitantes de um povo, vila ou cidade.

Prenda – Jóia, relíquia, presente de valor. Em sentido figurado moça gaúcha.

Pilcha (s) – Adorno, jóia, dinheiro. Roupas, arreios, objeto de valor;

Pau Alazão - *Eugenia Multicostata*.

Pau Sabão - *Sapindus saponaria*.

Pinheiro - *Araucaria angustifolia*.

Poejo - *Mentha pulegium*.

Porongo – Cabaça - *Legenaria vulgaris*.

## Q

Querência – Lugar onde alguém nasceu se criou ou se acostumou a viver, e ao qual procura voltar quando dele afastado.

## R

Rancho – Choupana, casa pobre, choça a beira dos caminhos, para abrigo dos viajantes.

Rebordosa – Desordem, estrupício, alvoroço.

Relancina – Relance, repente, rapidez, fugazmente, velozmente.

Romãzeira – Romã - *Punica granatum*.

Rosilho – Cavalo com pelo avermelhado salpicado de fios de cor branca, produzindo um efeito de cor rosada.

## S

Sepé – Sepé-Tiaraju – Cacique guarani, morto em refrega que precedeu o massacre de Caiboaté – 7 de fevereiro de 1756, quando enfrentava portugueses e espanhóis em defesa de sua terra.

Soslaio – Esquela, obliquidade,

Sabugueiro - *Sambucus australis*.

Sucupira - *Pterodon pubescens*.

## T

Taura – Individuo valente, arrojado, destemido, guapo, disposto.  
Teatino – cavalo sem dono, pessoa que anda fora de sua terra, longe de sua querência, como animal sem dono.

Tianga – Mulher de vida fácil.

Tobiano – Cavalo cujo pêlo escuro apresenta grandes manchas em geral brancas.

Taquareira – Taquara - Bambusa Taquara.

Tarumã Preto - Vitex megapotamica.

## U

Umbú – Phytolaca dioica

Uvaia - Eugenia pyriformes

## P

Potro (a) – Cavalo ou égua, ainda novo ou não, ainda xucro.

Preá - Cavia aperea, pequenos roedores, vivem em bandos próximos as matas úmidas.

## V

Vincha – Fita ou lenço, atado sobre os cabelos ou no antebraço.

Veludinho - Guettarda uruguayensis.

## Z

Zaino - cavalo de pêlo castanho-escuro e uniforme, sem manchas..

Zorrilho - Conepatus chinga, mamífero de pequeno porte com habito noturno e se caracteriza por possuir uma glândula anal para defesa que exala odor fétido.

Fonte de Consulta – Dicionário de Regionalismo do Rio Grande do Sul (Zeno e Rui Cardoso Nunes), Google e o convívio com o linguajar do Sul.

Data : 07/09/2013

Título : BENZEDEIRAS

Categoria: Poesia

Descrição: Tem praga lá na roça? No gado alguma bicheira?

### BENZEDEIRAS

Tem praga lá na roça?  
No gado alguma bicheira?  
Cascavel ronda a palhoça?  
Tem fogo na capoeira?  
Uma ferida lhe coça?  
Procure uma benzedeira!

Quem em sua meninice  
Não padeceu com cobreiro,  
Hoje tudo é modernice,  
Tudo hoje é corriqueiro,  
Mas eu falo em peraltice,  
Quem foi piá teve cobreiro.

Tinha unha encravada,  
Mas era feliz e arteiro,  
Jogava bola na estrada,  
Era lobinho escoteiro,  
A perna sempre ralada,  
E era bom cavaleiro.

Andava de bicicleta,  
Banhava lá no açude,  
Colecionava borboleta,  
Jogava bola de gude,  
Brincava fazendo treta,  
Naquela doce inquietude

Na hora de banhar  
Perebas e machucados,  
Cuidado pra não magoar  
Aquele pobre coitado,  
A mãe chegava a beijar  
Aquele corpo judiado.

Deitava todo pregado,  
A pele era só grosseira,  
O dedão todo inchado,  
Amanhã é sexta-feira,  
Já tava tudo acertado:  
- Tu vais é na benzedeira!

Minha rezadeira era preta,  
Com a boca desdentada,  
Usava perfume violeta  
E um pito em fumarada,  
Troçava e fazia careta,  
Cantava e dava risada.

Do fogão vinha a cinza  
Espalhada em uma bandeja,  
Era então bem misturada,  
Com galinhos de carqueja:  
- Com este facão espada,  
Vou cortar tua brotoeja!

O pé marcava a cinza,  
Três vezes a ladainha,  
A cinza o facão cortava,  
Seis horas, de tardezinha,  
O pé na cinza afogava,  
Continuava a ladainha.

- O que eu corto?  
- Cobreiro brabo!  
- Corto a cabeça,  
- Corto o rabo!

- O que eu corto?  
- Cobreiro brabo!  
- Corto a cabeça,  
- Corto o rabo!

- O que eu corto?  
- Cobreiro brabo!  
- Corto a cabeça,  
- Corto o rabo!

Para alcançar a cura,  
Vinte e um dias esperar,  
Não ter no peito amargura,  
Três sextas-feiras voltar,  
Crença, paz e abertura,  
E na benzedeira confiar.

Toda benzedeira  
Tem a alma bondosa,  
Faz aquela rezadeira,  
Por amor, por ser piedosa,  
Não é uma feiticeira,  
Sua fé que é poderosa.

Agradeço às curandeiras  
Que em minha vida passaram,  
Com a clemência de freiras,  
Ser paciente me ensinaram.  
Onde estão minhas benzedeiros?  
Qual duendes, se afastaram!

Data : 16/11/2013

Título : UMBU e QUERO-QUERO

Categoria: Poesia

Descrição: Sai de manhã carreteando, Para vender melancias,

### UMBU e QUERO-QUERO

Saí de manhã carreteando,  
Para vender melancias,  
Vi as nuvens viajando,  
Do vento ouvi sinfonias,  
Os meus bois ia tocando,  
Fantasiando poesias.

Segui por um atalho,  
A junta em passo moroso  
Deixava marcas no orvalho,  
Naquele solo lodoso,  
Repicando ia o chocalho,  
No pescoço do Mimoso.

Cruzei cristalina sanga,  
No interior de uma mata,  
A junta ao peso da canga  
Beirava uma cascata,  
O ar cheirava à pitanga,  
Ouvi da água a cantata.

Era uma baita distância,  
A junta não tinha trégua,  
Era um bela pradaria,  
Alongando-se por uma légua,  
Para chegar ao meio-dia,  
Nos bois eu passava a régua.

O almoço eu desejava,  
Quando o sol tivesse a pino,  
Com o Queimado eu gritava,  
Para chegar ao meu destino,  
A barba de bode eu cortava,  
Com meu carroção peregrino.

O trieiro que eu sigo  
Cruza por uma mangueira,  
Foi casa de um velho amigo,  
Uma construção grosseira,  
Hoje um umbu1 é o abrigo,  
Numa sombra de primeira.

Ladeando aquela mangueira,  
Vejo o rancho abandonado,  
Cercados por capoeira,  
Com telhado arruinado  
Tem ao fundo uma figueira,  
E um galpão velho inclinado.

Da carroça fui apeando,  
Foi quando então percebi  
Um velho se aproximando,  
Eu quase que emudeci,  
Vinha um cavalo puxando,  
Minha mão lhe estendi.

Vinha do rumo da tapera  
Aquele estranha figura,  
Sua estampa era de cuera,  
Nos cabelos só brancura,  
Embora muitas primaveras,  
Forte era a criatura.

Sentamos pra matear,  
No tronco, bem recostados,  
Nos prendemos a conversar,  
Num papo longo, espalhado,  
Ele tinha muito a contar,  
Chiru velho, experimentado.

Preparei um revirado,

Atento ao approachedo,  
Chiripá de brim riscado,  
Lenço branco acinzentado,  
Chapéu empenachado,  
Garrão de potro o calçado.

Cavalo de rédea no chão,  
Aperos em prata adornados,  
Estribo pampa de botão,  
Em atilhos de couro trançado,  
Bainha, chaira e facão,  
Tirador macio - franjado.

Após tomarmos um trago,  
A conversa foi retomada,  
Abria os braços ao largo,  
Argumentava e dava gaitada,  
Pedi um fumo e o amargo,  
Dos arreios sacou uma espada.

- Esta espada de cabo lavrado  
É herança de meu velho pai,  
Ganhou-a quando foi agravado,  
Em peleias lá no Uruguai,  
Usei-a de coração lavado,  
Na Farroupilha e na do Paraguai.

Prosseguiu o bate-papo,  
Contando caso e aventura,  
Do tempo que era Farrapo,  
Tempo de grande amargura,  
Quando conviveu com guapos  
De histórica bravura.

Da tarde só tinha um fiapo,  
E as melancias a esperar,  
Perguntei então para o guapo,  
Aonde ele queria chegar,  
Pois afirmou ter sido Farrapo,  
E mais de século acabou de passar.

- Venho de um tempo avoengo,  
Hoje chego do lado de lá,  
Sempre fui um andarengo,  
Já enfrentei o Boitató,  
Cachaceiro e mulherengo,  
Tenho histórias pra conta!

Quando entrei naquela guerra,  
Era um chiru vaqueano,

Lutei neste chão, nesta terra,  
Mesmo tendo avô castelhano,  
Cruzo vales, coxilhas e serras,  
Pra mais de duzentos anos.

- E como chegaste até aqui?  
Responda, seja sincero!  
- Eu venho de perto... Dali!  
Olhou-me com ar severo,  
Onde canta o Bem-te-vi,  
Quem me chama é o quero-quero2.

Quando cruzaste a aguada  
Um quero-quero grasnou,  
Lá em minha morada,  
Este canto me acordou,  
Como o vento em rajada,  
Transformei-me, aqui estou.

Apareço... Ele chamou,  
Tenho por ele afago,  
Foi gaúcho que tombou,  
É sentinela do pago  
Que por liberdade lutou,  
É alma de um índio-vago.

Levantou, arrastando a espora:  
- Passe para me visitar!  
Desculpe minha demora,  
Nos campos vais me encontrar,  
Encontrar-me-á desde a aurora,  
Até o sol se apagar.

Saiu então campo afora,  
Chilenas firmes a riscar,  
Subiu a coxilha indo embora,  
Na ânsia de quem quer voar,  
Vi o voo nessa hora,  
E quero-queros a gritar.

Foi um momento tão raro,  
Chego a me arrepiar,  
Ver o andejo em pássaro  
Voando se transformar,  
Num jeito de desamparo,  
Piando, querendo falar.

Meus velhos bois ajoujados,  
Deixei o umbu, fui andar,  
Carretei, assim, assombrado,

Esperando o dia clarear,  
O inusitado me foi revelado,  
Só me resta pras almas rezar.

Quero-quero – *Vanellus Chilensis* (Molina 1782) - Ave símbolo do Rio Grande do Sul, “Sentinela do Rio Grande, Guardião dos Pampas”.

Umbu – *Pirennia Dioica* – Como o pinheiro e a figueira, é árvore símbolo do Rio Grande do Sul, conhecida também, dada a sua sombra, como árvore da hospitalidade.

Este poema inspira-se, também, em A Lenda do Quero-Quero, de Glaucus Saraiva [Às vezes, na noite escura, Como um grito de amargura, estridula seu cantar... É a alma de algum gaúcho, que, num último repuxo, se levantou pra pelear!].

Data : 12/12/2013

Título : AO BALANÇO DO ESTRIBO

Categoria: Poesia

Descrição: Campereando no Cerrado, Guardo o estilo gaúcho,

#### AO BALANÇO DO ESTRIBO

Campereando no cerrado,  
Guardo o estilo gaúcho,  
Montado em meu gateado,  
Que apelidei de cartucho,  
Ao rancho chego cansado,  
Mas aguento o repuxo.

Descanso arreio e apeiros,  
Numa forquilha de aroeira,  
O guaipeca chega ligeiro,  
E deita junto à cadeira,  
Do amargo sinto o cheiro,  
Chia a água na chaleira.

O estribo em loro de tento,  
Com sua cor prateada,  
Balança ao sabor do vento,  
Hipnotizando minha olhada,  
Cochilo e sonho em alento,  
Tenho minha vista pesada.

Neste sonho, nesta viagem,  
Vejo a pampa e o cerrado,  
Na retina tenho imagem  
Do calor em sol dourado,  
Da coxilha, da friagem,  
Num enredo embelezado.

Em minha terra natal,  
De tradição farroupilha,  
O vento ondula o trigal,  
Mesmo no frio o sol brilha,  
Majestoso é o pinheiral,  
No horizonte, na coxilha.

No tempo que fluem amores,  
Há hortênsias em Gramado,  
Do chão desabrocham cores,  
O branco, o roxo, o azulado,  
Fica um perfume de flores,  
O pago fica enfeitado.

Ouçõ no sonho as cantigas  
Entoadas nos galpões,  
Vejo aquelas danças antigas,  
As rancheiras e os vanerões,  
Dançam peões e raparigas,  
Ao som de gaitas e violões.

No carijo vi fumaça,  
Do churrasco senti o cheiro,  
No alambique a cachaça,  
Sinto o calor do braseiro,  
Degustei vinho na taça,  
Carne boa é de cordeiro!

Olho o estribo, agora lento,  
Que balança já aprumado,  
Mantém meu encantamento,  
Vejo o presente e o passado,  
Volto a viajar sonolento,  
Num clima agora abafado.

A terra que me acolheu  
É um jardim encantado,  
Aqui me sinto mais eu,  
Neste mundão do cerrado,  
Meu ser aqui se aqueceu,  
O sol já nasce encarnado.

Embora o sol em lampião,

A beleza aqui me intriga,  
Nas terras do Jalapão,  
Vejo as águas da Formiga,  
Vejo os fundos do Cantão,  
Onde bicharada se abriga.

Nas praias do Araguaia,  
Capivara, paca - jacaré,  
Miro pescas de azagaia,  
Pintado e tucunaré,  
Olho o voo da jandaia,  
E a desconfiada caboré.

Neste Tocantins amado,  
De veredas em Buriti,  
Vejo o capim-dourado,  
Buchada e chambari,  
Noites em luar prateado,  
Estrelas em cor rubi.

Retornei deste volteio,  
Saí do transe energizado,  
Foi bom este devaneio,  
Sinto-me reconfortado,  
Minhas terras, meus esteios,  
Me orgulho de meus Estados.

Data : 18/12/2013

Título : VELHO CISMADO - Rastros de um Sonhador

Categoria: Poesia

Descrição: Sou velho de muitas eras, Extraviado neste mundo,

VELHO CISMADO  
Rastros de um Sonhador

Sou velho de muitas eras,  
Extraviado neste mundo,  
Vivi sempre em primaveras,  
Feliz em meu vagamundo,  
Alegres são minhas quimeras,  
Em sonhos sempre profundos.

Fui o beijo da prostituta,  
Que não gosta de beijar,  
Fui a manhã de quem luta  
Para o almoço comprar,

O movimento da batuta  
Que fez a orquestra tocar.

Fui o lampião que clareou  
Um galpão de madrugada,  
Um pássaro que chilreou  
Na beira de uma estrada,  
Fui a maré que escoou,  
Levando livre a jangada.

Da onda fui a espuma,  
Fui a curva da coxilha,  
A delicadeza da bruma,  
No oceano uma ilha,  
Com a leveza da pluma,  
Escrevi o amor em cartilha.

Da poesia fui o verso,  
Da fome eu fui o pão,  
Da moeda fui reverso,  
E quebra lá no rincão,  
Fui estrela no universo,  
O suspiro da paixão.

Fui fagulha da fogueira,  
Fui o salgado do mar,  
A água da cachoeira,  
O fogo, a terra e o ar,  
Fui o tostão na carteira.  
Fui o desejo de amar.

Triste é me acostumar.

Cismo com tudo que fui...  
Cismo o que fui ao sonhar.

Data : 05/01/2014

Título : LENDAS

Categoria: Poesia

Descrição: Os netos jogavam carteados, A sombra da taquaireira,

LENDAS

Os netos jogavam carteados,  
À sombra da taquaireira,  
O sol vermelho dourado

Viajava atrás da amoreira,  
Eu que chequei cansado  
Na mão trazia a mateira.

Os netos me rodearam:  
- Vovô, venha aqui jogar!  
- Agora eu tô fatigado,  
O que eu quero é chimarrear!  
- Vovô, o jogo é acabado...  
Venha um causo nos contar.

- Que causos vocês querem?  
Deem-me uma sugestão!

- Para estes frouxos tremerem,  
Quero um de assombração!  
Quero ouvi-los então dizerem  
Que não temem a escuridão!

Bueno, bueno... chega de buia!  
Vamos ao causo, passe-me a cuia!

Mês de agosto, sexta-feira,  
Treze do mês era o dia,  
Ia eu numa carreira,  
Para buscar mercadoria,  
Amassava a capoeira,  
Minha égua Ventania.

A égua eu atropelava,  
Fugindo de um temporal,  
Na carreira ela pulava,  
Por cima do capinzal,  
Ao longe eu avistava  
A figura de um casal.

O tempo foi amainando,  
A lua cheia se acendeu,  
Do trovão fui me afastando,  
A natureza emudeceu,  
Ao casal fui me achegando,  
E a surpresa me bateu.

O homem vestido em preto,  
As mulas, negra e castanha,  
A mulher, sorriso secreto,  
Ao passito o acompanha,  
Os dois queriam ser discretos,  
Mas transpiravam artimanha.

Meu laço seguia de arrasto,  
Na cor prata – araçá,  
A argola fazendo rasto,  
Para espantar o Boitatá1,  
Que habita naquele vasto,  
Assim como o Anhangá2.

Ceguei tarde ao bodegão,  
Proprietário meu compadre,  
Pedi canha e um chimarrão  
E um carreteiro pra comadre,  
Sob a luz de um lampião,  
Ao fundo sentava um padre.

Ao assobio do vento frio,  
O casal foi se achegando,  
Senti na nuca um arrepio,  
Ouvi um cão esganiçando,  
Um gato bufou longo mio,  
Arrepiou-se e saiu pulando.

Sentaram em pequena mesa,  
Chamaram logo a comadre,  
Pediram carne e sobremesa,  
Cumprimentaram o compadre,  
A mulher fingiu surpresa,  
Vendo ao fundo o jovem padre.

Lembro como se fosse agora  
Aqueles momentos de tensão  
Rodei no chão minha espora,  
Risquei o assoalho do bodegão,  
O padre olhava para a senhora,  
Que correspondia com paixão.

Olhares a se cruzar,  
Num namoro velho – antigo,  
Passei o homem a observar,  
Sentindo no ar o perigo,  
Com o compadre fui cochichar,  
- Isso tá me cheirando a jazigo!

O compadre batia um ovo,  
Mexendo com duas colheres:  
- Este peão tem jeito de corvo!  
Falou levantando os talhares:  
- Este homem é filho mais novo,  
Vem depois de sete mulheres.

Cerveja ele ia tomando,

Calado com jeito de mudo,  
O palheiro continuava fumando,  
Com trejeito bem carrancudo,  
Com cuidado eu fui lhe espiando,  
Tinha mãos e pescoço peludos.

A noite deslanchou,  
E foi passando a hora,  
O padre então desconfiou,  
Levantou, piscou, foi embora,  
A coruja que no arvoredado chilreou,  
Arrepiando bodegueiro e senhora.

O vento continuava a rugir,  
O sino às doze badalou,  
O homem se erriçou a ganir,  
Porta afora ele se mandou,  
Na encruzilhada começou a latir,  
Em Lobisomem<sup>3</sup> se transformou.

A mulher o acompanhou,  
Quem namora padre, não esqueça,  
Na encruzilhada se transformou,  
Numa Mula-sem-cabeça<sup>4</sup>,  
Muito fogo vomitou,  
Naquela noite espessa.

- Para onde eles foram, vovô?  
- Fugiram com grande destreza  
Pros fundos deste platô,  
Há quem diga com certeza,  
Ela mora nos campos do avô,  
Ele vive pela redondeza.

- Vovô e o Boitatá?  
- Onde está o Anhangá?  
- Andam pela natureza,  
Moram num jacarandá,  
Preservam nossas belezas,  
Fazendo seu bafafá...

A netinha, linda, sorria,  
Abraçou-me entusiasmada,  
Falando com euforia:  
- Amanhã nos conta de fada,  
Meu coração na alegria  
Ficou leve dando risada.

1 - Boitatá – significa, em tupi-guarani, cobra de fogo - Fenômeno do fogo-fátuo. O Boitatá, segundo as lendas, é uma cobra de fogo que protege campos e florestas contra as queimadas.

2 - Anhangá - nome dado pelos índios aos espíritos que vagam pela terra após a morte. Pode assumir qualquer forma, porém a mais famosa é a de um veado de olhos de fogo e com uma cruz na testa.

Segundo algumas lendas, é o protetor da caça, protegendo os animais contra caçadores.

3 – Mula-sem-cabeça - criatura folclórica brasileira, seria a forma que toma a amante de um sacerdote.

4 - Lobisomem - personagem do folclore brasileiro. Monstro que mistura as formas humana e de lobo.

.

.

Data : 25/01/2014

Título : A MORTE DO ANTÃO

Categoria: Poesia

Descrição: À tarde seguia quente, Quando chegou o João,

## A MORTE DO ANTÃO

A tarde seguia quente,  
Quando chegou o João,  
Dando um susto na gente,  
Avisando a morte do Antão.  
Morreu assim de repente,  
Pescando no lagoão.

Arreiei então minha égua,  
Botei as tralhas na aranha, \*  
Segui o carreiro sem trégua  
E me entranhei na campanha.  
Cheguei após meia légua,  
Levei erva, pinhão e uma canha.

Fui chegando meio sem graça,  
A comadre chorava ao portão:  
- Compadre veja que desgraça

E o que me aprontou o Antão,  
Morreu cheio de cachaça,  
Farreando lá no lagoão.

- A canha passa, compadre!  
Você sabe como é!  
E eu com cara de padre,  
Já querendo de ali dar no pé,  
Quando confessou a comadre:  
- Tinha chinas lá do cabaré.

Era china saindo e entrando  
Da velha barraca do Antão,  
Pescando, bebendo - fumando,  
Farra grossa e descaração.  
Vi até calcinhas secando,  
Nos arbustos lá do lagoão.

Os campeiros iam chegando,  
Das esporas soava o tinido,  
Todos iam se ajeitando,  
No rancho de chão batido,  
A viúva se lamentando,  
Dos cachorros eu ouvia o latido.

Os amigos choramingavam,  
O tempo esfriou e chorou,  
A cachaça eles talagavam,  
A danada esquentou e alegrou,  
Ao morto saudaram e gabaram,  
Teve até chiru que rezou.

A noite foi ficando gelada,  
E o morto queria oração,  
Chamaram então dona Ada,  
Que rezou, fez até uma canção,  
A indiada foi lá pra calçada,  
Tomar canha e comer meu pinhão.

Fim de reza, e o tempo passando,  
O velório foi ficando animado,  
Num canto um pinguço cantando,  
E o Antão no centro deitado,

Na cozinha um grupo carteando  
E um pandeiro já sendo tocado.

Ao pandeiro juntou-se um violão,  
Num cantinho um casal namorando,  
Uma gaita se abriu no portão,  
E já tinha dois pares dançando,  
No bochincho eu olhei pro Antão,  
Que parecia sorrir para o bando.

O sol nasceu em aquarela,  
Motivada pela cerração,  
A viúva acendia umas velas,  
Na beirada do tosco caixão,  
E cochichava dela pra ela  
O que servir ao povão.

Numa mesa escura sebenta,  
Feita de pinho em tabuão,  
Serviu café, ovo - polenta,  
Para os amigos de sua paixão,  
Fungando, solita, lamenta,  
Triste! Triste é a separação.

Quando pregavam o caixão,  
Com pregos enferrujados,  
Arrancados lá do chiqueirão,  
Eu fiquei triste, agoniado,  
Pois vi meu compadre Antão  
Com cara de peão emburrado.

O caixão foi ajeitado  
Em cima de um carretão,  
Os bois foram ajoujados,  
Boi Mimoso e boi Azulão,  
O Tonho foi encarregado  
De acarretar o amigo Antão.

O trieiro era esburacado,  
E o carroção não tava inteiro,  
Tinha um eixo danificado,  
De longe eu vi o desespero,  
Quebrou-se o apoio avariado,  
Bem em frente ao velho puteiro.

A velha carreta emborcou,  
Derrubando o tosco caixão,  
A tampa prum lado voou,  
Vieram chinas de camisolão,  
A viúva aos prantos chorou,  
Vi sorriso no rosto do Antão.

Após desgosto e pranto,  
O cortejo calado seguiu,  
O Tonho, arrepiado de espanto,  
Para a junta clamou e pediu:  
- Vamos até o Campo-Santo,  
O defunto me olhou e sorriu.

Ao baixarem o rude caixão,  
Em humilde formalidade,  
Apareceu anônima inscrição,  
Num papelão, é verdade,  
Aqui jaz Antão da Paixão,  
Muito contra a sua vontade.

Este poema foi inspirado em ideia  
do escritor e poeta Miguel Guggiana

Data : 07/02/2014

Título : Banco

Categoria: Poesia

Descrição: Esta noite em devaneio, Um sonho para ser franco,

Esta noite em devaneio,  
Um sonho para ser franco,  
Fazia eu um passeio,  
Vestido todo de branco,  
Do povo eu fiquei no meio,  
Sentado em um velho banco.

O banco era sombreado,  
Por gigante gameleira,  
Em azul velho pintado,

De Guajuvira a madeira,  
Tinha desenho estriado,  
A construção era arteira.

Ao redor daquele assento  
Tinha um jardim bem florido  
Descansava ali sonolento:  
O Juiz, o Padre e o bandido;  
O idoso trêmulo e lento,  
A mãe, os filhos e o marido.

Nos galhos em algazarra  
Num ajuntamento de ninhos  
Propiciando grande farra,  
Cantavam os passarinhos,  
Cantava também cigarra  
Em mágico som de guitarra.

Nas pilchas, um gaúchão,  
Com a prenda se abancava,  
Pegava o fumo, amarelão,  
E devagarito picava,  
Servia um chimarrão,  
Contava histórias e fumava.

Nesta sombra saborosa,  
Via-se a vida passar,  
Passava a criança viçosa,  
Já apreendendo a falar  
Passava à senhora idosa,  
Que ia à igreja rezar.

Passava o moço aprumado,  
O ricaço, o preto e o branco,  
Um casal, idoso enlaçado,  
Mãos dadas, sorriso franco,  
Passava o trabalhador suado,  
E o mendigo, velho e manco.

Foi um sonho iluminado,  
Não sei se estava dormindo,  
Não sei se estava acordado,  
Achegou-se um luar lindo,  
A jovem beija o namorado,  
E o povo... Indo e vindo.

Data : 07/02/2014

Título : Velho

Categoria: Poesia

Descrição: Velho Quando nasci lá no Pago, Naquele ambiente rural,

Quando nasci lá no Pago,  
Naquele ambiente rural,  
Se meu futuro era vago  
A alegria era geral,  
Pra combater a geada  
Que arrebatava o chão,  
Uma talagada, um trago,  
Na chapa quente, pinhão.

Rosto vincado, enrugado,  
Com jeitinho vacilante  
Só carinho, apaixonado,  
Amor puro – rutilante,  
Logo fui consagrado,  
Tornei-me um navegante,  
O tempo... Compassado,  
Envelhece meu semblante.

No embalo de andar  
Como folha revoada,  
Eu me deixei levar  
Iniciei a caminhada,  
Rio abaixo a navegar,  
E o vento a sussurrar  
Vá simples nesta jangada!  
É teu tempo de brincar!

O tempo foi passando  
O rio virou turbilhão,  
Adolescência chegando  
Hormônios em profusão,  
Eu queria envelhecer  
Para os adultos, imitar,  
Prendendo, prendas no olhar,  
E na bailanta dançar.

Na correnteza do rio  
Eu completei o meu viço  
Logo eu tava casado,  
Filhos, netos, compromisso,  
Agora eu tava mudado,  
Comecei até a orar  
Eu que queira ser velho,  
Passei a idade negar.

Sou folha velha - puída,  
A água se acalmou,  
Mudei a visão da vida  
Meu ser se pacificou  
Navego em lago sereno,  
Pra mocidade eu aceno  
Sou velho, sigo na lida,  
Sou velho, sinto-me pleno.

Nas noites de primavera  
Sob céu todo estrelado,  
Rumino a velha experiência  
Remôo o meu passado,  
Cultivo a convivência  
Exercito esta atitude  
Desprezo à impaciência  
Mas sonho com a juventude.

A cada amanhecer  
Imponho minha rebeldia,  
Nas manhãs para espairecer  
Frequento academia,  
Não posso ficar parado  
Aceitando o envelhecer,  
O meu corpo é bem cuidado  
Meu cérebro bem azeitado.

Um velho independente  
Preserva a liberdade,  
Curte muito a família  
E os laços de amizade,  
Lê tudo, não é uma ilha,  
É moderno sem problema  
Persegue a felicidade,  
Adora praia e cinema.

Não tenhamos ansiedade,  
Quem sabe tem o poder,  
Aceitamos a idade  
Em cada alvorecer,  
Com paz - fraternidade  
Não temos o que temer,  
Fé, ternura e humildade,  
E a magia de viver.

A poesia! Encerrou,  
Leve e clara como a espuma  
O Rui de Mello me inspirou,  
Vão meus respeitos a UMA\*,

Inspiradora de velhos,  
Tirando-os da bruma,  
Em idosos diferenciados,  
Ativos e iluminados.

\* UMA – Universidade da Maturidade  
UFT - Palmas -TO

Data : 10/02/2014

Título : Fumaça

Categoria: Poesia

Descrição: Eu que tô bem distante, Ouço pela ventania,

Eu que tô bem distante,  
Ouço pela ventania,  
As notícias são vibrantes,  
Vem do Parque da Harmonia.

Como não posso lá estar,  
Minha fantasia é fina,  
Fico de longe a sonhar,  
Com imagens na retina.

Começa com cavalgada,  
Festa grande eu lembro,  
A gauchada entreverada,  
Salve o Vinte de Setembro.

Lá onde foi minha casa,  
A pilcha agora é moda,  
Carne buena na brasa,  
E canha cruzando a roda.

Na trempe, cambona velha,  
Aquece a água pro mate,  
Descansa sobre pelegos,  
Prenda de lábios escarlate.

Sobre o curtido balcão,  
Rude e colorida gamela,  
Bala, rapadura e chupão,  
E um feixe de marcela.

Juntinho, ali na capela,  
Cavaram grande trincheira,

Assam picanha e costela,  
Na velha moda campeira.

Na parede rude de pinho,  
Retratos de alguns senhores,  
Tramadas sobre o caminho,  
As bandeiras tricolores.

Junto a flores num terraço,  
Dois bigodudos a trovar,  
O leguêiro no compasso,  
E a oito baixos a roncar.

Um deles junto aos jardins  
Violão clássico a dedilhar,  
Pra você lá do Tocantins,  
Versos eu vou dedicar.

- Guri que foi lá pro norte,  
Chegou a hora de voltar,  
Te acheque cheio de sorte,  
Venha à saudade matar,  
Venha comer carne gorda,  
Tomar pinga e matear.

Quem de fora tá olhando  
E não tem a vida arteira  
Fica com cara emburrada  
Reclama da fumaceira.

O nevoeiro em fumaça  
Da lenha de cambuatã  
Vai ao céu cheio de graça  
Homenageando Tupã.

Data : 10/02/2014

Título : Profanada

Categoria: Poesia

Descrição: Quando o céu chorava Virava uma sanga forte,

Quando o céu chorava  
Virava uma sanga forte,  
Quando a chuva minguava,  
Secava quase a morte,  
Em curvas se alongava  
Do poente para o norte.

Corria naquele mundo,  
Banhando a piaçada,  
Desaguava no Passo Fundo  
Alagando a baixada,  
Formando poço profundo,  
Traíçoira, aquela aguada.

Nas margens daquele regato  
Aves, flores, capoeiras,  
Chorão entremeava o mato  
Sombreando a lavadeira,  
Na roupa dando um trato  
Cantando moda campeira.

Ao pé daqueles chorões,  
Já desde a madrugada,  
Em seus fortes mourões  
Cantava a passarada,  
Na ramagem, nos pendões,  
Eram bandos em revoava.

Tempo de recordação:  
Chimarrão, prosa, leitura,  
Tudo era inspiração,  
Cultivava-se a cultura,  
Por conta da imaginação,  
Contos, poesias, pinturas.

A tarde seguia andando,  
Voa livre o colibri,  
Aparece alguém pescando,  
Cascudo, sardela, lambari,  
João de Barro, saltitando,  
Lembranças, eu vou parti.

Parto com a lembrança,  
De água clara e mansa,  
Do chorão de longa trança,  
Da sanga de minha infância,  
Que já não estão mais ali,  
São paisagens que perdi.

O rio de som cascadeado,  
O pássaro verde dourado,  
O Peixe sendo sungado,  
Lavadeira no tabuado,  
O canto sendo cantado,  
Já não estão mais ali.

Naquele triste cenário  
Que teve água encantada  
Onde trilava o canário  
É só história passada,  
A sanga, poluída e profanada,  
Morreu - foi canalizada.

Data : 10/02/2014

Título : Talismã

Categoria: Poesia

Descrição: A estrada sobe o morro, E tem a margem florida,

A estrada sobe o morro,  
E tem a margem florida,  
Segue-me um cachorro,  
E a mulher de minha vida.

O pássaro busca o ninho,  
O morcego busca a flor,  
Eu busco o carinho,  
Nos olhos de meu amor.

Sopra brisa em lufada,  
Querendo ser ventania,  
Sobe lua ensanguentada,  
É à noite engolindo o dia.

Morre o sol em agonia,  
Poente vermelho malva,  
Surgem as três Marias,  
Repontando a estrela D'alva.

Cai Estrela em revoada,  
Rasgando a noite num talho,  
Os olhos verdes da amada,  
São gotas de puro orvalho.

Os raios daquela estrela,  
Instigou-me a meditar,  
Extasiei no brilho dela,  
Passei a vida festejar.

Iluminei meu olhar,  
Com um sorriso nos lábios,  
Senti-me livre para andar,  
Imitando quem é sábio.

Depois de muito matutar,  
Não temo qualquer pecado,  
Para o meu amor provar,  
Te ofereço um belo agrado.

Na emoção desta hora,  
Faço a entrega amanhã,  
Antecedendo a aurora,  
Verás precioso talismã.

Uma estrela com fulgor,  
Bela, clara, efervescente,  
Minha bela, meu amor,  
Dou-te ela de presente.

Data : 10/02/2014

Título : Paz

Categoria: Poesia

Descrição: Dezembro, mês natalino, De noites iluminadas,

Dezembro, mês natalino,  
De noites iluminadas,  
Anda o povo peregrino  
Pelas ruas e estradas,  
Clamam graças ao Senhor  
E das mãos do Pequenino,  
Paz, felicidade e amor.

Paz, palavra encantada,  
De busca obstinada,  
Que faz a fé aflorar,  
Velas carregam na palma,  
Passam dias a rezar,  
Encontramo-la na calma,  
E a reconhecemos no olhar

É mão firme apertada,  
Abraço forte em doação,  
É o sorriso franco da amada,  
É amizade é perdão,  
É sombra a beira da estrada,  
É água que flui perfumada  
Da aura e do coração.

A paz é representada

Pelo branco da bandeira  
Pelo galho da oliveira,  
Por expressões bem maneiras,  
Por gestos e em cochichos  
“Que a paz esteja contigo”  
“Paz e amor, bicho”.

É alva como a neve,  
Exigente em confiança  
É leve como um ninho  
Mas gosta de segurança  
Voa como um passarinho  
Na leveza do carinho  
No sorriso da criança.

A paz é irmã do amor  
Límpida, alegre e serena,  
Vem das mãos do Criador,  
Com ela a existência é plena  
Tem a pureza da flor  
Da madrugada o frescor,  
Na candura da açucena.

Data : 12/02/2014  
Título : VOAR  
Categoria: Poesia  
Descrição: Lembro-te a toda hora, Inverno, outono, verão,

## VOAR

Lembro-te a toda hora,  
Inverno, outono, verão,  
Setembro em primavera,  
Tudo cruza em minha visão,  
A melancolia aflora,  
Minh'alma, meu coração.

Estou na praia sentado,  
Do vento ouço o roçar,  
Meu peito apaixonado  
Só pensa em te amar,  
Luar nasce ensanguentado,  
Estrelas queimam no mar.

Escrevo teu nome na areia,  
Que ondas querem apagar,

Penso em você, minha sereia,  
Pra teu lado eu quero rolar,  
A saudade é uma cadeia,  
Só faço em ti pensar.

Quero de volta a magia,  
Queria contigo estar,  
Ter toda a tua alegria,  
E tua boca beijar,  
Naquela louca energia  
Que faz meu corpo arrepiar.

A brisa dobra a flor,  
Eu corro, quero viajar,  
A vida é sonho de amor,  
Em sonhos quero voar,  
Voar para o teu calor,  
Pras luzes de teu olhar.

Data : 14/02/2014  
Título : MAT(E)ANDO SAUDADES  
Categoria: Poesia  
Descrição: Mateio só, No alvorecer, na aurora,

## MAT(E)ANDO SAUDADES

Mateio só,  
No alvorecer, na aurora,  
Mateio ainda só,  
Quando a luz vai embora.

Vejo ao nascer do sol,  
Estrelinhas morrendo,  
Mateio à noitinha no arrebol,  
Quando estrelas vão nascendo.

Mateio com os passarinhos,  
Que cantam e deixam o ninho,  
Mateio à tarde ainda sozinho,  
Pensando em teus carinhos.

Mateio quando se abrem as flores,

Mateio quando canta o galo,  
Mateio sonhando com amores,  
Amores dos quais sou vassalo.

Mateio desassossegado,  
Pois meu amor foi embora,  
Estou só, desorientado,  
Só o amargo me consola.

Mateio em silêncio,  
Lembrando-me de teu olhar,  
Este lembrar é um suplício,  
Pois continuo a te amar.

Quando a saudade insiste,  
O chimarrão me consola,  
Tenho o coração sempre triste  
Preso em pequena gaiola.

Esta doentia devoção  
Cerra minha sobancelha,  
Para abrandar meu coração,  
Chá de losna e arruda na orelha.

Data : 14/03/2014

Título : TEMPOS DE INVERNIA

Categoria: Poesia

Descrição: Dias de ventania, Garoa, geada, cerração...

#### TEMPOS DE INVERNIA

Ontem - Dias de ventania,  
Garoa, geada, cerração...  
Tempos de invernia,  
Pipoca, café, chimarrão,  
Harmonia e alegria,  
Em torno do velho fogão.

O fogão aquecia a casa,  
Alegrando a prenda e o guapo,  
Vomitava aos pés muita brasa,

Embalando com vinho bom papo,  
Em vasilha prateada e rasa,  
Guloseimas sobre um guardanapo.

A cozinha dominava o ambiente,  
De tudo ali acontecia,  
Naquele local envolvente,  
O gato num canto dormia,  
O papagaio palreava estridente,  
Lá fora o vento tremia.

À noite tinha serão,  
Ponche, bichará – chapéu,  
As mulheres traziam pinhão,  
E meninos o seu escarcéu,  
Namorados cochichavam então,  
Prometendo um pedaço de céu.

Causos e lendas se entreveravam,  
Poemas, anedotas, animação,  
As notícias se retemperavam,  
Radionovelas motivavam a ilusão,  
Velinhos nos cantos murmuravam,  
Numa reza com terço na mão.

A alegria se fazia presente,  
Quando ouvíamos o som de violão,  
O ambiente ficava mais quente,  
Com licor, chocolate e quentão,  
As moças cantavam pra gente,  
Sob sombras de antigo lampião.

Hoje - Jovens desestruturados,  
Sem família, sem educação,  
Doentes desesperados,  
Sem saúde, sem internação,  
Empobrecidos abandonados,  
Por políticos, por corrupção.

Saudoso e desorientado,  
Confesso minha desilusão,  
Vou pra casa desacorçoado,  
Com marcas em meu coração,  
Em meu rancho, ar-condicionado,  
Sofá velho e uma televisão.

Data : 26/04/2014

Título : A DESGRAÇA DO TONICO - Nos Campos de Soledade  
Categoria: Poesia  
Descrição: O galpão era em pinho, Já velho acinzentado,

A DESGRAÇA DO TONICO  
(Nos campos de Soledade)

O galpão era em pinho,  
Já velho acinzentado,  
No fundo tinha um quartinho,  
Um lugarzinho ajeitado,  
Vovô tinha ali seu ninho  
E poetava inspirado.

No interior de uma gaveta,  
Marcada por um emblema,  
Achei pequena maleta,  
Onde encontrei um poema,  
O envelope era violeta,  
Com cheiro de alfazema.

O poema que eu relato  
É um fato cristalino,  
Vovô traçou um retrato  
Deste cuera teatino,  
Eu fiquei estupefato,  
Foi danado este menino.

Este fato aconteceu  
Nos campos de Soledade,  
Tonico era o seu nome,  
Tava em plena mocidade,  
Um barbeiro de renome,  
No interior e na cidade.

Gostava de bom cavalo  
E da vida libertina,  
Canha, tava, rinha de galo  
E visita pras “meninas”,  
Chegava tirando o talo,  
Dançando com qualquer china.

O Tonico solto andava,  
Não sabia sossegar,  
Se duas barbas cortava,  
Já o dinheiro ia gastar,  
Com as “gurias” transava,  
Ou bocha ia jogar.

Num domingo, dia ocioso,  
Montado em seu alazão,  
De apelido Garboso,  
Manso de rédea no chão,  
Era por isso famoso,  
Em todo aquele rincão.

Na bodega do Chiquinho,  
Lá se paga e não se afrouxa,  
Ele desafiou o Chumbinho  
Para um jogo de bocha,  
Regado com muito vinho,  
Jogo de mano - arrocha.

Perdeu uma após a outra  
E o garrafão foi secando,  
Foi ficando envaretado  
Com quem ficava peruando,  
Já estava embaletado,  
Quando a tarde foi chegando.

Perdeu todo o dinheiro  
E continuou apostando,  
O Chumbinho, mui faceiro,  
A roupa foi empilhando,  
Num lance muito certo,  
Até as botas foi tirando.

O homem fica enfrascado,  
Quando a frente lhe estala,  
O Tônico tava pelado,  
Só lhe restava o pala,  
Um carpim todo embarrado  
Que parecia uma tala.

Não quis jogar o cavalo,  
Por tchucu e por vergonhoso,  
Enrolou-se no pala ralo  
E foi atrás do Garboso,  
Trôpego e no embalo,  
Encontrou o pingo brioso.

Tava ele num corredor,  
Elegante qual maestro,  
O carpim do jogador  
Protegia o pé destro,  
Este pé, o perdedor,  
Apoiou no estribo sestro.

Como tava engolesmado,

Fez-se toda a confusão,  
Boleou o pé esquerdo  
E montou na contramão,  
No pala todo enrolado,  
Via o rabo do alazão.

Batia o queixo, entanguido,  
E o alazão fez a jornada,  
O vinho o mantinha erguido,  
Pra delícia da piazada,  
Foi no trecho perseguido,  
E o povo dando risada.

O pingo era obediente  
E conhecia o carreiro,  
Seguiu então novamente,  
Como quem conhece o cheiro,  
E foi parar reverente,  
Lá na porta do puteiro.

Abrigaram o retaco,  
Sorria-lhe agora a sorte,  
Cheirou sal de amoníaco  
E lhe deram café forte,  
O Tónico estava fraco,  
Gelado quase à morte.

Acordou ressaqueado,  
Junto a uma china fogosa,  
Sentiu-se um desgraçado,  
Vestindo calcinha rosa,  
De batom tava pintado,  
Trajando canga cheirosa.

Malquerença é mosca no mel,  
É como praga de madrinha,  
Juravam que o Nico, no bordel,  
De galo passou a galinha,  
Desfilando prum coronel  
De pantufa e de calcinha.

A vergonha, meu irmão,  
Foi a maior deste mundo,  
Em grande desilusão,  
Em desespero profundo,  
Sumiu com seu alazão  
Pras bandas de Passo Fundo.

Este poema foi inspirado em idéia

do poeta e escritor Miguel Guggiana

Data : 23/05/2014

Título : A DESGRAÇA DO TONICO II - Nos fundos do Boqueirão.

Categoria: Poesia

Descrição: Afirmam... Que cachorro ovelheiro, Só matando. Daí...

A DESGRAÇA DO TONICO II  
(Nos fundos do Boqueirão)

Afirmam...

Que cachorro ovelheiro,

Só matando.

Daí...

Vovô poetou uma parte,  
A segunda parte é comigo,  
Vovô escreveu com arte,  
Com arte também eu sigo,  
Vovô era um baluarte,  
Eu apenas lhe persigo.

Depois de muita maldade  
E de tanta confusão,  
Perdeu toda a amizade,  
Sofreu até agressão,  
Tonico deixou Soledade,  
Montado em seu Alazão.

Fugiu para Passo Fundo,  
No meio da escuridão,  
Um Tonico bastante arisco,  
Chegando à depressão,  
Entrou levantando cisco  
Nos fundos do Boqueirão.

A barba deixou crescer,  
Mudando sua identidade,  
Barbeiro voltou a ser,  
Bem no centro da cidade,  
Queria amadurecer  
E manter a sobriedade.

Mas cachorro ovelheiro...  
Você sabe, só matando,  
Busca mulher pelo cheiro,

Seja de graça ou pagando,  
E o Tônico, mui ligeiro,  
Aos cabarés foi se achegando.

Numa sexta-feira, vaidoso,  
Pilcha nova foi botando,  
Encilhou o pingo Garboso  
E saiu se refestelando,  
Suspirou todo amoroso,  
Prum cabaré foi troteando.

Ao chegar à luz encarnada,  
Ouviu o som de pandeiro,  
A entrada estava cerrada,  
Mas alegre estava o pardieiro,  
Ao espancar a porta fechada,  
De fêmeas sentiu o cheiro.

- O recinto está fechado,  
Quem manda é autoridade,  
Aqui só entra fardado,  
Segure tua ansiedade,  
Seja um moço educado  
E preserve tua mocidade.

- Menina de olhos de mel,  
Quem é esta autoridade?  
- É o Coronel Manoel,  
Que chegou de Soledade!  
Ficou branco qual papel,  
Tremeu como um covarde.

À mente lhe veio a visão,  
Da pantufa e da calcinha,  
Dum vago som de violão,  
Canto, riso e ladainha,  
Um longo rinchar do alazão  
E aquela cama fofinha.

Montou no bravo corcel,  
Na noite enluarada,  
Saiu num baita tropel,  
Empoeirando a estrada,  
No randevu o coronel,  
Dançava e dava risada.

Com desconfiança eu fico,  
Não posso passar por cego,  
Queria calar o bico,  
Pois maledicência eu não rego,

Mas temo que o Tónico,  
Foi tábua que aceitou prego.

Data : 20/06/2014  
Título : PETIÇÃO  
Categoria: Poesia  
Descrição: Quando versos eu pealo, Quando palavras eu atijo,

### PETIÇÃO

Quando versos eu pealo,  
Quando palavras eu atijo,  
Me alembro de um cavalo,  
Em verdade de um petiço.

Este potro afamado,  
Vi-o na beira de uma mata,  
Local fresco e sombreado,  
Ao pé de bela cascata.

Os netos tomavam banho,  
Em algazarra e festa,  
Vimos o petiço castanho,  
Com uma estrela na testa.

Alvoroço, torvelinho,  
A criançada a pular:  
- Vovô, compre o cavalinho,  
Nós queremos cavalgar.

Se seu porte era pequeno,  
Tinha um andar elegante,  
Temperamento sereno,  
Pelagem lisa, brilhante.

Rapei a minha guaiaca,  
Atendendo ao clamor,  
Foi dinheiro de uma vaca,  
Mas fiz tudo por amor.

Comprei aperos ornados,  
De couro fino trançado,

Um peitoral prateado  
E pelego avermelhado.

Nas férias, longa jornada,  
Grande era o rebuliço,  
Divertia-se a piizada  
Montada no seu petiço.

Troteavam tirando o talo,  
Levantando o poeirão,  
Espantavam até o galo  
E os porcos do chiqueirão.

Tangiam vacas tambeiras,  
Junto ia a guaiepada,  
Sentavam na capoeira  
Cantando e dando risada.

Faziam grande carreira,  
Pescavam no alagadiço,  
Brincavam naquela beira,  
Banhavam ali o petiço.

Ele conhecia o pago,  
Era um cavalo vaqueano,  
Apelidou-lhe um índio vago  
De pequeno Pé de Pano.

Os netos foram embora,  
Todos viraram doutor,  
O petiço não chorou,  
Mas eu senti sua dor.

O pequeno Pé de Pano  
Deixou-me reminiscências  
De um cavalinho paisano  
E dos netos na querência.

Data : 20/07/2014

Título : MÁQUINA DE COSTURA

Categoria: Poesia

Descrição: Minha alegria hoje é pura, Porque recebi em legado Antiga máquina de costura

MÁQUINA DE COSTURA.

Minha alegria hoje é pura,  
Porque recebi em legado  
Antiga máquina de costura,  
Foi pra mim um agrado,  
Pois sua elegância em negrura  
Deixou-me emocionado.

Herança do século passado,  
Esta pérola antiga  
Vó bisa ganhou no noivado,  
De uma querida amiga,  
Com seu brilho floreado,  
Tem o som de uma cantiga.

Tangida por manivela,  
Pequena, cheia de encanto,  
A sua presença singela  
Valoriza qualquer recanto,  
Tua história, rara e bela,  
A todos causa espanto.

Pus-me então a recordar  
Desta máquina de costura,  
Senti minha alma transbordar,  
Senti na boca uma secura,  
A saudade a me transportar  
Pra momentos de doçura.

Lembro-me da casa amarela,  
Com janelas cor carmim,  
Do jardim em aquarela,  
Do perfume do jasmim,  
De mãos girando a manivela,  
Cascadeando o som pra mim.

O som, de forma maneira,  
Chegava lá da oficina,  
Alfaiates – costureiras,  
Seguindo a sua sina,  
Cosiam bombacha campeira,  
Faziam roupas pras chinas.

Máquinas de pedal,  
Só uma de manivela,  
Por ser esta manual,  
Meu olho se prendia nela,  
Uma arte sem igual  
Que eu espiava da janela.

No alto de meus oito anos,

Eu ficava a meditar,  
Como uma coisa tão pequena  
Podia o pano transformar,  
Criando uma nova cena,  
E vestes a desabrochar.

Data : 28/08/2014

Título : CAMBICHO

Categoria: Poesia

Descrição: Despedia-se a lua prateada, O sol se abria em bom dia,

### CAMBICHO

Despedia-se a lua prateada,  
O sol se abria em bom dia,  
No lusco-fusco da estrada,  
Montando a égua Alegria,  
Que troteava cadenciada,  
Janguta, tristonho, sofria.

O índio era um taita,  
Mas tava, como se diz,  
Cortado de alça de gaita,  
Cansado, borracho - infeliz,  
Fantasiando com a sirigaita,  
Pensando na meretriz.

Folhas com gotas de orvalho  
Choravam tal qual carpideira,  
Sentia-se um velho paspalho,  
Aos pés de uma gameleira,  
O seu coração tinha um talho,  
Cicatrizes de chinoca traiçoeira.

Viajou... Com o pensamento,  
Pro bordel da Setembrina,  
Quando chegou lá, sedento,  
E viu a bela Marcina,  
A paixão chegou com alento,  
Coragem, só com cangebrina.

Dura foi a decisão,  
Na casa da proxeneta,  
Sendo ele um sessentão  
E ela uma borboleta,  
Temia, que por aquela união,  
O vissem como boi corneta.

Prometeu para a guria  
O céu a terra e o mar,  
Resgatá-la das noites de orgia  
E um rancho lhe ofertar,  
Felicidade, amor e magia,  
E um dia levá-la ao altar.

Deu uns pilas pra Setembrina,  
E a guria ele foi carregando,  
Andarilho em busca da sina,  
Para o rancho seguiu troteando,  
Cortando a friagem e a neblina,  
Na estrada feliz e cantando.

Inverno de amores calientes,  
Do anoitecer ao raiar do dia,  
Atulhou-a de presentes,  
Muito mais do que merecia,  
Janguta não foi prudente,  
Gastou mais do que podia.

A prenda foi muito mimada,  
Rendas, sapatos - vestidos,  
Ficou formosa a danada,  
Mas tinha um olhar fingido,  
Dizia-se louca - apaixonada,  
Janguta a olhava perdido.

Quando chegou o verão,  
Chegou a infelicidade,  
Desembarcou o João,  
Vindo da universidade,  
Era o filho do patrão,  
Em toda a sua mocidade.

Lembrou-se então do evento,  
De toda a sua agonia,  
No galpão trançava um tento  
E programava a tosquia,  
Quando lhe contou o vento  
Que seu amor lhe traía.

Descobriu que a Marcina,  
Dona de seu coração,  
Era ave de rapina  
Que só lhe vendia ilusão,  
Se de noite era sua menina,  
De dia era menina do João.

Rameira, dissimulada,  
Com alma de ventania,  
Era da pá virada  
E tudo de bom queria,  
Pra ter a vida sonhada,  
Usava de covardia.

Janguta chegou em casa,  
Ela falou de mansinho:  
- Não quero brigar contigo,  
Entenda só meu benzinho,  
Comer filé com amigos  
É melhor que pescoço sozinho!

O orvalho pingava da planta,  
Ao longe se ouvia um cantar,  
Um nó lhe cresceu na garganta,  
Pensamentos a lhe atormentar,  
Corria de casa a percanta,  
Ou os chifres se punha a lustrar.

Penou tomando a decisão,  
Mas chega de velhacaria,  
Que fique a china com o João,  
Exclamou com sabedoria,  
Mulher, cachaça e sabão  
Existem em qualquer freguesia.

Data : 14/09/2014

Título : MÃE PRETA

Categoria: Poesia

Descrição: Quem esta água sorver Dizem que aqui vai voltar,

## MÃE PRETA

Quem esta água sorver,  
Dizem que aqui vai voltar,  
Retornei, pra esta água beber,  
Para a minha saudade matar.

Transcorreram décadas,  
D'aquele iluminar,  
No beijo desta aguada,

Um caso eu vou contar...

Ouvi o pio de aves,  
Ao atravessar a campina,  
Terras que foram dos Neves,  
Olhei a praça da esquina.

Cruzei a Praça da Matriz,  
Madrugada em cor violeta  
Segui até o chafariz,  
Bebi água da Mãe Preta.

A água daquela nascente,  
Naquele amanhecer,  
Era fria e transparente,  
Chegava fosforescer.

Naquelas pedras sagradas,  
Ouvi a água contando,  
As histórias comentadas,  
Da mãe pelo filho chorando.

As lágrimas de Mariana,  
Que rolavam e tinham brilho,  
Deixavam-na meio insana,  
Procurando amado filho.

Compadeceu-se Jesus Menino,  
Da escrava e sua bondade,  
E com seu amor Divino,  
Amenizou-lhe a saudade.

As lágrimas de tanto amor,  
Pela terra escorreu,  
Pelas graças do Criador,  
Uma fonte ali nasceu.

O vento não dava trégua  
E o sol ao leste surgiu,  
Dentro do espelho d'água,  
A água tremeluziu.

Na água que se espelhava,  
Lá no fundo eu avistei,  
Mão preta que me olhava,  
De suto eu até caleii.

Naquele deslumbramento,  
Lá lá em baixo ela sorria,  
Tive um pressentimento,

Luzes Mão Preta pedia.

Luzes de céu estrelado,  
Gostaria de oferecer a ela,  
Neste chão de brilho orvalhado,  
Ofereço-lhe luzes de vela.

Data : 12/10/2014

Título : HOSPITALIDADE

Categoria: Poesia

Descrição: O povo de minha querência Seja da raça que for,

### HOSPITALIDADE

O povo de minha querência  
Seja da raça que for,  
Cultiva a convivência,  
E pra vida dá valor,  
Olha o mundo com paciência,  
Sob as graças do Senhor.

O Senhor ao criar o pago,  
Pintou de verde a coxilha,  
Criou matas, concebeu lagos,  
Com cheiros de maçanilha,  
Fez tudo com muito afago,  
Com a força de um coronilha.

Neste ambiente aconchegante,  
Nasceu a hospitalidade,  
Bem vindo seja o chegante,  
Mora aqui a liberdade,  
Pobre ou rico viajante,  
Aqui terás amizade.

Meu rancho é teu abrigo,  
Comeras na minha mesa,  
A alegria esteja contigo,  
Poupar-te-ei da tristeza,  
Tens aqui um lar amigo,  
Seja aqui tua fortaleza.

Ofereço-te meu galpão,  
Ambiente pra mim sagrado,

Tomaras bom chimarrão,  
De sabor doce amargado,  
Que passa de mão em mão,  
E causos serão contados.

Neste galpão é encontrado,  
Pelegos, tralhas - chaleira,  
Um arreio marchetado,  
Uma canha verdadeira,  
Um cavalo bem milhado,  
No fogo a chicultureira

Junto a este fogo no chão,  
Em volta deste braseiro,  
Comigo, amigo, irmão,  
Degustaras um cordeiro,  
Uma costela, um leitão,  
E vais pitar um palheiro.

Esta é a minha crença,  
Tão clara quanto o candieiro,  
Aqui na minha querença,  
Meu povo é hospitaleiro,  
Isso já vem de nascença,  
Não se compra com dinheiro.

Data : 18/12/2014

Título : HISTÓRIAS DE UM GINETE

Categoria: Poesia

Descrição: No fogo preta chaleira, Num cepo vou chimarreando,

## HISTÓRIAS DE UM GINETE

No fogo preta chaleira,  
Num cepo vou chimarreando,  
Uma fotografia na carteira,  
Que a meu neto fui mostrando,  
    Me alembrou de uma carreira,  
    Como aqui eu vou narrando...

Em minha tordilha pampa,  
Viajava eu sem destino,  
Changueando, à meia-guampa,  
Vagando como um teatino,  
Sempre tive boa estampa,  
Em um corpo de menino.

Cruzei assim o meu pago,  
Dormindo às vezes ao relento,  
Churrasqueava com bom trago,  
A doma era o meu sustento,  
Das fêmeas eu queria afago,  
Ginetear era o meu talento.

Numa manhã na alvorada,  
Noticiou-me um cidadão,  
- Domingo tem carreirada,  
Lá na raia do capão!  
Corre a égua Encantada,  
Com o Lampião do Simão!

Na cancha reta eu cheguei,  
Numa tarde suarenta,  
No bolicho me postei,  
E fui pedindo água benta.  
Um trago eu embiquei,  
Sentindo o cheiro na venta.

A marvada ia tomando,  
Dedilhando meu violão,  
O povo se aproximando,  
Tinha moço, tinha ancião,  
Na trova fui perguntando:  
- Quem aqui é o Simão?

A pinga me deixou quente,  
Versejava de coração,  
Apresentou-se um valente:  
- Sou dono do Lampião!  
E com jeito irreverente:  
- Aqui me chamam Simão!

Fui largando o violão  
E falei como se deve,  
- Meu caro amigo Simão,  
Sou um ginete mui leve,  
Se eu montar teu alazão,  
A carreira será breve!

- Minha filha é meu ginete  
E atende por Estela,  
Ela sofreu um acidente,  
Quebrou braço e costela,  
Preciso urgentemente  
Substituir minha donzela.

- Chegaste na hora certa,  
Serviço a combinar,  
Minha filha é esperta,  
Na raia vai te orientar,  
Esta é a minha oferta,  
E trate de lhe respeitar.

Apresentou-me a pequena,  
Eu já fiquei encantado,  
Era uma bela morena,  
Dum elegante bronzeado,  
Tinha o frescor da açucena,  
Num corpo todo torneado.

Como grande compositor, (1)  
Explicou-me tudo, então,  
Postura no partidior,  
E as manhas do Lampião:  
- Se tu fores o ganhador,  
Terás o meu coração!

Por volta da meia tarde,  
Depois de tudo acertado,  
Encantada e Lampião  
Já estavam emparelhados,  
Escavavam aquele chão,  
Esperando o arrancado.

A largada foi parelha,  
Levantando o poeirão,  
A égua tirou uma orelha,  
Cutuquei o Lampião,  
Da Encantada vi a cernelha,  
Dei rédeas ao alazão.

Nesta bruta disparada,  
No rosto senti a poeira,  
Para evitar a derrocada,  
Minha vara de goiabeira,  
Na anca uma estocada,  
Pra vencer esta carreira.

Meia raia percorrida,  
Eu já tava emparelhado,  
Senti égua esbaforida,  
E cheguei no seu costado,  
Mantive minha batida,  
Ouvindo o povo animado.

Passei a linha de chegada,

Aos brados de vencedor,  
Desfilando pela estrada,  
De Estela ouvi o clamor,  
O juiz fez a sua anunciada:  
- Ganha o alazão de fiador. (2)

Simão me deu um troco  
E uma prateada fivela,  
O dinheiro não foi pouco,  
Não foi uma bagatela,  
O que me deixou mais louco  
Foi o beijo de vovó Estela.

(1) No Pampa chama-se o treinador  
de cavalos de compositor.

(2) Ganhar de Fiador significa que  
ganhou por diferença de cabeça,  
pois o fiador é a parte do buçal  
que passa atrás da orelha, na  
conjunção com o pescoço.

Data : 20/12/2014

Título : GALINHEIRO

Categoria: Poesia

Descrição: No fundo de minha mente, Tem uma gaveta empoeirada,

GALINHEIRO

No fundo de minha mente,  
Tem uma gaveta empoeirada,  
Para ver uso uma lente,  
Quase sempre enevoadas,  
É como uma estrela cadente,  
Ao final da madrugada.

O interior dessa gaveta,

Eu gosto de olhar e ver,  
Tem lá uma maleta,  
Com um extenso dossiê,  
Gravuras em tinta preta  
E histórias de fuzuê.

Fecho os olhos nesta lida,  
Abro a pasta devagar,  
Vejo lances de minha vida,  
Que não consigo ocultar,  
E nesta larga avenida,  
Lembranças vêm me assaltar.

Num registro amarfalhado,  
Como antigo mensageiro,  
Ta lá, em letras, registrado,  
Assim meio sorrateiro,  
A história de um renegado,  
A história do Galinheiro.

Desamparado e esquisitão,  
Dizia-se de Passo Fundo,  
Morava no Boqueirão,  
Era um sujeito do mundo,  
Andarilho e borrachão,  
Com pecha de vagabundo.

Numa vida de estradeiro,  
Andou sempre em polvorosas,  
Larápio e bagunceiro,  
Em noites misteriosas,  
Visitava galinheiros,  
Adorava umas penosas.

Pele escura, tom queimado,  
Com a barba por ser feita,  
Cabelo encaracolado,  
Com uma testa estreita,  
Um nariz esborrachado,  
Birita na mão direita.

Galinheiro por onde andava,  
Quase sempre engolesmado,  
Era atração, não calava,  
Demonstrando seu estado,  
Com a língua meia trava,  
Resmungava - endiabrado.

Ao gritarem Galinheiro,  
Grelava os olhos na escuta,

E com um olhar traiçoeiro,  
Ameaçava partir pra luta  
- Respeite este brasileiro,  
Seu grande filho de puta!

Se cruzava um tipo à toa,  
Sorrindo feito um bocó,  
Gritando alto, numa boa  
- Cocoricó! Cocoricó!  
- Vai cuidar de tua patroa!  
De teus cornos tenho dó!

Tudo virava em risada,  
O povo se divertia,  
Ele seguia na estrada,  
No peito então batia,  
Como quem não quer nada,  
Rezingando, prosseguia.

Aprontar confusão,  
Era o seu cotidiano,  
Das ruas do Boqueirão  
À Praça Marechal Floriano,  
Arrumava discussão  
Com mendigo e brigadiano.

Quando vinha a sobriedade,  
Respeitava a vizinhança,  
Em aura de claridade,  
De quem transmite confiança,  
Demonstrava piedade  
Com velhos e com crianças.

Numa manhã orvalhada,  
Eu até perdi o tino,  
Ao vê-lo numa bancada,  
Como cumprindo um destino,  
Contando histórias de fada,  
Pruma turma de meninos.

A vida deste cachaceiro,  
Era ornada de lambança,  
Era bronco, arruaceiro,  
Na sua eterna andança,  
Mas o velho Galinheiro,  
Adorava uma criança.

Data : 15/01/2015

Título : ADAGA

Categoria: Poesia

Descrição: Num domingo à tardinha, Cheio de emoção,

## ADAGA

Num domingo à tardinha,  
Cheio de emoção,  
Visitei minha madrinha,  
Lá no bairro Boqueirão.

Recebi de presente  
Uma adaga trabalhada,  
Tinha a lâmina fulgente  
Com rabiscos - floreada.

Empunhadura em osso,  
Com um esse prateado,  
A bainha, um colosso,  
Num estojo aveludado.

Essa peça era uma prenda  
Feita com dedicação,  
Vou levar pra minha fazenda,  
Quem me deu foi meu irmão.

Ficou ela em minha casa,  
Aquele bem tão distinto  
Brilhava como uma brasa,  
Embelezando o recinto.

Pro Tocantins me mudei,  
Carreguei minha mudança,  
Um caminhão contratei,  
Todo cheio de esperança.

Foram-se minhas tralhas  
Por estrada e estradão,  
Um motorista canalha  
Dirigia o caminhão.

Descarregou os cacarecos  
Em uma casa alugada,  
Bem ao lado de um boteco,  
Numa rua empoeirada.

A tristeza me abateu,  
Sentindo da adaga a ausência,  
Só quem na vida sofreu  
Entende a minha carência.

Fiquei tão desesperado  
Com aquela situação,  
Fiz B.O. com o delegado,  
Não encontraram o ladrão.

Momento de muita angústia,  
De imensa decepção,  
Com toda esta covardia,  
O que digo ao meu irmão?

Fiz promessas e simpatias,  
Rezei Ave Maria e o Creio,  
Muitas velas acendi  
Pro Negrinho do Pastoreio.

Os anos foram passando,  
Eu não fico conformado,  
A lembrança me varando,  
Lembro triste, emocionado.

Acredito na providência,  
Mas me sinto destroçado,  
Esse ladrão sem decência  
Será no inferno assombrado.

Data : 14/02/2015

Título : CANCHA DE OSSO

Categoria: Poesia

Descrição: O balanço da cadeira, Rangia no tabuado,

### CANCHA DE OSSO

O balanço da cadeira  
Rangia no tabuado,  
Em frente da lareira,  
O piso tava marcado,  
Vovó mexia a braseira,

Tomando achocolatado.

Passou a me narrar  
Um caso de antigamente,  
Como se estivesse a sonhar,  
Chegava a ser comovente,  
Tinha imagens no olhar  
E um sorriso caliente.

- Pois ali, junto ao carreiro,  
No bolicho do Ruivão,  
Ajuntava-se um povoeiro,  
Jogos, danças, chimarrão,  
Aos sábados um cancionista,  
Chinaredo em profusão.

Bolicho de costaneira  
Com um formato quadrado,  
Nas frestas, tal qual peneira,  
Passava o vento assobiado,  
Nesta estrutura grosseira,  
Ruivão rengueava assanhado.

Por muitos e muitos pecados,  
Ruivão, um galego sotreta,  
Tinha um olho vazado,  
Por rengo usava muleta,  
Com a Tina era amigado,  
Ele velho, ela ninfeta.

Aos fundos uma bailanta  
Coberta com Santa Fé,  
Piso de cimento queimado,  
Duas águas - um chalé,  
Gaitero e gaita abraçados  
Animavam o arrasta-pé.

Na beirada da capoeira  
Sempre tinha alvoroços,  
À sombra de laranjeiras  
Reuniam-se velhos e moços,  
Pra bochas e pra carreiras  
E prum desafio no osso

- Vale jogo! Dizia o coimeiro,  
- Suerte! Um então falava,  
- Agora é de carreiro!  
- Culo, culo! O outro exclamava.  
E aquele povo trigueiro  
Virava o dia na tava.

Achegou-se neste rincão,  
Tocando grande boiada,  
Pediú água pro Ruivão,  
Cachaça para a peonada  
E um gordo chimarrão,  
Pra tirar a poeira da estrada.

Num cavalo mui fogoso,  
Atravessou a ruela,  
Era um jovem garboso,  
Veio até minha janela,  
Achegou-se respeitoso:  
- Boa tarde, minha donzela!

- Seu pai é o Nico Cabral?  
Olhei firme ressabiada,  
Tinha ele um sorriso jovial.  
- É aquele que vem lá estrada.  
- Peço pasto, água e curral,  
E o afago de guria namorada.

- Pode trazer a manada,  
Fique à vontade, seu moço.  
- Filha, eu e o camarada  
Vamos pra cancha de osso,  
Quero canha temperada,  
E prepare um bom almoço.

Foram para a cancha,  
De longe eu dava uma olhada,  
Ruivão fazendo canganha,  
Alguém berrando – clavada!  
E a Tina, que era piguancha,  
Rebolqueava pra homarada.

Voltaram alegres, contentes,  
Puseram-se a pinga a tomar,  
O rapaz se chamava Vicente,  
Papai o chamou pra almoçar,  
Retribuiu assim num repente:  
- Me permita levá-la a dançar!

Com meu pai fui ao terreiro,  
O Vicente a nos esperar,  
Violão, gaita, tambor e pandeiro,  
Com o jovem me prendi a conversar,  
Num instante, naquele pardieiro,  
Todo o povo estava a bailar.

Foi num upa e upa e teve,  
Eu vi Tina saracoteando,  
O povo feliz se alegrava,  
E a velha gaita chorando,  
No balcão o galego bispava,  
Juca Colosso e a Tina dançando.

O Ruivão, com a alma ardendo,  
Tirou da cintura a peixeira,  
Foi abrindo cancha, mancando,  
No casal se achegou na cegueira,  
Com voz rouca foi logo falando:  
- Vá pro quarto, putana faceira!

O peão foi quadrando o vulto,  
Na guaiaca ele foi se coçando,  
Não gostando daquele insulto,  
O trinta ele já foi arrumando,  
O Vicente pulou no tumulto  
E falou já com voz de comando.

Empurrou o Colosso prum lado  
E o Ruivão ele foi segurando,  
E gritou para seus empregados:  
- Bebam, que hoje tô pagando!  
- Juca! Va lá fora ver o gado!  
Em respeito ele foi se afastando.

O dia começava a clarear,  
E o Vicente ga-gagueja estribilha:  
- Cabral, hoje eu quero jurar,  
Sob a estrela D'Alva que brilha,  
Com Edilha quero me casar,  
Mui feliz farei tua filha!

Agora, já em meu poente,  
Sabes como tudo começou,  
Que o teu avô, o Vicente,  
Foi tropeiro e aqui se achegou,  
Com papai ele foi convincente  
E pela vida... feliz me levou.

Data : 28/02/2015

Título : ASSOMBRADO

Categoria: Poesia

Descrição: - A casa não era pintada, Era uma casa grosseira,

## ASSOMBRADO

- A casa não era pintada,  
Era uma casa grosseira,  
Ficava fora de estrada,  
Ornada por bela floreira,  
À frente malhava a vacada  
A sombra de grande figueira.

Afastada da cidade,  
De gado era o trieiro,  
Morava ali a Piedade  
E o Alberto Carreiro,  
Ela era a hospitalidade,  
Ele um perito campeiro.

Nesta estrutura simplória,  
Chico Prieto ali pousou,  
Contava suas histórias  
Do agora e do que passou,  
Gabava a sua valentia  
E as peleias que enfrentou.

Andava o Prieto pelo mundo,  
Com o seu jeito manhoso,  
Um típico vagamundo,  
Esperto e astucioso,  
Conhecido em Passo Fundo  
Como Chico mentiroso.

A alegria era aparente,  
Neste local isolado,  
Era um tranquilo ambiente,  
Até por ser descampado,  
Mas assustava os viventes,  
Por ter fama de assombrado.

Chico Prieto, andarilho,  
Dormia sobre um estrado,  
Colchão de palha de milho,  
Deitava refestelado,  
O pó dava um garrotinho,  
Passava a noite acordado.

Toda noite acontecia,  
Ficava ele temeroso,  
Uma panela batia  
Num ambiente ruidoso,

Uma tampa então caía,  
Assustando o medroso.

Uma coruja piava,  
No terreiro o cão gania,  
O jumento se espantava,  
A porta velha rangia,  
De repente tudo calava,  
E o medroso tremia.

Comentou com o Alberto,  
Ao chegar da claridade:  
- A noite nada fica quieto,  
Assombros em quantidade!  
- Não se amofine, Prieto!  
- São os gatos da Piedade!

Implorou pela verdade,  
Com a cara preocupada:  
- Diga-me por caridade,  
A-aqui tem alma-penada!  
- Repito, com sinceridade,  
São os gatos da Piedade!

Veio um tempo nevoento,  
E a desgraça aconteceu,  
Num dia frio e cinzento,  
A Piedade sofreu,  
Num infarto violento,  
O bom Alberto morreu.

A dor era um espinho,  
Naquele triste momento,  
Nas léguas de seu caminho,  
Piedade e o seu lamento,  
Informou ao Chico, vizinho,  
Do óbito, do falecimento.

- Vá velar meu velho Alberto!  
Compadre Chico, meu caro,  
Vou avisar a vizinhança,  
Preciso de teu amparo,  
Tenho em ti grande confiança,  
Siga enquanto o dia é claro.

E o Chico pegou a picada,  
No bernal, um maço de velas,  
Chegou era noite calada,  
Devagar, com muita cautela,  
Ouvindo abafada risada

E um chiado na janela.

A nuca toda eriçou,  
Naquele lugar deserto,  
O coração palpitou,  
Um pássaro piou ali perto,  
Baixinho alguém falou:  
- Vem por aqui meu Alberto!

Embora suando frio,  
Sentia estranho calor,  
As sombras no casario  
Aumentavam seu pavor,  
Ele ouviu num arrepio:  
- Albertinho meu amor!

Correu para o descampado,  
Pálido, ansioso, ofegante,  
Com olhos arregalados,  
Ouvindo as vozes, distante,  
Parou... E voltou assombrado,  
Com um andar cambaleante.

Num impulso de macheza,  
No rancho ele foi entrando,  
Sobre um banco de madeira,  
O rádio estava tocando,  
E uma preta cafeteira  
No fogão tava chiando.

O rádio ficou mirando,  
Na noite em sua friagem,  
Viu quem era o proseador  
Da radionovela, a mensagem,  
Na voz de famoso ator,  
Albertinho era o personagem.

Mamã Dolores chorava,  
Por Alberto Limonta sofrer,  
Chico acendeu uma vela  
Para aos céus agradecer,  
Tremia ouvindo a novela,  
O Direito de Nascer.

Tomou água com açúcar  
Pra passar a tremedeira,  
Junto ao morto foi sentar,  
Um santo tirou da carteira,  
Pôs-se o terço a rezar,  
Como velha carpideira.

Alberto não podia falar,  
Mas tinha um semblante ardiloso,  
O compadre que foi lhe velar  
Era um covarde - medroso,  
Vantagens ele ia contar...  
Pois o Chico... Era um mentiroso.

Poema inspirado em causo contado por  
Salomão Pereira Leite

Data : 28/03/2015

Título : MANGAÇO

Categoria: Poesia

Descrição: Vovó fez um cochilo ligeiro, E logo se pôs a falar,

## MANGAÇO

### Cancha de Osso II

Vovó fez um cochilo ligeiro  
E logo se pôs a falar,  
Acendeu o pito no braseiro,  
Como se estivesse a pensar,  
Com um sorriso matreiro,  
O causo ela quis continuar.

- Pois não te conto! Aquele moço!  
Quem é ofendido não se esquece,  
Pois o fronteiroço, o Juca Colosso,  
Aquele do baileco da quermesse,  
Nunca engoliu aquele caroço,  
Desaforo a vingança aquece.

Preparava com carinho o almoço,  
Sabes tu da mulher a intuição,  
Da janela vi ao longe o Colosso,  
Tropeando em meio ao poeirão,  
Amarrou o gateado no poço:  
- Se achegue! Tá na mesa o boião..

Juca, um Maragato de valor,  
Lenço vermelho sempre a vista,  
Destinchado, esperto - peleador,  
Foi nomeado Capitão Federalista,  
Foi herói, lanceiro - degolador,

Como Gaspar, era parlamentarista. (1)

- Vicente, deseje-me toda a sorte!  
Sigo em frente com minha peonada,  
Meu destino me leva para o norte,  
Catando pasto e noite estrelada,  
Devagarito, faremos o transporte,  
Pra Sorocaba eu toco a boiada.

- Venha comigo, amigo - camarada,  
Matar a saudade do pelego - do arreio,  
Andaremos por trieiros, por estradas,  
Por vargedos, canhadas e rodeios,  
Traga junto a Edilha, tua amada,  
No Cabral ela fará belo passeio.

Cortamos coxilhas e picadas,  
Tangendo por aquele mundo vasto,  
Dormimos em noites enluaradas,  
Em capões, à beira de bom pasto,  
Quero-queros fazendo revoadas,  
E a cerração cobrindo o nosso rastro.

Proseávamos junto ao fogo de chão,  
Eu preparava um arroz de carreteiro,  
Vicente preparava o chimarrão,  
Juca indagou-nos com olhar certo:  
- Por onde anda o traste do Ruivão?  
Aquele verme - Pica-pau e caborteiro!

- O trinta ainda coça em minha costela!  
Tomou um trago e então desabafou:  
- Por tua amizade tive toda a cautela,  
A morte pronta naquela hora se calou,  
Tenho espinhos entalados na goela,  
Naquela noite a vergonha me marcou!

Amanheceu, no frescor da madrugada,  
Vi o bolicho, a bailanta e o curral,  
A saudade apressou nossa jornada,  
Almoçamos lá no rancho Cabral,  
Sesteamos ouvindo a bicharada  
E a passarada trilando no milharal.

Seguiram para a cancha se toureando,  
Arrastando no capim espora e relho,  
Juca com o mango no pulso balançando,  
Vicente com tirador batendo ao joelho,  
Colosso o parreheiro ia puxando,  
No braço, vincha de pano vermelho.

- Traga canha e cerveja bem gelada,  
Para acalmar esta seca ventania,  
Separe fichas para a nossa jogada,  
Enquanto eu treino a minha pontaria!  
O coimeiro, com a cara emburrada,  
Olhou pra eles com certa antipatia.

Tudo ajustado iniciou-se a jogatina,  
Juca lançou o osso do garrão,  
Por uma fresta lhes espiava a Tina,  
De relancina lhes olhava o Ruivão,  
Percebeu a arte da bela china,  
Saiu mancando, procurando o facão.

Pegou o aço e saindo porta afora,  
A todo peito num grito ele exclamou:  
- Juca safado, é chegada a tua hora,  
O coimeiro de pronto o facão achou,  
Vi, vergou o relho rodando a espora,  
Foi um relhaço que até o galo cantou.

O coimeiro tastaveou se apoiando,  
O couro ardeu e o pescoço sangrou,  
Nessa tosa, vi o índio se ajoelhando,  
Foi desbotando e tremendo ali ficou,  
O bolicheiro veio firme o chão cavando,  
Juca quadrou e o mango lhe acertou.

O mango - zunindo e cantando,  
Brilhou dando-lhe bruto mangaço,  
Trambalhou e a vista embaçou,  
A bordoadada macetou o seu cachaço,  
Pranchou e a bunda arrebitou,  
Desacorçoou grande foi o seu cagaço.

- Ruivão! Eu não vou te dar arrego!  
Pé no pescoço e o Juca a revelar:  
- Ela dormirá enrolada em meu pelego,  
A tua morena comigo eu vou levar,  
Por ser manco, caolho e até galego,  
Estás com sorte eu não vou te degolar.

A Tina, que a tudo olhava calada,  
Ouvindo a prosa, se aperfilou num upa,  
Mulher livre, amante, apaixonada,  
Foi dando a mão e pulando na garupa,  
Anda por aí, livre, feliz - entusiasmada,  
Ela, o Juca, um piazito e a boiada.

(1) Gaspar da Silveira Martins, Fundador do Partido Federalista no Rio Grande do Sul, que defendia o Parlamentarismo. Na Revolução Federalista, Revolução da Degola, os seguidores de Gaspar, levavam a alcunha de Maragatos.

Data : 21/04/2015

Título : NAS RODILHAS DE MEU LAÇO

Categoria: Poesia

Descrição: Para fazer-me bueno laço, Chamei sinhozinho Maneco,

#### NAS RODILHAS DE MEU LAÇO

Para fazer-me bueno laço,  
Chamei sinhozinho Maneco,  
Um guasqueiro e seus segredos,  
Lá nos fundos de um boteco.

Juntos escolhemos o couro,  
Queria um laço afamado,  
Lonqueado tal qual tesouro  
De um touro colorado.

Com uma faquinha afiada,  
Três dias depois da cheia,  
Iniciamos a jornada,  
Foram braças de correia.

As tiras foram trançadas,  
O sereno foi a cola,  
Loncas finas bem chinchadas,  
Ponteando prateada argola.

Doze braças de comprido,  
Na anca de meu cavalo,  
Não se ouve um estalido  
Quando laço ou quando pialo.

Lá no alto das coxilhas,  
Com meu laço de seis tentos,  
Na armada e nas rodilhas,  
Sinto as carícias do vento.

Olho os tentos viajando,  
No reboleio de meu braço,  
Vejo touros se ajoelhando,  
Nas rodilhas de meu laço.

Vindo à noite pelas trilhas,  
Seja aqui, seja acolá,  
Largo o laço das presilhas,  
Pra pega algum Boitatá.

Quando o minuano em rajada  
Traz o perfume das flores,  
Miro por dentro da armada,  
Lembrando os meus amores.

Data : 05/05/2015

Título : UMA CHINOCA FACHUDA

Categoria: Contos

Descrição: - Pois assunte você que mudou presta querência não faz muito.

## UMA CHINOCA FACHUDA

- Pois assunte você que mudou presta querência não faz muito.

Bispe, aquela dona rezando bem ali naquele sepulcro enfeitado com rosas, aquela é a Lurdinha. Tá orando no túmulo do pai, o Neco, e da mãe, a Ruth, conhecida por Nenê. Parece que chora por detrás daqueles óculos grandes e pretos como asas de anu.

O que vou te contar agora, meu xará, eu ouvi da boca de Dona Maria Roncadeira, numa noite de garoa fria, tomando café com bolinhos de chuva, na beirada do fogão, em sua casa, que tinha sido noutros tempos a Pensão Dona Maria. Escutei também da fala de antigos vizinhos e de amigos que vivenciaram os acontecimentos e que frequentavam a Pensão, lá naqueles tempos..., pois, afinal, a vida da Lurdinha foi assunto por este rincão durante muitos e muitos anos.

O Neco e a Nenê foram fazendeiraços ali pro rumo do Passo da Areia, na Fazenda Pedra Branca, local de muita fartura. Plantavam para o gasto arroz, feijão e muitos legumes, criavam galinhas, porcos e ovelhas para as despesas. Como disse, tudo com muito gosto e muita abundância. Agora, o forte mesmo era a criação de gado, uma gadaria bem tratada e mansa que vinha para o mangueiro com um grito do Neco.

O Neco, nascido Manuel Trindade, era homem de bem, mas sisudo e de opinião, apalavrado, cumpridor de seus deveres e acostumado a não levar desaforo pra casa.

Aos vinte anos, rapazito no mais, com lenço vermelho ao pescoço, botou muito chimango a correr nas refregas de 23. Seu maior orgulho era a adaga que recebera do pai, Francisco, que ganhara de seu avô, João. Adaga que na Revolução de 93, nas mãos do pai, andou degolando pica-paus nos campos do Pulador.

Embora miúdo de corpo e de certa forma humilde, era ligeiro, um tapejara experiente nas lides com o gado e de uma coragem sem limites, se existe taura, ele foi um. A dona Nenê era uma dona de casa das melhores, cozinhando, lavando, passando, cuidando da casa e do galpão, o tricô e o crochê eram sua distração.

Embora vivessem na abundância e na felicidade, não tinham herdeiros, e esse fato os entristecia, especialmente a Dona Nenê.

Resolveram ir atrás da alegria, de encher a casa de felicidade. Para tanto planejaram uma adoção.

Busca daqui, busca dali, e o Neco encontrou uma menina recém-nascida lá pras bandas de Carazinho, num rancho, na beira de uma sanga à sombra de um tarumã, na estrada que segue para Tamandaré.

A mãe da criança era uma mulata da roça, viúva de um italiano que morreu meses antes, na doma de um aporreado. Ela tinha cinco filhos, doou a sexta.

Assim chegou à Fazenda Pedra Branca à menina a qual deram o nome de Maria de Lurdes, Lurdinha, para cumprir seu destino.

Logo, virou o chamego da casa, como aquele raio de luz que entra por uma fresta no rancho e transforma-se em mil cores. Tudo do bom e do melhor sempre foi para a Lurdinha, era os dengos do casal. O Neco se derretia carregando na garupa do alazão aquela moreninha de olhos azuis e cabelos negros presos num rabo de cavalo por debaixo da aba do chapéu.

A gurua foi crescendo. Com oito pra nove anos esperava o Neco com o chimarrão na porta do galpão. Novinha já ajudava a mãe nas artes da cozinha, fazendo doces de laranja azeda e jaracatiá, compotas de pêssegos e figos, conservas de pepino, cueca virada, cuca e delícias mais.

O tempo passa e a menina, já na adolescência, transforma-se num feitiço de beleza. Veja, vancê, olhe bem, com a idade que ela tem não é fachuda? Se ela tirar os óculos, você é capaz de se ajoelhar aos pés de tanta boniteza, olhos azuis delicados como águas marinhas, pele aveludada como pêssego ainda no pé, que combinados com aquela boca vermelha e os cabelos negros azeviche fazem qualquer peão dobrar as pernas e suspirar de admiração.

Dona Nenê dava umas aulinhas pra gurua, ensinou um bê-á-bá e a fazer umas continhas com grande dificuldade, pois a Nenê era mui pouco chegada às letras. O Neco, então, nem se fala, nunca pôde votá, e os documentos, todos, tinham a marca do seu dedão.

Daí, então, resolveram que a Lurdinha, na flor de seus dezesseis anos, devia seguir para a cidade, tomar umas aulas particulares, pelo menos por uns seis meses, para aprender a ler, escrever e fazer as quatro operações. Não podia ficar como os pais: analfabeto e meio analfabeta.

- Pois veja, meu compadre, como é o destino. Parece que por esta decisão de dar alguma instrução à menina, começou a se desfiar a desgraça.

Maria de Lurdes foi morar na pensão da Dona Maria Roncadeira, mulher criada, forte e gorda. Maria, quando seateava, roncava tanto que os passantes na rua se admiravam e sorriam ao ouvir aquele ruído que parecia o barulho de águas rugindo dentro de voçorocas em dia de tempestade.

A pensão da Roncadeira era mista, pensão familiar, com o quarto da rapaziada num lado e das moças no outro. A Lurdinha se instalou no último quarto, no fundo da casa, o melhor quarto, com o conforto que o Neco exigiu.

Pediram que a Maria zelasse pela filha. A cada quinze dias vinham visitá-la e lhe traziam alguns regalos da fazenda, doces, laranjas, bergamotas, queijos e rapadura, além de roupas lavadas e outras necessidades.

A beleza da Lurdinha logo assanhou a rapaziada, mas ninguém se atrevia, pois conheciam o Neco, e era melhor não mexer com marimbondos surrões.

De imediato ela começou a frequentar as aulas particulares na casa da professora Nair. Por sua beleza, chamava a atenção por onde passava, e dentre os admiradores estava o Antenor, filho do Coronel Anacleto.

Anacleto, Coronel Chimango, ainda mantinha o topete alçado pelas peleias de antigamente. Era proprietário de uma fazenda famosa ali pros lados do Mato Castelhana, “Fazenda Mate Amargo”.

Antenor era finório, estudou na capital, fez treinamentos e estágios e voltou como guarda-livros. Estava esperando a venda de uma boiada do pai para montar seu escritório. Seu sonho era seguir a carreira política.

O maleva assim que viu a Lurdinha, já pediu pra lhe acompanhar. Ela, na sua timidez de moça de fazenda, com olhos baixos mordendo a unha do polegar e com um sorrisinho de surpresa, concordou, e ele passou a cortejá-la diariamente na saída das aulas.

Iniciou-se um namoro. O Antenor começou a passar de pato a ganso, a menina foi se apaixonando..., e logo o sotreta com sua boa lábia começou a pular a janela do quarto da Lurdinha.

Depois do acontecido que ainda vou lhe contar. A Maria Roncadeira me confessou que apertou a moça por toda aquela desgraceira.

Maria de Lurdes contou que o Antenor era moço bem conversado, cheio de propostas, de promessas, e ela acabou se enrabichando.

Envergonhada e chorosa, afirmou que ficou encantada com os modos do moço, com as roupas que vestia, umas fatiotas modernas de casimira nos dias mais amenos, em dias quentes roupas de linho, com camisas alvas e perfumadas, gravata borboleta e sapatos de qualidade. Tinha umas mãos macias de quem só usa caneta, cabelo longo e repartido no meio e um bigodinho de pontas torcidas.

Veja como as mulheres se prendem em coisas fúteis, sem importância, e daí já viu...

O Antenor era o oposto de seu pai. O Neco tinha na bombacha o seu traje costumeiro, lenço vermelho ao pescoço, que só tirava para dormir, botas, chapéu de aba larga, uma guaiaca adornada em prata sempre com aquela adaga, cabo de osso, longa e pesada, atravessada na cintura.

O pai tinha as mãos grossas do machado, da enxada, da cavadeira, tinha o perfume do campo, da lida com os animais, era tudo tão diferente..., e foi esta diferença, as promessas de casamento, de viagens pelo mundo, de uma casinha branca à beira da mata, tudo isso a deixou completamente encantada.

- Bueno! Voltando à situação do acontecido: Dona Maria roncava, mas tinha o sono leve. Ficou desconfiada com barulhos e cochichos estranhos na madrugada. Numa manhã, Lurdinha na aula, fez uma vistoria no quarto, encontrou um toquinho de cigarro, uma bituca, confirmou suas suspeitas e descobriu a safadeza.

Chamou o Zeca Carvão, seu afilhado, mandou que o piá pegasse emprestado o tostado do compadre Jesuíno e fosse levar um bilhete para o Neco: “Venha buscar sua filha, não quero compromisso”.

Como o Neco era analfabeto, pediu para o Zeca ler. Após ouvir uma leitura nervosa, ele pediu maiores explicações, e o Carvão que falava mais que papagaio de bailanta de meretriz foi logo contando que a Lurdinha tava de namorado. Como tinha aquele frio na barriga que assola os que gostam de má querença, foi logo informando que o namorado era o Antenor, filho do Anacleto, e que andava nas madrugadas pulando a janela do quarto da Lurdinha. O Neco conhecia os dois sotretas.

- Pra que isso, meu amigo! Olhe a infelicidade se aproximando...

O Neco enlouqueceu, com uma dor no coração que o fazia suspirar a todo o momento. Dona Nenê só chorava e arrastava a chinela pela casa. Nem a água pro chimarrão aqueceu naquela noite.

De madrugada o Neco e a Nenê se tocaram de aranha para a cidade, era um dia de sábado. Mesmo naquela tristura, a Nenê levava uns queijos, umas laranjas e umas bergamotas dentro de uma cestinha. Para passar o tempo e acalmar os nervos, foi descascando laranjas com uma faquinha para oferecer à Dona Maria Roncadeira.

- Você sabe as voltas que a vida dá, o diabo faz a panela, mas não ensina a fazer a tampa...

Chegaram à pensão por volta do meio-dia, sol a pino e, não é que por estas coisas que acontecem uma vez na vida e outra na morte, vêm descendo a rua o Anacleto e o Antenor?

- Parece coisa mandada. Seria o destino, a coincidência, a morte por ali rondando? Não sei...!

Mas o Neco, de pronto, foi encarando o Antenor. Falou com certa calma e com voz pausada:

- Já sabemos de tudo, vais casar com a Maria de Lurdes e é pra já!

O Coronel Anacleto atorou a conversa e disse com voz firme de comando:

- Eu já falei pra todo mundo que o meu bagual tá solto e quem tiver égua que prenda!

O Antenor enrolou o bigode e, olhando de cima pra baixo pro Neco, se prendeu a rir e num deboche foi falando, com aparente receio do pai.

- O senhor tá brincando! É bem capaz que eu vá casar com uma roceira, piguancha!

O pecado do Antenor foi não conhecer o Neco. Continuou naquela gargalhada que logo ia se transformar num gargarejo. Você sabe como é o barulho do gargarejo? Quando a gente trata da garganta com vinagre, sal e bicabornato. Pois foi esse o som que logo se ouviu.

O Neco, acostumado com as lides de curral, do mangueiro, afeito na ligeireza de quadrar o corpo pra escapar do chifre de algum boi brasino, puxou da velha adaga e numa ligeireza de admirar, foi puxando a melena e degolando o desinfeliz como fizera sei pai lá em 94, nos campos do Pulador.

O riso virou gargarejo, sororoça. Pois o vivente, ou melhor, o morrente deu uns passos ligeiros pra frente e foi curvando os joelhos e caindo de encontro à roda da charrete. Ali ficou pendurado, com o casaco de linho e a camisa branca, perfumada, vermelhos de sangue.

Com a adaga em riste e os olhos vidrados de raiva, o Neco foi se botar no Anacleto, mas o Anacleto não era homem de andar de adaga ou facão na cintura, para uma peleia das antigas, quando se cruzavam os ferros brancos e se morria com honra.

O Coronel, que tinha sido campeão de tiro no exército, puxou foi um trinta e atirou quase à queima-roupa. O Neco caiu, baleado no peito. O Anacleto se achegou, curvou-se, para terminar o serviço, quando ia dar o segundo tiro, a Nenê com aquela faquinha de descascar laranja sangrou o maula no pescoço, na nuca, deu uma terceira estocada nas costas. O índio era duro e, mesmo trocando as pernas de encontro à morte, achou forças e atirou na Dona Nenê.

Quando o povo correu, naquele “acuda aqui! Ai meu Deus do céu!” Os quatro estavam mortos.

As laranjas, as bergamotas rolaram pela rua, uma parou em cima do sangue do Antenor. Um cachorro vira-latas lambeu o sangue da mão do Neco, o Carvão, com os olhos vermelhos de espanto, lhe pôs a correr com um laçoço, que o fez sair ganindo. E mais povo se achegou num burburinho de curiosidade, comentários e tristezas...

A Lurdinha passou uma semana fechada no quarto chorando. Não teve coragem de ir ao enterro dos pais, só conversava com a Maria Roncadeira, que lhe levava chás e bolachas e lhe dava algum conforto.

Mas veja, você, compadre! É como dizem por aí, desgraça pouca é bobagem.

Pois não há de vê que a Roncadeira tinha um irmão na capital, um trambiqueiro que pra lá tinha fugido pelas dívidas que tinha contraído: na bebida, no meretrício, nas jogatinas de carta, na rinha de galo, nas carreiradas e até no jogo de osso.

Pois esse calavera, de nome Valdireno, conhecido por Vado, era um perdido. Roncadeira muitas vezes o socorreu, caso contrário, poderia levar uns tabefes. Foi um alívio, quando ele se bandeou pra capital.

Na cidade grande o viciado continuou na gandaia, jogando, bebendo, cometendo toda a espécie de delitos, explorando mulheres, um proxeneta.

A Maria via na situação da Lurdinha uma possibilidade de emendar o Vado, afinal ela estava sozinha, órfã, bonita, prendada e tinha uma fazenda para ser gerenciada. Na situação em que se encontrava não arranjaria casamento por muito e muito tempo. A Roncadeira explicou a ela toda a situação e convenceu-a de conhecer o Vado. Mandou uma carta para o desavergonhado retornar.

Pelos esforços da Roncadeira, pela situação trágica da Lurdinha e pela matreirice do Vado, aconteceu o casamento.

- Meu caro, visitamos o Campo Santo, cumprimos nossa obrigação neste dia de finados, vamos nos sentar na sombra em frente daquele boteco, tomar uma cerveja e continuar nossa conversa!

- Mas olhe! Veja ali! Entrando no cemitério, aquela baixusca, gorda, que parece um cepo, cabelo louro, encaracolado, tá vendo? Pois aquela é a Maria Roncadeira, vai levando aqueles copos de leite, com certeza para a sepultura do Vado. Hoje é dia de encontrar o passado!

- Senta aqui, meu amigo, na sombra deste cinamomo. Guri, traz uma gelada pra nós! Traz também dois pastéis!

- Pois então..., parece que uma ave agourenta pousou no ombro da Lurdinha, devia ser um corvo negro, de longas garras, que com sua sombra maléfica e com ciúmes de sua beleza a condenava ao sofrimento...

O esperto do Vado alugou uma casa na cidade e lá instalou a Lurdinha, que ainda chorava pelos acontecidos.

Tomou conta da Pedra Branca, despediu os caseiros e, na primeira semana, vendeu os pequenos animais, galinhas, porcos, ovelhas. Vendeu também a ração, o sal, o arroz em casca, o milho e o feijão. Com esse dinheiro se manteve na farra e na jogatina por poucos dias. Chegava em casa bêbado e tratava a Lurdinha com arrogância e brutalidade.

O dinheiro acabou, e o Vado passou a vender o gado. Quando este findou, vendeu a terra.

Já de caso pensado, com uma parte do dinheiro, construiu uma casa, na saída da cidade, pros lados de Soledade, casa grande com seis quartos, ampla sala, cozinha e banheiros. Mobiliou-a com esmero.

Levou a Lurdinha para ali morar, quando ela reclamou que a casa era muito grande para manter, ele respondeu que ela limpasse e não reclamasse. Quando ela perguntou da venda da fazenda e onde estava o dinheiro, ele não respondeu, simplesmente lhe deu um soco no olho, encerrou o assunto, e ela ficou desmaiada.

Quando todo o dinheiro acabou, ele trouxe umas mulheres faceiras para a casa e mandou que a Lurdinha as gerenciasse, pois a partir daquele dia ele queria que aquela casa lhe rendesse bom dinheiro.

Todo dia chegava de madrugada, cheirando à bebida, exigia a fêria do dia, se o dinheiro fosse pouco a Lurdinha apanhava, fato que a obrigava em algumas noites a se deitar com algum cuerudo.

E assim se passaram meses, e os meses se transformaram em três anos de sofrimento. A Lurdinha, magra, machucada, desesperada, com olhos inchados e roxos.

Ela sonhava em mudar seu destino...

Numa madrugada, quando o gigolô, o malandro, o explorador chegou, trambalhando da cachaçada, cheirando a perfume barato, ela lhe entregou o dinheiro e lhe ofereceu um prato de comida, ele se negou a comer e lhe deu um sopapo no pé do ouvido que a derrubou, jogou a boia longe, foi para a cama e ferrou no sono.

Ele não lembrou que a Lurdinha foi criada no campo, acostumada com a lida, a rachar lenha com machado e que estava ferida tanto por fora como por dentro. Você sabe mulher magoada..., mulher machucada... é um perigo.

A Lurdinha buscou embaixo do fogão, na caixa de lenha, o machado, voltou ao quarto e desceu o olho do pesado na frente do Vado. Nem gemeu. O dinheiro que ainda segurava na mão caiu no chão, só correu um pouquinho de sangue pelo ouvido...

Quando amanheceu a Lurdinha mandou a putaiada embora.

Chamou o Delegado, mostrou o seu corpo maltratado e cheio de equimoses e escoriações.

Chamou a Maria Roncadeira, que sempre lhe deu apoio e sofria junto com ela pelas maldades do irmão. A Maria olhou, se benzeu, ajoelhou, rezou um Pai Nosso, uma Ave Maria e um Credo e se dispôs a ajudá-la com as despesas do enterro.

O delegado Alípio das Neves ouviu-a, ouviu a Maria Roncadeira, pesquisou a ficha corrida do traste, tanto na cidade como na capital, fez exame de corpo de delito na Lurdinha e deu o caso por encerrado, como legítima defesa.

Em verdade, embora toda a papelada tenha corrido com certo segredo, o episódio vazou, e alguns conterrâneos passaram a chamá-la de “Lurdinha Machadinha”.

Apelido que logo foi esquecido, arquivado, pois a Lurdinha começou um namoro sério com o delegado.

O delegado tinha chegado para há região a pouco, vindo de Palmeira. Era homem estudado, simpático, mas não finório, firme, arrojado, desempenado, um Teba, respeitador e observador da lei.

Pois o Alípio viu nela não só a beleza que o Vado não viu e que o Antenor desprezou. Viu que além da boniteza ela tinha pureza na alma e bons princípios. O delegado não teve dúvidas: seis meses após o acontecimento estava casado com a Lurdinha.

Parece que com a morte do Vado. A ave agourenta se foi, levantou voo, buscou outros rincões.

A Lurdinha pelichou, arribou, ficou este mulherão que você viu, de uma beleza estonteante. Depois de tanto sofrimento parece que encontrou a felicidade.

- O caso hoje está meio que no esquecimento! Também, depois de vinte e cinco anos!

A gurizada nova não dá importância pra estes fatos, nem bombachas usam mais, chimarrão, poucos tomam, têm alguns que tomam o amargo, mas têm o desprante de aquecer a água num tal de rabo quente. Eu fico desacorçoado.

Quem lembra ainda chorosa daqueles tempos é a Maria Roncadeira, alguns velhos moradores da cidade e eu, que gosto de contar causos de antigamente, inda mais quando envolve um peixão daqueles.

Data : 14/05/2015

Título : TREC-PAC, TREC-PAC?

Categoria: Poesia

Descrição: Vim pra cidade em caravana, De meu povoado do além,

TREC-PAC, TREC-PAC...

Vim pra cidade em caravana,  
De meu povoado do além,  
Nos trilhos chupava cana,  
Acredite você meu bem,  
Dia todo, comendo banana,  
Na esperança de ver o trem.

Trec-pac, trec-pac, trec-pac,  
Trec-pac, trec-pac, trec-pac,  
Seis horas chegou o trem,  
De susto eu dei um berro,  
Rodando num vai e vem,  
Gigante era o trem de ferro.

Depois deste cagaço,  
Voltei à beira dos trilhos,  
Agora sem embaraço,  
Ferro, aço e muito brilho,  
Bufava, fumegando o espaço,  
Com tosse de garrotilho.

Ele também é um caminheiro,  
Correndo sobre um carril,  
Quem viaja é meu companheiro,  
Admirando eu fiquei febril,  
Fumaça, vapor e cheiro,  
Calor sob um céu anil.

Trec-pac, trec-pac, trec-pac,  
Trec-pac, trec-pac, trec-pac...

Parte ele em velocidade,  
Naquele balanço sem-fim,  
Vão sonhos e felicidades,  
Quem fica! Fica triste assim,  
Fica a dor de muitas saudades  
E a solidão colada em mim.

Data : 01/07/2015

Título : CAMINHOS

Categoria: Poesia

Descrição: Curto os caminhos da vida, Vivendo só; em meu campo,

## CAMINHOS

Curto os caminhos da vida,  
Vivendo só; em meu campo,  
De dia o perfume de flores,  
À noite, luz de pirilampos.

Queria nesta jornada,

Criar novas fantasias,  
Caminhar por nova estrada,  
Sonhando então me iria.

Devaneando ser uma estrela,  
Com brilho leve e radiante,  
Ou quem sabe a luz da lua,  
Fosse cheia ou minguante.

Seria a fria geada,  
Branca, pura, mui brilhante,  
Ou pequeno rancho na mata,  
Onde se aquecem os amantes.

Sendo alvo e tênue véu,  
Numa janela a balançar,  
Vendo ao longe, mar e céu,  
E uma morena a requebrar.

Ser a luz de um farol,  
Refletindo em teu olhar,  
Ou pequenos raios de sol,  
Que te beijam ao te bronzear.

Ideando ser uma onda,  
E na fina areia quebrar,  
Quebrando assim a magia,  
De não ter alguém para amar.

Queria ser a saudade,  
Que é o prazer da dor,  
Que ataca este apaixonado,  
Que sofre por teu amor.

Data : 07/08/2015

Título : O TATU E O RATINHO

Categoria: Contos

Descrição: O ratinho olhou para o tatu e viu em seus verdes e estranhos olhos o reflexo daquele fogaréu.

O TATU E O RATINHO

Era tardinha quando cheguei do campo, joguei arreio e outras tralhas sobre um cepo, sentei num banco em cima de pelegos, tirei as botas, as meias, movimente e estiquei os dedos do pé e fui pedindo um chimarrão para minha prenda.

Tava eu ali, pensando na vida, quando numa algazarra chegou um bando de netos, pulando, brincando, fazendo estripulias, e já foram pedindo – Vovô, conta pra nós um causo! Conta, vovô! Conta, vovô!

Ajeitei-me, servi mais um chimarrão e fui pondo ordem naquela confusão.

- Querem ouvir um causo?

- Sim! Sim! Sim!

- Então, todo mundo sentado e em silêncio. Os maiores sentam nos bancos, os pequenos deitam nos pelegos. Hoje vou contar a história do Tatu e do Ratinho.

Foram se ajeitando, logicamente um empurrão aqui, um beliscão ali, um sorriso. Eu só olhando, tomando meu chima, me fazendo de sério, mas me rindo por dentro. Se acalmaram e começaram de novo – Conta, vovô! Conta, vovô!

- Prestem atenção nesta história. Há momentos em que o tatu e o ratinho cantam, e vocês têm que me prometer que vão cantar, com alegria, todas as canções que eles cantavam tão bem.

- Prometemos, vovô!

- Pois meninos, logo ali, abaixo do curral, antigamente tinha um campina, hoje lavoura de soja, o lagoão onde vocês banham e a mata que vocês conhecem. Havia muito bicho, muita ave e muito peixe. Neste recanto habitava um tatu, que tinha grandes olhos verdes, contrariando a sua espécie.

Vivia solitário, pois os outros tatus não se aproximavam por causa do tamanho e da cor de seus olhos.

Ele só teve companhia enquanto sua mãe e seu pai eram vivos. Sua mãe morreu nos cascos de um cavalo, e seu pai saiu para comer milho na roça da fazenda e nunca mais voltou.

Daí por diante ele ficou sozinho, tinha uma bela toca, limpa, funda, quentinha, com todo o conforto que um tatu pode desejar.

Em verdade ele tinha a companhia de um ratinho, muito xereta, que volta e meia entrava na toca como se fosse o dono.

Este ratinho, muito esperto, também era diferente. Não há de vê que ele tinha as orelhas e o lombo na cor azul, aquele azul retinto que tingia as penas do pássaro azulão. Andava assim como o tatu, sólito no mundo.

Em princípio ele detestava aquele rato, mas com o passar do tempo foi acostumando. Enfim era bom ter um vivente por perto.

O ratinho era danado e nas noites mais frias ia se achegando, se achegando, buscando calor, e se o tatu se descuidasse, ele ficava agarradinho, tão pertinho, mas tão pertinho mesmo, que parecia que queria entrar casca adentro.

Assim o tempo foi passando e eles ficaram amigos. Quando o ratinho se afastava muito e demorava a chegar, o tatu sentia a sua falta e ficava preocupado. Teria alguma cobra comido o ratinho? Teria ele caído na sanga e se afogado? Será que o gavião não o tinha apanhado e levado para o seu ninho? Mas para a felicidade do tatu, embora demorasse, o ratinho sempre voltava.

Numa noite de primavera, quando o perfume das flores dançava no ar, acompanhando o voo iluminado dos vaga-lumes, o tatu e o ratinho estavam em frente à toca, observando aquele cenário, quando apareceu o Boitatá.

Eles não se abalaram. O Boitatá visitava aqueles recantos com frequência. No princípio tinham medo e se escondiam na toca. Com o passar do tempo foram se acostumando e já não davam tanta importância àquela luz de um brilho azulado, que andava, parava, corria e andava de novo pelas campinas.

Desta vez era diferente, aquele fogo, aquela luz era maior, se deslocava com rapidez, clareando o capim forquilha. O ratinho olhou para o tatu e viu em seus verdes e estranhos olhos o reflexo daquele fogaréu.

E foi assim se olhando que eles correram para dentro da toca, foram se aprofundando, mas aquela luz os acompanhava, clareando todo aquele buraco, e, num momento, eles estavam envolvidos por toda aquela luminosidade e ouviram uma voz grossa e rouca que lhes dizia e eles entendiam: Vão falar como humanos/ Vão conversar com os bichos/ Vão falar como humanos/ Vão conversar com os bichos...

Entraram num torpor, num desmaio, dormiram por três noites, dormiram por três dias.

Quando voltaram a si, o sol já ia alto, e o tatu pensou e murmurou, nem ele acreditando no som que emitiu.

- Ai, que dor de cabeça!

O ratinho surpreso deu um salto e ficou olhando para o tatu. Como estava enxergando mal, pelo efeito daquela forte luz, também murmurou.

- Ai! Ai! Que dor nas vistas.

Foi a vez do tatu ficar boquiaberto.

Ficaram por longos minutos se olhando, daí um falou e o outro entendeu, o ratinho falou novamente e o tatu compreendeu. Ficaram maravilhados.

Correram para fora, tudo continuava igual. Lembraram-se daquela luz entrando na toca e das palavras “Vão falar como humanos/ Vão conversar com os bichos”.

Não queriam parar de falar. Com todos os bichos que encontravam eles puxavam assuntos, o ratinho se mostrou um tagarela, o tatu era mais sisudo.

Foi nessa época que construímos uma escola/igreja. Tínhamos como temos ainda hoje muitos peões e suas famílias hospedados na fazenda, precisávamos de uma escola durante a semana e aos domingos necessitávamos de uma igreja. Fizemos uma construção só. Durante a semana servia aos alunos, no domingo o padre vinha fazer as rezas.

Era uma construção em pinho, coberta com telhas de barro, trazidas lá da cidade; tinha uma porta larga, quatro janelas, bancos, um quadro negro, ao fundo um altar para as missas e no canto um confessionário, além de carteiras para os alunos e um armário que guardava livros para leitura e pesquisas.

Nestes dias, o tatu e o ratinho já eram famosos naquelas campinas, falando com toda a bicharada.

O ratinho seguindo o seu costume sumia de vez em quando.

Aonde será que ia o ratinho?

- Ele ia passear, vovô!

- Ele ia procurar namoradas, vovô!

- Ia se banhar no açude!

- Negativo! Negativo! O ratinho subia a ladeira que chegava até o curral, se esgueirava por caminhos que só ele conhecia e chegava até as plantações. Ali ele se fartava comendo sementes de milho, que os papagaios, as araras, as caturritas e até mesmo os macacos deixavam cair no chão.

Comia de encher a barriga e se dava ao luxo de tomar banho de sol.

Como ele agora falava e tinha uma grande amizade pelo tatu, num belo dia convidou-o para ir junto com ele. O tatu ficou encantado com tanta fartura, comeram e comeram até ficarem redondos.

O sol já ia alto quando voltavam. Passaram por baixo da escola/igreja, gostaram muito daquele local, descansaram embaixo da construção, ali era fresquinho, chegaram até a dormir.

Quando iam embora, passaram pelo curral e já iam descer ladeira abaixo, quando o ratinho, curioso, resolveu voltar para ver o interior da escola. O tatu, com preguiça, ficou esperando.

Ao subir a escada de acesso o ratinho deu de cara com uma gata, que depois descobriram chamar-se Framboesa, deitada, ronronando, naquele piso fresquinho.

Foi um upa e teve, e a gata pulou no ratinho, que pulou para um lado e tentou argumentar, usando sua habilidade de conversar. A gata não quis conversa, e o ratinho teve que sair em disparada com a gata nos seus garrões.

Na velocidade que vinha, o ratinho se enfiou embaixo do tatu, que com o susto que levou e vendo a gata se aproximar mal-intencionada, por instinto, se transformou rapidamente numa bola.

A gata, com olhar intrigado, deu um tapa naquela armadura redonda, e o tatu, com o ratinho no interior da bola, rolou descida abaixo, estacionando junto à lagoa.

O ratinho gritava e reclamava que estava apertado, mas o tatu, com sua calma habitual, foi se abrindo, olhando se a gata os tinha seguido, e lentamente libertou o amigo.

Foi um susto comentado por dias...

Eles sabiam que tinham que voltar à plantação. Lá havia comida farta. O ratinho, mui curioso, queria porque queria retornar e entrar naquela escola.

Passou o natal, também passou o Ano Novo, fui para a cidade buscar uma professora, para iniciar as aulas. Encontrei uma loirinha, inteligente, bonita e simpática, com um sorriso largo que formava covinhas e subia até os olhos num brilho de Estrela D'Alva.

Identifiquei nela de imediato as características que eu procurava: capacidade, coragem e disposição para assumir uma escola no interior, numa fazenda.

Em fevereiro iniciamos as aulas. Os peões estavam envolvidos com as colheitas de soja, milho e mandioca. Havia muita fartura no campo, o que não passou despercebido pelos nossos amigos.

Para animaizinhos tão pequenos, era longo o trajeto, da toca para a lavoura e da lavoura para a toca. Fizeram esta caminhada por dois dias, no terceiro, resolveram dormir embaixo da escola, sempre preocupados com a gata Framboesa.

Discutiram o assunto e resolveram morar ali, embaixo da escola. Ficou combinado que no dia seguinte o tatu, para a segurança dos dois, cavaria uma toca no local.

Enquanto o tatu construía a nova toca, o ratinho vistoriou todo o local. Descobriu que um dos alicerces em tijolos, que apoiava o canto direito aos fundos do prédio, possuía uma espécie de escada, por ali subiu e roeu e roeu, crock, crock, crock, o cantinho do assoalho fazendo uma travessia para o interior. Entrou, a passagem ficava atrás do confessionário.

Ficou impressionado com o que viu, voltou e contou tudo para o tatu. O tatu ficou curioso e quis ir ver as descobertas do ratinho. Subiu pela escada do alicerce, mas a toquinha feita pelo rato era pequena e não permitia que ele olhasse o interior do prédio. O tatu ficou decepcionado, e o rato, muito triste.

Mas o rato não desanimou. Trabalhou, trabalhou e trabalhou, crock, crock, crock, até mesmo à noite para alargar a toquinha. Na manhã seguinte o tatu, mesmo apertado, conseguiu introduzir a cabeça com seus grandes olhos verdes e ver tudo o que estava acontecendo na sala de aula.

Ele ficou deslumbrado e passou aquela noite comentando o que tinha visto, aquela criançada lendo, estudando e cantando, principalmente cantando.

No outro dia o tatu continuou o trabalho, ampliando a toca, tornando-a mais aconchegante, e o ratinho, à noite quando não tinha ninguém na sala, de aula trabalhou, crock, crock, crock, ampliando o buraco para que o tatu pudesse entrar definitivamente naquele ambiente.

Como vocês bem lembram, o buraco no assoalho era atrás do confessionário. Por segurança o ratinho que era rápido, entrava e se escondia dentro do confessionário; o tatu, por ser mais lerdo, gostava de olhar o interior, não se atrevendo a entrar, embora o buraco permitisse.

Num sábado à tarde, quando eles voltavam da roça onde tinham saboreado um milho-pipoca, o tatu foi para a toca descansar, e o ratinho resolveu tirar um cochilo embaixo do banco dentro do confessionário, local de penumbra, de frescor.

Naquele sábado tinha chegado à fazenda o Padre Damião, para fazer confissões e rezar missa no domingo.

Após o almoço, daqueles que os padres gostam, regados a vinho, ele sesteou, nuns pelegos, embaixo de pés de plátano.

Depois deste cochilo, lá pelas três da tarde, o padre anunciou que ia começar as confissões. Sinhá Otília, preta, gorda e idosa que cuidava da cozinha, já tendo acabado suas lidas, se candidatou a ser a primeira, e assim se foram para o interior da igreja.

Quando o padre sentou no banco do confessionário e a Sinhá se ajoelhou para o início da confissão, o ratinho assustou-se com o movimento, saiu rápido de baixo do banco e naquele escurinho subiu batina adentro, pela perna do padre. O padre deu um grito, sacudiu a batina e o rato caiu. Damião deu um pulo, saltou fora do confessionário e gritou.

- É um rato! É um rato!

Levantou a batina e saiu correndo, a Otília levantou a saia de chitão e correu também. Mandaram-se, porta afora, brancos e trêmulos.

Eu ia passando nesta hora, quase fui atropelado por aquele padre cagão.

- O que houve? O que houve?

- Tem um rato no confessionário!

Olhei pros dois, balancei a cabeça e reclamei.

- Nunca vi um casal gordo e covarde como vocês.

Pequei um espeto de churrasco que estava na churrasqueira ao lado e entrei para limpar o ambiente.

Cheguei devagarinho, pé por pé, fui levantando a cortina do confessionário, abri a pequena portinha de acesso, no máximo silêncio, fui acostumando as vistas naquela penumbra e vislumbrei o rato num cantinho embaixo do banco.

Ajeitei na mão o espeto, para dar uma cacetada naquele invasor. Quando eu levantei minha arma, ouvi uma vozinha que me disse:

- Por que vai me matar? Eu não fiz nada!

Olhei para os lados, ainda com o espeto preparado, procurei quem falou comigo, e a vozinha voltou a falar.

- Eu não fiz nada, eu não fiz nada!

Eu, certamente, fiquei com cara de bobo, estaria eu louco, ouvindo um ratinho falar? Larguei o espeto e fiquei olhando aquela figurinha. Ela tremia de medo.

Abaixei-me, devagarinho, tentando pegá-lo, ele foi rápido, escapou, mas não contava com meu chapéu, e eu mais rápido ainda, coloquei o chapéu em cima dele.

Ele chorou, guinchando, corria no interior do chapéu. Eu, com toda a calma do mundo, fui botando a mão devagarinho e peguei o rabo do bichinho.

Puxei para fora, trouxe ele para o mais claro, vi sua estranha cor azul, e ele falou.

- Não me machuque! Não me machuque!

Coloquei-o com cuidado dentro do chapéu e perguntei:

- Quem é você? Como é que você fala?

Ele custou a se recuperar do susto e então falou:

- Eu sou o rato Mané. Moro na toca junto com o tatu Azeitona. Eu o chamo de azeitona porque tem grandes olhos verdes.

Vi logo que o Mané era tagarela...

- O tatu! O Azeitona também fala! Ele me chama de Mané, porque um dia dois meninos passaram correndo em nossa toca e um deles era muito rápido e corria na frente e o outro gritava – Espera, Mané! Espera, Mané! Como eu sou mais rápido que o Azeitona, ele começou a me chamar de rato Mané.

- Quando ele fica zangado comigo me chama de Mané Azulão.

- Onde que é a toca de vocês? E como é que vocês falam?

- Isto é uma longa história, se tiveres tempo eu posso contar tudinho.

Lembrei-me então das confissões, o padre e os fiéis estavam do lado de fora, aguardando a notícia sobre o rato. Combinei com o ratinho Mané de nos encontrarmos ao final da tarde e que ele trouxesse o tatu Azeitona.

Saí, avisei ao padre e ao grupo que se encontrava à frente da igreja que o rato fugiu por uma fresta e que a gata Framboesa o estava perseguindo.

Continuei a passos largos, querendo ficar sozinho, pois precisava refletir sobre minha descoberta. Já se viu, rato e tatu falando.

À tardinha, hora da Ave Maria, me esgueirando para não ser visto, entrei na igreja, sentei-me num banco e fiquei esperando. Minutos depois vi o rato entrando, mexendo suas orelhinhas azuis. Logo atrás, se apertando no buraco, um tatu, gordinho e com grandes olhos verdes.

O Mané agora desinibido foi logo subindo no banco em minha frente: o Azeitona mais tímido e recatado, manteve certa distância. Eu quebrei o gelo e falei:

- Te aprocheiga, Azeitona, não tenha medo, sou um amigo curioso!

Ele chegou mais para perto e ficou me olhando. Os grandes olhos verdes refletiam as luzes das velas que tinham sido acesas aos pés da Virgem Maria.

- Mas então me contem! Aprenderam a falar onde? Estão morando aqui neste porão por quê?

Então eles me contaram sua vida: os olhos verdes e grandes, as orelhas e o lombo azul, a discriminação de os de sua espécie, as luzes que os fizeram falar, as aventuras colhendo sementes, a fuga da gata Framboesa...

Foram horas de um bate-papo interessante e inteligente, quando eles demonstraram grande amizade de um pelo outro e da alegria por poderem se comunicar com os bichos e com os humanos, cumprindo o destino que aquela voz anunciou – “Vão falar como humanos/Vão conversar com os bichos”.

- E por que vocês vêm até esta sala?

- Porque aqui é gostoso, abrigado e principalmente porque podemos ouvir a professora tocar violão e as crianças cantarem.

- E vocês aprenderam alguma canção?

- Sim, sim, nós gostamos de cantar!

- Pois então cantem uma!

Os dois se empertigaram e cantaram com uma voz que eu diria afinada. Vamos, meninos, cantem comigo conforme o prometido.

Capelinha de Melão é de São João

É de Cravo, é de Rosa, é de Manjerição

São João está dormindo

Não acorda, não!

Acordai, acordai, acordai, João!

Após esta apresentação e uma charla que foi longe, eu também lhes contei um pouco de minha vida e lhes prometi que por enquanto eu não contaria nada a ninguém e que eles poderiam continuar morando no porão da escola.

Eles pediram para que eu trouxesse até eles a gata Framboesa, para que eles tivessem oportunidade de conversar com ela, para que fizessem amizade e ela não os perseguisse mais.

Tomei esta providência no outro dia, domingo, também ao final da tarde. A gata no meu colo estava nervosa, queria pular quando os viu, mas à medida que eles foram falando com ela, ela foi acalmando. Eles conversaram numa língua que eu não entendia. Ficaram amigos.

Ao me despedir eu lhes contei que ia casar com a professora e que no dia do casamento eu gostaria que eles cantassem para nós.

- Era a Vovó? Vovô! Era a Vovó? Vovô!

- Sim, claro, vocês não sabiam que a vovó era professora e a mais bela destas paragens?

- Continua, vovô, continua!

Vi que eles ficaram felizes, mas também senti que eles ficaram com medo, pois se muitos os descobrissem eles temiam correr riscos.

Tranquilei-os, dizendo que seria uma apresentação somente para mim e para a minha noiva, a professora, que certamente adoraria um show deles no dia do seu casamento.

Depois deste nosso encontro ficou combinado que, quando eu quisesse falar com eles, o faria na hora da Ave Maria. Entraria na igreja, bateria a bota no assoalho e eles viriam. Se eles quisessem falar comigo, mandariam recado pela Framboesa, que me faria sinal.

Três meses depois desta conversa, chegou o dia do casamento.

Foi a maior festança da região.

Casamos pela manhã, com missa às dez horas, churrascada, cantoria, trovas e danças a tarde toda.

Quando eu passava dançando com a noiva, às vezes com a sogra ou com outra convidada, eu bispava o buraquinho, e lá tava o Mané ou o tatu espiando.

Ao anoitecer a gauchada foi embora com a barriga cheia e com o solado das botas liso de tanto dançar.

Quando todos finalmente se retiraram, convidei a noiva para ir, novamente, até a escola, queria lhe fazer uma surpresa. Pedi que ela levasse junto o violão.

Lá chegando sentamos num banco, lhe pedi um pouco de paciência e bati com o calcanhar da bota no chão.

Esperamos alguns minutos, apontei para o cantinho, para o buraco e lá se vinham o Mané e o Azeitona. A professora, agora minha esposa, ficou espantada com o que estava vendo.

No princípio entendi que ela ficou atemorizada, afinal um rato, um tatu, mas quando eu falei com eles:

- Mané! Azeitona! Se cheguem!

Eles responderam com timidez:

- Boa noite, felicidades!

Ela ficou surpresa, mais que surpresa, encantada. Contamos a ela todos os acontecimentos, eu falava um pouco, eles completavam. O Mané azulão falava e falava e queria falar mais.

A professora logo compreendeu o fenômeno e a necessidade de mantermos o sigilo para a segurança deles. Na ânsia de descontrair e surpreendê-la ainda mais, pedi que apanhasse o violão e o dedilhasse para que eles mostrassem seus talentos e cantassem as músicas que aprenderam enquanto ela ensinava os alunos.

Foi assim que o ambiente se encheu de alegria quando eles cantaram. Crianças, cantem comigo para recordarmos aqueles momentos! Vovó pega o violão! Toca como naquela noite!

E assim cantamos.

O cravo brigou com rosa

Debaixo de uma sacada

O cravo saiu ferido

E a rosa despedaçada.

O cravo ficou doente

E a rosa foi visitar

O cravo teve um desmaio

E a rosa pôs-se a chorar.

Naquela noite, que já se perdeu no tempo, vi que lágrimas de surpresa, alegria e emoção escorriam dos olhos da minha eterna namorada.

Mas surpresa maior estava por vir, pois o tatu, que pouco falava, mas era perspicaz, disse que queriam cantar uma música em nossa homenagem, nos cumprimentando pelo casamento e nos desejando felicidades. Música esta que, segundo o Azeitona, aprenderam ouvindo uma galena que tocava na cozinha da fazenda.

Vamos lá criançada acompanhem o vovô e a vovó. O ratinho e o tatu cantaram assim:

Se essa rua

Se essa rua fosse minha

Eu mandava

Eu mandava ladrilhar

Com pedrinhas

Com pedrinhas de brilhante

Para o meu

Para o meu amor passar.

Nessa rua

Nessa rua tem um bosque

Que se chama

Que se chama solidão

Dentro dele

Dentro dele mora um anjo

Que roubou

Que roubou meu coração.

A emoção se instalou em nossos corações e lágrimas de alegria e felicidades escorreram por nossas faces.

Aos domingos, ao término da missa, quando todos se afastavam, nos encontrávamos, conversávamos, cantávamos. Eram momentos de alegria e de leveza em nossos corações...

O tempo passa empurrando as estações, e os trabalhos na fazenda cresciam a cada dia. Precisei buscar novos ajudantes, e numa leva de campeiros, chegaram o Zeca a mulher e dois filhos.

Instalei-os em um rancho próximo da sede. O Zeca, um índio grosso que nem dedo destroncado, mas excelente campeiro e posteiro, a mulher boa cozinheira, fazia pães e cucas maravilhosas,

além de asseada e caprichosa. Mas os meninos, o Jair, de apelido meio-quilo, e o Valdir, o sarará, eram da pá virada.

Frequentavam a escola pela manhã. À tarde “reviravam a fazenda pelo lado do avesso”, cada um com seu bodoque, andavam por matas e capoeiras, caçando passarinhos, derrubando ninhos, casas de João-de-barro e mandando pedra em qualquer bicho que passasse em seus caminhos.

Uma tarde saíram a caçar ninhos de galinhas. Procura daqui, procura dali, e uma galinha cantou saindo, debaixo da escola. Correram pra lá e viram o tatu próximo da toca. Eles não tiveram dúvida: mandaram pedra. Uma acertou no tatu de refilão, ele entrou na toca ferido, o ratinho lá se encontrava e ficou branco de medo e de pena do tatu.

Ouviu os meninos dizendo:

- Amanhã nós voltamos, vamos trazer uma enxada, cavar e apanhar aquele tatu.

O Mané procurou a gata Framboesa contou a história. O tatu estava ferido sem gravidade, estavam com medo e iriam embora e gostariam de falar comigo ainda aquela noite.

A gata saltou no meu colo, pulou no chão, passou as unhas na minha bota e correu em direção à escola.

Reparei pela velocidade da Framboesa que o caso era de urgência. Fiz sinal para a Margarida e fomos para a escola.

O Mané já estava lá, nervoso que chegava a gaguejar. Nos contou os detalhes e a decisão de voltarem para a sua antiga toca.

Tentamos demovê-lo da ideia, mas ele estava muito temeroso. Pedimos então que buscasse o tatu, para vermos seu estado.

Passados alguns minutos o tatu chegou, e sua carapaça apresentava um corte que tinha sangrado, mas que estava bem.

Conversamos muito. Margarida fez um curativo, eles nos explicaram onde ficava a velha toca e que partiriam ao raiar do sol.

Despedimo-nos já com saudades. Tínhamos os olhos molhados.

A Margarida apanhou uma fita de tafetá que enfeitava um quadro de avisos e pediu que eles a colocassem na entrada da toca, facilitando assim a identificação do local.

Queríamos logo encontrá-los para matar a saudade de tão estranhos e especiais amigos.

No final de semana, apanhamos varas de pescar, para disfarçar, descemos em direção ao lagoão e daí entramos na mata seguindo a orientação do tatu.

Caminhamos por caminhos e trieiros, estávamos quase desistindo quando vimos a fita vermelha, balançando ao vento, presa em raminhos de marcela. Ficamos felizes, procuramos e procuramos a toca. Encontramos uma a uns cinquenta metros da fita, concluímos que o vento a levou para longe. Para nossa tristeza a toca estava abandonada, tinha rastros de rabo de tatu e umas pegadinhas que poderiam ser do rato.

Voltamos àquele local e aos arredores diversas vezes, durante meses, aos domingos após a missa, e nunca mais os encontramos.

Acho que eles se escondem, não querem mais contato com humanos, pois sabem a maldade que habita em nossos corações.

Passou um longo tempo, mas eu sabia e meu coração confirmava que eles estavam lá.

Certa noite, noite de lua cheia, estávamos como de costume sentados em nosso banco, em frente à casa. O minuano tocava viola nos fios das cercas. Eles se aproximaram. Nós não os víamos, mas sentíamos suas presenças. E, eles cantaram. Hoje eu sinto que foi como uma despedida.

Meu limão, meu limoeiro,

Meu pé de Jacarandá

Uma vez tindolelé

Outra vez tindolalá.

A seguir o Boi Barroso, certamente nos homenageando,

Eu mandei fazer um laço,

Do couro de um jacaré

Pra laçar meu boi barroso

No cavalo pangaré

Meu boi barroso, meu boi pitanga,

O teu lugar é lá na canga.

Eu mandei fazer um laço

Do couro da jacutinga

Pra laçar meu boi barroso

Lá no alto da restinga.

Depois deste recital, do qual não consigo esquecer, eles sumiram, não tivemos mais notícias. Mas algo estava por acontecer, e de fato aconteceu.

Numa noite sem lua em que as estrelas com sua luz mortiça se banhavam no lagoão e o perfume do jasmim e das laranjeiras enchia o ar, abateu-se um silêncio sobre a natureza: as vacas que mugiam acompanhando os terneiros calaram, os sapos que coaxavam silenciaram, a coruja que piava sobre um moirão emudeceu, a gata Framboesa arrepiou, até o vento amainou criando uma espécie de vácuo. O som estava amordaçado.

Surpresos, levantamo-nos e vimos um grande boitatá saindo da mata, circulando o lagoão, logo veio outro do mesmo tamanho, corriam e dançavam. Tinham eles aquela luz pálida como a luz da Estrela D'Alva. No entanto ao contemplar com mais apuro, constatava-se que uma das luzes em sua palidez era de um verde sutil, enquanto a outra se apresentava com nuances azuladas.

O silêncio persistia, só existia aquele show de luzes iluminando o lagoão, e, de repente, como impulsionados por uma força sobrenatural, deram uma grande volta sobre as casas. Foi quando vimos naquelas bolas luzidias e transparentes, na azulada a forma de um ratinho e na esverdeada de um tatu. Deram ainda uma volta sobre a mata e lançaram-se ao espaço, numa velocidade inacreditável. Seguiram em direção ao Cruzeiro do Sul.

Ouviu-se um som, um baque, um puff... E os boitatás se transformaram em estrelas.

Como por encanto, sons e os movimentos voltaram, o vento chegou com força redobrada zunindo pelas canhadas. Até o perfume das flores ressurgiu.

Se vocês olharem em direção ao Cruzeiro, com muita atenção, vão enxergar lá duas estrelinhas, uma com brilho azulado e outra com o brilho esverdeado.

- Agora vão, tomem banho, jantem, escovem os dentes e venham então olhar o Cruzeiro do Sul. Mas já adianta: só vão enxergar a estrelinha azul e a esverdeada àqueles que têm o coração puro e leve.

- Vovô, eu tenho o coração puro e leve?

- Não sei! Depende! Se você é um menino obediente que não teima, não responde, toma banho, escova os dentes, estuda, não judia os animais, reza todas as noites e respeita os mais velhos, então, você tem o coração puro e leve.

Agora vão e não se esqueçam de ajudar a vovó a arrumar a mesa para o jantar.

- Hei! Hei! E o beijo? E o abraço no vovô?

- Hum! Que gostoso.

Data : 14/09/2015

Título : UM UNICÓRNIO NAS COXILHAS

Categoria: Contos

Descrição: Estrelas mil brilhavam sob o escuro da lua nova, e seus olhos não se casavam de mirar o infinito.

## UM UNICÓRNIO NAS COXILHAS

Era sábado, dia abafado, olhei pros lados do chovedor e vi nuvens se levantando, escuras, pesadas, prometendo chuva para o final da tarde.

Pra combater um tempo assim o melhor é procurar trabalho, e foi o que minha esposa fez. Resolveu fazer uma limpeza no quarto que tinha sido de meu pai e que fora de meu avô. Convidou para a lida uma das netas, a mais velha, que estava por ali; os outros estavam andando a cavalo ou banhando no açude.

Este quarto de que vos falo é hoje de muito pouco uso, tornou-se um depósito de quinquilharias, de objetos pouco usados, quase um despejo.

As duas se animaram, muniram-se de vassouras, panos, baldes, sabão, espanador, aqueles utensílios que as mulheres utilizam numa faxina regrada. E se foram às lidas, arruma daqui, organiza dali, isso bota fora porque não serve mais, isso ainda dá pra consertar...

Já no encerramento das atividades, levei um chimarrão para minha esposa e ficamos conversando e olhando nossa neta ultimar a organização de uma velha cômoda de seis gavetas, em imbuia, que devia estar naquele local há muitos e muitos anos.

Quando abriu a última gaveta, pesada e emperrada pelos anos, encontrou dentro dela uma caixa, feita em madeira de pinho, que tinha gravada na tampa as letras A.G., iniciais do nome de meu avô.

No interior da caixa havia coisas inusitadas: um lenço colorado, um isqueiro feito de chifre, uma adaga, um osso de garrão coberto de metal tanto no culo como na suerte, preparado para o jogo de osso, uma bomba de chimarrão com bocal em ouro, fotografias, três patações, uma fivela de prata e, no interior de uma pequena bolsa tricotada em lã de ovelha, uma caderneta na qual estava registrado a lápis o que lemos e que vos conto:

Tudo o que passo a descrever me foi contado por meu pai, pouco antes de sua morte. Contou-me num particular, à beira de um fogo de chão, enrolado em um cobertor. O frio daquela noite era de renguear cusco.

Entregou-me esta bolsinha e pediu-me que a mantivesse guardada, disse-me que dentro dela tinha morado um amuleto poderoso. Alertou que a relíquia ali guardada por algum tempo tinha deixado impresso naquele pequeno invólucro o seu poder.

É sabido que a lã possui eletricidade, e ele tinha a certeza, de que o poder do talismã tinha sido captado pela bolsa e que era dela que vinha a paz, a felicidade e a riqueza da família.

- Vejam que hoje temos mais de mil quadras de campo cobertas de bovinos, com agricultura solidificada, e quando papai, seu avô, recebeu este amuleto, estas terras eram apenas cinco colônias compradas com muito suor e sacrifício.

Quase tudo o que te conto meu filho, me foi narrado, dias antes de sua morte, por Felipe Amaral, Coronel Felipe, ou simplesmente Felipão, lindeiro destas terras por longo tempo. Outros detalhes me foram narrados pelo mascate Zeca, além de fatos que eu mesmo presenciei.

Naquele tempo cortava estas terras como corta ainda hoje a estrada de ferro, levando gente e produtos de um lugar para outro.

Andava por estes sertões um circo famoso, que, além de possuir uma trupe admirável, possuía um zoológico com animais para a visitação pública e que se apresentavam nos espetáculos. Eram bichos treinados e treinados com muito carinho.

Um dos animais que percorria este mundo de meu Deus junto com o circo, há muitos e muitos anos, era o cavalo Jumbo, raça Percheron, trazido da França, forte e pesado, com pelagem alazã em tom ouro avermelhado. Jumbo não era um artista, mas um cavalo de serviço que ajudava na montagem do circo, na tração das jaulas dos felinos, enfim, em todos os trabalhos que exigiam força.

Tracionava aquelas jaulas há tantos e tantos anos que os felinos o aceitavam, e quem melhor observasse veria que nutriam estranha amizade por ele.

Outro animal famoso era a égua Matilde, esta, sim artista, pois participava do show, carregando nas costas, em pé, a domadora e um macaco endiabrado, ou melhor, um chimpanzé, natural da Tanzânia, que subia e descia de seu lombo durante toda a apresentação. Matilde era um belo exemplar da nobre raça Árabe, elegante, graciosa, inteligente, tordilha clara com incrível predominância branca, que à luz do sol parecia um campo coberto de geadas.

O chimpanzé de pelagem preta brilhante, apelidado de Zezé, pesava quarenta quilos e tinha setenta centímetros de altura.

Mas os anos tinham se passado, e o Jumbo, estava velho, cansado.

Os proprietários do circo resolveram que era hora de aposentá-lo, ou quem sabe sacrificá-lo, oferecendo a carne aos animais carnívoros, leões, tigres e hienas.

Entenderam, no entanto, que seria uma maldade abatê-lo e, em agradecimento pelos serviços prestados, resolveram que na primeira oportunidade o largariam em algum campo aberto. Assim ele estaria livre, e os proprietários do circo não teriam despesas para mantê-lo.

Nesta mesma reunião, foi discutido o caso da égua Matilde, uma égua de valor, de renome, mas que tinha sofrido um acidente. Outra jovem fêmea tinha lhe dado um coice, acertando-a no olho esquerdo, que tinha vazado. A Matilde, além da idade, estava agora cega de um olho. Ela não podia mais participar dos espetáculos, não seria conveniente apresentar ao público um animal naquela situação.

Resolveram que ela teria o mesmo destino de Jumbo.

Papai contava que diariamente ouvia, através do vento, o resfolegar do trem cruzando as coxilhas pra lá da sanga e que teve um em dia especial em que sentiram que o trem parou. Ouviram nesta ocasião o urro de animais selvagens, e, depois de um curto tempo, o trem guinchando seguiu viagem.

- Hoje eu sei que foi neste dia que largaram naquelas paragens o Jumbo e a Matilde. Sei também que no momento em que se desfizeram dos animais, o macaco Zezé, sapeca como era, deu um jeito e fugiu no lombo da égua, sua amiga.

Estavam eles nos campos do Felipe Amaral, índio vago, solteirão, amargo como o próprio nome, vizinho de difícil convivência, avarento, veterano da Revolução.

Quem o conhecera na juventude e hoje o via não reconhecia o Amaral de antanho. Aquele tinha sido um moço alegre, apetrechado, de boa estampa, namorador, violeiro e boêmio.

Na Revolução, onde ganhou por bravura o posto de coronel, as peleias, as noites mal dormidas, o ambiente de dor e desespero, a espera e a tensão de encontrar o inimigo o transformaram. Aquele moço afável se transformou num temido degolador, seviciador e estuprador.

Levava para os campos de batalha a fama de matador frio; os inimigos o conheciam, o temiam e tinham sede de matá-lo.

Na última batalha em que participou, quando peleava, dentro de um acampamento que tinham assaltado, ele foi derrubado do cavalo, tendo o lado esquerdo do corpo preso contra um braseiro, fogo de chão. Teve a parte superior do braço, o ombro, o pescoço e o rosto queimados. O olho ficou branco pelo calor e a boca sofreu uma espécie de espasmo e ficou torta. Salvou-se da morte, quando o comandante inimigo viu suas divisas e, por ética e respeito ao chefe rival, mandou que o cabo que o mantinha contra o braseiro o soltasse. O cabo protestou:

- É o degolador! O estuprador!

O comandante respondeu com firmeza:

- Deixa-o ir, ele está para todo o sempre marcado, ele merece o destino que vai enfrentar, sofrerá todo dia, só descansará com a morte.

O Amaral fugiu engarupado no cavalo do Serafim, ordenança, que também estava ferido.

O comandante estava certo, restou um rosto desfigurado, que ele cobria sistematicamente com o chapéu, embaixo do qual ele prendia um pano de algodão que cobria todo o lado esquerdo da face. Pelo canto torto da boca escorria, conforme seu humor, um fio de saliva, uma baba, o que lhe obrigava a usar sistematicamente um lenço no bolso da bombacha. Esta deformação

motivava o seu andar solitário, a sua amargura, sua solteirice e o morar recanteado naquele canto esquecido do Rio Grande.

Embora esse flagelo, Amaral era um índio abonado, possuindo bens e dinheiro. Quis o destino que, quando se curou dos ferimentos que o marcaram pela vida afora e se preparava para procurar emprego como campeiro, foi surpreendido com uma herança. Herança esta vinda de Portugal, de seu avô, do qual era o único neto de um único filho.

A moeda que chegou lhe possibilitou a compra dos campos nos quais vivia, selecionando uma gadaria de qualidade e os cavalos que eram a sua vida e o seu prazer.

Os recursos deram-lhe ainda a oportunidade de adquirir uma gleba de terras na cidade, onde construiu casas em madeira de pinho, cobertas com tabuinha e pintadas a cal. Estas casas simples ele alugava com mão de ferro, não aceitava atraso de aluguel. Somente famílias pobres se sujeitavam a morar em um local distante e em casas de mínimo conforto.

Realizava a cobrança mensalmente, com seu estranho aspecto e com a fama de ex-revolucionário, degolador e assassino. Assustava mulheres e crianças e era temido pelos homens, que, muitas vezes, enfrentando a doença ou a falta de alimentos, davam um jeito de pagá-lo, pois quem não o fizesse seria forçosamente despejado e com certeza algum bem seria retido em pagamento.

Não convinha deixá-lo nervoso, pois, então, “Adeus, Tia Chica”. Se isso acontecesse, ele, na companhia de seu peão, antigo ordenança e guarda-costas, Serafim, daria uma tunda inesquecível de mango no atrevido.

O Serafim era um negro-aço, corpulento e branquelo como todo o negro-aço é. Por sua tez estranhamente branca e cabelos amarelados era chamado por muitos de Galego. Tinha fugido para o Paraná por malquerença com uma moça e estava jurado de morte pelos familiares dela. No Paraná assassinou, roubou e se tornou fugitivo da justiça. Voltou aos pagos e, não tendo outra opção, se ajuntou às tropas como ordenança do Coronel Amaral.

Passado o bochincho, ganhou um rancho nas terras do Felipão, passou a morar naqueles fundos e a realizar todo tipo de trabalho que o Amaral determinasse.

Mas querer fazer um ladrão fiel é tolice, e o Serafim roubava o Amaral, sempre que podia. Roubava uma vaca aqui, uma novilha ali, sacos de milho, de arroz e feijão, um porco, uma ovelha.... Se o Felipão não ficasse esperto até na cobrança dos aluguéis ele ficava com algum. Sujeitava-se a ficar ali, obedecendo às ordens mal-humoradas do patrão, sempre roubando um pouco, mas na grande esperança de um dia descobrir onde o coronel escondia suas riquezas...

Mas o coronel conhecia sua tropa e conhecia muito bem o Serafim.... Relevava alguns roubos para não ficar definitivamente só naqueles campos.

O Felipão era um sovina, um “pão-duro” agarrado aos bens materiais; àquele que não comia um ovo para não ter de jogar a casca fora. Comia mal, vestia mal, suas bombachas possuíam remendo sobre remendo, e as cores já tinham se perdido no tempo. Não possuía contas em banco e o dinheiro que conseguia, e era muito, juntava e escondia em locais que só ele sabia.

Ele tinha defeitos, mas é bom que se diga que tinha um jeito especial com os animais, especialmente cavalos. Criava muitos e os domava com perícia e precisão e os comercializava para toda a região. Era famoso por esta habilidade, e a gauchada da região falava de “boca cheia”, com gosto, quando possuía um cavalo do Amaral.

Em verdade as únicas pessoas que ele visitava éramos nós, seus vizinhos mais próximos. Afirmava sermos a sua única família, já que não possuía ascendentes, descendentes ou irmãos. Sempre que ele tinha algum problema, não financeiro, pois tinha muito dinheiro, mas de saúde

ou mesmo a precisão de opinião sobre algum negócio ou de uma ajuda na roça ou no manejo do gado, era aqui que ele se achegava.

Como era muito sozinho, de vez em quando passava para uma charla e para tomar um mate. Em alguns fins de semana o convidávamos para churrasquear. Sabíamos que ele comia mal, e nestas ocasiões ele tirava a barriga da miséria e passava as tardes nos contando causos de antigamente e jogando escova, adorava jogar cartas.

É bom que se diga que depois do acontecido, de seu infortúnio, ele nunca mais bebeu, tinha medo de seus instintos. Assim, enquanto eu tomava minha pinga e almoçava com um bom vinho ele aceitava uma limonada feita por minha esposa. Se lhe oferecíamos bebida ele dizia – Melhor não, eu me conheço e quero conservar a nossa amizade, vocês são a minha família.

Certa feita, num inverno daqueles, pegou uma gripe das brabas que se transformou numa pneumonia. Busquei na cidade médico para tratar do vivente e a minha esposa lhe enviava diariamente, pela gurizada, sopas e outros alimentos para a sua recuperação. Até com um cobertor feito de lã de ovelha trançada lhe presenteamos, pois o frio era grande e o indivíduo na sua sovinice, não possuía uns trens de cama adequados diante de sua doença.

Quando curou, ficou agradecido e num sábado à tarde me presenteou com um cavalo famoso de sua cria.

O Jumbo, a Matilde e o Zezé andaram extraviados por aquelas coxilhas, canhadas, matas e tremendais. Matilde estava prenha quando eles vislumbraram ao longe um rancho, a fumaça saindo pela chaminé. Como eram acostumados com o bicho homem, se aproximaram saudosos de uma ração e do calor de um abrigo. O inverno tinha chegado e era dos brabos.

O Amaral estava na lida e ao longe viu a aproximação dos animais. Como era jeitoso, apanhou no galpão uma cabaça com milho e os esperou. Eles entraram no mangueiro, devagarinho, cheirando, deram pequenos relinchos ao sentirem a presença de outros animais no galpão. O Zezé pulou do lombo da Matilde para um moirão e dali pulou para cima do telhado.

Devagarito o Coronel se aproximou, oferecendo-lhes o milho na cabaça. Passou-lhes a mão na cabeça, no lombo, na anca, acarinhou lhes e verificou que tanto Jumbo quanto Matilde possuíam ao redor do pescoço uma coleira com uma medalha, onde estava gravado “Circo Real”.

Ficou muito feliz quando reconheceu a qualidade racial dos animais com a expectativa do nascimento da cria, que com certeza carregaria aquele sangue invejável. Colocou-os em baias individuais, para melhor alimentá-los e protege-los do frio. Matilde passou a receber ração extra, pois estava em final de gestação.

O Amaral, que tinha lá seus sistemas, descobriu na vila que o Circo Real estava armado na capital. Através de um paisano que ia a Porto Alegre, fez contato com os proprietários, pois não queria ficar com animais extraviados em sua propriedade. No retorno o amigo lhe tranquilizou e lhe contou que os animais foram abandonados à sorte por velhice e defeito, no caso, o olho vazado da égua. Informou-lhe o nome dos animais e que o único fugitivo era em realidade o macaco Zezé.

Passados sessenta dias, o Jumbo, aquerenciado e pelinchado, ajudava nas lidas da fazenda. A égua era mantida nas baias aguardando a partição. Numa sexta-feira fria de agosto, em parto difícil, nasceu um belo e estranho potro, pelagem branca como a neve, cabeça vermelha, olhos azulados e uma cola rala. O Amaral ajudou a Matilde na partição. Quer pela idade da égua, quer pelo tamanho da cria, a Matilde não aguentou e, pouco a pouco, soltando fumaça pelas ventas, dado o frio, gemendo e gemendo, deu um último relincho, foi se entregando e morreu.

O coronel amamentou a cria com leite de outras éguas, dedicou-lhe extremos cuidados e muito carinho. Salvou o potro e lhe deu o nome de Príncipe. Um dia quando rasqueava o pelo e lhe dava banho notou que no meio da testa havia um pequeno calombo que supôs de início ser fruto de alguma pancada durante o parto.

A tristeza chegou voando, como voam as folhas açoítadas pelo vento Minuano, e seis meses após o nascimento do Príncipe, quer pela idade, quer pela saudade de Matilde, Jumbo também morreu.

Foi nesta ocasião que ele percebeu que aquele calombo estava se transformando num botão. Ficou surpreso, examinou com cuidado e preferiu aguardar. Com o passar dos dias foi observando o desenvolvimento de um chifre que tinha forma de cone espiralado, róseo, brilhante, de aspecto aveludado, que contrastava com a cabeça vermelha e os olhos azuis.

O potro, agora mais erado, não o deixava se aproximar, mas o Amaral tinha paciência e sabia que logo, logo ele estaria novamente comendo em sua mão, ração, feno e milho.

Mas aquela figura estranha lhe tirou o sono por noites e noites. Não comentou com ninguém, nem mesmo com o Galego, manteve o Príncipe longe de olhos curiosos.

Foi então para a cidade em busca de informações, mas não podia denunciar o acontecido sem saber com o que estava lidando. Ocorreu então de ir até a biblioteca municipal.

Foi recebido por uma bibliotecária que o olhou desconfiada, pois nunca tinha visto alguém com a metade do rosto tapado, com um chapéu enfiado na cabeça e tão mal trajado entrar em sua biblioteca.

Por dever de ofício, embora temerosa, perguntou-lhe educadamente:

- Boa tarde! O que deseja, meu senhor?
- Boa tarde! Gostaria de saber se existe aqui algum livro que fale de cavalo com chifre?
- Sim, livros mitológicos, que contam histórias do Unicórnio.
- Posso vê-los?
- Sim, sim! Entre, que vou providenciar.

Sentou-se a uma mesa, ela o rodeou de livros, apresentando-lhe assim, conhecimento de diversas histórias que falavam do ser “mitológico” Unicórnio.

Amaral voltou para casa muito impressionado. O que mais lhe chamou a atenção naqueles livros e histórias foi a capacidade que teria aquele ser “mágico” de promover a cura de doenças.

Afastou-o das proximidades da casa do Serafim, levou-o para outros lados, pois também contavam os livros que o unicórnio tinha uma preferência por jovens donzelas, e o Serafim tinha uma filha nestas condições. Ele temia que a bela e jovem morena atraísse o Príncipe.

Visitava aqueles fundos com frequência, onde o potro em companhia de outros cavalos se espalhava por uma pastaria de primeira.

Quando chegou à puberdade, com vinte meses, o Príncipe foi levado para o rancho, para uma baía que lhe foi preparada. A baía possuía uma área coberta para a proteção contra as intempéries e um solário, pois Amaral tomou conhecimento nos livros que unicórnios gostam de ser afagados pelo sol e apreciam comer nuvens.

Ali havia conforto e, embora as preferências do Príncipe, oferecia-lhe generosas doses de ração e muito carinho. Foi ganhando devagarinho a confiança e observou que o chifre, conforme a emoção do animal, tomava-se de cor, passando do branco que agora era a cor determinante para um tricolor, mantendo a cor branca na base, a preta no meio e a vermelha na ponta.

Primavera, sábado à tarde, o vento trazia o perfume de flores, dia de temperatura amena, os pássaros retribuía­m chilreando nas laranjeiras. Após ter chimirreado com preguiça sobre um banco coberto com um pelego tingido de vermelho, Felipão foi para as baías.

Lá chegando, arraçou os animais, providenciou água e por último foi até a baía do Príncipe, que estava calmo e relinchou baixinho com a aproximação do Amaral. Chegou à cabeça para o lado dele, balançando-a em movimentos pendulares.

O Amaral acarinhou o pescoço, as orelhas e devagarzinho segurou e afagou o chifre. Neste instante, abriu-se um oco no tempo, o vento parou o som desapareceu, os pássaros deixaram de cantar, e o Amaral sentiu uma moleza no corpo, e um estranho sono o absorveu. Deitou-se em um banco no corredor das baías, dormiu e dormiu. Quando acordou a noite já tinha chegado e um vento frio gelava seus pés.

Levantou-se, lembrou-se do acontecido, saiu porta a fora se apoiando nas paredes. A lua nova já ia alta; o vento levantou aquele pano encardido que lhe cobria o rosto, ele teve a estranha sensação que seu olho esquerdo enxergou o vulto do cachorro, nomeado de Campeão, que lhe fazia festa.

Entrou no rancho, bateu o isqueiro, acendeu um candieiro que ficava pendurado junto à porta. Fez-se uma luz pálida que mal quebrou a escuridão. Tomou uma caixa de fósforos e acendeu velas dispostas em um castiçal. Na penumbra que se instalou pegou o candelabro de prata e foi ao quarto de dormir para mirar-se no espelho manchado e trincado na porta do velho guarda-roupa.

Afastou a enxerga que cobria o rosto e viu ali instalado o milagre. O olho e a boca estavam normais, e a queimadura do pescoço, do rosto e do ombro que lhe encarquilhava a pele tinha desaparecido. Olhou por minutos, no fundo do espelho, o rosto de um homem veterano, mas normal e sem defeito. Ficou admirando o que muitas e muitas vezes se negou a olhar. Tinha voltado o brilho nos olhos, a beleza que teve na juventude, agora amadurecida, os cabelos grisalhos, contrastando com os olhos verdes e a pele morena.

Lágrimas lhe escorriam pelo rosto, secava-as com aquele pano, e elas voltavam cada vez mais abundantes. Foi se arqueando, se ajoelhou, soluçou e elevou as mãos aos céus numa prece muda. Quem o visse naquele momento de introspecção certamente não acreditaria, pois um ser que tanto mal fez agora chorava e elevava orações aos céus.

Concluiu que o unicórnio, aquele ser único, lhe fora enviado pelos deuses para lhe mostrar que tudo é possível nesta vida para quem tem fé.

Voltou às baías, cruzando a noite fria. Estrelas mil brilhavam sob o escuro da lua nova, e seus olhos não se casavam de mirar o infinito.

A brisa trazia das baías o cheiro azedo da serragem misturada com urina.

Em sua baía, Príncipe, aquele ser mágico, estava deitado, e acomodado em suas costas o traquina do macaco. Ambos o olharam como se nada tivesse acontecido. Ele derramou lágrimas sobre o animal num choro de agradecimento. O equino balançou a cabeça vermelha e deu um relincho baixinho. A luz do lampião incidiu sobre o corno, que refletiu cores fascinantes.

Ao amanhecer ele tinha dúvidas, muitas e muitas dúvidas: como se apresentar ao povo? Como explicar aquele milagre? Como comunicar quem tinha lhe curado? Como proteger o unicórnio da curiosidade das pessoas?

Continuou a usar o chapéu e o lenço cobrindo o rosto até tomar uma decisão segura. Levou novamente o unicórnio acompanhado do Zezé para o fundo da fazenda, longe de qualquer olhar.

Passaram-se alguns dias, e ele estava inquieto com sua nova fisionomia. Tinha sido um jovem vaidoso e gostaria de ir para a cidade e trafegar com normalidade, não sendo alvo da curiosidade do povo, sem ser discriminado e visto quase como um monstro, que assustava as crianças que se escondiam nas pernas e atrás dos vestidos das mães.

Buscou no guarda-roupa no fundo de uma mala, pilchas há muito guardadas e quase novas, bombacha azul-marinho com favos na lateral, camisa branca, lenço carijó. Dentro de um baú buscou uma bota negra, conservada e um chapéu preto campeiro.

Encilhou um cavalo castanho, almoçou e logo saiu para a vila. Eram três léguas de cavalgada.

Chegou ao meio da tarde, desfilou por aquelas ruas, ninguém o reconheceu. Amarrou o sestroso à sombra de uma árvore e caminhou no meio do povoeiro. Sentiu-se livre, moças e mulheres o olharam com olhos admirados.

Esses olhares lembraram-lhe que há muito e muito tempo não tinha a companhia feminina, não sentia o calor de uma fêmea no seu costado. Isso lhe deu um arrepio que desceu pelas costas, cruzou o corpo, passou por seu sexo e lhe frouxou as pernas.

Voltou ao cavalo, montou, deu algumas voltas por aquelas ruas poeirentas, sem saber o que fazer. O sol já despencava no horizonte, deixando uma mancha de sangue na lagoa, que volteava aquela região.

Na beira da lagoa, nomeada de Lagoa Comprida, encontrou uma pequena venda, sentou-se num banco de madeira atrás de uma mesa tosca e observou a moça atrás do balcão, uma linda cabocla de formas arredondadas, com dentes brancos, cheirando a banho recém-tomado e a perfume de água de flores.

Ela se achegou à mesa e ele pediu um pastel e um ovo cozido, que boiava numa água turva de salmoura junto com mais três ou quatro, dentro de um vidro de boca larga, exposto no canto de um velho balcão, ao lado de garrafas de cachaça temperadas com losna, casca de bergamota, alho e outras ervas mais.

Enquanto aguardava o pedido ficou a olhar aquele ambiente simples, rústico, mas limpo. Viu que de um lado havia uma cozinha onde eram preparados os comes e no outro, por uma fresta da porta observou um quarto com cama de casal, colcha de crochê e travesseiros com fronhas vermelhas.

Nas paredes, cartazes e propagandas, belas moças e fortes rapazes anunciavam diversos produtos, entre eles cigarros e bebidas. Chamou-lhe a atenção a foto de uma garrafa suada, uma loira apaixonante lhe oferecia uma caneca de cerveja com colarinho maduro.

Fazia muito tempo que não bebia. Tinha medo de beber, pois nas peleias, nos banditismos e atrocidades que cometeu sempre estava bêbado.

Estava ele nesta pasmeira quando a moça trouxe o ovo e o pastel. Ao se abaixar para ajeitar a mesa ele observou pelo vão do decote os seios morenos, arredondados e firmes como laranja de umbigo; nas narinas, sentiu mais uma vez o doce perfume que a envolvia.

Ela perguntou – Vais beber algo? Ele ficou em dúvida, mas viu novamente o cartaz, a cerveja gelada e disse meio sem pensar – Traz uma cerveja.

Neste momento chegou ao local um mascate muito conhecido na região, o Zeki Nadir. Felipão não se fez conhecer, continuou tomando sua cerveja enquanto ele conversava com a moça.

- O seu pai está?
- Não! Ele chegou ontem de viagem e foi para a chácara.
- Guria! Ele não deixou uma encomenda para o turco Zeki? Cachaça lá de Marcelino Ramos?
- Deixou um frasco com cinco litros! Disse que era para o mascate turco, esperto e vigilante. É o Senhor?
- Sim, seu pai me conhece e sabe que Zeki quer dizer esperto e Nadir, vigilante. Mas hoje, neste mundo de meu Deus, todos me chamam de Zeca.
- Se me permite vou levar a pinga, depois me acerto com ele a troco de tecidos e roupas de cama. Diga a ele que vou demorar uns dias, pois vou mascatear por estas fazendas.

O turco pegou o vasilhame e saiu, despedindo-se, com um até logo, da moça e do Amaral, a quem não reconheceu, embora este fosse seu cliente de muito tempo.

Tomou aquela e logo pediu mais uma. Pediu para trazer queijo e salame como tira-gosto. Sentiu-se leve e pediu que lhe trouxesse uma pinga, de preferência aquela de Marcelino, para esquentar a cerveja.

Despertou nele uma sede de muitos e muitos anos, e ele pediu uma, mais uma e mais uma...

Sua cabeça girou, e ele começou a imaginar a moça lhe sorrindo, acarinhando, beijando...

Quebrando este encanto chegou um irmão da senhorita. Conversaram, e ele falou – Vou até a chácara buscar o pai e logo volto.

O moço saiu e ele pediu mais uma cerveja. Enquanto bebericava voltou a sonhar, a imaginar...

A noite se fez e trouxe com ela um abafamento, e logo na estrada se fez um poeirão tocado por um vento quente que trouxe na sua esteira uma chuva pesada, torrencial.

A moça que agora ele sabia que se chamava Lídia - foi assim que o irmão a chamou - obrigou-se a fechar a porta, pois a chuva que vinha de frente invadia o ambiente. Fez-se uma penumbra e pelas frestas subiu o cheiro de terra molhada.

Ela acendeu um candieiro e velas em um castiçal de cinco pernas, jogando sombras pelas paredes e tornando o ambiente agora fresco e aconchegante.

Um trovão e um corisco foram os sinais que ele esperava. Levantou-se, abraçou e tampou a boca da moça, levando-a para o quarto. Sentiu o roçar dos lençóis engomados, em seus braços, a cama rangeu, ele sentiu a cabeça girar, o perfume daquele corpo jovem lhe embriagou, atacou-a sem piedade, como um poderoso predador que ataca uma corça frágil e desprotegida.

Levantou-se, sua vítima chorava baixinho e o lençol antes de um branco puro, agora estava manchado de sangue.

A cabeça latejou, a boca ficou amarga, sentiu remorso, arrependimento. Uma tristeza e um frio lhe chegaram ao coração; uma comichão ardente lhe atingiu o braço e o ombro. Passou a mão e sentiu ali uma grosseira.

Trambalhando, saiu porta afora, contra um vento gelado que fazia dançar uma chuva fina; relâmpagos iluminavam a noite como rios de fogo. Montou e disparou por ruas desertas e se embretou por campos, trieiros e matas em busca de sua fazenda.

Ao se levantar pela manhã, só de cuecas, fez a higiene em um bacião alouçado sobre o qual, na parede, estava preso um pedaço de espelho. Ao levantar as mãos para ajeitar o cabelo viu que seu braço e ombro apresentavam novamente as marcas do queimado. Matutou.... Estaria voltando a sua desgraça?

Desesperou-se e de imediato entendeu que estava sendo punido, que o seu corpo tinha mudado como por um milagre, mas a sua alma continuava tão negra como sempre foi.

Nesta mesma hora, madrugada, o mascate Zeki passava por nossa casa. Minha esposa tinha ido para o rio lavar roupas. Ele seguiu viagem por um atalho, passaria na casa do Serafim, na volta no rancho do Felipão e voltaria a nossa casa para oferecer tecidos e outras quinquilharias.

Quis o destino que o mascate, neste atalho, encontrasse a manada de cavalos e entre eles o Príncipe. Estupefato, parou e ficou ao longe admirando o animal. Sendo ele de um país euroasiático, por suas origens, sabia do mito, do valor e da extrema raridade daquele animal e do poder do seu chifre.

Ficou ainda mais surpreso ao observar que o companheiro do unicórnio era um chimpanzé, que brincava aqui e ali, voltava e pulava no lombo do animal, onde permanecia por longos momentos numa amizade que parecia velha, antiga.

Seguiu viagem, pensativo e imaginando o lucro que poderia ter com tal animal e especialmente com o seu chifre, que teria valor incalculável na Europa e na Ásia.

Negociou com a família do Serafim tecidos, cobertas e algumas painéis. Ofereceram-lhe chá e mate com leite e bolo em uma mesa gordurosa numa cozinha que cheirava a alho e cebola.

Despediu-se e, ao sair chamou o Serafim para um particular. Perguntou-lhe se ele conhecia a tropa do Amaral, seu patrão, ao que ele respondeu afirmativamente – Conheço todos os animais da fazenda, de mamando a caducando!

- Sei não! Sei não, Serafim! Acho que você não conhece um animal especial, um cavalo que possui somente um chifre, um unicórnio, que acompanha a cavalaria naquela baixada, beirando a sanga que divide a fazenda.

- Não é possível! Nunca vi isso! Cavalo com chifre não existe!

- É raro! Raríssimo! Mas existe e tem alto valor. Vá vê-lo, não comente com ninguém, não toque no assunto com seu patrão. Ele sabe! Tá criando o bicho! O mantém escondido e não conta pra ninguém. Analise a situação, lhe pago cinco anos de seu salário por ele. Em caso de acidente, três anos pelo chifre.

O mascate deu um buenas e se retirou. Seguiu viagem em seu cavalo pampa, puxando três mulas carregadas de mercadorias em malas de garupa. Voltou pelo mesmo trilha, queria ver novamente os animais e assim também se afastava da casa do Amaral, evitando desconfianças futuras.

Já no quase meio-dia, deu com os animais, ficou novamente encantado. Numa sombra fez uma pequena fogueira. Em uma cambona preta de tantas lidas aqueceu água e fez café, que tomou com biscoitos “guarda-freio”. Foi esse o seu almoço. Descansou, fez uma sesteada sobre os pelegos, sempre de olho no unicórnio que se movimentava com elegância e beleza.

O destino traça das suas, pois foi o mascate sumir por trás de uma coxilha ao meio da tarde e o Amaral surgiu pela outra, arrebanhou os animais e os tangeu em direção ao mangueiro e daí para as baias.

Logo depois, já no fim da tarde, chegou, campeando, naquele recanto, o Serafim. Não encontrou os animais, só rastros; viu que se dirigiam para a sede da fazenda, fez meia volta e retornou. Não seria bom o Felipão vê-lo naquelas paragens.

O Amaral colocou ração e água para os animais. Achevou-se à baía do Príncipe na esperança de que ele pudesse reverter as marcas de queimadura que surgiram no braço e no ombro.

Aproximou a mão do pescoço, fez-lhe uns afagos e de vagarito aproximou a mão do corno. O animal, com um rápido movimento de cabeça, cortou-lhe o pulso, correu um filete de sangue. O macaco que estava como de costume no lombo do Príncipe fez um guincho e lhe mostrou os dentes.

Ele colocou um pano sobre o sangue, sentindo um vazio no peito e novamente aquela comichão ardente agora lhe atingindo o pescoço. Apalpou, o pescoço estava grosso.

Sentiu uma fraqueza nas pernas, um enjoo no estômago. O coração palpitava. Sentou no banco e teve a premonição de que lhe restavam poucos dias de vida. Estava condenado, praticara o mal e seria punido através do unicórnio com a morte.

Na manhã seguinte, após uma noite mal dormida, levou os animais novamente para os fundos da fazenda. Foi quando observou os rastros de um cavalo e de três mulas junto a um fogo com braseiro já frio à sombra do Açoita Cavalo.

Seguiu pensativo. O unicórnio o acompanhou por uma boa distância, parecendo que seus destinos estavam encadeados...

Duas tardes depois, o macaco foi surpreendido por uma onça, que lhe perseguiu implacável. Ele, como de costume, correu até o Príncipe e pulou no seu lombo pedindo proteção.

A tropa se espantou e se puseram a correr perseguidos pela onça. Príncipe tomou a dianteira sempre com o macaco às costas, mas a fatalidade os surpreendeu. O unicórnio enfiou as mãos em um buraco de tatu, rodou e ao rodar bateu com a cabeça em um cupim. Quebrou o chifre rente à cabeça. Não só pela perda do chifre, mas também pela pancada que lhe quebrou o pescoço, morreu de imediato.

Zezé saltou longe numa polvadeira que assustou até a onça, que se enfiou numa capoeira e sumiu.

O chimpanzé ficou longo tempo velando o seu amigo. Seguiu depois em disparada em busca do Amaral. Chegando à sede, com guinchos, sinais e puxões na bombacha fez o Felipão montar e acompanhá-lo estrada afora.

O choque foi brutal. Ele se sentou, colocou a cabeça do potro sobre os joelhos e sentiu lágrimas correrem sobre o rosto. Ficou ali por horas. Achou o corno ao pé do cupim, estava intacto.

Ao apanhá-lo sentiu o impacto, uma agonia e o pânico da morte, um tremor nos lábios; a baba escorreu pelo canto, e ele constatou que a boca estava torta como antigamente. Mesmo morto o chifre do unicórnio o perseguia e o castigava pelo mal cometido.

Mas ele não podia deixar ali aquela raridade que certamente teria utilidade na cura de outros. Sabendo das propriedades isolantes da lã de ovelha, não teve dúvidas: pegou o pelego dos arreios, envolveu o chifre e o levou para casa. Guardou o chifre ainda dentro do pelego em um velho baú.

Foi para a cidade e mandou tricotar esta bolsa de lã, para dentro dela guardar o corno. Comprou em uma loja de armarinhos uma luva de lã. Ao chegar ao rancho, examinou a relíquia com o auxílio das luvas, que, como ele imaginava, isolou os poderes do chifre, e o guardou dentro da bolsa.

Enquanto ele estava fora tomando estas providências, o Serafim voltou aos campos, localizou a manada e encontrou o unicórnio morto e sem o chifre. Viu também que o macaco fugitivo do circo estava nas redondezas, parece que cuidando aquele ser inerte que os corvos já começavam a rodar.

O Serafim nunca gostou daquele símio enxerido, pegou a taquari e mandou fogo. Zezé era ladino e se esgueirou pela mata, fugindo ao olhar do perverso.

No outro dia o Amaral voltou a examinar com mais cuidado o chifre, sempre usando as luvas de lã. Verificou que o pé do chifre, coisa de milímetros, era ocado e que se ele o cortasse, polisse com esmero as laterais e o interior e fizesse alguma arte, transformaria aquele apêndice em um belo anel. Certamente quem o usasse e tivesse alma pura encontraria a felicidade e a riqueza.

Assim ele fez e conseguiu uma joia sólida, aveludada e com o brilho da lua nova.

Gostaria de oferecer para aquela moça que havia violentado, redimindo ou minimizando o seu pecado, e ele sabia e sentia que ela possuía um coração e uma alma pura e bondosa.

Naquele mesmo dia, à tarde o Serafim chegou à casa do Amaral.

- Boa tarde, coronel.

- Se achegue, Serafim, venha tomar um mate.

Conversa vai, conversa vem, assuntos da fazenda, do clima, dos animais, e o coronel foi vendo que o Serafim estava nervoso, esfregando as mãos. Parecia querer tocar num assunto e não achava jeito, até que ele falou:

- Coronel, andando ontem pelos pastos encontrei um animal morto, um cavalo que nunca vi e o estranho é que tinha um furo no meio da testa como acontece quando uma vaca quebra um chifre.

- Pelagem?

- Pelagem branca.

- Era?

- Ainda potro, não tinha sinal de arreio, nunca foi montado.

- Há quantos dias deve estar morto?

- Os corvos já se achegavam. Deve fazer uns dois dias.

O Amaral com estas perguntas estava ganhando tempo, procurando uma resposta, pois sabia o quanto o seu antigo ordenança era astuto. Então, respondeu.

- Ontem trouxe todos os animais para o curral, não dei por falta de nenhum. Deve ser potro de algum vizinho, alçado, abagualado.

- Bueno coronel! Vou-me indo, já é tarde, se precisar de alguma coisa sabe onde me encontrar.

- Vá com Deus.

Tanto um como o outro ficaram desconfiados daquela conversa, inda mais o Coronel, lembrando-se daquele fogo de chão junto ao pé de Açoita Cavalo.

No outro dia, cedito, o Serafim foi pro povoeiro, à procura do mascate. Certamente ele estaria hospedado na Pensão Dona Maria, a melhor da cidade. Chegou na hora certa, o mascate tava ajeitando as mulas para seguir viagem.

- Buenas, companheiro! O que o traz a estas horas?

- Buenos dias! Vim vê-lo, cedo no mais, pois sabia que a esta hora o encontraria.

- Mas o que é que está agoniando o amigo?

- Encontrei o cavalo. Está morto, e nem sinal do chifre que vosmecê falou.

- Aquele mascarado filho da mãe está com o chifre, pode ter certeza.

- Eu falei com ele ontem, se fez de desentendido, acho que está escondendo algo.

- Pode ter certeza, está com ele, e ele sabe do valor.
- Está de pé nosso negócio?
- Sim, me traga o chifre e eu te pagarei três anos de salário.

O Amaral estava agoniado, preocupado com o chifre escondido na bolsa de lã, com o anel que queria dar para a moça, aliviando assim seus pecados, estava também desconfiado com a conversa com o Serafim.

Neste dia, montado num de seus melhores cavalos, se achegou a minha casa, após um chimarrão, convidei-o para jantar e lhe ofereci pouso. Ele aceitou a janta, mas agradeceu o pouso e disse-me, após o jantar que queria um particular comigo.

Sentamos no galpão à luz do candeeiro. Minha esposa nos trouxe um café, e iniciamos então nossa prosa.

Ele colocou as luvas, abriu a bolsa de lã e retirou dali a relíquia, uma das coisas mais lindas que eu já vi. Tirou o chapéu, o pano e me mostrou o rosto. Vi seus olhos perfeitos, a boca levemente torta e o queimado no pescoço. Abriu a camisa e vi as marcas no ombro e no braço.

Contou-me tudo o que está registrado nesta caderneta.

Repetiu que nós éramos sua família, que em nós depositava total confiança e colocou em minhas mãos o chifre do unicórnio. Senti-me leve, energizado e acreditei em tudo o que ele tinha me contado, e ele falou:

- Eu sabia que você não sentiria nada a não ser um bem-estar, pois tem o coração leve, és justo e só praticas o bem.
- Obrigado por me dar esta oportunidade.
- Meu amigo, vá a minha casa na quarta-feira, vá à tarde, então te mostrarei o local onde vou esconder esta preciosidade, pois acho que tenho pouco tempo de vida. Se eu me for, você deve ficar com ela.

Concordei balançando a cabeça, e ele prosseguiu:

- Quero ainda outro favor, que leves até aquele bolicho na beira da lagoa e entregue para a moça Lídia este anel que eu fiz com minhas mãos. Diga a ela que me arrependo muito, que fui embora, ela nunca mais me verá.

Colocou o anel em minhas mãos, e eu pude observar aquela maravilha. Ele era um ótimo artesão. Aquele objeto aqueceu minha mão e deu-me rara felicidade.

- Amigo, me vou para a vila. A noite está clara, vou dormir na pensão da Maria Roncadeira. Pela manhã vou ao cartório fazer um testamento. Se eu me for, deixarei para ti e tua família minhas terras e as casas na cidade, estas você deve doar aos moradores. Hoje é segunda, nos encontramos na quarta.

Já com o pé no estribo confessou-me sua preocupação com o Galego, estava muito desconfiado das atitudes do seu ordenança.

No dia combinado, almocei, preparei meu pingo e me fui para nosso encontro. Havia um silêncio, um estranho silêncio no local. Num cepo estava amarrado o cavalo do Serafim; amarrei o meu na sombra do galpão, dei um “Oh de casa!”, tudo quieto. Galinhas ciscavam ao pé da cerca; o vento estava parado; num carreiro, formigas carregavam folhas da amoreira. Ouvi um rangido de

porta, e um cachorro saiu do galpão com o rabo no meio das pernas, não latiu, só fez cheirar minhas botas.

Fui achegando, pois conhecia o ambiente. Entrei pela porta e espantei-me com o que vi. O coronel estava caído num canto, morto, sobre uma poça de sangue. Logo vi que foi um tiro de taquari, a arma estava sobre o banco. Sentado numa cadeira, debruçado sobre a mesa, o Serafim jazia, com o corno enterrado no pescoço. O ordenança estava totalmente preto. Ele em vida um branquelo estava negro como um carvão e segurava levemente na mão a bolsa de lã que guardava o chifre. Pude ver que o corno mal e mal tinha entrado no pescoço, dava a impressão de ter ferido apenas a pele. Poucas gotas de sangue tinham escorrido da ferida. Nas costas do defunto, em sua camisa branca, percebi pequenas marcas de poeira e fuligem, como se pequenos pés as tivessem carimbado.

No alto, na sustentação do telhado, sobre o fogão caipira, em uma viga, empoeirada e grossa de picumã, estava o Zezé. Olhava-me sério, bispava os defuntos com sinal de tristeza. De repente, com extrema rapidez, pulou sobre as costas do Serafim, retirou com facilidade o chifre do pescoço, pulou daqui, pulou dali e saiu pela janela. Corri para olhar, já o vi sobre um butiazeiro, dentro do chiqueirão. Daí pulou para um sassafrás amarelo e se foi, sempre carregando o corno.

De imediato entendi o acontecido: o Serafim encontrou o coronel com o chifre, se desentenderam, o Serafim foi até o cavalo, pegou a taquari, voltou e o alvejou. Colocou a espingarda sobre o banco, sentou à mesa para curtir aquele tesouro. Absorto, não se deu por conta do macaco, largou o chifre e apanhou a bolsa. Neste momento o chimpanzé, com agilidade, pulou em suas costas, daí as marcas de cinza e poeira, e lhe enfiou o chifre rasamente no pescoço. O Serafim não morreu do ferimento, que era muito leve, superficial, mas sim do poder do corno, que certamente, pelos pecados que ele carregava, o incinerou, transformando-o num carvão.

Guardei a bolsa.

No dia seguinte enterramos o coronel a sombra de uma grande gameleira. O Dr. Aníbal, que veio junto com o Delegado, atestou que a morte do Galego foi motivada por violento infarto. Ele foi enterrado nos fundos da fazenda embaixo daquele pé de Açoita Cavalos.

O Zeca mascate que participou das cerimônias fúnebres, ao final, me pediu pouso e, à noite, me fez perguntas sobre um estranho animal, mais precisamente um cavalo com chifre que ele tinha visto nos campos do Amaral.

- Infelizmente nunca vi este esplêndido animal que você descreve.

- Acredito, mas te confesso que eu fiquei deslumbrado e propus inclusive de pagar ao Serafim um bom dinheiro pelo animal, cinco anos de salário pelo animal vivo ou três anos pelo chifre.

Ele foi aos poucos me narrando passagens que eu já descrevi neste relato, toda a sua emoção e os arrependimentos que tinha.

Pela manhã, o Zeca foi embora, certamente consciente de que ele era o motivador da morte daqueles dois.

O macaco Zezé, eu o vi muitas vezes, algumas até pulou na garupa de meu cavalo. Nunca mais vi o talismã, ele deve tê-lo enterrado ou jogado no fundo de alguma sanga.

Passados alguns dias daquele triste evento fui-me à povoação com duas missões: entregar o anel à moça Lídia e ir ao cartório.

Ela não queria de forma alguma receber aquele artesanato. Expliquei que o morto que lhe tinha feito tanto mal estava antes da morte profundamente arrependido e que levou horas confeccionando aquele mimo na esperança de minimizar o seu pecado.

Lídia continuava irredutível. Pedi-lhe que confiasse em mim e que pelo menos experimentasse tão preciosa joia. Com cara de contrariedade ela me deu a mão e coloquei o anel em seu dedo anelar direito. Vi em seu rosto uma modificação imediata. Senti que todo o sofrimento que ela carregava pelo acontecido desapareceu; o semblante agora era de felicidade, tranquilidade e paz. Uma lágrima correu em sua face, me afastei, fui embora, deixando-a sozinha.

Dirigi-me ao cartório e lá me foi confirmado que o Amaral tinha em realidade me deixado as terras de duas escrituras, justamente as que eram lindas com nossa propriedade, e uma escritura aos fundos ele deixou para o Serafim, justamente onde estava o rancho do Galego, agora para sua viúva e filhos. Vinte por cento dos animais ficavam para a família do ordenança, o restante era meu. As casas na cidade ficavam para os moradores.

Na companhia de minha esposa vistoriei a propriedade, e nos detivemos no rancho onde morou por anos o Felipão. Necessitava em primeiro lugar de uma limpeza e depois, de uma reforma.

Voltamos dias mais tarde para uma faxina e para definirmos o que seria necessário consertar. Ao deslocarmos a pesada cama de ferro, descobrimos um alçapão, no interior do qual estavam guardados sacos de dinheiro, notas e moedas.

Ficamos atônitos com toda aquela dinheirama, mas não era nosso, ele não tinha nos deixado essa fortuna.... Aplicamos todo o dinheiro nas pessoas e nas casas que ele tinha doado. Roupas, calçados, reforma e pintura nas casas. Construímos uma escola, à qual os moradores em sinal de agradecimento, deram o nome de Grupo Escolar Coronel Felipe Amaral. Com o que sobrou, fizemos uma pequena praça para o convívio das famílias, com bancos e brinquedos como balanços, escorregadores e gangorras.

Sentamos com a caderneta e a sacola na mão. Ficamos por minutos mudos, surpresos e sem coragem de falar. Minha neta então indagou:

- O que fazemos, vovô?

Cociei a cabeça, gaguejei e falei devagarzinho:

- Temos que manter este segredo, mas não podemos esconder, isto é, contamos a história, mas por segurança de nossa família e da relíquia que temos em mãos não revelaremos os locais, as fazendas, os endereços nem o nosso nome em momento algum.

- Será que vão acreditar, vovô?

- Quem sabe! Depende do coração e da imaginação de cada pessoa. Enfim, não é dito e cantado que o gaúcho é supersticioso e que acredita em boitatá, bicho-papão, lobisomem e assombração? Por que, então, não vai acreditar que por estas coxilhas já troteou um unicórnio?

Elas balançaram a cabeça, concordaram e me autorizaram a relatar, quando quisesse, o acontecido.

Bueno, vamos acabar a faxina. Animados, limpamos a gaveta e a pequena caixa. Vimos e comentamos surpresos que, apesar de todo o tempo que a bolsa estava guardada, ela estava perfeita, como se tivesse sido tricotada ontem. Nenhuma traça ou qualquer outro inseto ou praga a atacou. Aveludada ao toque, com leve perfume de flores do campo, no escuro reflete uma estranha luz, como se finos grãos entremeados à lã imitassem os raios do sol....

Data : 16/11/2015

Título : O ÓDIO DA PAIXÃO

Categoria: Contos

Descrição: Corria o mês do cachorro louco. De quando em quando uma geada branqueava as coxilhas num frio de renguear cusco.

## O ÓDIO DA PAIXÃO

- Veja, vancê, meu amigo. Nestes dias de friagem, em que a gente não tem coragem de pôr o nariz para fora. Em que só se sabe rodear o fogão, cevando mate, comendo pipoca, pinhão e criando barriga, me faz lembrar o acontecido com o circo que passou por estas terras. Já faz bem uns quinze anos, causando a admiração do povo pelos espetáculos oferecidos, bem como pelo drama que envolveu aquela gente.

- Pois bueno! Me fale de teus pensamentos!

- Corria o mês do cachorro louco, dias de invernia, quando não estava chovendo, estava garoando, uma umidade de dar medo. De quando em quando uma geada branqueava as coxilhas num frio de renguear cusco.

Pois foi nestes dias, em que as estradas estavam em estado de calamidade, judiando a indiada, com lama, buracos e atoleiros, que o Gran Circo Norte-Americano se deslocava para a cidade. Eram diversos veículos, transportando proprietários, diretores, artistas e ginastas das mais diversas especialidades, bem como equipamentos e um minizoológico com elefantes, girafas, hipopótamos, zebras, leões, ursos e macacos, enfim, bicharedo de todo o tipo, muitos que com certeza a gauchada ainda não tinha visto.

Foi uma travessia terrível, com caminhões quebrando, atolando, transformando aquela gente em reféns da violência do clima. Ao chegarem à cidade, pelas intempéries e pelo cansaço, se hospedaram em hotéis e pensões dependendo de haver vagas e das posses de cada um.

Na pensão da Maria Roncadeira se hospedaram o trapezista e sua mulher, que não era artista, e sim administradora, dois palhaços, o domador e sua auxiliar de apresentação.

Segundo contava Maria Roncadeira, o domador tinha olhos de paixão pela auxiliar, mas os quartos eram separados.

Depois de acertos e desacertos e quando o clima deu uma trégua, os peludos, orientados por diretores, iniciaram os preparativos do terreno e a montagem do circo, logo ali, pertinho da Igreja Matriz.

Houve, então, desfiles pela cidade, com apresentação dos animais, dos artistas, os palhaços jogando balinhas para a gurizada e um carro de som com um sotaque estranho chamava o “Respeitávelllll Púúúblico” para a sessão inaugural.

Tudo era festa, era alegria. O cheiro da serragem, o odor da bicharada e a qualidade do espetáculo faziam o público vibrar e aplaudir freneticamente as apresentações.

Eu acompanhava tudo, ouvindo as notícias da cidade na minha galena.

Pois foi neste período, quando olhares voltavam-se para o circo e seus componentes e todos comentavam admirados a coragem do domador, que enfrentava feras em um cercado de ferro, leões, tigres e ursos, que eu, vindo de minha fazendola, cheguei ao povoeiro.

De longe eu avistei os mastros e pra lá me dirigi, estava curioso, queria ver o movimento. Quando passei pela frente, lona colorida e muitas bandeiras; a bicharada espalhada em uma área cercada tomava sol, os felinos em suas jaulas, o hipopótamo num lago artificial e os elefantes presos pelos pés num balanço constante, os macacos tomavam a atenção da piaçada.

Minha passagem foi rápida, pois meus bois, sentindo o cheiro dos enjaulados, apressaram o passo, posso até dizer que dispararam.

Foi nesta pressa que cheguei à pensão da minha amiga Maria para lhe entregar leite, queijos e carnes de frango e porco.

A friagem tinha me pegado, chequei fungando, nariz escorrendo, com febre, acabrunhado. Recolhi-me na cozinha da Maria pra tomar um chá e um comprimido para melhorar minha situação.

- Homem de Deus, fica hoje por aí, tenho um quarto ali nos fundos. Vai tomar uma sopa e repousar, amanhã volta para a fazenda, já recuperado.

Logo chegou um hóspede que eu não conhecia, moreno, alto, careca, barrigudo, acomodou-se numa cadeira de balanço, e a Maria me apresentou como sendo o palhaço Bolachão.

- Vocês vão conversando enquanto eu preparo a sopa e tiro o pão do forno.

Puxei assunto com o Bolachão, você sabe como é, uma pergunta daqui, uma resposta dali, até a conversa engrenar...

Perguntou quem eu era, contei que era filho desta terra, que tinha sido professor por muitos e muitos anos; que herdei uma propriedade rural e que agora me dedicava às lides do campo.

Conversamos sobre o espetáculo, sobre o clima, sobre as suas origens. Contou-me que era cearense, já estava há mais de quinze anos na estrada e falou-me sobre outros profissionais que trabalhavam no espetáculo.

Conversa vai, conversa vem, e o Bolachão, sentindo-se à vontade, tomando uns goles de quentão, especialidade de Maria Roncadeira para os dias frios, como não tinha papas na língua, foi nos contando detalhes e mesmo segredos da vida circense.

Vagou com sua conversa envolvente por assuntos íntimos e particulares daquele grande número de componentes da cidade de lona.

- Veja a senhora, dona Maria, e você meu amigo que agora estou conhecendo, por exemplo: embora todo o sucesso e o reconhecimento público, o trapezista é uma pessoa totalmente humilde, simpático e servidor, um verdadeiro companheiro. Um cavalheiro.

Já o domador, o espanhol Enzo, que a senhora conhece aqui da sua pensão, desfruta também da fama por seu porte físico e sua coragem, é realmente muito corajoso, mas na vida íntima é inseguro, além de orgulhoso, machista e vaidoso.

É extremamente ciumento com sua companheira, a Karin, nem sequer é sua namorada, mas ele se acha seu proprietário, é apaixonado por ela.

Nos últimos dias, nesta viagem que fizemos de São Borja para cá, ele está encanizado com um peludo, um caboclo missioneiro, que vem nos ajudando nos últimos tempos.

Pois o peludo de nome Salvador tem lá suas habilidades, conta que é domador de aporreados e campeiro, criado em fazendas nas margens do Rio Uruguai e que aceitou andar com o circo porque quer viajar, conhecer o mundo, tendo o que comer e onde dormir sem gastar.

Mas é como vocês dizem aqui no sul, um pelo duro, sobre o qual o Enzo não devia depositar ciúmes, mas...

Ele segredou com o trapezista, o John, que é americano, que o motivo destes ciúmes, destas desconfianças é que a Karin, você a viu, meu amigo? É aquela sueca, branquinha com cabelos cor de palha do milho e olhos verdes acinzentados, aquela tonalidade que se forma em dias sombrios, quando a garoa encontra as águas do mar.

Eu a tenho como muito corajosa, pois, assim como ele, ela fica junto às feras durante todo o show, não demonstrando qualquer temor.

Ele alega que o povo sueco gosta da cor amorenada, que o Salvador, com aquele porte, com a dentadura alva e músculos bem definidos, atrai a moça. E que durante as refeições e o espetáculo ele fica a encará-la. Tenho a impressão que ela corresponde.

Comemos uns pinhões que Maria tinha jogado sobre a chapa do fogão e continuamos tomando devagarzinho, ele o quentão e eu o chá. O calor da cozinha me animou, e prosseguimos naquela conversa calma e animadora até o escurecer.

O palhaço nos ofereceu convites para o espetáculo daquela noite, mas eu agradei, pois segundo as recomendações da Maria eu devia descansar e dormir cedo, para me recuperar do resfriado. Eu estava realmente cansado, tinha carreteado por muitas horas naquele dia. A Maria ficou entusiasmada e comprometeu-se a ir, fato que alegrou em muito o palhaço.

Levantei cedo como de meu costume, tomei meu chimarrão, solito, ajoujei minha junta de bois na carroça, boi Canário e boi Mimoso, fui ao passito deles carregar sal e ração para levar pro meu gado e pros meus porcos.

Depois desta lida, voltei à pensão, para me despedir, agradecer e receber meus pilas pelo leite, pelos queijos e pelas carnes.

Maria me esperava com um bom café. Tomamos sozinhos, pois os pensionistas, dada a hora, já tinham partido para seus afazeres.

A Maria, com aquela sua calma peculiar, com os cabelos enrolados sob um lenço, com um creme no rosto que a deixava branca feito um fantasma, mordiscando um pão de milho com mel, me perguntou:

- Ficou sabendo do espetáculo do circo ontem à noite?

- Não, pois deitei cedo e dormi como um padre!

- Pois nem te conto, deu um banzé danado, e a apresentação se encerrou até mais cedo.

- Algum acidente?

- Nada disso! Não vê que o Enzo, bem como o Bolachão falou, estava morto de ciúmes do Salvador, o peludo, e aprontou?

- Como assim aprontou?

- Já te conto! Pois há de vê que na hora da doma, os animais já dominados, ele e a Karin sorriam para o público, se inclinaram, levantaram com graça as mãos, aqueles salamaleques todos e receberam muitos aplausos e vivas. Neste instante ele, o Enzo, sem mais nem menos, abriu a portinhola e pediu para o Salvador, que se encontrava ali perto, todo de uniforme vermelho, como se fosse um soldado romano, que lhe trouxesse um banco que ele tinha estrategicamente deixado do lado de fora.

O Salvador prontamente atendeu ao pedido, e o domador, num de repente, puxou o peludo para o interior das grades e ficou do lado de fora, sorrindo. Querendo pelo que se depreendeu dar um cagaço no rival.

Num primeiro momento o público não entendeu, mas logo perceberam que os animais se agitaram e começaram a arreganhar os dentes, a se mover lentamente em direção ao Salvador.

O Enzo sorria, desafiando o casal.

O gauchão, lá das barrancas do Uruguai, que era acostumado a domar, laçar e pealar, mas que nunca tinha mexido com uns “gatinhos” daquele tamanho, se encolheu um poquito e olhava para a Karin como quem pergunta o que fazer. Havia um certo desespero em seu olhar, mas é bom que se diga que não pediu socorro nem gritou. Bueno, quem sabe a voz estivesse presa na garganta.

Enquanto isso do lado de fora o Enzo continuava sorrindo, olhando com desdém para o casal, esperando que eles aos gritos pedissem que ele os socorresse.

Karin retribuiu rapidamente o olhar e, com aqueles olhos de garoa, encorajou o peludo.

Ela fixou os olhos nos animais, olho no olho, falou firme com voz de comando, tomou o chicote e estalou com vigor. Viu-se então que as feras a respeitavam e se colocaram em seus lugares.

Abriu com calma a saída para os animais irem às jaulas e começou a encaminhá-los com enorme segurança.

Foi quando o Enzo, supresso e vendo que sua estratégia tinha falhado e que o povo já aplaudia a mulher, voltou de supetão para o interior do cercado, criando tumulto e surpresa entre os bichos, e nesta hora um dos leões deu-lhe uma patada violenta no braço, arrancando parte da musculatura.

Karin com frieza e profissionalismo controlou o animal e ele se encaminhou para a jaula, enquanto o Enzo, caído, gritava segurando o braço já todo ensanguentado.

O público se pôs surpreso, tenso e apavorado.

O domador gritava e pedia por socorro e foi logo atendido e retirado do picadeiro por enfermeiros do circo.

O espetáculo continua...

Karin foi até Salvador, levantou sua mão, se inclinou, e o povo o saudou com vivas. Ela olhou nos olhos negros do peludo e lhe deu em frente a todos um afetuoso beijo.

Karin buscou ainda ontem à noite, as suas malas e, junto com o Salvador, foi para um hotel no centro da cidade.

Terminamos o café em silêncio, cada um matutando... Eu fiquei impressionado.

- Bueno, Maria, é hora de me ir, na semana eu volto pra te trazer queijo, carne, lenha e mandioca e para saber das novidades, tomar um chimarrão e uma pura.

E aí meu amigo, depois de tudo isso eu segui. Eia, Canário! Vai, Mimoso! Era, boi! Era, boi! Assim fui indo a passos lentos, ouvindo o rangido de minha carroça e pensando que a vida é muito boa, pode às vezes não ser justa, mas somos nós, viventes que criamos situações que nos levam ao desespero da alma e à mutilação física.

Com estes pensamentos me fui por canhadas e coxilhas, às vezes cantando, às vezes pensando e conversando com meus bois.

- Pois não é que o espanhol por sua empáfia, pela falta de humildade, respeito ao próximo e uma paixão traiçoeira perdeu a assistente, seu amor, seu desejo. Certamente, agora, ficou apenas o ódio, o mais doído dos ódios, o ódio da paixão. Além do mais ficou com deficiência no braço, provavelmente encerrando assim sua brilhante carreira. Meditei ouvindo pássaros cantando nas macegas, as rodas da carreta faziam rastros no estradão, e as patas dos bois espremiavam a branca e fina areia. Concluí que a vida é curta para pelearnos e sofreremos por amores impossíveis.

Os bois seguiam a passito, ruminando, puxando a carroça sem saberem a força que têm. Quando enxergaram o rancho, apuraram o passo, pois queriam a sua ração de capim-elefante e mandioca. Calados não davam respostas às minhas aflições. Já ao longe ouvi o latido dos cachorros e enxerguei uma fumaça branca subindo do meu fogão.

Respirei fundo, três vezes, para acalmar meu espírito...

Data : 14/01/2016

Título : SÓ LAGARTEANDO

Categoria: Contos

Descrição: Se fez uma manhã fria, ?de renguear cusco?, céu azulado, dia para lagartear ao sol comendo bergamotas.

## SÓ LAGARTEANDO

O dia mal tinha clareado e o minuano chegou de rebenque erguido, levantando a geada que se formara na madrugada, e tenho certeza, levantando muita saia e muito vestido no encontro da Rua Morom com a General Netto.

Se fez uma manhã fria, “de renguear cusco”, céu azulado, dia para lagartear ao sol comendo bergamotas.

Almocei, e me sentei num banco forrado com pelegos. O alpendre recebia um sol triste, amarelado, tirei as meias, arregacei a bombacha e deixei o calor acariciar meus pés e minhas canelas. Peguei uma cesta cheia de frutas e me atraquei.

Foi quando, abriram o portão, ouvi as dobradiças rangendo e alguém batendo palmas e gritando – Oh de casa! Oh de casa! Reconheci a voz do vivente e respondi grosso:

- Se achegue, companheiro, venha comer bergamotas e tomar um sol para combater este frio de aleijar paisano.

O Carlito entrou. Em sua frente entrou aquele bigodão grisalho no qual ele por cacoete passava o pente de hora em hora. Para dar vazão a este costume, levava no bolso trazeiro da bombacha, um pente marca flamengo, seu orgulho, sempre que tirava do bolso e tinha uma plateia em seu entorno, dobrava o redobrava o pentinho e dizia todo satisfeito – É inquebrável. Trajava bombacha carijó, com favos nas laterais, um pala negro sobre camisa branca, lenço vermelho e botas de cano longo. Senti no ar um perfume de sabonete e de água de barba e já fui perguntando, - banhou cedo, home véio?

- Pois então, hoje não é quarta-feira? Banhei e fiz a barba cedito no mais, água fria de arrepiar.

Sentou num banco, se espreguiçou ao sol, pegou uma bergamota, cheirou, enfiou a unha levantando o sumo. O perfume da fruta se espalhou no ambiente.

Ficamos por uns momentos naquela madorna, em silêncio, só lagarteando, mas logo o Carlito quebrou aquela quietude e foi me indagando:

- Tchê do céu! Vi tua carroça por aí, fazendo frete, com um sujeito desconhecido! Alugou a gaiota? Quem é o guri?

- Mas bah! Deixa eu te contar! Fica aí sentado enquanto eu ajeito um chimarrão e vamos charlar.

O Carlos Pereira é meu vizinho, quase todos o chamam por Carlitos. Já de cabeça branca e curvado pelo tempo, gosta de um bate-papo e de tomar chimarrão, jogar cartas, contar causos antigos de chinaredo e das revoluções. Mente um pouco, mas enfim...

Enquanto a água aquecia iniciamos uma prosa que eu sabia que seria comprida.

- Pois escute vizinho. Dia destes saí para dar uma volta, desanuviar o pensamento, sentei-me lá na praça, junto ao lago, tinha deixado a gaiota no pátio da Viação Férrea. Tava ali, comendo e jogando pipoca para os pombos, quando o Zeca Carvão, aquele pretinho encapetado, afilhado da Maria Roncadeira, me chamou:

- A madrinha disse para o Senhor passar lá na pensão, logo que puder, inda hoje, assunto de urgência!

- Quem é Maria? E por que Roncadeira?

- Pereira, então você não sabe? Não conhece a Maria, minha comadre!

Aquela baixusca, roliça, dona da Pensão Dona Maria. Chamam ela de Roncadeira, pois quando faz a sesta, e é todo o santo dia, ronca e bufa alto, como um trem de carga, subindo a serra de Santa Maria.

Me acheguei lá na pensão, à tardinha, já pensando no prato de comida que certamente ela ia me oferecer, me poupando de atividades na cozinha.

- Buenas, comadre, me chamou, aqui estou!

- Passe aqui pra cozinha, venha conhecer o Juvêncio, meu afilhado.

Me servi de um copo d'água na moringa, que repousa sobre um aparador feito com um cepo de angico, e me achei na cozinha. Lá estava o afilhado, um moço que calculei entre vinte e três e vinte e quatro anos, de boa estatura, magro e pálido.

Juvêncio estava sentado junto ao fogão, me deu um aperto de mão enquanto ajeitava o fogo.

A Maria, secando as mãos em um pano de prato alvo e rendado, sentou numa cadeira de balanço coberta com um pelego tingido de um vermelho desbotado puxando para o amarelo, que, observei, combinava com seu cabelo.

- Compadre, o Vêncio, como te falei, é meu afilhado e não vou contigo fazer rodeio. Tava preso, há um bom tempo, por isso tá nesta magreza. Sofreu muito na prisão, pouca comida, pouca higiene e tortura.

O estado físico já melhorou muito, precisava ver como aqui chegou, parecia um cadáver ambulante, um bacalhau. Agora, tá pelinchando.

Chegou faz uma semana, mandei um próprio avisar a família, mãe e irmãos, lá na Bela Vista, devem chegar por estes dias. Você sabe, com estas chuvas e estradas péssimas..., mas pra tudo tem jeito.

Segurei ele aqui, compadre, porque achei que ele precisava passar por uma revisão médica, tomar uns fortificantes, se arribar, se fortalecer. Não é brincado tudo o que passou. Aqui tem assistência, lá naqueles fundos, você já viu!

O moço sorriu do palavreado da Maria, exclamando com respeito - Esta minha madrinha!

- Comadre, como eu posso lhe ajudar?

- Para você me ajudar e ajudar o Vêncio é preciso você conhecer a história dele, pois só assim você ficará tranquilo, sabendo com o que está lidando. Já te adianto: meu afilhado não matou ninguém, pelo menos por ora, bem que tem índio merecendo.

- Carlito Pereira! Fiquei curioso! O gauchinho era um ex-presid

iário, sabe lá o que tinha feito! Pera aí Carlito! Me deixa botar esta chaleira no fogo, a água tá ficando fria.

Obedecendo a sua madrinha, o Juvêncio arrastou a cadeira pra longe do fogo, me olhou nos olhos, esfregou uma mão na outra, pegou uma palha, alisou com o canivete, começou a picar e desfiar o fumo na palma da mão e passou a me contar:

- Nasci e me criei no campo, no meio de vacas, ovelhas, porcos e principalmente de cavalos. Eu era e sou enfeitado por cavalos, domo e preparo, além de ser bom laçador, enfim sou da lida.

Aos sete anos, deixei a fazenda de meu pai, lá na Bela Vista, para vir estudar. Papai comprou uma casa bem aí na rua de baixo.

Como todo e qualquer menino eu gostava de brincar, jogar bola, bolita, arranca-toco, soltar pandorga, enfim fazer tudo aquilo que um guri nesta idade faz.

Logo me empanei com um piazote, um pouco mais velho, o Arcibaldo. Estudávamos juntos pela manhã e passávamos as tardes brincando pelas ruas e campinhos das redondezas.

O Arcibaldo era filho de militar, sua casa era a extensão do quartel, com os rigores da caserna. O colega vivia em conflito pela dureza com que o pai o tratava.

Certa feita, como ele era rueiro e, às vezes perdia o horário das atividades domésticas, dos estudos, o major, depois de ouvir a mulher, se encanizou e como castigo o prendeu em casa e o

vestiu de mulher com trajes de uma de suas irmãs. Vestido rodado sobre uma bombachinha. Assim, ele não podia sair de casa, ficou dias e dias preso. A partir daí o Arcibaldo repugnava ao ver vestes femininas e tinha certa cisma com as gurias.

Também era nossa colega e às vezes nos reuníamos para estudar a tabuada e fazer alguns escritos a menina Janaína, Nina, que também morava ali na baixada, já pros lados do chafariz.

Nina era uma meninota morena, de cabelos negros, lisos como pedra de sanga, e a cada dia se tornava aos meus olhos linda e de uma simpatia contagiante.

Ali na baixada, existiam, como existem inda hoje, casas de tolerância, prostíbulos. A guria, filha da Ernestina e neta da famosa Marlene, proxeneta e dona de uma destas casas.

Ernestina é mulher de porte baixo, pele morena e cabelo negro, tem uma mancha cor de vinho no lado esquerdo do rosto, por isso é conhecida por manchada. Mãe solteira, engravidou ainda jovem, nas lides amorosas na casa da mãe. Certamente o senhor já a viu por aí nestas quebradas!

A manchada cuidava muito bem da filha, possuía uma casa ao lado do bordel, mas sem ligação com este, e a Nina ficava lá confinada, proibida de se aproximar daquela pensão de mulheres.

A menina gostava e falava muito do avô, Terêncio Antunes, que volta e meia vinha visitá-la.

Antunes, ex-marido da Marlene, de quem se separara há muitos anos, só visitava a guria, nem se aproximava do bordel.

Soube por conta dos mais antigos que o velho Antunes participou da Revolução de 23, que andou por batalhas e peleias, sob o lenço colorado.

Ele seguiu o clarim e Marlene ficou só, assim como tantas outras.

Uns chimangos descobriram que ela era mulher de maragato. Por vingança e malquerença, numa noite, invadiram a casa e violentaram-na, violentaram também moças e mulheres das redondezas.

Quando voltou para casa, Terêncio ficou sabendo do sucedido, buscou pelos violentadores, descobriu que uns tinham morrido, outros estavam desaparecidos, e alguns se mandaram em direção ao Uruguai. Nunca mais os encontrou.

Aos poucos foi se afastando da Marlene, não aceitava aquela situação. Depois de um tempo de sofrimento e amargura, pegou as trouxas e foi embora. Compreendia que Marlene não era culpada, mas dela se desencantou.

Com as emoções abalada, e a alma ferida, Marlene sabia não ter culpa do acontecido, mas também entendia o sofrimento do Antunes. Depois de um tempo aceitou a separação, tomou então o seu rumo. Sem preparo ou ofício, montou na casa grande por eles construída uma pensão, passou a abrigar mulheres e a explorar a prostituição.

Terêncio, índio duro, gauchão, cultuador das tradições, com fazenda e gadaria nos campos de Nonoai. Só saía de lá para visitar a neta, tinha e continua tendo paixão por Janaína.

- Cortando teu assunto, Vêncio, eu conheço o Antunes não só por minhas visitas a Nonoai, quando mascateava, bem como quando cavalgamos junto, atrás de chimangos.

Mas continue, Juvêncio.

- Estudamos juntos durante seis anos. Quando completei quatorze anos, lendo bem e fazendo as quatro operações, voltei para a fazenda de meu pai e me pus a lidar com o gado e com os cavalos que eu tanto amo.

O Arcibaldo se mudou para o centro da cidade, seu pai tinha sido promovido a tenente-coronel, comandava o quartel e agora podia alugar uma casa melhor.

Nina ficou lá na baixada e continuava os estudos, queria ser professora. Sempre que eu vinha à cidade com meus pais, para vendas, compras ou outras atividades eu chegava para conversar com ela.

Foi ficando moça e a cada dia ficava mais bonita. Com dezesseis anos apresentava corpo de mulher, olhos de jabuticaba, queixo e nariz delicados, sorriso caloroso, lábios vermelhos numa boca carnuda como ameixa recém colhida, contrastando com dentes alvos e cabelos negros azeviche, caídos sobre os ombros.

Tímida e reservada, Nina carregava o peso da profissão da avó e da mãe.

Quando me cheguei aos dezoito anos, reconheci minha paixão por ela.

Naquele inverno meu pai faleceu. Foi nestas alturas que me apresentei no quartel para o serviço militar. Fui dispensado por ser arrimo de família. Tinha que sustentar minha mãe e meus três irmãos mais novos.

No dia em que me apresentei, antes da dispensa, encontrei o Arcibaldo, que estava prestando o serviço militar.

Arcibaldo se tornou um jovem forte. Usava cabelo escovinha, no rosto espinhas, nariz adunco e olhos verdes penetrantes. A farda lhe caía bem e lhe oferecia certo poder. Por influência do pai e por ser soldado velho era cabo e percebi que liderava a soldadesca que lhe rodeava.

Soube nesta charla que ele continuava a amizade com Nina e que a visitava de quando em vez. Pelo seu olhar senti que ele tinha sentimentos e desejos por ela.

Fiquei com um pé atrás com o seu interesse.

No sábado à tarde, vim pra cidade com minhas melhores pilchas e no meu melhor cavalo, fui à casa da guria e a pedi em namoro. Vi a felicidade em seus olhos. Meu amor era correspondido. Estávamos apaixonados.

Lhe prometi casamento, só que tínhamos que esperar, pois com a morte de meu pai, pelo inventário e outros procedimentos legais, eu precisava de um tempo para organizar a família e a propriedade.

Namorávamos há alguns meses quando ela me contou que encontrou o Arcibaldo numa farmácia, ali na Avenida. Ele lhe contou que tinha arranchado e continuava como Cabo, com esperanças de passar a Sargento, e que missões importantes o aguardavam.

Ela percebeu em seu olhar, em seus trejeitos, que ele tinha grande interesse por ela. Aproveitou este momento para deixar tudo às claras, lhe contou então que estava comprometida, que era minha noiva e que casaríamos em breve.

Você sabe, meu amigo, minha madrinha, estávamos e estamos, em plena ditadura, tempos do temor comunista, estado de sítio, direitos civis suspensos, os militares cheios de importância e força. Sargentos e Cabos executores de ordens, liderando grupos de soldados.

- Compadre, a conversa tá boa, mas vamos jantar! Fiz capelete, venham pra mesa, vou servir um queijo ralado e um vinho de primeira.

Enquanto eu jantava e tomava o bom vinho da comadre, a Maria ficou tagarelando assuntos do dia a dia, até, creio eu, para acalmar o Juvêncio.

Após a janta, já tomando um cafezinho com graspa, o Juvêncio voltou a assuntar:

- Pois, meu amigo, parece que o Arcibaldo esqueceu todo o nosso passado de amizade. Em verdade ele sempre desejou a Nina, e este desejo fez com que ele planejasse o acontecido.

Ele sabia que eu a visitava de quinze em quinze dias, dada às distâncias. Chegava aos sábados à tarde e me retirava à noitinha, dormia aqui na pensão da madrinha; pela manhã, no domingo, íamos à missa, almoçávamos e eu voltava para a fazenda.

Aproveitou-se deste conhecimento e num sábado, por volta das nove horas da noite, quando eu me retirava, a milicada sob seu comando realizou uma batida no bordel.

Ficaram de campana e se achegaram quando eu estava em frente à casa. Uma parte da soldadesca adentrou no prostíbulo, ele e outros, para minha surpresa acusaram-me de desrespeito à autoridade e embriaguez me bateram muito, me algemaram a um poste, me vendaram os olhos e o Arcibaldo invadiu a casa da Nina na tentativa de violentá-la. Eu me desesperei ouvindo os gritos.

O fato só não se consumou porque Marlene, ouvindo seus gritos e lamentos, acompanhada da Ernestina Manchada e de alguns visitantes do bordel, a socorreu. Marlene impôs a sua autoridade de mulher experiente e de idade, até porque alguns soldados não concordaram com o rumo que tomaram os acontecimentos.

Ainda vendado e com as mãos presas, me colocaram sobre o cavalo, me levaram para um matagal, me deram umas bordoadas no corpo e na cabeça, desmaiei, jogaram cachaça em minha roupa e me lançaram na margem da sanga, pra baixo do chafariz.

Voltei a mim, machucado, com dores no corpo e na cabeça, peguei o cavalo que pastava ali perto e vim me socorrer aqui na madrinha.

A madrinha me tratou, chamou o Dr. César, que me examinou, me fez curativos, receitou medicamentos e repouso. Eu mal conseguia caminhar.

Providenciou, para que o mulato Genuíno, taxista aposentado, me levasse pra fazenda em seu Ford.

Foi também a casa da Manchada e trouxe notícias de que Nina, embora abalada, muito nervosa, estava bem, que eu no momento não me preocupasse com ela e cuidasse de minha saúde.

Mamãe me tratou com sebo de ovelha, sal, vinagre e mastruz. Ficou muito preocupada com a situação da Nina, arrumou uma carona e veio para a cidade para vê-la.

Perdeu a viagem, pois a Ernestina e sua mãe, desassossegadas com a situação, mandaram minha noiva para Nonoai, aos cuidados do avô, afastando-a do problema e lhe dando segurança.

Fiquei desesperado e cada vez mais pensava em vingança, não conseguia conceber que aquele guri que um dia foi meu amigo e colega pudesse me aprontar tal situação.

Por outro lado, pensava numa justificativa, e me vinham à mente os castigos do coronel, quando ele era piazote, vestindo ele de mulher.

Nestes devaneios de vingança e desespero me lembrei de nossos ensaios para a semana da pátria, quando tínhamos treze para quatorze anos. O Arcibaldo já tinha quinze. Tocávamos na banda da escola, todos de uniforme branco, camiseta e calça para os guris, camiseta e saia para as gurias.

Ensaíamos duro num sábado à tarde. O clima estava quente, e nuvens negras chegaram pelos lados do Boqueirão. O mormaço se transformou em chuva torrencial. Corremos, buscando proteção. Conseguimos abrigo em uma padaria. Estávamos ensopados, arrepiados, gelados, com as roupas coladas ao corpo.

O tecido molhado destacou nossos corpos, especialmente o das meninas, e principalmente o de Nina. Embora sua meninice, belas coxas se destacaram naquela saia pregueada, e apareceram os seios ainda pequenos, empinados, donde brotavam mamilos, tais quais botões da flor de laranjeira com ânsias de furar o tecido de algodão.

Esta bela visão, do corpo de uma menina que se transformava em mulher, nos deixou, confesso, excitados. O momento passou, assim como passou aquela chuva de verão. Todavia o Arcibaldo não esquecia aquela cena e volta e meia lembrava aquele momento com um estranho brilho no olhar.

Após dez dias de repouso eu caminhava melhor, embora mancando. Voltei ao médico para verificar a minha recuperação, especialmente o pulmão, pois minhas costas foram duramente atingidas por cassetetes e pontapés.

Feita a consulta, seguia eu mancando pela avenida em direção à farmácia do Vasconcelos, quando fui surpreendido por um Jeep policial, que me levou para a delegacia e fui aí, acusado de praticar o comunismo. Fiquei preso por dois dias e fui enviado para Porto Alegre para interrogatório.

Meu amigo! Pra encurtar o caso, fiquei lá por três anos, quatro meses e cinco dias. Mal alimentado, com higiene precária e nos primeiros tempos com interrogatórios intermináveis. Depois fiquei preso sem nenhum motivo aparente, até que, num belo dia, dias atrás, simplesmente me mandaram embora.

Ao ser anunciada a minha soltura, me confidenciou um dos guardas, gente daqui que mora na capital, que o coronel, pai do Arcibaldo, tinha morrido, há mais de seis meses, e era ele, que me mantinha preso, por medo de vingança. Com sua morte eu fui libertado.

Não nego que durante todo este tempo, muitas vezes com fome, frio, febre, piolhos e equimoses pelo corpo, o que me manteve alerta foi por um lado a sede de vingança e por outro a saudade dos familiares, da terra, dos cavalos e principalmente da Nina.

- Mas que barbaridade, meu rapaz, isso é o fim do mundo. Lamento muito este acontecimento, lastimo que numa época dessas estejamos vivendo situações de tal calibre.

Eles balançaram a cabeça em sinal de concordância, eu rematei:

- Vocês me chamaram aqui! De que forma eu posso ajudá-los?

O Juvêncio caminhou pela cozinha, jogou o toco do palheiro no fogo, olhou para a sua madrinha e me confidenciou:

- Meu caro amigo, a madrinha falou que o senhor é pessoa de toda a confiança e que, pela amizade que os une, certamente pode me ajudar.

- Sim, meu jovem, pode contar comigo, estou aqui para isso, não se constranja, fale.

- Como lhe disse, eu prometi casamento para Nina. Sou homem de palavra e gosto de cumprir meus compromissos, e o que é mais importante, continuo, embora esta longa ausência pensando, muito nela e com grande esperança de rearmos.

O Juvêncio foi sentando novamente na cadeira e pôs a cabeça entre as mãos, pensativo, me pareceu envergonhado do que teria que me pedir. Maria, com toda a sua disposição, tomou as rédeas do assunto.

- Compadre, você sabe como é, eu contei para o Vêncio que você foi, e isso não faz muito tempo, mascate, que andava por este interior vendendo de tudo um pouco, e minha ideia é que você

transvestido de mascate, visite a casa da Nina e descubra como ela se sente e como ela encara toda esta situação.

O Juvêncio então voltou a falar, agora mais aliviado com as explicações de sua protetora:

- A madrinha é sabedora, quem sabe o Senhor também, que a Marlene, avó da Nina, faleceu no ano passado. A Ernestina assumiu os negócios e trouxe a Nina de Nonoai, da casa do avô para ajudá-la.

Com os olhos brilhando, úmidos e com a voz embargada, o Juvêncio continuou:

- O que será da Nina! Terá ela diante de tanta desgraça se prostituído? Eu não tenho com enfrentar esta situação, por isso preciso de sua ajuda.

- Entendi, entendi, a ideia da comadre é boa. Tenho ainda muitos materiais guardados, que posso prepará-los para a venda. Vou organizar tudo e vou visitar a casa da Ernestina, tenho que chegar lá quando a Nina estiver, vou averiguar.

- Pois, Carlito, meu amigo, dei uma de detetive, pedi para um sobrinho meu, rapagão desempenado que puxou aqui pelo tio nas campereadas do amor, que fosse à noite na casa da Manchada e verificasse se havia no meio daquele mulhério, se espalhando no meio da homarada, uma jovem com o nome de Nina.

No outro dia ele me confidenciou que a casa tava cheia, mas que não havia nenhuma garota de nome Janaína ou Nina trabalhando naquela noite.

Me veio na mente uma preocupação imediata: teria ela agora um nome de guerra? Mas meu sobrinho, esperto como só ele, me tranquilizando, afirmou que uma das percantas, que aqueitou o seu pelego, lhe informou que uma moça chamada Nina, filha da dona, trabalhava pela manhã.

Foi uma informação de alívio e valiosa, pois eu poderia ajeitar minhas mercadorias na carroça e visitá-la de manhazinha. Certamente há encontraria sozinha, já que neste horário o mulhério deveria estar na cama, curando a ressaca da noite anterior. Como você sabe, o chinaredo gosta de dormir até tarde. Oh! Vida boa...

- Chega de chimarrão! Vou pegar uma cachaça com butiá e botar uma carne no fogo. Você janta comigo Pereira?

- Sim, vizinho! Traga a pinga e continue o caso, estou curioso!

- De manhazinha, já com as tralhas ajeitadas na carroça, desci pras ruas de baixo puxando o cavalo, me fui devagarito como faz um bom mascate, batendo um sininho anunciando minha passagem. Pois não é! Já que tava na lida, podia surgir algum negócio rendoso nesta minha andança.

No caminho eu ia olhando todo aquele casario, muitos cobertos de telhas, alguns cobertos de tabuinha, o calor do sol ia levantando devagarzinho em nuvens de umidade o sereno da madrugada.

Inda que fosse cedo, num boteco da esquina, um grupo de “boêmios” levantava copos de pinga e cerveja, entre eles o João Galinha. Bêbado como sempre, me perguntou num repente.

- Aonde vai esta hora, amigo véio?

Ao que respondi, sem pensar:

- Vou ali, na casa da Ernestina Manchada, fazer uns negócios.

Ele riu, e os outros riram com voz engolesmada:

- Mas isso é hora de ir à casa de puta?

Pus a mão na testa, em continência, dando adeus àqueles borrachos, e segui meu caminho. Logo adiante na esquina estava em atividade a lenharia do João Minhoca, carroças estavam perfiladas carregando lenha para o fogão da freguesia.

Andei um pouco mais e passei pela leitaria do Hermenegildo da Tita, três vacas raçadas saíam com aquela calma bovina, e uma mula com uma mala de garupa feita de sacos de farinha estava carregada com litros de leite, que o nego Bento ia distribuir por aquelas bandas.

E assim me fui e cheguei batendo o cincerro em frente à casa da Manchada.

Bati palmas, um cachorro latiu, insisti nas palmas, voltei a bater meu sino, o cachorro latiu de novo, até que uma moça morena de uma beleza singular, vestida com roupas simples, tendo na mão um caderno e uma lapiseira, entreabriu a porta.

- Pois não, senhor em que posso servi-lo?

- Senhorita, gostaria de lhe mostrar minhas mercadorias, tecidos, roupas de cama e banho, utensílios domésticos, tudo num preço muito convidativo, barato, de qualidade...

Ela me olhou por alguns instantes, eu senti que ela ia me dispensar.

- Moça! Vim aqui só para mostrar meus produtos, quem recomendou foi o Antunes, isso há muito tempo. Disse-me que neste endereço mora uma neta chamada Nina.

- O senhor conhece o Antunes, donde?

- Por correrias e peleias que fizemos antigamente por aí e por vender a ele, tempos atrás, meus produtos, quando passava por Nonoai.

Ela deu um sorriso, acabou de abrir a porta e disse com muita simpatia: se achegue, eu sou a Nina, e o Antunes é meu avô.

- Entrei, Pereira! Fazia muito tempo que não entrava num puteiro, se por um lado senti o perfume de mulheres, por outro senti no ar aquela inhaca de cigarro e o cheiro azedo de cerveja dormida. É verdade que já havia uma senhora fazendo a limpeza, e na vitrola Silvio Caldas cantava a Deusa da Minha Rua.

A deusa da minha rua,

Tem os olhos onde a lua

Costuma se embriagar.

Coloquei minhas malas no meio de uma das salas, sobre um tapete vermelho, salpicado de pontos pretos. Na parede, em um quadro emoldurado de branco, a figura de um cavaleiro oferecendo flores a uma dama. Pedi licença e fui expondo as mercadorias sobre um sofá de veludo, amplo, na cor vinho, com marcas de ponta de cigarro. Fui detalhando os produtos com calma, precisava de tempo e ser simpático para ganhar sua confiança, entrar no assunto e me enfrontar da situação.

Mostrei isso, mostrei aquilo, comentei a qualidade, as cores firmes, o preço baixo. Quando ofereci a ela alguns tecidos e argumentei que seriam ótimos para compor enxoval, ela para minha surpresa falou:

- Eu tenho interesse nestes tecidos e em outros produtos para enxoval.

- Ótimo! Estes não são de seu agrado?

- São muito bonitos e tenho interesse dependendo do preço. O senhor parece estranhar eu estar interessada em produtos de enxoval? Veja bem, embora eu esteja no momento trabalhando nesta pensão de mulheres, que foi de minha avó e que hoje pertence à minha mãe, estou com meu enxoval em andamento. Eu não sou deste meio, estou aqui ajudando minha mãe até que ela encontre um comprador para este estabelecimento.

Parou um pouco como a pensar e continuou, como se estivesse fazendo um desabafo:

- Esta casa é difícil de vender, só para alguém que queira continuar no ramo. Temos hoje uma compradora em vista, a dona Marieta. É praticamente impossível vender para uma família, pois a fama do local espanta qualquer interessado, embora a casa seja ampla, com bom terreno e muito bem construída.

Minha avó faleceu, minha mãe está envelhecida, não consegue gerenciar tudo sozinha, então eu pela manhã, comando as limpezas, faço compras, consertos, cuido de tudo, enquanto ela descansa.

Se o senhor tivesse falado com meu avô, Antunes, recentemente, saberia que sou noiva e que estou aguardando a justiça libertar meu noivo, que é inocente, de uma prisão em Porto Alegre.

- Olhe, moça, eu fiquei sabendo de seu drama, isso não chega a ser segredo, e do seu sofrimento promovido por um desclassificado como o Arcibaldo.

Não me leve a mal, se não quiser não precisa falar, mas o que é feito do Arcibaldo.

Eu precisava fazer esta pergunta, pois o Vêncio carregava na alma o gosto amargo da vingança.

- Mas então o senhor não sabe?

O Arcibaldo, no fundo, era um doente mental, protegido pelo pai, que o manteve no serviço militar enquanto viveu. Com a morte do coronel, o novo comando o dispensou, deu baixa como cabo.

Ele, sem a proteção paterna e sem os milicos para protegê-lo em suas malquerenças, continuou nas sombras a perseguir mulheres de todas as idades com a intenção e mesmo concretizando suas taras sexuais.

Meu avô, o senhor conhece a história, tem um trauma com este tipo de indivíduo. Depois que ele me atacou, vovô Francisco encarregou uns amigos de sua confiança para que ficassem de olho no perverso.

No final do ano passado ele atacou uma menina, ali pros rumos do Mato do Barrão. Familiares acudiram a menina e quiseram linchar o Arcibaldo. Chamaram os “home”, e ele foi preso.

Este fato chegou aos ouvidos de meu avô, foi nos dias da morte de minha avó. Eu estava retornando para ajudar minha mãe.

Vovô temia que ele fosse solto e voltasse a me perseguir, tomou então suas providências...

Lhe conto os detalhes, pois o senhor foi companheiro e andou pelas coxilhas com o Tenente Antunes e, certamente, há entre vocês um pacto de confiança e fidelidade.

- Pode falar, moça, tenha em mim a confiança que eu tenho no seu avô.

- A fuga foi facilitada. Familiares ultrajados, previamente avisados, o esperavam. Dias depois encontraram o Arcibaldo morto a pauladas no fundo de uma vala.

Veja o Senhor, o Arcibaldo que foi meu colega e amigo de infância, causou-nos tanta dor, conseguiu inclusive a injusta e traiçoeira prisão de meu noivo e com sua loucura encontrou a morte.

- Carlito, eu estava aliviado e feliz com as informações obtidas. Sabia que agora tudo ia entrar nos eixos. Dei um desconto polpudo em algumas peças que ela comprou.

Fechei as malas e ela me convidou para um chá de capim- santo com bolachas de nata. Nesta conversa ela me confidenciou seus sonhos, seus desejos:

- Assim que mamãe vender esta propriedade, eu vou reiniciar meus estudos, quero ser professora. Tenho certeza que meu noivo vai ser libertado. Lá na Bela Vista deve haver alguma escola para eu lecionar e ensinar a gurizada, se não tiver serve para eu ensinar meus filhos.

Agradei por toda a sua atenção, me despedi e subi feliz por aquelas ruas, carregando no peito a alegria do dever cumprido e a grata sensação de ter ajudado um jovem casal apaixonado e uma comadre que é minha amiga.

Naquela noite me fui até a pensão na esperança de ser recebido com um bom café, com pão caseiro, salame e manteiga. Cheguei sorrindo, abracei a comadre e apertei a mão do Juvêncio. Não resisti e lhe dei um abraço.

Narrei tudo, tim-tim por tim-tim. À medida que eu contava via alívio em seus semblantes e sorrisos de felicidade em suas faces. O Vêncio suspirou, um suspiro vindo do fundo da alma, e me agradeceu com lágrimas nos olhos.

Pois então Carlito Pereira, o moço que viste em minha gaiota é o Juvêncio, que está carregando alguns tarefas para mobiliar a casa em que vai morar com a Janaína até ela completar o normal. Depois se mudam lá pra Bela Vista. Anda feliz por aí, correndo com a gaiota, chega a ir em pé com o rebenque erguido. Oiga lê, tchê.

Me passa a pinga! Eu já fui convidado para ser padrinho do casamento e vou levar você comigo nesta festa.

Vem pra dentro, Carlito! Vamo se aquecer no fogão, e terminar de preparar a janta...

Data : 15/01/2016

Título : PERFUME DE BERGAMOTAS

Categoria: Contos

Descrição: Se fez uma manhã fria, "de renguear cusco", céu azulado, dia para lagartear ao sol comendo bergamotas.

PERFUME DE BERGAMOTAS

O dia mal tinha clareado e o minuano chegou de rebenque erguido, levantando a geada que se formara na madrugada, e tenho certeza, levantando muita saia e muito vestido no encontro da Rua Morom com a General Netto.

Se fez uma manhã fria, “de renguear cusco”, céu azulado, dia para lagartear ao sol comendo bergamotas.

Almocei, e me sentei num banco forrado com pelegos. O alpendre recebia um sol triste, amarelado, tirei as meias, arregacei a bombacha e deixei o calor acariciar meus pés e minhas canelas. Peguei uma cesta cheia de frutas e me atraquei.

Foi quando, abriram o portão, ouvi as dobradiças rangendo e alguém batendo palmas e gritando – Oh de casa! Oh de casa! Reconheci a voz do vivente e respondi grosso:

- Se achegue, companheiro, venha comer bergamotas e tomar um sol para combater este frio de aleijar paisano.

O Carlito entrou. Em sua frente entrou aquele bigodão grisalho no qual ele por cacoete passava o pente de hora em hora. Para dar vazão a este costume, levava no bolso trazeiro da bombacha, um pente marca flamengo, seu orgulho, sempre que tirava do bolso e havia espectadores em seu entorno, dobrava o redobrava o pentinho e falava todo satisfeito – É inquebrável. Trajava bombacha carijó, com favos nas laterais, um pala negro sobre camisa branca, lenço vermelho e botas de cano longo. Senti no ar um perfume de sabonete e de água de barba e já fui perguntando, - Banhou cedo, home véio?

- Pois então, hoje não é quarta-feira? Banhei e fiz a barba cedito no mais, água fria de arrepiar.

Sentou num banco, se espreguiçou ao sol, pegou uma bergamota, cheirou, enfiou a unha levantando o sumo. O perfume da fruta se espalhou no ambiente.

Ficamos por uns momentos naquela madorna, em silêncio, só lagarteando, mas logo o Carlito quebrou aquela quietude e foi me indagando:

- Tchê do céu! Vi tua carroça por aí, fazendo frete, com um sujeito desconhecido! Alugou a gaiota? Quem é o guri?

- Mas bah! Deixa eu te contar! Fica aí sentado enquanto eu ajeito um chimarrão e vamos charlar.

O Carlos Pereira é meu vizinho, quase todos o chamam por Carlitos. Já de cabeça branca e curvado pelo tempo, gosta de um bate-papo e de tomar chimarrão, jogar cartas, contar causos antigos de chinaredo e das revoluções. Mente um pouco, mas enfim...

Enquanto a água aquecia iniciamos uma prosa que eu sabia que seria comprida.

- Pois escute vizinho. Dia destes saí para dar uma volta, desanuviar o pensamento, sentei-me lá na praça, junto ao lago, tinha deixado a gaiota no pátio da Viação Férrea. Tava ali, comendo e jogando pipoca para os pombos, quando o Zeca Carvão, aquele pretinho encapetado, afilhado da Maria Roncadeira, me chamou:

- A madrinha disse para o Senhor passar lá na pensão, logo que puder, inda hoje, assunto de urgência!

- Quem é Maria? E por que Roncadeira?

- Pereira, então você não sabe? Não conhece a Maria, minha comadre!

Aquela baixusca, roliça, dona da Pensão Dona Maria. Chamam ela de Roncadeira, pois quando faz a sesta, e é todo o santo dia, ronca e bufa alto, como um trem de carga, subindo a serra de Santa Maria.

Me achei lá na pensão, à tardinha, já pensando no prato de comida que certamente ela ia me oferecer, me poupando de atividades na cozinha.

- Buenas, comadre, me chamou, aqui estou!

- Passe aqui pra cozinha, venha conhecer o Juvêncio, meu afilhado.

Me servi de um copo d'água na moringa, que repousa sobre um aparador feito com um cepo de angico, e me achei na cozinha. Lá estava o afilhado, um moço que calculei entre vinte e três e vinte e quatro anos, de boa estatura, magro e pálido.

Juvêncio estava sentado junto ao fogão, me deu um aperto de mão enquanto ajeitava o fogo.

A Maria, secando as mãos em um pano de prato alvo e rendado, sentou numa cadeira de balanço coberta com um pelego tingido de um vermelho desbotado puxando para o amarelo, que, observei, combinava com seu cabelo.

- Compadre, o Vêncio, como te falei, é meu afilhado e não vou contigo fazer rodeio. Tava preso, há um bom tempo, por isso tá nesta magreza. Sofreu muito na prisão, pouca comida, pouca higiene e tortura.

O estado físico já melhorou muito, precisava ver como aqui chegou, parecia um cadáver ambulante, um bacalhau. Agora, tá pelinchando.

Chegou faz uma semana, mandei um próprio avisar a família, mãe e irmãos, lá na Bela Vista, devem chegar por estes dias. Você sabe, com estas chuvas e estradas péssimas..., mas pra tudo tem jeito.

Segurei ele aqui, compadre, porque achei que ele precisava passar por uma revisão médica, tomar uns fortificantes, se arribar, se fortalecer. Não é brincado tudo o que passou. Aqui tem assistência, lá naqueles fundos, você já viu!

O moço sorriu do palavreado da Maria, exclamando com respeito - Esta minha madrinha!

- Comadre, como eu posso lhe ajudar?

- Para você me ajudar e ajudar o Vêncio é preciso você conhecer a história dele, pois só assim você ficará tranquilo, sabendo com o que está lidando. Já te adianto: meu afilhado não matou ninguém, pelo menos por ora, bem que tem índio merecendo.

- Carlito Pereira! Fiquei curioso! O gauchinho era um ex-presidiário, sabe lá o que tinha feito! Pera aí Carlito! Me deixa botar esta chaleira no fogo, a água tá ficando fria.

Obedecendo a sua madrinha, o Juvêncio arrastou a cadeira pra longe do fogo, me olhou nos olhos, esfregou uma mão na outra, pegou uma palha, alisou com o canivete, começou a picar e desfiar o fumo na palma da mão e passou a me contar:

- Nasci e me criei no campo, no meio de vacas, ovelhas, porcos e principalmente de cavalos. Eu era e sou enfeitado por cavalos, domo e preparo, além de ser bom laçador, enfim sou da lida.

Aos sete anos, deixei a fazenda de meu pai, lá na Bela Vista, para vir estudar. Papai comprou uma casa bem aí na rua de baixo.

Como todo e qualquer menino eu gostava de brincar, jogar bola, bolita, arranca-toco, soltar pandorga, enfim fazer tudo aquilo que um guri nesta idade faz.

Logo me empanei com um piazote, um pouco mais velho, o Arcibaldo. Estudávamos juntos pela manhã e passávamos as tardes brincando pelas ruas e campinhos das redondezas.

O Arcibaldo era filho de militar, sua casa era a extensão do quartel, com os rigores da caserna. O colega vivia em conflito pela dureza com que o pai o tratava.

Certa feita, como ele era rueiro e, às vezes perdia o horário das atividades domésticas, dos estudos, o major, depois de ouvir a mulher, se encanizou e como castigo o prendeu em casa e o vestiu de mulher com trajes de uma de suas irmãs. Vestido rodado sobre uma bombachinha. Assim, ele não podia sair de casa, ficou dias e dias preso. A partir daí o Arcibaldo repugnava ao ver vestes femininas e tinha certa cisma com as gurias.

Também era nossa colega e às vezes nos reuníamos para estudar a tabuada e fazer alguns escritos a menina Janaína, Nina, que também morava ali na baixada, já pros lados do chafariz.

Nina era uma menina morena, de cabelos negros, lisos como pedra de sanga, e a cada dia se tornava aos meus olhos linda e de uma simpatia contagiante.

Ali na baixada, existiam, como existem inda hoje, casas de tolerância, prostíbulos. A guria, filha da Ernestina e neta da famosa Marlene, proxeneta e dona de uma destas casas.

Ernestina é mulher de porte baixo, pele morena e cabelo negro, tem uma mancha cor de vinho no lado esquerdo do rosto, por isso é conhecida por manchada. Mãe solteira, engravidou ainda jovem, nas lides amorosas na casa da mãe. Certamente o senhor já a viu por aí nestas quebradas!

A manchada cuidava muito bem da filha, possuía uma casa ao lado do bordel, mas sem ligação com este, e a Nina ficava lá confinada, proibida de se aproximar daquela pensão de mulheres.

A menina gostava e falava muito do avô, Terêncio Antunes, que volta e meia vinha visitá-la.

Antunes, ex-marido da Marlene, de quem se separara há muitos anos, só visitava a guria, nem se aproximava do bordel.

Soube por conta dos mais antigos que o velho Antunes participou da Revolução de 23, que andou por batalhas e peleias, sob o lenço colorado.

Ele seguiu o clarim e Marlene ficou só, assim como tantas outras.

Uns chimangos descobriram que ela era mulher de maragato. Por vingança e malquerença, numa noite, invadiram a casa e violentaram-na, violentaram também moças e mulheres das redondezas.

Quando voltou para casa, Terêncio ficou sabendo do sucedido, buscou pelos violentadores, descobriu que uns tinham morrido, outros estavam desaparecidos, e alguns se mandaram em direção ao Uruguai. Nunca mais os encontrou.

Aos poucos foi se afastando da Marlene, não aceitava aquela situação. Depois de um tempo de sofrimento e amargura, pegou as trouxas e foi embora. Compreendia que Marlene não era culpada, mas dela se desencantou.

Com as emoções abalada, e a alma ferida, Marlene sabia não ter culpa do acontecido, mas também entendia o sofrimento do Antunes. Depois de um tempo aceitou a separação, tomou então o seu rumo. Sem preparo ou ofício, montou na casa grande por eles construída uma pensão, passou a abrigar mulheres e a explorar a prostituição.

Terêncio, índio duro, gauchão, cultuador das tradições, com fazenda e gadaria nos campos de Nonoai. Só saía de lá para visitar a neta, tinha e continua tendo paixão por Janaína.

- Cortando teu assunto, Vêncio, eu conheço o Antunes não só por minhas visitas a Nonoai, quando mascateava, bem como quando cavalgamos junto, atrás de chimangos.

Mas continue, Juvêncio.

- Estudamos juntos durante seis anos. Quando completei quatorze anos, lendo bem e fazendo as quatro operações, voltei para a fazenda de meu pai e me pus a lidar com o gado e com os cavalos que eu tanto amo.

O Arcibaldo se mudou para o centro da cidade, seu pai tinha sido promovido a tenente-coronel, comandava o quartel e agora podia alugar uma casa melhor.

Nina ficou lá na baixada e continuava os estudos, queria ser professora. Sempre que eu vinha à cidade com meus pais, para vendas, compras ou outras atividades eu chegava para conversar com ela.

Foi ficando moça e a cada dia ficava mais bonita. Com dezesseis anos apresentava corpo de mulher, olhos de jabuticaba, queixo e nariz delicados, sorriso caloroso, lábios vermelhos numa boca carnuda como ameixa recém colhida, contrastando com dentes alvos e cabelos negros azeviche, caídos sobre os ombros.

Tímida e reservada, Nina carregava o peso da profissão da avó e da mãe.

Quando me cheguei aos dezoito anos, reconheci minha paixão por ela.

Naquele inverno meu pai faleceu. Foi nestas alturas que me apresentei no quartel para o serviço militar. Fui dispensado por ser arrimo de família. Tinha que sustentar minha mãe e meus três irmãos mais novos.

No dia em que me apresentei, antes da dispensa, encontrei o Arcibaldo, que estava prestando o serviço militar.

Arcibaldo se tornou um jovem forte. Usava cabelo escovinha, no rosto espinhas, nariz adunco e olhos verdes penetrantes. A farda lhe caía bem e lhe oferecia certo poder. Por influência do pai e por ser soldado velho era cabo e percebi que liderava a soldadesca que lhe rodeava.

Soube nesta charla que ele continuava a amizade com Nina e que a visitava de quando em vez. Pelo seu olhar senti que ele tinha sentimentos e desejos por ela.

Fiquei com um pé atrás com o seu interesse.

Num sábado, vim pra cidade com minhas melhores pilchas e no meu melhor cavalo, fui à casa da guria e a pedi em namoro. Vi a felicidade em seus olhos. Meu amor era correspondido. Estávamos apaixonados.

Lhe prometi casamento, só que tínhamos que esperar, pois com a morte de meu pai, pelo inventário e outros procedimentos legais, eu precisava de um tempo para organizar a família e a propriedade.

Namorávamos há alguns meses quando ela me contou que encontrou o Arcibaldo numa farmácia, ali na Avenida. Ele lhe contou que tinha arranchado e continuava como Cabo, com esperanças de passar a Sargento, e que missões importantes o aguardavam.

Ela percebeu em seu olhar, em seus trejeitos, que ele tinha grande interesse por ela. Aproveitou este momento para deixar tudo às claras, lhe contou então que estava comprometida, que era minha noiva e que casaríamos em breve.

Você sabe, meu amigo, minha madrinha, estávamos e estamos, em plena ditadura, tempos do temor comunista, estado de sítio, direitos civis suspensos, os militares cheios de importância e força. Sargentos e Cabos executores de ordens, liderando grupos de soldados.

- Compadre, a conversa tá boa, mas vamos jantar! Fiz capelete, venham pra mesa, vou servir um queijo ralado e um vinho de primeira.

Enquanto eu jantava e tomava o bom vinho da comadre, a Maria ficou tagarelando assuntos do dia a dia, até, creio eu, para acalmar o Juvêncio.

Após a janta, já tomando um cafezinho com graspa, o Juvêncio voltou a assuntar:

- Pois, meu amigo, parece que o Arcibaldo esqueceu todo o nosso passado de amizade. Em verdade ele sempre desejou a Nina, e este desejo fez com que ele planejasse o acontecido.

Ele sabia que eu a visitava de quinze em quinze dias, dada às distâncias. Chegava aos sábados à tarde e me retirava à noitinha, dormia aqui na pensão da madrinha; pela manhã, no domingo, íamos à missa, almoçávamos e eu voltava para a fazenda.

Aproveitou-se deste conhecimento e num sábado, por volta das nove horas da noite, quando eu me retirava, a milicada sob seu comando realizou uma batida no bordel.

Ficaram de campana e se achegaram quando eu estava em frente à casa. Uma parte da soldadesca adentrou no prostíbulo, ele e outros, para minha surpresa acusaram-me de desrespeito à autoridade e embriaguez me bateram muito, me algemaram a um poste, me vendaram os olhos e o Arcibaldo invadiu a casa da Nina na tentativa de violentá-la. Eu me desesperei ouvindo os gritos.

O fato só não se consumou porque Marlene, ouvindo seus gritos e lamentos, acompanhada da Ernestina Manchada e de alguns visitantes do bordel, a socorreu. Marlene impôs a sua autoridade de mulher experiente e de idade, até porque alguns soldados não concordaram com o rumo que tomaram os acontecimentos.

Ainda vendado e com as mãos presas, me colocaram sobre o cavalo, me levaram para um matagal, me deram umas bordoadas no corpo e na cabeça, desmaiei, jogaram cachaça em minha roupa e me lançaram na margem da sanga, pra baixo do chafariz.

Voltei a mim, machucado, com dores no corpo e na cabeça, peguei o cavalo que pastava ali perto e vim me socorrer aqui na madrinha.

A madrinha me tratou, chamou o Dr. Cézar, que me examinou, me fez curativos, receitou medicamentos e repouso. Eu mal conseguia caminhar.

Providenciou, para que o mulato Genuíno, taxista aposentado, me levasse pra fazenda em seu Ford.

Foi também a casa da Manchada e trouxe notícias de que Nina, embora abalada, muito nervosa, estava bem, que eu no momento não me preocupasse com ela e cuidasse de minha saúde.

Mamãe me tratou com sebo de ovelha, sal, vinagre e mastruz. Ficou muito preocupada com a situação da Nina, arrumou uma carona e veio para a cidade para vê-la.

Perdeu a viagem, pois a Ernestina e sua mãe, desassossegadas com a situação, mandaram minha noiva para Nonoai, aos cuidados do avô, afastando-a do problema e lhe dando segurança.

Fiquei desesperado e cada vez mais pensava em vingança, não conseguia conceber que aquele guri que um dia foi meu amigo e colega pudesse me aprontar tal situação.

Por outro lado, pensava numa justificativa, e me vinham à mente os castigos do coronel, quando ele era piazote, vestindo ele de mulher.

Nestes devaneios de vingança e desespero me lembrei de nossos ensaios para a semana da pátria, quando tínhamos treze para quatorze anos. O Arcibaldo já tinha quinze. Tocávamos na banda da escola, todos de uniforme branco, camiseta e calça para os guris, camiseta e saia para as gurias.

Ensaíamos duro num sábado à tarde. O clima estava quente, e nuvens negras chegaram pelos lados do Boqueirão. O mormaço se transformou em chuva torrencial. Corremos, buscando proteção. Conseguimos abrigo em uma padaria. Estávamos ensopados, arrepiados, gelados, com as roupas coladas ao corpo.

O tecido molhado destacou nossos corpos, especialmente o das meninas, e principalmente o de Nina. Embora sua meninice, belas coxas se destacaram naquela saia pregueada, e apareceram os seios ainda pequenos, empinados, donde brotavam mamilos, tais quais botões da flor de laranjeira com ânsias de furar o tecido de algodão.

Esta bela visão, do corpo de uma menina que se transformava em mulher, nos deixou, confesso, excitados. O momento passou, assim como passou aquela chuva de verão. Todavia o Arcibaldo não esquecia aquela cena e volta e meia lembrava aquele momento com um estranho brilho no olhar.

Após dez dias de repouso eu caminhava melhor, embora mancando. Voltei ao médico para verificar a minha recuperação, especialmente o pulmão, pois minhas costas foram duramente atingidas por cassetetes e pontapés.

Feita a consulta, seguia eu mancando pela avenida em direção à farmácia do Vasconcelos, quando fui surpreendido por um Jeep policial, que me levou para a delegacia e fui aí, acusado de praticar o comunismo. Fiquei preso por dois dias e fui enviado para Porto Alegre para interrogatório.

Meu amigo! Pra encurtar o caso, fiquei lá por três anos, quatro meses e cinco dias. Mal alimentado, com higiene precária e nos primeiros tempos com interrogatórios intermináveis. Depois fiquei preso sem nenhum motivo aparente, até que, num belo dia, dias atrás, simplesmente me mandaram embora.

Ao ser anunciada a minha soltura, me confidenciou um dos guardas, gente daqui que mora na capital, que o coronel, pai do Arcibaldo, tinha morrido, há mais de seis meses, e era ele, que me mantinha preso, por medo de vingança. Com sua morte eu fui libertado.

Não nego que durante todo este tempo, muitas vezes com fome, frio, febre, piolhos e equimoses pelo corpo, o que me manteve alerta foi por um lado a sede de vingança e por outro a saudade dos familiares, da terra, dos cavalos e principalmente da Nina.

- Mas que barbaridade, meu rapaz, isso é o fim do mundo. Lamento muito este acontecimento, lastimo que numa época dessas estejamos vivendo situações de tal calibre.

Eles balançaram a cabeça em sinal de concordância, eu rematei:

- Vocês me chamaram aqui! De que forma eu posso ajudá-los?

O Juvêncio caminhou pela cozinha, jogou o toco do palheiro no fogo, olhou para a sua madrinha e me confidenciou:

- Meu caro amigo, a madrinha falou que o senhor é pessoa de toda a confiança e que, pela amizade que os une, certamente pode me ajudar.

- Sim, meu jovem, pode contar comigo, estou aqui para isso, não se constranja, fale.

- Como lhe disse, eu prometi casamento para Nina. Sou homem de palavra e gosto de cumprir meus compromissos, e o que é mais importante, continuo, embora esta longa ausência pensando, muito nela e com grande esperança de rearmos.

O Juvêncio foi sentando novamente na cadeira e pôs a cabeça entre as mãos, pensativo, me pareceu envergonhado do que teria que me pedir. Maria, com toda a sua disposição, tomou as rédeas do assunto.

- Compadre, você sabe como é, eu contei para o Vêncio que você foi, e isso não faz muito tempo, mascate, que andava por este interior vendendo de tudo um pouco, e minha ideia é que você transvestido de mascate, visite a casa da Nina e descubra como ela se sente e como ela encara toda esta situação.

O Juvêncio então voltou a falar, agora mais aliviado com as explicações de sua protetora:

- A madrinha é sabedora, quem sabe o Senhor também, que a Marlene, avó da Nina, faleceu no ano passado. A Ernestina assumiu os negócios e trouxe a Nina de Nonoai, da casa do avô para ajudá-la.

Com os olhos brilhando, úmidos e com a voz embargada, o Juvêncio continuou:

- O que será da Nina! Terá ela diante de tanta desgraça se prostituído? Eu não tenho com enfrentar esta situação, por isso preciso de sua ajuda.

- Entendi, entendi, a ideia da comadre é boa. Tenho ainda muitos materiais guardados, que posso prepará-los para a venda. Vou organizar tudo e vou visitar a casa da Ernestina, tenho que chegar lá quando a Nina estiver, vou averiguar.

- Pois, Carlito, meu amigo, dei uma de detetive, pedi para um sobrinho meu, rapagão desempenado que puxou aqui pelo tio nas campereadas do amor, que fosse à noite na casa da Manchada e verificasse se havia no meio daquele mulhério, se espalhando no meio da homarada, uma jovem com o nome de Nina.

No outro dia ele me confidenciou que a casa tava cheia, mas que não havia nenhuma garota de nome Janaína ou Nina trabalhando naquela noite.

Me veio na mente uma preocupação imediata: teria ela agora um nome de guerra? Mas meu sobrinho, esperto como só ele, me tranquilizando, afirmou que uma das percantas, que aqueitou o seu pelego, lhe informou que uma moça chamada Nina, filha da dona, trabalhava pela manhã.

Foi uma informação de alívio e valiosa, pois eu poderia ajeitar minhas mercadorias na carroça e visitá-la de manhazinha. Certamente há encontraria sozinha, já que neste horário o mulhério deveria estar na cama, curando a ressaca da noite anterior. Como você sabe, o chinaredo gosta de dormir até tarde. Oh! Vida boa...

- Chega de chimarrão! Vou pegar uma cachaça com butiá e botar uma carne no fogo. Você janta comigo Pereira?

- Sim, vizinho! Traga a pinga e continue o caso, estou curioso!

- De manhazinha, já com as tralhas ajeitadas na carroça, desci pras ruas de baixo puxando o cavalo, me fui devagarito como faz um bom mascate, batendo um sininho anunciando minha passagem. Pois não é! Já que tava na lida, podia surgir algum negócio rendoso nesta minha andança.

No caminho eu ia olhando todo aquele casario, muitos cobertos de telhas, alguns cobertos de tabuinha, o calor do sol ia levantando devagarzinho em nuvens de umidade o sereno da madrugada.

Inda que fosse cedo, num boteco da esquina, um grupo de “boêmios” levantava copos de pinga e cerveja, entre eles o João Galinha. Bêbado como sempre, me perguntou num repente.

- Aonde vai esta hora, amigo véio?

Ao que respondi, sem pensar:

- Vou ali, na casa da Ernestina Manchada, fazer uns negócios.

Ele riu, e os outros riram com voz engolesmada:

- Mas isso é hora de ir à casa de puta?

Pus a mão na testa, em continência, dando adeus àqueles borrachos, e segui meu caminho. Logo adiante na esquina estava em atividade a lenharia do João Minhoca, carroças estavam perfiladas carregando lenha para o fogão da freguesia.

Andei um pouco mais e passei pela leitaria do Hermenegildo da Tita, três vacas raçadas saíam com aquela calma bovina, e uma mula com uma mala de garupa feita de sacos de farinha estava carregada com litros de leite, que o nego Bento ia distribuir por aquelas bandas.

E assim me fui e cheguei batendo o cincerro em frente à casa da Manchada.

Bati palmas, um cachorro latiu, insisti nas palmas, voltei a bater meu sino, o cachorro latiu de novo, até que uma moça morena de uma beleza singular, vestida com roupas simples, tendo na mão um caderno e uma lapiseira, entreabriu a porta.

- Pois não, senhor em que posso servi-lo?

- Senhorita, gostaria de lhe mostrar minhas mercadorias, tecidos, roupas de cama e banho, utensílios domésticos, tudo num preço muito convidativo, barato, de qualidade...

Ela me olhou por alguns instantes, eu senti que ela ia me dispensar.

- Moça! Vim aqui só para mostrar meus produtos, quem recomendou foi o Antunes, isso há muito tempo. Disse-me que neste endereço mora uma neta chamada Nina.

- O senhor conhece o Antunes, donde?

- Por correrias e peleias que fizemos antigamente por aí e por vender a ele, tempos atrás, meus produtos, quando passava por Nonoai.

Ela deu um sorriso, acabou de abrir a porta e disse com muita simpatia: se achegue, eu sou a Nina, e o Antunes é meu avô.

- Entrei, Pereira! Fazia muito tempo que não entrava num puteiro, se por um lado senti o perfume de mulheres, por outro senti no ar aquela inhaca de cigarro e o cheiro azedo de cerveja dormida. É verdade que já havia uma senhora fazendo a limpeza, e na vitrola Silvio Caldas cantava a Deusa da Minha Rua.

A deusa da minha rua,

Tem os olhos onde a lua

Costuma se embriagar.

Coloquei minhas malas no meio de uma das salas, sobre um tapete vermelho, salpicado de pontos pretos. Na parede, em um quadro emoldurado de branco, a figura de um cavaleiro oferecendo flores a uma dama. Pedi licença e fui expondo as mercadorias sobre um sofá de veludo, amplo,

na cor vinho, com marcas de ponta de cigarro. Fui detalhando os produtos com calma, precisava de tempo e ser simpático para ganhar sua confiança, entrar no assunto e me enfrontar da situação.

Mostrei isso, mostrei aquilo, comentei a qualidade, as cores firmes, o preço baixo. Quando ofereci a ela alguns tecidos e argumentei que seriam ótimos para compor enxoval, ela para minha surpresa falou:

- Eu tenho interesse nestes tecidos e em outros produtos para enxoval.

- Ótimo! Estes não são de seu agrado?

- São muito bonitos e tenho interesse dependendo do preço. O senhor parece estranhar eu estar interessada em produtos de enxoval? Veja bem, embora eu esteja no momento trabalhando nesta pensão de mulheres, que foi de minha avó e que hoje pertence à minha mãe, estou com meu enxoval em andamento. Eu não sou deste meio, estou aqui ajudando minha mãe até que ela encontre um comprador para este estabelecimento.

Parou um pouco como a pensar e continuou, como se estivesse fazendo um desabafo:

- Esta casa é difícil de vender, só para alguém que queira continuar no ramo. Temos hoje uma compradora em vista, a dona Marieta. É praticamente impossível vender para uma família, pois a fama do local espanta qualquer interessado, embora a casa seja ampla, com bom terreno e muito bem construída.

Minha avó faleceu, minha mãe está envelhecida, não consegue gerenciar tudo sozinha, então eu pela manhã, comando as limpezas, faço compras, consertos, cuido de tudo, enquanto ela descansa.

Se o senhor tivesse falado com meu avô, Antunes, recentemente, saberia que sou noiva e que estou aguardando a justiça libertar meu noivo, que é inocente, de uma prisão em Porto Alegre.

- Olhe, moça, eu fiquei sabendo de seu drama, isso não chega a ser segredo, e do seu sofrimento promovido por um desclassificado como o Arcibaldo.

Não me leve a mal, se não quiser não precisa falar, mas o que é feito do Arcibaldo.

Eu precisava fazer esta pergunta, pois o Vêncio carregava na alma o gosto amargo da vingança.

- Mas então o senhor não sabe?

O Arcibaldo, no fundo, era um doente mental, protegido pelo pai, que o manteve no serviço militar enquanto viveu. Com a morte do coronel, o novo comando o dispensou, deu baixa como cabo.

Ele, sem a proteção paterna e sem os milicos para protegê-lo em suas malquerenças, continuou nas sombras a perseguir mulheres de todas as idades com a intenção e mesmo concretizando suas taras sexuais.

Meu avô, o senhor conhece a história, tem um trauma com este tipo de indivíduo. Depois que ele me atacou, vovô Francisco encarregou uns amigos de sua confiança para que ficassem de olho no perverso.

No final do ano passado ele atacou uma menina, ali pros rumos do Mato do Barrão. Familiares acudiram a menina e quiseram linchar o Arcibaldo. Chamaram os “home”, e ele foi preso.

Este fato chegou aos ouvidos de meu avô, foi nos dias da morte de minha avó. Eu estava retornando para ajudar minha mãe.

Vovô temia que ele fosse solto e voltasse a me perseguir, tomou então suas providências...

Lhe conto os detalhes, pois o senhor foi companheiro e andou pelas coxilhas com o Tenente Antunes e, certamente, há entre vocês um pacto de confiança e fidelidade.

- Pode falar, moça, tenha em mim a confiança que eu tenho no seu avô.

- A fuga foi facilitada. Familiares ultrajados, previamente avisados, o esperavam. Dias depois encontraram o Arcibaldo morto a pauladas no fundo de uma vala.

Veja o Senhor, o Arcibaldo que foi meu colega e amigo de infância, causou-nos tanta dor, conseguiu inclusive a injusta e traiçoeira prisão de meu noivo e com sua loucura encontrou a morte.

- Carlito, eu estava aliviado e feliz com as informações obtidas. Sabia que agora tudo ia entrar nos eixos. Dei um desconto polpudo em algumas peças que ela comprou.

Fechei as malas e ela me convidou para um chá de capim- santo com bolachas de nata. Nesta conversa ela me confidenciou seus sonhos, seus desejos:

- Assim que mamãe vender esta propriedade, eu vou reiniciar meus estudos, quero ser professora. Tenho certeza que meu noivo vai ser libertado. Lá na Bela Vista deve haver alguma escola para eu lecionar e ensinar a gurizada, se não tiver serve para eu ensinar meus filhos.

Agradei por toda a sua atenção, me despedi e subi feliz por aquelas ruas, carregando no peito a alegria do dever cumprido e a grata sensação de ter ajudado um jovem casal apaixonado e uma comadre que é minha amiga.

Naquela noite me fui até a pensão na esperança de ser recebido com um bom café, com pão caseiro, salame e manteiga. Cheguei sorrindo, abracei a comadre e apertei a mão do Juvêncio. Não resisti e lhe dei um abraço.

Narrei tudo, tim-tim por tim-tim. À medida que eu contava via alívio em seus semblantes e sorrisos de felicidade em suas faces. O Vêncio suspirou, um suspiro vindo do fundo da alma, e me agradeceu com lágrimas nos olhos.

Pois então Carlito Pereira, o moço que viste em minha gaiota é o Juvêncio, que está carregando alguns tarefas para mobiliar a casa em que vai morar com a Janaína até ela completar o normal. Depois se mudam lá pra Bela Vista. Anda feliz por aí, correndo com a gaiota, chega a ir em pé com o rebenque erguido. Oiga lê, tchê.

Me passa a pinga! Eu já fui convidado para ser padrinho do casamento e vou levar você comigo nesta festa.

Vem pra dentro, Carlito! Vamo se aquecer no fogão, e terminar de preparar a janta...

Data : 19/02/2016

Título : RECUERDOS

Categoria: Contos

Descrição: Vancê sabe, nestas horas nada melhor que uma mulher pra ajudar a gente.

- Pois é, paisano! A invernia nos pegou de jeito, além do frio, esta garoa, que deixa tudo na umidade... Pois não há de vê! Na noite passada deitei meio desprevenido, meu rancho tem umas frestas que preciso consertar, colocando uns sarrafos. O vento frio assobiou por ali a noite toda, acordei de madrugada, gelado, tive que puxar o bichará para me aquecer.

Alevantei-me, com o corpo meio ruim, resfriado, espirrando, com dor nas juntas e pela tarde começou a me coçar a garganta.

Na hora da Ave Maria, ruinzote no mais, resolvi pedir socorro para minha amiga e vizinha, a Maria Roncadeira.

Vancê sabe, nessas horas nada melhor que uma mulher pra ajudar a gente.

Lá chegando ela me olhou com olhar clínico, pôs a mão na minha testa e foi exclamando - Que bruta febre, homem de Deus!

Olhei para a minha velha amiga e, embora com o nariz entupido, senti no ar aquele perfume de mulher recém-banhada, na minha testa ficou aquele cheirinho de creme hidratante para as mãos.

- Senta aí, enquanto conversamos, vou fazer um chá para te arribar! Chá de poejo, uma colher de mel, um dente de alho. Quando estiver grosso, denso, eu coloco um tição, uma brasa viva, desta lenha que é de camboatã, como simpatia, pra te curar mais cedo.

Ela se foi em direção ao fogão, baixusca e rechonchuda, com um vestido de chitão todo floreado. O cabelo, pra esconder os brancos, pintado na cor da gema de ovo, estava preso, deixando aparecer o pescoço.

No calor do fogão dava para ver, nos vincos da gordura, gotas de suor que brilhavam, como brilha o sereno no frio das madrugadas. Ela, como de costume, com seu lenquinho alvo e rendado, ia enxugando o suor do rosto e do colo, com força, como se quisesse tirar as sardas que ali habitam com fartura.

- Compadre, quando eu faço estes chás eu me alembro sempre do Arcides, tu lembra quem é?

- Sim, o Alcides, aquele que morava aí na rua de cima, gente boa e servideira.

- Isto mesmo, isto mesmo, o Arcides!

- Enquanto o chá aquece deixa eu te contar!

- É bom que eu te diga, paisano, que a Maria quando pega um vivente para conversar, sai da frente... E ela prosseguiu:

- O Arcides era metido a fazer umas xaropadas, umas garrafadas, enfim, uma remediama com ervas que o povo usava para tirar o catarro das gripes, bronquites, aliviando os fumantes e por aí vai.

Você sabe! Naquele tempo, médico havia muito pouco e era caro; o pessoal do interior para vir à cidade era a cavalo, de carroça ou de aranha, viagem às vezes pra mais de dia. Então se apelava para os raizeiros, os benzedores, as parteiras e curandeiros de toda espécie.

Olhe! Vá tomando o chá, devagarzinho, pois tá quente, pingue umas gotas de limão e tome este comprimido pra baixar a febre. Tome devagarzinho!

O Arcides fazia também umas pomadas, com sebo de ovelha e mais uns produtos perfumados, que era uma beleza na época fria, para rachaduras na pele e frieiras. As moças até algumas chinas que vinham da rua de baixo, adoravam e compravam.

Gosto de lembrá-lo, sempre bem arrumado, cabelo grisalho e ralo, penteadito prum lado, bombacha com favos, botas de cano alto e lenço vermelho no pescoço.

Se alguém falava do lenço maragato, ele exclamava - Este vai me servir de mortalha!

E o neto do Arcides? Lembra daquele gurizinho esmilinguado que andava grudado no velho dia e noite? Magrinho que apareciam os fios da costela, cabeçudo, pescoçudo e com uns dentes brancos, que quando sorria a gente só via dente. Não é que ele fosse feio, era magro. Pela magreza, ficava cabeçudo, pescoçudo e dentuço.

A magreza do piá não era por falta de boia. Lá tinha fartura! Acontece que o guri não parava, tinha bicho carpinteiro. Se não tava com o avô, andava de calçãozinho correndo atrás de bola, jogando bolita, arranca-toco e matando passarinho com um bodoque de forquilha de goiabeira, farquejado bem aqui no fundo de minha casa.

Meu amigo, hoje à noite, faça um gargarejo com vinagre, sal e bicabornato. Pegue um papel de embrulhar pão, dobre, coloque bastante álcool e enrole no pescoço. Prenda com uma manta. Se não tem manta, enrole com um pano de prato. Por falar em pano de prato, acho bom você trazer todos pra eu dar uma alvejada, pois aqueles seus panos estão encardidos.

Falou baixinho entre dentes, mas eu ouvi - Esses homens não prestam para nada! E como era o seu costume de mulher matraca, que não para de falar, continuou:

- Deixa eu te contar! Pois certa feita, eu presenciei o fato, tava o Arcides todo pachola no alpendre, em frente à sua casa ele, a mulher e o neto.

Eu conversava com a Dona, quando chegou um gaúchito, vindo lá dos lados do Bom Recreio. O gaúcho deu um buenas, batendo com dois dedos na aba do chapéu, apeou de um belo cavalo milhado e, arrastando as chilenas, se achegou para a área e para o chimarrão. Já conhecia os moradores e pediu um xarope para a mãe que estava com o peito muito atacado, bronquite.

Conversa vai, conversa vem, entendi de logo que a mãe do moço era alcoólatra.

Chimarream, conversando sobre lidas campeiras, pegaram os avios e prepararam palheiros, com um fumo amarelinho e cheiroso. Deram umas tragadas, expeliram uma fumaça branco-azulada que subiu aos céus formando espirais. O desempenado, levantou e deu sinais de ir embora. O Arcides mandou o neto, aquele magrinho, que tava com uns oito anos, buscar o xarope que, segundo ele, estava no quarto, ao lado da cômoda.

O menino trouxe uma garrafa, de vinho, não sei se eles viram, mas eu vi. Ainda tinha o rótulo, cor escura, tapada com rolha. Entregou-a, ele deu o dinheiro para o guri que passou para o avô.

O índio montou no zaino, colocou a garrafa no embornal e se mandou a la cria.

Três dias depois o gaúcho e o zaino voltaram e, como se diz hoje em dia, voltou putado da cara.

- Mas..., deixa-me fazer um atalho, pois este foi um dia maledeto. Recordo-me bem, era uma terça-feira, 24 de agosto, corria o ano de 1954, foi anunciada a morte do Presidente Getúlio Vargas.

Depois do almoço, de ter feito minhas obrigações, minha sesta, subi a rua em direção à Avenida, pra ver se havia algum bochincho pela morte do homem. Foi quando, passando em frente à casa do Arcides, eu presenciei o acontecido e me acheguei, pois afinal eu era gente dali.

- Seu Alcides, ao invés do xarope, eu levei vinho! O menino, seu neto, trocou as garrafas! A mamãe descobriu na primeira colherada, escondida bebeu tudo, ficou faceirita, dançando num pé só. Foi uma mão de obra danada.

Percebi que o gaúcho ao contrário da outra visita, três dias antes, quando veio comprar o xarope, não usava o seu belo lenço vermelho com nó maragato. Perguntei - Ué, seu moço, e o seu lenço? Tá de pescoço limpo! Ao que ele me respondeu:

- Dona Maria, pela manhã, soubemos do suicídio do presidente. Tenho muitos amigos getulistas que estão com o peito dolorido. Embora o meu posicionamento, em respeito a eles, tirei meu lenço, não é hora de fazer inimizade.

O Arcide, que vivia, como falei, com o seu lenço pra cima e pra baixo, fazendo ponto e papeando pelas esquinas, olhou-nos e disse - Concordo contigo, Nicanor, eu mesmo vou ficar aqui por casa hoje, não vou sair para a rua, mas não tiro o meu lenço!

Estão falando por aí, que hoje à noite vai ter comício em honra ao presidente e que depois grupos vão tomar satisfação com os velhos maragatos. Admito o comício é um direito. Agora, se vierem tirar satisfação, vão nos encontrar preparados. Nossas armas, minha e de meus filhos, estão sendo azeitadas...

Mudou de assunto e continuou:

- Nicanor, seu moço, eu percebi a troca logo que tu foi embora, mas não tinha como avisar. O menino tem culpa, mas é pouca, foi um acidente, pois meu quarto onde estavam às garrafas é meio sombrio, por efeito de uma laranjeira bem na janela. Nesse lusco-fusco, e as garrafas são todas de cor escura, fez-se a confusão. Me desculpa, pois já vendi tanto xarope para vossa família e nunca aconteceu uma desgraça destas.

- Mas se achegue, vamos tomar um mate, ou preferes uma cana com butiá? Vamos acertar esta desfeita!

O Nica apeou, sentou num banco e deu uma bicada na caña. O Arcides devolveu o dinheiro, deu outro litro do xarope e de lambuja um pote de creme para a pele.

- Leve este creme para tua mãe passar nas mãos e no garrão, ela vai gostar.

Tomaram a cana com butiá, arremataram com um baio de fumo amarelinho, abraçaram-se, sorriram, e a amizade que já era firme continuou.

- Mas fazendo caravolta, amigo véio, falando ainda desse 24 de agosto, o Alcides tinha razão, pois naquela noite houve quebra-quebra e morte, mas os arruaceiros felizmente não chegaram aqui pros nossos lados.

- Foi um dia diferente. Lembra-te do Hermenegildo, aquele mulato que morava na rua de baixo, que tinha um escritório de publicidade, lidava com propaganda, coisas que eu não entendo direito? Pois o vivente tinha namoro com a Karla, filha daqueles alemães que moravam na outra esquina, plantadores de tomate e outros legumes. Eles eram contrários ao namoro. - Onde já se viu uma branquinha, como nossa filha, namorar e casar com um preto carvão como o Gildo? Falavam eles para a vizinhança.

A Karla ficava presa em casa, proibida de sair, mas você sabe, namoro contrariado..., ficava lá, quietinha, fazendo seus crochês, seus tricôs, enfeitando lençóis e panos de prato, tudo o que era de enxoval.

Mas, o Gildo tinha suas malandragens, dava uns pilas pruns piás e mandava bilhetes para a Karla.

A Karla era uma alemoa de corpo fino, olhos verdes acinzentados e cabelos loiros escorridos, que, por causa do namoro, da paixão e mesmo pra contrariar os pais e irmãos, pintava agora de

preto, cortava curto e ondulava, untava a pele alva com uns produtos cremosos, ficando, assim, com a tez mais amorenada.

Aproveitando o rebuliço, quando os alemães, tudo getulista de quatro costados, foram para o centro assistir o comício em homenagem ao presidente Vargas, o "Pai dos Pobres". Veja compadre a política é interessante, de quando em vez, aparece um pai dos pobres e, mesmo com tantos pais, os pobres continuam pobres.

O Gildo tinha um auto, um Ford, que chamavam de bigode, não sei por quê! Juntou a Karla e seus trapos e se mandaram pruma pensão lá em Marau. Ficaram em lua de mel por uns três dias, voltaram e casaram.

A alemoada se revoltou, não aceitavam de jeito nenhum aquela união. Mas, tu sabes, o tempo passa, chegaram os netos, tudo moreninho de olhos verdes, os avós se derreteram, assim se acabou a malquerença.

Anos depois, no velório do Arcides, o Nicanor estava lá, perguntei de sua mãe, ele tirou o chapéu, olhou para o céu e disse com olhos em lágrimas: - Faleceu na semana passada.

Mudando de assunto, Dona Maria, eu precisava falar, pois só ela conversava, indaguei.

- Tem notícias do neto do Alcides?

- Uns dias atrás, numa charla que tive com o Miguel. Sabe de quem tô falando! Não sabe? Pois é este mesmo! Eu vi o Miguel crescer, vi ele nos cueiros, fui eu que segurei ele no colo no dia do batizado, tanto é que me chama de madrinha.

- Neste dia o Miguel me contou que o neto do Arcides que foi guri com ele tá morando no norte. Diz que tá bem tem uma gadaria de primeira e de vez em quando mexe com uns inscritos.

Falam, por aí, que é muito mentiroso em suas lavras, escreve para sonhadores, preste povo que vive com a cabeça na lua, nas estrelas, vive de imaginação. A gente que tem mais idade não compensa ler essas mentiragens. Acho que puxou pelo Arcides, gente boa e servideira, mas queimava um campo...!

- Um dia desses, passei também um corretivo no Miguel; um pito, pois me contou o vento que o deslavado do meu afilhado anda com uma gentalha, sentado por uns bares, ali praqueles lados, onde foi o Cassino da Maroca, tomando umas saideiras.

Quando o encontrei já fui perguntando.

- Miguel! .... Quem é esta gentama que você anda encontrando por bares no meio da tarde? Isso não é coisa de homem trabalhador!

- Madrinha, não se preocupe, é tudo gente boa. O povo fala demais, e isso é lá de vez em quando!

- Miguel! E essa tal de saideira?

- Madrinha, isso é bobagem, conversa fiada. É só uma bebidinha gostosa!

- Então saideira é apenas um achocolatado?

- Ele se prendeu a rir - Madrinha querida, não se preocupe com isso...

Me deu um beijo na testa e foi embora; fiquei olhando ele caminhar. O danado pensa que não sei o que é saideira, é Polar, é Serramalte e outras mais... Outro que vive sonhando, no mundo das nuvens. Eu com a idade que tenho, ter que ouvir essas coisas.... É outro mentiroso!

Meu amigo, já escureceu, você não pode pegar sereno. Vá pra casa, es quente e tome a sopa que coloquei nesta vianda, te ponha cedo na cama, não esqueça de colocar o papel com álcool na garganta, te cobre bem, venha amanhã para eu ver como tu estás.

- Sabe que o tratamento da Maria Roncadeira foi buenacho? Gosto de visitá-la, sempre tem um causo pra animar a gente... Logo, logo eu volto lá, aproveito e levo os panos de prato pra ela dar um trato, para ela alvejar. Dentro da sacola coloco uma rapadura para ela adoçar a boca.

Data : 21/04/2016

Título : A TERCEIRA CADERNETA

Categoria: Contos

Descrição: Manecão entrou no recinto, tomou o revólver e disparou embaixo do queixo de José Maria.

## A TERCEIRA CADERNETA

Manecão, Manoel Garrido, vinha de uma família abastada. Ficou órfão de mãe aos doze anos e foi criado pelo pai que faleceu quando ele tinha vinte.

Tinha um irmão um ano mais novo, o Alexandrino. Com a morte do pai, repartiram campos, gado, casas e algum dinheiro.

Este irmão, conhecido por Alex, era dedicado aos estudos. Com o dinheiro e a venda do gado, foi para a capital e se formou advogado. Retornou aos pagos como Dr. Garrido.

Dr. Garrido se casou na meia-idade, com Clara, filha e herdeira única de um fazendeiro de Santa Bárbara. Afamado como bom causídico estava rico e enriqueceu mais com este casamento. Desta união nasceu Bibiana, Bia.

Por sua vez, Manecão se largou no mundo. Enquanto o irmão estudava ele gastava a herança, na farra, na bebida, com a mulherada e com jogos de toda a espécie, vendo a fortuna lhe escorrer pelos dedos. Nesta vida largada andou por Minas Gerais e por Goiás, comprando e vendendo gado, andando de garimpo em garimpo. Nestes ambientes de força e destempero, mostrou sua coragem, brigou e apartou brigas, feriu e foi ferido, roubou e matou.

Voltou ao Boqueirão pobre e debilitado. Três malárias conseguidas às margens do Rio Araguaia, deixaram suas marcas.

Procurou o irmão famoso e frequentador da alta sociedade. Foi recebido com frieza. Dr. Garrido não aceitava que o irmão que tinha sido o seu ídolo em criança agora fosse quase um mendigo.

Embora contrariado, Alex entendeu que não podia deixar o irmão ao desabrigo. Deu-lhe um terreno, fruto ainda da herança, que estava esquecido no meio de um matagal, junto a algumas chácaras na saída da cidade em direção a Soledade, e ofereceu-lhe condições para que se mantivesse e construísse um rancho.

Aconselhou-o a procurar emprego, fazer algo de útil, se emendar, casar, ter família e honrar o nome Garrido do qual, tanto orgulho tinha o pai.

No entanto, à medida que observava o irmão, a raiva foi amainando, por fim, abraçou-o e quase em lágrimas lhe desejou boas-vindas, boa sorte e disse que lhe auxiliaria no que fosse preciso.

Por sua vez Manoel disse que tudo seria por empréstimo e que um dia lhe pagaria.

Saíram do escritório, abraçados, em direção à Pensão Dona Maria.

Tinha sido uma noite daquelas. Uma chuva caudalosa tamborilou com insistência no telhado, o minuano que chegou rugindo e criando redemoinhos deslocou uma telha e fez brotar uma goteira, que pingava com o barulho de um pequeno tambor. Não parou de bater um momento sequer, até o clarear do dia. Encheu com uma água turva a lata de querosene, colocada, bem ali, no canto do quarto, para evitar estragos e manchas no tapete novo de linóleo.

A noite mal dormida foi compensada por um lindo dia que se anunciou com o sol brigando para rasgar as últimas nuvens, formando um colorido de aquarela, vermelho, amarelo, azul e branco, numa barra do dia de tirar o fôlego.

Maria, ou Maria Roncadeira, como também era conhecida, abriu a janela do quarto, jogou fora a água acumulada na lata e se pôs a observar o espetáculo do nascimento de mais um dia, que prometia ser quente e suarento. Pensou, hoje vou ter que usar o lenço para secar o dia todo este suor que teima em correr pelo meu pescoço.

Ouviu na rua de baixo o relincho do cavalo do padeiro, o latido de um cão e o último apito do guarda noturno em algum canto daquele quarteirão.

Espreguiçou-se e começou a tirar os papелotes do cabelo, em frente ao espelho de uma sólida penteadeira em imbuia que formava com a cama o guarda-roupas e o criado-mudo um belo conjunto.

Sobre a penteadeira, entre pós, batons, perfumes, pentes e escovas, repousavam as imagens de Santo Antônio e de Santa Luzia. Em frente a elas, uma vela de sete dias queimava com sua luz mortiça em pagamento a alguma promessa.

Coladas no espelho fotografias de Francisco Alves e de Carlos Gardel, sobre o criado-mudo um rádio Philips, na lateral do qual estava grudada parte da capa da revista O Cruzeiro, mostrando uma foto da Seleção Brasileira de Futebol.

Na parede, em um quadro fotográfico com moldura oval em imbuia, destacavam-se sentados em um banco os pais de Maria, ele com uma espingarda de dois canos ao colo e ela fazendo crochê, tendo aos pés um cachorro de caça e nos laterais vasos de flores.

Maria, como de costume, passou a mão sobre o quadro em um gesto de carinho, como sempre fazia ao se levantar, suspirou e lembrou com saudades destas pessoas tão queridas e importantes em sua vida e que lhe tinham deixado a Pensão Dona Maria como herança, a qual gerenciava com tanto amor e dedicação.

Voltou a se espreguiçar, sentindo todo o perfume daquele ambiente feminino, e, quando ia passar um batom nos lábios, foi surpreendida por batidas, nervosas, na porta de sua pensão.

Arrancou o último papелote que tinha ficado preso em um fiapo de seu cabelo amarelo-avermelhado. Para se proteger, vestiu um penhoar, e foi ver o que era aquela bateção em hora tão imprópria.

Para sua surpresa e até mesmo alegria, era o seu afilhado, o Valentim, que há muito não via, filho do Manecão, seu compadre.

- Por Deus, guri! Que surpresa! Como chegaste até aqui? Não estavas na capital?

Ele lhe deu um aperto de mão e um beijo na bochecha.

- Madrinha, deixa-me entrar, não vou lhe abraçar, pois estou todo molhado, depois lhe explico tudo.

- Entre, entre! Vá ao banheiro, tome um banho quente, troque de roupa, vou lhe arrumar um quarto, tem cara de que está muito cansado.

- Obrigado, madrinha, muito obrigado!

- Se quiser durma um pouco, vou arrumar o quarto cinco. Se não quiser dormir, venha para a cozinha tomar um chimarrão e um café forte que vou preparar.

O Valentim deitou. Maria recolheu no banheiro suas roupas molhadas e as colocou para lavar. Entrou no quarto pé por pé e se pôs a observar o afilhado, moço bonito, cabelos negros, barba por fazer, médico na capital. Seus traços, embora mais suaves lembravam o pipoqueiro Manecão; os olhos verdosos eram da mãe, sua ex-funcionária e amiga, Elizabetha de Jesus, Beta.

Filho único, ele era o orgulho e a alegria do pai. Maria balançou a cabeça e voltou pensativa para a cozinha...

Valentim abriu os olhos. Estava muito cansado, mas não conseguia dormir, se revirava na cama, pensava em tudo o que estava acontecendo.

Veio-lhe à mente Isabela, lembrou-se da menina magrela, agora sua noiva, colega de profissão, médica, seu amor de idos tempos, amiga e confidente. Aquela menina transformou-se já na adolescência em bela mulher com olhos azuis claros, como contas de água marinha, cabelos na cor palha de trigo, cortados à altura do queixo, que refletiam intensamente a luz do sol. Ela não se dava conta, mas era uma bela mulher. Estava saudoso, mas graças a Deus ela estava em São Paulo num curso médico. Estava a salvo, não corria risco de vida, abrigada junto ao tio Raul, que tinha a proteção do Presidente.

Lembrar-se da noiva e seu perfume lhe deu uma ereção; ele se colocou em posição fetal e acomodou as mãos nas virilhas.

Estava nesta posição, confortável, ajeitando-se para cochilar, ao calor das cobertas, quando lembrou que precisava avisar o pai que se encontrava na cidade. Levantou-se, foi até a cozinha. Maria o viu e foi reclamando na hora.

- Vai te deitar, menino, tu precisas descansar.

- Madrinha! Preciso avisar o papai que estou aqui. Mas ninguém mais pode saber que aqui estou.

- Entendi! Vou mandar um recado para ele vir me ver com urgência. Vai deitar, fique tranquilo.

- Valentim voltou para o quarto, deitou-se e foi pegando no sono lentamente, ouvindo movimentos na cozinha e nos quartos. A saudade de Isabela voltou.

Maria sentou-se na cadeira de balanço, pegou a banda de um saco de algodão, alvejado, e começou com agulha de crochê e linha a fazer bicos no entorno. Transformaria aquele tecido, macio e alvo, em uma toalha de rosto onde já estava, inclusive, bordada em linha Cléa rosa a expressão “Bom Dia”.

Naquela faina em que mãos experientes transformavam automaticamente linha e tecido em um ser belo e único, Maria se pôs a pensar no Manecão e na sua família...

Lembrou que quando Manuel Garrido chegou de volta, o irmão, Dr. Garrido, trouxe-o para a sua pensão. Havia muita amizade entre eles. Alex temia que, se pagasse um hotel de luxo no centro

da cidade, seria manter o Manecão numa vida de esbórnica, por outro lado, ela, Maria sua amiga e cliente, ficaria de olho no Manecão. Qualquer desvio, o informaria.

O pagamento foi feito adiantado por noventa dias, tempo que o advogado entendia suficiente para que o irmão limpasse o terreno e construísse uma habitação. Dadas as chuvas e a outros contratemplos este prazo foi estendido por mais sessenta dias.

Manecão era carismático e fez grandes amizades com todos na pensão. Contava e recontava histórias de suas aventuras, caçadas, pescarias, onças e sucuris. Descrevia com detalhes tudo o que tinha visto e na descrição enfeitava os lugares por onde tinha andado, as frutas com nome estranho que o tinham alimentado, os costumes da região e a necessidade de dormir sobre redes, muitas e muitas vezes, sob a luz do luar.

Havia se recuperado fisicamente com a “boia” da Maria. Dos sofrimentos por que tinha passado, restavam mechas precoces de cabelos brancos.

O sinal mais positivo da recuperação do Manecão, como Maria confidenciou a Alexandrino, foi que o Manoel nunca mais bebeu ou procurou jogo, fosse ele carteadado ou outro qualquer.

Trabalhava na pensão, alguns anos mais nova que Maria, uma solteirona de apelido Beta, já chegando aos trinta anos, para ser mais preciso tinha vinte e nove, simpática, empreendedora, hábil nas lides domésticas e de um imenso coração. Não era solteira por feia ou falta de atrativos; pelo contrário, era de uma beleza singular, morena de olhos claros, corpo bem feito, sorriso alegre e um olhar ligeiro que a tudo observava. Não tinha casado, embora inúmeros pedidos, por ter nos últimos dez anos cuidado do pai, velho e enfermo, e que tinha falecido no derradeiro verão.

Começou ali um namoro que se transformou numa caliente paixão. Como Beta não tinha ninguém por ela, o Manoel a pediu em casamento para Maria.

Ao lhes abençoar, Maria os lembrou de que um casamento feliz e duradouro se constrói sobre a verdade e sobre o conhecimento que um noivo tem do outro e que seria oportuno que todas as experiências vividas fossem confessadas para que, quando se concretizasse o casamento, velhas histórias não embotassem a felicidade.

Foi assim que o Manecão contou com toda a franqueza à noiva Elizabetha e à Maria todas as suas aventuras, inclusive brigas, desavenças e roubos. Ao encerrar a narrativa lágrimas lhe escorriam pelas faces, tinha desabafado. Dizia sentir-se leve e muito arrependido.

Não contou, no entanto, que ao matar um garimpeiro, após uma briga de facão numa picada, tinha jogado o desafeto numa lagoa para ser devorado por jacarés, bem como não mencionou o fato de ter deixado um nordestino que lhe tinha roubado algumas pepitas de ouro atado à beira de um remanso para ser devorado por onças que por ali vagavam ou por sucuris que moravam naquelas águas. O nordestino nunca mais foi visto.

Maria abençoou-os novamente entre abraços e afirmou que tudo o que ali tinha sido contado seria esquecido para todo o sempre.

Beta não se sabe se por ser solteirona e ver naquele casamento sua última cartada, ou se por estar apaixonada, ou ainda por entender que todos merecem novas oportunidades, pediu ao noivo que fosse à igreja, se confessasse, pagasse em penitências seus erros e pecados e todo aquele passado que de certa forma o atormentava seria esquecido. Eles tinham um futuro para construir.

Após olhar o relógio, Maria levantou-se, foi até o fogão, mexeu o braseiro, ajeitou umas achas de lenha, colocou o arroz para cozinhar, salgou e temperou o feijão, sentou-se novamente na cadeira de balanço e voltou a refletir.

Dias depois o rancho ficou pronto, uma construção simples em pinho, pintado a cal, com as aberturas e o beiral pintados a óleo na cor verde-bandeira. Cinco peças: uma sala, uma varanda

conjugada com a cozinha, dois quartos, um banheiro com chuveiro manual em latão e, nos fundos, uma privada.

A vizinhança era pouca, a mais próxima era Dona Hildegard, viúva de um deputado contemporâneo do Presidente Getúlio; trabalharam juntos por anos na Assembleia Legislativa. Os filhos, de quem tanto se orgulhava, moravam no Rio de Janeiro, sendo que Raul, o caçula, advogado e solteiro era figura importante no Palácio do Catete, o outro, Renato, era engenheiro civil, há pouco casado.

Dona Hildegard estava aquerenciada e não queria, embora a insistência dos filhos, se mudar para a capital federal. Morava em companhia de uma preta velha que a ajudou a criar os guris, amiga e companheira de tempos, que levava o nome de Francisca. Era conhecida por todos como Tia Chica, e os meninos, Raul e Renato, a chamavam desta forma, desde quando estavam nos cueiros.

O tempo estava passando, e os dias que o Dr. Garrido tinha pagado na pensão estavam se esgotando. Manoel precisava mobiliar a casa, comprar roupas e mantimentos para poder se casar com a Beta e nem emprego ele tinha, pois nos últimos meses tinha se dedicado à construção da pequena moradia.

Lembrou-se, então, que se o irmão tinha um terreno fruto da herança ele também deveria ter um. Não se lembrava de ter feito venda desse tipo em momento algum.

Fez uma consulta ao cartório e descobriu que possuía um terreno lindeiro à chácara da Senhora Hildegard.

Acompanhado de Beta e da própria Maria, num sábado à tarde, visitou Dona Hildegard e Tia Chica.

Após tomarem chá de erva-cidreira com cuca e bolachas de nata em meio a uma conversa longa e afável, Manecão ofertou o terreno e contou o desejo de se casar imediatamente com Beta. Hildegard se interessou e ficou muito feliz, porque teria na sua vizinhança conhecidos, pois, enfim, conhecia Dona Maria, conhecia a Beta e seus ancestrais, eram gente dali, daquelas redondezas. Combinaram o preço e Hildegard ficou de consultar os filhos no Rio de Janeiro, daria a resposta tão logo fosse possível.

A resposta positiva aconteceu dali a poucos dias.

Quando informou a positividade do negócio, Dona Hildegard estava muito feliz, não só pela transação em si, mas também porque ficou sabendo que sua nora, mulher do engenheiro, estava grávida e lhe daria o primeiro neto ou neta.

Conforme o planejado, com os recursos, foram comprados os móveis, feitas as instalações elétricas e adquiridas roupas para o Manoel. A noiva tinha enxoval.

Tudo estava se encaminhando para um desfecho feliz, no entanto, Manoel não tinha emprego, não tinha profissão nem estudo e sequer recursos para empreender qualquer negócio. Foi quando, com aquele jeitinho que as mulheres têm, numa conversa carinhosa ao pé do ouvido, que Beta, mesmo temendo a reação do Manecão, ofereceu-lhe o carrinho de pipoca no qual seu pai trabalhou por anos e anos e do qual tirava o sustento da família.

Manecão balançou a cabeça, caminhou de um lado para outro e, imitando os nordestinos com quem conviveu por muito tempo em lides passadas respondeu:

- Sei não! Sei não! Nunca fiz pipoca!

- Não se preocupe, amor! Eu te ensino, enfim, ajudei meu pai durante muitos e muitos anos.

Manecão matutou e matutou por longos minutos, tamborilou com os dedos na mesa, olhou pensativo no fundo dos olhos da Beta e indagou:

- Onde está este carinho? Precisa de conserto?

- Está no galpão da casa do compadre de meu pai, Sinhozinho Tônico. Precisa de pintura, da troca de um vidro que foi quebrado e de arear as panelas, e outros pequenos consertos, o que nós com certeza podemos fazer.

Consertaram.

O casamento aconteceu, por coincidência, na mesma semana do nascimento da filha do Alexandrino, Bibiana. A festa foi simples, com o mínimo de convidados. Apadrinhou o noivo seu Irmão Alex e a noiva, Dona Maria. Dona Maria levou para o rancho que foi inaugurado neste dia pastéis, torta fria e cachorro-quente; Dona Hildegard e Tia Chica levaram o bolo e docinhos miúdos; Alex levou as bebidas. Estavam ainda presentes moradores da pensão e a família do Sinhozinho Tônico.

Para a alegria dos irmãos, estava também presente o único parente que morava nas redondezas, Tio Florenal, conhecido como Tio Flor, que tinha vindo de Palmeira das Missões, onde possuía uma afamada ervateira.

Tio por parte de pai, o último de uma ninhada de onze irmãos, era apenas três anos mais velho que Manecão. Não trouxe a mulher, que, segundo ele, estava grávida de dois meses e não era prudente enfrentar a estrada de Palmeira a Santa Bárbara, com buracos, lamaçais e atoladouros onde ele pegou o trem para chegar ao casamento.

Estavam alegres com a presença deste parente muito querido, mas tinham também suas preocupações, pois era sabido que Tio Flor vivia maritalmente com uma mulher, jovem para ele, que tinha buscado em um cabaré na zona do meretrício em Ijuí.

Após a cerimônia Manoel se dirigiu aos convidados com o braço sobre os ombros da noiva; discorreu sobre sua vida e declarou que este era um dia especial, dia em que ele estava reencontrando a felicidade. Agradeceu ao irmão, tinha agora uma esposa, uma casa, amigos e, na segunda feira, começaria a trabalhar.

Foi até os fundos da casa e trouxe para surpresa geral um flamante carinho de pipoca, pintado e totalmente reformado. Na lateral gravado em letras negras rebuscadas sobre fundo em alumínio, lia-se “Pipoca da Beta”.

O casal foi muito aplaudido...

Há os que dizem não acreditar em destino. Estas pessoas não são boas observadoras e não têm paciência para analisar os fatos ao longo do tempo, pois o destino não acontece de um dia para o outro; o destino é tecido ao longo do tempo. Às vezes leva décadas para mostrar ao que veio...

Sete meses após as bodas, nasceu em Palmeira a filha do Tio Flor, que levou o nome de Talita. Poucos meses depois, para a alegria do Manecão, Beta deu à luz um menino de nome Valentim, cujo significado é valente, forte, cheio de saúde.

Manoel Garrido demonstrou ser um homem mudado, um ótimo pai de família. Vender pipoca era um bom negócio, com excelente margem de lucro. Bastava ter freguesia, e ele tinha. Tinha um ponto estratégico na esquina da praça principal, em frente ao cinema e no trajeto de uma meninada que vinha das escolas localizadas na avenida abaixo, além, é lógico dos inúmeros namorados que povoavam aqueles bancos nas tardes fagueiras e jogavam pipocas para os pombos e para os peixinhos no lago central.

Acumulou experiência e viu que poderia ganhar mais dinheiro no ramo da alimentação. Assim construiu um novo carinho, contratou um ajudante e passou a vender também cachorro-quente, principalmente nas madrugadas após os bailes que aconteciam com frequência nos diversos clubes da cidade. Mais adiante, ainda, ele passaria a vender amendoim torrado, especialmente nos jogos de futebol, ampliando seus ganhos e seu comércio.

Elizabetha, além das suas atividades domésticas e de cuidar do filho, visitava com frequência as vizinhas Dona Hildegard e Tia Chica.

O Valentim se transformou no xodó de Dona Hildegard, que viu no menino uma inteligência ímpar. Aos cinco anos, ele sabia ler e fazer as quatro operações. Nas tardes de sol, quando o minuano dava uma trégua, se sentava com ele em um banco de madeira com braços de ferro fundido sob um alpendre com travessas de taquara, coberto por uma trepadeira de flores vermelhas; nas laterais floresciam hortênsias brancas, roxas e rosas. Em um canto, um pé de

Jasmim-do-cabo, branco de flores, perfumava o ambiente, beija-flores e abelhas circulavam dando ao recanto um ar de sonhos.

Neste local perfumado e tranquilo ela lia histórias para ele, enquanto Beta ajudava Tia Chica em atividades domésticas, e rapidamente percebeu que o menino aprendia a ler com incrível facilidade.

Quando Valentim chegou à idade escolar, sete anos, Hildegard conseguiu uma bolsa de estudos na melhor escola particular da cidade, a mesma escola em que sua prima Bia estudava e na qual poucos meses depois chegaria para estudar, vinda de Palmeira, Talita. Desígnios eram tramados. Eles ainda não sabiam, mas em breve receberiam Isabela, uma nova amiga e colega.

Se por um lado Valentim ficou feliz com a nova escola, por outro sofria, pois os coleguinhas o chamavam de pobretão e filho do pipoqueiro.

Foi na semana em que se iniciariam as aulas, numa tarde triste, sufocante, em que nuvens negras se formavam pros lados do chovedor, que Hildegard recebeu um telegrama que mudaria destinos. Estavam as mulheres na cozinha tomando chimarrão e encadernando com papel de cera os cadernos que o Valentim levaria para a escola. Hildegard sentou-se junto ao fogão, abriu o telegrama e começou de imediato a tremer, chorar e em gritos roucos dizia não acreditar, que tudo era mentira. Desmaiou, derrubando ao chão aquela missiva agourenta. Tia Chica e Beta a colocaram deitada no sofá. Beta passou álcool em seus pulsos e Vick no peito e pescoço. Tia Chica trouxe salamunhaco e a fez cheirar. Ela voltou, enlouquecida, não conseguia falar, só chorava. Para entender o acontecido Beta apanhou o telegrama onde se lia – Mamãe, lamento informar que Renato e esposa faleceram em brutal acidente de carro pt Providencie os funerais pt Em breve levarei Isabela pt Com tristeza Raul pt

No mês seguinte, após longa e cansativa viagem de trem, Raul chegou com Isabela, que veio para morar com a avó, já que continuava solteiro e a menina só tinha a ele e a avó paterna. Isabela era uma menina com sete anos, magrela e desengonçada, naquela fase em que as crianças trocam os dentes e começam a espichar. O rosto fino tinha como moldura longos e encaracolados cabelos, num perfil suave e triste, mas quem a olhasse com maior cuidado veria que ali estava a matéria prima para uma futura linda mulher.

Valentim, foi encarregado, juntamente com Bia, de ambientar Isabela, tanto nos arredores quanto na escola.

Tio flor providenciou em mandar Talita para a casa do sobrinho Alexandrino. Se por um lado ela precisava iniciar os estudos e teria como colega e amiga a prima Bia, por outro precisava do

apoio, do acompanhamento e das instruções de Tia Clara. Uma menina precisa ter uma mulher por perto, e a mãe de Talita há muito tinha ido embora.

Tiana ou Sebastiana, mãe de Talita, como era a preocupação de Manoel e Alexandrino, não aguentou ficar amigada com o Tio Flor por muito tempo. Dois anos após o nascimento da menina, fugiu com um atirador de facas do Circo Norte-Americano que passou por Palmeira em direção a São Paulo. Tio Flor e Talita nunca mais a viram.

Tio Flor criou a menina como pôde, contando com o auxílio de empregadas e ajudantes, mas era chegada a hora de ela ter a convivência com uma família estruturada.

Cresceram juntos na escola. Se as meninas eram estudiosas, caprichosas e comportadas na sala de aula, o Valentim era tudo isso, além de ser uma inteligência iluminada como previra Dona Hildegard. Tornou-se o aluno com melhores notas e o mais querido das professoras. Mas tudo isso tinha um preço, pois os outros meninos, com ciúmes, continuavam a chamá-lo de pobretão, puxa-saco e pipoqueiro.

Hildegard ficou sabendo desta agonia e tristeza do menino e, numa tarde em que estavam juntos, como de costume, lhe disse:

- Valentim, não se preocupe de onde você vem. Seus pais são pobres, mas são trabalhadores e honrados; se preocupe para onde você vai. Você não diz que quer ser médico? Então teu destino é ser médico, mas não basta ser médico, você deve estudar para ser o melhor médico. Não importa o que os outros falam, siga o seu caminho. Você já conquistou seu espaço, graças à sua inteligência e simpatia. Passou a mão na cabeça dele e o convidou para tomar um chá.

Quando chegaram aos doze anos e frequentavam o segundo semestre do quinto ano primário, a escola recebeu um novo aluno, o filho do delegado José Mário Pereira, conhecido no meio policial como delegado Zé Mário e, por ser magro e alto era chamado por seus desafetos de Zé Taquara. O filho do delegado embora da mesma idade dos demais, tinha a compleição física do pai, alto e

Magro. Vinha com a fama de ter sido expulso de uma escola municipal, por brigas com colegas e desacato aos professores. Levava o nome do pai e da mãe, José Maria e o apelido de onde ele veio era José Varapau.

O delegado, soube-se depois, veio transferido da capital punido por ações mal explicadas. Como tinha um padrinho político, foi transferido para o interior em vez de ser exonerado.

José Mário se apresentava para a sociedade como um ser autoritário e orgulhoso, sempre de queixo erguido na intenção de se impor, embora em casa não fosse assim, haja vista o descontrole sobre o filho e as constantes brigas com a mulher. Zé Taquara não se integrou à comunidade: Raros eram seus amigos; mantinha-se distante. Seu grande passatempo eram as caçadas e as pescarias aos fins de semana e feriados.

Numa demonstração de seu lado cinza, o delegado conseguiu construir em terras de um conhecido bicheiro um rancho às margens do Passo Fundo que banhava aquelas terras. A mata e a fartura em água tanto do rio como de lagoas que se espriavam e brilhavam a luz do sol eram um paraíso para peixes e caça. Ali acompanhado de colegas da polícia ou do filho e da mulher ou mesmo sozinho ele pescava traíras e jundiás. De vez em quando, matava algum jacaré-do-papo amarelo, existentes em grande quantidade, só para comer a deliciosa carne do rabo. Era perito em preparar esperas, com espingarda, nos trieiros de pacas, cutias, porcos do mato capivaras e antas.

José Maria se tornou um problema para a escola e para os colegas, mas especialmente para o Valentim, de quem tinha ciúmes por ser este um aluno brilhante. Como é típico dos covardes,

sendo um ano mais velho que os demais e de compleição física avantajada, não poupava ninguém. Fosse guri ou guria, era cascudo, tapa na orelha, sardela na bunda, rasteiras e soco nos braços.

Certo dia ele se encanzinou com Bia porque ela, que o achava burro, com um sorriso e olhando para ele, respondeu uma pergunta de português que ele não fora capaz de responder. Ao sair da sala de aula, na porta, ele deu um beliscão na menina que a fez chorar, e o Valentim gritou:

- Para Zé Varapau! Não tem vergonha, seu prevalecido?

Ele respondeu:

- Na saída eu te pego, nanico.

Saíram juntos. O Valentim não arredou pé, mas apanhou até que foram apartados por um professor.

Chegou em casa, todo lanhado, com um olho roxo e mancando de uma perna.

Não contou para o pai. Este viu e perguntou.

- O que foi isso, Valentim?

- Briga no jogo de bola!

- Quem lhe bateu?

- Não sei, eram muitos, num bolo só.

Manecão julgou que fosse briga de piazada. No entanto, foi à escola, conversou com a diretora, não acusou ninguém, até porque não sabia detalhes da peleia, somente pediu atenção dos professores durante os jogos de futebol.

O Zé Varapau viu o pipoqueiro saindo da escola.

Na fila de entrada, quando cantavam o Hino Nacional, o José Maria falou para o Valentim:

- Mulherzinha! Foi contar para o papai!

- Não contei nada para ninguém.

Naquela tarde, no horário do recreio, a diretora os chamou, deu-lhes conselhos, fez com que apertassem as mãos e se comprometessem de nunca mais brigar. O Varapau, ao sair disse entre dentes para o Valentim:

- Eu não vou me esquecer, um dia pego você e aquele pipoqueiro do seu pai!

E este dia não tardou.

Na noite do dia seis para o dia sete de setembro aconteceu o Baile da Pátria, no Clube Comercial. Como de costume, o Manecão estava lá vendendo pipoca e cachorro-quente.

Muitos casais levavam os filhos aos bailes por não ter com quem deixá-los. E, assim como estes, o delegado levou o Zé Maria ao clube.

Lá pelas quatro da manhã, muitos casais estavam se retirando e rodearam o carrinho de cachorro quente. O delegado e a mulher estavam mais distantes conversando com o escrivão e a esposa, mais dois policiais civis. O Zé Varapau, de caso pensado, correu em direção ao pipoqueiro e jogou uma bombinha dentro do carrinho de cachorro-quente, que, ao explodir, teve os vidros quebrados, jogando molho, pão e salsicha no povoeiro. O Zé foi sem sorte, pois no afã de fazer o mal, resvalou os dois pés e caiu de bunda em baixo do carro, e um pedaço de vidro cortou sua testa. Manecão, tanto pelo susto como pela raiva momentânea do acontecido, levantou o Varapau firme pelo braço, o sangue lhe corria pela testa. O delegado, vendo aquilo, mesmo diante do

protesto de populares, deu voz de prisão para o pipoqueiro, por agressão a menor. O Manecão nem sabia que o menino era o filho do delegado.

Manecão seguiu com os policiais para a delegacia, prestou depoimento e foi preso por agressão a menor.

O jovem Esperidião, vizinho e ajudante do Manoel, prendeu com uma corrente o carrinho de pipocas em uma cerca de ferro e levou para casa o carinho avariado de cachorro quente. Amanhecia, quando ele avisou Beta do acontecido.

Valentim também acordou com as fortes batidas do Esperidião. Ouviu com a mãe a história e teve certeza que era vingança do Zé Varapau.

Beta não se desesperou. Preparou um café forte para ela, o filho e o Esperidião, e enquanto se alimentavam, lembrou que o cunhado advogado estava em viagem para a capital. Resolveu esperar o dia se adiantar e lá pelas nove horas foi tomar conselhos com Dona Hildegard.

Hildegard e Tia Chica tomavam chá de mate com leite, comiam frutas e bolo de milho com manteiga e mel quando Beta chegou com cara de preocupação e detalhou o acontecido, pedindo ajuda à amiga e vizinha.

Hildegard aconselhou Elizabetha a manter a calma, voltar para casa e preparar o almoço para esperar o marido, pois ela ia até a delegacia buscar o Manoel.

Usando vestido negro com detalhes em branco, salto baixo e lenço sobre os cabelos, batom nos lábios e um pouco de rouge, apanhou uma bolsa de couro envernizada e mandou Tia Chica chamar o senhor Ataíde, vizinho e taxista aposentado que dirigia o seu carro sempre que necessário.

Chegou à delegacia e solicitou audiência com o Dr. José Mário, que de imediato a recebeu.

Sentou-se em frente ao delegado e, após breve cumprimento, disse a que veio:

- Doutor José Mário! Venho a sua presença com todo o respeito que o senhor merece para explicar, se necessário for, e solicitar a soltura do Sr. Manoel injustamente preso esta madrugada.

- A Senhora é?

- Hildegard Huberman Monteiro.

- A senhora é advogada?

- Não! Não sou advogada, mas conheço o senhor Manoel de tradicional família desta região, irmão do Dr. Alexandrino Garrido, trabalhador, honesto e bom pai de família. Por ser meu vizinho, o conheço profundamente e tenho certeza, por seu perfil, que ele não cometeu qualquer delito, ainda mais contra uma criança.

O delegado levantou-se como querendo dispensá-la e falou de forma incisiva:

- Lamento não concordar com a senhora, pois a criança se feriu em seu carrinho de pipoca, houve sangue, foi ao hospital e levou pontos na testa.

Hildegard permaneceu sentada, serena e, olhando diretamente nos olhos de José Mário, sentenciou:

- Nós sabemos, eu sei e o senhor sabe que o menino é seu filho. Nós sabemos e toda a escola sabe que seu filho chegou aqui expulso do colégio em que estudava, nós sabemos e há dezenas de testemunhas, que seu filho, às quatro da manhã, jogou uma bombinha e explodiu o carro de cachorro-quente e que por infelicidade se feriu com o estilhaçamento de um dos vidros deste carinho. O senhor tem plena consciência que deixou seu filho menor na madrugada sem o cuidado

necessário, abrindo a possibilidade de ele praticar uma insanidade que poderia ter ferido outras pessoas. O senhor foi negligente! E para encobrir sua negligência, mantém um homem afamado e inocente preso.

O delegado ainda em pé retrucou:

- A senhora está me ofendendo, retire-se antes que eu lhe de voz de prisão!

- Acho que o senhor deveria refletir um pouco melhor nesta atitude. O senhor é novo na cidade, não me conhece, está cometendo uma injustiça com um homem de bem. Ao ir embora, tenha certeza, senhor delegado, que imediatamente entrarei em contato com o delegado-chefe em Porto Alegre ou com o Palácio do Catete, com o próprio presidente, e o senhor colherá aquilo que está plantando.

Apanhou a carteira que repousava sobre o birô e, apoiando-se na sombrinha com cabo de madreperla levantou-se.

- De qualquer forma, agradeço sua atenção e tomarei minhas providências.

Zé Taquara ficou vermelho e, entre dentes, gaguejou:

- Senhora! Espere, acalme-se, sente-se, certamente eu a tratei de forma afoita. Compreenda, estou nervoso com meu filho... A senhora tem razão em suas ponderações.

Hildegard permaneceu em pé.

- Eu o compreendo! O senhor tem idade para ser meu filho, portanto ouça, não prejudique um inocente para justificar ações de um menino deseducado. Deves se impor como pai enquanto é tempo, caso contrário terá desgostos no futuro.

- Bueno! Bueno! Vou liberar o Manoel, a senhora me convenceu. Aguarde na antessala. Poderá levá-lo se for seu desejo.

E assim se fez.

Após Manecão e Dona Hildegard irem embora, o delegado chamou o escrivão e perguntou.

- Quem é esta mulher?

O escrivão, morador antigo da cidade, contou-lhe quem ela era, e Zé Mário se sentiu aliviado por não a ter contrariado. Decidiu naquela hora que ao chegar em casa daria um corretivo no José Maria.

José Maria guardou no fundo da alma as dores e a vergonha pela grossa que levou do pai. Sabia que tudo se devia ao Valentim e ao seu pai pipoqueiro, e um dia ele daria a resposta.

As horas tinham se passado. A cozinha exalava um cheiro agradável de comida bem-feita, quando o Valentim passando um pente no cabelo entrou naquele ambiente em que Maria era a rainha.

- Descansou meu afilhado? O almoço tá quase pronto! Quer tomar um aperitivo? Aí no balcão tem canha pura e misturada, conhaque e bitter, fique à vontade. Depois me conte os acontecidos.

- Sim! Sim, madrinha! Acho que devemos conversar após o almoço dos pensionistas, pois nossa conversa tem que ser reservada.

- Que assim seja Valentim.

Por volta das treze horas, quando o refeitório ficou deserto, os trabalhadores voltaram ao trabalho e os estudantes se recolheram a seus quartos, Valentim e a madrinha almoçaram. Após uma deliciosa sobremesa de pudim de leite, Maria lavou a louça e Valentim a secou.

Sentaram-se para tomar chá preto, e o afilhado começou a contar os acontecimentos à madrinha. Madrinha! A senhora lembra o quanto de trabalho nos deu o José Maria, agressivo, destruiu o carro de cachorro-quente do papai, criou todo tipo de problemas na escola, sempre com a proteção do pai, que por ser delegado se achava acima da lei.

Eu sofri muito nas mãos do José Varapau. Tudo o que eu fazia ele procurava desfazer ou conquistar por qualquer meio. Até as meninas com que eu tinha amizade ou flertava ele tentava roubar, usando todo o tipo de estratagema. Isso aconteceu até os nossos dezessete anos, quando me desenvolvi, pus corpo, pratiquei halterofilismo e outros esportes e me igualei ao seu porte físico. Foi quando ele passou a me respeitar.

Veja a senhora, ele passou a namorar e depois se casou com a prima Talita, porque ele sabia que era de mim que ela gostava. Sabe como são aqueles namoricos de primo, que geralmente não levam a nada. Mas o Zé Varapau fez de um tudo para namorá-la e para me enfrentar se casou com ela. Sabemos hoje que ele pouco a amava ou quem sabe nunca a amou.

- Espere, Valentim, eu vou fechar a cadela nos fundos da casa, pois ela fica ali na frente latindo para quem passa e isso me dá nos nervos. A gente não consegue conversar sossegado.

Enquanto Maria foi tomar essas providências, Valentim naquele calor gostoso da cozinha e ouvindo o cantar de pássaros na laranjeira, navegou ao passado e recordou com saudades de seu breve namoro com Talita. Em realidade não foi um namoro, foi deslize de uma noite, ou, melhor dizendo, foram minutos de amor, pois seus pais sempre lhe ensinaram a respeitar a filha dos outros, e ela, além do mais, era sua prima.

Talita em verdade era atirada, carregava nas veias o sangue da mãe e dava todos os indícios de estar apaixonada por ele. Ela tinha se tornado uma linda morena, de corpo esguio, pernas torneadas, olhos castanhos amendoados, sobrancelhas desenhadas e cílios longos, dentadura perfeita numa boca sensual.

Num sábado de verão, noite quente, que obrigou as gurias a se vestirem com roupas leves e sensuais, ele acompanhou Bia e Talita a uma reunião dançante na casa de uma colega que estava de aniversário. Havia muitas meninas e poucos rapazes. Talita não o largou um minuto sequer, dançaram por horas de rosto colado.

Às onze horas, levou-as para casa, Bia se recolheu e eles ficaram a sós, conversando no amplo alpendre que compunha a fachada da residência do Dr. Garrido, sentados sobre um banco de madeira. Ela se achegou para junto dele, puxando-o pela gravata, lhe roubou um beijo. Ele lembrou com um sorriso e um longo suspiro, ainda sentindo na boca o gosto e a sensação provocada por aqueles lábios aveludados. Foi o seu primeiro beijo, daí vieram mais um e mais outro, ficaram em pé, corpos colados, lábios unidos, num afã movido por mil hormônios, escorregou a mão pela fenda do vestido, deslizou dedos famintos por curvas e fendas, sentindo a maciez da pele e dos pelos e a umidade que molhava a calcinha e o vão de suas pernas.

Como um consumidor de bebidas experiente que sente um estalo na cabeça quando atinge o pico de consumo e sabe que a partir dali embriagar-se-á, ele sentiu um estalido ajudado pela tosse do Tio Alex, que, ao que parece, se revirava na cama. Ele se recompôs; Talita surpresa, também se refez. Ele com o coração batendo forte e com um tesão que lhe curvava as pernas, deu-lhe mais um beijo e foi embora.

No outro dia ao se encontrarem na escola ele se desculpou, lembrou que eram primos e, para convencê-la definitivamente confessou, que era apaixonado por Isabela. Essa confissão foi um erro, pois Talita ficou indignada, virou-lhe as costas e buscou namoro com o José Maria, visto que sabia que os dois eram rivais e se odiavam.

- Pronto, Valentim! Prendi a Duquesa. Aguarde mais um pouquinho, o pão cresceu, vou colocá-lo no forno, daí podemos conversar sossegados.

Maria voltou se abanando com um leque e se secando com um lenço rendado e perfumado com gotas de almíscar selvagem, que ela amava. O calor do dia somado ao calor do forno tinha feito brotar e brilhar gotículas de suor no rosto e no pescoço.

- Continuemos nossa prosa!

- Antes de continuarmos, gostaria de saber se a senhora mandou avisar papai que estou aqui.

- Fique tranquilo, mandei, sim. Passou aqui na porta o Tio Rosa, você conhece?

- Sim, o Tio Rosa é aquele preto, jardineiro da prefeitura.

- Esse mesmo. Está aposentado e trabalha como jardineiro em diversas casas, inclusive esta semana ele está dando um jeito nos jardins de Dona Hildegard. Mandei recado por ele, e seu pai logo deve aparecer aqui.

- Madrinha! A senhora sabe com que dificuldade eu me formei, muito graças à ajuda de Dona Hildegard, e não posso esquecer que a senhora muitas vezes me ajudou com roupas e com algum dinheiro.

Neste momento, o Manecão bateu palmas na frente da casa e gritando - Oh de casa, foi entrando.

Ao ver o filho, Manoel ficou surpreso e muito feliz. Pai e filho se abraçaram, se olharam, sorriram e voltaram a se abraçar.

- Meu filho, o que fazes aqui? Por que não foi para casa? Tua mãe vai ficar muito triste contigo.

- Pai! Estou começando a contar para a madrinha por que aqui estou. Sente e saberás tudo e o que estou enfrentando.

- Estava lembrando com a madrinha todas as dificuldades que tive para me formar e que graças a você e à mamãe, com a ajuda de Dona Hildegard e da madrinha, consegui me formar...

Valentim passou então a discorrer, agora também para o pai, sobre os acontecimentos que o trouxeram até a pensão da Maria Roncadeira.

- Logo após a formatura, como é de vosso conhecimento, conseguimos, eu e a Isabela, vaga na emergência da Santa Casa. Debrucei-me com afinco e como recompensa, por minha dedicação, o diretor me responsabilizou pela farmácia e estoques de medicamentos.

Como vocês lembram, enquanto cursava a Faculdade de Medicina, o José Maria e a Talita, que abandonaram os estudos, mudaram para a capital, acompanhando o delegado José Mário, que com as mudanças políticas voltou a assumir uma delegacia em Porto Alegre no Bairro da Azenha.

José Maria começou a trabalhar, recomendado, orientado e apoiado pelo pai, como representante de indústrias farmacêuticas. Isso lhe abriu algumas possibilidades e a formação de um círculo de conhecimentos. Fazia vendas de produtos farmacêuticos para boticas e hospitais e entregava amostras para médicos e dentistas.

Há mais de uma década o Decreto de Lei 891, de 1938, proibiu a venda de derivados e produtos da Cannabis e outros psicotrópicos em todo o território nacional. Com a proibição passaram a ter grande procura e valor estes produtos, por dependentes químicos, bem como por cultos de Candomblé e outras seitas africanas, além de despertarem cada vez mais o interesse dos frequentadores da noite, boêmios, cantores e meretrizes.

Farmácias, médicos e hospitais ofereciam e recomendavam até 1938 produtos originários da Cannabis em pacientes para as mais diversas finalidades, como nevralgias, insônia, tosse nervosa,

rouquidão etc. Da mesma forma a cocaína era oferecida para o controle da dor e outros males, sendo muito utilizada na odontologia da época como anestésico.

Em realidade, havia um enorme número de viciados em maconha, e um comércio aberto dos cigarros índios fabricados com *Cannabis indica*.

Foi nesta janela de oportunidade que o José Maria encontrou um filão, oferecendo o produto e criando uma rede para burlar a lei e a justiça. Em sua retaguarda está o pai, protegendo-o e espalhando o temor a possíveis concorrentes e mesmo promovendo a volta ao mercado dos produtos, proibidos, apreendidos, através da rede arquitetada pelo filho.

José Maria com soberba e entendendo-se acima da lei, com um grupo de asseclas, começou a espalhar o terror por bairros, vilas e acampamentos.

Talita se tornou uma excelente dona de casa. Ao engravidar de Maria Clara, engordou e passou por um período de depressão pós-parto. A relação esfriou.

Suzette é nome de guerra da prostituta Ivete Veiga. Presidiária em liberdade condicional. Ficou presa por um ano, por latrocínio, junto com seu amante e cafetão. Ele foi morto em ação da polícia e ela, condenada a oito anos de prisão por participar de roubo e assassinato de um taxista.

Suzette foi posta em liberdade condicional por atitude do chefe de polícia, que tinha como uma das linhas de seu mandato acabar com o tráfico de drogas no Estado. Ele detinha informações que o principal fornecedor de drogas era o filho do delegado José Maria e que este frequentava bordéis e cassinos entremeados na Rua Major Pantaleão Teles e na Rua Voluntários de Pátria.

O chefe de polícia desejava descobrir toda a quadrilha, suas ramificações tanto na capital como no interior. Decidiu, então, utilizar os atributos de Suzette. Trouxe-a para uma conversa particular e lhe ofereceu liberdade condicional. Ela não tinha esse direito. Para usufruir deste benefício condicionou que ela se aproximasse de José Maria e obtivesse dele todas as informações úteis ao desbaratamento da quadrilha.

Suzette é conhecidíssima na noite. Falsa francesa, arranha este idioma e se faz passar por tal para os incautos. Mulher de pele clara, cabelo loiro platinado, como manda a moda cinematográfica, olhos verdes, tipo mignon, com belas pernas e dentadura alva. Seu grande segredo estava na cama.

Junto com a liberdade condicional foram-lhe oferecidos alguns recursos para a compra de roupas, sapatos e outras necessidades femininas, bem como o pagamento de diárias em uma pensão.

Assim, na Cabana do Turquinho, no Maipu e na American Boate, Suzette foi pouco a pouco se aproximando de José Maria. Ele no início não lhe deu atenção. Afinal ela era uma entre tantas beldades, mas ela foi persistente e uma noite o levou para a cama.

Ele, que vinha de um relacionamento frio com Talita e que tinha nos últimos tempos levado para os lençóis profissionais mais interessadas em seu dinheiro do que em lhe satisfazer, enlouqueceu com Suzette.

Era aquela mulher que em seu íntimo ele há muito procurava; carinhosa, perfumada e competente nas artes do amor. Entre beijos e abraços ele explorava aquele corpo cheio de coxilhas, vales e reentrâncias, ela chorava no êxtase do prazer. Em cada contato carnal, ela o induzia a se sentir um supermacho. Ele se sentia um conquistador invencível, tão poderoso quanto Eros, o deus do amor. Ali entre almofadas, lençóis, fronhas e travesseiros aconteceu como por mágica o que o vulgo chama paixão de periquita. Ele ficou embeijado, queria estar com ela a todo o momento e a toda hora. Alugou e mobiliou um apartamento, encheu-a de joias e vestidos. Passou a desabafar com ela todas as suas ações e todos os seus problemas.

Era tudo o que o chefe de polícia queria.

José Maria passou a tratar Talita com desprezo e a pouco se importar com a filha Maria Clara. Talita reclamava da sua falta de horário, pois ele chegava em casa altas horas, bêbado e cheirando a perfumes femininos. Batia nela com frequência, e num domingo de madrugada jogou-a na rua.

Vizinhos a levaram para a emergência da Santa Casa, com o corpo cheio de hematomas, um olho roxo, rosto inchado e um braço quebrado. Estávamos de plantão, eu e Isabela. Atendemos a prima, horrorizados. Engessamos o braço e a internamos para recuperação.

Avisei Tio Florenal, que com ganas de vingança veio imediatamente buscá-la. Foi quando Talita nos contou e ao pai os negócios em que estava metido o José Varapau, que era agora um contraventor da lei, homem perigoso, rodeado de mulheres e de capangas. O bom senso e nossos conselhos fizeram com que o Tio Flor desistisse de enfrentar o genro. Mesmo contrafeito ele retornou para Palmeira, levando a filha ainda convalescente e a neta linda que certamente seria dali em diante a alegria do vovô.

Dois dias após Talita ter partido, José apareceu no hospital procurando pela mulher. A recepção o mandou me procurar. Encontrou-me na farmácia em reunião com funcionários. Mostrou-se surpreso e com cara de poucos amigos ao saber que eu a tinha atendido. Informei-o do estado em que ela chegou ao hospital, os procedimentos realizados e a volta dela com o pai para Palmeira. Informei, ainda, que Florenal tinha pago as despesas hospitalares e que ela não quis denunciá-lo a polícia por agressão em respeito à filha Maria Clara.

Ele se mostrou revoltado, fingindo espanto e dizendo - Lugar de mulher é junto ao marido. Me encarrou prometendo que isso não ia ficar assim, que eu ainda teria notícias dele.

Fiquei sabendo tempos depois que ele visitava com frequência os funcionários da farmácia e de outros setores do hospital, brindando-os com presentes e regalos.

O hospital era fiel depositário de produtos psicotrópicos proibidos, como a Cannabis e seus derivados. Esses produtos estavam guardados em prateleiras aos fundos da farmácia.

Passados alguns dias, a direção do hospital recebeu denúncia anônima de que medicamentos psicotrópicos, entre eles velhos estoques de produtos de Cannabis, estavam sendo desviados do hospital e deixava nas entrelinhas a suspeita de que o mentor de tal desvio era o próprio chefe da farmácia. No caso, eu.

Fui convocado para reunião com a direção do hospital, quando o diretor depositou total confiança em mim. Fizemos uma checagem dos estoques de medicamento e constatamos o desvio de produtos. Tomamos o estoque remanescente de psicotrópicos e o guardamos em sala reservada com chaves em posse do diretor. Resolvemos aguardar e investigar quem estaria envolvido em tal deslize.

Máximo Trento, assim chamado por ter emigrado de Trento. Dizia-se contador e advogado rábula. Era frequentador do submundo do crime, golpista, carteador e apostador em patas de cavalo. Era conhecidíssimo no meio policial com diversas passagens e uma folha corrida de dar inveja. Já passando da meia idade, ele tinha uma alegria na vida, sua neta Eleonora, filha de sua filha Nazaré, professora, viúva e dedicada à filha e aos afazeres domésticos. Máximo visitava a filha e a neta mensalmente e levava para a criança presentes e mimos. Sempre saía destas visitas com um sorriso largo após receber beijos e abraços da criança que ficava na janela abanando para ele. Trento aliou-se a Zé Maria e ampliaram os negócios, que agora chegavam a diversas comunidades do Estado.

Quem não conhecia Máximo o tomava por pessoa da mais alta qualificação. Era carismático, tinha boa conversa, cabelos grisalhos, barba rala, óculos redondos e uma barriga proeminente. Era a figura de um vovozinho carinhoso e dedicado. Mas, ele era uma águia.

Enquanto se encarregava da contabilidade e dos pagamentos, José Maria se preocupava em conseguir produtos e realizar a distribuição.

Chegou aos ouvidos do delegado, José Mário, através de um pequeno traficante preso após tortura, que Trento estava desviando dinheiro da sociedade, comprando cavalos e hospedando-os no Hipódromo Moinhos de Vento, e alguns animais de menor expressão seguiam para o interior onde contrerrâneos de Trento os utilizavam em carreiras de cancha reta.

Tomaram-se providências.

José Maria e capangas, numa madrugada do mês de março, invadiram o bar que o italiano utilizava como fachada para seus negócios. Usando de seu poder de liderança e chefia, mandou os dois capangas de Máximo embora e que eles se apresentassem na segunda-feira para trabalhar com ele. Exigiram que Máximo abrisse o cofre e recolheram todo o dinheiro e os documentos dos cavalos que estavam abrigados no hipódromo.

Obrigaram o italiano sob mira de revólver a tomar em poucos minutos um litro de cachaça. Carregaram o embriagado até a Avenida e o jogaram embaixo de um bonde.

O infeliz caiu em frente ao veículo, seu casaco prendeu-se às ferragens do limpa-trilhos e foi arrastado com a cabeça batendo contra o chão. O impacto provocou-lhe diversas lesões, e o pé esquerdo foi esmagado pelo rodado dianteiro do bonde.

O motorneiro, um jornalista que fotografou o incidente e os transeuntes que o socorreram entenderam que era um bêbado que se jogou em frente ao bonde. Em desespero o levaram para a emergência.

O jornalista permaneceu no local e encontrou embaixo do bonde a carteira de imigrante modelo 19. Descobriu neste documento o nome do acidentado, origem, filiação, data de nascimento e outros apontamentos.

O ferido chegou ao hospital em estado deplorável. Foi atendido, e constataram três costelas quebradas, escoriações diversas, o pé esquerdo dilacerado, que teve que ser amputado. Estava em coma tanto pela cabeça ferida como pelo excesso de álcool, coma alcoólico.

Na manhã seguinte o jornal Correio do Povo, publicou breve matéria com a manchete – Bêbado joga-se embaixo de bonde, descrevia o acidente, com fotografias, e detalhava que o imigrante italiano, Máximo Trento possuía ficha corrida com diversas passagens pela polícia. Tinha sido atendido, na emergência, da Santa Casa, pelo Dr. Valentim, teve um pé amputado e se encontrava, até a edição desta matéria, correndo risco de vida e, em estado de coma.

José Maria, pela manhã, foi até o pequeno apartamento em que morava o italiano, fez uma devassa na busca de documentos, especialmente de uma caderneta em que o contador anotava todos os envolvidos no negócio, telefones, endereços e quanto recebiam nas negociatas. Encontrou documentos comprometedores e os destruiu, mas não encontrou a pequena caderneta de anotações de seu ex-comparsa e contador.

- Encontrei Máximo Trento em minha ronda pelos quartos na manhã do terceiro dia; depois de horas em coma e de repouso sedado, estava desperto, tinha um jornal sobre o peito e reclamava de muita dor. Mandeí medicá-lo para abrandar o sofrimento, acalmei-o, conversamos e ele, após me mostrar o jornal, comentou com um leve sotaque italiano. - Tornei-me manchete de jornal. Depois deste comentário pediu-me a onde estava suas roupas, seu casaco.

- Seus pertences, bastante avariados, estão ali no guarda-roupa, quer vê-los?

- Sim! Sim! Mas espere, preciso antes lhe contar algo. Tem tempo?

A figura era bonachona e sofria, então resolvi escutá-lo.

- Pois não! Em que posso ajudá-lo?

O quarto ocupado pelo ferido era simples, com apenas cama e um pequeno guarda-roupa, duas cadeiras e um minúsculo banheiro.

- Por favor, feche a cortina. - A claridade está me incomodando as vistas.- Me alcance o casaco.

Alcancei o casaco; ele ficou olhando os estragos feitos no tecido, examinou o interior, abriu um zíper e tirou de dentro de um bolso uma pequena caderneta. Era uma caderneta fina com cerca de quarenta folhas, oitenta páginas, medindo 12 x 15 cm. Com capa dura negra onde se lia, em letras douradas, Agenda Poética, vi depois que ao pé de cada folha havia estrofes de poetas famosos.

Numa prosa calma e envolvente, contou-me o que lhe havia acontecido. Que de há muito estava envolvido com marginais; que pertencia a um grupo de traficantes; que tinham lhe obrigado a tomar cachaça e o jogado de encontro ao bonde, que estava me contando parte de sua vida porque temia ser assassinado pelos chefes do tráfico de drogas, e que tinha filha e neta para cuidar.

Por fim, que sua única garantia de vida naquele momento era aquela caderneta onde estavam anotados os nomes de todos os participantes da quadrilha e o ganho de cada um no último ano e que certamente seus antigos comparsas viriam em busca, pois temiam que ela caísse nas mãos da polícia.

Pedi-me que a guardasse, colocando-a em minha mão. Neste momento entrou no quarto a enfermeira trazendo-lhe o desjejum e pedindo licença para arrumar a cama. A enfermeira era uma velha conhecida, esposa do Gonçalves, chefe do almoxarifado do hospital. Máximo, olhando para ela, exclamou em voz baixa, surpreso – Guarde! Guarde! Depois conversamos.

Num gesto automático e impensado, enfiei o pequeno caderno de apontamentos no bolso do avental, cumprimentei a enfermeira e disse ao enfermo que voltaria mais tarde para verificar a pressão e auscultar coração e pulmão.

Foi o que fiz cerca de uma hora depois.

- Doutor, esta é minha garantia de sobrevivência, enquanto eu tiver a caderneta eles não me farão nenhum mal.

Quis então lhe devolver o objeto, já que este lhe garantia a vida, disse-lhe inclusive que sequer a tinha aberto, já que era algo pessoal.

- Não, doutor! Não se preocupe, guarde-a, fique à vontade, pode lê-la. Eu preciso de um grande favor do senhor. Vejo que é pessoa séria, e o senhor está diante de um ser condenado à morte.

- Pois não, fale!

- Preciso que vá até a Avenida Protásio Alves, 35, Bar do Chico. Vá às seis horas da manhã, momento em que ele abre para fornecer café com pão e manteiga. Nesta hora não correrá nenhum perigo. Diga ao Chico Botão que MT mandou pedir bolacha e biscoito. Ele não falará nada lhe

entregará em um envelope outra cópia desta caderneta e, em outro envelope maior, dinheiro que é para minhas despesas. Faça isso, por favor, amanhã, seis horas.

- Não queres ficar com a caderneta, como tu diz, ela é tua segurança?

- No momento eu tenho outro trunfo. Se me apertarem, em uma visita indigesta, direi que a caderneta está em meu casaco no guarda-roupa, eles irão verificar, verão que o casaco está rasgado, direi então que devo ter perdido no acidente e certamente irão atrás do repórter para verificar se ele achou a bendita caderneta.

Depois voltarão, direi então que a enfermeira ao me cobrir à noite encontrou a brochura de capa dura, no fundo do guarda-roupa, junto aos cobertores, e os farei entender que possuo outra cópia, longe daqui, com pessoa de minha confiança, que à entregará a polícia caso algo, me aconteça. Esta, sim, é minha segurança de vida.

Às sete horas do dia seguinte, visitei-o para lhe entregar o envelope recheado de dinheiro e a segunda caderneta.

O quarto estava sendo higienizado, e ele fazia o seu desjejum. Diante dessas pessoas ele me confidenciou em voz baixa:

- Doutor, guarde consigo todo o material contido neste envelope.

Piscou-me e voltou a falar entre dentes:

- Tenho filha e uma neta, dentro deste invólucro estão o nome e o endereço delas. Se algo acontecer comigo, entregue a elas o envelope e diga-lhes para procurar em São Leopoldo, junto à praça, a Padaria Bom Pastor. Procurem o padeiro Giovanni e que lhes digam:

“Papai mandou dizer que os cavalos devem pastar por trinta dias. Ele venderá os dez cavalos que estão sub sua guarda, tirará uma comissão de 20% e lhes entregará o dinheiro trinta dias após o contato”.

Guarde consigo também as cadernetas, não quero que ninguém as veja neste momento, me entregue mais tarde. Não se preocupe, está tudo bem. Vá trabalhar, Doutor, eu estou confortável.

Voltei ao meu consultório e abri uma das cadernetas. Para minha surpresa, dentre os nomes estava o de Itamar Gonçalves – O chefe do almoxarifado, e o valor pago nos últimos seis meses. Constava, também, o nome do delegado José Mário e, evidentemente, na primeira folha, o nome do José Maria.

Foi um dia de muito trabalho, me envolvi entre consultas e emergências, me esqueci do Italiano e não voltei mais ao seu quarto. O diretor estava ausente, não pude com ele dividir a informação obtida quanto ao Gonçalves.

Para completar um dia cheio, à tarde levei Isabela ao aeroporto. Ela seguia para São Paulo, onde ficaria por três meses na casa do tio, que agora residia na capital paulista e trabalhava como advogado do governo, por meio de um escritório de São Paulo.

Isabela faria neste período uma especialização em obstetrícia, sua área de atividade.

Ao sair para acompanhar Isabela ao aeroporto, levei comigo o envelope do italiano, pois havia muito dinheiro e era arriscado deixá-lo em meu consultório, que ficava aberto e em muitas ocasiões na correria do dia a dia era utilizado por outros profissionais. Dentro de um pequeno envelope guardei e levei comigo as cadernetas.

Na madrugada seguinte, acordei cedo, o sol ainda não tinha mostrado sua cara. Como de costume, enquanto me barbeava ouvia a Rádio Farroupilha, para escutar músicas e notícias. Após Luiz

Gonzaga cantar Asa Branca, vieram as notícias, e a primeira, fez com que eu cortasse o queixo, tal foi meu espanto. O radialista em palavras sensacionalistas noticiava que o repórter do Correio do Povo que vinha acompanhando o estranho caso do bêbado que caiu em frente ao bonde, Máximo Trento, teve sua casa invadida e revirada no início da noite por mascarados. Ele foi rendido, ficou preso durante duas horas, das vinte às vinte e duas horas. Os fora da lei buscavam documentos de Máximo que supostamente o repórter teria encontrado no momento do acidente. Os mascarados o interrogaram e foram embora ao se convencerem que ele não possuía nada além da carteira de imigrante modelo 19. Não o feriram.

Guardei o envelope com dinheiro no fundo de um armário, peguei as cadernetas e segui com rapidez e desespero para o hospital, precisava entregar ao menos uma das cadernetas ao Máximo; esta era sua garantia de vida. Os assaltantes tinham saído da casa do repórter às vinte e duas horas. Foram ao hospital? Conseguiram entrar? O que seria do italiano sem a sua caderneta? Essas eram perguntas que me afligiam enquanto eu dirigia meu veículo até a Santa Casa.

Subi ao quarto pulando as escadas de dois em dois degraus; Máximo estava imóvel, aparentemente dormindo. Olhei-o com olhar clínico, levei os dedos, médio e indicador, até o pescoço para ver os batimentos, nada. Levantei as pálpebras e constatei que estava morto. Tudo indicava que por asfixia; um travesseiro estava jogado ao chão. Tomei nas mãos o prontuário pendurado aos pés da cama para ver o último horário em que a enfermeira tinha ido até o quarto. Preso ao prontuário estava um bilhete lacrado com grampos e, em letra feminina, meu nome – Dr. Valentim.

Arranquei os grampos e li - Dr. Valentim deposite com urgência a cópia do livreto em seu poder na caixa postal 203 no Correio central, ele nos pertence, você é responsável pela segurança de sua noiva e de sua família.

De imediato percebi a gravidade de tudo, eu estava num caminho sem volta.

Tinha que agir com rapidez; a polícia logo viria ao hospital. Até então era apenas um bêbado acidentado, agora havia a invasão da residência de um repórter conhecido, de um famoso jornal.

Olhei o ambiente com mais detalhes, vi embaixo da cama a calça de Máximo, toda rasgada, apanhei-a e observei que ela tinha, a exemplo do casaco, um bolso com fecho éclair. Compreendi que havia uma terceira caderneta escondida na calça.

A despreocupação dele com as duas cópias, em minha posse, ficava agora cristalina. Uma em realidade era a cópia de segurança, a primeira que ele me entregou; a que estava em mãos do Chico Botão era de segurança extrema. Como ele estava preso em uma cama de hospital, era melhor tê-la por perto, até mesmo porque se eles apertassem o bolicheiro, este diria que a tinha entregado para um cúmplice de Máximo, através da senha - vim buscar bolacha e biscoito, não tendo identificado o contato. Era uma forma inteligente de criar confusão entre seus antigos parceiros.

Tudo agora ficava mais claro, e me senti aliviado, pois tirava de minhas costas o peso da culpa pela morte de Máximo.

Por outro lado, agora eu estava ameaçado, bem como minha família e minha noiva que felizmente estava em São Paulo, a salvo.

Eles me cobravam uma cópia, ou seja, eles sabiam da existência de só mais uma. Como eles sabiam que estava em minha posse? Logo me veio à mente a enfermeira, Thereza Eulália, que me viu recebendo o caderninho de capa preta no primeiro dia, e ela era a mulher de Gonçalves.

Este foi o motivo de terem assassinado o Máximo, eles sabiam com quem estava a cópia, comigo. Eu tinha também certeza de que foi a enfermeira quem lhes deu acesso ao quarto de Máximo, era

sua noite de plantão. Quando ela viu a caderneta de capa preta sendo retirada do bolso da calça, informou de imediato que tinha visto um livreto igual sendo a mim repassado.

Fui até o banheiro, vi ali a capa dura da caderneta jogada na lixeira. As folhas internas tinham sido arrancadas e jogadas no vaso sanitário e tinha sido dada descarga; havia ainda pequenos pedaços de papel boiando, manchados de azul, pela dissolução da tinta azul-real lavável.

Eu precisava ir embora rapidamente. Logo a polícia chegaria, agora eu e meus familiares éramos o alvo.

Cheguei a pensar em ir até o Correio Central, mas temi ser subjugado. Devolveria a caderneta e seria, com certeza, eliminado. Eu era um arquivo vivo.

Corri até meu consultório, estava aberto e todo mexido. Tive então a certeza de que a esposa de Gonçalves facilitou o acesso dos marginais a minha sala, à noite ela controlava o chaveiro do hospital.

Fui ao escritório do diretor e deixei um bilhete: Tenho que me afastar por poucos dias, assuntos de família, vou para o interior.

Tomei no consultório uma pequena valise que lá mantenho com roupas para emergência, coloquei dentro dela o envelope com as cadernetas e saí pela porta dos fundos, temeroso em encontrar a polícia, pois já ouvia ao longe a sirene tocando, bem como, me precavendo, pois, algum delinquente poderia estar me esperando em frente ao hospital, ou no estacionamento onde meu automóvel repousava à sombra do arvoredo.

Tomei um táxi e fui direto para a estação férrea.

Ao adentrar no comboio, verifiquei os vagões de passageiros, para ver se havia alguém suspeito que pudesse estar me seguindo. Como tudo estava calmo me acomodei, pois, a viagem seria longa e cansativa.

Cheguei a Santa Maria à noite e tomei de imediato o noturno. De madrugada, desembarquei um tanto sestoso, pois poderia algum mandalete do delegado José Mário estar me esperando. Felizmente tudo estava calmo, mas a chuva era torrencial.

Aguardei num canto isolado da gare o aguaceiro passar, quando se transformou num garão, saí a pé. Ao chegar à avenida a chuva tinha passado. O padeiro me deu carona na gaiota até a rua de baixo. Como a madrinha testemunhou, cheguei todo molhado e cansado.

Na noite do assassinato e da visita ao consultório do doutor Valentim, José Maria, não comunicou de imediato ao pai os acontecimentos, já que este estava de plantão na delegacia e ele não quis correr o risco de ir visitá-lo e levantar possíveis suspeitas àquelas horas da noite, nem mesmo quis telefonar.

Foi para o apartamento de Suzette. Ela reclamou entre palavras de carinho por que ele tinha chegado tão tarde. Após se satisfazer nas lides do amor ele lhe confidenciou que tinha se atrasado porque estava à procura de documentos com informações importantes para seus negócios, que um sócio o estava traindo. Tomou banho e ligou para o pai. Eram cinco horas e trinta minutos, comunicou-lhe que Máximo estava morto e que descobrira que Valentim possuía uma cópia da caderneta que eles tanto perseguiram.

Contou que tinha uma pessoa de sua confiança seguindo Valentim e que fora há pouco avisado que o médico acabava de chegar ao hospital, portanto devia estar tomando conhecimento da morte do italiano.

Por sua vez, o delegado avisou ao filho, que o jornalista tinha feito um boletim de ocorrência, às vinte e três horas, e que diante disso o subdelegado, Pedro Sebastião Almeida e equipe, que

iniciariam jornada às seis horas, deveriam realizar visita ao hospital. Ele estaria em casa aguardando notícias.

Por volta das sete horas, quando a polícia chegava ao hospital, José Maria recebeu aviso de que a enfermeira, percebendo a ausência do médico e o procurando, tinha encontrado, na sala do diretor, bilhete dele comunicando que ia para o interior.

O subdelegado constatou a morte de Máximo Trento. Solicitou à enfermeira chefe, já que o médico chefe e o diretor não se encontravam no local, relação do pessoal que trabalhou à noite. Recolheu o prontuário e enviou o corpo para o Instituto Médico Legal, para necropsia. Recolheu, ainda, objetos tanto no quarto quanto no banheiro para averiguações. Foram recolhidas as roupas do falecido, uma capa de caderneta e pequenos pedaços de papel no interior do vaso sanitário, além do travesseiro, que apresentava a fronha com um rasgo no meio, dando a impressão de ter sido forçada deixando o tecido esgarçado. O subdelegado suspeitou de assassinato por asfixia, o que seria comprovado mais tarde pela necropsia.

Zé Varapau ligou do Café Central para o pai, avisou que Valentim, conforme bilhete deixado para o diretor, tinha seguido para o interior. Confessou que tinha deixado um bilhete, ameaçando a ele e à família, caso não entregasse com urgência a caderneta em sua posse.

O delegado ficou trêmulo e, com raiva, respondeu ao filho:

- Você espantou a caça! Ele se evadiu! Foi para junto dos familiares. Se este documento vazar estaremos perdidos. Vou para a ferroviária pegar o próximo trem. Mantenhamos tudo em sigilo, não avise os nossos em Passo Fundo; eles podem, ao invés de nos ajudar, atrapalhar. Vou pessoalmente atrás dele. Irei agora até a delegacia tirar licença de quinze dias para tratamento de interesse. Falo com você mais tarde.

Ao sair da delegacia já com a licença concedida, encontrou o repórter do Correio, que já sabia da morte de Máximo e queria mais informações.

- Para toda e qualquer informação você deve procurar o Pedro Sebastião, ele está conduzindo o caso, eu estou de licença, preciso descansar alguns dias, vou pescar, visitar amigos.

Na edição daquele dia a manchete era: Morreu bêbado atropelado pelo bonde, subtítulo, delegado titular, José Mário, vai pescar e subdelegado, Pedro Sebastião, assume o caso. A reportagem detalha o atropelamento, a perda da perna, o assalto à casa do repórter e a morte de Máximo; traz ainda uma longa história sobre o morto, sua imigração e as diversas passagens pela polícia, deixando no ar uma interrogação: por que ele foi morto? Ele era um arquivo vivo?

Suzzete acordou com preguiça, tomou banho, café, emperiquitou-se toda e então ligou para o chefe de polícia, contou tudo o que tinha ouvido do amante, da morte de Trento, da procura por documentos e por uma caderneta e que esta caderneta devia estar com um tal de Doutor Valentin; que ao raiar do dia seu amante tinha realizado demorada ligação telefônica ao pai.

O chefe de polícia ligou para a delegacia em que trabalhava o Delegado José Mário e foi informado de que ele tinha se licenciado por quinze dias, iria para Passo Fundo descansar. Foi também informado que o subdelegado Pedro Sebastião se encontrava fora em diligência no hospital em razão da morte de um italiano.

O chefe tamborilou com os dedos sobre o tampo da mesa, acendeu um cigarro e o tragou com gosto, levantando um espiral de fumaça em direção ao teto, ficou a pensar por minutos, pediu então para a secretária localizar por telefone o Diretor do Hospital. Ao meio da manhã o diretor foi localizado, conversaram e ele foi informado que o médico tinha partido para o interior para tratar de assuntos junto à família.

Às onze horas o chefe de polícia ligou para o delegado Agenor em Passo Fundo.

- Camarada, estou em meio a uma investigação, deve estar chegando a vossa cidade o delegado José Maria. Observe-o, não comente nada com quem quer que seja. Deve estar também chegando aí o médico Valentim Garrido, filho da terra, certamente o conhece, não é preciso fazer campana. Se dele tiver notícias, mire-o ao longe. Se o médico tiver se expondo, coisa que eu duvido, proteja-o. Amigo Agenor, tudo isso é extremamente confidencial, bico calado. Outra coisa, os fatos a acontecerem podem desembocar em importantes documentos, com registros possivelmente contidos em uma caderneta. Qualquer notícia sobre este material, informe-me imediatamente.

Enquanto Maria realizava suas lidas, Valentim e o pai permaneceram no quarto, tomando chimarrão. Não era conveniente alguém os ver. Após debaterem a situação e trocarem algumas ideias com Maria, resolveram que Valentim permaneceria na Pensão sem se expor.

Manecão ficaria atento, estaria na gare da viação férrea quando da chegada do noturno, observando se algum paisano, suspeito, chegava da capital. Compraria o Correio do Povo que chegaria neste mesmo trem para ver notícias da capital.

Não daria qualquer notícia da presença de Valentim na cidade, nem mesmo à mãe, a amigos e familiares. Todo o cuidado era pouco.

Na manhã seguinte, quando o trem apitou na curva da Vera Cruz, Manecão já estava na gare. Manhã fria, cobria a cabeça com uma boina e tinha uma manta enrolada no pescoço, quando o trem chegou bufando. Levantou a manta até a boca, dificilmente alguém o reconheceria. Olhou o povo desembarcando, o último passageiro, com chapéu baixo até os olhos e cabeça baixa, era José Maria, que não queria ser reconhecido.

José Maria tomou um táxi, o pipoqueiro o seguiu de bicicleta e observou o desembarque no Hotel Glória.

Manoel subiu até a praça e aguardou junto a jovens coqueiros, recém-plantados, olhando os pedreiros construírem a Catedral Nossa Senhora Aparecida. Quando os meninos jornalheiros chegaram, comprou um exemplar e seguiu para a Pensão.

Lá, como Valentim suspeitava, estava a narrativa do jornalista sobre o caso do bêbado atropelado e, mais, que o delegado titular, José Maria, tinha tirado licença e ido para o interior visitar amigos e pescar, fato agora confirmado por Manecão.

O delegado repousou aquela manhã no hotel, sentia-se cansado, a viagem fora esfalfante. Não tinha grande pressa, sabia que Valentim não entregaria a caderneta a qualquer jornalista. Temia por sua família, mas também sabia que era o alvo e que dificilmente sairia com vida desta empreitada.

Ele precisava dar um susto no doutor, para este sair da toca e procurar negociar, então tomaria suas providências...

Valentim disse ao pai que ele ficaria na pensão até descobrir quais seriam os movimentos do delegado naquele jogo de xadrez. Zé Mario envolveria outros policiais? Agiria sozinho? Teria outros de seu grupo, aguardando por ele?

Recomendou que o pai ficasse nas proximidades do hotel, vendendo suas pipocas e observando algum movimento de policiais, ou de outros suspeitos.

O delegado descansou, tomou um banho e fez rápido almoço. Às doze horas e trinta minutos saiu a pé. Cabeça e rosto cobertos, o vento frio facilitava o disfarce. Cruzou a praça, caminhou até a avenida e por ela seguiu em direção ao Boqueirão. Levava consigo um longo invólucro de lona no interior do qual estava uma espingarda de cano cortado, linhas de pesca e cartuchos.

Lembrava perfeitamente a localização da casa de Manecão. Aproximou-se e ficou a observar.

Às treze horas Manecão saiu levando suas tralhas. Precisava fazer algumas compras antes de se estabelecer para a venda de pipocas. Logo em seguida Beta saiu e encostou a porta da frente. Carregava uma bacia e algumas formas e se dirigiu à casa de Dona Hildegard.

O delegado que a tudo observava se aproximou pelos fundos da casa. A porta, assim como a da frente, estava apenas encostada. Entrou, vasculhou os quartos, verificando se havia algum sinal do Valentim, mala, roupas ou outro qualquer indício, nada encontrou. Voltou à sala, ajeitou a mesa da cozinha em frente à porta, abriu o invólucro de lona e dali retirou a espingarda. Minutos depois saiu, trancou a porta pela qual tinha entrado, enfiou a chave pelo vão inferior da porta.

Na casa de Hildegard, como de costume, as mulheres preparavam cucas, cuecas-virada, bolos e salgados, parte seria utilizada pelas famílias e parte seria enviada à igreja para doação aos necessitados. No jardim, Tio Rosa podava plantas e rastelava folhas e de quando em quando tragava o palheiro, para espantar os insetos que levantavam do gramado.

Beta notou que tinha esquecido a manteiga para fazerem os grumos de cobertura das cucas. Tia Chica disse que ia buscar – Não vá, Tia Chica! Pede para o Tio Rosa ir! Ele tá lá fora mesmo. A porta está aberta.

- Tio Rosa! Tio Rosa! Faz favor, vai à casa do Manecão, a porta tá aberta e pega em cima da mesa um pote com manteiga.

- Já tô indo!

As mulheres continuaram os trabalhos e foram, minutos depois, surpreendidas ao ouvirem forte disparo. Correram para fora e viram o corpo de Tio Rosa estirado na varanda da casa de Beta. Eram quatorze horas e cinquenta minutos.

Foi um choque e um desespero e pouco a pouco a vizinhança rodeava a casa.

José Maria retornou por onde tinha vindo tomando o cuidado de não ser notado. Naquela hora as ruelas estavam totalmente vazias. Logo chegou à avenida; antes de voltar ao hotel, passou na praça e comprou o jornal, queria ver notícias da capital.

No hotel deixou seus pertences e com o jornal embaixo do braço foi até a delegacia visitar antigos amigos e colegas. Encontrou seu velho amigo e parceiro o escrivão João Cunha, e após recordações e amenidades, pediu emprestada a caminhonete do colega, pois, segundo ele, queria aproveitar o tempo para uma pescaria em seu rancho, que há muito não via. Comentou que a lua estava boa para pesca e que no rancho havia todo tipo de tralha. Foi atendido em seu pedido, e o escrivão observou – Zé Mário abastece o carro. É perto, o Passo Fundo está bem ali, mas tem pouco combustível. Amanhã, sábado, saio do plantão à tarde, arrumo uma carona e vou lá comer uns peixes, vou levar uma branquinha da boa.

Estavam nesta conversa quando o Esperidião, que ainda ajudava Manecão no comércio de pipoca, cachorro-quente e na venda de amendoim torrado, entrou esbaforido delegacia adentro, avisando que uma espera tinha matado o Tio Rosa.

O delegado Agenor dos Santos convidou Esperidião para sua sala, chamou o escrivão, deram água para o jovem que estava muito nervoso e passaram a ouvi-lo. José Mário, se sentindo em casa, adentrou na sala, ouviu os últimos relatos e perguntou:

- A onde anda o inútil do Manecão?

Ao que o Esperidião respondeu:

- Avisei-o agora, estava na praça vendendo pipoca, foi às pressas para casa...

O delegado disse que o Esperidião estava liberado e, ao pedir licença ao delegado José, lhe perguntou:

- Por onde tem andado, vivente:

Ao que o delegado José respondeu:

- Cheguei da capital, estava no hotel descansando. Agora vou me ajeitar e vou ao rancho pescar.

- Boa pescaria, até mais vê-lo.

E, convidando o inspetor, tomaram um veículo, passaram no médico legista e se dirigiram para o local do evento.

Enquanto o médico examinava o corpo do delegado e o escrivão ouviram Hildegard, Beta e o Manecão, que chegou praticamente junto com eles.

Examinaram toda a casa, somente encontram o rastro de um coturno na porta dos fundos, além da afirmação de Beta, que tinha deixado a porta aberta e que agora ela estava fechada com a chave no chão.

O delegado concluiu que alguém entrou pela porta dos fundos, armou a espingarda mirando à porta de frente, a linha de pesca foi presa à porta de tal forma que quem a abrisse fosse baleado. Saiu pela porta dos fundos, fechou-a, obrigando, assim, que qualquer chegante fosse obrigado a entrar pela porta da frente.

Tanto o inspetor quanto o delegado tinham interrogações: Seria Tio Rosa o alvo? Provavelmente não. Segundo os depoimentos, era possivelmente a primeira vez que ele ia entrar naquela casa. Teria o Manecão algum inimigo? Não acreditavam, pois Manecão era pessoa conhecidíssima na cidade, afável e amigo de todos. Seria uma longa investigação...

O delegado lembrou-se do telefonema do chefe de polícia, da conversa sobre o médico, filho do dono da casa.

De qualquer forma o delegado pediu para o escrivão verificar se Manoel Garrido tinha ficha corrida.

E, ao ir embora, o delegado perguntou à Beta:

- E o seu filho Valentim por onde anda?

- Está na capital.

- Quando o vir, dê a ele minhas recomendações. Gosto muito do doutor! Menino de valor.

O corpo de Tio Rosa foi encaminhado para o necrotério, e sua família avisada.

Logo que o delegado e o escrivão saíram para a diligência, José Mário apanhou o carro, abasteceu, comprou gêneros alimentícios e bebidas. Dirigiu-se ao hotel onde pegou uma muda

de roupa e uma espingarda. Da mala retirou um revólver que colocou na cintura e uma caixa de munição. Ele seguiu calmo e tranquilo para o pesqueiro, como se nada tivesse acontecido na casa do Manecão.

O rancho que Zé Taquara chamava de pesqueiro ficava a jusante da ponte do Rio Passo Fundo. Por ser local de fácil acesso; era possível chegar com veículo muito próximo do acampamento. Descarregou ainda cedo os equipamentos e passou uma vassoura na pequena casa. Vestiu camiseta de algodão, blusa de lã, e uma calça velha que estava guardada em um baú.

Andou por trieiros observando o ambiente, escolheu um local onde havia rastros de animais, preparou a espingarda em espera perfeita, na esperança de que por ali passasse alguma paca ou outra caça nobre. Retornou à barranca com o revólver na mão, ouvindo o silêncio da mata e na expectativa de sentir a presença de alguma caça mesmo que o sol ainda estivesse alto.

Com enxada coletou minhoca e foi para o rio buscar alguns lambaris que serviriam de isca para à noite tentar algum peixe graúdo. Estava com sorte; em poucos minutos pegou muitos lambaris e jundiás. Separou alguns para isca, limpou os demais e os levou para serem fritos.

Fritou os peixinhos como tira gosto e preparou cachaça com limão e mel, assim iniciou sua noite no rancho.

No momento em que todos se preocupavam com o traslado do corpo de Tio Rosa para o necrotério, para os exames de rotina, Manoel Garrido aproveitou e foi até a pensão conversar com Valentim.

No quarto, a sós, contou a tragédia acontecida. Concordaram que o tiro seria para ele ou para Beta; era preciso tomar alguma providência.

Valentim estava cabisbaixo, sentia-se culpado por ter colocado familiares e amigos numa situação de risco. Sabia que aquela bala era para a mãe, para o pai ou para ele mesmo. Por outro lado, tinha consciência que entregar a caderneta era também assinar sua sentença de morte. Comentou seus sentimentos com o pai...

- Filho não se preocupe, eu tenho algumas experiências e vou fazer as coisas do meu jeito.

- Que experiências, pai? Você é um simples pipoqueiro, um trabalhador, que amanhece e anoitece trabalhando, um homem de paz. Como vai enfrentar esta gente? Não seria melhor eu voltar à capital e depositar a caderneta na caixa postal?

- Negativo, meu filho, eles sabem que você leu a caderneta e mesmo com ela em mãos vão matá-lo.

Valentim caminhou pelo quarto transpirando sua ansiedade, e o pipoqueiro continuou:

- Meu filho, eu já passei da meia-idade, você está formado, faz mais de trinta anos que eu me comporto com honestidade, seriedade e como um cidadão de bem, mas isso se deve a tua mãe, ao amor que eu dedico a ela e sempre dediquei desde quando a conheci.

No entanto, na minha juventude, tua mãe e tua madrinha conhecem minha história ou parte dela, vou te contar quem foi teu pai no antigamente.

Quando teu avô morreu eu vendi e pus fora toda a herança, andei pelo mundo, matei, roubei fiz perversidades.... Então, quase entre lágrimas, Manecão contou toda a sua vida ao filho.

Ficaram em silêncio por minutos. A surpresa de Valentim era aparente, mas ele logo se recobrou, levantou e abraçou o pai. Abraçou-o fortemente, com lágrimas e disse com poucas e entrecortadas palavras o respeito e a admiração que tinha por ele.

- De qualquer forma, papai, o senhor não tem condições de enfrentar essa gente; é extremamente perigoso.

- Filho, nós temos dois problemas, o delegado e o filho. Eles são as pedras em nosso caminho. O delegado está bem aí, do filho cuidamos depois.

Segundo o Esperidião, que o viu proseando lá na delegacia, ele está no rancho pescando. Eu conheço o local! Vou passar a noite no velório do Tio Rosa, sua mãe vai amanhecer lá! Não deixará a viúva sozinha. Pela madrugada, direi que irei para casa descansar, tomarei, então, de bicicleta, o caminho do rancho. Vou pegá-lo na cama.

- Vou junto pai!

- Melhor não, em dois faremos mais barulho. Você vai se expor, veio da capital, será um suspeito em potencial.

- Sim, mas qual é o plano?

- Dê-me uma das cadernetas; ela estará junto dele quando o acharem.

- É preciso mais para comprometê-lo totalmente. Quem sabe uma confissão.

- Ele não vai assinar uma confissão!

- Podemos fazer a sua confissão. Dê-me o jornal...

Às quatro horas Manecão pediu licença à viúva e aos presentes, dizendo que voltaria pela manhã.

Na bicicleta, presos ao varão, enrolado no jornal, estavam um facão e um cassetete, feito com o cabo de um machado. Repousava na cintura, às costas, sob o casaco um velho Rossi 22 que ele carinhosamente chamava de “minha latinha”. Com essa “latinha” ele tinha praticado alguns atos dos quais se envergonhava.

Seguiu rápido, iluminado por uma lanterna que prendeu com borracha de câmara ao guidom.

À medida que pedalava, matutava sobre como enfrentar um adversário experiente e mais moço. Tentaria surpreendê-lo, não tinha medo nem teria remorso. A velha frieza tinha voltado, enfim, ia caçar quem estava tentando destruir sua família.

A cerca de cinquenta metros do acampamento, encontrou o carro do escrivão. Deitou a bicicleta embaixo de uma moita e se aproximou do rancho com absoluta cautela, estava tudo em silêncio, a não ser pelo barulho da água que cascadeava no rio.

Ficou por minutos bispando abrigado atrás de um arbusto. A luz mortiça de um lampião vazava pelas frestas do rancho. Nada se mexia o vento não soprava a lua minguante e estrelas brilhavam sob rasgos de nuvens em uma madrugada, que prenunciava chuva.

Estava atento a qualquer som e movimento quando foi surpreendido por forte estampido no meio da mata. Encolheu-se, vigilante. Aguardou colado ao arbusto, com olhos e ouvidos atentos. Em segundos que pareceram horas, com o coração disparado, ouviu um guincho seguido de outro mais baixo, vindo da mata. O silêncio voltou a engolir tudo, e ele teve de imediato a certeza que era um porco do mato em alguma espera.

Continuou cauteloso, e mesmo com o estampido não observou qualquer movimento no rancho ou na beira do rio. Com precaução se aproximou da casa, se achegou à janela e espiou. O delegado dormia a sono solto, deitado numa tarimba; o cobertor e uma colcha de chitão o cobriam da cintura para baixo. De uma garrafa de cachaça que repousava sobre uma caixa de madeira que servia de criado-mudo, restavam três dedos.

Olhou todo o ambiente. Sobre a mesa, ao lado do lampião, estava o revólver trinta e oito, no fogão em uma frigideira havia pedaços de traíra; varas de pesca estavam encostadas na parede, e uma feira de peixe ainda por limpar repousava em um balde.

Desenhou em sua mente a atitude a ser tomada contra aquele indivíduo que tinha friamente preparado a morte de Tio Rosa e que estava pronto para matar seu filho.

Um vento prenunciando chuva se anunciou rangendo e batendo a porta dos fundos e mesmo assim o homem, vencido pelo sono, pela cachaça, continuava imóvel.

Manecão entrou no recinto, tomou o revólver e disparou embaixo do queixo de José Maria. O tampo da cabeça saltou contra a parede. A porta mais uma vez, rangeu, e um vento fresco de chuva entrou no rancho, fez-se silêncio...

Ele pegou um pano, limpou a arma, colocou nas mãos quentes do defunto, com o cano encostado no queixo.

Pegou o jornal, esfregou-o na mão do delegado, fazendo com que a tinta a marcasse, colocou a página do jornal com a notícia da morte de Máximo em cima da mesa e jogou a caneta e a caderneta junto ao lampião.

Saiu do barraco como se ali nunca tivesse ido. Tomou a bicicleta e pedalou com vigor. Ao longe se via a barra do dia, pedalou com mais força, sentindo nas ventas o vento que trazia um cheiro de terra molhada. Estava calmo, tranquilo, aliviado; sua família estava em segurança.

Conforme o combinado, naquela tarde, lá por volta das dezesseis horas, o escrivão João Cunha e um cabo da polícia militar, Benedito Ruas, conhecido como Bené da Garrucha, e seu cachorro chegaram ao acampamento. Viram a caminhonete estacionada e já de longe deram uns gritos:

- Cadê os peixes! Cadê os peixes!

Tudo quieto, foram até a beira do rio. Havia varas jogadas, minhocas já secas e lambaris cobertos de moscas. O cachorro latiu e seguiu por estreita trilha.

Os dois foram até o rancho. Ao rangir da porta encontraram o corpo que estava frio, o sangue seco, o lampião apagado e no jornal em cima da mesa havia uma mensagem.

Os homens se olharam e sentiram o pavor diante da morte. O escrivão pediu ao policial que voltasse e procurasse o delegado, adiantando o acontecido, e que ele viesse rápido trazendo o médico legista.

O escrivão, trêmulo e nervoso por ver o amigo naquela situação, encostou-se ao quadro da porta e a tudo observou: em cima da mesa um jornal rabiscado, uma caderneta e uma caneta junto ao lampião, o revólver sobre o peito do morto, a garrafa de cachaça e bagaços de limão. Queria que o delegado visse tudo como foi encontrado, mas a curiosidade foi maior, e ele folhou a caderneta.

Saiu daquele ambiente pesado e foi em direção ao rio, ouviu o cachorro latindo dentro da mata, seguiu pelo estreito caminho e encontrou a espingarda na espera e um porco-do-mato, morto, do qual o cachorro já havia comido um pocado.

Observou que o sistema de espera era o mesmo que eles encontraram na casa de Manecão e que matou Tio Rosa, o mesmo fio e uma espingarda semelhante.

O delegado Agenor chegou uma hora depois, acompanhado do médico. Analisou o local, tudo indicava ser suicídio, corroborado pelo jornal onde as letras da notícia da morte na capital de um bêbado que tinha caído em frente a um bonde estavam marcadas compondo triste mensagem:

Morreu bêbado, atropelado pelo bonde, delegado titular, José Mário, vai pescar e subdelegado, Pedro Sebastião, assume o caso.

Notou que o defunto usava coturnos, com rastros semelhantes aos deixados na porta da casa onde foi assassinado Tio Rosa. O escrivão o levou para ver a espera, concordou que era extremamente semelhante à arapuca assassina da casa de Manecão. Voltou ao interior do rancho, discutiu com o médico quanto à remoção do corpo. Após terem fotografado o ambiente, apanhou ao pé do lampião a pequena caderneta de capa dura e preta. Lembrou novamente do chefe de polícia.

Saiu para a luz do sol para ler o conteúdo daquele achado. Na primeira folha estavam o nome do proprietário da caderneta, Máximo Trento, endereço e um recado: quem achar este objeto entregar ao proprietário na Av. Protásio Alves nº 35, será bem recompensado.

Havia sinais claros de que a segunda folha tinha sido arrancada, a numeração ao pé das páginas saltava do número dois para o número cinco. Também faltavam as páginas 17 e 18.

As páginas remanescentes apresentavam nomes, para ele desconhecidos, endereços, telefones e valores em cruzeiro.

O delegado guardou a carteira no bolso interno do casaco.

Quando Beta chegou em casa para breve descanso e assim recuperar as forças, Manecão estava deitado – Manoel, acorde! Venha tomar café! O enterro vai ser às onze horas.

Após o almoço e depois de ter feito uma breve sesta, Manecão foi até a pensão, conversar com Valentim. Ao abrigo do quarto, depois de um longo abraço, Manecão contou todos os acontecidos:

- Está morto, filho, o corpo já deve ter sido encontrado, agora é aguardar os acontecimentos.
- Pai, deixou lá o jornal e a caderneta?
- Sim, conforme o combinado.
- Bueno, pai, a polícia está agora tomando conhecimento dos nomes constantes da caderneta. O José Maria var ser preso, o perigo é ele mandar algum de seus asseclas perseguir a mim e a nossos familiares. O problema imediato foi resolvido com a morte do delegado, mas e daqui pra frente?
- Valentim, eu retirei da caderneta as folhas onde constava o nome do pai e do filho.
- Por que fez isso, pai?
- Ora, meu filho! Os investigadores, certamente, vão chegar ao José Maria através dos demais nomes existentes na caderneta. As folhas faltantes acabam por nos livrar de qualquer suspeita, pois é óbvio que o delegado não deixaria o seu nome na caderneta e muito menos o do filho. Sua primeira providência ao pensar em morte seria preservar sua história, como delegado e homem de bem, e a segurança de seu filho.

Valentim concordou com o pai por alguns instantes, coçou a cabeça, caminhou no quarto e falou.

- A ideia foi muito boa, isso realmente afasta de nós qualquer suspeita.
- Por outro lado meu filho, você não leu ainda o jornal de hoje, está aqui, vai ficar contigo. Verás que foram encontrados mortos em sua residência, por vizinhos, Itamar Gonçalves e sua mulher, ambos funcionários da Santa Casa. O delegado está relacionando esta morte com a morte de Máximo Trento. Veja você que José Maria ou seus mandantes estão escondendo todo e qualquer rastro.

O delegado Agenor ligou para o chefe de polícia ainda naquela noite. Expôs toda a situação: a suspeita de suicídio do delegado José Mário; a confirmação de que ele assassinou um morador da cidade através de confissão do próprio em letras marcadas em um jornal no qual pedia perdão pelo ato, fato que indicava ter assassinado a pessoa errada. Por último, informou ao chefe que estava em seu poder a caderneta.

- Nesta caderneta consta o nome de José Mário e de seu filho José Maria?
- Não, senhor, não consta, todavia, folhas da caderneta foram arrancadas.
- Pelo que me falaste, considere o caso do José Mário como suicídio, anuncie que foi ele que matou o morador e arquite o caso. Mande-me imediatamente a caderneta, ela fará parte da investigação que estou desenvolvendo aqui na capital e em cidades do interior. Mande-me também o jornal usado pelo defunto.
- Fique tranquilo secretário, tomarei estas providências. Algo mais?
- Por último, como já lhe falei, continue atento ao médico Valentim. Deixe alguém de sua confiança observando na ferroviária. Se o médico embarcar me avise imediatamente. Obrigado e boa noite.

Na madrugada seguinte Valentim tomou o trem e voltou a Porto Alegre. Nesta mesma madrugada José Maria se espreguiçava nos lençóis da amante quando recebeu um telefonema avisando-o da morte do pai. Acordou Suzette e lhe avisou que ia tomar o trem para o interior, que seu pai estava morto e que ele ia descobrir o que tinha acontecido. Os trens de José Maria e Valentim se cruzaram em algum desvio lá pras bandas de Santa Maria. Valentim, ao chegar a Capital, ao desembarcar foi abordado por dois policiais, que lhe convidaram a lhes acompanhar para uma entrevista com o chefe de polícia.

- Doutor Valentim! Fez boa viagem? Tudo bem com a família...?
- Tudo bem senhor, em que posso lhe ser útil?
- Meu caro doutor, saiba que estamos investigando há algum tempo o tráfico de drogas no Estado e possuímos diversas informações, inclusive a sua participação em eventos que levaram uma quadrilha a invadir o hospital e matar um paciente seu, o italiano Máximo.

Neste momento adentrou na sala um policial com um envelope pardo e entregou ao chefe. Ele abriu o envelope em frente a Valentim, e para surpresa deste dentro estava a caderneta que o pai tinha deixado junto ao corpo de José Mário.

- Doutor Valentim! Creio que já viu caderneta igual a esta.

No silêncio de Valentim, ele continuou:

- Valentim, se assim posso chamá-lo, embora tenha sido noticiada nos jornais a morte de dois servidores de vosso hospital, nós, mascarando os fatos, criamos uma cortina de fumaça para a imprensa e para os traficantes desafetos do casal, com o objetivo de protegê-los. Em realidade somente Itamar Gonçalves veio a falecer, sua esposa, Thereza Eulália, embora em estado grave, sobreviveu, continua internada, confessou os acontecimentos ocorridos durante o assassinato do italiano e afirmou, inclusive, que uma caderneta, irmã dessa aqui, lhe foi entregue por Máximo.

Estamos como pode ver, Valentim, em um impasse. Restos de uma caderneta foram encontrados no banheiro do quarto do italiano. Outra caderneta foi encontrada junto ao corpo do delegado José Mário. José Mário, ao que tudo indica, suicidou-se lá em sua cidade. Ele tinha em seu poder esta caderneta, que acabou de chegar pelo trem em que o senhor também chegou. Não vou questionar como o delegado morto tinha uma caderneta em seu poder, isto não é relevante ou é?

Não é relevante se o senhor tiver uma caderneta igual a esta em seu poder; caso contrário, o senhor passa a ser suspeito pela morte do delegado.

Valentim manteve a calma e respondeu firme o olhar de seu interrogador:

- Então Valentim existe uma terceira caderneta? Se existe me apresente, pois esta que está a sua frente está mutilada, faltam folhas.

E pegando a caderneta a folhou e mostrou ao doutor os sinais das folhas faltantes.

Valentim concordou com um aceno de cabeça:

- Portanto, doutor, como vê, preciso desta terceira caderneta. Sua existência tirará de vós qualquer suspeita e, se estiver completa, dar-me-á informações de fundamental importância para nossas investigações.

Valentim levantou-se, apanhou e abriu sua pequena mala, de lá retirou a caderneta. Também, neste momento, retirou dos ombros um peso que ele carregava há dias.

- Está aqui a caderneta que me foi confiada por Máximo Trento. Ele estava desesperado, e eu, por ingênuo e por estar em frente a um ser extremamente ferido e em perigo de morte, a guardei. Confesso-lhe que em princípio sequer a abri, enfim era algo pessoal de um paciente que se agarrava a este pequeno objeto como sendo seu seguro de vida. O problema era muito maior do que eu suponha e rapidamente se precipitaram os acontecimentos.

O Chefe olhou detalhadamente aquela brochura, verificou que estava intacta, nas folhas três e quatro constava o nome de pai e filho, José Mário e José Maria, e nas folhas dezessete e dezoito constavam os nomes de João Cunha, o escrivão e de Bené da Garrucha.

O chefe com um sorriso nos lábios ligou, ali mesmo em frente a Valentim, para o delegado Agenor, após cumprimentá-lo decretou.

- Agenor! Deve ter chegado ou está chegando à cidade o filho do falecido José Mário, prenda-o, acusado de tráfico de drogas e assassinato. Prenda também o escrivão João Cunha, por tráfico.

- Delegado! Quem é Bené da Garrucha?

- Bené da Garrucha é o cabo Benedito Ruas.

- Prenda-o pelo mesmo motivo, tráfico. Foram eles, o escrivão e o cabo que certamente retiraram as folhas da caderneta para encobrir seus nomes. O José Maria deve vir escoltado para a capital no próximo trem, os outros ficam presos aí mesmo, até segunda ordem.

EM 1954 José Maria era um dos líderes da perversa Casa de Correção de Porto Alegre, liderança obtida pelo controle do jogo e fornecimento sistemático de álcool e drogas aos demais apenados. Foi um dos incentivadores do incêndio que corroeu aquela pocilga medieval. Oficialmente não houve mortes nem fugas, no entanto, sabe-se de sangrentos ajustes de contas entre presos com esfaqueamentos e degolas. José Maria desapareceu naquele dia.

Esperidião, que por anos ajudou Manecão nas vendas e se tornou por isso quase um membro da família, por incentivo de Beta e por uma bolsa de estudos conseguida por Hildegard, estudou com dedicação em escola noturna particular, formando-se em contabilidade. Por ter sido um aluno exemplar, o melhor da classe, foi indicado por um professor a uma grande empresa de São Paulo e pra lá se deslocou para estagiar e futuramente assumir a contabilidade de uma filial no Estado de Santa Catarina.

Certa tarde, quando ia a um cartório reconhecer a firma de documentos em uma travessa da Avenida São João, centro de São Paulo, notou que havia em um canto sob uma marquise uma simples banca de jogo do bicho, igual a tantas existentes em diversos locais da capital. Em realidade era uma pequena mesa de armar; sobre esta, blocos de papel, caneta e carbono; na parede pendiam, presos a prendedores, bilhetes e listas de loterias. Vigiava este local um senhor de meia-idade, embora houvesse uma cadeira de metal ao lado da mesa, ele estava em pé.

Era uma tarde quente, e o homem vestia calça leve e uma camisa de física que lhe deixava o braço descoberto. Esperidião viu que braço e antebraço apresentavam sinais de queimadura e que o homem ao se mover tinha uma perna dura, sem movimento do joelho.

Ele e o bicheiro se encararam, o bicheiro desviou o olhar, mas Esperidião teve a certeza de reconhecê-lo. Logo lhe veio à memória aquele menino que um dia jogou uma bombinha dentro do carrinho de cachorro-quente...

Tomado de curiosidade e coragem, pois era sabedor que José Maria tinha morrido no incêndio da Casa de Correção, se aproximou:

- Buenas tardes José Maria!

- Quem é você?

- Não está me reconhecendo, tem razão, eu era menino quando nos vimos pela última vez. Eu sou o Esperidião, pipoqueiro que ajudava o Manecão, pai do Valentim.

- Meu Deus! É você mesmo, virou homem, moleque...

- Sim! Agora moro aqui em São Paulo. Está vivo, lá todo mundo acha que você morreu.

- Bueno, é uma longa história. Embora queimado, mostrou o braço, e, com perna dura, apontou para o joelho, vou vivendo.

Sorrindo ele continuou:

- Faz muito tempo que não converso com alguém de nossa terra. Venha, vamos tomar um café no boteco da esquina.

José Maria recolheu rápido suas tralhas enquanto Esperidião ia ao cartório; se encontraram no bar. Conversaram amenidades, e o bicheiro contou suas aventuras ao jovem:

- Pois te digo, Espiridião! Comi o pão que o diabo amassou naquele presídio, local insalubre, com marginais da pior espécie, suicídios, assassinatos, estupros, tuberculosos, enfim o próprio inferno na terra.

Consegui me manter quase incólume, pois montei ao lá chegar um esquema de fornecimento de drogas e álcool. Fui um dos líderes do movimento e do planejamento de incendiar o cadeião e possibilitar a nossa fuga.

Com o dinheiro que consegui no tráfico, subornei um guarda e consegui roupas civis. Ao estourar o motim me vesti rapidamente e tentei chegar junto aos guardas, enfermeiros, dirigentes, jornalistas, enfim, ao povo que veio para enfrentar a tragédia.

Quando corria pelos corredores, com a camisa na mão tapando o nariz por causa da fumaça, um desafeto de desentendimentos antigos por negócios com drogas me empurrou contra um colchão em chamas. Foi aí que queimei o braço; consegui me levantar, esmurrei-o jogando-o ao chão, um comparsa dele, em realidade um travesti, seu amante, me atacou com um chuchó, levantei a perna para me defender e ele furou meu joelho. Naquele inferno que se formou fui empurrado por uma leva de presidiários. Com dores profundas saí para o ar livre, fui tomado por civil e levado para a Santa Casa.

Por estas coisas do destino fui atendido pelo Valentim, me tratou, me curou das queimaduras, nada pôde fazer por meu joelho, fiquei com a perna dura.

O Esperidião era todo ouvido, estava impressionado com a narrativa. Pediu mais um café pingado e disse ao José Maria que prosseguisse.

- Tenho certeza que um deles, o Valentim ou o Manecão, matou meu pai. Hoje não lhes tiro a razão, pois meu pai foi a Passo Fundo disposto a tudo, inclusive matar o Valentim para obter os documentos de que necessitávamos. Atualmente mais maduro e experiente sou agradecido ao doutor. Além de me tratar, deu-me dinheiro para a passagem e para me manter aqui em São Paulo por seis meses. Como vê, continuo na contravenção. Jogo de bicho e loteria rende alguma coisa, mas é tudo fachada. Naquela caixa de hidrante, tenho drogas e uma clientela que me procura no início da noite. Assim vou vivendo, está tudo bem. Gostaria de ter notícias de minha filha Maria Clara! Tens informações dela e da mãe?

- Não tenho tido notícias ultimamente, sei que continuam morando com o avô em Palmeira. Vou para o sul nos próximos dias, ao voltar trarei informações para você.

Conversaram por mais algum tempo, Esperidião matando a curiosidade de José Maria sobre as coisas da terra e ouvindo histórias de tráfico, morte, sofrimentos e desesperanças...

Data : 15/06/2016

Título : A MALDIÇÃO DO CAIPORA

Categoria: Contos

Descrição: Chamou pela moça. Quando ela entrou, a cozinha se encheu de luz. Eu entendi de imediato a tragédia do Eurípedes...

## A MALDIÇÃO DO CAIPORA

Meio da tarde, estou em frente ao meu rancho, quando vejo o Gumercindo se aproximando, bombacha de brim, lenço, boina e alpargatas, uma cuia com bocal prateado e uma chaleira de ferro nas mãos. Gumercindo é meu vizinho de frente, solteirão, beirando aos quarenta anos, telegrafista da Viação Férrea, perdido nas noites, no jogo de truco e no carinho do chinaredo. Meio desavergonhado, mas gente buena.

- Buenas tardes, vizinho! Há horas que te vejo pensativo, preocupado, caminha um pouco, encosta-se a este portão, parece que tem bicho carpinteiro. Estás com algum problema? Trouxe um amargo para prosearchos e para te acalmar.

- Pois olhe, Gumercindo, tô mesmo meio abichornado; sente aqui neste banco! Este chimarrão veio em boa hora. Se tiveres paciência, vou te contar uns acontecidos e o porquê desta minha angústia, que me faz caminhar daqui pra lá e de lá pra cá. Tu vais, então, entender todo o meu drama. Uma parte do causo, certamente, tu já conheces, pois foi comentado aqui na vizinhança, mas eu vou te dar mais detalhes.

--O) (O--

- Era um dia mormacento, fui com minha gaiota levar um guarda-roupa e um baú, lá na casa de meus compadres, o Waldemar e a Rita.

O povo me recebeu com alegria, e a Rita já foi me oferecendo um prato de coalhada e uma porção de pinhão, forrei o bucho, e me senti jantado, papeamos um pouco, tomamos um amargo pra rebater, dei um adeus e me mandei.

Trouxe no embornal meia cuca, presente da comadre. Também não cobre nada pelo frete! Gente minha, compadres e meio aparentados.

Aproveitei a viagem e passei na Cruzinha, e fiz uma reza pra Maria Pequena.

Toquei meu tordilho e, já na hora da Ave Maria, cheguei ao Chafariz da Mãe Preta, ali me recostei, fiz um palheiro, com um fuminho vindo lá de Sobradinho, vendo o sol começar a deitar por trás do arvoredado.

As lavadeiras recolhiam as roupas, me davam um buenas tardes e seguiam para suas casas, levando sobre as cabeças bacias com roupas alvas.

Agarrado nas saias daquelas mulheres ou correndo em volta sempre tinha um piá ranhento.

Fiquei ali sentado, sentindo o perfume da tarde, o cheiro da terra, vendo o sol morrendo e as estrelas aparecendo.

Ponteando veio a Estrela D'Alva. Foi escurecendo e foram chegando devagarinho as Três Marias, o Cruzeiro e logo o céu estava coalhado.

Dei uma tragada, sentindo o peito apertado, te confesso. Até uma gota de lágrima correu, por ver tanta beleza.

Se meus olhos refletiam o brilho das estrelas, meus ouvidos ouviam o cantar da água escorrendo da fonte por entre os tanques onde boiavam as tábuas das lavadeiras.

Tu sabes, sou andejo, vivo só, desde que a mulher partiu, que Deus a tenha, e que meus filhos se foram para capital formar família e me dar netos. Eu ando por aí, não tenho compromisso, sou aposentado do IAPI. Para passar o tempo, faço meus fretes e vou levando a vida.

Almoço onde me convidam, janto logo ali adiante, tenho esta casa, às vezes aqui me arrancho, mas também faço pouso na casa de algum parente, de algum amigo e muitas vezes me acomodo a céu aberto.

Na carroça eu carrego alguns de comer, biscoitos guarda-freio, bolachas, rapadura, erva-mate, um pelego e uma capa gaúcha que me serve de cobertor e me protege da chuva.

Ah... Sempre tenho na gaiota uma garrafinha de caña, que um ferroviário me traz lá de Marcelino Ramos, temperada com butiá, às vezes tempero com losna, outras vezes com bitter, enfim, dependendo de meu estado de espírito, eu faço a mistura.

Logo um silêncio foi baixando, ouvia-se ao longe um cão latindo e nas casas mais próximas o barulho e o choro de crianças.

Olhei mais uma vez para o céu, agora todo estrelado. Fixei-me no barulho d'água, minha pele arrepiou, uma brisa fria engolia o mormaço do dia. O Minuano se agitava querendo acordar.

Pra combater este frio, dei uma talagada na caninha, traguei o toco do palheiro, tudo isso para acalmar a nostalgia que teimava em apertar meu coração.

Dei mais uma bicada na caña, saquei os arreios do cavalo e o pus a pastar. Apoiei os varões da carroça num dos tanques de lavar roupa, nivelei, estendi o pelego e a capa, passei uma água na cara, no sovaco, escovei os dentes e deitei.

Iluminando a noite, as estrelas desceram do céu e voavam em forma de vaga-lumes, e um sapo coaxava no banhado.

Comecei a cochilar, sentindo o cheiro do pelego e o calor da capa. Tava quase ferrando no sono, quando me sobressaltei... Ouvi três estampidos, tiros, vindos da coxilha, pá, pá, pá, e o silêncio, voltou abafando tudo.

Dormi o sono dos justos. Quando o dia clareou, já me pus em pé.

Senti de imediato aquela vontade de tomar um amargo. Tenho comigo erva, cuia e bomba, me faltava à água quente.

Ajeitei-me, arriei o cavalo, conferi a gaiota, comi um biscoito guarda-freio, uma fatia da cuca e me atinei de ir até a pensão da Maria Roncadeira, pra ajeitar o chimarrão, pegar uma água quente, quem sabe tomar um café com ela, afinal já fazia muitos dias que eu não via a comadre.

E assim eu fiz. Subi a coxilha, ao invés de ir para o lado de minha casa, entrei para a direita e já avistei a placa Pensão Dona Maria.

Bati palmas em frente e gritei, - Oh de casa! Oh de casa!

Ouvi as dobradiças rangerem e lá estava a Maria com uma cara de noite mal dormida.

- Bom dia, comadre! Quem é vivo aparece!

- Se achegue compadre, venha pra dentro!

Fui entrando e já indaguei - O que houve, comadre? Tá cum cara de velório!

- Mas então! ... Você num sabe, homem de Deus, da desgraça que aprontou o Oripe?

- Quem é Oripe, comadre? Não seria Eurípedes?

É, é isso aí! Aquele sarará que morava aqui na pensão faz bem uns três meses, filho do negro Clemente e da Joanhinha, aqueles que tinham fazenda ali pros lados do Pontão.

- Ah! ..., sim, sim, agora eu lembro! Eu vi uma tarde o vivente tomando chimarrão e proseando com a moçada.

- Mas, comadre! Quê desgraça foi esta?

- Pois não há de vê que o Oripe atirou na Sinhá Raimunda e na Lindinha e pra completar deu um tiro no ouvido.

- Maria! Foram os tiros que eu ouvi ontem à noite quando fazia pouso ali no chafariz.

- Se foi por volta das oito horas, é isso mesmo!

- E daí? Todo mundo morto?

- Sinhá Raimunda e o Oripe morreram na hora. Nela o tiro foi na cabeça, nele como falei, no ouvido. A Lindinha que era enrabichada dele, levou o tiro no peito, caiu, mas o disparo não foi matador. Está no hospital. Parece que escapa!

- Pela pelagem, parece que ele beirava aos sessenta anos?
  - Tinha cinquenta e oito, compadre.
  - Mal chegou a sua pensão e já tava de cambicho! Inda com a Lindinha, novinha e bonita como laranja de amostra.
  - O problema, ali, era a Sinhá Raimunda! Uma águia!
  - É verdade! É verdade!
  - Foi um ato de grande fraqueza, mas só quem conhece a história dele é que pode julgá-lo, ele era um infeliz.
  - Como infeliz?
  - Ele sofria de caiporismo!
  - Mas que história cabeluda é essa comadre? Nunca ouvi falar de..., como é que é mesmo? Caiporismo.
  - O) (O--
  - Amigo! Vamos tomar chimarrão enquanto eu te desfio esta história, mas antes come um bolo, uma fruta, para encostar o estômago. Eu também nunca tinha ouvido falar do tal de caiporismo, foi o Oripe que me contou.
  - A Joanelha, não sei se você sabe, morreu quando o Oripe tinha uns doze anos. Ele se criou com o pai, com o qual era unha e carne.
- Eles lidaram ali no Pontão, na Estância Sol Nascente, com criação de gado, plantio de milho e mandioca. Hoje a fazenda, que foi adquirida por uns alemães, se chama “Granja Dona Frida”.
- Depois de ali labutarem por muitos anos, mudaram para o Paraná. O Oripe já tava taludo, homem feito, passaram a trabalhar com madeira, na exploração do pinheiro, ganharam muito dinheiro, mas o pinheiro foi raleando, as leis foram ficando mais apertadas então, resolveram voltar para a pecuária e compraram terras no norte do Goiás.
- Dizia ele que nesta época o pai já estava envelhecido, mas que as terras eram muito boas e o clima seco e quente melhorou a saúde do Clemente, que sofria muito com bronquite e alergias.
- Nomearam a terra de “Fazenda Horizonte” que tinha uma pastaria de primeira. Criavam gado e plantavam de arroz de sequeiro.
- Região rica em mataria, que lá chamam de cerrado, e em águas, com muitos rios com miles e miles de peixes e muita caça.
- Você sabe, compadre! O destino e a desgraça sempre andam juntos, ali, na primeira esquina ou na primeira volta de um rio.
- Compadre, parou com o chimarrão? Se não tiver medo de azia, toca esta ambrosia que fiz ontem por cima do amargo.
- Estavam de uma feita o Oripe e o pai, consertando uma cerca à beira de uma mata fechada, quando ouviram o movimento de caça. Identificaram, pela buía e pela batida de dentes, que eram queixadas, porcos-do-mato.
- Estava ali, quem sabe, a carne saborosa para diversos dias.
- Pegaram as espingardas e foram cercar a vara, um pela direita e outro pela esquerda, com a ajuda de dois cachorros. Afunilaram os animais contra uma ravina. Foi quando para espanto, surpresa e mesmo para o início da infelicidade viram montados no queixada líder, o Caipora.

O Caipora, segundo contou o falecido, é um indiozinho de pele escura, peludo, de agilidade espantosa. Anda sempre pelado, lidera e protege a bicharada selvagem. Quem topa com o Caipora, com seu olhar fixo, penetrante, arrasta pra todo o sempre a infelicidade.

Voltaram para casa sem caça, com os olhos esbugalhados, como se estivessem enfeitiçados, isso durou bem uns três dias. Daí em diante montaram neles o azar, à infelicidade, a má querença.

Já não caçaram nem pescaram mais, o gado pegou a não reproduzir e a adoecer, as roças já não produziam, a tristeza se apossou deles.

O Clemente, quer pela idade, quer pela impaciência, começou a beber e a andar em má companhia. Numa noite, num frege de beira de estrada, foi assassinado, por conta de um jogo de cartas. Jogou a noite toda e não ganhou uma parada; era o caiporismo. Ele desconfiou dos oponentes, acusou-os de trambique e levou uma facada matadeira.

O Oripe se desesperou, enterrou o pai, vendeu tudo, ajuntou os recursos que tinha e voltou.

Comprou uma fazendola no distrito de São Sebastião, adquiriu um gadinho, porcos, ovelhas e plantou erva-mate, mas nada ia pra frente, continuava o azar.

Desesperado e ciente da situação, ele deu a propriedade às meias prum sobrinho, esperando assim driblar o azar e ter uma receita financeira.

Mudou-se, então, aqui pra minha pensão, isso há uns noventa dias.

Compadre, eu acredito na história que ele me contou, pois, o home vivia apoquentado, sem sossego, dormindo mal, tudo o que fazia não se concretizava. Veja, você! Nem no amor ele teve sucesso.

- Não me diga, comadre?

- Te digo, e te conto. Para desaparecer saía andando solito por estas baixadas. Numa tarde de garoa, entrou para se abrigar e tomar uma caña na bodega do turco Hasad. Ali sentada num banco, aguardando o tempo amainar, estava Sinhá Raimunda. Você sabe! Sinhá, agora finada, era daquelas que conheciam o rengo sentado e o cego dormindo, chamou logo o chegante para uma prosa. Após prosearem e terem repartido um tira-gosto de queijo e salame, Sinhá Raimunda, esperta como só ela, o convidou para tomar um chimarrão em seu rancho.

Ele me contou os acontecidos bem aí nessa mesa, sentado nesse banco, tomando café com pão de milho. Tinha um brilho no olhar de homem apaixonado.

Pois ele foi para este mate com a Sinhá, e lá lhe foi apresentada a lindinha, na flor de seus vinte anos. Tu já viu, pedaço de mau caminho, morena acobreada, com olhos verdes profundos, cabelos pretos como carvão, boca carnuda, seios empinados e as ventas abertas das mulheres que são insaciáveis no amor.

Tenho que falar por justiça, meu compadre. A Lindinha era uma vítima nas mãos da Raimunda. Filha de um amor proibido da cabocla Thereza com um judeu russo vindo de Quatro Irmãos. A Thereza foi assassinada num bochincho na bailanta do Vavá. Linda, este é seu nome, ficou órfão ainda bebê, o pai nunca foi encontrado.

A Sinhá criou a guriazinha por ser sua madrinha. Como lindinha cresceu e ficou uma beldade, a Raimunda a desviou e passou a viver por conta de seus favores sexuais. Sinhá Raimunda era uma alcoviteira.

Depois daquele primeiro encontro, o Oripe, já embeijado, voltava lá quase que diariamente e passou a exigir exclusividade. Para tanto assumiu todas as despesas da casa de comum acordo com a cafetina.

Sinhá queria plata, Lindinha gostava de jovens, por ser jovem, e o Oripe, mesmo sendo viril e mantendo as duas, carregava nas costas o peso da infelicidade e da desconfiança.

Quem sofre com o caiporismo não é burro ou cego, e o Oripe era vivido, e algo lhe dizia que as coisas não estavam como ele queria. Me disse mais de uma vez – Tenho um arrepio nos pelos e na boca do estômago uma sensação de estar sendo enganado. Resolveu, por isso, ficar de campana nos arredores do rancho da Sinhá. Foi dito e feito. Na calada da noite, via jovens, viúvos e desquitados adentrando no rancho, tomando chimarrão com a sua erva, bebendo sua caña e dormindo nos seus pelegos com a dona de sua paixão.

Um dia ele me falou - Dona Maria! Sou um azarado, infeliz, mas sou macho. Este povo tá enganado comigo...

Eu fiquei matutando, mas nunca sonhei com uma tragédia como esta.

- Pois então, meu vizinho, meu amigo Gumercindo, foi assim que tudo assucedeu. Levei a Maria Roncadeira no enterro e levei-a pra visitar a Lindinha no hospital.

--O) (O--

Maria, que é muito servideira, chamou a Lindinha para ficar na pensão no período de recuperação, coisa de trinta dias para se recuperar, se arribar e ganhar algumas carnes, pois, você sabe, sopa de hospital derruba qualquer vivente.

E a moça ficou por lá, foi melhorando, ficando de pelo liso, coxuda e de bunda arrebitada.

A Maria Roncadeira começou a se preocupar, afinal, ali é uma pensão familiar, e, você sabe, a rapaziada não perdoa.

Um belo dia, domingo, depois da missa, me ia passando por lá, desta feita a cavalo, no meu tordilho. A Maria me chamou.

- Compadre! Se achegue pra cá! Preciso de um particular com tu.

Acheguei-me, a mesa tava cheia de quitutes - uns salgados outros doces - um café no bule e um chimarrão pra ser começado. – Sente compadre! Sirva-se! Por onde tem andado?

- Por este mundo de meu Deus, como um andarengo compromissado só com a lua, com o vento e com as estrelas...

- Compadre, preciso trocar uma ideia contigo, pois tu conheces toda a história. Há de vê que a Lindinha tá aqui comigo, sã, salva e muito mais linda que antes, com boas roupas, com dinheiro, pois vendeu o rancho da Sinhá, e exalando perfume de mulher.

Inda mais, compadre. Tu sabes que esta pensão é familiar, mas aqui tem muito bagual e pouca água, e isso é um barril de pólvora...

- Sei, sei, comadre!

- Meu compadre, tu andas pelo mundo, um dia aqui outro acolá, tem uma casa que é um brinco, toda mobiliada, que fica semana após semana fechada, necessitando de uma limpeza, dos cuidados de uma mulher.

- Tô começando a te entender, comadre!

- Eu já falei para a Lindinha. Ela entendeu meu lado e, achou a minha intenção razoável, se dispôs a cuidar da tua casa, quer estudar, mudar de vida e quer te conhecer...

- Gumercindo do céu! Deu-me uma tosse comprida neste momento, me prendi a tosse, a espirar, e o coração disparou de puro nervosismo...

- Mas comadre!

- Compadre! Não tem grê - grê pra dizer Gregório; preciso da tua ajuda! Sei que você é respeitador e um pouco mais novo que o falecido Oripe, mas.... Acho que posso confiar em tu. E resmungou dela pra ela mesma: será o Benedito? Home é tudo igual...

Chamou pela moça. Quando ela entrou, a cozinha se encheu de luz. Eu entendi de imediato a tragédia do Eurípedes..

Foi uma conversa comprida, como se fosse um contrato. Ela se comprometeu com muitas coisas, eu não me comprometi com nada.

Então, com calma eu lhe falei.

- Dona Lindinha, a vida é uma estrada sem volta. O que aconteceu, aconteceu, vou lhe respeitar. Se ficares no teu carreiro, eu ficarei no meu, mas se vieres no meu trieiro... Bueno aí! A carne é fraca, exigirei respeito, não costumo errar tiro e não sofro de caiporismo.

Ela e a Maria concordaram acenando com a cabeça. Foi assim assinado um contrato verbal entre nós, tendo a Roncadeira como testemunha.

- Este é o motivo, Gumercindo, de eu estar tão apreensivo. Eu era apenas um observador dos acontecimentos, daí, por artes da comadre Maria Roncadeira, com quem não posso falhar, passei sem querer a ser ator.

Inda hoje, a Lindinha, está se mudando pra cá, tô suando nas mãos, tenho uma bola aqui na barriga, que será de mim... Mandeí dar uma limpada e acortinei a casa, comprei uns trens de cama.

Sei não, sei não...!

Ficamos ali conversando, tomando chimarrão, e o Gumercindo, bem-falante, sorrindo, de vez em quando me olhava, assim, de relancina.

Comecei a ficar cismado...

Lembrei que papai sempre me dizia:

- Filho, quando o céu está azul, céu de brigadeiro, olhe com atenção que, bem lá no alto, lá no alto mesmo, sempre tem um urubu, voando em círculos, observando e....., Bueno!

Pois foi o que aconteceu. Não é que o Gumercindo recolheu os avios de chimarrão e, ao me dar um adeus, com toda a tranquilidade, qual um corvo carniceiro falou:

- Preocupa não, vizinho! Se as coisas não andarem como você planeja, eu tô bem aí, manda lá pra casa, esta deusa da perdição.

Dei um sorriso amarelo e falei de mim pra mim mesmo - Mas é bem capaz...

Data : 20/09/2016

Título : A AGULHA INVISÍVEL

Categoria: Contos

Descrição: Naquelas terras perdidas nos confins do mundo, havia duas povoações e uma Capital.

## A AGULHA INVISÍVEL

Naquelas terras perdidas nos confins do mundo, havia duas povoações e uma Capital.

A Capital e Lugar Nenhum foram fundadas há mais de um século pelo grande líder Uzzy, que trouxe seu povo perseguido por bárbaros e inimigos milenares para aquele local isolado. Ele prometeu, aos que o seguiam, terras, alimento e paz. Cumpriu sua promessa. Não era, como outros líderes, conhecido como rei, mas sim como o Benfeitor.

O Benfeitor nomeou toda aquela área ocupada, todo aquele território como Terras de Zzy.

Seu filho, Uzzy II, seguiu sua linha política de justiça e benemerência e construiu a Capital. No entanto, seu neto, Uzzy III, e agora o bisneto, Uzzy IV, explorava o povo de forma vil e, por isso, não era chamado pelo povo de Benfeitor, mas sim de Feitor.

Havia, ainda, um pequeno e pobre povo, da mesma etnia, que migrara para aquela região em outros tempos. Uzzy os visitou, falavam o mesmo idioma e tinham os mesmos costumes. O Benfeitor os incorporou na nação que nascia. Viviam eles em uma região totalmente diferenciada, terra muito pobre, da qual, era muito difícil tirar o sustento. Dependiam basicamente de uma planta chamada Nadica. Aquele recanto, dada a pobreza e o pouco que produzia, era conhecido por Nada. Nada era isolada e distante da Capital.

--O) (O--

A capital era cercada por altos muros em forma de pentágono. Em cada vértice, havia uma guarita; dali guardas armados observavam o que acontecia em seu interior e vislumbravam tudo que ocorria nos campos que cercavam a cidadela.

O Feitor, que tudo comandava, dizia-se filho do trovão, Tuazzy. Naquele mundo perdido, Tuazzy era a divindade.

O Feitor era arrogante, vaidoso e orgulhoso. Tratava aquela população pobre e infeliz com mão de ferro. Cobrava impostos todo semestre; quem não pagasse não entrava no interior da cidadela, ficando impedido de comprar ferramentas e outros bens, que só eram encontrados no interior do forte. Ficavam ainda proibidos de consultar os curandeiros que tratavam as doenças com ervas e pomadas, bem como de ir ao templo, adorar e queimar essências a Tuazzy.

O castigo para quem não pagasse os impostos era ser transferido para Lugar Nenhum. Lá trabalhariam até pagar seus débitos. Embora fosse possível, ninguém em sã consciência ia ou queria ir para o lugarejo Nada.

A Capital além-muros possuía ricos campos, onde floresciam a agricultura e a pecuária. As terras eram férteis, e o Trovão os provia de chuvas com regularidade.

Com essas condições climáticas favoráveis, produziam-se em larga escala arroz, trigo, cevada, aveia, romã, uva e figo, além de fibras utilizadas no vestuário: algodão, linho e cânhamo. Ovelhas e bovinos de corte e leite espalhavam-se por pastagens de invejável qualidade.

O Feitor tinha ainda a felicidade de possuir, ao norte da Capital, uma mina de ouro e outra de prata. Neste local frio e ermo, pedras preciosas abundavam no leito de pequenos córregos e rios.

--O) (O--

Lugar Nenhum, ao sul, distava quatro dias a cavalo e seis dias de carroça da Capital, e entre os dois povoamentos havia um pequeno e escaldante deserto. Em Lugar Nenhum, as terras eram pouco férteis, e o Trovão quase se esquecera daquele povo. As chuvas, ali, eram menos frequentes.

Dada a distância e as agruras da travessia, o Feitor mantinha em Lugar Nenhum o Favorito, que o representava com mão de ferro. Cabia ao Favorito, além de outras atividades, recolher impostos atrasados, obrigando os devedores, que em sua grande maioria eram agricultores, a produzir raízes como a mandioca e a batata doce e a trabalharem em uma mina de sal existente no deserto.

--O) (O--

Nada ficava a oeste, formando um triângulo com a Capital e com Lugar Nenhum. Nada ficava aos pés de uma cadeia de montanhas, de basalto negro. A paisagem era dominada por um pequeno vulcão, Puyzzy, sagrado para os moradores de Nada. Puyzzy lançava vapor e cinzas constantemente. Essas montanhas não permitiam o acesso direto de Nada à Capital. Nada distava doze léguas de Lugar Nenhum. Um caminho rudimentar, em verdade um trieiro, ligava as duas comunidades.

Nada era apenas uma ruela, com paupérrimos habitantes. As terras eram de péssima qualidade. Não chovia. Tuazzy esquecera-os completamente; a água provinha do degelo das montanhas. Essa água enriquecida com nutrientes emanados do vulcão molhava a Nadica, único vegetal que vingava naquele local esquecido.

O Feitor não cobrava impostos em Nada. Nada produzia praticamente nada, e manter ali um Favorito era mais caro do que o imposto que seria arrecadado com a produção de Nadica e derivados.

--O) (O--

Nadica, árvore de porte médio, com longas folhas fibrosas com as quais o povo fazia suas grosseiras roupas azuladas. Os habitantes de Nada eram chamados, por esse fato, de azuis ou de povo azul. A Nadica produzia um fruto oval carnosos rico em nutrientes que era consumido in natura. Quando abundava a produção, desidratavam a polpa para o consumo no período de entressafra. Ela só crescia e se multiplicava em Nada, totalmente dependente das emanações de Puyzzy, cujas cinzas ricas em minerais possibilitavam o desenvolvimento pleno daquele estranho vegetal. As sementes, quando trituradas e transformadas em pó, eram medicamento para diversos males.

Por consequência, era a Nadica de Nada que mantinha aquele povo. A renda obtida com a venda do pó da semente e do fruto desidratado é que possibilitava a compra em Lugar Nenhum de outros produtos para a população de Nada. É bom também contar, embora o povo de Nada mantenha isso em segredo, que as pétalas das flores de Nadica, quando secas e trituradas, transformavam-se em excelente energético. Esse pó, tomado com o mel que as abelhas produziam a partir da flor dessa planta maravilhosa, possibilitavam longas caminhadas e sustentavam os viajantes em viagens a pé, a cavalo, ou de carroça entre Nada e Lugar Nenhum e até mesmo para a Capital.

--O) (O--

Com o passar do tempo, e quanto mais envelhecia, o Feitor, a exemplo de seu pai, tornava-se mais irascível e maltratava o povo que tudo lhe fornecia e não recebia nada em troca. Aquele coração negro dizia só amar sua filha, Lyzza, cuja beleza era comentada e elogiada.

Lyzza herdara não só a beleza de sua bisavó, como seu senso de justiça, e sofria muito com as maldades do pai e o padecer do povo.

A maldade era tanta que Tuazzy se incomodou com esse fato e, na madrugada de uma noite sem estrelas, após trovejar baixinho sobre a cadeia de montanhas, derramou uma chuva caudalosa sobre Nada, o que não acontecia há centenas e centenas de anos. Trovejou e trovejou, e num último trovejar, que mais parecia um lamento, emitiu uma luz clara azulada, em direção à Capital. Essa luz se transformou em uma pomba que voou até as cercanias do pentágono, pousou e se converteu num coelho que cavou uma toca sob a muralha, e ao entrar nela transmudou em uma cobra negra com rabo espinhento em forma de espanador. Aquele ser horripilante rastejou pela escuridão e foi até o quarto de Lyzza, encostou-se à parede e disfarçou-se de vassoura.

--O) (O--

Em Nada, numa casa simplória, mas simpática, residia a viúva, Annazzy e seu filho Azzy, que apreendera e herdara do pai: agulhas, trenas, esquadros, réguas e demais utensílios que utiliza um bom alfaiate, um bom costureiro.

Azzy tinha pendores. Era um ótimo profissional, costurava no período da safra de Nadica, na entressafra comprava pó da semente e frutos desidratados e os levava para Lugar Nenhum, onde os trocava por tecidos e outros produtos vindos da Capital. Assim ele conseguia manter com relativo conforto sua mãe.

Azzy trabalhava muito, pois pretendia se casar com Tyzza, a mais bela jovem de Nada. Tyzza era filha de Zybezzy, antigo e respeitado morador daquela localidade. Zybezzy só daria a mão da jovem filha para quem lhe oferecesse uma moeda dupla em ouro e prata cravejada no centro com brilhante ametista na cor violeta. Essa moeda existia somente na corte de Uzzy IV. Para obter essa moeda, Azzy precisava comprar um forte e caro cavalo para cavalgar até a Capital, levando grande quantidade de pó de semente para trocar com os curandeiros do Feitor. Ele era um homem apaixonado e tudo faria para conseguir sua formosa Tyzza.

--O) (O--

Na estrada que ligava Nada a Lugar Nenhum, havia um grande mausoléu em blocos de basalto. Segundo a história, que passava oralmente de geração em geração, repousavam ali os restos mortais de um mascate. Mascate esse que, anos e anos atrás, trazia para Nada objetos diversos e os trocava por derivados de Nadica. Esse comerciante era estrangeiro e viajava sempre com dois filhos. Em sua última jornada, sentiu-se mal, faleceu, e os filhos construíram com blocos da pedra negra um grande túmulo onde todos diziam repousar o velho José. Foi colocada pelos filhos ao lado do jazigo, uma cruz.

--O) (O--

Lyzza, como fazia todas as manhãs após o desjejum, voltou ao quarto para varrê-lo, tomou a vassoura em suas mãos, e, ao iniciar o trabalho, um espinho do rabo da cobra, agora transformado no cabo daquela vassoura, feriu sua mão. O espírito da serpente, se é que assim se pode dizer, penetrou por aquele ferimento, e, num piscar de olhos, Lyzza estava irreconhecível; sua beleza angelical desapareceu. Seus belos cabelos ficaram secos e opacos; começou a caxingar de uma perna; o rosto se desfigurou, ficando um olho mais baixo que o outro, com negras olheiras; e a língua teimava em sair da boca, como fazem os ofídios. Um torpor tomou conta de Lyzza e ela desmaiou.

Lyzza foi encontrada por seu apaixonado cavaliariço, que, como acontecia todos os dias, veio à meia manhã chamá-la para cavalgarem pelos campos da Capital. O cavaliariço, Aluzzy, só a reconheceu pela pulseira em ouro, prata e pedrarias que ela usava diariamente.

O Feitor ficou desesperado ao olhar sua bela filha agora transformada em uma bruxa. Quando ele tocou sua mão, Tuazzy se manifestou em um trovejar baixo, rouco. Uzzy entendeu que ele, de alguma forma tinha ofendido o Trovão.

O Trovão esperava que Uzzy, ao ver a filha naquele estado e ouvindo o seu trovejar baixo e profundo, se reencaminhasse, tirasse a maldade do coração, compreendesse melhor seu povo, deixasse-o entrar na cidade para reverenciá-lo. Se esse fosse seu procedimento, tudo voltaria ao normal.

Mas o Feitor ficou a observar e logo sentiu nojo da filha; o amor que ele alardeava sentir por ela desapareceu. Não mandou matar aquele ser repugnante porque era sua carne e rapidamente tomou sua decisão.

Lyzza não podia permanecer na Capital, pois um ser que apresentava tantos defeitos depunha contra o conceito de saúde e beleza da família do Feitor. Uzzy entendia que a tradição de vigor, coragem e desprendimento tinha que ser mantida.

Uzzy não teve dúvidas. Enviou Lyzza para Lugar Nenhum aos cuidados do Favorito.

Em Lugar Nenhum ela foi fechada em um quarto, com todo o conforto, no entanto, dali não podia sair, pois o Feitor não queria que o povo a visse. Após dias de torpor voltou à lucidez. Seguiram-se longos momentos de desespero, quando espelhos foram quebrados e o quarto permaneceu nas sombras.

Veio então um conformismo, e ela pediu ao Favorito que mandasse buscar na Capital seus cavalos e o cavaliço, para que pudesse cavalgar de madrugada, com o rosto encoberto, para não ser reconhecida pelo povo.

E assim foi feito. Aluzzy, o cavaliço, era um moço íntegro, corajoso, humanitário e de bondoso coração. Fora apaixonado pela beleza física de Lyzza; agora continuava apaixonado, não pela beleza exterior, que não existia mais, mas por sua beleza interior, por sua inteligência, forma de ver o mundo e uma bondade que não existia em seu progenitor.

Aluzzy tinha sangue do Benfeitor Uzzy I; era, assim como Lyzza seu bisneto, fruto do relacionamento deste com uma concubina estrangeira, daí seus olhos verdes, cabelos encaracolados cor de ouro e pele branca, contrastando com a população de Zzy, que em geral possuía cabelos negros, olhos amendoados e pele amarelada.

Lyzza e Aluzzy cavalgavam diariamente. Ela adorava sentir o vento frio da madrugada tocando sua pele e roçando seus cabelos secos que sequer esvoaçavam.

Aluzzy descobriu, através de um comerciante de produtos de Nada, Azzy, que a polpa fresca de Nadica era boa para hidratar cabelos, dando-lhes vida, frescor e luminosidade. Lyzza passou a usá-la, viu os cabelos florescerem, e isso lhe trouxe grande felicidade.

--O) (O--

Tuazzy, o Trovão, precisava consertar o que tinha dado errado; Lyzza, não podia pagar pelas maldades do pai. Ele, lá do alto, com sua visão superior, engendrava providências.

--O) (O--

Já passava do meio-dia, e Azzy cavalgava próximo ao grande mausoléu dirigindo-se para Lugar Nenhum, onde planejava fazer trocas de produtos. Foi quando um trovejar seco rimbombou no ar. Ele pensou: Tuazzy está nervoso. No mesmo instante, como acontecia de sete em sete anos, houve um tremor de terra, provocando fortes emanções do vulcão. Esse violento sismo derrubou parte das pedras do grande túmulo, deixando seu interior à mostra.

Como num sincronismo perfeitamente ajustado, Tuazzy trovejou muitas vezes e, mesmo sem chuva, mandou raios e mais raios. O povo daquela região se recolheu para suas casas.

Azzy estava a campo aberto e nada sofreu. Com muito medo, mas com muita curiosidade, ele se aproximou daquela brecha aberta no centenário sepulcro e, para seu espanto, verificou que não

havia em seu interior qualquer sinal de restos mortais, mas sim uma carroça com a roda quebrada, carregada com tecidos, os quais, com a entrada do ar, se desfizeram em minúsculas partículas. Sobraram algumas vasilhas feitas em barro como panelas e potes, alguns artigos de couro e osso e uma pequena arca nas quais os mascates carregam joias preciosas. A arca estava vazia; aparentemente, quem enterrou a carroça carregou o que era de valor e de menor peso. Certamente esperava um dia retornar para buscar o restante das mercadorias. Fato que não ocorreu.

Revirando o pó que se formou pela desintegração dos tecidos, ele encontrou embaixo de um arreio uma pequena caixa toda em cristal, transparente e brilhante, certamente trazida de outras terras por José, o estrangeiro.

Saiu ao sol e observou aquele pequeno objeto que cabia em sua mão, abriu a tampa e nada havia em seu interior, somente o cheiro de um perfume que lembrava o sândalo. Cheirou o interior da caixinha e passou o indicador para sentir se o perfume aderiria ao seu dedo, e, para sua surpresa, aquela estrutura aparentemente lisa furou seu dedo e uma gota de sangue escorreu. O sangue coagulou e marcou o contorno de algo que o surpreendeu, algo que até aquele momento era invisível. Ele uniu polegar e indicador, apanhou e enxergou entre seus dedos uma transparente agulha que se confundia com a caixinha.

Como alfaiate, viu a qualidade do que tinha entre dedos, colocou-a novamente no estojo e ela voltou a desaparecer; viu que tinha em mãos uma agulha invisível. No próximo trabalho a utilizaria para testar a sua qualidade.

Voltou novamente a vasculhar aquele ambiente empoeirado. Quando estava quase a desistir de qualquer novo achado, encontrou embaixo da carroça uma fina corrente de ouro com um finíssimo crucifixo que apresentava no encontro dos dois braços um pequeno e brilhante rubi. Observou e admirou aquela obra de arte, vinha ela certamente de outras terras. Guardou-a com carinho, ela seria o presente de casamento à amada Tyzza. O achado deu-lhe ânimo, e ele voltou a investigar. Passa a mão daqui, passa a mão dali; a fina poeira se agarrava ao suor de seu corpo, o calor no interior do mausoléu era insuportável, mas tanto esforço foi recompensado. Para sua alegria encontrou um pequeno receptáculo de couro, em seu interior, um par de brincos em ouro num pingente em forma de cruz. Esse achado seria o presente de noivado para Tyzza, no dia que ele entregasse a seu pai a moeda dupla de ouro e prata. Fechou com cuidado o túmulo, deixando tudo como sempre esteve nas últimas décadas; manteria o acontecido como segredo.

--O) (O--

Lyzza, acompanhada de Aluzzy em seu passeio nas madrugadas, pelas cercanias de Lugar Nenhum, descobriu o quanto o povo, seu povo, sofria. Eram viventes malvestidos, mal alimentados, crianças esqueléticas.... Tomou consciência que a população era escravizada pelo pai, trabalhando dia e noite nos campos e na mina de sal e recebendo como paga uma pobre alimentação baseada em mandioca e batata doce.

--O) (O--

Ao comprar mais uma vez, polpa de Nadica,

Aluzzy descobrira que Azzy era costureiro, possuía estoques de tecidos finos e também de um grosseiro tecido azul, feito com as fibras de Nadica.

Como já conhecia Azzy há algum tempo e gostava do rapaz, pois este demonstrava ser sério, trabalhador e de boa prosa, indagou se ele costuraria para uma amiga que tinha sofrido um acidente e necessitava de roupas novas e de reforma em roupas antigas. Confidenciou que o acidente a tinha deixado com uma série de defeitos. Adiantou ainda que sua cliente manteria sempre o rosto coberto com um véu, pois não queria ser identificada e que todo respeito e segredo deste trabalho eram devidos, e que ela residia na casa do Favorito.

Azzy concordou; traria em sua próxima viagem suas ferramentas, ficaria hospedado na casa do Favorito, de lá não sairia até completar sua missão. Pelo trabalho Azzy seria recompensado com um forte e ágil corcel escolhido entre os cavalos por Aluzzy, que entendia de animais, pois, enfim, era cavalariço. Esse pagamento, um cavalo de qualidade, animou muito o costureiro, pois ele necessitava justamente de um animal nessas condições para ir à Capital buscar a moeda dupla. Sonhando com Tyzza ele se jogou ao trabalho.

--O) (O--

Tuazzy, a divindade, mexia as peças em seu grande tabuleiro.

--O) (O--

E assim Azzy passou a morar, mesmo que temporariamente, na casa do Favorito e a costurar com sua agulha invisível, que, além de acariciar seus dedos, dava-lhe uma perícia até então desconhecida, e os tecidos se entregavam àquela pequena e brilhante hastezinha. Criavam-se peças perfeitas, inigualáveis.

Tirou as medidas com dificuldade tanto para as reformas quanto para os vestidos, enfim, uma perna era mais curta, um braço mais longo, mas Azzy trabalhou com afinco, e chegou finalmente o dia da primeira prova.

Nasceu um dia abafado, pesado. O Trovão, de quando em quando, gemia sobre as montanhas; viam-se, sobre essas nuvens negras, raios e relâmpagos. Azzy chegou ao quarto onde Lyzza, com a cabeça encoberta o esperava.

O vestido foi passado para um serviçal que tinha a missão de ajudá-la. Lá fora, começou a cair uma fina e fria garoa. Ao longe, Tuazzy murmurava com insistência, às vezes apenas um sussurro, outras um som oco de quem está zangado.

Enquanto Lyzza se vestia para a prova, Tuazzy se movimentou das montanhas para Lugar Nenhum; trouxe consigo negras e pesadas nuvens, acompanhadas de relâmpagos e raios.

Azzy começou a prova, apoiado pela agulha invisível, por alfinetes e linhas de alinhar. Quando ele ajustava o tecido sobre o ombro esquerdo, acima do coração de Lyzza, Tuazzy despejou todo o seu mau humor, num potente trovão acompanhado de uma poderosa descarga elétrica; tudo tremeu. A mão de Azzy tremelicou, e a agulha penetrou no pescoço de Lyzza.

Lyzza deu um grito, Aluzzy pôs-se em prontidão com o grito da amada, e Azzy ficou pálido com sua surpreendente inabilidade.

Tudo aconteceu num repente. A cobra que habitava o corpo de Lyzza escorreu por sua perna mais curta e buscou a porta. Lyzza desfaleceu. Aluzzy sacou a espada e correu atrás da cobra e, antes que ela se transformasse, para seu espanto, em um coelho, ele decepou seu rabo espinhento em forma de espanador. O rabo num frenesi pulou daqui, pulou dali, e ao chegar ao canto de um muro se transformou num vegetal em forma de bola espinhenta. Esse cacto espinhento tornou-se conhecido como Sete Espinhos de Lugar Nenhum.

O restante da cobra transformou-se num coelho sem rabo, que fugiu rapidamente e logo se transformou em uma pomba que voou brilhando em direção às nuvens, rumando para Tuazzy.

Azzy acudiu Lyzza, agora desprovida de seu véu, e viu que ela, trêmula e em murmúrios, transformava-se. Azzy viu o quanto ela era bela. Aluzzy retornou ao quarto e viu o milagre, trouxe de imediato um espelho para que ela, ainda pálida, visse com alegria que tudo tinha voltado ao normal.

Ficaram os três por longos momentos em silêncio. Um sorriso brotava dos lábios de Lyzza, mas ela rapidamente colocou novamente o véu sobre a cabeça, escondendo o rosto.

Aluzzy perguntou o porquê desta ação, e ela lhe disse com tranquilidade – Não quero que o Favorito me veja recuperada. Precisamos agora manter as aparências e pesquisar tudo o que está acontecendo com nosso povo. Chega de sofrimento.

Informaram a Azzy, de quem Lyzza era filha, que contavam com sua discrição e que precisavam de sua ajuda.

Começaram a planejar.

O Favorito já tinha anunciado que na próxima semana iria a Capital prestar contas ao Feitor, e lá permaneceria por um mínimo de trinta dias.

Esse tempo era suficiente para que eles conhecessem em pormenores toda a situação da população que vivia em escravidão, identificassem lideranças e reunissem forças para invadir a Capital e destituir o Feitor.

E assim tudo foi feito. Aguardaram o retorno do Favorito e lhe deram voz de prisão.

Interrogaram o Favorito e descobriram que o Feitor estava muito doente, correndo grande risco de vida; tinha sido ofendido na perna por uma cobra sem rabo. A serpente escapou pelo vão da porta. O serviçal que a perseguiu viu somente um pequeno coelho, também sem rabo, correndo e passando por um minúsculo buraco para o exterior da muralha. A picada deixou o Feitor totalmente abatido, com a perna negra, dores lancinantes e uma febre que o aniquilava.

Entre olhares, eles entenderam tudo o que estava acontecendo.

O Favorito informou ainda que o Feitor tinha solicitado que sua filha retornasse à Capital. Precisava dela ao seu lado, não importava mais a sua situação física; era sua única filha, sabia que ela o amava e só ela poderia salvá-lo e salvar a dinastia Uzzy.

Agora tudo mudava. Lyzza reuniu os líderes, lhes deu as explicações necessárias. Convocou Azzy e Aluzzy para irem com ela à Capital. Azzy, tomando conhecimento da situação, levou consigo os produtos da Nadica, pó da semente que curava muitos males, polpa para fazer emplasto, além de pétalas e do mel como potente energético.

Lyzza cavalgava preocupada com a saúde do pai; apesar de tudo, ela o amava. Aluzzy, por outro lado preocupava-se com Lyzza e com toda aquela população semiescrava que ficara para trás, aguardando dela uma solução para seus sofrimentos. Já Azzy viajava feliz, pois tinha recebido como pagamento um excelente e vigoroso cavalo, estava indo para a Capital acompanhado da filha do Feitor e lá com certeza conseguiria, enfim, sua moeda dupla.

--O) (O--

Ao chegarem à Capital, Lyzza, agora com o rosto descoberto, foi saudada pelo povo, pois este a conhecia e sabia que ali habitava um coração generoso.

Encontraram Uzzy em estado desesperador, cercado de curandeiros, benzedores e rezadeiras que pediam a proteção de Tuazzy.

Lyzza pediu que todos se afastassem, observou o pai por minutos. Este sequer a reconheceu. Pediu a Azzy que usasse seus produtos derivados da Nadica.

Uzzy vagava em sonhos e transtornos; entre gemidos e lamentos chamava por Tuazzy.

Azzy limpou a perna, aseou a ferida negra, fétida e inflamada. Tomou de sua caixinha de cristal a agulha invisível; com ela punziu a ferida diversas vezes, e dali escorreu um pus negro. Com ares de profunda magia, a perna até então negra, começou a tomar uma cor rósea. Uzzy gemeu diversas vezes, acalmou-se, entrou em profundo sono, como se estivesse anestesiado.

Azzy aproveitou aquele torpor e aplicou na perna, sobre a ferida, pó da semente. Depois a cobriu com um emplastro feito com polpa dessecada e mel de Nadica. Misturou ainda mel com pétalas; esse alimento energético seria oferecido ao Feitor quando acordasse.

O Feitor acordou vinte e quatro horas após o procedimento, tomou mel com pétalas e voltou a dormir por mais um dia.

Acordou refeito; a perna estava curada. Pediu para ir ao Templo reverenciar Tuazzy.

--O) (O--

Uzzy reverenciou Tuazzy por duas horas. Retornou ao palácio com a paz e a tranquilidade no olhar. Quem o conhecia via que aquele Uzzy transtornado tinha ido embora e dado lugar a um novo homem.

Lyzza de imediato convocou o pai, Azzy e Aluzzy para uma reunião. Relatou que tinha pleno conhecimento do sofrimento e da angústia da população. O povo não suportava mais a carga de impostos, a proibição de entrar na cidadela para reverenciar Tuazzy, fazer compras e consultar os curandeiros.

Os devedores de impostos, exilados em Lugar Nenhum, que trabalhavam na mina de sal e se alimentavam de mandioca e batata doce, tinham se organizado e estavam concentrados no deserto. Ela tinha quarenta e oito horas para levar uma solução; caso contrário aquela multidão se moveria em direção à Capital, pronta para depor e até mesmo matar Uzzy e eleger um novo Benfeitor.

Expôs ainda aos presentes que se esta turba invadissem a Capital, colocava-se em risco a dinastia Uzzy.

Então, Uzzy IV, que a tudo ouviu, falou.

- Quero em primeiro lugar agradecer a vocês por virem me salvar. Agradecer a minha filha que eu exilei em Lugar Nenhum e, mesmo assim, esteve comigo quando eu mais precisei dela. Agradecer a Aluzzy, que teve paciência, perseverança e protegeu minha filha quando eu virei as costas a ela, mas quero principalmente agradecer a este estranho, vindo de Nada, que realizou procedimentos que me curaram, aliviaram minhas dores, dando a mim a oportunidade de me reaproximar de Tuazzy.

A você Azzy, eu quero recompensar. Como posso fazer isso?

Azzy, então, tomou coragem e se pronunciou:

- Há muito eu desejava vir à Capital, para obter uma moeda dupla, pois ela eu darei, como reza a tradição, ao meu futuro sogro e assim poderei casar com minha amada Tyzza. Tenho comigo produtos de Nadica, pó de semente, mel, flores e polpa dessecadas. Peço autorização para vendê-las a seus curandeiros; serão para eles de grande valia, e com a venda conseguirei minha moeda.

- Azzy, você pode vender seus produtos, mas deste palácio você levará para Nada cinco moedas em agradecimento, além de um passe que possibilitará sua entrada nesta Capital a qualquer momento.

- Lyzza, minha filha, volte com seus amigos ao deserto e diga-lhes que Uzzy IV é um homem modificado, temente a Tuazzy e que estou neste momento abdicando em seu favor a liderança das terras de Zzy. Tenho certeza que você tem a confiança do povo, que fará um governo de paz e amor e que tudo se modificará para melhor, tanto na Capital como em Lugar Nenhum e em Nada. Diga ao povo que me dedicarei a partir de agora ao Templo, serei um sacerdote de Tuazzy.

- Pai! Levarei vossa mensagem ao povo. Creio que serei bem recebida e prometo liderar mudanças, promovendo sempre a paz e a felicidade do povo. Quero ainda que abençoe minha

união com Aluzzy, pois há muito nos amamos e tenho certeza que nossa união será aprovada por toda a população.

- Querida filha, caro Aluzzy, que as bênçãos de Tuazzy se derramem sobre vocês. Que vossa união faça a felicidade de todo o povo de Zzy.

- Desejo, como Benfeitora, nomear Azzy como Favorito de Lugar Nenhum e Nada. Azzy, em meu nome, tem condições de levar justiça, paz e fraternidade àqueles que lá residem e terá recursos para promover o desenvolvimento e a qualidade de vida daquelas populações. Lugar Nenhum produzirá sal em quantidade para atender a toda a população de Zzy; os mineiros do sal trabalharão com ânimo, pois serão, a partir de agora, assalariados, e não mais escravos. Viverão, assim, com dignidade, dando conforto a suas famílias. As culturas da mandioca e da batata doce permanecem, mas incentivaremos a pecuária de leite para a confecção de queijos e manteiga e a criação de pequenos animais, desenvolvendo economicamente aquela região. Em Nada, reteremos a água que vem das montanhas, faremos canais e irrigaremos a Nadica com isso, teremos produção dessa planta maravilhosa para todo o povo de Zzy.

E assim foi feito.

--O) (O--

Azzy voltou, em seu belo cavalo alazão, para Lugar Nenhum e Nada como Favorito. Em Nada, já na sua chegada, foi visitar o pai de Tyzza para lhe entregar a moeda dupla e pedir oficialmente a mão de sua bela e adorável filha.

Ao se aproximar da morada, ouviu o choro da mãe de Tyzza, Marytyzza, um choro preocupante e desesperado.

Cachorros anunciaram sua chegada, e Zybezzy veio encontrá-lo ao portão. Conversaram à sombra de frondosa Nadica, e o futuro sogro lhe confidenciou que Marytyzza chorava aos pés da filha, que se encontrava muito enferma, correndo risco de vida.

Azzy correu até a humilde casa e encontrou sua amada prostrada em uma grosseira tarimba. Tyzza estava lívida, dormia um sono pesado; suas reações eram praticamente nulas. E Marytyzza, entre lágrimas, lhe disse que a filha se encontrava assim há três dias.

Azzy, com os olhos úmidos, pegou no interior de seu embornal uma moeda dupla e entregou a Zybezzy, dizendo-lhe:

- Meu sogro! Esta é a moeda que prometi que lhe traria no dia de meu noivado com Tyzza.

- Caro Azzy! Não posso aceitá-la, pois Tyzza beira à morte. Não percebes que ela está com a febre da nuca dura?

- Aceite, meu sogro! Ela beira à morte, mas não está morta. Com fé em Tuazzy, ela vai se salvar.

Com o rosto molhado por lágrimas, após passar a mão no rosto e na testa da enferma e verificar que era altíssima a febre que a consumia, abriu novamente o embornal e de lá retirou o par de brincos que vinha guardando para aquele momento.

- Peço autorização a vós, neste dia de nosso noivado, para colocar este brinco em ouro na orelha de minha amada Tyzza.

O casal, consternado, balançou a cabeça e disse:

– Sim, faça isso. Tyzza certamente ficará muito feliz com este belo presente.

Azzy tomou em suas mãos o lóbulo da orelha e verificou que não havia nenhum orifício para abrigar aquela pequena joia.

Pediu, então, aos pais de Tyzza licença para furar a orelha.

Abriu novamente aquela bolsa azul, feita de fibras, e retirou de lá sua caixinha de cristal, com a agulha invisível.

Tomou a agulha, massageou o lóbulo e esterilizou-o com álcool produzido com frutos fermentados de Nadica. Introduziu a agulha. Tyzza teve um estertor e gemeu; ele fez o mesmo procedimento na outra orelha. Tyzza voltou a gemer; após minutos, abriu os olhos, girou o pescoço, até então endurecido, à procura da mãe e do pai.

Sorriu para Azzy e voltou a dormir. Após descansar por horas, com o noivo sentado a seu lado, acordou. Tinha agora o rosto antes lívido, rosado; sorrindo, pediu água e alimento.

A alegria iluminou aquela morada, há dias triste e sombria.

--O) (O--

Noventa dias após, conforme as tradições do povo de Zzy, com a presença de Lyzza, a Benfeitora, e de seu esposo Aluzzy, assim como de toda a comunidade de Nada, Tyzza e Azzy se casaram, e ele pode finalmente colocar em seu pescoço a fina corrente de ouro com crucifixo que havia encontrado no jazigo de José.

Nesse mesmo dia, a Benfeitora e o Favorito inauguraram a primeira represa para conter as águas do degelo e irrigar a Nadica. Azzy aproveitou ainda aquele dia de grande alegria para ele, para Tyzza e toda a comunidade de Nada para inaugurar o Templo em honra a Tuazzy. Queimaram folhas secas e frutos de Nadica em respeito ao deus trovão. O belo local de adoração foi construído com as moedas duplas que ele recebeu na Capital. Em homenagem a José, o estrangeiro, ele colocou ao lado do Templo, a exemplo do mausoléu, uma cruz em madeira de Nadica.

Muita água foi armazenada nas represas, canais de irrigação foram construídos, novas culturas se estabeleceram.

Reunidos a sombra daquela imensa cruz, que parece proteger aquela comunidade, o povo comenta que agora chove mais em Nada e região, o trovão está mais clemente. Todos estão satisfeitos com a Benfeitora e o Favorito. Olham para o céu com frequência, carregam no pescoço pequena cruz e cultuam com fervor Tuazzy.

Nada e todas as terras de Zzy iniciavam um ciclo de fé, prosperidade e paz.

Data : 20/01/2017

Título : OS PROVISÓRIOS

Categoria: Contos

Descrição: Sendo o visitante mudo, João não viu perigo em chamar Yari para fazer café, servir água, bem como lhes preparar um chimarrão.

## OS PROVISÓRIOS

Cheguei à Pensão de Maria Roncadeira, onde sou mensalista, cansado e molhado pela chuva, fria e renitente, que me apanhou no último quilômetro. Vinha da fazenda que herdei de meu pai e de meu tio, lá pratico atividades agrícolas e pecuárias, e na cidade, leciono matemática e física no período noturno as quartas e quintas-feiras.

Entrei, pé ante pé; não queria acordar os que ali se hospedam e principalmente a Maria, pois ela, com a liberdade que tem comigo, certamente me passaria um pito por chegar tão tarde e todo molhado.

Não conseguia pegar no sono, tal era o cansaço. Resolvi, então, ler o velho Livro Sagrado, que ganhei de minha mãe, e que me acompanha há anos. Encontrei como em outras vezes, dentro daquele alfarrábio, a velha e amarelada carta de Dona Maria da Fé. Maria da Fé conta nesta mensagem parte da história de meu pai.

Este documento faz parte da narrativa que estou escrevendo sobre minha família, narrativa esta que servirá de documento para comprovar que não sou irmão da moça que amo e com a qual desejo me casar.

Uma nuvem de vapor subia do café recém-coado. O dia tinha nascido com nuvens que se enfeitavam de um encarnado intenso, prenunciando um dia de sol forte e de tórrido calor.

Apurei o ouvido e ouvi os cascos marchadores do cavalo de meu filho, vi o animal entrar pelo portão e estacionar junto ao galpão, como era seu costume.

Para minha surpresa, vi que o cavaleiro não era Paulo Ernane; era um estranho. Observei, também, que o ginete estava ferido, pois se apoiava no pescoço do animal e aparentava não ter forças para apeiar.

A carta caiu sobre meu peito, e eu ferrei no sono...

- Bom dia! Venha para a mesa! Se assente, o café tá fresquinho, os bolinhos ainda estão quentes.

- Bom dia, Maria! Desculpe se te acordei ontem à noite! Cheguei tarde e molhado por uma chuva que me gelou até os ossos.

- Que nada, guri! Vi quando chegaste! Virei de lado e continuei dormindo.

- Os arreios e a capa, molhaditos no mais, pendurei no galpão, para escorrer e secar, o cavalo eu larguei no potreiro, inda hoje levo o crioulo para a chacinha.

- E na fazenda, tudo bem?

- Tudo bem, muita lida: marcação, aparte, cercas para consertar, você sabe, Maria, aquelas lidas que não acabam nunca. Vim com toda a friagem porque preciso ir, à tarde, ao banco e tenho que corrigir provas e preparar uma aula de geometria.

- Nestes dias em que ficou fora, aluguei teu quarto para uns viajantes, desconto as diárias como de costume no teu pagamento. Aproveitei também e fiz uma limpeza em regra no teu quarto, lida pesada, que de há muito eu queria fazer.

- Hum! Hum! Gosta de mexer nas minhas coisas.

- Não se preocupe! Deixei tudo como tu gostas! Tudo no lugar.

- Tá bueno, Maria! Sei que fizeste pelo melhor.
- Tenho que confessar que, nos dias em que o quarto estava ocupado, levei tua mala, aquela de couro que seguido você leva para a fazenda, para o meu quarto. Dei uma organizada! Estava precisando! Dentro havia de tudo, além das roupas, algumas bem encardidas, uma hora dessas vou dar uma alvejada naquelas camisas, da navalha, da água de cheiro, da Bíblia e de alguns escritos, tinha pena de galinha, poeira, pedacitos de esterco e outras cositas mais.
- Mas bah! Você sabe que aquela mala é a menina de meus olhos.
- Não mexeriquei em nada! Não mexi por mal! Você sabe, homem é desorganizado, se deixar por conta de vocês uma mala linda como aquela, pode criar bicho.
- Mas é bem capaz!
- Outra coisa, não fique brabo, meu rapaz! Na hora da limpeza tava chovendo, eu tava sozinha, quando terminei me deu uma lombeira, me espalhei na cama e li uns escritos que guardas dentro da velha Bíblia, poemas e contos, gostei, achei uma beleza, só me encanzonei com a narrativa que estás a fazer, falando do Corpo Provisório, Pé no Chão. Tá ainda no início, o ali contado é verdade ou vosmecê escreveu tudo de cabeça, de imaginação?
- Barbaridade! Mas quem diria, hein! A Maria agora deu para ficar curiosa!
- Ah, meu amigo! Nossa amizade vai muito, mas muito além mesmo destes pequenos detalhes. Você é quase um filho para mim. Esta liberdade se permite a quem se tem afeto. Nunca nos estranhamos por estes pormenores.
- Tá certo! Tá certo, Maria! Deixa pra lá esta minha rabugice, eu é que ando meio cansado.
- É isso, é isso! Sempre nos entendemos. Mas me conta de cabo a rabo o que estás a escrever? Ah, sim! Antes que eu me esqueça, e aquela fotografia da Anna? Oh! Moça mais linda. Não sei se tu a mereces, gauchito danado!
- Meu Deus do céu, Maria! Você está impossível. Mas tudo bem, não adianta mesmo discutir contigo.
- Bom, agora que já tá mais calmo, vai me contar estes teus segredinhos?
- Enquanto você lava a louça e começa os preparativos para o almoço, sei que esta é a tua rotina, eu vou recolher minha capa, colocar os pelegos no sol e preparar um chimarrão com uma erva verdinha que comprei na bodega do João Gordo. Vamos, então, amargando, travar um bom papo e matar a tua curiosidade. Assim, também, eu posso desabafar um pouco.
- Já voltou, Honório Ernesto?
- Já, tô cevando o mate!
  
- Bueno, Maria! Enquanto a panela de feijão vai batendo a tampa, sente, tome um chima e escute, pois, este caso vem de longe. Vou te descrever como me foi contado por meu tio Onofre. É bom que se diga que tio Onofre era muito detalhista, e seus contos eram mais compridos que esperança de pobre. Pois, certa feita, eu era piazote, fomos solitos no mais tanger um gado nos fundos da fazenda e lá almoçamos um arroz de carreteiro. Enquanto cozinhava e tomava uma pinga, ele foi, devagarito, desfiando grande parte do que estou a escrever. Quando fiquei mais taludo, minha mãe, Yari, bem como os desenhos e pinturas meu pai completaram o cenário que eu tento descrever. Além, é lógico, da carta de Maria da Fé que certamente tu leste, em tuas mexericagens, e que me trouxe informações de um período da vida de Honório em terras paulistas.

- Tá bom! Tá bom! Não precisa ficar criticando minhas mexericagens, como já te disse foram feitas de boa fé.
- Tudo começou Maria quando o José Aquilino, meu avô, chegou das bandas de Palmeira.
- Pera! Pera aí, Honório Ernesto; é só colocar umas achas de lenha no fogão e nos prendemos na prosa.
- Pronto, tá tudo ajeitado, agora podemos prostrar sossegados.
- Corria o ano da graça de nosso Senhor Jesus Cristo de 1916 quando chegaram prestas bandas Zé Galinha, sua mulher Altina e dois filhos.

José Aquilino trouxe da Palmeira o apelido Zé Galinha, por ser hábil criador de galinhas e por vendê-las, já preparadas, nas feiras ou de porta em porta. Essa era a principal atividade econômica da família.

Comprou uma chácara, lindíssima com outras, e logo se empanou com o povo, pois gostava de um bom papo, de jogar cartas, chamarrear e, nos fins de semana, de uma pura.

José Aquilino beirava aos cinquenta anos, moreno do cabelo liso e olhos amendoados, certamente por uma ascendência indígena. Altina, que contava na época com quarenta e cinco, tinha pele alva, olhos castanhos-esverdeados e cabelos negros. Os meninos, gêmeos, tinham oito anos e pareciam demais com a mãe. Onofre era destrinchado nos estudos, escrevia e lia que dava gosto e era dono de boa prosa. Honório era surdo-mudo, resultado de doença braba que enfrentou quando tinha três meses, febre altíssima, escapou da morte, como por milagre, mas ficou surdo. Por esse motivo Honório não ia à escola e passava os dias ajudando o pai nas lides. À medida que crescia ia tomando conta das galinhas, abastecendo a cozinha com lenha cortada, com água, tangendo as vacas leiteiras montado em pelo no petiço Pirulito. As lidas com Pirulito e outros aporreados da região fizeram do mudo excelente cavaleiro. Com o passar dos anos os meninos foram pondo corpo, definindo musculatura, mãos grossas conseguidas no trabalho ao ar livre e na labuta de quebrar pedras, junto com o pai, na pequena pedreira ao fundo da morada donde extraíam paralelepípedos.

A família era muito unida. Quando chegavam do trabalho, banhavam e, enquanto Altina preparava o jantar, chamarreavam e proseavam. À noite se divertiam jogando cartas. Honório rapidamente aprendeu o pife, o três setes, a canastra e o truço, neste então ele ria, pulava, dava grúidos como poucos.

Zé Galinha tinha histórias pra contar, assim como os vizinhos, homens de meia-idade, que tinham, em sua maioria, peleado na revolução Federalista de 93, alguns sob o lenço colorado, Maragatos, enquanto outros assim como José Aquilino, pelearam de lenço branco, Pica-Paus.

Essas diferenças já não tinham mais importância. Eram homens criados. O que importava agora era uma boa prosa e um companheiro para juntos picar um fumo amarelinho, tomar um verde e, de quando em vez, quebrar uma canha pura ou misturada com butiá ou com casca de bergamota.

Passavam horas e horas lembrando as ações, os combates, os amigos, os comandantes. De vez em quando discordavam sobre ideias e outros detalhes, mas acabavam concordando que foram tristes aqueles momentos nas coxilhas em que irmãos enfrentavam irmãos. Tinham, o que é normal, outras diferenças, discutiam cada um defendendo seu ponto de vista, mas tudo terminava em exclamações de “deixemos isso pra lá”!, “passa-me a cuiá”!, “empresta-me o canivete”!, “quero fazer mais um baio”.

Os guris eram unidos. Onofre auxiliava o irmão nas comunicações; eles se entendiam perfeitamente por sinais, murmúrios e leitura labial; brincavam, corriam pelos campos sempre

na companhia dos cachorros, Vinagre e Pimenta, do petiço Pirulito e de uma égua, recém-comprada, ainda mal domada, a Princesa, que Honório em pouco tempo deixou de rédea ao chão.

Se Onofre era hábil na leitura e na matemática, Honório tinha pendores para o desenho, para a pintura. Pintava no início com carvão e depois com lápis comprados pela mãe. Com o passar do tempo sua vocação se fazia presente no dia a dia. Pintava tudo o que via, de paisagem a animais, de pessoas a equipamentos. Usava com frequência essa sua habilidade como forma de comunicação.

Ao final de 1930, naqueles dias em que os revolucionários gaúchos ataram os cavalos no obelisco em frente ao Palácio Monroe, na Avenida Rio Branco, onde funcionava o Congresso no Rio de Janeiro, colocando o Brasil sob o poder de Getúlio Vargas encerrando a República Velha, os irmãos estavam com vinte e dois anos. Onofre, por ser letrado, foi convidado pelo tio materno, Victor Hugo, conhecido pela família como Vito, para voltar a Palmeira e ajudá-lo na ervateira de sua propriedade. Esse tio, viúvo, não tinha herdeiros e abria-se aí uma possibilidade de Onofre se encaminhar na vida.

Onofre de início fazia os apontamentos, tomando conta das atividades no campo, coordenando os trabalhos de colheita da erva-mate.

Aconteceu então o imprevisível: Honório, não queria se separar do irmão, seu ídolo e protetor, com quem ele conseguia se comunicar com um simples olhar.

Como caçava frequentemente com o pai, pombas, perdizes e lebres, tornou-se hábil atirador. Essa habilidade era um ponto a seu favor, pois caçando ele auxiliaria o tio nas despesas com a alimentação da peonada nas lidas de coleta da erva.

Não teve jeito. Embora os argumentos do pai e a preocupação da mãe, o mudo se foi para Palmeira ao lado do irmão.

Lá, como estava programado, passaram a liderar um grupo de trabalhadores, que reunia uma gauchada de diversas origens, brancos, negros, índios, cafuzos e pelos-duros. Este povo trabalhava de sol a sol, desganhando os ervais, sapecando, acondicionando, transportando até o carijó, ao barbaquá. Enquanto Onofre controlava os trabalhos daqueles rudes. Honório, além da caça como estava programado, se empanou com aqueles brutos no corte da erva; tinha força e físico para isso, e logo todos o admiravam e respeitavam.

Dentre os coletores de erva-mate, estava João da Silva, apelidado de João Portuga, por ser filho do português Pedro da Silva. João fora casado com a índia Nadi Aramí, e deste casamento nasceu Yari, uma beleza de cabocla, pernas torneadas, coxas bem-feitas, dentes alvos e um olhar castanho ligeiro. A jovem tinha recebido esse nome em homenagem a Yari, a deusa dos ervais e protetora da raça guarani. João morava em um rancho à beira de uma mata na saída de Palmeira para Sarandi.

Numa tarde de chuva, quando retornavam carregados de produto em direção ao barbaquá, abrigaram-se no rancho de João. Foi quando Honório viu Yari.

Yari, por ser filha única e maior tesouro de seu viúvo pai, era mantida longe dos olhares daquela peonada, pois João desejava para a filha homens de melhor qualidade que lhe dessem um futuro de menor sofrimento, coisa que ele, embora trabalhasse duro, não podia lhe oferecer. Sempre que passavam pelo rancho, Yari, por ordens do pai, se escondia no quarto, mas curiosa espiava os visitantes por pequenos buracos de nó de pinho existentes nas paredes.

Honório a viu, quase que por acaso, quando ela surpreendida pela chagada do povo, correu do terreiro para o quarto. Foi uma visão rápida, mas ele ficou de imediato enfeitiçado.

O destino prega das suas e em tramoias e labirintos aproxima os amantes. Foi o que aconteceu. Honório num sábado à tarde, dia de folga, com o melhor cavalo que o tio lhe pôde arrumar, foi ao rancho do João na esperança de ver Yari. Quando bateu palmas no portão, Yari se escondeu. O portuga o recebeu com fidalguia, pois gostava do mudo, companheiro no eito, sobrinho e homem de confiança do patrão e de todos.

Sendo o visitante mudo, João não viu perigo em chamar Yari para fazer café, servir água, bem como lhes preparar um chimarrão.

Yari, tímida como um bichinho do mato, fez tudo que lhe foi ordenado e ficou, debruçada sobre a mesa, vendo aquele moço bonito, de pele clara e olhos verdosos, comunicando-se com o pai por gestos e sinais. Percebeu que João muitas vezes não entendia, e ela como que por artes e pela sensibilidade feminina, entendia melhor que o pai as expressões do mudo. Ela ficou admirada, pois o mudo com seus gestos e trejeitos, era “conversador” e muito risonho. O pai mandou que a filha se sentasse com eles, pois viu de pronto que ela entendia o Honório melhor que ele, facilitando a prosa.

Honório pôde então observar toda a beleza daquela fêmea que cheirava a flores silvestres e que usava no pescoço uma fina corrente de ouro com um pingente de cinco pérolas brancas que, enquanto ela falava com o pai e gesticulava com ele, se movimentavam, balançando de um lado para o outro, e como num feitiço de cores repousava sua brancura no sulco formado por aqueles seis morenos. O movimento daquelas pérolas era hipnotizante e quando elas se acomodavam entre os seios da bela china o mudo segurava um suspiro no peito.

Foi uma tarde agradável, e quando se despediram Honório sinalizou que voltaria no outro sábado e traria uma galinha se Yari a preparasse para o jantar. O portuga concordou com largo sorriso e a filha fez que sim, movimentando a cabeça.

Honório foi se aproximando devagarinho, ganhando a confiança de João, se entendendo cada vez mais com Yari através de sinais, murmúrios e gestos: das mãos, dos braços, da cabeça e mesmo do corpo. Essas expressões, essas mímicas transformaram-se aos poucos em carinho, e quando o pai percebeu o namoro da filha já ia firme, com promessa de casamento.

Em 25 de junho de 1932, sábado, Honório e Yari ficaram noivos, em cerimônia simples, com a presença do pai da noiva, do tio e de Onofre. Apareceram, ainda, alguns cortadores de erva, que cheios de sorriso cumprimentavam os noivos e comentavam a sorte daquele mudo, que estava noivando com a mais bela prenda da região. Mas este povoeiro estava mesmo interessado na boa canha do João, no arroz com galinha preparado pela noiva e na carne de paca caçada e assada pelo noivo.

Nas conversas com meu tio Maria, ele me confessou que assim como diversos jovem daquela região ele também era apaixonado pela bela Yari. No entanto, sabia que o irmão tinha encontrado uma pérola que o amava e que Honório, até por sua deficiência, precisava de uma companheira, e ele tinha, naqueles tempos, dado todo o apoio àquele relacionamento.

Em 9 de julho, também um sábado, o telégrafo, os jornais e as rádios noticiavam o deflagrar da Revolução Paulista, sob a bandeira constitucionalista.

Essa notícia movimentou muitos rincões brasileiros e gaúchos. E foi assim que no dia 14 de julho o Coronel Serafim de Moura Assis, sob as ordens do também Coronel Valzumiro Dutra, liderados pelo General Flores da Cunha à época interventor getulista no Rio Grande, sendo conhecedor da estirpe guerreira e valente do povo de Palmeira das Missões, convocou cerca de mil homens daquela região para formar o 3º Corpo Auxiliar da Brigada Militar. Os Provisórios.

Esses homens se apresentaram em Santa Bárbara às margens da ferrovia, e foram ali selecionados pelo Coronel, “a dedo”, 500 paisanos, formando, assim, dois esquadrões de 250 homens.

Onofre e Honório estavam entre aqueles homens vigorosos que se dirigiram a Santa Bárbara.

Honório, na despedida de Yari, não sabendo qual seria seu destino nas lutas que se avizinhavam, embora sendo homem respeitador, de família e amigo de João Portuga, levou Yari, sua noiva, para seus pelegos.

Ambos foram escolhidos para comporem um dos esquadrões do 3º, no entanto, ao final do dia, foi descoberto por um sargento que Honório era mudo e, por sua dificuldade de comunicação, não podia acompanhar as tropas.

Onofre procurou as autoridades e expôs que eram gêmeos, muito apegados, e que o irmão dependia muito dele para se comunicar e por isso ele não o largaria por nada desse mundo. A união era tanta que ele tinha deixado a noiva em Palmeira para acompanhá-lo. Observou ainda que Honório, além de ter um físico avantajado, era exímio atirador, não perdia um tiro quando caçava com o pai. Essa virtude, certamente, era por não ouvir e assim ter foco exclusivo na mira, e disse em tom de brincadeira - ele com uma arma na mão é “tiro dado e bugio deitado”.

Não teve lero, nem lero-lero, embora um eito de explicações. O mudo, segundo o comando não poderia ir.

Mas o mudo foi! De forma clandestina, se misturou naquelas centenas de homens, indo por matos e capoeiras e chegou junto com as tropas em Dois Irmãos, parada onde os Provisórios tomariam o trem com destino a Passo Fundo.

Honório escondeu-se em um dos vagões, e numa invernia danada chegaram a Passo Fundo. Receberam de imediato ordens para marcharem em direção a Lagoa Vermelha, onde segundo os boatos uma força insurreta dirigida por Batista Luzardo se dirigia vindo de Vacaria.

A marcha foi realizada parte em caminhões e parte em infantaria, enfrentando forte friagem e estradas em péssimas condições.

Depois de terrível marcha chegaram e acamparam em Lagoa Vermelha. Batista Luzardo, tendo ciência das forças que se dirigiam para aquela região, depôs armas, ainda em Vacaria.

Fizeram caravolta, e o 3º Corpo voltou enfrentando as mesmas condições climáticas e de estrada até Passo Fundo.

Como os componentes do Corpo Provisório ainda não possuíam fardamento, Honório permaneceu entre eles sem ser notado.

No entanto, ao chegarem novamente a Passo Fundo, todos receberam uniformes. Aquela gente simples estava radiante, faceira, envergando o uniforme de brigadiano. O mudo continuava com suas vestes simples de trabalhador rural.

O comando convocou novamente Onofre, que era conhecido, pois sendo instruído já ajudava a transcrever as ordens que circulavam entre os diversos comandos. Onofre voltou a explicar a situação do irmão e lhes garantiu que ele iria com certeza acompanhar as tropas, de forma clandestina, de carona; enfim, quando eles chegassem ao front ele chegaria junto. Voltou a explicar os pendores do irmão e sua habilidade no tiro.

O comando concordou que ele fosse como civil, mas se limitando como auxiliar nas lides de cozinha, no abate de animais e como churrasqueiro, alimentando aquele povo.

Neste dia Onofre e Honório tiveram grande alegria, pois José Aquilino e Altina, ficaram sabendo por recado vindo de Palmeira que os “guris” acompanhavam o 3º e foram até a gare da viação férrea abraçar e se despedir dos filhos. Foi grande o contentamento. No entanto, a frágil saúde de

Zé Galinha deixou-os preocupados: fumava muito, tossia muito, estava magro e com a pele macilenta. Não imaginavam eles que esta seria a última vez que veriam os pais.

Zé Galinha faleceu um mês após este dia. Com o falecimento do esposo e a preocupação pela ausência dos filhos, Altina entrou em depressão e poucos dias antes de ser selada a paz, em três de outubro, faleceu.

Se para muitos a viagem era monótona, para o mudo foi uma experiência inesquecível, Honório se deleitou, só fechava a janela do vagão quando chovia, caso contrário, observava o verde das matas, as sangas e os rios que cascadeavam, ladeando ou sendo cortados por pontes da estrada de ferro. Admirava o colorido dos pássaros que sobrevoavam a mata, rica em pinheiros. Olhava e olhava com meio corpo para fora do trem, só se recolhia para limpar os olhos, em lágrimas, devido a cinza expelida pela Maria Fumaça. Quase não dormia, era muita novidade. Seu talento de pintor aflorava com ímpeto e ele queria a tudo registrar. Arranjou lápis e papel. A noite ia para o restaurante onde existiam mesas e passava horas sob a luz pálida do vagão desenhando tudo aquilo que sua retina tinha armazenado durante o dia.

Enquanto isso Onofre, e os companheiros de farda, cantavam, contavam piadas ou jogavam cartas para passar o tempo.

No dia 12 de agosto, emocionados e tensos pois sabiam o que lhes esperava, chegaram à estação Floresta em Buri e no dia 15, o 3º Corpo Auxiliar teve seu batismo de fogo, participando da mais cruenta batalha daquela Revolução. O 3º, por orientação de seu comandante, coronel Serafim M. Assis, um estrategista, avançou por dentro da restinga do rio Apiaí para enfrentar um inimigo organizado e bem armado.

A mata Atlântica em toda sua exuberância fazia cílios ao rio Apiaí, que com suas curvas e cerração das primeiras horas do dia encobria com um manto verde a soldadesca e permitiu que estes se aproximassem do inimigo.

Os provisórios, mesmo mal armados, sem experiência, marchavam firmes, com os pés descalços, botinas presas na cintura e facões na cinta.

A batalha foi encarniçada, com muitas baixas. O pipocar constante de metralhadoras, o estampido dos canhões, o odor da pólvora, os gritos ensurdecedores, de homens que sentiam o cheiro da morte, transformou aquela região num verdadeiro inferno.

Onofre corria de um lado para outro transcrevendo e levando ordens. Honório que nada ouvia, permanecia sereno na retaguarda, mas o destino lhe deu uma oportunidade: como o remunciação era demorado pelas condições do terreno, um coronel mandou que ele acompanhasse outro soldado, levando caixas de cartucho para a frente de batalha.

Estava o mudo neste vai e vem, quando foi ferido de morte um atirador que usava um fuzil Colt. Isso aconteceu sob as vistas de Honório, que não teve dúvidas: pegou a arma, afastou o morto e, pondo-se sob a proteção de um cupim começou a atirar com calma e precisão. O mudo deu um apoio considerável aos tercerianos e pôde observar os companheiros, invadindo as trincheiras, saltando cercas de arame farpado e conquistando galhardamente a posição inimiga.

Houve muita comemoração quando os clarins anunciaram a vitória. Honório permaneceu impassível, embora entendesse o sorriso e a satisfação do comando e da soldadesca.

A atuação do mudo não deixou de ser notada, e ele foi muito cumprimentado pós-batalha, mas voltou para suas atividades de ajudante de cozinheiro.

Os paulistas recuaram para novas posições, previamente preparadas, e se entrincheiraram na picada Buri – Capão Bonito. E foi nessa picada e em seus arredores que batalhas sanguinárias foram travadas.

Nessas batalhas, sempre que possível os Provisórios buscavam o corpo a corpo, invadindo trincheiras e fazendo o inimigo provar o afiado de seus facões.

Nesta altura, de tantas lutas, mortes, sofrimento e sangue derramado, as tropas da frente sul começaram a admirar a coragem do povo palmeirense e se atentaram para o fato de que os integrantes do 3º Corpo em sua maioria, não calçavam suas botinas, simplesmente as prendiam à cinta para não as perder, andavam descalços deixando a marca de pés grosseiros e de dedos espalhados no chão. Foram então apelidados de “pés-no-chão”.

Os paulistas também observaram que aqueles que mais perto deles andavam invadindo suas trincheiras, no grito e na coragem, buscando o contato corpo a corpo com arma branca, não usavam calçados e também passaram a chamá-los, com certo respeito, com certo terror, de “pés-no-chão”.

Nos dias seguintes, os facões dos pés-no-chão trabalharam com vigor abrindo picadas entre Buri e Capão Bonito e, através destas, as tropas sulinas surpreenderam os rebeldes e foram vencendo trincheira após trincheira, fazendo inclusive muitos prisioneiros.

Em 31 de agosto, no calor das ações, os tercerianos conheceram o rio Paranapitanga, o Fundão, e ouviram falar da famosa Legião Negra, composta quase que exclusivamente por homens de cor. Essa falange que tanto sucesso fizera em outras frentes fora destacada exatamente para impedir e combater o avanço dos pés-no-chão, que, com seus facões e desassombro no campo de batalha, aterrorizavam os inimigos. Honório voltou a participar dos combates, mesmo como civil, sem uniforme, como ordenança de um cabo que mal e mal o entendia, levando munições de um lado para o outro.

A refrega ia quente e os constitucionalistas e sua Legião Negra abandonaram suas trincheiras, pressionados por gaúchos e pernambucanos, e numa frente de mais de uma légua fugiam desesperadamente.

E bem verdade que deixaram a retaguarda pequenas trincheiras com fuzis automáticos com o fim de proteger-lhes a retirada. Mas os provisórios no calor da luta e demonstrando mais uma vez sua coragem não se intimidaram com aqueles “ninhos”, passavam por cima destes, destroçando-os, prendendo e matando o inimigo, e continuavam sua carreira de lamentável matança a fio de facão.

Honório, carregando uma caixa de munição, atrás de arbustos junto à pequena estrada, observava o movimento das tropas. Num relance, chegou a ver o irmão, Onofre, adentrando num capão. Foi quando uma granada explodiu junto a ele, matando o cabo a quem ele servia. O impacto o jogou longe com o cabelo queimado e importantes ferimento na perna. Levantou trambalhando e mancando na tentativa de buscar os seus e principalmente seu irmão.

Caminhou por alguns metros, perdido, tonto, com os olhos cheios de sangue, fruto de um ferimento na testa, quando foi alvejado por dois tiros, um no ombro e outro na coxa, quem sabe os últimos vindos de um dos ninhos de metralhadora.

Honório caiu, o tiro na coxa o impedia de caminhar.

Os constitucionalistas desesperados em sua fuga atearam fogo ao campo, um campo grosso. Levantou-se um fogo devastador matando muitos dos feridos que não conseguiram se arrastar a tempo para longe das chamas e da fumaça. Honório prostrado sentiu o calor e o cheiro da fumarada, conseguiu se arrastar até estreita e cascalhada estrada rural a qual servindo como um

aceiro impediu que ele fosse devorado pelas chamas. Em verdade ele sofreu e muito com a fumaça que o sufocava e o fazia tossir, cada acesso de tosse aumentava a dor e o sangramento em seus ferimentos.

E a noite caiu...

Era uma noite fria. A lua cheia clareava com sua luz prateada o horizonte e caminhava célere para descer à beirada do mundo. Ele sentiu o solo vibrar, intuiu que um animal cavalgar se aproximava; lentamente se virou no chão e com olhos cansados divisou quatro cavalos. Todos encilhados. Um baio, que procurava algum broto que tivesse sobrado da queima do pasto, estava muito próximo. Ficou imóvel. O animal com a rédea arrastando ao chão se aproximou, ao passar ao seu lado, desviando para não pisá-lo. Ele, num esforço supremo, apanhou com a mão esquerda a rédea, o cavalo estacou num repente. O mudo percebeu que o baio era manso, segurou firme a brida, levantou o braço direito e apanhou o estribo. O cavalo relinchou baixinho, deu dois ou três passos arrastando-o e voltou a parar. Usando o estribo como apoio se levantou ao lado do animal. Sentia-se tonto, mas sabia que aquela era a sua grande oportunidade. Ficou por alguns segundos, que pareceram uma eternidade, apoiado contra os arreios. Sentia muita sede, e em suas narinas penetrava o cheiro ocre do cavalo que se confundia com o cheiro do capim queimado. Trouxe então a mão trêmula com a correia até a sela, num novo esforço elevou a perna esquerda até o estribo e gemendo boleou a perna direita, a mais ferida, montando no cavalo. Apoiou-se no pescoço acarinhando o animal.

O baio começou a andar de início lentamente, depois em leve trote, e ele continuava apoiado no pescoço da montaria. Temia desmaiar pela fraqueza e dor. O cavalo conhecia aquele recanto e, se enfiando por caminhos e trilhas, tomou firme uma direção. Andaram e andaram, até que chegaram a um casario. O cavalo parou junto à aba de um galpão.

Na casa uma mulher, pela janela, observava o terreiro. Uma nuvem de vapor subia do café recém-coado. O dia tinha nascido com nuvens que se enfeitaram de um encarnado intenso. A mulher apurou o ouvido e ouviu os cascos marchadores do cavalo de seu filho. Viu o animal entrar pelo portão e estacionar junto ao galpão como era seu costume.

Observou que o cavaleiro não era Paulo Ernane, era um estranho. Uma cólica e um mau pressentimento embrulharam seu estômago. Viu com lágrimas nos olhos e com extrema preocupação que o ginete estava ferido, pois se apoiava no pescoço do animal e aparentava não ter forças sequer para apear.

Com a cabeça apoiada nas crinas, o mudo, cada vez que puxava o ar, sentia nas narinas o cheiro azedo e na boca o gosto de sal que impregnava o suor do animal. Uma escuridão se aproximava e pesava seus olhos como aquele sono profundo que ele fazia deitado no colo da mãe junto ao fogão nas noites frias de inverno. Viu que uma mulher saiu da casa gesticulando, abrindo e fechando a boca em desespero...

A mulher correu em sua direção, lhe veio à mente novamente a figura da mãe, então tudo finalmente escureceu, ele caiu do cavalo. Se pudesse ouvir, ouviria a mulher gritar a todos os pulmões – Quem é você? Onde está o meu filho?

Maria da Fé, que desde menina era conhecida por Morena, dada sua tez bronzeada, cabelos negros e olhos de jabuticaba, era viúva do coronel Antônio dos Anjos. Vivia na fazenda de 250

hectares, que tinha adquirido junto com o marido há décadas. O coronel após sua reforma se dedicou inteiramente à atividade rural. Mudou-se para aquele local com a mulher e o filho e construiu a seu gosto uma agropecuária pujante. O carro-chefe da atividade era a pecuária de leite e a fabricação de queijos; explorava também a fruticultura e o plantio de cereais. Como a fazenda era rica em água, florescia ali a piscicultura, e a água excedente era utilizada na irrigação do arroz e de plantas frutíferas.

Com a morte do coronel em fulminante ataque cardíaco, Morena fez do filho a razão de viver. Encaminhou o menino na vida, com princípios de religiosidade, honestidade, trabalho, amor à terra e patriotismo. Paulo Ernane cursava o último ano da Faculdade de Veterinária. Mesmo não estando formado era ele que orientava tecnicamente a propriedade, especialmente a atividade pecuária. Tinha uma paixão intensa pelo gado leiteiro e por cavalos manga-larga marchador. A mãe tinha orgulho do filho que era um estudante dedicado.

Assim como muitos universitários, Paulo Ernane se envolveu com as causas da Revolução Constitucionalista. Embora os reclames da mãe, ele abraçou os princípios revolucionários. Numa tarde, ele a surpreendeu ao chegar na fazenda com três amigos, tomaram cavalos, se apresentaram ao comando paulista e se dirigiram à frente de batalha.

Morena ficou chorando e choraria ainda por muitos e muitos dias, quem sabe por uma vida toda.

Essa mãe que há dias sofria por pressentimentos e temores, ao chegar junto ao cavalo e confirmar que o cavaleiro na montaria preferida de seu filho era um estranho, e que esse desconhecido, realmente, estava gravemente ferido, entrou em desespero, em profunda agonia, chamou a todo pulmão:

- Romão Gabriel! Zelinda! Venham, por favor, me ajudem!

Romão Gabriel e Zelinda viviam na chácara há anos, ele era homem de confiança, um faz-tudo, sendo sua principal atividade cuidar do gado leiteiro. Ela, Zelinda, auxiliava Maria da Fé nas atividades domésticas, e as duas fabricavam queijos deliciosos que eram vendidos para uma clientela seleta. Embora a fazenda não distasse muito da cidade eles residiam lá mesmo em uma casa de alvenaria que oferecia todo o conforto.

O casal chegou junto, ela secando as mãos em um avental, ele carregando na mão um frasco de mata-bicheira, pois acabava de tratar uma novilha.

- Quem é esse homem? Exclamou Zelinda.

- Cadê o Paulinho? Perguntou Romão.

- Não sei! Não sei! Romão do céu, pega o automóvel na garagem e vamos levar este cristão para o hospital.

- Zelinda, ele está descalço! Veja, traz a botina presa na cintura, vamos calçá-lo, é possível que seja um destes terríveis e desalmados pés-no-chão. Se chegar ao hospital com os pés descalços, poderá sofrer represálias. É um moço tão novo, da idade de meu filho!

- Não seria melhor deixá-lo à própria sorte, quem sabe quantos dos nossos ele não assassinou?

- Não, Zelinda! Não será ele o elo entre nós e Paulo Ernane? Precisamos interrogá-lo.

Na garagem Romão pôs o Ford a funcionar. O carro, que fora adquirido pelo coronel, pouco antes de sua morte, brilhou quando o sol incidiu sobre a lataria polida. Cobriram o banco traseiro com um lençol e com todo o cuidado colocaram o ferido no veículo.

O desconhecido foi atendido pelo corpo médico de plantão que constatou a gravidade dos ferimentos e a fraqueza do paciente pela perda intensa de sangue. Foram tomadas todas as providências possíveis e se apostou e muito na juventude e no vigor físico do paciente. Ele foi

para um quarto coletivo, com outros feridos nas batalhas, que lotavam os hospitais e enfermarias da região.

Morena deixou Zelinda naquela casa de saúde, na esperança de que o ferido voltasse a si e pudesse dar explicações: Por que estava com o cavalo de seu filho? Onde estava o seu filho? E enfim, quem era ele?

Com Romão ela foi procurar as lideranças da Cruz Vermelha, formada principalmente por mulheres, beneméritas, que percorriam os campos de batalha, socorrendo feridos, recolhendo mortos e apoiando as famílias naqueles momentos de fragilidade e desespero.

Ao chegarem à praça principal, que fervilhava de gente, pessoas tristes, que caminhavam de um lado para o outro, querendo que os passos aliviassem suas dores. Algumas mães choravam baixinho, outras choravam enlouquecidas. Ali naquele local de desespero era onde se obtinham as informações dos combates, das baixas e dos feridos, Maria da Fé foi abordada por Dona Benta, velha conhecida, que lamentava informar que seu marido, Sebastião dos Anjos, após trazer feridos para o hospital, tinha retornado ao campo para recolher os mortos e que entre eles estava Paulo Ernane.

No seu íntimo ela já sabia. A confirmação foi como uma facada em seu coração, ela sentou na beira da calçada, abatida, desesperada. Lágrimas quentes escorreram pelo rosto e molharam aquela terra seca. Morria seu único filho, aquele que ela amava incondicionalmente, ao qual tinha dedicado toda sua vida, aquele que lhe daria netos que lhe alegrariam a velhice.

O tempo é o grande lenimento. E assim se passaram dez dias do acontecido. Maria curtiu momentos insuportáveis. Se em instantes se conformava com os desígnios de Deus, em outros se revoltava, pelo destino e pela ausência de seu amado filho.

Já Honório neste mesmo período, após pequenas cirurgias para a remoção de balas e estilhaços, litros de soro, anti-inflamatórios, analgésicos, curativos e outros procedimentos, se recuperava lentamente. Felizmente não corria mais perigo de morte. No entanto, se fazia necessário continuar em observação, realizando curativos e tomando medicamentos para a dor e para as infecções que sempre podem comprometer o quadro, ainda mais quando o paciente está tão enfraquecido.

Passado este período crítico para ambos, Maria resolveu voltar ao hospital para ver aquele jovem. Como ele estaria? Tinham descoberto quem ele era? Teria ele notícia de como seu filho foi morto? Como ele estava de posse do cavalo de seu menino? Ela retornou ao hospital, na busca dessas respostas.

O clínico que atendia o ferido acompanhou-a até o quarto coletivo. Honório se encontrava prostrado pela fraqueza e acometido de certo desânimo. O pior de tudo confidenciou-lhe o doutor: o moço era mudo.

O médico viu nos olhos de sua amiga a tristeza e o desapontamento. Sabia que ela tinha esperanças de descobrir com aquele moço informações. Quem sabe preciosas informações do filho amado e que partira tão cedo, tão jovem e que tinha pagado um preço tão alto, a própria vida, por seu idealismo.

Morena se aproximou do leito e viu um jovem magro, quase esquelético, cabeludo, com a barba por fazer e que a olhava sem conhecê-la, tendo no olhar certa desconfiança, certo temor, provavelmente por estar em um local em que ele não se sentia confortável. Ou saberia ele que estava no meio de seus inimigos?

- Doutor Moreira, quanto tempo ele ainda ficará aqui?

- Se tudo correr bem, não houver nenhuma recaída, ficará ainda por mais quinze dias. Teve as pernas muito feridas por estilhaços de granada, além dos tiros no peito e na coxa que o fizeram perder muito sangue. Precisa de curativos diários, repouso para poder se recuperar.

- Se o senhor permitir enviarei o José Juriti, que o senhor conhece, para cortar o cabelo e fazer a barba deste moço. Creio que isso lhe dará maior ânimo e certamente influenciará em seu restabelecimento. Ainda com sua permissão, e se isso não comprometer o seu tratamento, enviarei diariamente frutas e leite para auxiliar em sua recuperação.

E assim se passaram os quinze dias previstos. No décimo sexto dia, domingo à tarde, após passar na igreja para breve oração, Maria voltou ao hospital e encontrou o jovem enfermo com outro semblante, mais animado, com papel e grafite na mão, material oferecido pelas enfermeiras aos pacientes para que o tempo passasse mais rápido. Ele desenhava cenas da enfermaria.

Dr. Moreira se aproximou do leito e por gestos conseguiu fazer com que o mudo entendesse que o leite e as frutas que ele recebia diariamente eram enviados por aquela senhora, e que ela o levaria para sua casa para completar a recuperação. Entregou a Maria, em frente a Honório, para que ele melhor entendesse, material para curativo, gaze, esparadrapo, mercúrio, sulfá e comprimidos para a dor e para continuar combatendo as infecções.

Honório foi levado em cadeira de rodas até o Ford, dirigido por Romão Gabriel, que o auxiliou a acomodar-se no interior do veículo.

Na fazenda, ele foi alojado no quarto que era de Paulo Ernane, numa cama confortável com lençóis alvos e perfumados. Em seguida, pois já era de tardinha, Zelinda lhe ofereceu sopa com pão e suco de laranja.

Na cozinha, Fé marcou no calendário aquela data, 25 de setembro de 1932.

Oito dias depois de Honório ter chegado à fazenda, 3 de outubro, foi selada a paz, e irmãos deixaram de combater irmãos. Neste dia o mudo foi levado pela primeira vez para tomar sol, vestia um pijama do Paulinho. Ficou um bom tempo sentado ao sol, em cadeira de balanço no alpendre que rodeava a casa. Ele se mostrava mais forte, tinha ganhado peso, as feridas tanto do peito como das pernas secavam a olhos vistos, mas ele continuava caxingando da perna direita.

Maria da Fé no desejo de se comunicar com o mudo para obter maiores informações, passou a tomar conta dele. Descobriu que ele jogava cartas e assim todas as tardes jogavam. Além disso, seguindo o exemplo do hospital, providenciou material para pintura.

Aos poucos a comunicação foi acontecendo. Ela, se fazendo entender, perguntou pelo cavalo: onde ele tinha achado? Honório fez uma série de desenhos com os quais conseguiu contar a história de como foi ferido, do fogo no campo, ele prostrado na estrada, do aparecimento do cavalo e de como ele conseguiu montá-lo.

- Pera aí! Pera aí! Vou dar uma ajeitada nas panelas e já continuamos, Honório Ernesto. A palestra está muito boa, eu estou numa curiosidade danada.

Maria voltou enxugando as mãos pálidas num pano de prato de algodão bordado com flores lilases, e já foi dizendo:

Siga! Siga! Conte-me o restante.

- Sabe, Maria, que tua xará Dona Maria da Fé, gostaria tanto de conhecê-la? Mandou estes desenhos e outros junto com a carta, estão todos guardados, num baú, lá na fazenda. Um dia eu te mostro.

Papai foi se recuperando aos poucos, começou a levantar cedo e ia para o curral, tomava leite quente, espumoso, saído direto dos tetos da vacada, muitas vezes temperava o leite com achocolatado. Logo já ajudava o Romão nas lidas. No começo ainda cansava muito, e a perna lhe doía, mas aos poucos foi voltando à velha forma. Em poucos dias recuperou o peso totalmente e como num estalar de dedos, quando perceberam, já ombreava com Zelinda e Gabriel as atividades sem fim da fazenda.

Foi pouco a pouco conquistando a confiança e se tornando querido por todos. Conseguia, agora, se comunicar com maior facilidade. Maria, certamente pela saudade, via nele muita semelhança com o filho. Ele também se tornou mais confiante e aos poucos contou como tinha participado da revolução.

Selada a paz, o Corpo Provisório retornou ao sul e acampou em Carazinho. Onofre, sabedor do falecimento dos pais, aproveitou a licença de Natal para ir até o cemitério prestar suas homenagens e mandar arrumar os túmulos dos entes queridos e também para visitar a chácara herdada, que os vizinhos amigos da família, atenciosamente, estavam olhando.

Agradeceu a vizinhança e informou que o irmão tinha desaparecido e certamente perecido em Buri. Pediu que atendessem um pouco mais a propriedade, pois teria que retornar a Carazinho após os festejos natalinos e de final de ano para se desligar do 3º Corpo. Soube, então, naquela hora, para sua tristeza, por um dos vizinhos que seu tio de Palmeira estava internado no Hospital São Vicente, infartado e em estado preocupante. Um vizinho ainda lhe confidenciou que, se fosse de sua intenção vender a propriedade, ele era comprador.

Dali seguiu direto para o hospital. O tio, segundo os médicos estava muito mal, tinha infartado ainda em Palmeira e sofrido novo infarto quando chegou ao hospital. Não garantiam uma sobrevivência de muitos dias. No quarto o tio estava sedado e respirava em tenda de oxigênio. Deixou-o descansando e veio aqui para a pensão. A senhora deve se lembrar!

- Sim claro que me lembro, passou dias e dias aqui, ou melhor, no hospital cuidando do tio. Só aparecia para banhar e se alimentar, passava dia e noite no São Vicente.

- Onofre passou todo o final do ano e adentrou o mês de janeiro atendendo o tio. Este não podia fazer esforços, respirava mal e sentia dores no peito, mas estava lúcido. Mandou chamar o Dr. Carlota, seu advogado de confiança e transferiu tudo para o seu único sobrinho, já que papai era dado como morto.

Não tinha fechado a primeira quinzena de janeiro, num terceiro e fulminante infarto, tio Vito partiu, e naquele momento Onofre sentiu-se só no mundo.

Passado esse triste período, Onofre retornou a Carazinho e explicou ao comando sua situação dando baixa do Terceiro. Já no final de janeiro se deslocou a Palmeira para ver a situação em que se encontravam a ervateira e outros bens do falecido. Lembrava-se constantemente dos conselhos e das recomendações de tio Vito:

– A ervateira está em situação difícil. Deves vender alguns bens, casas e terrenos de minha propriedade, pagar todos os débitos, reformar a indústria e vendê-la. Vais ganhar um bom dinheiro. Você é jovem, Onofre. Deves casar! Trabalhar com erva é um serviço muito duro, depende de mão de obra, e gerar emprego é muito caro, os empregados hoje têm muitos direitos. Venda o que puder, compre terras e vá lidar com pecuária e agricultura, crie teus filhos e viva uma vida mais tranquila.

Onofre fez um levantamento econômico e comprovou o que o tio tinha lhe avisado. Vendeu alguns bens, mas não foi o suficiente para saldar todas as dívidas e fazer a reforma necessária

para valorizar a futura venda. Assim voltou a Passo Fundo para vender a chácara ao vizinho interessado.

Nessa viagem, Onofre visitou João da Silva e sua filha Yari, de quem tinha apaixonante recordação, enfim, ela tinha sido noiva de seu irmão, e ele nem sabia se eles tinham conhecimento da morte de Honório.

Chegou no rancho por volta das dez horas, levou carne e bebida. Foi recebido pelo portuga com tristeza no olhar:

- O que houve, João? Tá meio abichornado?

- Seja bem-vindo, velho amigo! Estou triste porque ficamos sabendo da morte de meu futuro genro e de seu tio, que nos dava emprego. Para complicar mais as coisas, Yari está grávida, tenho agora uma filha desonrada, com um filho na barriga e o pai da criança morto. Para piorar a situação, estou desempregado e sem recursos para mantê-la.

Nisso Yari saiu para o terreiro. Apesar da gravidez adiantada, ele reparou que ela continuava linda. Yari chorou em seus braços lembrando-se do noivo e de seu triste fim.

Ajeitaram mesa e cadeiras à sombra de um tarumã centenário; assaram a carne, comeram e prosearam até o fim da tarde. Antes de se despedir, Onofre disse ao pai e à filha que, em memória ao irmão, se eles concordassem, casaria com Yari após o parto. Providenciaria o registro em cartório da criança e Honório seria anotado como pai, pois realmente o era, e esta seria a homenagem póstuma ao querido irmão. Se fosse homem e se a mãe aprovasse, daria ao menino o nome Honório Ernesto, e se fosse guria levaria o nome de Brenda Honório. O criaria como se fosse seu, e daria a Yari todo o seu amor e todo o conforto.

- Pensem no assunto. Estamos em fevereiro, depois do dia 20 retorno para resolver a situação da ervateira, espero que compreendam e aceitem minha proposta. Meu irmão certamente apoiaria esta decisão.

Já saindo deixou um bom dinheiro para José manter as despesas pelos próximos dias. Abraçou ternamente Yari e sentiu que estava tomando a decisão certa. Ele sempre invejara o irmão por ter tido a sorte de ter o amor daquela mulher, ela era apaixonante.

Seguiu com o projeto: Veio a Passo Fundo e vendeu a chácara. Com a venda reuniu o dinheiro necessário para as reformas.

Ao final de março, estava tudo pronto, e as chaves foram entregues a um comprador vindo de Santa Catarina. Logo após este evento, que lhe tirou um peso dos ombros, Yari pariu. Foram tomadas as providências conforme o combinado, e o casamento realizar-se-ia numa cerimônia simples dali a sessenta dias. Onofre estava encantado.

Nesse intervalo de tempo, Onofre voltou a Passo Fundo e adquiriu, como era seu desejo, as terras que hoje eu conduzo. Estas, Maria, que você conhece tão bem, pertinho daqui, na saída para Carazinho. Adquiriu também bovinos, equinos e animais de pequeno porte e como era seu sonho, e tinha dinheiro para isso, comprou um Ford modelo T, o Ford “bigode”.

Deu início na casa da fazenda às reformas e adequações de conforto, que achava necessárias, deixou a obra semiacabada e voltou à casa de João Portuga para o casamento no dia aprazado.

Foi grande o festejo, e Onofre pediu à Yari paciência, pois a levaria em breve para a nova morada, fato que ainda demoraria cerca de um mês, visto que da casa em reforma faltavam exatamente o telhado e a pintura.

Com ânsias de retornar, cobriu e pintou a morada, que ficou como nova, em tempo recorde, vinte dias. Como diriam as comadres, “a casa ficou um brinco”. Quando se preparava para nos buscar; meu pai chegou à cidade.

No natal, Honório ainda mancava da perna. Mas, mesmo assim, Maria da Fé, reconhecendo sua capacidade e seu jeito com os animais, lhe ofereceu trabalho: ele ajudaria Romão e seria pago por seus serviços.

Ela acreditava no trabalho; entendia que tudo que é dado não é valorizado. Assim, o mudo trabalharia, ganharia seu salário, poderia comprar roupas e objetos de uso pessoal e mesmo juntar algum dinheiro, para o que certamente ocorreria: voltar para a sua família. De antemão esta despedida que fatalmente aconteceria já a deixava triste, pois tinha se afeiçoado ao pé-no-chão. Ele lembrava Paulo Ernane, e sua presença, embora não falasse, enchia a casa, pois ele sempre achava um jeito, uma forma de se comunicar.

Mas, Morena, fora criada justa, e justa ela era. Entendia que tinha que localizar o endereço daquele rapaz; ele sequer tinha documentos, nem o seu nome sabiam. Simplesmente o chamavam de mudo.

Os dias passaram e Honório, trabalhando de sol a sol, ganhou dinheiro. Com o auxílio da patroa comprou roupas, calçados e uma pequena mala, sinal de que pensava em viajar. Essas compras ocorreram no mês de abril e meu pai estava totalmente reabilitado.

O passar do tempo trouxe a vida a normalidade, e Maria da Fé teve coragem de se informar sobre os Pés-no-Chão. Muitos não queriam sequer falar no assunto, aqueles assassinos, covardes, brutos, bárbaros...

Numa tarde foi ao cemitério fazer suas rezas no jazigo da família e na saída encontrou o Sebastião dos Anjos, que ao cumprimentá-la perguntou curioso:

- Por que Dona Maria da Fé, a senhora está interessada em saber a origem dos combatentes pé-no-chão?

Ela matreiramente disse-lhe que tinha a intuição de que seu filho tinha sido assassinado por essa falange.

- Não seria, Dona Maria, porque a senhora suspeita que aquele mudo que trabalha em sua propriedade é em realidade um pé-no-chão?

- Não creio, senhor Sebastião, pois um mudo, teoricamente, não pode prestar serviço militar. Ele deve ter se pegado no meio da luta, veja que nem uniforme ele trajava quando aqui apareceu.

- Dona Morena a senhora deve saber que eu sou gaúcho, mas resido aqui nesta região há mais de trinta anos, tenho parentes lá no sul e tive por eles informação de que os componentes da coluna pé-no-chão foram recrutados em Palmeira das Missões.

Maria, ao ir embora, passou em uma livraria e adquiriu um atlas onde constava o mapa do Rio Grande do Sul. Investigou aquela carta e verificou que a estrada de ferro passava por Passo Fundo, Carazinho, Santa Bárbara, cidades relativamente próximas a Palmeira das Missões, e finalmente se dirigia a Santa Maria. Ficou matutando: será que se colocasse o mudo no trem ele ao chegar ao sul, reconheceria sua cidade de origem? Aguardaria o desenrolar dos fatos, qual seria o procedimento do mudo nos próximos dias, quem sabe nos próximos meses...

Tudo aconteceu mais ou menos como Maria havia previsto. No final do mês de maio, em uma noite chuvosa, após o jantar, e depois de terem lavado a louça e arrumado a cozinha, o mudo buscou em seu quarto o caderno de desenho que tinha ganhado há meses. Na primeira folha,

havia o desenho de uma família: um casal idoso, dois jovens - dava para identificar que um era o próprio mudo – e, mais afastado, uma jovem. Ao pé dos jovens existia um berço no qual estavam deitados dois bebês. Maria de imediato intuiu que o mudo era gêmeo, com sinais demonstrou ao desenhista que tinha entendido. Perguntou então, indicando no desenho e gesticulando com ambas as mãos, quem era aquela jovem, ao que o mudo, indicando como se tivesse no dedo anular direito uma aliança, fez entender que era sua noiva, sinalizando ainda com os dedos que sua aliança estava guardada com seu irmão.

No segundo desenho, havia dois jovens: um estava fardado e conduzia um fuzil na mão esquerda e na outra mão uma caneta, o outro, que era ele próprio, se apresentava à paisana, assava um churrasco e preparava comida em um panelão, tendo ao fundo um grupo de soldados. Maria fez sinal positivo, dizendo ter entendido que o irmão era militar e que ele era o cozinheiro das tropas.

No terceiro, desenho havia um trem, movido por uma maria-fumaça negra e vagões vermelhos, e ele adentrando com a mala em um dos vagões. Com lágrimas nos olhos indicou que queria viajar naquele comboio. Foi claro em sua demonstração, inclusive levando a mão ao coração e gesticulando muito, demonstrou toda sua saudade e a vontade de voltar para os seus e para a sua terra.

No último desenho, havia duas mulheres e ele no meio. Percebia-se de imediato que uma era sua mãe, retratada no primeiro desenho, e a outra era a própria Maria. Ele a fez entender que ambas eram suas mães. Maria deixou correr uma lágrima e o abraçou ternamente.

Fé observou no canto direito da folha uma assinatura minúscula. Apontou para ela e o mudo fez entender que era o desenho de seu nome, que seu irmão o tinha ensinado. Maria colocou os óculos, leu e de imediato percebeu que esse era o nome de seu hóspede, seu funcionário, seu amigo e, por que não dizer, seu filho: Honório. Nesse momento Maria da Fé chorou muito.

Para completar o assunto e para enfatizar sua decisão, Honório foi ao quarto e de lá trouxe sua pequena mala, abriu-a e mostrou que todas as suas roupas estavam ali acomodadas. Do bolso sacou a carteira e mostrou a Maria que tinha dinheiro para custear a viagem.

Todas as providências foram tomadas, e no dia 5 de junho, segunda-feira, com passagem comprada até Santa Maria, Honório embarcou. Na mala levava, além de roupas e utensílios pessoais, uma carta, esta que você viu, Dona Maria, e o caderno de desenho que, como te falei, está lá na fazenda. A expectativa de Maria da Fé era que ele reconheceria a cidade de seu destino e aí então desembarcaria, como de fato aconteceu, três dias após a partida. Ao entrar em Passo Fundo e cruzar a Av. Brasil, o mudo se sentiu em casa. Na sua imensa alegria, abanou entusiasmado para o povo que margeava a ferrovia.

Meu pai foi direto para a chácara. Lá ficou sabendo que ela havia sido vendida, que ele era dado como morto, que seu tio tinha falecido e que encontraria seu irmão aqui na pensão.

- Sim! Eu lembro! Papai ainda era vivo e comentava de vez em quando, nas prosas, com algum pensionista, com algum vizinho do caso do mudo que tinha “ressuscitado”.

- Pois então, Maria. A alegria dos irmãos foi imensa, alegria de lágrimas e risos, de longo abraço e de tapas nas costas, mas, embora tudo isso, no fundo Onofre sentiu uma fisgada no coração: recebia com alegria o irmão que tanto amava, mas sabia também que naquela hora perdia a mulher por quem estava apaixonado.

A alternativa que se apresentou a Onofre foi contar a Honório tudo o que tinha acontecido no período em que ele estivera ausente. Ressaltou de imediato que o amava muito e que neste período em que o tinham tomado por morto respeitou a sua memória. Convidou-o para dar um passeio em seu Ford e o levou até a Praça Tamandaré. Ali, à sombra dos plátanos, “conversaram” com maior liberdade. Onofre usou de todo o seu conhecimento de comunicação com o irmão e

lentamente foi lhe informando dos acontecimentos: da morte dos pais, da morte do tio Vito e da herança recebida, da gravidez de Yari, do nascimento de seu filho, do casamento com Yari. Foi sincero, disse que casou porque no convívio dos últimos meses passou a admirá-la e mesmo a amá-la, que o casamento foi a decisão mais lógica, pois dava a ela dignidade e condições de criar o filho recém-nascido com conforto. E mais: que tinha convicção de que este certamente seria o seu desejo. Honório, com lágrimas nos olhos, compreendeu a situação.

Onofre também com os olhos molhados, tomou naquele momento uma decisão, simples como simples eles eram: por serem gêmeos parecidíssimos, ele simplesmente trocou os documentos pessoais com o irmão, lhe entregou, também, a certidão de casamento. Nesse momento Honório passou a ser Onofre, e Onofre se transformou em Honório.

Ninguém lembrou ou levou em consideração a minha situação: viveria, eu, com meu pai biológico, mas meus documentos contavam que eu era filho do agora Honório, meu tio. Esse fato me causa os problemas que hoje estou a enfrentar.

Foram juntos para Palmeira. Honório, agora Onofre, reencontrou Yari e me conheceu. Lá ficaram por alguns dias. Na fazenda, fomos morar na casa recém-reformada, e os irmãos partiram para a construção de uma nova, onde meu tio se arrancharia. Essa nova casa foi construída a 800 metros de distância, no outro lado da linda lagoa que banha a propriedade.

Onofre, ou, melhor, o Honório, precisava cicatrizar a ferida aberta em seu peito. Passou, então, a beber e frequentar casas de prostituição. Quis o destino, e não era esse o seu propósito, que após muitas campereadas, encontrasse na casa de Marietta, cafetina nas baixadas do Boqueirão, uma novata recém-chegada, que tinha sido expulsa de casa pelo pai quando descobriu sua gravidez.

Onofre se afeiçoou naquela quase menina de nome Eulália, loira de olhos verdes e pele clara, com um sorriso fácil, que encantava a todos.

Em verdade meu tio tinha muito amor para dar. Após negociações com Marietta e diante da resposta positiva de Eulália, bem como da promessa de assumir a criança que ia nascer, ela se mudou para a fazenda. Muitos podem entender a dificuldade de um relacionamento dessa espécie, mas titio e Eulália formaram uma família que se consolidou com o nascimento, em setembro, de Anna Amélia. Minha prima por consideração e minha irmã por parte de pai nos documentos...

Assim como a fazenda, as famílias também se consolidaram. Na primeira meninice eu e Anna brincávamos quase que diariamente, e tia Eulália, que de todos era a mais estudada, começou a nos dar noções do alfabeto e a nos incentivar na matemática e na leitura.

Em 1940, no mês de meu aniversário, meu tio montou um armazém de secos e molhados na cidade. Ele gostava e apostava no comércio e levou Eulália para administrar a bodega. O casal programava matricular a filha no próximo ano no colégio Notre Dame. Fui convidado para no ano seguinte morar com eles e também estudar em um bom colégio. Combinaram com meu pai, e eu seria matriculado no Instituto Educacional.

Passávamos os finais de semana na fazenda, íamos e vínhamos com o Ford bigode. A convivência na casa de meus tios nos aproximou muito, e a cada dia que passava eu e Anna ficávamos mais apegados, estudávamos e brincávamos juntos. O mundo dela era o meu mundo.

No início do ano seguinte, Eulália foi para Porto Alegre visitar a mãe que, agora, viúva, lá residia e estava doente em estado terminal. Eulália nunca mais tinha visto a mãe. Nessa viagem ela encontrou a morte.

- Que barbaridade! Eu lembro, eu me alembro com carinho da Eulália. Ela morreu de tifo?

- Não, minha amiga Maria! A tia morreu de leptospirose, que foi confundida no início com tifo. Essa enfermidade, ou, melhor, essa epidemia, acometeu a capital após a enchente do rio Guaíba e a grande mortandade de ratos. Milhares de pessoas pereceram ao se abastecerem de água contaminada.

- Pois é Honório Ernesto, que tristeza, eu conheci Eulália dos tempos que ela se amigou com teu tio. Fui ao enterro e na missa de sétimo dia.

- Diante desse acontecimento e na necessidade de nossos estudos, minha mãe, Yari, passava uma semana na cidade substituindo titio e outra semana na fazenda. Este rodizio além de atender às necessidades do comércio, possibilitava a nossa frequência à escola.

No aniversário de doze anos de Anna Amélia, que começava a botar corpo e se preparar para ser uma linda mulher, eu lhe disse que um dia eu me casaria com ela. Ela sorriu e respondeu:

– Seremos felizes, muito felizes.

O tempo passou e, enquanto eu ia para a ETA – Escola Técnica em Agricultura, em Viamão, Anna Amélia foi realizar o curso normal para ser professora. Seu sonho!

Anna se tornou professora e eu fui cursar Agronomia. Ela voltou para a fazenda aguardando vaga para lecionar e eu me mudei para Porto Alegre. Meses após essas mudanças aconteceu o que há algum tempo temíamos. Meu tio, ao ficar viúvo, voltou a beber e em muitas ocasiões dirigia bêbado pela estrada que ligava a cidade à fazenda. Num sábado à tardinha, mês de março, ele, sóbrio, e mamãe, preocupada com o adiantado da hora, fecharam o comércio e seguiram para a fazenda. Com a desculpa de comprar um comprimido para dor de cabeça, titio parou na saída da cidade no bar do Antônio Turco e lá tomou, segundo o proprietário, duas pingas e duas cervejas, de forma rápida, pois mamãe o esperava no Ford.

A estrada foi enfrentada com ele bastante “tchuco”. O álcool logo lhe subiu à cabeça; ele andava se alimentando muito mal; naquele dia sequer tinha almoçado. Para completar o quadro, a noite se fez e uma chuva fina molhou a estrada argilosa, que se tornou um “sabão”. Numa curva traiçoeira, ele perdeu o controle, o veículo deslizou e desceu ribanceira abaixo, matando minha querida mãe e meu tio tão amado.

A tristeza nos uniu ainda mais. Eu e Anna assumimos nosso namoro. Definimos que ela moraria na fazenda. Vendemos o comércio na cidade. Papai precisava de apoio e acompanhamento, pois sua saúde estava naquele momento, com a perda da esposa e do irmão que foi sempre seu anjo da guarda, bastante debilitada.

Voltei para a faculdade, levando um coração inchado de saudades. Faltavam, ainda, dezoito meses para minha formatura; para quem está apaixonado é um tempo sem fim. Nesse período cartas e mais cartas foram escritas diariamente, pedíamos para o tempo passar logo, pois casaríamos assim que eu terminasse o curso.

- Mas então, Honório Ernesto, já se passaram meses e vocês ainda não se casaram. Por quê? Conta-me que és um homem apaixonado e correspondido, toma tento, menino, vamos fazer essa festa...

- Aí é que está, Maria! E é por isso que estou a escrever, como tu viste, em meus escritos, a história de minha família, pois preciso provar ao pretor, o juiz de paz, e ao padre que eu e Anna Amélia não somos irmãos como consta em nossos documentos, onde aparece Honório como nosso pai. Não possuo provas documentais, não possuo provas testemunhais, pois meu tio, minha tia e minha mãe já não se encontram mais entre nós, e meu pai não serve como testemunha, pois é, como tu sabes, mudo e analfabeto.

Tudo que eu te contei é verdadeiro, Maria, e é assim que vou concluir o meu relato e fazer uma petição judicial para alterar os documentos de Anna, com a concordância dela, para filha de pai desconhecido, o que também é verdadeiro. É por isso, Maria, que eu ando irritado, nervoso, não sendo companheiro para uma boa prosa. Quero inclusive me desculpar contigo se tenho em alguns momentos sido ranzinza, birrento e até mal-agradecido com uma pessoa como você, que sempre me tratou como da família.

- Que é isso, que é isso, menino! Exatamente por você ser da família que tem essas liberdades comigo. Só que você, como fez seu tio, devia ter desabafado comigo há mais tempo, pois eu acho que posso te ajudar.

- Me ajudar? Como?

- Seu tio, como tu bem sabes, quando vinha para a cidade, gostava de aqui parar, se sentia em casa. Proseávamos muito. Certa feita ele desabafou comigo!

- Que desabafo foi esse que pode me ajudar?

- Você sabe que seu tio, quando tinha problemas amorosos mal resolvidos, gostava de afogar as mágoas num copo, ou, melhor, em diversos copos. E foi aqui que ele curou muitas ressacas, com meus cafés amargos, chás de marcela e comprimidos para dor de cabeça.

Quando seu pai retornou da revolução, ele viu o amor que ele sentia por Yari se tornar uma nuvem de fumaça. Num sábado à tarde, já vivia nessa época com Eulália, ele tomou um porre, provavelmente a última bebedeira que ele fez após ter se juntado com aquela moça linda que ele tirou do cabaré. Veio, como de costume, curar a danada da bebedeira bem aqui na pensão. Mesmo engolesmado, me contou detalhes de sua vida: da revolução, da paixão por Yari, do amor e da responsabilidade que sentia pelo gêmeo, do registro de você como filho de Honório em respeito à memória do irmão, que ele entendia como morto, da troca de documentos para que o casamento dele com Yari fosse em verdade o casamento de seu pai com sua mãe, do casamento com Eulália, de ter assumido a menina que tinha nascido como sua filha. Enfim, me contou detalhes da vida dele e da família, que você, acabou agora de repetir, e me deu alguns detalhes a mais.

Por isso, meu filho, eu tenho condições de ir, se este for teu desejo, a qualquer juiz e a qualquer padre provar tudo o que você está escrevendo. Você sabe também que pela minha idade, por ter nascido e crescido nessa comunidade, por tudo que eu e meus pais prestamos de serviço a essa sociedade, minha palavra tem valor, pelo menos eu penso que tenha, e estou à tua disposição.

- Obrigado, Maria! Que alegria! Deixa eu te dar um beijo nesta bochecha rosada.

O Juiz que analisou minha petição: leu minha história, leu a carta de Maria da Fé, viu os desenhos de papai, ouviu a Maria e por ultimo solicitou que eu, Anna e meu pai fossemos a um médico de sua confiança, Doutor Ananias para realizar exames de sangue.

Passaram-se noventa dias. Hoje estou realizando meu casamento. Entrei na igreja de braços com Maria, agora minha madrinha. Estou no altar, ansioso, olho para os convidados que para mim sorriem, tenho as mãos suadas e meu coração acelerado. Um barulho e um murmurinho se fazem na porta da igreja, sinto as pernas fracas, tenho um pigarro na garganta e os lábios ressecados. Meu coração palpita. Vejo-a, bela e radiante, enlaçada no braço de meu pai que é só sorriso. Enquanto eles caminham em minha direção, repasso a história de meu pai, pé-no-chão, provisório, mudo e herói em brutas batalhas, esquecido pelos coronéis e generais como tantos outros, mas irradiando felicidade por ver seu filho se tornar um homem...

Este conto tem como pano de fundo a atuação do 3º Corpo Auxiliar da Brigada Militar - os Provisórios na Revolução de 1932. Por sua bravura, por seu estilo de luta e por andarem com as botinas presas na cintura e por, assim, andarem descalços, foram apelidados de “pés-no-chão” pelos inimigos, bem como pelos brigadianos de carreira. Se acima se escreve pés-no-chão com letras miúdas, a história deve registrar para sempre com letras garrafais, tal o heroísmo desses provisórios durante aquela revolução que colocou brasileiros contra brasileiros.

Obra consultada: Tudo o que foi abordado quanto à saga pé-no-chão está baseado e até mesmo transcrito com o uso de palavras, termos e panoramas do livro, O Pé-no-Chão: O pé de Palmeira no chão de São Paulo, de Nicolau Mendes.

Data : 18/05/2017

Título : ROSAS PARA O JOCA

Categoria: Contos

Descrição: Ao pé do sepulcro, plantei uma roseira, com belo galho enxertado, rosa branca trepadeira, e o enxerto avermelhado.

## ROSAS PARA O JOCA

Em abril de 2013, o autor escreveu o poema “Lenços” no qual se baseia o conto a seguir.

Minhas canelas estavam quentes pelo braseiro que aprontei no fogão para combater um dos maiores frios que já se acampou por estas terras. Levantei da cadeira de balanço forrada com um pelego, dei uma espreguiçada, descansei a cuia sobre a mesa. Olhei o tempo que estava com a graça de Deus oreando. O frio nesta invernia veio acompanhado de uma garoa fininha que a tudo umedece. Apanhei na tulha uns pinhões e os joguei na chapa do fogão, vermelha, com a junta de dilatação arreganhada1.

Fui até a cristaleira e apanhei um vinho que ganhei de um gringo lá de Bento. Gosto de pinhão com vinho. Como sou meio atrapalhado, ao apanhar a garrafa esbarrei minha mão em uma caixinha de madeira ornada pela falecida com pedrarias, sementes e conchinhas do mar. Com o tombo a caixa abriu e espalhou pela varanda uns sem-número de velhas fotografias. Peguei o vinho, a caixa e as fotos e voltei, já meio arrepiado, pois na varanda o frio era de renguear.

Servi o vinho, mexi os pinhões e me fixei nas fotos que há muito eu não olhava. Dentre aquelas velhas fotografias, duas me chamaram de imediato a atenção e me fizeram voltar ao passado: a primeira, de Mamãe e Maria Roncadeira, dos tempos em que estudavam a cartilha, e a segunda, de minha família: eu, papai, mamãe, os irmãos mais novos, tio Salustiano e a prima Alzira.

Um turbilhão de emoções me envolveu. Cutuquei o braseiro, experimentei o vinho, descasquei um pinhão e fui devagarzinho entrando naquelas fotos e me recordando...

Volteava eu, de quatorze para quinze anos, quando cheguei para a cidade grande e meus pais me arrancharam na Pensão Dona Maria, de Maria Roncadeira. Maria era conhecidíssima na região, não só por ser proprietária de uma pensão tradicional, mas também por seu hábito de sestar após o almoço em um quarto que ladeava a Rua dos Andradas. Nessas sextas Maria roncava como se diz, à “bandeira despregada”. Os passantes e vizinhos diziam entre risos que o ronco da Maria fazia tremer os alicerces da pensão, além de espantar os pássaros que costumemente trilavam nas laranjeiras, nos butiazeiros e nas taquaireiras, se espalhando por roseiras e Jasmins que sombreavam e perfumavam o terreiro da pensão. Mamãe e Maria eram amigas do tempo em que estudaram no grupo escolar a cartilha e a tabuada, uma amizade cimentada por confidências, por segredos da juventude. Elas bem lembravam, entre risos, terem enfrentado professores mal-humorados que, para acalmar sua zanga e sua rabugice, utilizavam a palmatória, dando “bolos” que as deixavam com as mãos inchadas como trouxas de lavadeiras. Esse apego transformou a roncadeira em madrinha de casamento de minha mãe. Por tudo isso, Maria era pessoa de confiança de meus pais e, por consequência ficou responsável pelo meu bem-estar. Era ela que me orientava nas lides pela cidade e me puxava “as orelhas” quando se fazia necessário. Eu estudava à noite e durante o dia trabalhava em um escritório de contabilidade.

Aos sábados, de madrugada, muitas vezes olhando a estrela d’alva ir perdendo seu brilho na eterna briga com a luz do sol, eu pegava minha velha bicicleta Monark, aro 26, pneu balão, e seguia em direção à Fazenda Boqueirão, ali na Bela Vista.

Andar por aqueles fundos sempre me dava muita alegria, pois revia meus familiares, abraçava e beijava meus pais e matava a saudade da comidinha de mamãe. Além, é claro, de ver os cavalos, as vacas e o bicharedo que rodeavam a casa. De vez em quando, fazia uma pescaria de traíra no lagoão ou andava com uma velha espingarda na mão, ladeado por meu cachorro Marajó, atrás de perdizes que se espalhavam por aquelas coxilhas.

Numa dessas andanças, cheguei à fazenda e tava tudo arrumadinho, como de costume, pois minha mãe era mulher de capricho. Desta feita, no entanto, na cozinha, sobre um aparador construído com pranchas de angico, em gamelas feitas na base da enxó pelo carpinteiro e artesão Zé Tarugo, havia galinhas e uma paca, numa robusta tigela de barro, codornas. Essas iguarias que, repousavam entre ervas, vinagre, sal e pimenta, iam acompanhar uma polenta que tia Mariana, preta velha, arranchada na fazenda pra mais de trinta anos, ia preparar para o jantar. A peonada tinha recolhido lenha para assar um carneiro, além, é claro, de pães e cucas que cheiravam no forno de barro que ficava nos fundos da casa, à sombra de um butiazeiro.

Depois de abraçar meu povo, fui perguntando:

- Mas pra que tanta fartura? Pra me esperar, certamente que não foi? A que meu pai, sorrindo respondeu:

- Guri do céu, chega hoje à meia-tarde tio Salustiano, que não nos visita há muito e muito tempo. Janta conosco, faz pouso e segue amanhã para a cidade. Na segunda, vai visitar o médico.

- Tá doente, papai?

- Não, é um velho ferimento de guerra, de noventa e três, que o incomoda até hoje.

Conforme o combinado, por volta das quatro da tarde chegaram os visitantes em um Jeep Willys: Alzira, tio Salustiano e um motorista mulato, Odorico Neto, todo emproado. Usava calça preta, camisa branca sob um colete risca de giz e, cobrindo a cabeça uma boina modelo jornalista. Tinha suas razões para tanta vaidade, pois, enfim naqueles anos, motorista ou chofer, como eram chamados, era coisa rara.

A prima Alzira, já balzaquiana<sup>1</sup>, trajava um vestido longo negro com o cabelo preso em presilhas brancas de marfim, que combinavam com a gola e o cinto. Sobre os ombros, carregava uma fina estola em tricô, matizada nas cores branca e preta. Tio Salustiano usava bota preta de cano alto, bombacha e colete na cor cinza, camisa branca, guaiaca negra e lenço colorado.

Em meio a abraços cumprimentando os chegantes, minha mãe, Marcela, deu para a prima como lembrança um pano de prato em algodão, alvejado, bordado com linha Clea, rodeado com franjas do mesmo tecido, e recebeu em retribuição um pequeno bibelô, um menino de olhos negros com uma boina espanhola azul, montado em um cavalinho branco. Após essas honrarias, sentamos à sombra de cinamomos que beiravam o mangueiro, as flores brancas, lilases - róseas daquelas árvores frondosas espalhavam um doce perfume pelo ambiente. Chimarreamos. Eu, que a tudo bispava, preparava umas tralhas de pesca; os mais velhos recordavam dos tempos de juventude e trocavam informações de parentes, pais, mães, sobrinhos, afilhados, enfim, das histórias passadas e recentes da família, falavam de casamentos, nascimentos e mortes.

A conversa prosseguia, e o Valdomiro, peão velho da fazenda, corria de lá pra cá, com um pano de prato sobre o ombro, limpando, como num cacoete, o suor que teimava em escorrer da testa, e de vez em quando dava uma talagada numa “marvada”. Enquanto ele ajeitava no braseiro o carneiro, tia Mariana na cozinha enforjava as galinhas, a paca e as codornas. No fogão, numa grande panela de ferro, a farinha de milho se transformava em polenta.

Dentro do galpão, o piso de chão fora varrido com vassouras “fabricadas” com talos de carqueja e cabos de guamirim, num esmero típico de minha mãe. Para o jantar, duas mesas rústicas foram juntadas, mamãe as cobriu com uma grande toalha de linho branca, bordada nas bordas, de quando em quando com ramalhetes de flores na cor violeta. Sobre esta, pratos, talheres, copos e garrafas com vinho tinto, produzidos ali pertinho por um vizinho italiano. No centro, enfileirados, três castiçais, cada um com três velas, davam um ar romântico à mesa. Em pendentés presos nas vigotas do galpão, lampiões à querosene completavam a iluminação do ambiente.

Ainda mirando as fotos, lembrei-me que, antes de o sol baixar, chegou à fazenda um mascate-fotógrafo, que, além de pedir pouso, ofereceu para as senhoras tecidos e outras quinquilharias. Atendendo ao pedido de papai, nos fotografou. No verso da foto, visualizei um carimbinho – Manoel Tenório - fotógrafo.

Durante o jantar, eu observava tio Salustiano, que era meu tio-avô. Sua irmã era mãe de meu pai, minha avó. Salustiano, além de ser um homem de estampa, elegante, tinha boa conversa e, como disseram uma memória afiada. Falava sereno, com palavras claras e sábias, sabia se colocar dentro do assunto que vinha à baila. Observei ainda que tinha um olhar esperto, vivo, que a tudo via.

O jantar foi muito elogiado pelos visitantes. Mamãe, sempre com aquele sorriso contagiante, parece que a estou vendo, flutuando entre os convivas, com uma elegância que a diferenciava das outras mulheres, olhos verdes vivos e o cabelo loiro acobreado, já querendo ficar grisalho, apresilhado com uma fita verde-água que combinava com seu vestuário e destacava o seu olhar. Mamãe ofereceu chá de alecrim, de erva-cidreira e café, além de licor de butiá e de pitanga. Alguns continuaram no vinho que comentavam ser delicioso. Eu, considerado por meus pais ainda um guri, fiquei na limonada, só me permitiram beber bebida alcoólica quando criei buço<sup>1</sup>.

Continuei mirando tio Salustiano, pois ele era um familiar afamado. Ele comeu com parcimônia e bebeu com elegância, recusou bebidas após o jantar, tomou somente o chá de erva-cidreira. Esse seu comportamento confirmava seu estado físico, um homem enxuto, não possuía barriga, apenas manquitolava da perna esquerda, o joelho que lhe incomodava, doía constantemente, e esse era o motivo que o levava ao médico.

Abriu-se a roda, as mulheres se dirigiram à cozinha para lavar a louça, arranjar as sobras, conversar sobre a família, trocar receitas... Os homens se ajeitaram sobre cepos, cadeiras e bancos no entorno de um fogo de chão. Um fogo de chão dá vida e torna o ambiente aconchegante. O Valdomiro continuava com o pano sobre o ombro, um pano que fora branco e agora estava encardido, do carvão, do suor e de gordura; ele atiçava o fogo de quando em quando, num ritmo meio nervoso, como se estivesse com “bicho- carpinteiro”.

Foi aí, depois de algumas prosas e de alguns causos, que papai pediu a tio Salustiano que contasse para nós, principalmente para os mais jovens suas aventuras na Revolução Federalista, na Revolução da Degola, e olhando meio enviesado, para o Valdomiro, pediu que ele se acalmasse.

- Senta, índio véio! Te achega na nossa prosa.

Eu arregalei os olhos, afinal eu era quase um menino e tinha ouvido falar somente por alto dessa revolução e de outras que ocorreram nas coxilhas. E estar agora em frente a um parente que participou dessas refregas era algo impressionante.

Tio Salustiano deu uma limpada na garganta, tomou um gole de chá e se foi às falas:

- Bueno! Bueno! Meu querido sobrinho Antenor, é preciso que se diga, que se conte, especialmente para os jovens, que o povo gaúcho, o rio-grandense atravessou séculos, pra mais de século, peleando nessas coxilhas.

E prosseguiu com aquela voz pausada, e com um encantamento, um carisma que se agigantava conforme o fogo dançava e balançava empurrado por uma leve brisa que refrescava e trazia o perfume das flores do cinamomo, dando a sua figura sombras, brilhos e cores.

Olhando para mim, prosseguiu.

- Preste atenção, Antônio Bento, que tá mudando de voz.

Todos riram. Lembro, agora, que eu envergonhado baixei a cabeça, e um calor me subiu pelo pescoço, mas ele, ainda sorrindo, completou:

- Não fica envergonhado, guri! Isso é apenas uma brincadeira de avô para neto, todo o homem passa por isso.

Eu olhei para ele e sorri. Em verdade, um sorriso meio amarelado. Salustiano tomou mais um gole de chá, fez um intervalo na fala... Quando todos ficaram olhando para ele, como se estivessem enfeitiçados, limpou novamente a garganta e continuou.

- Como eu ia falando, o sangue do gaúcho empapou estes campos, e com o dedo indicar levantado disse, vejam vancês, Há quase duzentos anos, de 1753 a 1756, portugueses, espanhóis e índios pelearam na Guerra Guaranítica, terras, acordos, políticas, interesses dizimaram os índios, que até então eram os donos deste rincão.

Setenta anos depois, de 1825 a 1828, nos atracamos na Guerra Cisplatina, um conflito internacional contra as Províncias Unidas do Rio da Prata, Argentina e o atual Uruguai, que exatamente nesta guerra se torna um país.

Aí, chegamos à revolução mais comentada, a mais longa da história do Brasil, a Revolução Farroupilha, de 1835 a 1845. Logo depois, veio outra encrenca que nos jogou novamente em terras uruguaias, a guerra contra Oribe e Rosas, de 1851 a 1852. Se passou uma dúzia de anos e

em 1864 explode a maior guerra da América do Sul, a Guerra do Paraguai, que se estende até 1870. Quando papai partiu, eu era um bebê; quando voltou, magro e ferido, eu estava com cinco anos.

Veio, então, 1893, e com ele a Revolução Federalista, a revolução que muitos chamaram de Revolução da Degola, pois em geral os prisioneiros eram passados a ferro, “inimigo bom era inimigo morto”.

Com a proclamação da República em 15 de novembro de 1889, transformações políticas ocorreram no Brasil, discutia-se à exaustão a nova forma de governo a ser implantado no país, monárquico ou republicano, presidencialista ou parlamentarista, centralizado ou federalista.

O Partido Federalista gaúcho era liderado por Gaspar Silveira Martins, partidário do parlamentarismo, cujo oponente era Júlio de Castilhos, chefe republicano e presidencialista. Júlio de Castilhos assumira a presidência do Rio Grande com o apoio do presidente Floriano Peixoto.

Júlio tinha um temperamento autoritário e as “costas quentes” pelo apoio irrestrito que recebia do presidente. Essa situação, entre outras levou federalistas e republicanos a se engalfinhar em uma luta sangrenta.

No início das hostilidades, o Barão de Itaqui, Jota Tavares, e o coronel Gumercindo Tavares reúnem homens e lideram as forças Federalistas e exigem a deposição de Castilhos. Essa instabilidade faz com que o governo central, de Floriano Peixoto, envie tropas para defender o castilhismo.

Desenvolvem-se, então, vários confrontos, e em nossa região, Passo Fundo, temos confrontos sangrentos com uma mortandade incrível. Vejam, vocês, em noventa e três ocorreram as batalhas do Boqueirão, Arroio Teixeira e Passo do Cruz. Nessas peleias, papai, já passando dos cinquenta anos, se fez presente, dizia ele que era para matar a saudade da Guerra do Paraguai.

Papai retornou do Passo do Cruz no Natal, magro, cansado e ferido na perna esquerda. Eu, que até então tinha “ficado de fora destes embates”, cuidando dos interesses da família, disse para ele:

- Fique em casa, papai, eu vou agora em seu lugar, eu não vou faltar com vosso compromisso. Em verdade, eu tava com uma coceira danada para participar daquele reboliço. Alzira, já era mocinha beirava os treze anos.

E assim eu fiz, me apresentei à liderança em nome de meu pai, expliquei que ele não estava bem de saúde e que eu o substituiria.

E foi um upa e teve, e em janeiro eu já estava peleando na Batalha do Umbu. Corria o dia 16, foi uma peleia daquelas, botamos para correr 1.500 republicanos, fizemos uns quarenta prisioneiros, e eles deixaram mais de duzentos mortos. Foi uma vitória épica.

Mas, como diz o ditado “um dia é da caça, o outro é do caçador”... Vinte e poucos dias depois, oito de fevereiro, veio o troco, e para piorar, meu pai, Francisco, se achando bem de saúde, se reincorporou. Eu sei que era mais para me cuidar, para tentar me proteger, e assim participamos de uma batalha terrível no Valinhos, quando mais de 120 maragatos foram mortos, inclusive papai, com um lançaço, nas costas, quando lutava no corpo a corpo.

Naquele entrevero, entre gritos e ganidos, vi o acontecido, com o rabo dos olhos. Vi meu primo Antoninho, com fúria e “sangue nos olhos” passar o fio do facão no maldito. Corremos para junto do velho e o arrastamos para umas capoeiras. Ali, num chão coberto de barbas-de-bode e caraguatá, antes de falecer em meus braços, sorriu e falou baixinho:

- Cuide da família, meu filho!

- Com autorização superior, desliguei-me das tropas provisoriamente, fiquei para enterrar meu pai e confortar minha mãe.

Fiquei de olho nas notícias que chegavam pouco a pouco, do cerco na Lapa da retirada do Coronel Gumercindo Saraiva e suas tropas em direção ao Rio Grande e de sua aproximação das terras de Passo Fundo.

Em 22 de junho, as tropas de Prestes Guimarães se reuniram com as forças de Gumercindo. Essas colunas reunidas atravessaram Passo Fundo em direção à Capela de São Miguel e no dia 26 estavam no Pinheiro Torto.

Nós que estávamos sempre alertas e buscando informações, quando chegou o momento exato, reunimos os Maragatos das redondezas e partimos em grupo de oito, atravessando campos e matas, em direção à Capela de São Miguel, no Pinheiro Torto, buscando o encontro com as tropas.

Nesta travessia, passamos por ranchos, casas, chácaras e fazendas. Muitos fechavam portas e janelas - eram republicanos; por outro lado, outros nos ofereciam água, leite, pão, sorrisos e braços abertos - eram maragatos. Estes nos avisavam do movimento de tropas e nos indicavam a proximidade do Cel. Gumercindo.

No dia 26 de junho, me lembro como se fosse hoje, encontramos as tropas. Ficamos aí sabendo que os pica-paus e sua Divisão do Norte, liderada por Francisco Rodrigues de Lima, Firmino de Paula e o Coronel Santos Filho, estavam se alinhando na Fazenda dos Mello, logo adiante, e que certamente no dia seguinte haveria o confronto. Chegavam informações de que a tropa pica-pau, era numerosa, bem equipada e com artilharia pesada.

A moral maragata era muito boa, e esperávamos chegar a hora com grande alegria. Não havia como recuar, e no dia 27 aconteceu a maior batalha desta maldita guerra que matou milhares de gaúchos, milhares de irmãos.

Os pica-paus, aproximadamente três mil homens, estavam acoitados em matas próximas e nos pegaram a campo aberto. Éramos 1.600 revolucionários, e recebemos ordens de nos deitarmos. Passamos, assim a alvejar o inimigo protegido por farto capim, ao qual colocamos fogo, fazendo uma cortina de fumaça que nos protegia. O inimigo respondia firme e usava metralhadoras e canhões, e estava organizado taticamente em quadrado.

A nossa cavalaria estava impedida de agir, pois o terreno era desfavorável, uma barroca profunda, muito banhado, e uma mata fechada protegia a retaguarda inimiga e dificultava nosso avanço. Mesmo com esses empecilhos, recebemos ordens de montar e atacar o inimigo. A estratégia era dar condições de nossa infantaria agir com sucesso. Levantamos da barba-de-bode e nos fomos à capoeira, montamos em nossos cavalos e enfrentamos as dificuldades que o terreno nos impunha. Poucos, muito poucos conseguiram chegar ao inimigo: muitos cavaleiros, pelas dificuldades, voltaram; outros ficaram atolados nos banhados. Metemos a espora nos matungos e entramos no meio da polvadeira. A infantaria também chegou abaixo de bala e se formou um entrevero, um corpo a corpo macanudo. Acaricieei o pescoço do Galante e me curvei sobre ele, meu querido cavalo, chegou carreira, a lança que, embora eu levasse firme na mão direita, no terceiro pontoço, ela ficou para trás presa no peito de um lenço branco. Fiz a volta na mesma carreira e cheguei o facão num aglomerado de pica-paus que estavam no canto do quadrado. O tobiano com as patas nervosas foi atropelando alguns, tentando abrir aquela formação. Essa foi à última gauchada que fez o Galante, pois um cuera que pelos gritos eu reconheci como castelhano alvejou meu cavalo, que com um relincho profundo rodou e me jogou quase aos pés daquele vivente. Levantei com meu facão e fiz o serviço. O castelhano não voltou para as terras uruguaias. Num repente, me vi no meio dos infantes, lenços brancos e colorados engalfinhados, rodei com o facão em riste, inimigos e companheiros pisoteavam ao meu redor. Foi uma dança

macabra em que gaúchos se digladiavam, entre gritos e lamentos. A dor e o cheiro da morte se espalhavam no ar.

No meio daquela fumaceira, com os olhos vermelhos e com uma sede que me fechava a garganta, ouvi um clarim de retirada. Naquele rebuliço, a fumarada a tudo cobrindo, me extraviei de minha tropa. Vi-me prisioneiro de um inferno, fui passando por gaúchos mortos e feridos, num chão todo ensanguentado, onde relinchos, rosnados, pragas e lamúrias se juntavam aos gemidos dos agonizantes que invocavam o nome do Altíssimo, clamavam pelas mães e elevavam preces aos céus. Ouvindo essas vozes e lamentos, me esgueirei para o mato deixando para trás aquele cheiro ocre de sangue. Confesso que testavilhei daqui para ali e tive ânsias de vomitar, e devagarito fui entrando no matagal.

Ouvi uns gritos à minha retaguarda e mais do que rápido me pus em prontidão, me abaixando. Olhei e vi, na fralda da coxilha, para minha surpresa, montados; o grosso das tropas republicanas era infante, uma “matilha” de pica-paus se reunindo. Eles também me viram, e ouvi que aos gritos ordenaram a um próprio:

- Persiga aquele maragato e não lhe dê trégua, não lhe dê condição.

Veio ele na carreira em minha direção. Acabei de entrar no capão e dei a volta em um centenário pinheiro e me pus em guarda. Quando o cavaleiro se aproximou e da carreira passou a um trote, e com olhos espertos vasculhava o ambiente à minha procura, eu reconheci o mulato. Era o Joca, meu colega, o marceneiro.

Quando ele grudou os olhos em mim, de imediato me reconheceu, e vendo que eu empunhava um facão, ficou surpreso, mas apeou do rosilho sorrindo e de braços abertos. O Joca tinha enorme envergadura, me abraçou como o pai abraça o filho. Joguei meu facão no chão. Meu facão era de estima: andava comigo há muito tempo, tinha lâmina em aço alemão, o cabo era de madeira com detalhes em osso, a lâmina tinha como marca o sinal de uma caveira, tinha ao longo da folha dois traços e a marca de um balaço, resultado de um entrevero na bailanta do Vavá. Respondi àquele abraço com um grande “quebra costelas”.

O Joca, com aquela voz profunda, pausada e melodiosa que caracteriza a raça negra, já foi me dizendo:

– Vamos papear, ali, na beira da sanga.

Tio Salustiano parou a prosa, tomou um gole de chá, nos olhou, e eu vi nele uma lágrima escorrer pelo canto do olho. E ele pigarreou de novo e disse:

- Vou contar para vocês quem foi o Joca.

O Joca, filho do negro Aristides e da “tia” Joaninha, se criou com o pai dentro da oficina de marcenaria que ficava, bem ali, na avenida, já na saída para Soledade. Pois foi naquele barraco, cortando madeira, aplainando, apertando parafusos, colando e pintando, que ele apreendeu a profissão.

Foi meu amigo e colega de escola. Embora fosse de minha idade, era um crioulo de corpo avantajado e sempre me defendeu naquelas brigas e desavenças que ocorrem entre a piaçada. Estudávamos e brincávamos juntos. Quando ficamos moços, já com a barba cerrada, nos reuníamos aos sábados à noite nos fundos da marcenaria, e com os cavacos que sobravam das lides de marceneiro, fazíamos fogo e assávamos carne, churrasqueando junto com nossos pais. Papai tocava viola, e foi justamente ali, naquelas noites alegres e de saudosa recordação, sob o som das cordas, que aprendi a fumar, a tomar canha e a dançar com minha mãe e até com a mãe do Joca, a Joaninha, que eu chamava de tia.

Num determinado momento, o Aristides resolveu se mudar para Cruz Alta, onde viviam parentes que lhe ofereceram vantagens para trabalhar na profissão. Aristides, então deixou Joca tomando conta da marcenaria, pois ali tinha uma clientela fiel, e assim o filho se preparava para o futuro.

Nessa época, chegou à cidade uma família de castelhanos, uruguaios, os De La Fuente, vindos de Quaraí, com o intuito de trabalharem com madeira. O pai faria a extração do pinheiro e de outras madeiras nobres, fartos na região, e os filhos beneficiariam a madeira em uma serraria bem montada.

Os uruguaios traziam a fama de violentos e de tentarem pela força se impor na sociedade. Dizia-se que por esse comportamento saíram meio corridos da fronteira, Quaraí – Artigas.

O patriarca era Lorenzo De La Fuente, a madre era Anita, os filhos homens, Diego, Pablo, Ruan, Murilo e a filha, Paloma.

Não demorou para se constatar que a notícia que com eles chegou era verdadeira, pois os homens logo se meteram em brigas e confusões, e o pai sempre os apoiando.

Após montarem a serraria, o pai, a mãe e os filhos mais novos Ruan e Diogo se deslocaram para o Alto Uruguai. Lá arrendaram uma área para a exploração da madeira. Murilo e Pablo, 24 e 26 anos ficaram em Passo Fundo para operar a serraria e cuidar de Paloma, a caçula, 18 anos. Paloma, além de estudar se encarregava das atividades domésticas e atendia o escritório da serraria.

João Carlos, o Joca, foi praticamente o primeiro cliente da nova serraria, pois a madeira de pinho e de outras espécies que ele necessitava para a sua carpintaria era ali encontrada com fartura e qualidade. Fez, por isso, amizade com os castelhanos.

Mas a amizade que ele realmente desejava era a de Paloma.

Paloma não tinha preconceito de cor e logo se interessou pelo negão. Joca amiudou as visitas ao escritório da madeireira. Às vezes comprava algumas peças de madeira sem necessidade; dividia as compras em dois ou três pagamentos com a concordância da castelhana para poder estar lá com maior frequência. Tudo era motivo para o Joca se fazer presente no trabalho daquela fêmea, que tinha pernas longas, olhos castanhos, cabelos negros e lábios carmim. Ao sorrir, seus olhos brilhavam, e em seu rosto se formava uma covinha, que trazia junto consigo dentes alvos e brilhantes que o cativavam. Ele sabia dos riscos que estava correndo, pois, os irmãos da guria não eram trigo limpo.

Passaram-se meses, e numa oportunidade Paloma foi à marcenaria com a desculpa de cobrar uma conta. Conversa vem, conversa vai, e Paloma em pé junto a um armário em que o carpinteiro passava uma lixa fina lhe roubou um beijo. Aquele gesto foi a chave que liberou o Joca, os desejos sempre muito contidos afloraram. Ele a tomou nos braços ternamente e a beijou com volúpia. Aquele abraço apertado, os dedos da mão esquerda revolvendo os cabelos, sentindo a maciez da nuca, a outra mão presa à cintura, o perfume da mulher e o calor dos beijos resultaram em violenta ereção. Ela percebeu o negão afoagueado, o empurrou e saiu correndo para casa.

Passados alguns dias, João Carlos soube que os irmãos tinham viajado. O velho Joca não perdeu tempo, ansioso e cheio de amor, foi até a serraria. Era um dia fresco, o sol já começava a se esconder com uma mancha vermelha por trás de laranjeiras, limoeiros e abacateiros que povoavam a lateral da serraria. Com certa ânsia, ela se pôs a preencher bloco de pedidos, descrevendo a madeira que o Joca desejava. Enquanto ela escrevia de cabeça baixa, com letra desenhada, ele levou a mão sobre a escrivadinha, acarinhou aquela mão macia com longos dedos e unhas pintadas de vermelho, e ela, ainda de cabeça baixa, levou a caneta até a boca e a pressionou com os dentes, e como que pensativa, enfiou o pé por debaixo da bainha da calça do crioulo e com os dedos acariciou sua perna, sentindo seus pelos eriçarem. Levantaram, olho no

olho, bocas sedentas, um longo abraço, um beijo quente. Ela fechou a porta e o puxou para o quarto. Lá fora o sol dava seus últimos suspiros, e a lua cheia mostrava toda sua beleza naquele brilho intenso que tira suspiros dos amantes.

Os encontros furtivos continuaram, mas o destino que sempre está à espreita preparava um labirinto que mudaria a história do Joca, de Paloma e de seus irmãos.

Dois meses depois do primeiro encontro amoroso, Joca foi chamado a Cruz Alta, porque o pai estava doente, tuberculoso. Joca viajou imediatamente, ficou aos pés do pai por quatro meses, atendendo-o dia e noite, até que a morte levou o negro Aristides.

Nos últimos dias em Cruz Alta, enquanto aguardava a missa de sétimo dia, para então retornar, recebeu perfumada e saudosa carta de Paloma. Nessa missiva, ela lhe informava, com alegria, que estava grávida e, com tristeza, que os irmãos, por esse fato, a tinham expulsado de casa. Informava, também, que se mudara para a marcenaria. Essa atitude tinha demonstrado aos irmãos, que estavam muito zangados, quem era o pai da criança.

Joca chegou e a encontrou com uma barriga saliente, foi todo carinho e proteção. Não acreditou que Murilo e Pablo viessem até a marcenaria para algum tipo de satisfação, já que tinham expulsado a irmã, e ele a tinha acolhido e, como toda a vizinhança já sabia, eles iam se casar.

Mas nem sempre o que se pensa acontece, e num sábado à noite, os irmãos bêbados derrubaram a porta à sola de botas. Não precisavam ter feito isso, pois se observassem o local veriam que em razão do calor todas as janelas estavam abertas. Entraram com facas em riste. O casal dormia. Joca, com o barulho e o acender da luz, se levantou de pronto e, ao chegar a sala, foi cercado pelos irmãos. Se negacearam, eles respeitavam o Joca, pois o negão era bruto, mas eram dois e estavam armados de ferro-branco. Quando o João Carlos, seguro por Murilo, ia ser esfaqueado por Pablo, Paloma entrou, aos gritos, na frente da peixeira do irmão e recebeu um golpe fatal. Na confusão, Joca empurrou Murilo e pulou a janela. Os irmãos ficaram gritando:

- Volte, covarde! Volte, covarde!

Mas o Joca não era homem de fugir.

Ele pulou para a noite escura, volteou a casa e entrou pela cozinha, a porta era apenas trancada. Lá, tateando no escuro, apanhou uma adaga que estava pendurada pela bainha em um prego junto ao fogão, voltou para a claridade da sala e matou os invasores que, surpresos e bêbados, sequer conseguiram reagir.

Joca chorou muito com Paloma nos braços. Ele a amava. Ela levou junto o filho que eles esperavam com tanta alegria. Nos primeiros raios de sol, ele se dirigiu à casa do Ferrinho, Antônio Ferro, seu aprendiz e ajudante, contou o acontecido, pediu que providenciassem o enterro e que cuidassem da marcenaria. Ele retornaria. Agora, no entanto, seguiria outro caminho, pois temia que o pai de Paloma e seus outros irmãos viessem para vingar as mortes, e ele não queria ter esse enfrentamento, não por covardia, mas por entender que faria novas vítimas e em respeito à memória de Paloma não queria assassinar seu pai e seus irmãos que não tinham culpa no acontecido.

Montou e se apresentou ao comando pica-pau. Estava desnorteado, poderia ter se apresentado aos maragatos, acontece que naquele momento os pica-paus estavam mais próximos. Em verdade, naquele instante Joca queria encontrar a morte, tivesse ela onde estivesse, não importava, se carregava no pescoço qualquer cor de lenço, fosse ele branco ou colorado.

Ao comando explicou o que tinha ocorrido e jurou permanecer e ser fiel às tropas e ao lenço branco pelo tempo que fosse necessário. E assim fez.

Meu tio-avô tomou mais um pouco de chá e visivelmente emocionado continuou:

- Descemos até a sanga, uma água fria rolava por entre pedras polidas, peixinhos alheios aos problemas dos homens nadavam dando cores àquele líquido transparente que, ofendido pelos raios do sol, tomava cores do arco-íris. Lavei bem as mãos que estavam sujas e cheiravam a sangue, Joca fez o mesmo, lavou também o rosto e o pescoço. Fiz concha com a mão e bebi aquela água gelada até encher a barriga.

Descansamos sobre um banco velho, construído com madeira roliça, preso a uma árvore muito antiga, da qual pendiam fiapos de barba-de-pau, arte, certamente, de algum pescador. Joca tirou do bolso da bombacha uma bolsinha cheia de fumo picado, cheiroso e amarelinho, no bolso traseiro tinha algumas palhas de milho, já preparadas. Repartimos um palheiro com muito gosto, com certa avidez.

Mostrou-me uma bela pistola que tinha “herdado” em outra refrega de um castelhano. Nos lembramos dos churrascos na marcenaria, da viola de meu pai, da gaita do seu. Depois baixou a cabeça e contou-me de Paloma, de seus irmãos e da tragédia, os olhos do negão ficaram cheios de água.

Levantamos, nos abraçamos novamente, e ele, então, pediu meu lenço colorado, todo manchado de sangue. Tirou também o seu lenço, que fora branco, agora era ruço, empoeirado. Usando de seu costumeiro bom senso, deu neles um nó escoteirado. E falou:

- Levo este lenço comigo, para os companheiros olharem. Não se inquietarão mais contigo, não voltam pra te campear. Abraçou-me de novo e disse-me. - É bom você se alongar.

A emoção foi tanta que me esqueci do meu facão, que ficou lá atirado, embaixo daquele frondoso pinheiro, sabe lá quem o achou!

Atravessei uma pinguela e do outro lado do regato voltei a beber água, a sede era muito grande. Ao longe ainda ouvia alguns gritos e tropel de cavalos.

Após boa caminhada, com cuidado fui saindo do mato, que era denso e me deu boa cobertura. Ao longe, nuns ranchos que rodeavam pequena capela, vi meu povo maragato.

A tropa foi se reorganizando, eu infante, pois não havia cavalos para meu uso, seguimos em direção a Soledade. Não sei se foi a água do regato, o que não acredito, pois era cristalina, desconfio que foi algo que comi, naquelas condições, sem muito zelo e higiene, e para minha desgraça, padeci de febre, vômito e diarreia. O médico da tropa me hospedou no rancho de um simpaticamente maragato. Esse caboclo, Manoel, que era guasqueiro<sup>1</sup> e raizeiro, numa dedicação surpreendente, além de me alimentar, me medicava de hora em hora, até que me arribei. Eram chás de cascas e folhas de pitanga, de goiabeira e romã, além dos refrescantes chás de camomila e de hortelã.

Preciso também contar a vocês o fato que aconteceu, poucos dias antes de eu ir embora dessa querência. Na época, andavam por essas coxilhas desordeiros transvestidos de maragatos e de pica-paus, com o intuito de assaltar, roubar, assassinar e estuprar. Se estavam de lenço branco, procuravam fazendas e ranchos de maragatos, e o contrário também era verdadeiro. O sol já estava se deitando, os pássaros procuravam o ninho, Manoel e a filha Julieta mexiam nas panelas, eu, a conselho deles, estava deitado repousando, e na quietude daquele ambiente, sentindo o cheirinho gostoso de boia que vinha da cozinha, sonhava em logo partir. Foi quando ouvi barulho de cascos e o relincho de um cavalo. Espiei pelo vão da janela e foi o tempo de ver três sujeitos apeando e gritando:

- Oh de casa! Oh de casa! Tem pouso, tem boia?

Quando o velho Maneco abriu a porta, eles entraram num repente. Ouvei e vi, agora por pequena fresta na porta junto à dobradiça, que um deles agarrou a moça, que gritou desesperada.

- Não! Me largue! Me deixe!

Ele pediu entre dentes, esfregando os lábios em seu pescoço:

- Calada, sua putinha barata. Depois de eu te trepar, você vai me fazer um belo jantar.

O outro, um castelhano com um farto bigode e sorrindo com dentes de ouro, pressionava o pescoço do dono da casa contra a parede e pedia aos gritos:

- La plata! La plata!

Me abaixei devagarito e peguei meu revólver embaixo do travesseiro. Voltei para o canto junto à dobradiça. A fresta me dava alguma visão da cozinha e eu ficava atrás da porta caso esta fosse aberta. O terceiro veio em direção ao meu quarto, torceu a maçaneta e, antes de abri-la, fez couro com o castelhano.

- Toda a plata, velho desgraçado, ou estrupamos e degolamos tua filha.

Em ato contínuo foi abrindo a porta. Ao primeiro passo, o alvejei na cabeça e pulei para a cozinha. A surpresa foi grande. Me olharam com olhos esbugalhados. O castelhano largou o pescoço do velho, mas não teve tempo de nada fazer, pois o acertei no peito. O que agarrava a moça e não tinha arma de fogo, rapidamente, a empurrou para cima da mesa e apanhou a sua lança que estava encostada na parede e veio para me lancetar. O Manoel, agora livre, o empurrou, mas o maldito era um homem forte, e mesmo testavilhando, querendo cair, lancetou meu joelho. Este joelho que me dói constantemente e que me deixou com a perna quase dura.

Papai fez a pergunta que todos estavam prontos a fazer:

- E você, também, atirou naquele filho de uma cadela, Salustiano?

- Naquela confusão de gritos e urros, o empurrão do Maneco me tirou ele da mira e meu tiro se perdeu no vazio. Mas a Julieta agiu com frieza e rapidez, mesmo pálida como uma vela, foi rápida como uma águia. Apanhou a peixeira que estava em cima da mesa e cravou nas costas daquele que tinha dito em seu ouvido que ia estuprá-la. Foi um golpe matador.

Eu, gemendo e pulando num pé só, com auxílio da moça fui carregado para o quarto. Imobilizaram minha perna, fizeram logo banhos na ferida com erva-cidreira, para aliviar a dor, e me deram para tomar chá de louro além de um preparado de erva-doce, canela em pau e mostarda para combater a infecção e facilitar o sono.

O local do ferimento foi tratado por dias com uma infusão de álcool, malva, erva-baleeira e arnica. Meu joelho ficou livre de qualquer inflamação, mas alguma coisa interna foi rompida, e o movimento do joelho ficou prejudicado. Esta dor me acompanha há anos, e à medida que vou envelhecendo ela me incomoda cada vez mais.

Julieta, que nos momentos em que enfrentei a diarreia, jamais se aproximou de meu quarto, provavelmente por ordens de seu pai, agora, me tratava com desvelo. Era, a minha enfermeira. Foi tanta a sua dedicação, que não tive sequer febre, a dor, continua, me perseguiu pra mais de uma semana.

Manoel e Julieta enterraram os malditos, deram um repasse em seus bens e encontraram alguma plata, anéis, alianças, corrente de ouro, joias e outras quinquilharias.

Manoel era um homem boníssimo. Além de me curar com suas ervas, me deu o belo cavalo do castelhano e um anel de esmeralda. O cavalo também era tobiano, e já fui lhe dando o nome de

Galante. O anel, se repararam, está no dedo de Alzira. Cheguei em casa magro e com a perna dura. Mas agradecido ao caboclo, à sua filha e a Deus por terem me salvado.

As peleias se deslocaram para outras bandas, e uns quarenta dias depois da Batalha do Pulador, a maior daquela revolução, hoje se fala em mais de mil mortes. Gumercindo Saraiva, o grande líder maragato, foi morto em uma emboscada quando vistoriava os campos para preparar sua tática para a Batalha do Carovi, lá no Santiago das Missões. Os reboliços prosseguiram e, em 24 de junho de 1895, no combate de Campo Osório, Santana do Livramento, o almirante Saldanha da Gama, à frente de um contingente de 400 homens, lutou até a morte contra os pica-paus comandados pelo general Hipólito Ribeiro. A derrota acelerou o processo de paz, que foi assinada no dia 23 agosto de 1895, em Pelotas.

Passaram-se alguns meses, tava eu quieto em minha fazenda, muito pouco ia ao povoeiro, pois maragatos e pica-paus continuavam se estranhando, e não convinha mexer com marimbondo surrão. Era melhor deixar a poeira abaixar. Para minha surpresa, certo dia, no cair da noite, a lua minguante, já se fazia presente, eu tinha acendido minha velha candeia à querosene, presa em um prego na parede, e tomava tranqüilidade meu chimarrão, quando ouvi um - Oh de casa! Oh de casa! E saindo das sombras, me apareceu um cuera montado em uma mula preta.

- Se achegue, companheiro, seja bem-vindo.

O xiru boleando a perna foi pedindo:

- Com sua permissão!

- Pois não! Se achegue! Venha tomar um chima.

Apresentou-se como sendo Antônio Ferro, conhecido como Ferrinho.

O gauchito se sentou, me fazendo companhia, chimarreamos, falando de coisas triviais: do tempo, da saúde, das plantas e do gado. Daí, então o visitante entrou no assunto que o trouxe a meu rancho.

- Meu amigo, te trago notícias do João Carlos, o Joca. Pois há de ver que o nosso amigo quando voltou da revolução, lá do Carovi, chegou curvado, febril, magro e com uma tosse danada. Andou tomando umas ervas, umas garrafadas e nada. Por fim, resolveu fazer uma consulta e a tísica o tinha agarrado. Deve ter pegado a doença do pai, que ele tratou por tantos dias lá na Cruz Alta.

Acompanhei os últimos dias do carpinteiro. Foi sofrido. Ele antes de morrer pediu que eu lhe entregasse uma encomenda. E foi até a mula, tirou de uma mala de garupa um jornal, que embrulhava um embornal.

A notícia me deixou baqueado, enxerguei de imediato a figura do Joca, do Joca irmão, companheiro, amigo. Senti meus olhos molhados, uma tristeza imensa se derramou em meu coração.

O xiru me bateu nas costas me animando e com um sorriso tímido me entregou o embornal. No interior daquele saco de lona, estavam os panos atados, do Joca o lenço branco e o meu velho colorado.

Se eu já estava meio baqueado, olhar aqueles lenços ainda com o nó direito foi demais, levei no peito um tranco, fiquei meio abobalhado. Mas o Ferrinho era ajeitado. Foi dentro do rancho e, não sei como, encontrou uma cachaça e me trouxe numa caneca de alumínio. Dei uma talagada, respirei fundo e ouvi da boca daquele paisano todos os detalhes da morte do meu amigo Joca.

Quando fez um mês de sua partida, fui visitar o campo santo, numa tarde de céu azul. As acácias mimosas enfeitavam a entrada do cemitério, o vento manso levava as pétalas amarelas e as

distribuía por entre aquelas ruelas estreitas. Com informações do vigia, encontrei o túmulo da família Silva. Tinha levado comigo um lenço branco, seu manto. Com ele envolvi os braços da cruz que ficava na cabeceira da sepultura. Num vaso, coloquei coloridas hortênsias e, ao pé do sepulcro, plantei uma roseira, com belo galho enxertado, rosa branca trepadeira, e o enxerto avermelhado.

Fiz minhas orações e me despedi do amigo. Lembrei-me que ele queria morrer em combate, queria que uma lança de guamirim vasasse seu coração, apagando dali a saudade que sentia de Paloma. Mas os desígnios foram outros, e ele morreu peleando com uma doença que foi pouco a pouco lhe consumindo.

Quando finalizou está prosa, tio Salustiano estava visivelmente cansado e emocionado. Levantamos e fomos para os quartos. Foi a última vez que vi meu tio-avô.

As lidas, minha formação, minhas andanças pela capital e por outros estados me afastaram de minha terra e daquele parente que eu tanto admirava. Até que numa visita que fiz a meu pai, vindo da capital, recebi a notícia, pois notícia ruim sempre nos encontra. Fiquei muito triste ao saber que Salustiano, já viúvo, tinha morrido sozinho na fazenda. Suas terras ficaram abandonadas por muitos e muitos anos; a casa em que faleceu virou tapera, teve uma parte queimada; os campos viraram capoeira; a gadaria foi vendida pelos herdeiros, que aguardaram anos, por desacertos, para vender a terra, o que aconteceu quando uns italianos a adquiriram para a pecuária e para o plantio de trigo.

Olhei novamente as fotografias, passei os dedos sobre elas. Uma saudade, uma nostalgia abraçou meu peito, e lágrimas rolaram de meus olhos. Lembrei-me que naquele dia meu pai me surpreendeu ao me entregar um embornal de lona, amarrado com um tento. Embornal de cor verde, verde-azeitona, envelhecido e meio sebento, custei a perceber o que era aquilo, e meu pai, vendo meu espanto, falou, ouço sua voz cantando em meus ouvidos:

- É o embornal do tio Salustiano, guri, aquele que ele contou quando jantou conosco naquela noite tão agradável, lembra? Chegou a mim há algum tempo. Veja como são as coisas, um velhote pelo-duro, que mora há anos com os Sperb, os alemães que têm fazenda pra adiante do Pontão. Pois volteava o velhote de uma caçada, se pegou num aguaceiro e se abrigou no velho rancho do tio Salustiano, passou lá horas e encontrou esse embornal no meio de lixos que se acumularam no interior da tapera. Como tu vai ver, junto com os lenços há um poema, certamente escrito por Salustiano. Ele conta em versos, mais ou menos, o que ele nos narrou naquela noite.

Pois não há de ver que o pelo-duro, como eu percebi de imediato, gosta de escrever, e disse que gostou muito do poema e se atreveu a fazer uma introdução. Bueno, você vai ver. Sabe, até que ficou bonito.

O caçador sabia que aquelas terras e aquele rancho abrigaram parentes nossos e, num gesto de amizade, me trouxe essa relíquia. Ao abri-la, reconheci e fiquei emocionado. Agradei por demais ao índio velho que tirou um tempo para me trazer esse presente. Quero que esse material fique contigo. Você é jovem e conservará essa preciosidade e um dia contará para teus filhos esta história e mostrará a meus netos essa recordação.

Aticei novamente o fogo, joguei uma acha de camboatã no meio do braseiro, levantei e fui até o baú que fica aos pés de minha cama. Apanhei o embornal. Estava lá, do jeitinho que recebi de meu pai.

Voltei para o redor do fogo, abri, como fiz tantas vezes, aquele saquinho, e mais uma vez lá estavam o lenço colorado manchado de sangue e o lenço branco ruço manchado de poeira e pólvora, e o poema, naquele papel amarelado, escrito, sabe-se quando por meu tio.

Fiquei com aqueles panos “sagrados” em minhas mãos. Estou ficando frouxo. Lágrimas correram de meus olhos.

Guardei tudo de novo e voltei a me lembrar de meu pai, que me confidenciou naquele dia, quando, sólitos no mais, assávamos uma costela e brindávamos com cálices de uma pura vinda lá das margens do Rio Uruguai.

- Meu filho, como eu gostaria de ir atrás daquele facão.

- Qual facão, papai?

- Aquele facão Antônio Bento! Aquele que o tio Salustiano esqueceu embaixo do grande pinheiro. Lembra que ele nos contou? Será que ainda existe?

- Sim, pai, eu estava meio distraído, agora lembro. Deve existir, pois era de aço alemão, o cabo, que era de madeira, certamente o tempo comeu. A lâmina, papai, é fácil de reconhecer. Lembra que ele falou que ela tinha a marca de uma caveira e o sinal de um balaço?

- Isso mesmo, meu filho. Um dia destes me armo de coragem e quem sabe convido algum companheiro, quem sabe o Catarino, meu amigo velho de guerra, e vamos escarafunchar aqueles matos do pulador, catamos pinhão e procuramos o facão.

As palavras de meu pai estão ainda nos meus ouvidos. Levanto novamente, vou até a churrasqueira, como que para me certificar, e lá está ele, preso na parede em cima de um aparador de imbuia onde descansa um vaso com flores, o velho facão, que recebi de meu pai. Está lá, frio, recuperado, brilhando, marcado pela caveira e pelo balaço. Meu pai o encontrou, mas isso é outra história...

Este conto tem como pano de fundo a Revolução Federalista de 1893 - “A Revolução da Degola” - com ênfase ao evento ocorrido em 27 de junho de 1894, nominado de Batalha do Pulador, ou Batalha de Passo Fundo.

Obras consultadas:

Paulo Monteiro – Combates da Revolução Federalista em Passo Fundo;

Jabs Paim Bandeira – A Batalha do Pulador;

Internet: Fernandokd (05.01.2013) – Arquivado em História do Brasil, Período Republicano – 1893 – Revolução Federalista em Passo Fundo (RS);

Fernandokd (05.01.2013) – Arquivado em História do Brasil, Período Republicano – 1894 – Batalha do Pulador (RS);

Wikipédia, Batalha de Passo Fundo;

Wikipédia, General Gumercindo Saraiva.

Revolução Federalista ou Revolução da Degola – 1893 – 1895

Batalhas ocorridas na região de Passo Fundo:

Tope -

28/05/1893

Passo dos Brito –	03/06/1893
Boqueirão –	04/06/1893
Campo do Meio –	12/10/1893
Arroio Teixeira -	20/11/1893
Butiá –	26/11/1893
Passo do Cruz -	20/12/1893
Umbu -	16/01/1894
Valinhos -	08/02/1894
Pontão-	01/06/1894
Jaboticabal –	04/06/1894
Três Passos -	06/06/1894
Pulador -	27/06/1894

Guerras e revoluções com a participação gaúcha

Linha do tempo:

Guerra Guaranítica -	1753 – 1756
Guerra Cisplatina -	1825 – 1828
Revolução Farroupilha -	1835 – 1845
Guerra contra Oribe e Rosas -	1851 – 1852
Guerra do Paraguai -	1864 – 1870
Revolução Federalista -	1893 – 1895
Revolução de 23 -	1923
Revolução de 30 -	1930
Revolução de 32. Constitucionalista	1932

Maragatos – Revolucionário Federalista ou Partido da Revolução Rio-grandense de 1893 / 1923. Seguidores Gaspar Silveira Martins e de Gumercindo Saraiva.

Pica-paus – Eram chamados os combatentes seguidores de Júlio de Castilhos durante a revolução de 1893 no Rio Grande do Sul se opuseram aos maragatos.

Data : 18/01/2018

Título : O FACÃO

Categoria: Contos

Descrição: Mara e Aderbal saíram agarraditos, de rosto colado, num bolero pachola.

## O FACÃO

Em agosto de 2013 o autor escreveu  
o poema Pinheiro do Pulador - Lenços II.  
O conto a seguir baseia-se neste poema.

Tchê do céu...! Nem te conto! Nestes dias andei numa alegria só! Agora ando meio abichornado! Pois tu não hás de ver que minha neta, a filha do Antônio Bento, e minha nora, aproveitando mais uma greve dos professores, se achegaram lá da capital e passaram uns dias por aqui. Foi bom demais, parceiro! A gurua passou uns bons dias comigo e agora partiu, deixando só saudades e uma casa vazia.

Maria Cláudia tá com dez anos. Esperta como ela só. A gurua sabe que é o meu xodó, e se aproveita disso pra “explorar” o vovô. É chocolate, é sorvete e picolé, é lanche, é uma calça, um sapato, até vestido me pediu. Tive que pedir para a mãe dela nos ajudar na escolha, como é que eu ia, sozinho, saber escolher?

Já nos primeiros dias, se foi para a fazenda comigo. Lá aproveitou o que deu: leu muito, pois tenho uma biblioteca de primeira, com livros e revistas. Ela adora ler. Cavalgou, e muito, no Tango, um cavalo feito para criança andar; se banhou e pescou no açude; comeu frutas; tirou e tomou leite, leite quentinho saído do teto da vaca, puro ou misturado com chocolate ou mel, tomou de ficar com o bigode branco; correu atrás das ovelhas, dos cabritos, das galinhas, sempre acompanhada da cachorrada, principalmente do Pinóquio, seu cachorro preferido. Toda vez que fui para o campo, me acompanhou, fosse eu de carroça, levando sal até os cochos ou madeiras para cercas, ou a cavalo, quando repassamos o gado, tratando bicheiras ou curando umbigos da terneirada. Tenho certeza que lá ela se sente em casa, sempre feliz e animada. À noite, em roda do fogão, eu lhe contei histórias do Rio Grande, da fazenda, das lidas, do amansar de cavalos, das pescarias. Às vezes, eu inventava algumas mentiras só para vê-la sorrir, mas, como à noitinha ela já tava cansada, era um upa e teve ouvindo a minha lenga-lenga ela já derrubava, o pescoço prum o lado e ressonava. Então, com todo o carinho eu a levava para a cama.

Aqui na cidade, ela ficava mais na casa dos avós maternos. Lá além da mãe e da avó, tem os primos. Mas nunca me abandonou; a cada dois dias, vinha me visitar. Eu botei um dinheirinho na bolsinha dela, e quando ela se achegava aqui para casa, lá pelas quatro da tarde, aproveitava e passava na padaria Bom Jesus, aquela do Quinca, comprava pão cabrito, cuca, bolachas e outras guloseimas e vinha pulando tomar chá com o vovô. Você sabe como é, eu ficava babando de felicidade.

Numa tarde de chuva, ela chegou toda feliz e satisfeita, alegre como sempre. Depois de um abraço bem apertado, eu fui lhe falando:

- Claudinha! Espera um pouquinho, deixa eu terminar esta lida que está me deixando agoniado, e aí vamos fazer nosso lanche.

Ela se pôs a ler um gibi, enquanto eu terminava de retirar umas caixas acomodadas dentro de um velho armário. Eu mexia com certo nojo, pois na noite anterior vi uma ratazana entrar sorrateiramente na parte inferior do móvel, exatamente onde eu guardo alguns papéis da fazenda. O local estava uma esculhambação, papel cortado, certamente para construir um ninho, cheiro de fezes e de urina. Tirei tudo para fora, no desejo de queimar aquelas caixas e aquela papelada que já não tinham mais serventia. Fiz toda a higiene possível. Coloquei uma ratoeira para tocaiá-lo aquele ser indesejável. Nessa tarefa, para minha surpresa, encontrei num cantinho, ali, abandonado, certamente há anos, um pequeno boneco de madeira articulado com elástico. Você sabe aqueles que se aperta com o “dedão” uma caixinha localizada na parte inferior, afrouxando os elásticos, e o boneco, como por magia, se desequilibra tomando interessantes posições. Braços, pernas, cabeça e mesmo o corpo acabam por se desmilinguir, chamando a atenção e mesmo provocando risos.

- Maria Cláudia, olha aqui o que achei. Foi de seu pai. Dá uma lavada e vê se ainda funciona?

Ela, mais que depressa, e toda curiosa, tomou o objeto, higienizou com bucha e sabão, para completar passou álcool, e ficou ali brincando, cruzando as pernas do boneco, balançando os braços. O fantoche se ajoelhava, pendia a cabeça ora para um lado, ora para o outro, ficava com uma perna mais curta, e assim por diante. E foi quando uma perna ficou mais curta, deixando-o coxo, que ela se pôs a sorrir e falou toda alegre, mostrando aqueles dentinhos brancos e fazendo uma covinha encantadora na bochecha:

- Vovô! Vovô Carlos! Me esqueci de lhe contar que ontem, quando saía da padaria, encontrei um casal de mancos.

E ainda sorrindo continuou.

- Vovô, foi muito engraçado, enquanto um manquitolava para a direita o outro pendia para a esquerda. Quando se descuidavam, batiam com o ombro um no outro. Uma hora por distração bateram até a cabeça.

E continuou sorrindo, um sorriso flouxo, alegre, aquele sorriso de criança levada e cheia de vida.

Eu lhe passei a mão nos cabelos, lhe dei um beijo na testa e falei, sério:

- Maria Cláudia! Maria Cláudia! Eu sei que tu estás exagerando nesta tua prosa, mas lembre-se que a gente não ri nem brinca com a desgraça alheia.

- Eu sei! Eu sei, vovô! Mas tava muito engraçado.

- Quem eram eles? Velhos ou moços?

- Eram novos, vovô. Ela morena, de cabelos cacheados, saia xadrez verde-musgo, blusa branca e um lençinho verde-claro no pescoço, ele também moreno de cabelo cheio, de bigode e barba por fazer, bombacha cinza e camisa branca, botas, lenço e chapéu negros. A bota, vovô, no pé direito tinha um solado grosso, acho que era para dar maior equilíbrio, para compensar, mesmo assim manquitolava. Viu como eu sou observadora, vovô? Ela, vovô, usava uma bengala, não sei se o sapato era especial, com sola mais grossa, pois a saia dela ia até o chão.

Peguei um pão cabrito, abri no meio, enquanto pensava fui passando um pouco de banha e borrfiei um salzinho por cima daquele miolo tenro e ainda quente.

-Bueno, minha neta, vou lhe dar mais um motivo para não rir dos que mancam, pois, teu nome, Cláudia é o feminino de Cláudio, nome latino que quer dizer aquele que claudica, que é coxo, aquele que manca. Logo, esqueça isso.

- Ih, vovô, que sermão!

- De mais a mais, dona Cláudia, eu conheço essas pessoas. Além de conhecê-las, são meus amigos, o Valdecir e a Roxane, a Roxa. Veja bem, minha neta: cada pessoa que a gente cativa é como a crisálida de uma borboleta que a gente observa presa junto a folha de um vegetal. Com o passar do tempo, ela sempre presa em nosso olhar, se transforma em borboleta, ou seja, numa bela amizade. Um amigo mora sempre no fundo de nosso coração.

- Que lindo, vovô!

- Mas, mudando de assunto, onde está aquele facão que eu dei para teu pai? Aquele facão antigo.

- Mas então você não sabe, vovô! Aquele facão é o mimo do papai. Ele mandou fazer um suporte, e o facão está em cima da churrasqueira. Ele não deixa ninguém mexer. Tem ciúmes do velho facão. Sabe vovô? Todos os sábados, ele dá uma polida nele

- Muito bem Maria, eu sabia que teu pai ia cuidar bem dele, pois, aquele facão merece.

Minha neta você avisou teus outros avós que vais pousar hoje aqui em casa? É tua despedida. Nós vamos tomar um chimarrão “bem gordo”. Depois eu faço uma janta legal. Você me ajuda?

- Claro, vovô, eu vou te ajudar a fazer a janta e depois lavo a louça.

E assim minha linda neta se despediu de mim, não sem antes me dar um beijo e um abraço bem apertado, como só ela sabe dar.

Pois então! Você acha que eu ando meio acabrunhado, meio tristonho. Você tem razão, a saudade e as lembranças teimam em apertar meu coração. A conversa com Maria Cláudia atipou meu pensamento. Não paro de pensar: no facão, que agora eu sei estar bem guardado por meu filho; no casal de mancos, que há tempos eu não vejo, e que puseram minha neta a se rir; bem como nos velhos tempos, que em verdade nunca saem de nossa memória. E no que aconteceu a partir daquele final de ano...

Vance sabe! E sabe muito bem, que depois do falecimento da patroa, fui ficando meio largado, mui caseiro, às vezes meio desacorçoado. Mas se sente tchê! Pegue a cuia, vamos parlamentar.

Na época, os filhos me chateavam, insistindo para que eu saísse, fosse a festas, me divertisse, participasse de saraus e outras coisas desse tipo. Recordo agora, com um suspiro no coração, que uns amigos vieram até minha casa para me convidar para ir ao baile de encerramento de ano na bailanta do Cabeto. Eu argumentei.

- A bailanta do Carlos Alberto é um puteiro, não é coisa de família.

Eles contra-argumentaram:

- Tio, no final de ano, como é tradição, o Cabeto, aquele afeminado, abre as portas de seu “bordel”, vende todas as mesas para o pessoal da alta, pois enfim, na cidade há outros salões e mesmo clubes, mas muitos não funcionam no réveillon. E de mais a mais, não existe na cidade um salão que desperte tanta curiosidade como o dele. Os homens querem sentir o perfume das perdidas que está entranhado em suas paredes, e as mulheres querem ver para onde seus homens fogem e se aconchegam nos braços das desavergonhadas. Além, é claro das luzes e das pinturas nas paredes, obras de um grande pintor da capital, eróticas, repletas de volúpia e sensualidade.

Eu me rendi e rindo falei:

– Isso vai dar confusão, pois muitas das percantas<sup>1</sup> que frequentam a bailanta são amantes desses ricaços da alta.

- Não se preocupe com isso tio. O Cabeto, aquele pederasta, tem tudo controlado. Aquela putaiada não vai se aproximar do nosso réveillon.

Os que me chamam de tio são amigos de meus filhos, que moram na capital e que os orientam a me darem assistência. Como se eu precisasse! Estes meninos são, há anos e anos, muito apegados em mim, pois vivem pescando lá na fazenda. Quando vão para lá, é só festa, caña, cerveja, muito carne, que geralmente eu asso, violão, gaita, piadas, contos e poesias.

- Bueno, bueno, eu só quero ver!

Convencido por aqueles jovens amigos, me fui para o festejo. Banda de música, vinho, cerveja, champanhe, à meia-noite um foguetório de dar inveja e muita comida, e da boa.

Eu fiquei na mesa solito, eu e uma porção de cadeiras, pois a gurizada, amigos dos meus filhos, alguns recém-casados, outros solteiros, se prenderam nas danças.

Estando sozinho, não precisando conversar, eu tive a oportunidade de observar o povaréu, e aí, você vê de tudo: era mulher casada fazendo zoinho pra homem também casado, uns bêbados tramando as pernas, algumas senhoritas da alta nuns agarramentos escandalosos com o machedo, um velhote dançando e rebolando com a gravata enrolada na testa, querendo parecer moço, e por aí vai... É verdade que a música era de primeira, não se discute: valsas, tangos, boleros, samba e de vez em quando uma marchinha de carnaval, aí então aquele véchio que dançava sozinho parecia um cabrito novo de tanto que pulava.

Lá pelas duas da manhã, as marchinhas de carnaval pegaram firmes e aquela gente, já meio enfrascada, cantava, sorria e pulava, jogando serpentina e confete. Foi bem nessa hora que a Mara, aquela loira de olhos verdes, uma perdição de china, quebrou o combinado com o Cabeto e, qual uma linda gazela, entrou na bailanta. E não há de ver com quem? Com meu amigo Catarino, ele vestindo um terno de linho branco, camisa azul clara e gravata vermelha e ela com um vestido, tubinho branco com detalhes em verde-água, combinando com seus belos olhos. O vestido era agarradinho e mostrava todas as curvas, que não são poucas. O casal entrou a passos de valsa, o Catarino comandando o desfile com um caminhar lerdo como é o seu estilo.

Todo mundo sabe, menos a mulher dele, que ela, a Mara, é enrabichada do “doutor” Castilhos, aquele rábula, que tem ganhado muito dinheiro e mora naquela casa de dois andares na esquina da avenida. E a Mara, coisa de puta, para fazer ciúmes ao Castilho, já foi largando o Catarino na copa. É verdade que sapecou um beijo na bochecha dele, deixando no rosto as digitais vermelhas de lábios macios e carnudos. Desinibida como só ela, e provavelmente de caso pensado, ou até quem sabe combinada com o próprio, já foi pegando pelas mãos o doutor Aderbal que estava apoiado no balcão girando na mão um copo de whisky, que chacoalhava, fazendo ruídos de cascavel. O Aderbal, você sabe, é aquele advogado, solteirão, que tem ojeriza pelo Castilhos, pois, enfim, são concorrentes. Já se enfrentaram muitas vezes nos tribunais, e ele sempre desdenhou o Castilhos nos corredores do fórum, dizendo a altos brados – Este que se diz doutor, além de não ter formação, nunca lhe ensinaram o que é ter classe.

Mara e Aderbal conversaram por minutos e, quando as marchinhas foram substituídas por uma nova seleção musical, saíram agarraditos, de rosto colado, num bolero pachola. O Castilhos não deixou por menos, pegou a mulher, uma senhora de alta classe, e também saiu rebolando e já na primeira, bem como na segunda e na terceira volta, deu encontros de ombro no Aderbal. Pra amansar a coisa, sentindo o cheiro de pólvora, a mulher do Castilhos, que se nota ser uma dama, assim que terminou aquela dança, carregou o rábula pela mão, apanhou a bolsa e o levou embora. Foi um alívio para todos. A Mara tinha um leve sorriso nos lábios.

Mas o Cabeto de longe a observava. Ele fez um leve sinal e ela entrou pela copa, seguiu em direção à cozinha e por lá sumiu.

Eu fiquei tristonho, até tomei mais uma, porque se foi embora, se rebolqueando toda, aquela loira lindaça no mais.

O Catarino, com o rosto borrado de batom, me viu e já foi se achegando. Sorrindo, cantarolava com os braços elevados, como se quisesse me abraçar.

Adeus, ano velho!

Feliz ano novo!

Que tudo se realize

No ano que vai nascer!

Muito dinheiro no bolso,

Saúde pra dar e vender!

O índio, alisando o bigode, me abraçou, nem bem sentou e já foi me contando que a Mara o abordou na entrada do recinto, colocou a mão em seu braço e pediu para acompanhá-lo até o interior da bailanta.

- Como não sou de negar carona para mulher bonita, entramos, como tu bem viu, sendo olhados e admirados por todos. Formamos ou não formamos um casal bonito?

- Meu amigo – eu me ri e fui dizendo - você escapou por pouco de apanhar e ser processado pelo Castilhos.

Ficamos ali bebendo uma cervo e jogando conversa fora quando um fato estranho aconteceu. Numa mesa próxima estavam sentadas duas senhoras, ou melhor, uma senhora, possivelmente a mãe, e uma moça, certamente a filha. A moça, eu observei, era de uma beleza singular, morena de cabelos negros cacheados que chegavam até os ombros, olhos claros, verdosos, quase dourados, com longos cílios, o que me deu de imediato a sensação de que era filha de algum gringo, nariz fino arrebitado, boca carnuda, bem delineada, vermelha como romã maduro.

Tudo isso me chamou atenção, porque um moço, imaginei um forasteiro, se achegou naquela mesa e convidou a moça para dançar. Ela sorriu com dentes alvos, apoiando o queixo sobre a mão. Pude ver que as unhas na cor vermelha combinavam com seus lábios. Ela fitava o moço com um olhar que poderia se dizer apaixonado. Ele me pareceu insistir, ela continuou argumentando, a mãe entrou na conversa, ele se mantinha inclinado, com as mãos sobre a mesa. Todos falavam baixo, com discrição. Ele, após tanto argumento, se pôs ereto e gesticulou, sorrindo como se estivesse satisfeito, ela apoiou as mãos na mesa e levantou-se com cuidado, circulando a mesa. Ao fazer esse gesto, observei que trajava vestido longo de malha negra, com decote redondo. Vestido leve que combinava com a noite quente e com o ambiente abafado. Vi, ainda, que uma muleta descansava na guarda da cadeira.

Ele a segurou pelo braço, ela sorriu tímida. A mãe a olhou com olhos de encorajamento, ele de imediato a enlaçou pela cintura, mas todos que acompanhavam aquela movimentação, assim como eu e o Catarino, viram que ela era manca, a perna esquerda era mais curta. Quem melhor observasse, notava um leve inchaço no quadril desse mesmo lado.

O moço a apoiou com carinho, e ela com aparente esforço, procurava se apoiar na pontinha do pé. Assim de forma lenta, eles valsaram e valsaram. Quando de mim se aproximaram, volteando o salão, observei melhor o cavalheiro de tez morena e cabelo cheio.

Quando a música ficou mais agitada, ele a levou para a mesa. Foi convidado a sentar, o que ele fez, me pareceu, com grande prazer. Ela, por outro, lado tinha um alegre sorriso e uma felicidade que se irradiava em seu belo olhar. Mas eu fiquei com certa suspeita: será que aqueles dois já se conheciam?

De qualquer forma, fiquei observando aquela cena, confesso que uma lágrima me escorreu pela face, a velhice está me deixando sensível. O que me emocionou em verdade foi ver um rapaz, tão jovem, ter uma sensibilidade e mesmo a humanidade e a coragem de tirar para dançar aquela bela moça com um defeito tão aparente. Caráter assim não dá em touceira.

Estava eu entregue a esses pensamentos quando o Catarino, que é mais enfiado que pulga em costura, me cutucou com o cotovelo, e insensível como sempre e com aquele humor ácido que lhe caracteriza, com um sorriso meio torto, foi dizendo:

- Meu parceiro, para que esta lágrima, tenha certeza que o jovem não quer ela para carreira.

Eu olhei para aquele traste e tive que me rir, pois ele não merecia qualquer tipo de resposta. Mas tomei uma decisão imediata, levantei, tomei o último copo de cerveja em pé e já fui dizendo:

- Catarino, vamos embora, por hoje já deu.

Ao sair, ainda olhei mais uma vez para o casal. O forasteiro, sorratamente, sem que a mãe percebesse, aflagava com a ponta dos dedos as costas da jovem. Estaria o Catarino certo?

Na porta, o Cabeto agradecia a todos pela presença, oferecia licor e entregava uma barra de chocolate presa a um pequeno calendário do ano que nascia.

Ao nos ver, se aproximou esvoaçando, qual uma borboleta quando volteia uma flor, tirou do bolso do casaco um lençinho branco rendado e perfumado e foi limpando delicadamente o rosto do Catarino que ainda tinha manchas de batom, e foi lhe dizendo ao pé do ouvido:

- Colega, venha nos visitar, apareça. A Mara está aqui de quarta a sábado.

O Catarino ficou meio branco e constrangido, pois pessoas a nossa volta olhavam curiosas, e ele sapecou com voz grossa:

- Que colega o que seu desinfeliz! Quarta-feira eu volto.

Sáimos para o frescor da noite. O sereno que deixava a grama embaçada foi molhando nossos sapatos, eu olhei de soslaio para o meu amigo e num rasgo de vingança fui perguntando:

- Mas então, colega, quarta vens ver a Mara ou o Cabeto?

Ele deu duas ou três rosnadas, coçou a cabeça e por fim teve que rir.

- Aquele “dama” não se enxerga.

Seguimos, por minutos em silêncio e quando chegamos na esquina eu virei para um lado e o Cata, para minha surpresa, virou para o outro.

- Aonde vai, companheiro?

- Vou visitar as “tias”.

- Mas numa hora dessas?

- Amigo estou precisando de um cheiro de mulher e de uns lençóis perfumados. Vamo junto.

- Que que é isso, meu amigo? A esta hora, com o galo quase cantando, eu vou para os meus pelegos. Até amanhã.

- Oh, Cata! Não esquece que uma hora dessas vamos procurar o facão do meu tio-avô.

- Tá certo! Está certo! Um abraço. Vai com Deus. Obrigado pela companhia, boa noite.

- Amém! Boa noite, amigo.

- O Catarino, que você não conhece, é soledadense. Sargento enfermeiro da gloriosa Brigada Militar. Reside há muitos e muitos anos no velho Boqueirão. Catarino é solteirão, e por ser solteirão, foi pouco a pouco perdendo os amigos, alguns morreram, outros foram embora, mas a grande maioria casou. E o Catarino foi ficando solito, pois homem solteiro não encontra espaço junto aos casais. Foi envelhecendo e, por véchio, tem dificuldades em fazer amizades com a nova geração, os interesses são outros. Quando ele deu por si, estava praticamente sozinho.

Você sabe como é, eu passo muitos dias na fazenda e alguns dias na cidade. Quando estou na cidade, sempre me acho, nos fins de tarde, na bodega do Lauriano. Os fins de tarde, o escurecer, aquele lusco-fusco que nos chama para orar a Ave-Maria, o canto dos pássaros procurando o ninho me abatem, deixam meu rancho triste, me trazem lembranças da falecida. Essas recordações são doloridas, e eu, normalmente, não sei quando recebo alguma visita para tomar um chima, me abrigo na bodega do Lauriano e só saio de lá quando as estrelas já vão altas e o Cruzeiro do Sul aponta para os lados da República Oriental.

Ali, na bodega, enquanto o Lauriano vai vendendo seus secos e molhados, a conversa flui mansa e alegre, seja com os frequentadores ou com os chegantes. Eu, que já sou da casa, pego uma perna de salame, uma fatia farta de queijo e vou preparando um tira-gosto para acompanhar uma caña buena, daquelas que quando agitada faz rosário. Fico ali oitavado no balcão, papeando com um, parlamentando com outro, ouvindo às vezes algum borracho contar uma piada apimentada, e por aí vai. Me alembro como se fosse hoje, como se fosse agora, que numa tarde dessas se achegou na bodega o Catarino.

O homem chegou meio ciscado, se apresentou ao proprietário, se identificou como enfermeiro da Brigada Militar. Informou que tinha comprado a casa do Valdemar na rua de baixo. Aquela que beira o chafariz! Constrangido, perguntou se podia abrir uma conta, uma caderneta, pois faria ali suas compras e gostaria de pagar quando recebesse o soldo.

Simpatizei com o índio e o chamei para uma trela, lhe ofereci o tira-gosto e pedi para o Lauriano que lhe servisse uma marvada como sinal de boas-vindas.

O Catarino é um homem alto, pesado, pescoço grosso e mãos enormes, com entradas no cabelo que o deixam com a testa larga, prenunciando uma calvície que não demorará muito a chegar. Esta careca é compensada por um farto bigode que já apresenta alguns fios brancos. Tem um jeito lerdo de caminhar, alguns dizem que ele é um mangolão,<sup>1</sup> outros o taxam de songamonga,<sup>1</sup> o que dá no mesmo. Mas quem vê cara não vê coração, pois o Catarino é um sujeito de grande coração, enfermeiro de mão cheia, sempre disposto a ajudar quem precisa. Constantemente preocupado com a saúde da vizinhança, com as vacinas da criançada, e com esse jeitão foi pouco a pouco conquistando a vizinhança. Catarino é um bom homem, hoje, assim como você, um ótimo amigo.

A partir desse dia, passamos a nos encontrar com regularidade naquele simpático armazém. Vezes por outra, eu não me chego por lá, e ele, demonstrando preocupação, pois, enfim, é enfermeiro, sobe até minha casa para ver como eu estou. Geralmente eu estou bem, confesso que algumas vezes a tristeza me abate. Mas o Catarino tem o poder de me animar, papeando alegremente, preparando um chimarrão sempre buenaço, pois a erva que tenho é de primeira. Assim, mateamos, enquanto ele me conta suas atividades no quartel e eu lhe narro minhas atividades na fazenda e, quando estou de boa veia, lhe conto algumas aventuras, às vezes até alguma mentira, de meus antepassados nas revoluções, o que lhe enche de curiosidade e às vezes lhe provoca grandes risos.

Foi numa dessas charlas que eu contei para o Catarino das aventuras de meu tio-avô Salustiano durante a Revolução de 93, a Revolução da Degola.

Contei para ele, em detalhes, quem foi tio Salustiano. Contei da admiração e emoção que senti, quando eu ouvi, junto com minha família, a sua história. Relatei as batalhas de que ele participou e principalmente da Batalha do Pulador lá em 27 de junho de 1894. Descrevi o cavalo Galante, o amigo Joca, que lutou com lenço branco enquanto o Salustiano lutava com o lenço maragato. Tracei com detalhes o facão que meu tio-avô jogou ao chão à sombra de centenário pinheiro, quando reconheceu o Joca e o abraçou com grande entusiasmo naquela alegria por estar vivo e encontrar um amigo tão querido, naquele ambiente tão hostil. Descrevi o raizeiro Maneco e sua filha Julieta, que lhe salvaram a vida e, que ele, com a graça de Deus, teve, também, a oportunidade de salvá-los. Narrei o desespero que lhe acometeu quando o Ferrinho lhe noticiou da morte do Joca e de sua visita ao campo santo, quando em homenagem ao colega e amigo plantou junto ao túmulo uma rosa branca com um enxerto colorado.

Como eu tinha uma “sede”, uma expectativa de encontrar o facão que Salustiano perdeu ou esqueceu em seu encontro com o Joca, embaixo de centenário pinheiro, eu contei e recontei essa passagem ao Cata, lhe descrevi o facão, que segundo meu tio-avô era de aço, com cabo de osso e madeira. Na lâmina, além de dois traços, tinha o sinal de uma caveira e a marca de um balaço. Essa marca era coisa de velhas peleias, mais precisamente de um entrevero na bailanta do Vavá.

Mas, por compromissos de ambos os lados - meu na fazenda e do Catarino com seus eternos plantões - fomos adiando nossa busca pelo facão, até que surgiu uma grande oportunidade, uma licença-prêmio do Catarino para gozar a partir de setembro. Ficamos entusiasmados com nosso plano. O tempo primaveril de setembro nos animava e, além do mais, poderíamos nessa mesma olada aproveitar a Romaria de São Miguel, que como você sabe acontece sempre nesse mês.

Infelizmente, por detalhes bobos, atrasamos a viagem e, quando chegamos à Capela de São Miguel, só encontramos o lixo dos festejos. Com fé, ajoelhamos junto ao santo e fizemos nossas rezas. Acampamos na beira do Pinheiro Torto, passamos ali dois dias, descansando, comendo jundiás e traíras acompanhadas de deliciosa polenta, especialidade do Cata. É lógico que não faltou o velho chimarrão, bom vinho e buena cachaça. Na última noite desfrutamos de um carreteiro gordo no charque e um revirado de feijão, daqueles que o fundo da panela fica limpo, pois, como você bem sabe, peixe todo dia dá uma fraqueza danada em qualquer vivente.

Levantamos cedo no mais. O sol começava a pintar o horizonte, e o sereno grosso brilhava sobre as coxilhas, com os últimos reflexos de uma lua cheia que teimava em não ir embora.

Fizemos um café forte, com pão dormido, queijo e salame. O Cata, um comilão dos bons, rapou todo satisfeito a sobra de revirado com carreteiro. Ajeitamos a gaiota e seguimos por aquela estrada tortuosa. Já no alto, avistamos o pinheiro altaneiro sobre a mata. Suspirei e pensei comigo mesmo: lá é o meu destino.

Mas se a vista enxerga longe, a estrada é mais longa ainda, e depois de marcha apertada, descemos uma pequena canhada, no fundo da qual corria uma sanga de água fria e cristalina, onde o matungo matou a sede. Nós também aproveitamos: bebemos, lavamos as mãos, o pescoço e o rosto, pois o setembro, já quase outubro, chegou quente e abafado.

Subimos, então, e ao chegarmos no topo da coxilha a estrada se bifurcava: à esquerda nos aguardava a entrada da fazenda, e à direita ela continuava fazendo um túnel contra uma mata de angicos e taquaireiras que se perdia no horizonte. Atravessamos a porteira e na baixada avistamos a casa, o mangueiro e o galpão. Andando mais um pouco, agora mais atropelado, pois o terreno favorecia, divisamos no mangueiro, em frente à casa, um animal encilhado.

Fomos nos achegando devagarito. Pelo alto do sol, calculei que eram nove horas. Tava tudo quieto, o encilhado era uma égua que relinchou e o nosso cavalo respondeu. Dois cachorros saíram do galpão e se puseram a latir. Observei e, cutucando o Catarino falei:

- Veja! A égua no lado direito tem sangue na barriga, no estribo e no pelego.

Acabei de falar, o Cata não chegou a responder, e uma senhora, já alçada dos cinquenta anos, com os cabelos grisalhos desgrenhados, olhos negros sitiados de pés de galinha, vestindo uma saia de brim, com uma calça masculina por baixo, e calçando botinas, saiu pela porta do galpão, trazendo consigo uma espingarda com a coroa contra o ombro. Engatilhou e nos pôs sob mira. Percebi que ela estava transtornada. As mãos estavam trêmulas, os olhos arregalados. Os cachorros correram para seus pés, nós ficamos pasmos, sem entender o que estava acontecendo. Ela, com lábios finos e dentes amarelados, cuspiu para um lado, um cuspe grosso, escuro. Notei de pronto que mascava fumo. Falou num muxoxo, entre dentes, com os cachorros:

– Atentos.

Ficou claro que os cachorros eram treinados, e bem treinados. Eles ficaram quietos, sentaram-se sobre as pernas e nos encaravam. Eram dois bulldogues negros, jovens, mas já encorpados. Seus olhos eram frios, vazios, amarelados com íris negras. Foram momentos tensos e mudos. Ela nos olhou, nos analisou com cuidado, nos mantendo sob mira, até que finalmente foi baixando a arma. Os cachorros ficaram nervosos, ela voltou a falar com eles:

– Amigos.

Eles levantaram, e, abanando o rabo, cada um saiu para o seu lado.

Ela quebrou aquele momento de tensão, esboçou um sorriso e foi dizendo meio afobada:

- Se acheguem, senhores, por favor me ajudem!

Olhei para o Cata, vi que ele estava um pouco trêmulo, confesso que meu coração tinha disparado. Apiamos rapidamente e acompanhamos a senhora. Vendo-a agora, mais de perto, me pareceu conhecida.

- Meu genro! Meu genro! Está muito ferido.

Entramos pela porta larga do galpão, atravessamos um chão varrido. Num canto, junto a um cesto de taquara, um montículo de lixo e uma vassoura de carqueja. Saímos por uma porta lateral e com poucos passos entramos na casa pela porta dos fundos. A mesa na cozinha, coberta com uma toalha xadrez de algodão, estava posta, entre queijos, salames, pão e café. Havia um bule de leite, já frio; a nata tinha aprisionado uma mosca azul. O inseto zumbia naquela gordura amarela e grossa que selava o branco do leite. O ambiente cheirava a temperos. No fogão, numa panela de ferro, havia uma polenta ainda intocada. Ouvi vozes e gemidos.

A senhora encostou a espingarda num canto da parede e nos apurou:

- Venham, venham!

Entramos no quarto.

Sobre uma colcha florida em tons degradê de abóbora até amarelo, repousava, branco, esverdeado de dor, um homem que gemia baixinho, esforçando-se para não preocupar as mulheres.

A perna, ou melhor o tornozelo, dele apresentava um ferimento, estava para mim, que sou leigo, dilacerado. Havia um rombo e muito sangue coagulado.

- Com licença! Com sua licença! – murmurou o Catarino. Sou enfermeiro, vou fazer um rápido exame para ver o que temos que fazer.

Manuseou com delicadeza a perna ferida, pediu água quente para realizar uma assepsia. Limpou o local e, balançando a cabeça, falou:

- É ferimento à bala. A bala atravessou e comprometeu a tíbia e ligamentos. É uma lesão dolorida, o amigo tem que ir para o hospital com urgência. Como faremos isso?

- Temos que ir até o vizinho, o compadre Mello, que tem um Jeep, para vir nos socorrer.

Essas foram as primeiras palavras da moça, ou melhor, da senhora, pois tudo indicava que ela era a esposa. Ela se pronunciou, com lágrimas nos olhos, soltou a mão do ferido e levantou-se devagar. Ao se levantar, puxou a perna e apanhou a muleta que estava encostada no criado-mudo, que eu, naquele nervosismo, sequer tinha percebido.

- Vou pegar o cavalo e vou até lá – concluiu a mulher.

- Eu vou, senhora - respondi de imediato. Basta que me indique a direção e o carroiro.

O Cata, com aquele jeito lerdo e com voz pausada, decretou:

- Enquanto ele vai pedir condução para o vizinho, eu vou fazer um curativo. Tenho minha maleta de primeiros-socorros na gaiota, não me separo dela de jeito nenhum, tenho também uns analgésicos para amenizar a dor. A senhora arrume a mala, pois o amigo - como é mesmo seu nome? Vai ficar uns bons dias no hospital.

O ferido nos olhou e, depois de um gemido, disse:

- Eu me chamo Valdecir. Esta é minha esposa Roxana, e a senhora, que os recebeu é minha sogra Dona Santinha.

Eu também me apresentei, assim como ao meu companheiro:

- Bueno Valdecir este que está a te tratar é o enfermeiro da Brigada Militar, Catarino Flores, eu sou morador antigo do Boqueirão e possuo fazenda lá pros lados da Bela Vista, me chamo Carlos Moreira.

E assim aconteceu: Santinha me ensinou o caminho, Roxana foi arrumar as malas, o Catarino foi tratar do ferido, que naquele momento não quis conversa, ficou calado, gemendo, e não “se abriu” com o enfermeiro.

Eu tomei o cavalo e fui, com a maior rapidez possível, num galopito ligeiro, pedir socorro ao senhor Mello.

O vizinho prontamente atendeu, não era muito longe, e enquanto ele se ajeitava, pegava roupa, abastecia o carro e tomava outras providências, eu retornei para tranquilizar o Valdecir e a família.

- Pessoal, o vizinho logo está chegando. Como é que tá o ferido?

- Tudo arrumado, falou o Catarino, curativo feito, mala arrumada. Eu vou acompanhar o Valdecir e a dona Roxana, até o hospital. Posso ser de utilidade.

- Tá certo eu te aguardo aqui.

- O Valdecir quer falar contigo. Precisa de um favor teu, de uma ajuda.

Antes de ir até o quarto, puxei o Cata para um lado e lhe falei baixinho:

- Reconheceu este povo, Cata?

- Não sei! Te parecem conhecidos?

- Claro, Cata, é o casal do baile de fim de ano home veio! Lembra? Ela coxa e ele o galanteador.
- Epa! Opa! Pois não há de vê que são eles mesmo. Sim! Sim! Agora me lembro, eles casaram, bicho veio!
- Parece que sim. E a velha e os cachorros, hein?! Que puta cagaço nos deu. Você quase se cagou, Catarino.
- Mas então, tchê! E não era pra menos?
- Tá bueno! Mas você vive dando uma de macho lá na bodega do Lauriano. Eu pensei que tu eras mais corajoso. Se eu contar essa tua tremeção lá, o povo vai morrer de rir. Tu me trataas bem de agora em diante, e saí me rindo.
- Era só o que me faltava – o Catarino resmungou, cuspiu e jogou o pito longe.

Me achequei até o quarto, sentei-me numa cadeira de balanço com assento em palha de milho trançada, forrada com uma manta de brocado, ricamente colorida, demonstrando que a dona daquele quarto, Roxana, era pessoa caprichosa. O quarto cheirava a mercúrio cromo. O ferido cochilava. Vi que o Catarino tinha feito um bom serviço, pois o pé, tornozelo e barriga da perna estavam perfeitamente enfaixados. Enquanto observava alguns quadros na parede e um fino castiçal sobre o criado-mudo, dei uma tossida estratégica para ele perceber que tinha visita. Valdecir abriu os olhos e eu perguntei de imediato, pois não havia tempo a perder, o vizinho logo chegaria:

- O que houve, meu amigo, como posso te ajudar?
- Por favor, chame o enfermeiro, pois o que tenho a relatar deve ser feito aos dois.

Dei um grito, e o Catarino logo se achegou ao quarto. Sentou-se num mocho num canto, por ser um homem grande ficou mal acomodado, ao que o Valdecir logo lhe disse:

- Amigo, sente-se aqui na beirada da cama.

O enfermeiro se achegou para o lado da cama e, ao prestar atenção naqueles alvos lençóis, passou a mão na bunda, numa ânsia de limpar a calça.

Valdecir se expressou com certa aspereza:

- Senta! Senta, não te preocupes com lençóis, e entre gemidos e caras de dor, prosseguiu:
- Primeiro eu quero agradecer de coração aos senhores, parece que foi Deus que lhes mandou. Agente solito com duas mulheres nestes fundos às vezes passa por sérias dificuldades.

Em segundo lugar, vou lhe contar os fatos, pois ninguém mais do que os senhores devem ser sabedores, até porque se faz necessário que o acontecido seja denunciado à polícia. E como você, Catarino, vai comigo para a cidade, é bom estar a par, pois na entrada do hospital, estando eu ferido de bala, certamente seremos indagados sobre o ocorrido, e a polícia exigirá de mim um boletim de ocorrência.

Há dias, apartei cinco vacas de leite solteiras e as levei, para aguardar a parição, a um pasto pequeno que fica do outro lado da sanga, beirando à estrada. Uma pastaria de primeira. É de conhecimento que abigeatários vêm roubando gado nesta região, o que sempre preocupou a nós e à vizinhança. Esse fato acontece há anos, tanto é que os pais de Roxana, quando possuíam pequena propriedade ali pros rumos de Ernestina, foram assaltados por duas vezes.

No primeiro assalto, Roxana era menina de tudo. Os ladrões sacrificaram duas vacas e um porco, enquanto a família estava na cidade. No segundo, a coisa foi feia. A Roxa estava com doze anos, era como ainda é hoje, uma excelente cavaleira, que ajudava o pai nas lides campeiras. Pois, numa noite em que a lua já ia alta, cinco sujeitos chegaram à propriedade, sacrificaram duas

vacas e as colocaram na carroceria de uma pick-up Ford, que tinha sido vista à tarde rodando por aquelas estradas, com dois ocupantes. A caminhonete era da cor amarelo-ovo, com para-choques cromados, mas o que chamava mesmo a atenção é que não possuía placas e apresentava o capô e a tampa trazeira na cor vermelha. Outros três chegaram a cavalo, demonstrando que a propriedade tinha sido escolhida a “dedo”. Enquanto a pick-up sumia, pesada, em meio a um poeirão, os três cavaleiros se dirigiram para a sede.

Para que vocês entendam melhor, a sede da fazenda era composta, e até hoje é assim, de um mangueiro, uma casa de moradia e um galpão, tudo à sombra de dois umbus centenários. Dois dos invasores entraram na casa, pela porta que estava mal e mal fechada com uma trameia folgada, situação costumeira nestes fundos, enquanto o outro vigiava e cuidava dos cavalos. Eles pegaram a indiada dormindo. Um deles, com pés de pluma, entrou no quarto do casal, enfiou a mão embaixo do travesseiro e apanhou o revólver que meu sogro colocava ali sempre que ia dormir, como muitos gaúchos costumam fazer. Queriam dinheiro, armas e certamente se aproveitar de dona Santinha. Imobilizaram meu falecido sogro. Após revistarem todo o quarto, o guarda-roupa, a cômoda, o criado-mudo e revirarem o colchão, fecharam a porta do quarto e carregaram minha sogra para a cozinha. Com ela por diante fizeram uma varredura no rancho.

- Mostre-nos o dinheiro e as armas e alguma joia que tiver por aí, senão o Adão Carço vai tirar sua roupa e você vai ver o que é bom pra tosse! - Gostosona! – rosnou o que se chamava Pedrão, um índio baixusco, barrigudo, calvo e de pescoço grosso.

O Adão Carço era um mulato forte, cabelo raspado e o rosto bexiguento, marcas de uma varíola que certamente tinha cozinhado aquele negroide.

A Roxa, estava no quarto ao lado, pé ante pé, pulou a janela e, se esgueirando, passou por trás dos umbus e entrou no galpão. Ali, no escuro colocou o freio no seu cavalo de estima, que relinchou baixinho enquanto ela o acariciava. Montou em pelo e saiu campo afora, na intenção de se refugiar na mata, ou mesmo, ir até os vizinhos mais próximos. Os Ruas.

O maledeto que tinha ficado do lado de fora do rancho viu o acontecido e saiu em disparada gritando:

- Pare, pare!

Para chegar até a mata próxima, que ela conhecia como a palma da mão, era preciso ladear uma voçoroca, e o bandido gritava.

- Pare, pare, desinfeliz! Há! Há! Há! Vou te pegar! Vou te pegar! Sua putinha.

Ela, com o coração aos pulos, apoiada no pescoço do cavalo, falava em seu ouvido: – Vamos, vamos! O cavalo ganhou velocidade.

Mas o perseguidor também era bom cavaleiro e tava bem montado, mas, mesmo sendo bom, logo entendeu que não conseguiria alcançá-la. Puxou, então de um 38 e atirou três vezes, o último tiro acertou a paleta do animal, que rodou e jogou a guria ladeira abaixo.

O bandido chegou à beira do barranco, viu contra o reflexo da lua que a barroca era forrada de barba-de-bode, caraguatá e carqueja. A vegetação e o escuro impediram que ele visse o destino que tinha dado à sua vítima. Deu um tiro na cabeça do cavalo, que agonizava, e voltou para o casario.

Se ele tivesse observado um pouco mais, deixando, quem sabe, seus olhos se acostumarem ao breu daquele buraco, teria visto que a menina estava desacordada, presa pela perna ao tronco em forma de forquilha de um guamirim. Teria também observado que a perna esquerda dela tinha se afastado de forma estranha do corpo.

Na casa, o gordo Pedrão, que pelas suas atitudes tinha pendores de cozinheiro, preparava um arroz com pedaços de charque, temperado com tirinhas de salame, cebola e tomate, e aquetava um feijão que tinha encontrado dentro do armário, fazendo um revirado com farinha de mandioca, temperado com pimenta. Enquanto isso, o Adão Caroço fazia com que Santinha abrisse gaveta após gaveta, mala após mala, caixas após caixas, e, para cada insucesso no encontro de armas e dinheiro, ele com uma faca lambendo de afiada, cortava um dos botões da camisola de algodão que ela vestia e que na frente era guarnecida com botões de madrepérola. Cortava um botão em cima e outro embaixo, assim os seios e as coxas começavam a se visualizar. A sogra, pasma e chorando, tentava se proteger com as mãos, evitando que suas carnes se pusessem à mostra. Era o que os bandidos queriam, pois, a cada botão cortado, eles caíam na risada. Já tinham se apoderado de uma espingarda que estava presa por uma correia de couro em um prego atrás da porta da despensa. Dinheiro acharam pouco, o que os contrariava, mas tinham achado joias, cinco patações de prata e um relógio de bolso banhado a ouro, que a sogra guardava como lembrança do pai. Acharam também uma botija de pinga dentro de um armário. Bebiam no bico e davam tapas na bunda da sogra, que os olhava com olhos esbugalhados.

O sogro, que estava com os pulsos e os tornozelos presos, lembrava que embaixo do guarda-roupa havia uma adaga que ele ali guardava exatamente para uma situação como esta. Tenso, fazia força para escapar, mas os nós eram apertados. Fora amarrado por um sujeito experiente. Desesperado, ouviu quando um cavalo saiu em disparada, e logo outro saiu de atrás. Lembrou da filha, e uma lágrima lhe molhou as faces. Ouvia tudo o que acontecia na cozinha, percebeu que um dos bandidos ria e incentivava o outro a bolinar sua esposa.

- Lambe os seios dela, chupa o pescoço até ficar marcado, põe os dedos no meio dessas pernas que não param de tremer, assim se manifestava o Pedrão, rindo alto e experimentando a comida com uma colher de pau.

Escutando o frígir da banha nas panelas e sentindo o cheiro da cebola que se espalhava pela casa, o sogro com os dentes cerrados ouvia os lamentos da esposa que, murmurando entre soluços lhes pedia

– Pelo amor de Deus, me deixem em paz, me larguem, não me machuquem.

Adão Caroço, certamente cansado de ouvir aquela ladainha e impaciente, lhe deu no pé do ouvido um tapa estalado. Ao ouvir essa maldade o velho sentiu uma dor no coração que respondeu lá na boca do estômago. Ele fez tanta força para arrebentar as cordas que seus pulsos sangraram.

Nisso, todos ouviram três tiros. Fez-se silêncio, passaram-se poucos minutos que pareceram uma eternidade e se ouviu mais um tiro.

O Pedrão, coçando a cabeça, falou:

– E o Zé Miúdo! Ele saiu num galope, perseguindo alguém que saiu da casa.

- É a moça que dormia no quarto onde achei as joias. Ela pulou a janela do quarto, o quartinho é perfumado. O Zé deve estar tomando suas providências.

- Bueno, bueno! Deixa esta chorona para lá! Vem jantar! Depois a gente dá um jeito nela. Numa displicência de quem está convencido de que é superior, e talvez por efeito da caña, que passaram a beber avidamente, empurraram dona Santinha para dentro do quarto. No limiar da porta, lhe rasgaram a camisola, deixando-a somente de calçola, amarraram suas mãos com uma tira feita do algodão de sua própria camisola, não amarraram seus tornozelos, o que foi um erro. O sogro, que estava também amordaçado, com os olhos lhe pedia socorro.

Com os dentes, ela lhe tirou a mordaça, e ele, com a boca seca, lhe pediu:

- Santinha! Pega a adaga que está embaixo da cama.

Ela se sentou no chão, arrastou a perna esquerda por baixo do guarda-roupa. Com o peito do pé, empurrou o ferro-branco para a lateral do móvel. Mesmo com as mãos presas às costas, apanhou o facão e colocou o cabo no meio das pernas do seu Aníbal e, esfregando o frágil tecido que prendia seus pulsos contra aquela lâmina afiada, se libertou.

- Me liberte! Me liberte! – cochichava o Aníbal em desespero.

Enquanto o sogro esfregava os pulsos e desatava os nós do tornozelo, a sogra se vestiu como se estivesse indo para a lida, com uma calça e o vestido por cima. A botina estava na estrebaria.

Eles, ouvindo o arrastar de cadeiras para junto da mesa, num preparativo para comer, abriram a janela em movimentos cuidadosos, para não chamar a atenção.

O sogro, à voz baixa, comentou com cara de desespero:

- E nossa filha, que será dela? Você ouviu os tiros?

Mas não havia tempo para lamentos, e Aníbal ajudou Santinha a pular a janela e mandou ela ficar colada à parede. Quando ele com a adaga em punho alçou a perna para saltar, ouviram o galope de um cavalo que se aproximava com grande velocidade.

- Corra, corra, Santinha! Arrodeie a casa e pegue o capim, vá procurar nossa filha.

E assim ela fez. Quando ele caiu no chão, o Miúdo apontou no canto da casa, e, no embalo que vinha, jogou o cavalo sobre o velho. Não imaginava ele que o homem de cabeça branca era experiente nas lidas campeiras, na lida com o gado, e o sogro, quadrando o corpo, agarrou o Zé pelo cinturão. Como o Zé era realmente miúdo, um homem de pouco peso, surpreso, veio ao chão. O sogro, com uma agilidade surpreendente, lhe enfiou a adaga, justo no sovaco esquerdo. Foi um golpe, quem sabe, de sorte, mas foi um golpe matador.

Naquele rebuliço, Pedrão e Adão Carçoço se levantaram num upa, derrubando as cadeiras, e saíram porta afora. Enquanto seus olhos se acostumavam à escuridão, Aníbal baleou o Pedrão no peito com a arma do Zé Miúdo. Teria também matado o Adão Carçoço, se ainda houvesse balas no revólver. Bateu a agulha duas vezes, mas não havia mais munição. Arrancou a adaga do sovaco de Miúdo, para enfrentar o Adão, mas este agora o visualizava claramente e, dando um passo para longe da luz que vinha da porta, o alvejou na cabeça. O Adão Carçoço era um exímio atirador.

Os tiros fizeram com que Santinha corresse e corresse. Perdeu a chinela nessa disparada, e os pés descalços vertiam sangue, pois na escuridão pisava na grama forquilha, entremeada de espinhos de urtigas, rosetas e joás. Nessa disparada, se foi rumo à grota, pois sabia que ali havia o trieiro que certamente a filha tomara. A boca estava seca e amarga, não ouvia o Aníbal correndo ao seu encontro, mas continuava correndo sem olhar para trás, assim como o marido tinha mandado.

A lua, querendo mostrar sua luz, conseguiu furar um tapume de nuvens e clareou a trilha, e Santinha divisou o cavalo estendido na beira do buraco. Chegou junto ao animal, que ainda estava quente, olhou para baixo e nada conseguiu ver e justamente nesse instante as nuvens voltaram a esconder a lua, e a escuridão reinou.

Ela, fungando, agora com frio, tremia não só pela aragem, mas também porque seus nervos estavam em frangalho. Sentou-se no chão e se encostou no cavalo, e voltou a chorar. Tinha certeza que o companheiro de décadas estava morto. Ele não tinha arma de fogo. Logo, o tropel do cavalo e os tiros que ouviu lhe davam certeza de que o tinham matado covardemente. Embora ela conhecesse o marido como ninguém, jamais imaginou eu ele tinha enfrentado aqueles marginais com tanta coragem.

O silêncio novamente se impunha, mas ela, com seus ouvidos acostumados, ouvia o cascatear da sanga correndo sobre pedras. Logo abaixo, na umidade do fundo da grotta, rãs e sapos coaxavam; no meio daquelas ervas, grilos cricrilavam e, pendurados nos caraguatás, vaga-lumes emitiam luzes mortíferas.

Ela estava muito cansada, cansada de tudo, sem coragem de se levantar e mesmo de se mexer, pois poderia chamar a atenção daqueles homens. Estava nesta pasmaceira, quando visualizou lá na beira do mato, cerca de quatrocentos metros abaixo, o cintilar de uma luz. Foi um sobressalto, pensou ser o boitatá, prestou a atenção e viu que não era uma luz, mas sim três luzes, e vinham em sua direção. Fixou bem as vistas e viu que quem vinha iluminava o caminho com lampiões.

Logo ela intuiu que eram os Ruas. O senhor Eleonor e seus filhos, Jonas e Ismael. Em seguida ela ouviu suas vozes, e mais rápido do que podia imaginar eles chegaram até ela.

Dona Santinha lhes contou, quase sem respirar, com voz trêmula, tudo o que aconteceu, que sua filha estava no fundo da barroca, e que certamente seu marido tinha sido assassinado.

A surpresa se estampou em suas faces, disseram que estavam ali por terem ouvido os tiros e concluíram que algo muito sério estava acontecendo com os vizinhos. Nesse instante, ouviram o galopar de cavalos e tiveram a certeza de que os marginais estavam indo embora.

Eleonor, um gauchão possante, tirou o casaco e pôs nos ombros de Santinha e lhe disse com voz calma e mansa:

- Dona Santinha! Vamos até a casa ver o acontecido. Eu sei que o Aníbal possui boas lanternas, aí então voltaremos, e eu desço com os meninos para ver se a Roxana está no fundo do buraco como tudo indica.

E assim fizeram, e para espanto e tristeza de todos, encontraram aquela cena medonha de horror, que qualquer ser humano sente ao ver semelhantes em situação tão macabra.

Santinha já não tinha lágrimas, sentou-se no chão e colocou a cabeça do falecido, em parte destruída pelo balaço, no colo. Ficou, ali, de cabeça baixa. Foram momentos eternos. Momentos em que ela recordou tudo que tinha vivido ao lado daquele ser querido, momentos em que fez orações encaminhando seu amado aos braços do Senhor. Enquanto isso, em silencioso respeito aos mortos, os Ruas acharam duas lanternas em uma gaveta no guarda-roupa.

Deram em seguida uma revisada ao redor da casa, do galpão, no mangueiro e até mesmo no entorno das árvores centenárias. Nada mais havia ali. As luzes das lanternas mostraram o rastro dos cavalos e a certeza de que o ladrão sobrevivente partiu levando o produto do saque e os animais dos comparsas.

Eleonor colocou a mão sobre o ombro da viúva e lhe disse, com toda a calma que o momento exigia:

- Santinha, nós vamos fazer buscas por sua filha. A Senhora quer vir conosco? Peguei dois cobertores na cama, pois está frio, e ela pode precisar.

- Sim, eu vou! Vou rezando para que minha filha tenha sobrevivido. Com certeza, meu finado que agora descansa nesta terra fria está lá do alto olhando por ela.

E assim se foram, cada um com seus pensamentos, cada um levando uma expectativa, os mais jovens, de que ela estava morta, pois enfim no tempo que ficaram à margem da voçoroca não ouviram sequer um gemido. Já Eleonor e Santinha tinham fé, tinham esperança e acreditavam na providência divina. A mãe orava pela filha.

Chegaram no buracão, a noite já ia adiantada, a lua sempre por entre nuvens começava a se deitar. Com as lanternas, os guris, se assim se pode chamar, pois tanto o Jonas como o Ismael eram

fortes como o pai e já começavam a apresentar as primeiras penugens, tendo o cavalo morto como ponto de partida, desceram focando aqui e ali, desceram mais ou menos dez metros, quando para suas alegrias viram algo branco e ouviram leves gemidos.

- Pai, papai! Ela está aqui, traga um cobertor para podermos cobri-la e outro para podermos transportá-la.

Com Jonas na frente, eles desceram mais seis metros e chegaram à Roxana, que estava totalmente imóvel, com o pé preso na forquilha do guamirim ao rés do chão. Para liberá-la com maior facilidade, Ismael tirou o facão da cintura e, com todo o cuidado, cortou uma das hastes, liberando o pé. Jonas falava com ela pedindo calma. Ela murmurou:

- Estou como anestesiada, não sinto o corpo, tenho muito frio, só o que me dói é o alto da perna.

- Fique calma, fique calma, nós já vamos te ajeitar.

O senhor Ruas chegou com os cobertores. Com o de solteiro, a cobriram para lhe tirar o frio, o de casal dobraram ao meio para que ficasse mais forte. Um a pegou nas mãos, outro nas pernas e outro pela cintura, e ao contarem até três, com todo o cuidado possível, colocaram a guria sobre a maca improvisada. Mas o mal já estava feito; a cabeça do fêmur tinha se afastado da bacia. Embora todo o cuidado possível naquelas condições adversas, o movimento de colocá-la no cobertor ofendeu ainda mais o ferimento, e ela deu um urro de dor e voltou a desmaiar.

- Foi assim, meus amigos, que Roxana sofreu por meses, e, como resultado dessa fatalidade, ficou com uma perna mais curta, ficou irremediavelmente manca.

Minha sogra me contou toda essa tragédia e me contou, também, que, embora o esforço da polícia, as investigações praticamente levaram a nada. Raras caminhonetes amarelo-ovo foram encontradas, e as encontradas eram emplacadas e não tinham detalhes vermelhos. Descobriu-se, por outro, lado que os nomes dos marginais mortos eram fictícios, o Pedrão tinha documentos de Pompílio da Silva, Zé Miúdo se chamava em realidade Guilhermino de Freitas, e Adão Carço, embora as informações e descrições de Santinha, nunca foi reconhecido nem encontrado. Se os nomes de assaltantes eram falsos, certamente o veículo utilizado também tinha as cores alteradas.

Sim, meus amigos! Por que estou a lhes contar tudo isso? Porque agora vou lhes narrar o que aconteceu hoje de madrugada.

Pois, como lhes disse, apartei as vacas de leite, duas já perto do amujo, para lhes proporcionar uma parição tranquila num potreiro rico em pasto e com boa aguada. Levantei cedo, para vê-las, antes do café, porque queria, já entrando na manhã, ir mais para o fundo da fazenda levar sal e consertar uma cerca de arame liso.

Quando as estrelas começavam a esmaecer, apanhei minha carabina, montei em minha égua Ciranda e, num trotito, atravessei o mato. Ao sair do meio das árvores, já no alto da coxilha, de onde se tem uma visão geral da pastaria, que se estende da mata até a estrada, para minha surpresa, lá, junto à cerca, eu com o sol que se levantava pelas costas, divisei dois sujeitos carregando numa caminhonete amarelo-ovo, com detalhes em verde, quartos e paletas de minhas vacas. Eu parei espantado e mais espantado fiquei ao ver que naquele exato momento se juntavam a eles três cavaleiros, montados em cavalos negros. Estes, bem-dispostos e animados, se puseram a ajudar no trabalho de carregar a pick-up.

A distância era de aproximadamente duzentos metros.

Respirei fundo e desci beirando à mata para me aproximar ao máximo e assim poder atirar com maior precisão. Quando cheguei já no final do capão e me saí a campo aberto, vi que a quadrilha estava enlonando a carga. Os cavalos que estavam presos à cerca se agitaram ao sentir a presença de minha égua e relincharam. Foi o suficiente para eles me descobrirem.

Enquanto eles puxavam dos revólveres e buscavam posição, eu rapidamente apeei, já com minha carabina na mão, e toquei a égua para o mato. Se eu fui ligeiro, eles também foram e num repente me taparam de bala. Fui atingido, rodei e caí. Eles entenderam que eu estava ferido de morte, se desprotegeram e vieram. Foi quando, embora a dor, e até por sorte, me ajeitei atrás do toco de um tarumã. Ajeitei a mira e me diverti. No primeiro tiro acertei um sujeito no pescoço. Valdecir me olhou com os olhos semicerrados, como se estivesse mirando, e me disse.

- Você vai encontrá-lo morto.

Eu, sem saber o que dizer, falei num muxoxo: - sim, sim prossiga.

Quando esse maldito caiu, os outros pararam por segundos e, então, eu alvejei outro no peito. Esse rodou, caiu, levantou e correu testavilhando em direção à caminhonete. Um dos cavalheiros gritou para os outros:

- Cuidado! Cuidado! Ele tem uma espingarda.

Então, eles fizeram cara volta e correram. Eu poderia tê-los alvejado pelas costas, o que seria uma covardia. Mas, ao se agacharem para passar pelo vão do arame, dois deles, protegidos pelos palanques, voltaram a atirar, para dar cobertura ao parceiro que estava ferido no peito. Eu, que já tinha dado a lida por concluída, me obriguei a responder e tenho a certeza que alvejei um cuera de bombacha branca na perna, pois o peão saiu pulando num pé só, e os favos da bombacha ganharam uma cor vermelha. Mais que depressa eles montaram e se foram a la cria. Sequer fizeram uma gauchada ou de mim se despediram.

Com essa cobertura, o ferido no peito entrou na caminhonete, deu partida, manobrou e partiu. O veículo dançou na pista, saiu do corredor e bateu numa árvore. Este também deve estar morto.

Então, meus amigos, têm vacas mortas, dois homens mortos e um cavaleiro ferido na perna.

Eu me levantei e olhei sério para o Valdecir, que se ajeitou na cama, pegou um travesseiro e colocou no meio das pernas, certamente para poder ficar mais confortável. Nos olhamos e ele me pediu:

- Companheiro! Vocês apareceram aqui com a graça de Deus, bons ventos os trouxeram. O enfermeiro e minha esposa vão comigo para a cidade, lá farei um depoimento contando ao delegado o que vos contei. A autoridade, por volta da meia-tarde, vai chegar por aqui, pois afinal dois cadáveres o esperam. Peço a você, meu amigo, que fique aqui: primeiro para dar apoio e tranquilidade à minha sogra, que está nervosa e preocupada, não é pra menos, pois viu se repetir aqui o que ela viveu no passado quando perdeu o marido como vos contei; em segundo lugar para que com a ajuda de Santinha, pegue a junta de boi, ajouje na carroça e vá buscar a carne que está na caminhonete. Não podemos perder, temos que fazer charque, há muito sal no galpão. Depois, volte na casa dos Mello e peça que a vizinha e seu filho venham ajudar. Em terceiro lugar, pois aí já se foi o dia, amanhã, vá até os pastos do fundo da fazenda, leve sal para o gado e logo abaixo do saleiro vai encontrar a cerca danificada, conserte-a. Serviço que eu ia fazer hoje. Para ser mais rápido, vá a cavalo e leve a mula, minha sogra vai te mostrar. No lombo dela, ajeite dois sacos de sal, a panela com comida, uma cavadeira, pois pode precisar. Num saco de algodão, coloque martelo, arco-de-pua, todo isso está no galpão.

Se precisar de estacas, encontrará um monte na beira do mato, junto a um pequeno rancho, coberto de santa-fé. Ali podés, inclusive, aquecer teu almoço e sestar. Junto ao rancho, tem um poço de água gelada, tem um balde, poderá dar de beber aos animais. E se leares uma cachaça, esfria naquela água, tu vais gostar!

- Não te aflija tchê! Farei tudo com o maior prazer. Quando a polícia chegar, acompanharei o delegado até o local dos acontecimentos, pode ficar tranquilo. Agora, Valdecir, quero te falar por

que estamos aqui, pois, dados os acontecimentos, ainda não vos relatei o motivo de nossa visita. Vim com a intenção, com vossa licença, de ir até a sombra daquele majestoso pinheiro, que de longe se avista e que acredito esteja em vossas terras, para procurar o facão perdido por meu tio-avô na Revolução Federalista.

Em breves palavras, contei ao Valdecir a história que já tinha contado ao Catarino, sobre minha família, meu tio-avô e o facão que eu sempre tive a intenção de encontrar.

- Pois vá! Pois vá meu amigo! É muito simples, e veja você, parece que as coisas vão se ajeitando, pois o tal pinheiro não fica longe do saleiro. Em verdade, ele fica beirando o rancho onde você deve almoçar.

Nisso, buzinou o carro do vizinho. Ajeitamos as malas, a Roxana e o ferido.

Na despedida, as duas mulheres se abraçaram e choraram. Eu disse para o casal:

- Vão com calma, não se preocupem, eu e dona Santinha e estes dois cachorros tomamos conta da propriedade.

O Valdecir exclamou:

- Obrigado, companheiro! Fique à vontade! Com as graças de Deus, vais encontrar o facão.

Com a ajuda de Santinha, tomei as providências solicitadas:

A égua Ciranda me levou novamente à casa dos Mello. Pedi ajuda para a vizinha e seu filho. Expliquei o caso do aproveitamento da carne e que eu precisava de uma demão para fazer a transferência de paletas e quartos para a carroça. A ajuda de Baltazar, o filho, seria muito bem-vinda, e dona Iolanda, além do auxílio e de sua experiência em todos os afazeres, faria também companhia à Santinha, que estava muito nervosa. E num momento desses, nada como ter uma mulher amiga para conversar, para desabafar.

Ainda antes do almoço, com a ajuda do Baltazar, ajoujei o Mimoso e o Canário, e fomos a passos lentos em direção ao local do incidente. Como narrado pelo Valdecir, encontramos um dos invasores morto a aproximadamente vinte metros da cerca. Estava debruço e tinha na mão direita um revólver 38 e na mão esquerda uma faca de lâmina longa, que certamente fora usada para sangrar. Junto da cerca estavam os restos da matança, buchada, couro, cabeça, mãos e patas. A coisa de vinte metros, estrada afora, avistamos a caminhonete enlonada, com a traseira na estrada e a dianteira dentro da capoeira. Verificamos que ela tinha investido contra o tronco de imponente angico, que com seus galhos majestosos sombreava a estrada. Apanhei um facão, que tinha visto preso na lateral da carroça, e desbastei a capoeira. Consegui, então, abrir a porta e verifiquei que o motorista estava realmente morto.

Sem mexer em nada, para não atrapalhar as investigações policiais, vi que o morto era um mulato com cabelo raspado e o rosto bexiguento. Não tive dúvidas, pois, lembrando-me do que me contou o Valdecir, concluí de imediato que aquele era o Adão Caroço.

Olhei, então, com cuidado o veículo e vi que os detalhes em verde que me narrara o Valdecir constituíam-se em realidade de panos de algodão na cor verde-bandeira, fixados tanto no capo quanto na porta traseira, por tiras de borracha arrojadas. Sem dúvida, esta era a mesma pick-up do assalto à casa da família de Roxana, ocorrida anos antes, pois a caminhoneta era Ford amarelo-ovo, com detalhes em vermelho. Os panos foram mudados. Observei, ainda, que ela não possuía placas, e os para-choques eram cromados.

Enquanto isso, o Baltazar seguiu beirando a cerca, os pingos de sangue do cavaleiro que o Valdecir disse que tinha baleado e que mesmo ferido tinha montado e seguido o parceiro.

Baltazar, após caminhar por aproximadamente cem metros, viu ao longe, no meio de carquejas e barbas-de-bode, a ponta de um pano carijó voando contra o vento. Viu de imediato que era a ponta de um lenço. Divisou, também, que um chapéu negro descansava agarrado à cerca de arame farpado. Apurou o passo, correu, se aproximou, e lá estava o sujeito da bombacha branca. O tecido da bombacha, que fora branca, estava escuro do sangue que o empapara. Me chamou, num grito de surpresa, corri. Analisamos o fato e concluímos que o tiro atingiu a artéria femural. Morreu esvaído em sangue.

Encostamos a carroça, transferimos a carne para ela. Tomamos a lona, com o facão a cortamos em tiras e cobrimos os mortos que assim aguardaram a chegada policial.

Ao chegar na casa, chamei Santinha para um lado e lhe falei o que tinha visto em minha jornada.

- Dona Santinha, encontrei duas vacas mortas, a carne está aí na carroça, vou descarregá-la com a ajuda do guri, pendurá-la para refrescar e escorrer e, após o almoço, vamos às lidas. Encontrei, também três mortos, um a mais do que o vosso genro tinha contado, pois o último que ele alvejou estava morto a uma centena de metros na beira da estrada. Agora, o mais importante, minha senhora, é que o homem que está morto dentro da caminhoneta tem todas as características, segundo o que me contou o Valdecir, do Adão Caroço, um mulato forte, com o cabelo raspado e com a pele bexiguenta.

Vi a palidez se estampar no rosto sofrido daquela senhora, lágrimas lhe escorreram pelas faces, mas vi também a raiva, o desespero, a sensação de vingança que, ao que me parece lhe pesavam sobre os ombros irem embora com um suspiro que ela expeliu.

- Dona Santinha, queres ir até o local para ver este amaldiçoado?

- Não! - respondeu ela. Quando a polícia chegar, eu vou até lá, reconheço, assim, perante o delegado esse infeliz que tanto sofrimento e tanto mal me causou.

Almoçamos com pouca disposição. A fome parece que tinha ido embora com tanta preocupação. A tristeza e o sofrimento tiram a fome de qualquer vivente. Sequer sesteamos, pois era muita carne para preparar: desossamos, manteamos, tudo no maior capricho, fizemos uma salga úmida, jogando as mantas em salmoura, onde elas descansaram por meia hora. Após esse descanso, colocamos as mantas para escorrer.

Quando as mulheres preparavam um café e eu fazia um palheiro, já ia pelo meio da tarde, a polícia chegou. Após breve conversa, convidaram a mim e à dona Santinha para acompanhá-los até o local do acontecimento.

O delegado relatou que havia conversado longamente com o Valdecir. Informou que ele passava bem e o tinha inteirado dos acontecimentos. Precisava, no entanto, que nós o acompanhássemos, pois certamente seríamos testemunhas do ocorrido. E assim eu me cheguei novamente naquele local que exalava cheiro de sangue.

O delegado e seus auxiliares fizeram as observações de praxe, fotografaram e dona Santinha reconheceu o morto do veículo como sendo realmente Adão Caroço. O delegado, ao buscar no bolso do casaco documentos do falecido, verificou que seu nome em realidade era Antenor de Sá, confirmando que os assaltantes usavam nomes fictícios.

Voltamos então, ao charque. Para nossa alegria, minha e de Santinha, os vizinhos tinham adiantado e muito o serviço, e quando o sol já ia entrando, a salga seca tinha sido realizada, a carne fora empilhada para posterior viração e finalmente a dessecação, tudo conforme a tradição.

Naquela noite, dormimos cedo. O cansaço era grande, e o dia tinha sido agitado. Tomei um banho na sanga, água fria, e para tirar a friagem entornei uma caña curtida no butiá. Chimarreamos.

Jantamos polenta com carne de porco acompanhada de bom vinho. Com as vistas já ressecadas, fui dando o meu buenas noites e me recolhendo.

Amanheceu um dia frio. Nas baixadas, embaixo de um céu azulado e por cima da sanga, uma cerração baixa, branca como algodão, anunciava um dia em que a temperatura tomaria ares de primavera. São aqueles dias em que o sol vira um grande lampião e que a gente vai tirando a roupa devagarzinho.

Dona Santinha preparou um desjejum forte e gostoso, pois sabia que eu enfrentaria um dia de trabalho pesado. Assim, a mesa estava posta com queijo, salame, manteiga, pão fresco, leite e mel, além de ovos, um carijó de arroz e feijão e polenta sapecada.

Preparou meu almoço, colocou tudo numa velha panela de alumínio com tampa folgada, envolveu e atou com um pano de prato, colocou o fiambre em uma mala de garupa, feita de saco de algodão. Com mãos hábeis, não me permitiu ajudar, colocou na mala uma garrafa de cachaça e um porongo com água fresca. Por fim me disse: – Essa branquinha é para abrir o apetite. Ajeitou ainda uma pequena trempe sobre os arreios. – Isso é para você aquecer a boia. Alojou, com minha ajuda, como o Valdecir orientou, dois sacos de sal e a cavadeira. Tudo foi acomodado no lombo de uma mula que acompanhava meu cavalo trotando faceira e que atendia pelo nome de Matuta.

Por minha vez, acomodei em minha montaria arco-de-pua, martelo e torques. Como prevenção, apanhei fósforo, uma folha de jornal para iniciar o fogo e uns grampos de cerca. Vai que é preciso?

Não teve jeito: mesmo numa carreira mansa, a tampa da panela, que fora ajustada com um nó frouxo, batia e rebatia, num murmúrio estridente que vez por outra assustava a velha e mansa mula, bem como meu alazão que passarinhava no trieiro levantando poeira. Já no subir da primeira coxilha, na saída do mangueiro, avistei, perdido no meio da cerração o centenário e altaneiro pinheiro.

Fomos assim ao passito, passando por uma pastaria buena e por um gado de qualidade. Repassei a gadaria, estava tudo nos conformes. Segui viagem sempre observando o pinheiro, e à medida que dele me aproximava e ele cada vez mais invadia a paisagem, localizei o saleiro.

Segui, absorvido em meus pensamentos, ouvindo o contínuo bater da tampa e o resfolegar dos animais. Foi quando algo inusitado aconteceu: Um vento, vindo sei lá de onde, começou a soprar leve e foi se intensificando, era quente e cortava a relva, os galhos, os moirões e os fios de arame do alambrado. Esse açoitar trouxe aos meus ouvidos, como que por magia, o som de clarins, o relincho e o bater de cascos de cavalos e o embate de lanças e espadas. O vento persistia, e numa rajada mais violenta, rodopiou, levantando um poeirão. O sol, a cerração e a poeira se misturaram em mil cores e desenharam para mim, como num sonho, cavaleiros e seus lenços brancos e colorados entreverados numa luta sem fim. O clarim continuava com seu som agudo a penetrar em meus ouvidos. Cheguei a ficar tonto. Tive, ao que parece uma vertigem. Daí, num “sem mais nem menos”, como por encanto, tudo se acomodou: o vento e o poeirão se desvaneceram e eu, parece que despertei de um devaneio. As coisas voltaram à normalidade. Olhei ao redor e lembrei que estava exatamente no terreno, no rincão onde aconteceu a Batalha do Pulador, a grande batalha da Revolução da Degola, da Revolução Federalista. Teria eu visto as almas de maragatos e pica-paus peleando na eternidade?

Firmei-me nos estribos, boleei a perna e apiei. Estava meio abobalhado, meio arrepiado com tudo que presenciei. De imediato me ajoelhei, me benzi três vezes e fiz minhas orações.

Respirei fundo com o coração ainda acelerado, montei, tirei o chapéu olhei para o céu em agradecimento e me fui em direção a labuta.

Coloquei o sal para o gado, peguei um pedaço do jornal, fiz uma bucha e toquei fogo num ninho de marimbondo que estava se instalando sob o telhado do saleiro. Os insetos viajaram, zunindo, para se aquerenciar em outras plagas.

Me acheguei, então, à cerca, vi o estrago, levei a mula até a beira da mata, encontrei as lascas. Carreguei a mula com duas estacas para fazer o conserto. Felizmente os paus quebrados estavam junto ao mestre, ao esticador, fato que facilitou em muito meu trabalho. Já fui de pronto tirando a blusa, arregaçando as mangas da camisa, e me prendi no afazer.

Quando terminei, já varava das onze horas, bebi a água do porongo, montei e fomos para o rancho. Mergulhei a pinga na água gelada do poço, como me sacramentou o Valdecir, fiz fogo para aquecer a boia, providenciei água para a mula e o cavalo. Enquanto a comida aquecia, tirei do poço a “marvada” da cachaça e dei duas talagadas. Desencilhei os animais que cabrestados foram pastar, e para não perder a viagem, dei mais um gole generoso na pinga que estava no ponto, deliciosa.

A branquinha, como previu dona Santinha, me abriu o apetite, e o almoço embora simples, estava saboroso, o tempero estava na medida. Comi de ficar barrigudo. Para fazer a digestão, preparei um amargo e fui, sem pressa, sorvendo a infusão enquanto ouvia as vozes da natureza. Os animais pastavam, dando pequenos relinchos; do interior da mata chegava até mim o cascatear de uma sanga que seguia serena seu caminho por entre pedras. Uma leve brisa farfalhava as folhas das árvores e muitas caíam ao solo numa chuva dourada. Pássaros dos mais diversos tamanhos e cores saltitavam nos galhos fazendo alegre algazarra. Apanhei o pelego e o joguei embaixo de frondosa imbuia, encostei a cuia e a velha chaleira de ferro preta, que encontrei no rancho, e ajeitei-me para cochilar. Estava cansado e a caña me deu uma lombeira.

Entre numa doce madorna, em realidade não sei se estava dormindo, ou se estava acordado. Me ajeitei no pelego com as mãos entre os joelhos e senti a imbuia palpitar numa conversa morna, parecendo querer segredar. Ela emitia um som estranho, como se um pequeno martelo batesse numa bigorna. E as folhas mergulhavam dourando o meu chapéu.

Um vento, que se achegou dos lados da sanga, me deixou arrepiado, me encolhi. O vento balançava a ramagem e, murmurando, num quase assobio, levava a toda a mata a mensagem da imbuia. A imbuia conversava com toda a camaradagem.

Eu repito, meu amigo, não sei se estava dormindo ou se estava acordado, era uma madorna lerda, estranha, dormente.

Lembro que ouvi o pio de uma perdiz, o mugir de uma vaca atrás do terneiro, e em minhas ventas senti o cheiro doce da relva. E a imbuia tagarela e feliz, agora, conversava com o pinheiro, e ele, como um velho juiz, proseando como um poeta. Respondia conselheiro.

- Por ser velho em idade, / Sete séculos e meio, / Nesta minha antiguidade, / De histórias eu tô cheio, / Conheço toda a verdade / Que cerca este rodeio.

E a ladainha prosseguia, numa conversa medonha. A erva-mate, o bugre e a uvaia também queriam falar, mas logo receberam uma vaia – deixem o pinheiro contar.

O pinheiro voltou às falas em compassada locução:

- Tenho até marcas de bala, / De guerras, lutas e revolução, / A coxilha lamenta e se abala, / Quando irmão combate irmão.

Depois de uma leve pausa, senti que ele recuperava o fôlego, quem sabe fosse a emoção, e ele prosseguiu vigoroso:

Nasci no chão do Pulador, / Plantado por uma gralha, / Vi choros e gritos de dor, / Naquela grande batalha, / Quando o ódio, em seu calor, / Fez o amor em migalha.

As árvores balançaram a saia, algumas em som calmo, outras com som estridente, todas falavam juntas e numa ladainha intensa e urgente, exclamavam: - prossiga, prossiga!

E o pinheiro, depois de um pigarro, continuou:

A amizade, pau sabão, / É sentimento consagrado, / Em minha raiz há um facão, / Que na emoção foi largado, / Num abraço amigo – irmão, / Um lenço alvo e um colorado.

Um estalo me acordou, acordei meio assustado. Depois de me espreguiçar, e de olhar para todo o lado, vi para minha surpresa que o chão de pinhão tava forrado.

Para curar a preguiça que tinha invadido meu corpo, tomei mais um chimarrão. A água já estava morna, as horas tinham passado, dormi demais, quem manda beber cachaça! Fui até o rancho, apanhei os avios do almoço, panela, talheres e prato, e fui até a sanga lavá-los. Eu queria encher aquela panela de tampa bateadeira de pinhão e ainda colocar mais um tanto na mala de garupa. Era muito pinhão, dava para mim, para dona Santinha e para o Catarino.

Voltei e me preendi naquela lida, quando estava quase terminando de encher a panela, naquele silêncio, naquele frescor, pensava na conversa do arvoredado e na palestra do pinheiro. Olhei com respeito para o seu tronco majestoso e enrugado, olhei para os galhos que atrapalhavam o sol de ofender minhas vistas, vi no alto pinhas e barbas-de-pau que davam a ele um aspecto de envelhecimento, como se fosse um velho sábio, barbudo e enrugado, que tinha vindo até meus ouvidos para revelar aquilo que eu procurava.

As costas me doíam, e sentei naquela relva macia, fiquei olhando o sol e os rabiscos que ele fazia naquela paisagem de mil tons esverdeados. Levaria ainda umas duas horas para que o grande astro deitasse. Pus as mãos atrás do pescoço e escorei as costas no tronco de um jovem açoita-cavalo. Estava perdido em pensamentos quando um pequeno reflexo me chamou a atenção, uma pequena ponta de metal apontava do chão. Meu coração bateu forte, seria a lâmina de meu facão?

Fui aos arreios e peguei meu três listras e com emoção fui desenterrando. À medida que cavava, o facão se desenhava. Com grande emoção, ainda de joelhos, comecei a limpar o meu achado.

Como Salustiano falou, o cabo era em osso e madeira. A madeira estava meio broqueada pelo passar dos anos, na lâmina, mesmo suja, percebi a marca de uma caveira e que por bala ela estava marcada.

Desci novamente até a sanga para melhor higienizar aquele ferro que eu tanto desejei. Estava ansioso para poli-lo como ele merecia. Passei água, passei areia, e enquanto o acarinhava em minhas mãos e o lavava delicadamente, fiquei a pensar naquele enredo, na conversa do arvoredado. É de acreditar? De falar tenho até medo, com ternura, o velho facão beijei.

A missão a que me propus estava finita. Chorei lágrimas de amor, era muita emoção. O pinheiro, o magnífico pinheiro, guardou-me aquela relíquia, guardou-me o raro facão.

Arranjei tudo, montei, o sol, agora, tingia de sangue o horizonte. Aves procuravam o ninho; um guará, se esquivando com suas longas pernas, seguia seu caminho; a gadaria entre mugidos pastava calmamente; a vaca, ao longe, mugia procurando seu terneiro. Levantando poeira no estradão, enxerguei ao longe o rancho, um lampião foi aceso, e o sol acabou de morrer.

Aos poucos tudo voltou ao normal, e o facão, meu amigo, como lhe falei, agora adorna a sala de meu filho lá na capital.

- E o Valdecir? Carlos!

- Os médicos o seguraram no hospital por dez dias. Neste tempo, fiquei ajudando dona Santinha nas lidas. Sem querer, me preendi na viração da carne, o charque ficou bueno. Ele, o Valdecir, voltou magro, debilitado, mas cheio de ânimo. Mas o ferimento era sério, e ele, embora contrariado, permaneceu em repouso por longos e longos dias.

Mas não teve jeito, embora tratamentos com remédios de farmácia, banhos com ervas, cirurgia e alguns benzimentos, ele ficou rengo.

Valdecir e Roxana são grandes amigos. Dona Santinha infelizmente faleceu, doença braba, que Deus a tenha.

Bueno, bueníssimo! Vamos até a bodega do Lauriano tomar uma, pois este caso me trouxe uma dor no coração, uma saudade de tempos que não voltam mais. Só uma caña bruta para aliviar esta angústia.

Pegue o teu chapéu! Vamos embora! Vamos embora!

Data : 30/09/2019

Título : AMADEU

Categoria: Contos

Descrição: Há duas balas matadeiras no corpo do desinfeliz que invadiu o apartamento.

AMADEU

- Bom dia, João de Deus!

- Bom dia, delegado Aderbal! Chegaste bem de viagem?

- Sim, cheguei de madrugada, pelo noturno. O que temos de novidades?

- Bueno, delegado! O senhor vai ficar surpreso, mas está detido na carceragem o Mathias, o delegado aposentado, que de vez em quando vem nos visitar.

- Não me diga! O que houve com o Mathias?

- Olha, delegado, o senhor ainda não está sabendo, mas ontem no final da tarde houve um tiroteio e uma morte no hospital, e o Mathias está envolvido.

- Envolvido, escrivão? Como assim?

- Quatro tiros foram disparados, um pelo morto que alvejou a porta do banheiro. Há uma bala alojada na parede, na lateral da cama do enfermo, e duas balas matadeiras no corpo do desinfeliz que invadiu o apartamento.

- Desde que horas este homem está detido? Quem é o defunto?

- Nos chamaram na meia-manhã. O senhor sabe como é! Depois de todas as demandas de praxe, trouxemos o delegado Mathias, já lá pelas dezesseis horas. Ele se fechou em copas, não quis comentar o assunto e calmamente afirmou que esperaria pelo senhor.

As armas estão no armário delegado, e o nome do agressor, segundo os documentos encontrados, é Adamastor Barbacena, com registro em Curitiba.

- E as armas são de quem?

- São três armas de fogo: uma de Adamastor, uma pertence ao delegado Mathias e a terceira é do Amadeu. Amadeu delegado é o paciente hospitalizado que está em coma. Há também uma arma branca, em realidade um canivete robusto que, ao que parece, ia servir para cortar a orelha do paciente.

- Agora sim! Só me faltava esta! Quer dizer que o enfermo em coma atirou no invasor?

- Não, delegado! Acontece que a filha de Amadeu, Silvia, atirou no Adamastor.

- E onde está esta mulher?

- No hospital.

- No hospital? Por quê?

- Bueno, delegado, tomamos esta decisão, por um lado a pedido do Mathias, que nos afirmou que responderia junto ao senhor por ela, por outro lado, Silvia, além de estar cuidando do pai, está amamentando um bebê que ainda não completou um mês e que também estava no local do evento em um moisés. Moisés delegado, o senhor sabe, é um berço portátil para recém-nascidos.

- Eu sei, eu sei o que é moisés, escrivão! Se apresse, por favor, e mande trazer o delegado Mathias, quero ouvir com detalhes esta história. Temos que respeitar o Mathias, João de Deus. Ele além de delegado aposentado, é um sexagenário. Como que vocês me deixam o homem detido aqui por horas e horas, numa madrugada fria como esta? Ele deve ter ficado entanguido. Deviam tê-lo liberado para se apresentar agora pela manhã, ou vocês acham que ele se evadiria?

- Tá certo, delegado, eu concordo com o senhor, mas ele mandou um recado para a Maria Roncadeira, o senhor sabe, aquela gorda da pensão, e ela lhe trouxe um travesseiro, um cobertor e um fino jantar, regado a uma bela garrafa de vinho. Nós lhe franqueamos uma cela e ele se acomodou por lá.

O homem, e o senhor tem razão, é respeitado na cidade, pois nem bem deu seis horas, me contou o Monteiro, que fez plantão esta noite, chegou aqui o Manoel Garrido, o Manecão, o pipoqueiro, e lhe trouxe, certamente a pedido da Roncadeira, um chimarrão bem gordo, além de dentífrício, sabonete, toalha e escova de dente.

Conduzido pelo escrivão, Mathias, ainda com a cuia numa mão e a garrafa térmica na outra, adentrou no gabinete do delegado e o cumprimentou com alegria:

- Buena, Aderbal! Como foi de capital?

- Bom dia, Mathias! Tudo bem, tranquilo, mas estou surpreso de vê-lo aqui, nesta enrascada.

- Que nada, delegado. Como diz o ditado, “cadeia foi feita pra homem”. O amigo aceita um chima?

- Não vou me fazer de rogado Mathias, mas conte todo o acontecido.
- Pois bueno, se me deres uma meia hora, lhe conto tudinho, tudinho.
- João de Deus, se assente à máquina de escrever e vamos ouvir a história do Mathias, anote só o que for relevante, pois o delegado Mathias é famoso por alongar histórias.
- Pois Aderbal e João de Deus há questão de quatro dias, almocei cedo dei uma sesteada, me pilchei e subi devagarinho a Uruguai, a pezito mesmo, pois queria pensar, meditar sobre o que estava acontecendo. Caminhei triste, amargurado, ainda bem que o tempo era fresco, o que facilitou minha marcha. Constatei mais uma vez nessa minha andança que a vida tinha passado para todos nós, a velhice era uma realidade, e dia após dia meus amigos, familiares, parentes e conhecidos partem deixando um mundo cada dia mais vazio.

Foi assim que cheguei à frente do hospital, confesso que estava um pouco ofegante, pois, enfim, aquela subida da rua Uruguai até a Praça Tamandaré é de amargar. Parei na entrada, observei aquele prédio de bela arquitetura, mas que carece de uma boa pintura. Uma boa demão de tintas deve tapear aquela aura de sombras que envolvem toda e qualquer instituição hospitalar. Ali, entre aquelas paredes, transpira a dor, circula o sofrimento. Arriei o chapéu e entrei. Na entrada tem aquele pequenino Menino Jesus – vocês já viram? Quando a gente coloca uma moedinha ele abaixa a cabecinha em agradecimento. Coloquei mais uma moeda, pois a delicadeza e a beleza daquela criaturinha nos convida à doação.

Subi as escadas buscando o posto três, falei com a enfermeira:

- Qual o apartamento de Amadeu Ferreira?

Mesmo sem tirar os olhos de um prontuário, ela respondeu simpática.

- Apartamento trezentos e cinco, senhor, siga pelo corredor.

Segui por um corredor branco, gelado com cheiro de desinfetante. Localizei o apartamento à esquerda, dei uma leve pancada na porta, entrei devagarito, e lá, agasalhado por um cobertor, com soro no braço e oxigênio no nariz estava o Amadeu. Quem o visse diria que estava dormindo em sono profundo. O coma lhe dava um aspecto de candura. Abracei Joana, que tirou uma bolsa e uns pacotes que repousavam sobre uma cadeira e me ofereceu o assento, me passando de imediato a cuia de um chimarrão meio lavado.

- Quem é Amadeu e quem é Joana?
- Calma delegado! Já vais entender.

Ela falou comigo baixinho, como se temesse acordá-lo.

- O que houve, compadre? A Maria, quando aqui cheguei, já quase na madrugada, não soube o que me contar, só me disse que o Amadeu tinha se acidentado na fazenda e que ela aqui ficou a seu pedido. Desculpou sua ausência me informando que o senhor tinha ido até a fazenda levar o Zé, que tinha ajudado a socorrer o Amadeu.

Encostei a cuia sobre a mesa, pois se a erva tava lavada a água também tava fria. Como tu sabes, delegado, pra mim chimarrão tem que ser quente, cerveja tem que ser fria e café tem que ser bem doce. Ajeitei-me na cadeira e, também falando baixinho, não sei por que, fui dizendo:

- O que aconteceu foi o seguinte, comadre, eu já falei mil vezes para o Amadeu deixar de querer ficar domando esta matungada xucra da vizinhança. Ele pensa que ainda é guri. Mas ele tem, como tu bens sabes o defeito de ser teimoso. Pois não há de ver que ele e o Zé Caniço pegaram para amansar, três cavalos e duas éguas. Enquanto você estava lá em Carazinho assistindo a parição da Silvia, os dois estavam diariamente nesta lida. Ontem pela manhã, eu de longe, tomando meu chimarrão, na sombra dos cinamomos que rodeiam o curral, os assistia, e você

sabe e conhece que o mangueiro é de lascão. O Amadeu montou num dos cavalos, cavalo bruto, quando ele chegou às esporas, o maledeto corcoveou feio, pula daqui, pula dali, ele se botou contra o cercado e tentou saltar o alambrado, deu com as mãos contra a madeira, rodou e caiu de costas do outro lado num poeirão, e nessa lida o Amadeu foi jogado para o alto, deu uma cambalhota e caiu enfiando a perna direita no espaço entre os ripões. Ouvi o estalo da canela quebrando. A perna ficou presa, fez-se um pêndulo e o Amadeu bateu com a cabeça no ultimo lascão, ficando ali mesmo desacordado.

Ainda bem, comadre, que eu estava lá com minha caminhonete. Colocamos um colchão na traseira e o Zé Caniço veio comigo apoiando na viagem o compadre. Socorri-me com a Maria Roncadeira que, além de telefonar para a Silvia, avisando e pedindo que você voltasse, ainda pernito aqui fazendo companhia ao compadre. Eu, depois de ajeitar tudo aqui no hospital, voltei para a fazenda, pois tinha que levar o Zé embora. Como ficou tarde, fiz pouso e retornei hoje cedo.

- Eu vim assim que pude, compadre Mathias, pequei o trem vindo de Santa Maria. Será que ele escapa? As enfermeiras dizem que é pra eu rezar e apostar na idade e na força física que ele ostenta.

- O compadre é forte, os médicos já o medicaram e ele deve, segundo o doutor sair logo do coma. Tudo vai dar certo. E a Silvia comadre, como está?

- Ela e o bebê estão bem! O bichinho já está fechando mês. Ela ficou muito nervosa. Nervoso para mulher que tá aleitando não é bom, compadre, pode secar o leite. Após uma audiência já convocada pelo juiz de Carazinho, meu genro que é advogado a traz, amanhã, pela tarde, para ver o pai.

- Isso é muito bom, só de ouvir a voz dela e o choro do neto ele já se recupera.

Cortando a prosa, a comadre pediu que eu ficasse com o Amadeu enquanto ela ia até a lanchonete. Fiquei só naquele quarto gelado, ouvindo o movimento dos veículos e o batido de cascos das gaiotas que trafegavam pela Teixeira Soares. Pus-me a observar tudo, até as gotas do soro eu contei; o quarto na cor branco gelo, com janelas amarelo canário, um mobiliário simples: uma pequena mesa, duas cadeiras, um pequeno balcão e na parede um crucifixo pintado por algum artesão. O crucifixo em cor escura foi pintado sobre um espelho na forma quadrada, estava pendurado por um vértice, e o Cristo era esbelto, sofrido, confeccionado em cobre. Levantei-me para espichar as pernas e fui até a beira da cama, apanhei a mão do enfermo num ato de despedida e fitei como fiz tantas vezes a marca arredondada e escura do ferimento à bala em seu antebraço.

A comadre retornou e me ofereceu um pedaço de bolo que eu recusei. Abraçando-a, disse-lhe que voltaria e que qualquer coisa que ela precisasse, qualquer urgência, que telefonasse para o Lili, meu vizinho. Só ele por ser taxista, tinha telefone na minha vizinhança.

Saí cabisbaixo, com um suspiro entalado na garganta. Encostei a bunda num daqueles bancos da Tamandaré, à sombra daqueles plátanos majestosos. Pensativo, fiquei observando a Igreja Matriz que, de portas abertas, começava a receber fiéis para a missa da Ave Maria. O hotel da esquina, todo pintado na cor salmão, brilhava ao sol da tarde. Em meus ouvidos chegavam o burburinho de meninos que saíam da escola e as vozes dos militares vindos do quartel que passavam apressados, batendo, com um som oco, os coturnos no calçamento. Passei a preparar um palheiro. Enquanto picava o fumo, meu pensamento voou e lembrei-me de toda a história do meu compadre, que tinha idade para ser meu filho, e que agora estava internado naquela casa de saúde e peleava com a morte que teimava em levá-lo.

Dei uma tragada, a fumaça subiu em espiral e minhas lembranças viajaram junto. Retrocedi um par de anos, mas me alembro como se fosse hoje.

--) 0 (--

Pois naquele tempo que já se foi, não há de ver que num dia qualquer o Venceslau, que tu conheces, João de Deus, e que hoje se destaca na sociedade como brilhante advogado, naquela época era um meninote na faixa dos onze para os doze anos, ruivo, sardento, inteligente e bem-falante, afilhado de nossa amiga Maria Roncadeira. Venceslau, filho de um pequeno agricultor italiano ali das bandas do Mato Castelhana, achegou-se à cidade para estudar e foi alojado de graça na pensão da madrinha no compromisso de ajudá-la naquilo que fosse necessário. Eis que, naquele dia, assim num repente o Venceslau se achegou no meu rancho e ficou por minutos com as mãos em concha protegendo os olhos da claridade, me espiando com o nariz colado e a boca bafejando a vidraça. Eu, enquanto colocava lenha no fogão, me rindo, também o mirava por sobre o ombro. Cansando-me de ser examinado por aqueles olhos verdes grandes como bolitas, o encarei firme e ele então lascou:

- Nunca me viu, cara de pavio!

Olhei pra ele me rindo e, abrindo a porta respondi.

- É a primeira vez que te vejo cara de percevejo! E passando a mão em sua cabeça, espalhando seus cabelos dourados e grossos, fui dizendo:

- Entra! Entra, Venceslau! Sai dessa friagem.

Ao fechar a porta resmunguei para ele:

- Menino do céu, fazia muitos anos que não via uma friagem como esta.

Ao lhe apertar a mão percebi que estava gelado. A mão estava branca, azulada. Ele, entanguido e batendo queixo, mais que depressa foi se achegando para junto do fogão.

- Piaquito o que te traz aqui num dia destes, nessa friagem de renguear cusco?

- Não se aborreça, delegado! Vim a mando da madrinha, o senhor sabe de quem tô falando, né mesmo?

- Claro! Mas é claro! Não tô aborrecido, só preocupado, pois você está gelado, daqui até a pensão é mais de meia légua. Você tá com o nariz correndo, todo ranhento, e lhe alcançando um guardanapo de papel para assuar o nariz, lhe perguntei:

- Mas que urgência é essa, meu guri! Por que minha amiga Maria te mandou se chegar aqui num dia brabo como esse?

- Acontece, seu delegado, que a madrinha foi levantar uma lata de banha na despensa e quebrou as carnes, se rendeu, chegou a criar uma bolota na paleta. Agora mal consegue cozinhar, pois cada vez que respira ou levanta os braços geme de dor, e o senhor sabe, ela passa metade do dia em frente ao fogão.

O guri foi repetindo como um papagaio falante tudo que sua madrinha mandou me dizer.

- Ela disse para o senhor mandar para ela mastruz, aquela bem curtida no álcool. Ela tem fé que a mastruz vai tirar a dor e não vai deixar o lombo arroxear.

Ela falou também que, se o senhor tiver pomada de arnica, que lhe mande, pois, a arnica é anti-inflamatória e vai ajudá-la muito.

Disse ainda que, se não for pedir demais, e se o delegado tiver algum comprimido para tirar a dor que lhe empreste um envelope.

- Mas bah tchê! É claro que eu vou mandar tudo que ela pediu. Mas eu já falei para a Maria, e agora tô falando para tu, piá sardento, que não fiquem me chamando de delegado, pois isso eu já

fui e agora sou apenas um aposentado. Diga ainda para a Maria que ela já não é mais criança para ficar levantando lata de banha que pesa pra mais de vinte quilos. Diga também que amanhã, cedito, eu mando a dona Roberta, minha ajudante e cozinheira, para tomar conta da cozinha dela, assim ela descansa, faz repouso.

O Venceslau ficou meio sem graça e fungando me disse:

- Como é que eu lhe chamo, então? Pois todo mundo lhe chama de delegado, até mesmo a madrinha.

- Ora! Ora! Meu nome é Mathias, Mathias Albuquerque, então me trate por Mathias, ou como fazem meus ex-colegas de polícia, de Albuquerque.

O Venceslau, como bom causídico que é hoje, já naquele tempo era um piá conversador, daqueles que não seguram a língua e nunca atrasam uma prosa.

- Pois bem, seu delegado, e meio nervoso ele gaguejou, de..., de..., desculpe se..., se..., seu Albuquerque, a madrinha quebrou as carne, levantando a lata de banha, para pegar no fundo da prateleira um cacete de madeira, de guajuvira, um cabo velho de picareta, pois ela tá com receio do Virgílio, aquele preto que chegou à pensão há alguns dias. O cacete hoje, seu delegado, desculpe, seu Mathias, tá debaixo da cama dela.

- Ué, menino, tá com receio por quê?

- Bueno, ela ouviu na rádio que um apenado, é assim que a madrinha fala, fugiu de um presídio lá do Paraná, pelo que o speaker disse, ele é muito parecido com o Virgílio. Preto, alto, forte e tem uma mecha branca no cabelo.

Cociei a cabeça, matutei um pouco e resolvi que já era de mandar aquele guri enxerido embora.

- Venceslau, tá na hora do Lili, o taxista que você conhece, ir para o ponto, lá na praça central, em frente ao cinema. Você tá ouvindo o táxi roncando, esquentando o motor? Pois bueno, vamos ali no portão que eu vou pedir uma carona para você. Ele passa em frente à pensão, daqui até lá é longe e o frio está arpepiando e parece que vem uma garoa por aí.

Ah! Diga para a Maria que eu vou almoçar amanhã na pensão, já que a Roberta vai estar lá, então conversaremos sobre essas novidades.

--) 0 (--

Levantei cedito, tomei chimarrão solito e fiquei observando o tempo que tinha amainado. O céu passando do cinza para o azul, o sol se apresentando, meio amarelado, é verdade. Assim ia se formando um dia bom para lagartear comendo bergamotas. Tomei na avenida o ônibus e segui em direção ao centro. Atendi alguns compromissos no comércio e no Banco da Província. Feito isso, vim aqui na delegacia, para rever o meu amigo e sucessor e teu antecessor, Aderbal, o delegado Pedro Bento Pereira. Depois de abraços e cumprimentos aos servidores e policiais, pois aqui trabalhei por muitos anos, fui até a sala do delegado. O Pedro Bento, que vocês não conheceram, partiu deixando saudades, que Deus o tenha, era um moço preparado vindo lá da capital. Ele se achegou aqui pra estas bandas quando me aposentei.

Proseamos tomando chimarrão bem cevado. Na mesa do Pedro Bento, sempre tinha um chimarrão com uma erva buena que ele comprava no mercadinho do portuga, ali beirando o altar da pátria.

Conversa vai, conversa vem e eu entrei no assunto que me interessava.

- Bento! Chegou-me um informe que um foragido de presídio do Paraná veio se amoitar aqui para estas paragens. Tens notícias.

- Colega Albuquerque! Soube deste fato por notícias vindo da capital. Em realidade, meu amigo, foi uma fuga em massa, já ocorreu pra mais de dez dias. Deram-me conta quando me chegou esta informação que muitos marginais foram recapturados. Pela distância que nos separa do sudoeste paranaense, não dei muita importância ao fato. Mas por que da preocupação?

- Fiquei sabendo que um indivíduo buscou abrigo na pensão Dona Maria, da Maria Roncadeira, tu sabes quem é! Ela está preocupada, pois seu sexto sentido, você sabe que mulher tem dessas coisas, lhe intui que o sujeito que lá se achegou seja um dos fugitivos.

- Diante disso, dessa tua colocação eu vou solicitar aos colegas de Curitiba maiores informações, inclusive o relatório fotográfico dos evadidos, para que possamos tomar providências se assim se fizer necessário.

Você tem mais detalhes deste pensionista, Mathias?

- Não! Não tenho, não! Vou almoçar lá na Maria e investigar um pouco mais esta situação.

- Faça! Faça isso! Eu poderia ir até lá ver este suspeito, mas gostaria de ter algo mais concreto, para não correr o risco de expor um inocente ao constrangimento junto aos demais pensionistas, além, é claro, de constranger a própria Maria e o prestígio de sua pensão, tão tradicional em nossa cidade.

Por outro lado, meu amigo, com tua experiência e teu faro, certamente vais descobrir se tem farinha nesse saco. Enquanto aguardo informações do Paraná, aguardo também notícias suas.

Passamos a prostrar despreocupados, nos perdemos no tempo lembrando ações policiais enquanto trocávamos a cuia de mão. A prosa estava buena, mas a contragosto fui despertado pelas onze badaladas do sino da catedral. Conferi um relógio que na época enfeitava esta escrivania, o carrilhão nunca se enganava, eram realmente onze horas. Hora de eu ir para a pensão da Maria, almoçar e conversar com a Roncadeira, verificando em detalhes, a situação de seu mais novo inquilino.

Na pensão eu sempre me sinto em casa. Maria foi grande amiga do delegado Alípio, meu antecessor. A falecida mulher do Alípio, Lurdinha, além de amiga, foi cunhada da Roncadeira em seu primeiro e trágico casamento com o tal de Vado, segundo contam, um traste. Quando eu cheguei prestas bandas foi o Alípio que me levou até a pensão onde me hospedei pra mais de seis meses. Com o passar do tempo firmamos uma amizade sólida, Maria cuidava desde a minha roupa até a minha alimentação, dando palpite, naquele jeitão dela, até na forma de eu me vestir. Vocês entendem, né! Nosso relacionamento, meu e da Maria, se vai pruns par de anos. Temos, portanto, a liberdade de velhos amigos. Acheguei-me pelos fundos, em direção à cozinha.

Fui entrando e já no corredor senti o perfume do tempero da carne de panela feita pela Roberta, isso me deu um alívio, pois a Maria, teimosa, como sempre foi, permitiu que minha cozinheira tomasse conta de sua cozinha. Concluí que a Maria devia estar ruim mesmo para deixar uma quase estranha tomar conta de seu reino.

Cumprimentei a cozinheira e perguntei:

- Roberta, cadê a Maria? Tá de cama?

- Tá nada! Taí, no refeitório, arrumando as mesas. Parece que ela não tem sossego.

- É isso, é isso, Roberta! A Maria não se entrega, parece que tem bicho carpinteiro.

No refeitório, Maria estava curvada, absorvida em suas atividades, nem me viu chegar, de cabeça baixa passava álcool nos talheres, pratos e copos. Fiquei algum tempo a observá-la. Já naquele

tempo ela usava óculos e tinha os mesmos cabelos encaracolados cor de abóbora, no entanto as raízes apresentavam uma cor desbotada, indo do amarelo para o branco, pareceu-me que fazia alguns dias que ela não passava uma tinta nos cabelos. Ela se punha mais magra do que hoje; as sardas, como sempre, povoavam a sua pele; os braços eram roliços, hoje estão flácidos; o suor se depositava nos vincos do colo e do pescoço; o seu lençinho branco, rendado e perfumado, estava sempre à mão.

Dei uma tossida estratégica para não assustá-la ela mais que admirada, me olhou com aqueles olhos espertos. Um largo sorriso se desenhou em seus lábios mostrando um incisivo lateral superior, ao lado esquerdo, de ouro, como era moda naquele tempo.

- E aí delegado, quem é vivo aparece!

- Buenas, Maria, bom te ver, parece que está mais arribada.

- Que nada, meu amigo, a coisa tá ruim, não dá nem para tossir, mas, com a ajuda de teus medicamentos e com a Roberta me dando uma mão, logo eu me arribo.

- Tá bom, Maria! Tu logo vais ficar boa.

- Mathias, no armário, tu bem sabes, tem uma cachacinha da boa, vai lá te serve enquanto eu acabo aqui, daí vamos almoçar e conversar. Obrigada por ter mandado a Roberta, foi uma mão na roda.

- Maria você é quem manda. Se tu quiseres ela vem mais uns dias para te ajudar.

- Delegado, se puderes me emprestar ela pra mais dois ou três dias, já tá de bom tamanho.

- Sim! Sim! Desde que deixe de me chamar de delegado.

- Deixa isso para lá, quando te chamo de delegado é uma forma respeitosa, mas carinhosa, por tudo o que já passamos juntos. Afinal, amigos são poucos, e você é especial.

- Eh, Maria! Assim você me deixa vermelho. Vou pegar a caña.

-- ) 0 (--

Almoçamos com os pensionistas a comida deliciosa da Roberta. Quando eles, todos satisfeitos, se retiraram para seus aposentos, ficamos eu e a Maria solitos tomando chá de maça seca com gengibre. A pensão ficou silenciosa, só ouvíamos o ruído de pratos, copos e talheres sendo lavados pela Roberta. Tratei, então, de puxar o assunto que a preocupava e que agora era também minha preocupação.

- Maria o teu afilhado me confidenciou, ontem, que você está preocupadíssima com um novo pensionista chamado Virgílio e que, inclusive, estás com um cacete de guajuvira bem fornido embaixo da cama para qualquer emergência. E aí, minha amiga! O que está acontecendo?

- Pois delegado Albuquerque, eu peguei o cacete numa hora em que estava com uma raiva danada, pois me senti traída por uma pessoa em quem confiei. A raiva felizmente já passou. Você sabe que raiva só nos traz infelicidade. Quanto ao meu afilhado, você certamente percebeu que ele é meio linguarudo, não precisava te levar esta preocupação! De qualquer forma, este sujeito de nome Virgílio chegou aqui, se hospedou, pagou uma quinzena adiantada e passou, segundo ele, a procurar emprego em fazendas, pois se diz campeiro. Acredito que seja, pois possui as mãos grossas de quem é acostumado com a lida. Uma noite destas, tresontonte, na hora do jantar, foi noticiado pela rádio Nacional do Rio de Janeiro, na Hora do Brasil, que a polícia do Paraná informava que tinham recapturado doze dos que tinham se evadido de cadeia de Francisco Beltrão, antiga Vila Marrecas, no sudoeste paranaense, e que ainda continuavam procurando quatro fugitivos, sendo um de origem japonesa, dois de origem italiana e um preto. Deram na sequência as características de cada um dos meliantes. O preto foi descrito como um sujeito forte

com um metro e oitenta de altura e uma mancha branca no cabelo. Os pensionistas se olharam surpresos, pois o Virgílio tem este tipo físico e a mancha branca no cabelo. O negão, é assim que os pensionistas o chamam, nesta hora estava no banho, e certamente lá do banheiro ouviu o noticiário. Naquela noite sequer jantou, recolheu-se ao quarto e, como se diz, anoiteceu e não amanheceu. É ou não é para me preocupar? Ainda mais que a mala permanece em seu quarto. Sinal de que ele pode voltar a qualquer momento.

- Maria, a rádio não informou o nome do indivíduo?

- Sim falou, e eu prestei bem atenção e até anotei numa caderneta, o nome do indivíduo é Amadeu da Silva Ferreira.

- Quando ele chegou à pensão você não solicitou documentos dele?

- Pois é, meu amigo, com toda a minha experiência de anos e anos de pensão, não solicitei. Ele me pareceu um homem de paz, de voz mansa, cavalheiresca, além do mais na mochila tinha uma tarjeta com o nome Virgílio Assumpção dos Santos.

- Maria, você já vistoriou o quarto deste suspeito?

- Não! Não me atrevi, fiz limpeza como de costume, varri e passei pano, mas não me encorajei de abrir a mochila e vistoriá-la.

- Pois estão Maria vamos fazer isso.

- Junto contigo eu fico mais corajosa.

Seguimos para o quarto quinze, Maria tirou do bolso do avental um molho de chaves e logo encontrou a chave certa. Abrimos o local, que havia sido higienizado ainda pela manhã e cheirava a pinho.

O guarda-roupa estava vazio. A sacola repousava sobre um aparador de madeira carunchada, pintado na cor verde, ao lado de pequena Bíblia e de uma revista O Cruzeiro. Levantei a mochila de lona esverdeada, cuja boca era arrocada com um tento de couro. Observei que o saco tinha uma mancha com as bordas brancas salinas, intuí ser mancha do suor de animal cavalariço. Aquela mochila, provavelmente, andou por horas no lombo de algum cavalo. O homem certamente era campeiro.

Despresilhei. No interior roupas comuns, perfeitamente organizadas, e produtos de higiene: pente, pincel e aparelho de barba, dentifrício e sabonete. O proprietário era caprichoso. A Maria com cuidado, tirou tudo que estava dentro. Buscamos nas dobras e nos bolsos algum documento, não encontramos nada. Todavia, colado no fundo da mochila havia uma foto. Era a foto de uma mulher. Uma bela mulher, pelos traços tinha ancestrais africanos. Pedi para Maria trazer uma chaleira com água quente fumegando, fizemos com que o vapor d'água incidisse sobre a lona e com paciência descolei a foto. A fotografia se descolou com o mínimo de dano. Em seu verso havia uma dedicatória em desenhada letra feminina – Ao querido Amadeu, com amor e carinho, de sua esposa Joana.

- Pois é, Maria, parece que sua desconfiança é certa.

Sentamos na cama e, com uma conversa mansa, procurei acalmá-la de suas preocupações, que eram justas. Afirmei a ela que dificilmente ele viria buscar seus pertences, que não eram muitos, além do mais, ele já estava sumido há muitas horas e certamente tinha consciência que fora descoberto e que provavelmente a polícia iria a seu encalço. Insisti, no entanto, para que ela e os pensionistas se mantivessem alertas, pois enfim, você sabe, meu amigo, um homem prevenido vale por dois.

Recomendei que ela conversasse com pessoas da vizinhança, com os proprietários das bodegas instaladas nas redondezas, avisando que um sujeito, moreno alto, com mecha branca que tinha se hospedado em sua pensão era suspeito de ser fugitivo de presídio no Paraná e que se alguém o avistasse, fizesse o favor de avisá-la imediatamente para que ela tomasse as devidas providências, inclusive acionando a polícia. Lembrei-lhe que certamente o delegado a procuraria e certamente faria perguntas a ela, aos pensionistas e a vizinhos.

Abracei a roncadeira, agradei pelo almoço e vim novamente aqui, informar o delegado Pedro Bento, sobre minhas descobertas.

Ele me assegurou que tomaria as providências possíveis e que iria até a pensão para conversar com a proprietária e moradores, assim como eu tinha previsto.

Tava eu já de pé, apertando a mão do Bentinho, para voltar a meu rancho, pois o sol já queria se deitar, quando adentrou no gabinete do delegado o Euclides, aquele leiteiro careca, barrigudo e com aquele bigodão grisalho que chega sempre na frente dele. O leiteiro estava muito nervoso e, gaguejando informou que fora visitar uns parentes lá pros rumos do butiá, e quando chegou a casa, logo após o meio-dia, deu por falta de seu cavalo baio, o Alegrete, além de arreios com mala de garupa, pelegos e uma capa. O Euclides, em meio a lamentos confabulou:

- Meu cavalo é de estima, estava pastando nos fundos da chácara, os arreios, pelegos e a capa estavam no galpão. É verdade que a porta é presa por uma simples tramela, mas nunca ninguém mexeu em nada na minha propriedade ou mesmo na vizinhança. Quando é que eu ia imaginar que havia um ladrão na região?

Dei um buenas pro Euclides, lamentei a sua perda e disse-lhes num repente:

– Vocês têm o que conversar, eu vou-me indo.

-- 0 (--

Assim, como num estalar de dedos, passaram o sábado e o domingo. Na segunda-feira pela manhã me apareceu a Roberta e me informou que não precisava mais ir ajudar a Maria, pois ela tinha se recuperado mais rápido do que se esperava e já estava reinando em sua cozinha como de costume.

Na terça, me apareceu lá pela meia-tarde o Venceslau, chegou todo alegre, chupando um picolé de groselha, a boca estava toda vermelha, contrastando com a cor de seus cabelos e com as sardas que povoavam o seu nariz.

- E aí, Venceslau! Entre, venha tomar um chá de mate e comer bolachas e biscoitos. O que te traz aqui novamente?

Ele já com a boca cheia foi-me respondendo:

- Seu Mathias, a madrinha já tá boa e mandou dizer que tem novidades, que é para o senhor ir amanhã almoçar com ela.

- Tá bom! Tá bom, Venceslau! Diga para a comadre que amanhã eu chego lá. Ofereci alguns biscoitos guarda-freio para o menino ir roendo rua acima. Ele se foi pulando de contentamento.

-- 0 (--

Como prometido cheguei à pensão após o almoço e fui recebido com um doce de figo coberto com um alvo e saboroso creme de leite e, para rebater, chá de boldo.

Tomamos devagarito o chá, bem acomodados, ela sentada em uma cadeira de balanço com assento em palha de milho e eu numa preguiçosa. Após algumas amenidades, a Roncadeira foi me dizendo:

- Meu amigo, ontem, terça-feira, caminhei por estas baixadas, bodega por bodega. Nas mais barateiras fiz algumas compras, mas visitei todas e em todas indaguei se tinham visto ou tido notícias de um preto, alto com mancha branca no cabelo.

Alguns, inclusive, já tinham visto o Virgílio ou Amadeu, nem sei como chamá-lo, aqui em frente à pensão conversando com outros pensionistas, mas nenhum bodegueiro tinha visto o vivente.

- Mas então nada, comadre? Será que ele evaporou mesmo?

- Não..., não! Tenho para ti uma surpresa. Pois não há de ver que na última bodega, a do Paulino, que tu tão bem conheces, tinha um cachaceiro amoitado, todo pachola, sobre um saco de milho, bebendo uma branquinha, enquanto mascava um pedaço de salame, me olhou, sorriu e falou com a língua já meio grossa:

- Mas, Paulino, não lembra que um preto deste jeitão passou aqui uma tarde dessas, montado num baio, fez umas compras com a sua senhora, comprou pão, bolachas, açúcar, café, arroz, feijão, linguiça, queijo e salame? Eu até ajudei ele a colocar tudo na mala de garupa e ele me deu umas moedas para eu tomar mais uma. Tu tava ajudando o Alziro a descarregar lenha, quem sabe nem tenha percebido.

E digo mais, dona! Tá ouvindo Paulino? Eu acho que aquele cavalo, baio, liso de pelo, é do Euclides, o leiteiro. O pinguço levou o cálice nos beijos, deu uma bicada e prosseguiu: a senhora sabe, dona Maria, eu bebo, mas não sou cego e também não me meto na vida alheia.

Pois não é que o traste do borracho me deu melhores informações que todos aqueles bodegueiros desatentos?

- Comadre do céu! Você sabe que o gambá tá certo? pois no dia que eu saí daqui e fui informar ao delegado Pedro Bento sobre nossas descobertas, sobre a nossa vistoria e o escrito na fotografia, me chegou também lá o Euclides comunicando com a cara mais triste do mundo o roubo de seu cavalo e de umas tralhas mais.

- Pois é... Pois é! Então o nego roubou o cavalo e se mandou a la cria, nunca mais vamos encontrá-lo.

- Que nada Maria, este mundo é menor do que você imagina, tenho certeza, e a minha experiência assim o diz, que logo teremos notícias.

- Ah, sim! Me esqueci de te falar que o delegado Bento esteve aqui, no sábado, para conversar comigo e alguns hóspedes. Abri para ele o quarto, mostrei a mala e a foto, ele ficou um bom tempo com a gente e disse que ia informar os delegados de municípios vizinhos, bem como os subdelegados dos distritos, para ficarem atentos ao aparecimento de suspeitos com as características do nosso fugitivo.

Depois desse papo, me servi de mais um pouco de chá que já estava ficando frio, pedi licença para comadre e informei-a que viria aqui para colocar o Pedro Bento a par dessa nova situação.

Assim o fiz, o delegado, que tinha um jeitão simpático, me pediu que continuasse a observar a região, já que sou morador aqui do Boqueirão, pois provavelmente o fujão, se estivesse pelas redondezas, daria com os costados em alguma bodega, pois em poucos dias precisaria se abastecer, e os bodegueiros já estavam, todos, avisados pela Maria.

- Mathias, velho de guerra! Tem outra coisa! Na sexta, no noturno, vou para a capital, minha mãe não passa bem, está hospitalizada na Santa Casa. Passarei lá o final de semana e só retorno na terça-feira. Isso aqui vai ficar meio deserto, a equipe está reduzida, o Vargas e o Brandão estão afastados, com uma conjuntivite das brabas; o Monteiro está de férias; só me restam o escrivão e o pessoal da faxina. Por isso peço-te que fique de olho nesse caso, pois ele está

ocorrendo nas nossas barbas. Qualquer novidade, use tua velha experiência e tome, se preciso for, decisões, tu sabes disso melhor do que eu, que não compliquem a vida de ninguém.

- Tá bom... Tá bom delegado! Fique tranquilo, se algo ocorrer, eu tomarei providências, matarei as saudades da ativa, não se preocupe, tudo vai dar certo. Faça uma boa viagem e encontre sua mãe com saúde.

--) 0 (--

Meu amigo Aderbal! Até hoje não me canso de pensar nas palavras do delegado, parece que ele estava adivinhando, seus sentidos eram apurados.

Pois não há de ver que justamente no domingo, duas da tarde, quando no meu rancho só se ouvia o barulho da piazada jogando bola no campinho da esquina e de algum rádio tocando músicas de Gardel, me achegou o Tobias, que tem uma chácara beirando o lago da Hidrelétrica do Capingui.

O Tobias é conhecido velho de outras andanças, eu fiquei alegre em vê-lo. Ele, com um largo sorriso e um abraço apertado, demonstrou toda a felicidade em me reencontrar.

Ofereci para ele um chima. Além do chima, trouxe da cozinha umas cuecas-viradas que a Roberta tinha feito com muito esmero. E já de repente fui lhe perguntando o que o trazia aqui prestas bandas.

- Delegado, vim até aqui recomendado pelo escrivão, já que o delegado Pedro Bento se encontra em viagem.

- Você se alembra deste fato, João de Deus?

- Faz muito tempo, mas me recordo que o Tobias esteve comigo.

Vi no semblante do Tobias um misto de preocupação e fui indagando:

- Por que tanta preocupação, Tobias?

- Albuquerque! O escrivão, João de Deus, acha que o senhor pode me ajudar.

- Como assim?

- Pois, doutor! O senhor conhece minha propriedade, quantas vezes já pescamos e churrasqueamos beirando aquelas águas. Pois logo acima, coisa de mil e quinhentos metros, tem uma propriedade, separada da minha por mata nativa, de um fazendeiro lá de Serafina Correa. Eu é que olho aquelas benfeitorias. Enquanto minha mulher faz limpeza na casa, eu cuido do jardim e dos gramados, tô sempre de olho, pois, além de ele me pagar uns pilas, são gente boa e amiga.

Dias atrás me fui pra lá para dar uma olhada nas plantas, e quando ia chegando, já quase saindo do mato, ouvi o relinchar de um cavalo. Esgueirei-me atrás de umas ervas, de uns gravetos, e vi um cavalo baio, diga-se de passagem, de pelo liso que brilhava ao sol, amarrado embaixo de uma canjerana. Em cima do para-corpo do alpendre, sela, pelego e outras tralhas. Da chaminé saía fumaça.

Fiquei cismado, pois o carro do proprietário não estava na garagem e não havia a buía de crianças brincando como de costume. Nem o cachorro, o Bingo, que sempre acompanha os proprietários, se fazia presente.

Continuei de campana observando o local, tudo era silêncio. Se passaram bem meia hora, eu já tava com os joelhos doendo de ficar agachado, quando me apareceu vindo do lago um índio só de cuecas, negro, com uma vara de pesca e uma fiada de peixes.

Permaneci mais um tempo agachado. O preto, alto e forte, mudou o cavalo de lugar onde tinha um pasto a ser comido e foi ao tanque de lavar roupa para tratar os peixes recém-pescados.

Ah delegado! Já ia esquecendo! Pois não é que depois de ajeitar os peixes dentro do tanque e de encostar a vara de pesca junto à porta, ele voltou até a beira d'água e retirou de dentro de uma moita de carqueja que tinha uma toalha vermelha por cima, como que para marcar o lugar, um revolver. Me pareceu um trinta e dois. Dei meia volta, Mathias, e retornei no rastro que tinha feito.

Servi-me de um chimarrão e, para não assustar meu visitante, não lhe contei o que sabia.

- Eh, meu bom Tobias, eu imagino o teu sufoco e a tua preocupação. Vamos fazer o seguinte, como o delegado está em viagem e os policiais ou estão doentes ou de férias, eu vou dar um pulo na tua propriedade e bispar por longe o que está acontecendo. Você volta pra lá?

- Não,, Mathias! Inclusive já vou me retirando, pois hoje, domingo, dia seis é o aniversário de minha neta, três aninhos, a guriazinha é a minha alegria. Daqui a pouco, às seis horas, tem cachorro-quente, bolo, refrigerante e parabéns. Vamo pra lá comigo? E na segunda-feira tenho que ir ao banco e pagar algumas contas no comércio e outras cositas mais, daí só me vou ao rancho lá pra terça-feira.

- Obrigado por me convidar, Tobias, mas eu vou ficar por aqui tomando meu chimarrão e escutando o jogo do Gaúcho que já deve tá começando. Mas eu posso, amanhã, me chegar por lá? Tem cadeado no portão? Se precisar posso fazer pouso no teu alpendre, levo minhas tralhas de pesca e por lá eu me ajeito.

- Claro meu amigo, a casa lá é sua, toma conta de meu rancho. Quanto às chaves tá fácil! A do cadeado, está embaixo de um paralelepípedo preto à direita do portão; a chave da casa tá no pé de cinamomo, junto de uma orquídea agasalhada em um pote feito de pneu, fácil, fácil de você achar. Se precisar te acampa lá, quem sabe tu me esperas na terça-feira com um pocado de peixes.

- Então, Tobias, eu vou lá dar uma assuntada neste índio que tá arranchado na casa do teu vizinho. Se tiver tudo limpo, tranquilo, sem problemas, eu prometo que te espero na terça.

- Delegado, na despensa tem toda a tralha para pesca, fique à vontade não precisa levar nada, nos armários tem provisão, se quiser mata uma penosa. Ah! Faz-me um favor, dá uma olhada na água dos porcos e das galinhas, deixei tudo arrumado, mas às vezes, você sabe, as coisas não acontecem como a gente espera. Se achar que o milho tá pouco, tem dois sacos no galpão, me reforça o cocho da bicharada.

--) 0 (--

O domingo, meus amigos, já tava morto. Escutei o jogo e no fim da tarde fui ao posto de combustível abastecer minha moto, passei na bodega do Adão e comprei uns mantimentos. O Tobias tinha me franqueado a casa e os demais, mas eu gosto de levar minhas coisas, daí comprei café, açúcar, arroz, feijão, pão, charque e salame, além de uns biscoitos e bolacha Maria.

Na segunda, aproveitando a fresca, me pus na estrada. Quando o orvalho ainda não tinha bem secado, eu cheguei ao meu destino. O rancho do Tobias, como de costume tava todo limpo e organizado. Ajeitei minhas compras num armário, tomei água, respirei fundo e fui até a beira do lago dar uma olhada. Miúdas ondas batiam na areia cascalhosa. Para minha surpresa e deleite um martin pescador furou a água quase na minha frente e um lambari pulou fugitivo sobre ela. Da mata vinha o som de um bem-te-vi que cantava alegre, e num cupim na capoeira uma coruja buraqueira me observava com olhos frios e curiosos. Fiquei ali por minutos aproveitando aquele frescor. Ao olhar para o nascente, o sol furou umas poucas nuvens que vagavam e incidiu sobre meus olhos, coloquei a mão sobre as sobrancelhas como forma de proteção e fixei o olhar sobre

aquele mundo de água. Para minha surpresa quase no horizonte vi uma canoa. Olhei firme e vi que na canoa a remo havia um pescador solitário. Seria o Amadeu?

Voltei para a casa, empurrei a motocicleta para dentro do galpão, dei uma olhada na água e na ração da bicharada, tava tudo nos conformes. Ainda do galinheiro olhei a entrada do mato e vi o trieiro que o Tobias usava para ir até a casa do vizinho.

Voltei na cozinha e apanhei um facão que estava pendurado na parede, desembainhei o três listras e passei o dedo para ver o fio. Satisfeito, embainhei e coloquei na cintura, fui até a moto e desembrulhei o trinta e oito que estava no coldre enrolado num jornal, abrigado embaixo do banco, coloquei o bruto no mol da cintura.

Tirei um balde de água do poço, água fria e cristalina; bebi, pois sabia que a caminhada ia ser longa, mil e quinhentos metros, tinha falado o Tobias ida e volta, três mil.

Olhei para a embocadura do mato, fiz um sinal da cruz e me atrevi. O trieiro era limpo e seguia em linha mais ou menos reta, o terreno estava úmido com muitas samambaias. Passei por uma pinguela sobre pequeno córrego à sombra de araucárias, de cambarás, guamirins, branquilhos, mamica-de-cadela, araticum, ingá e erva-mate e continuei caminhando. Mantive a caminhada firme, mas procurando ser o mais silencioso possível.

Cheguei com todo o cuidado ao desemboque do mato, estava ofegante e suado. Agachei-me, olhei o terreno, vi que não havia formigas para me perturbar, e assim de cócoras, protegido pela exuberante folhagem, observei o terreno, assim como tinha feito o Tobias. Mas não vi o cavalo, embora no gramado em frente à casa houvesse muito esterco e o cheiro forte da urina do animal chegou até minhas ventas.

Fiquei matutando: teria ele partido? Seria o barqueiro o Amadeu?

Desloquei-me um poquito para a direita e tive uma visão melhor da casa. A casa de madeira de pinho era ampla, pintada há muito com óleo queimado, por isso desbotada num marrom, você sabe, delegado, aquela cor “de burro quando foge”. As janelas eram na cor verde-garrafa e o telhado antigo combinava com a cor da casa em telhas francesas. Vi, então, no alpendre, os arreios descansando sobre um banco e as rédeas penduradas na parede. Mas onde estaria o cavalo?

Por dentro do mato fui me achegando mais para a direita, aproximando-me passo a passo da casa, foi aí que eu vi que numa pequena clareira na mata, em frente ao lago, havia um pequeno galpão em costaneira de pinho, onde certamente eram guardadas ferramentas e outros utensílios. Ao fundo desta construção havia uma área com algumas fruteiras e um capim exuberante. Sentindo minha presença, o Alegrete, me lembrei do nome do cavalo, deu pequenos relinchos e continuou pastando.

Bueno Aderbal! Agora tudo indicava que o pescador da canoa era o Amadeu. Saí da mata e entrei no alpendre, a porta de acesso à casa tava encostada. O negão estava confiante. Entrei porta adentro, na cozinha sobre o fogão havia restos de peixe e, sobre a mesa, um revirado de feijão, pão e salame. Fui até um dos quartos, pois da janela eu teria uma vista privilegiada do lago. A janela era protegida do sol por uma cortina dupla, branca de algodão. Com cuidado afastei o mínimo possível os panos e, para minha surpresa, o desinfeliz vinha remando e estava bastante próximo da margem. Observei o terreno e identifiquei o pé de carqueja com a toalha vermelha, local, segundo o Tobias, onde ele escondia o revólver. Esta touceira de carqueja distava bem uns sessenta metros da casa.

Fiquei de campana. Quando ele chegou junto à beira, identifiquei pelas características que era o “Virgílio” da Maria Roncadeira. Ele puxou o barco até a margem, colocou os remos no interior

e de lá tirou um balde cheio de peixes. O balde estava pesado. Com esforço veio até a moita, enfiou a mão embaixo da toalha e apanhou o revólver. Enfiou o berrante na cintura, às costas.

Pé ante pé retornei ao alpendre e na sombra o esperei. Quando ele colocou a bota na área, eu lhe dei voz de prisão; na surpresa ele derrubou o balde, e os peixes se espalharam, alguns semivivos ainda se contorciam. De imediato ele levou a mão direita às costas para apanhar a arma, eu então atirei, atirei quase à queima-roupa, pois estávamos muito próximos. Você sabe, João de Deus, eu nunca me gabei disso, mas eu sempre fui bom de tiro, poderia tê-lo matado, mas disparei no antebraço dele, e a arma que ele estava tentando apanhar caiu no chão. Ele gritou feio segurando o braço e eu, em voz de comando e colocando o revólver em sua cabeça ordenei.

- Quietos! Ajoelha-te, índio velho! Mãos na cabeça!

- Ele, tremendo de dor e gemendo obedeceu.

Sou o delegado Albuquerque, és fugitivo do Paraná e por isso estás preso.

Sempre de olho no prisioneiro, me abaixei e peguei o revólver que estava no meio dos peixes.

Mandei-o sentar junto a um dos esteios de sustentação do alpendre, apanhei uma corda que estava enrolada na sela e preendi-o pelo peito, imobilizando também o braço esquerdo, deixando livre o direito para poder examiná-lo. Amarrei as pernas com uma tira forte de couro, que pendia da sela.

Ele se manteve calado, respeitou minhas ordens sem oferecer resistência. Seu semblante era de dor.

Examinei o ferimento, fiquei feliz, pois o braço não estava quebrado. A bala tinha transpassado e aparentemente, por sorte, não tinha ofendido nenhum vaso sanguíneo importante, pois era pouco o sangue que saía pelos orifícios.

Busquei na casa medicamentos. Encontrei iodo, sulfá, esparadrapo e comprimidos para dor. No banheiro em um baú encontrei toalhas feitas de algodão, de sacos de algodão, fiz com elas tiras para enfaixar o braço.

Lavei bem o ferimento com sabão, pincelei todo o ferimento com o iodo. Neste momento ele gemeu de dor. Após apliquei sulfá, enfaixei o braço com as tiras de algodão e preendi com o esparadrapo. Pra mim ficou um serviço bom.

Quando terminei o sol estava a pino, era meio-dia.

O Amadeu me olhou com olhos pacíficos e, com uma voz calma e profunda, me agradeceu:

- Obrigado por não me matar.

Sentei-me em uma cadeira, confesso que estava cansado, me pus a olhar para meu prisioneiro e me lembrei das palavras da Maria Roncadeira: “Ele me pareceu um homem de paz, de voz mansa, cavalheiresca”.

Pus água num copo e lhe ofereci, ele bebeu sofregamente e agradeceu:

– Muito obrigado senhor.

Juntei os peixes, eram muitos, traíras, jundiás, peixes-rei e uma carpa.

Passei a limpá-los, pois seria um crime perdê-los. De mais a mais, eu estava com fome e certamente o Amadeu também estava. Ele permanecia calado, de quando em quando, emitia com os olhos fechados e o cenho cerrado pequenos gemidos.

Deixei-o ali atado e fui fazer o almoço, pela porta eu, de olho comprido, o bispava. Fritei alguns peixes, fiz um arroz temperado com o salame e bati três ovos em omelete. Era uma boia para quebrar o galho e matar primeiro quem queria nos matar - a fome.

Enquanto o arroz secava me sentei novamente na cadeira e, observando o negrão, que agora me olhava, lhe perguntei:

- Vais comer em paz comigo? Não vais fazer nenhuma graça como tentar me atacar, tentando fugir? Ou vais continuar aí atado? Se tentar me atacar ou pensar em fugir eu te mato, agora sem pena, pois te dei a chance de continuar vivo.

Ele me olhou e disse com calma:

- Pode me soltar, eu vou almoçar em paz contigo e não vou tentar fugir nem o atacar, pode confiar em mim, eu sou homem de bem, sou um homem temente a Deus. Se me permitir posso te contar minha história.

Peguei a arma dele e coloquei dentro de uma gaveta. Coloquei no lixo os restos de comida que estavam sobre a mesa, lavei os pratos, encontrei uma toalha dentro de uma gaveta, arrumei a mesa e servi o almoço. Com certa cautela desamarrei o prisioneiro, ele se levantou, se espichou, envolveu o braço ferido com a mão esquerda e contendo algum gemido, me pediu para ir ao banheiro para se higienizar.

- Pode ir, deixe a porta aberta. Se tentar fugir, eu atiro.

- Não se preocupe! Não se preocupe! Eu não tenho qualquer intenção de feri-lo ou mesmo de fugir. Quando eu lhe contar, se o senhor tiver paciência de me ouvir, o senhor entenderá todo o meu drama, todo o meu sofrimento.

Sentamos à mesa, uma mesa grande no centro da ampla cozinha. Sentei-me numa ponta e ele na outra, coloquei o revólver ao lado do prato e comemos em silêncio.

Quase ao final do almoço perguntei se estava com muita dor – ele confirmou. Apanhei um comprimido de Cibalena e lhe ofereci.

Ele então me perguntou se podia levantar e coar um café para nós dois, eu aprovei a ideia. Ele fez um café, eu diria razoável.

Após o café eu lhe disse:

- Amadeu, eu estou curioso com o teu caso. Primeiro - você veio de muito longe; segundo - enrolou a Maria Roncadeira; terceiro - você fugiu para este fim de mundo e parece não ter nem um plano de prosseguir viagem, possivelmente não tem dinheiro; quarto - quem é você?

Ele sempre segurando o ferimento começou a falar pausadamente.

- Como é sua graça?

- Me chamo Mathias Albuquerque, sou delegado aposentado, estou nessa missão a pedido do delegado Pedro Bento.

- Pois, delegado Albuquerque, sou gaúcho natural de Garibaldi, neto de escravos, de vida simples e pobre. Criei-me em uma propriedade de italianos naquele município. Aprendi a lida campeira com meu pai, que Deus o tenha, e com os patrões dele. Meu pai trabalhou nesta propriedade por anos e anos até falecer. Minha mãe faleceu quando eu ainda era guri.

Os italianos possuíam cinco filhos, quatro homens e uma mulher, éramos todos moços, fomos criados juntos, a diferença de idade era pequena e eu era tratado como amigo, como irmão. A filha, Gerusa, casou cedo e se foi para Caxias do Sul. Os filhos mais o casal de velhos,

constatarem que a propriedade se transformaria num minifúndio com o passar dos anos e eles tinham que adquirir com urgência novas terras, era questão de sobrevivência.

Como o senhor deve estar lembrado, espalhou-se por estas terras que o Governo Federal tinha criado no sudoeste do Paraná, em 1943, o Território Federal do Iguaçu, instalando ali a Colônia Agrícola General Osório, a Cango.

Era uma notícia muito alvissareira e o senhor Giovanni, pai dos guris, levou o assunto a sério e, acompanhado do filho mais velho, Pietro, viajou até a tão falada região para conhecer, ver detalhes e receber todas as informações necessárias. Voltaram encantados, comentando a qualidade da terra, a fartura em madeira. Floresta de madeira valorizada, rica em pinheiro. A terra era oferecida aos colonos pelo governo Getúlio Vargas, por um preço convidativo. O prometido era que, além da gleba de terras, os agricultores ainda receberiam: atendimento médico, dentário, equipamentos, ferramentas e sementes, além de financiamentos bancários. Em Francisco Beltrão, Giovanni acertou o assentamento para seis glebas, uma para si, uma para cada filho e uma para mim. Como eu não tinha nenhum capital, minha gleba ficou condicionada a eu ajudá-los durante cinco anos. O senhor Giovanni arcou com todas as despesas referentes à minha mudança e construção de benfeitorias.

Para mim o negócio era mais do que interessante, pois eu não tinha nada além dos braços para trabalhar. Em cinco anos eu seria independente financeiramente, poderia, então, constituir família e ter meus filhos, este era o meu sonho.

O senhor Giovanni juntou dinheiro vendendo as terras em Garibaldi. Animados, por estradas e trilzeiros, nos fomos para o Paraná.

Tudo parecia correr bem, trabalhamos duro, tirando e serrando a madeira, pinho, para as construções. Limpamos a terra para o plantio de milho, mandioca, feijão, arroz de sequeiro e formação de pastagens. Comprando e fazendo escambo, iniciamos a criação de porcos e galinhas, adquirimos gado leiteiro, tudo isso em princípio para a manutenção de nossas famílias. Vendíamos o excesso da produção e apurávamos uns pilas para outras despesas. Mas os problemas estavam a um passo de nós.

Em 1947, assumiu o governo do Paraná Moises Lupion. Descobrimos nesta época que nossos documentos da terra não eram tão bons como tinha sido propalado. Documentos que dormiam há anos na justiça, envolvendo gente graúda e poderosa apoiada pelo governo, afloraram num piscar de olhos. Nós colonos não entendíamos como os nossos documentos não eram mais reconhecidos, não tinham mais valor. Surpresos, descobrimos que havia companhias de terras: a Citla, e a Comercial e Apucarana, que alegavam serem as reais detentoras dos direitos sobre as terras. A Clevelândia Industrial e Territorial Ltda. – Citla de amigos do governador, conseguiu uma escritura pública de 475.200 hectares de terras que abrangiam todo o território da Cango, onde estavam assentados mais de três mil colonos. Dentro dessa área estavam ainda, às zonas urbanas de Francisco Beltrão, Santo Antônio e Capanema.

Criou-se uma tensão social inimaginável, pois a Citla iniciou um processo de pressão sobre nós colonos querendo que pagássemos pelas terras que nós já havíamos pagado ao Governo Federal.

Com a chegada do governo Munhoz da Rocha, o problema de documentação das terras não se resolveu, mas ficou calmo e continuamos trabalhando. Mas o pior estava por vir, pois em 1956 Lupion voltou ao governo e com ele, retornou à pressão sobre a posse da terra e sobre nossas vidas.

A Companhia se armou de advogados e não bastando isso, contrataram guarda-costas e jagunços, um verdadeiro exército de malditos que eram recrutados em São Paulo, na Bahia e em outros estados. Recrutaram inclusive marginais em presídios, assaltantes, assassinos e estupradores.

Assim começaram as barbaridades, ou o colono pagava pela terra e ainda se comprometia de lhes entregar a madeira, ou era morto ou expulso. Para conseguir seu intento cometiam atrocidades terríveis, matando, estuprando, aleijando.

Ficou claro para aquela população que as Companhias contavam com o apoio de políticos, policiais, delegados e até mesmo de juizes. Dentre estes jagunços que tinham as costas quentes estava Adelino Cabeça de Fogo, que era empanado com os perigosos jagunços Lourenço da Costa, o Maringá, e o terrível Chapéu de Couro.

Pois foi este jagunço, Cabeça de Fogo, assim chamado por ter os cabelos cor de fogo e rosto coberto por sardas vermelhas, que, comandando uma dezena de jagunços, assaltou minha propriedade. Bateram-me muito, me ataram em uma árvore, colocaram um revólver na cabeça de Joana, minha mulher, me obrigando a assinar a devolução da propriedade, e rasgaram o documento de posse que eu tinha.

O Amadeu levantou, tomou um copo de água e me pediu mais um comprimido. Voltei à gaveta de medicamentos e encontrei um Melhoral, ele tomou e voltou às falas.

- Seu delegado, o Cabeça de Fogo jogou minha mulher na garupa de seu cavalo e gritou prum piaquito, ainda imberbe, seu irmão, também cabeça vermelha, chamado pelos demais de foguinho, e ordenou:

- Foguinho, dê uma coça neste traste para ele aprender.

- O tal de Foguinho reuniu mais dois e bateram-me muito e, por fim, me deram uma paulada na cabeça, que eu desmaiei. No local da pancada – olhe, bem aqui - como pode ver, o cabelo nasceu branco.

Queimaram meu rancho, minha carroça e meu paiol. Quando eu voltei a mim, tinham pregado na minha camisa um bilhete, em boa letra, que dizia: “Suma desta terra, sua mulher vai comigo para que não penses em vingança, se nos denunciar, ela morre”.

Fui encontrado pelo Pietro, que da terra dele viu a fumaça da queima dos meus bens e veio ver o acontecido. Mudei para a cidade, fui trabalhar em uma padaria, era um faz tudo, cortando lenha para o forno, limpando as cinzas, buscando madeira nos matos, enfim, de tudo um pouco.

Os jagunços que andavam a cavalo pela cidade de quando em quando me viam e me chamavam de cornudo.

Certa vez estava eu empilhando lenhas em frente à padaria e o Cabeça de Fogo, acompanhado de dois capangas e de seu irmão Foguinho, meteu o cavalo em cima de mim, me deu um mangaço nas costas e saiu rindo e gritando: “Hei, hei, hei! Gaúcho corno manso, tua mulher tá esquentando meus pelegos”.

Eu aluguei uma meia-água perto do serviço e ali fiquei amoitado, entorpecido. A vergonha, o ódio e o desejo de vingança afogavam meu coração. Mas eu não sabia o que fazer, e estava sem ação para procurar minha mulher, eles poderiam me matar, e com certeza a matariam.

Numa madrugada, me acordei com um baque na porta da frente, me levantei, peguei meu revólver, abri a porta com cuidado, e no chão, de bruços, atada, com um saco na cabeça, estava Joana, minha esposa. Não estava machucada, estava bem, mas tinha a barriga saliente, estava grávida de mais de seis meses. Choramos juntos. O grande amor que nutrimos um pelo outro nos uniu. Aceitei a gravidez dela, pois ela não tinha culpa, muito menos a criança. Hoje temos uma filha, Silvia, a nossa alegria.

Joana não sabia em realidade quem era o pai, pois foi estuprada por diversos homens no período que lá ficou. Estava sempre sob as vistas das mulheres dos jagunços. Não sabia exatamente onde

estava, mas ouviu falas que a fazenda onde se encontravam fora tomada de catarinenses e que distava cinco horas a cavalo da cidade.

Continuei trabalhando. A pressão sobre os colonos continuava, cada vez mais forte. Os jagunços estavam organizados e armados, dominavam as vilas e cidades. Quando foi em março de cinquenta e sete, nasceu Silvia.

No início do mês do cachorro louco, agosto, dia três, não esqueço até hoje, lá pelas cinco da tarde fui até a bodega do Lico, próxima à minha casa em busca de linguiça para o jantar. Pelo buenas ao bodegueiro, percebi que chegaram dois cavaleiros. Eu estava de costas para a porta e assim permaneci, assinando a caderneta de compras, pois eu comprava fiado, pagava minhas contas no fim do mês, assim como tantos outros. Estava debruçado sobre o balcão desenhando minha assinatura, pois sou meio garranchento. Quando eu tesei o corpo e ia me virar tomei um mangaço nas costas, a ponta do couro pegou na minha orelha, eu testavilhei e me aprumei contra o balcão. A pancada foi forte, e ouvi o riso dos maledeto, reconheci a voz do Adelino que com bafo de cana foi falando:

- Some daqui, corno danado!

O companheiro dele me baixou o facão, eu quadrei o corpo, e o fio do facão arrancou farpas do balcão.

- Deixa pra lá, Baiano! Este corno tem que criar minha filha.

Empurraram-me com violência porta a fora. O Cabeça Vermelha com o revólver na mão, me cutucou as costelas, e o Baiano me deu um planchaço com o facão nas costas e um deles me deu um pontapé na bunda. Caí a dois metros da soleira da porta, nas patas dos cavalos.

Eles estavam muito confiantes. Assim como você está, delegado, pois também não olhou meu tornozelo, e se abaixando sacou um vinte e dois cano curto. Eu confesso que fiquei paralisado, e lembrei que não dei revista quando o prendi, falha de um velho aposentado.

Ele riu e, com a arma em punho, volteou a mesa, apanhou meu revólver que estava junto ao prato, olhou os detalhes da arma e, abrindo a gaveta onde eu tinha guardado sua arma, colocou a minha também lá dentro. Depois, fazendo uma careta, exclamou: - Não se preocupe! Eu não vou lhe fazer mal, eu lhe dei a minha palavra de paz. Girou com maestria o pequeno revólver na mão e o jogou para o interior da gaveta.

Eu mirei o negão e naquele momento definitivamente concluí que estava diante de um homem de bem, que com certeza vinha de grande sofrimento e que me falava a verdade. Levantei, e apertei a sua mão e lhe disse para continuar.

- Eu me arrastei pelo meio das patas dos cavalos, e eles rindo gritaram ao bodegueiro: – Uma cerveja e uma caña, homem de Deus.

Levantei me apoiando num dos estribos. Minhas costas ardiam, me equilibrei, buli a perna e apanhei o revólver. Esse bem aí. Tapei firme a anca do cavalo que pateou e relinchou alvoroçado, e eles saíram porta a fora. Baiano na frente, eu gritei.

- Vai com Deus, Baiano filho da puta, e atirei bem no meio de sua testa. Quando o Cabeça de Fogo quis se coçar já tinha levado um tiro no peito.

Cheguei junto ao pesteadado, ainda vivo, chutei o revólver dele para um lado, este que você me tirou, e que tá aí, dentro da gaveta. Embora minha boca estivesse seca eu cuspi prum lado e pisei firme no peito daquele desgraçado, depositando ali toda a minha raiva. Com a pressão de minha bota um fio de sangue correu no canto de sua boca. Ele levantou as mãos e num ruído de sororoca tentou falar. E, eu me lembro do que lhe disse.

- Agora tu vai conversar com o diabo, seu filho de uma égua. O teu cavalo e teu revólver eu levo comigo e de pronto atirei na boca dele.

--) 0 (--

Montei e fui direto para a casa do Pietro, não muito longe, para lhe contar o acontecido. Pedi para ele retirar Joana e Silvia da meia-água, pois ali corriam risco de vida. O Pietro contra-argumentou.

- Farei o que me pedes, vou deixar tua família nas terras de meu falecido pai. Lá tá tudo abandonado, os jagunços sabem disso e dificilmente irão até lá procurá-las. Fique tranquilo eu cuido delas.

- Amadeu, vá com Deus, se entregue ao delegado, não vão matá-lo na cadeia. Se ficares por aqui, os jagunços te acham e te matam. Neste momento é melhor estar preso do que morto.

Num terreno baldio à margem do Rio Marrecas, na raiz de um salgueiro, enterrei os revólveres.

Dormi no mato para deixar os ânimos se acalmarem. De madrugada, quando não havia movimento, a vila dormia, fui até a delegacia e me entreguei para o policial de plantão, que de imediato chamou o delegado. Assinei o interrogatório, declarando que tinha matado em legítima defesa Adelino José Barbacena, conhecido como Cabeça de Fogo, e Vicente Firmino nomeado de Baiano. Era manhã do dia quatro de agosto, um domingo.

Fiquei preso junto com outros posseiros, todos presos por desavenças, morte de jagunços e roubos. Roubavam para matar a fome de seus familiares.

Ficamos presos até o dia sete de setembro, dia da pátria, feriado nacional. Na manhã a cidade estava às voltas com o desfile estudantil. Atraímos o policial que costumava jogar cartas conosco. De tanto jogar com a gente, se tomou de amizade e confiança. O atraímos para o interior da cela com a desculpa que um dos companheiros estava passando mal, o dominamos e fugimos pela porta da frente. Eu tinha ficado preso por trinta e cinco dias. Neste intervalo, eu soube de notícias de minha família através do Pietro, e foi o Pietro que deixou com minha mulher dinheiro para o caso de minha fuga se concretizar, Ele sabia de nossos planos, dia e hora.

O italianinho, meu amigo, meu irmão, deixou um cavalo encilhado na esquina da delegacia, e foi assim que eu cheguei até a propriedade de seu falecido pai, às margens do rio Marrecas. Por esta providência pude abraçar minha esposa e minha filha e passar uma noite com elas.

De madrugada, atravessei o rio, e em marcha célere segui em direção a Chapecó. Cruzei campos e trilhas, sempre beirando matos, procurando passar o mais despercebido possível, dormi ao relento ou em algumas propriedades que sequer tinham notícias dos fugitivos. Vendi o cavalo e as tralhas, caminhei e peguei caronas, assim, meio estropiado, chequei até Marcelino Ramos, tomei o trem e me vim a Passo Fundo, sempre buscando formas de voltar para Garibaldi, onde tenho amigos. Na minha concepção lá é mais fácil de eu arranjar emprego. Não quero voltar ao Paraná, lá só encontrei sofrimento.

Por estas coisas do destino cheguei à Pensão Dona Maria, na esperança de conseguir trabalho, pois meu dinheiro está acabando.

Fui muito bem recebido pela dona Maria, sempre alegre e servideira, mas as notícias chegaram junto comigo, e eu tive que fugir, pois quem iria acreditar num negro fugitivo? O povo daqui não imagina o que está acontecendo no sudoeste paranaense.

Meu sonho é me estabelecer em algum lugar. Preciso juntar alguns cobres para buscar minha família.

--) 0 (--

- Delegado, o senhor teve paciência de ouvir a minha história. Estou em suas mãos, o senhor agora pode me julgar, ou leva-me preso e me devolve ao Paraná, onde poderei ser morto, ou me deixa seguir por estes matos, fugindo em busca de meu destino.

- Amadeu, eu acredito em você, te feri, pois julgava estar procurando um perigoso assassino. Agora tudo mudou. Vou te ajudar na cura deste ferimento, não podemos brincar, pois uma gangrena pode estar bem aí. Por outro lado, fique tranquilo, eu falo com o delegado, me responsabilizo por você, ficas na minha casa ou em minha fazenda, até termos melhores notícias. Vamos encontrar uma solução para este teu problema. Quem sabe não estarás logo com tua esposa e filha.

--) 0 (--

A prosa tinha sido longa, a tarde já ia pela metade. Mesmo com dor, o Amadeu me ajudou a arrumar a casa; limpamos tudo, deixamos o cavalo no pasto. Para mantermos o matungo preso emendamos um laço e um sovêu, assim ele podia chegar até a represa. Pegamos o caminho de volta, o sol, andava rápido, querendo se deitar quando chegamos às benfeitorias do Tobias. Descansamos à sombra de um majestoso umbu. O Amadeu tomou mais um comprimido para a dor. À tarde já tava no lusco-fusco quando montamos na moto e voltamos para a cidade.

Levei o baleado direto para o médico, afinal um ferimento deve ser tratado com o devido cuidado. Argumentei com o doutor Remy, que o balaço era resultado de um acidente, em que minha arma disparou enquanto pescávamos na Represa do Capingui. Ele argumentou que mesmo assim precisaria avisar a polícia, fazer um boletim. Eu contra-argumentei que eu era a polícia, pois estava justamente substituindo o delegado, ele me olhou, balançou a cabeça branca, pois ele não era mais criança, e disse:

- Tá bueno, tá bueno, delegado Albuquerque! Mas avisa o Pedro Bento, não quero confusão para o meu lado.

Feitos os procedimentos médicos - curativo, braço enfaixado e medicamentos para a dor - fomos à padaria Bom Jesus, comprei pão cabrito, salame e queijo. Lanchamos e dormimos cedo, o cansaço era grande.

De manhã, na primeira hora, fui direto para a delegacia e contei tim-tim por tim-tim toda a história do Amadeu. Pedro Bento, assim como eu, ficou impressionado com a narrativa e me indagou:

- O que fazemos com este homem, meu amigo Mathias?

- Pedro Bento, eu estive pensando.... Às vezes você concorda comigo, eu levo este indivíduo para minha fazenda, ele fica lá sob minha custódia, vamos aguardar uns dias para ver como as coisas se põem.

- Delegado Albuquerque! Você sabe que o que vamos fazer não é muito certo, mas você tem razão quando diz que se mandarmos este homem de volta ele corre risco de vida. Vamos dar uma oportunidade para ele. Você é o responsável. Eu no momento não quero e não posso nem conhecê-lo, pois em função do cargo teria de prendê-lo. Aconselho-te a ficar de olho nele, e à medida que os dias forem passando vais conhecer melhor este taura. Neste intervalo vamos conversando.

Sai dali e fui atrás do carroceiro Euclides que com certeza estava preocupado com seu cavalo, ele dependia do Alegrete para sustentar a família.

Quando entrei na rua Lava-pés com minha moto roncadeira, vi o Euclides sentado no barranco em frente à sua casa. Tava ele tristonho no meio de uns pés de funcho do qual mascava um talo

e cuspiam verde de vez em quando. Olhou-me com olhos tristes, deu mais uma cuspidinha e foi falando:

- Se assente delegado o que te traz por aqui.

- Euclides! Fique feliz, homem velho, vim te informar que encontrei o teu cavalo.

Vi a alegria estampada em seu rosto.

- Mas onde delegado Mathias?

- Lá na Represa do Capingui, numa propriedade linda à do Tobias, que você conhece.

- Sim! Sim! Sei onde é a propriedade e conheço muito bem o Tobias. Mas como que meu cavalo foi parar lá?

- Bueno esta é uma longa história. Quem sabe sentamos na sombra daquele abacateiro e eu te conto o acontecido.

E, assim fizemos, contei para ele toda a história. A situação de desespero do Amadeu, o arrependimento que ele sentia por ter lhe causado transtornos, enfim desfieei todo o problema e lhe pedi compreensão.

Ele falou que compreendia, mas que era pobre e que tinha perdido dias de trabalho, que estava no prejuízo, então eu lhe falei:

- Euclides, eu tenho lá na minha chácara um porco gordo, vou mandar o Amadeu matar o bicho, que tá no ponto, e te trago uma banda, assim diminui o teu prejuízo. O Amadeu vai trabalhar para mim e eu desconto a banda do ganho dele. Fica bom para ti?

- Tá bom, tá bom, delegado! Mas me diga: e agora, como eu vou buscar o Alegrete naquela distância?

- Meu amigo! Eu já conversei com o Tobias, ele volta para casa após o almoço, você fica por aqui de plantão, que ele passa para te pegar. Daqui lá é um pulo no jeep dele. Assim, hoje mesmo você traz o velho e bom Alegrete para casa. Tá bueno?

- Tá bueno, delegado! Eu lhe agradeço muito por tudo.

Saí do carroceiro já perto do meio-dia e me fui almoçar com a Maria Roncadeira, pois, enfim, eu lhe devia explicações. E assim, comendo um risoto com radiche e vinho tinto, lhe contei todos os acontecimentos e lhe disse que ia levar o fujão do Amadeu para minha fazenda, até termos as coisas mais claras.

-- ) 0 (--

Feita esta via sacra, voltei para casa, dei uma sesteada de meia hora, arrumei minhas tralhas e chamei o Amadeu para ir comigo para a fazenda, como era o nosso combinado.

Ele já se pôs pronto e ficou surpreso quando viu a sua mochila dentro do jeep.

- Delegado Mathias, que beleza, você se lembrou de apanhar minha mochila!

- Claro, Amadeu, já não tô mais aguentando o cheiro de suor e de peixe desta tua roupa. Não tô com muita presa, até a fazenda é um upa, se quiseres tomar um banho.

- Mas é pra já. Quinze minutos e já tô pronto.

-- ) 0 (--

Sem imaginarmos os eventos que estavam a ocorrer no Paraná, ficamos na fazenda por muitos dias. O braço do Amadeu ia melhorando e, como ele não podia fazer muita força foi tomando conta da casa, da cozinha enquanto eu manejava o gado, tirava leite, fazia queijo, consertava

cercas e até passei foice nuns pastos. Para falar a verdade delegado Aderbal, nem vimos os dias passarem, pois de dia trabalhávamos, à noitinha chimarreávamos, jantávamos e papeávamos, queimando o último palheiro do dia. Assim fomos nos conhecendo melhor e eu cada vez mais acreditava e confiava naquele negão, que para mim tinha um coração meigo e bom.

--) 0 (--

Minha fazenda é um lugar de passagem, fica junto a uma grande lagoa, onde o sol se banha ao entardecer. Minha casa fica no poente em relação à lagoa. No nascente, separada por um alambrado de arame liso, fica a estrada por onde circulam vizinhos, compradores de gado, mascates e outros mais. Há diversas famílias pelas redondezas, com muitos filhos e agregados, todos com poucos recursos. Uma criança adocece, um adulto se fere no trabalho, uma picada de cobra ou uma dor de dentes, a quem recorrer? Eu não sou rico, mas sou um pouco mais abonado e tenho meu velho jeep e motocicleta. Desta forma, quando estou na propriedade, muitas e muitas vezes tenho socorrido este povo, levando-os para a cidade, para um posto de saúde, para um pronto-socorro. Por prevenção mantenho uma pequena farmácia, que me é útil e serve também aos vizinhos. Pois nos dias que ficamos na fazenda mais de uma vez por lá se achegaram enfermos, crianças, velhos e adultos. O Amadeu atendia a todos com solidariedade e paciência. O negão tinha alguma experiência nas artes da enfermagem, me contou que em Garibaldi, quando foi para a cidade estudar no noturno, tinha trabalhado em uma farmácia para ganhar uns cobres.

Não esqueço que, numa daquelas tardes, eu tava num hortado, nos fundos do galpão, capinando o mandiocal, quando ouvi a buía. Joguei a enxada para um lado e corri para a casa, e lá tava o Zé Caniço branco de dor. O Zé é campeiro da propriedade vizinha. Foi ele que me ajudou quando o Amadeu se acidentou. Pois naquela tarde, o Zé Caniço levava numa gaiota sal para o gado, a égua, assustada por um zorrilho, disparou, a carroça subiu uma roda contra um cupim e emborcou, o Caniço jogado fora lanhou contra o solo o braço e a cabeça e, o que é pior, deslocou o ombro. O negão, mais que de pronto, colocou o Zé sentado, passou o sovaco por sobre a guarda da cadeira e, num golpe certo, colocou o ombro no lugar. O Caniço deu um urro, mas logo se sentiu aliviado. O Amadeu fez uma tipoia, imobilizou o braço, lhe deu uns comprimidos para a dor, passou mercúrio nos machucados e mandou que ele repousasse por um par de dias.

Além dos produtos farmacêuticos que podiam ser oferecidos para aquele povo sofrido, ele se revelou um conhecedor das ervas medicinais. Começou a caminhar pela propriedade, beiras de mato, baixadas, banhados, coletando estas plantas milagrosas. Pôs-se a prepará-las, secando e fazendo tinturas. Assim ele melhorou o arsenal de produtos farmacêuticos. É através destas atitudes que se conhece um bom homem.

Quando chegou dia trinta e um, quinta-feira, eu percebi que já estávamos na fazenda há vinte e cinco dias. Avisei ao Amadeu que eu iria na sexta-feira, dia de Todos os Santos, para a cidade, pois queria, no dia dois, finados, levar flores e queimar velas no túmulo de minha falecida mulher. Convidei-o para me acompanhar, aproveitaríamos o final de semana e jantaríamos na pensão da Maria. Seria esta uma oportunidade ideal para o Amadeu se esclarecer com ela. Eu tinha certeza que a Maria compreenderia tudo e que daria um grande e afetuoso abraço no negão e o perdoaria.

O Amadeu ficou pensativo, me pediu licença, escolheu na prateleira um queijo bem currado, encontrou no galpão um saco de aniagem novo, que veio para a fazenda envolvendo uma lata de banha, cortou aquele tecido com tesoura, em forma de quadrado, buscou no potreiro do fundo um ramo de marcela. Em um dos baús da falecida encontrou um novelo de lã vermelha, eu só observando. Tirou um longo fio, dobrou em quatro e torceu, formando um cordão. Embalou o queijo com a aniagem e deu um tope com o cordão envolvendo as quatro pontas e o delicado ramo de flores de marcela. Confesso que a embalagem ficou finória. Ele, com emoção, com água nos olhos, me pediu que entregasse aquele embrulho a Maria com seus agradecimentos e me

disse que ainda não estava preparado para voltar à cidade e enfrentar a Roncadeira e seus pensionistas e, que, portanto preferia continuar com suas lidas na fazenda.

Lembrei ao Amadeu que devíamos ao carroceiro a banda da porca. Então, mãos à obra.

--) 0 (--

Finados nos tempos antigos, João de Deus, era um dia introspectivo, triste, cinza. Era aquele dia em que afluíam as lembranças do passado, dos queridos que partiram. Recordações que chegam a nossos olhos com lágrimas, ao nosso peito com suspiros por aqueles que deram a vida por nós, que nos amamentaram, que nos educaram, que nos amaram... Aquele dia em que nosso coração pede para orar. Naqueles tempos, que já vão longe, Aderbal, era assim, para mim é assim ainda hoje. É verdade que muitas coisas mudaram; as rádios só apresentavam músicas fúnebres. Hoje em dia, tudo virou festa, bebedeiras, farras, ressacas. Não há mais dia santo, tudo é feriado.

Com o peso das recordações, fui até a baixada da rua Lava-pés onde a água do chafariz forma pequeno banhado, e ali, de um floricultor, o Zé das flores, comprei uma dúzia de copos-de-leite, alvos como capuchos de neve. Era assim que a falecida gostava. A moça que me atendeu, filha do Zé, envolveu-os em um papel celofane e deu um laço com uma fita verde-água. Comprei velas na bodega do Turco. Coloquei tudo no banco traseiro de meu jeep e fui ao cemitério. Cheguei cedo, passei um pano no túmulo, ajeitei as flores, acendi metade das velas, a outra metade eu reservei para acender na cruz grande, para as almas de amigos e parentes. Orei no sepulcro, rezei na grande cruz e participei da missa das onze horas.

Já querendo ir embora, encontrei a Maria Roncadeira, chorosa, arranjando flores e velas no jazigo da família. Repousa ali também seu irmão, aquele traste do Vado, que tanto desgosto lhe deu em vida. Ela me abraçou fungando, e emocionada me disse: – Neste local solitário toda a vaidade se apaga.

O sol ia alto, o dia quente. Esperei Maria fazer suas orações e levei-a a pensão.

O refeitório estava vazio. Os pensionistas em sua totalidade haviam viajado para suas localidades. Foram também eles, cultuar seus mortos.

Conversa vai, conversa vem, e a Maria quase que num pulo, franzindo o cenho, me tocou no braço e disse com vigor:

- Compadre, com a tristeza deste dia eu ia me esquecendo de te colocar a par das últimas notícias chegadas lá do Paraná, de Francisco Beltrão. Você não sabe nada, não é mesmo? Pois, certamente, continua sem energia na fazenda. Eu já te disse que você tem de colocar um rádio a bateria, para pelos menos ficar por dentro das notícias. Mas você é teimoso, não sei onde é que bota todo o dinheiro que ganha, vai ver que é com estas perdas da rua aí de baixo.

Eu me rindo e lembrando-me da loira que me esperava naquela noite, fui argumentando.

- Ora, ora Maria! Deixa de lero-lero e de se meter em minha vida sentimental. E ainda me rindo, fui dizendo já ansioso: - de que notícia você fala?

- Sim, sim, delegado! Desculpe, é que eu fico preocupada e até com raiva deste teu pão-durismo, mas deixa pra lá, não adianta falar mesmo.

- Eh, comadre! Desembucha, o que tá acontecendo? Tá me deixando mui curioso.

- Pois então! Pois não há de ver que os colonos se revoltaram lá na região de Pato Branco, Francisco Beltrão e arredores. Já faz dias que anunciou na rádio, na rádio Nacional do Rio de Janeiro. Aquilo que o Amadeu te contou parece que é verdade. Os colonos se reuniram, já não aguentavam mais tanta pressão, invadiram o foro, a delegacia, soltaram os que estavam presos. No ímpeto da revolta, destruíram os processos, muitos forjados, incriminando inocentes. O

governador Lupion mandou o seu chefe de polícia para tentar resolver o conflito. O homem chegou de avião em Beltrão, foi logo preso e o avião mandado de volta. Os colonos fizeram as exigências pela qual o movimento irrompeu. Entre as exigências, estava que as companhias e seus jagunços fossem mandados embora. A posição dos colonos foi firme, tão firme que o governo teve que ceder.

- Mas quando foi isso, Maria?

- Já vai bem pruns vinte dias. Eu acho, delegado, se os processos realmente foram queimados, destruídos, pode ser que o do Amadeu esteja neste bolo, daí ele e os demais são homens livres.

- Maria, Maria! Eu vou ter de conversar com o Pedro Bento, o delegado, ele pode ter maiores informações. Conforme a coisa se pôr, o Amadeu pode voltar ao Paraná, por lá ficar, ou buscar a esposa e a filha.

- Isso mesmo, Mathias!

- Epa, Maria! Eu já ia me esquecendo! O Amadeu mandou um presente para você. Segunda-feira quando eu for falar com o delegado Pedro Bento, eu passo aqui e te entrego, parece que ele estava adivinhando que você tinha boas novas. Ele é muito agradecido a você e fica constrangido pela forma como tudo aconteceu.

--) 0 (--

Eu queria voltar logo para a fazenda levando boas novas para o Amadeu. A segunda-feira demorou a chegar, mas às oito horas eu estava em frente à delegacia.

Depois dos cumprimentos de praxe e de me servir de um chimarrão fumegante, perguntei para o delegado:

- Meu amigo Pedro Bento, a Maria Roncadeira me informou de notícias que circularam na rádio Nacional há mais de vinte dias, dando conta de movimento revoltoso de colonos no Paraná. Encurtando o caso, disse-me ela que a delegacia, o fórum, parece que até mesmo a casa do juiz e outros órgãos públicos de Francisco Beltrão foram invadidos. Documentos, papéis, processos foram destruídos, queimados, surrupiados. Este acontecido, se verdadeiro for, pode, por linhas transversas, ter beneficiado, se assim podemos dizer, o Amadeu.

- Pois então, delegado Mathias! Eu acompanhei estas notícias, com o maior interesse, lembrando exatamente do Amadeu. O que a Maria te contou é exato. Você sabe que notícias oficiais costumam muito a chegar. É possível que entre os documentos destruídos esteja o processo contra o teu hóspede. Participaram, segundo as notícias, mais de seis mil colonos. O movimento obrigou as companhias e seus jagunços a saírem às pressas daquela região. O governo recuou e teve que ceder às exigências dos revoltosos. É provável que, neste burburinho, os documentos, os processos envolvendo colonos que se sentiam perseguidos tenham sido realmente destruídos.

Por outro lado, Mathias, converse com o Amadeu, vejam que caminho tomar, mas se ele permanecer na região é meu desejo que ele venha conversar comigo. Você entende o meu compromisso com a lei e a ordem e sabe que eu obedeço a superiores.

Na tarde desse dia fiz um rancho na bodega do Turco, gêneros alimentícios, produtos de limpeza, um garrote de cana vinda lá de Marcelino Ramos, cinco garrafas de vinho tinto, um frasco de mata-bicheiras, grampos para cerca, sal e cebola. Passei ainda no banco para pagar um título e fui até o matadouro municipal para acertar com o gerente a venda de quinze bois prontos para abate. Abasteci o jeep e me vi pronto para, de madrugada, pegar a estrada rumo à fazenda.

Cheguei por volta das dez horas. O Amadeu tava na cozinha preparando um arroz com charque, polenta e pedaços da carne da porca, que ele tinha colocado na lata, como tínhamos combinado, além de tomate, pepino e radiche, produtos de nossa horta. Joguei uma água na cara, no pescoço

e nos braços, tirando a poeira da estrada, me refresquei e fui abrindo uma garrafa de vinho. Servi um copo para o cozinheiro e outro para mim. Assentei-me mui pachola numa cadeira de balanço que fica num canto da cozinha e, de reverededa, de pronto, puxei o assunto do Paraná, de Francisco Beltrão, da revolta dos colonos.

Ele ouviu tudo em silêncio, enquanto com a pequena pá de madeira mexia a polenta que, levantando um vapor temperado e cheiroso, ia engrossando na panela. Embora ele parecesse absorto nesta tarefa, eu sabia que ele matutava, ruminava tudo aquilo que eu ia lhe informando. Quando eu dei uma pausa no assunto, ele se assentou no banco de pinho junto à mesa, pegou o copo de vinho, deu uma talagada e, com os olhos molhados, murmurou:

– Como estará minha mulher e minha filha?

Eu de pronto afirmei, até porque tinha certeza disso, que seus familiares estavam bem, certamente não tinham se envolvido nestes bochinchos. Isso era coisa pra homem, elas deviam estar na fazenda sob a proteção de seu amigo Pietro e familiares.

Ele balançando a cabeça concordou, deu mais um gole naquele vinho com gosto de tanino, até hoje sinto o sabor daquele roxo, e com aquela voz mansa confabulou:

- Tenho que voltar lá.

- Tá certo, Amadeu! Vamos planejar com calma esta viagem, eu vou contigo, meu jeep está à disposição. Faz tempo que eu tenho vontade de conhecer aquelas terras, diz que lá tem pinheiro pra mais de metro.

Informei-lhe que tinha combinado com o comprador de gado da prefeitura a venda dos bois gordos e que ele ia carregar dentro de uma semana. Tínhamos, então, tempo para planejar a viagem. Quis saber se ele ia para ficar, já que tinha lá uma propriedade, ou se traria sua família para os pagos.

- Não! Lá eu não fico! Aquela paisagem me traz grande tristeza, fiz lá o que jamais imaginei fazer nesta vida, matei dois seres humanos. Não fui criado para isso, eram dois trastes, mas eram duas vidas. Aquela terra é bruta, poderão aparecer familiares ou jagunços em busca de vingança e terei que lhes matar, coisa que não desejo, ou ser por eles ser morto, deixando mulher e filha sozinhas neste mundo de meu Deus. Prefiro voltar, se puder vendo agora a terra que me foi tomada, ou o Pietro a vende para mim se aparecer uma oportunidade. De qualquer forma perdi toda a ambição por aquele pedaço de chão. Já não considero aquilo como patrimônio, o importante é me reunir com minha família e lhe proporcionar segurança, e isso eu posso conseguir aqui. Afinal, nunca tive nada, só tenho os braços para trabalhar.

- Tá certo, Amadeu! Esta é uma decisão sua, uma decisão sábia e corajosa. Os bens materiais se conquistam com esforço e trabalho, e nada é mais importante que a família.

Temos dez dias para nos organizar e, logo, logo, pegaremos a estrada. E com fé em Deus, tudo dará certo.

--) 0 (--

Como combinado boleamos a perna no jeep velho e pegamos a poeirenta estrada. Acabamos saindo no dia dezoito. Depois de quatro horas sofridas de viagem numa estrada poeirenta e esburacada, chegamos a Rondinha do Campo, hoje Ronda Alta, apiamos do jeep, descadeirados e com um pneu furado. Fomos premiados com um bom almoço: arroz, feijão e salada de tomate, e nunca me esqueço, com a melhor e mais bem preparada carne de paca que comi até hoje, além, vejam só, de um saboroso mulita assado na casca. Para rebater a boia, foi-nos oferecido um licor de jabuticaba. Preparamos um baio de palha e fumamos à sombra de uma farta moita de taquaras. Descansamos, olhamos a água do radiador, não encontrando borracheiro, seguimos viagem.

Seguimos preocupados com o pneu, mas, nos fomos confiando somente em Deus. Seguimos em direção a Santa Antônia do Sul, hoje Nonoai.

Pegamos um garoão, o que foi bom, pois diminuiu a poeira, mas foi ruim porque aquela terra vermelha tornou a estrada um sabão. Fomos devagarito, inda mais, que o pneu estepe que rodava estava meio careca. Chegamos a Santa Antônia pra lá do meio da tarde, procuramos uma pensão prum banho e pruma cama, pois o cansaço era grande.

Nossa intenção no segundo dia de viagem era chegar até Pato Branco, umas vinte e sete léguas de distância. Para tanto teríamos que percorrer umas cinco léguas por hora, numa estrada que, nos preveniram, não estava das melhores.

Sáimos já perto das nove horas, pois o borracheiro só estava disponível após as oito. Nem consideramos isso um atraso, pois, além de termos tomado um farto café colonial, com queijo, ovos, salame, morcilha, manteiga e um pão de casa de dar água na boca, ainda fomos a uma pequena padaria e compramos biscoitos e bolachas para qualquer emergência.

A estrada realmente não estava das melhores, e aquele garoão que tínhamos enfrentado na tarde anterior, pros lados de Nonoai, tinha sido um aguaceiro, o que transformou a estrada já precária em um lamaçal. Meu jeep, agora com o pneu consertado, enfrentava com galhardia os atoleiros que se multiplicavam estrada afora. Tivemos que parar três vezes para socorrer uma caminhonete e outros dois veículos, todos chafurdados naquela lama.

Com estes percalços, chegamos a Chapecó por volta das onze. Como não sabíamos o que a estrada nos reservava, resolvemos ali fazer um lanche e abastecer o Dengoso, era assim que eu chamava o velho jeep, que ficou comigo pra mais de dez anos.

No posto de gasolina demos uma lavada no Dengoso e nas botas, retirando toda aquela lama peguenta, que teimava em viajar conosco.

Pra frente de Chapecó, para nossa sorte, o sol da manhã tinha secado a estrada, e a viagem se desenvolveu melhor. Chegamos a Pato Branco, cobertos de poeira, numa tarde calorenta. O relógio do Amadeu marcava cinco horas e vinte minutos.

Partimos cedo, na expectativa de chegarmos rápido a Francisco Beltrão, pois, enfim, somente cinquenta quilômetros nos separavam de nosso destino. Evitando a cidade para o Amadeu não ser reconhecido, tomamos atalhos e num espriado atravessamos e beiramos o rio Marrecas por cerca de um quilômetro. Deixando na areia lodosa e amarelada os rastros do Dengoso, entramos nas terras do pai de Pietro. Estacionamos à sombra de ingazeiros. Seguimos por uma trilha e logo chegamos a uma casa construída em pinho, sem pintura, coberta com telhas francesas, ladeada por um galpão com um pé direito alto, coberto por tabuinhas. Junto a esta estrutura havia um forno para assar pão. Mais adiante, junto a pés de pitanga, viam-se estacionados um trator e uma carroça e logo adiante, pastando, uma junta de bois e duas vacas de leite. Ficamos de campana na beira do mato, observando as instalações. Depois de minutos, um pequeno cachorro de pelo branco pintado com manchas negras saiu do galpão e nos sentiu, veio farejando, farejando e se pôs a latir.

- É o Pampa cachorro do falecido Giovanni, murmurou o Amadeu, ele me conhece.

O cachorrinho rosnava e gania com medo de se aproximar. Nisso uma mulher saiu da casa, limpando as mãos num avental, e gritou: - Pampa, Pampa, vem cá!

- É a Joana, podemos nos achegar - falou o Amadeu.

Após abraços, longos olhares, que dizem tudo, e murmúrios de amor e saudades, Amadeu me apresentou a Joana, uma jovem mulher de tez morena, com vasto cabelo encaracolado, num crespo solto, que lhe caía pelos ombros. As características negras, como os olhos de jabuticaba,

lhe veem da mãe negra, como fiquei sabendo, e o branco herdou do pai português, o que lhe dá o nariz afilado e o queixo delicado.

No interior da casa, em um berço, conheci Silvia. Percebi que conforme tinha me confessado o Amadeu, ela realmente tinha forte ascendência branca, europeia. Lembrei que o Amadeu tinha me confidenciado que Cabelo de Fogo era um branquelo, sardento, enferrujado, com cabelos cor de fogo, e a criança, embora Joana fosse negroide, tinha a pele clara e o cabelo ruivo, levemente encaracolado. Mesmo não conhecendo, tive certeza que o tão falado jagunço Adelino Cabeça de Fogo era o pai daquela criança. Mas isso pouco importa, pai é quem cria, quem dá exemplo, quem dá amor. O Amadeu, tão logo, se despreendeu dos braços saudosos de Joana, pegou com imenso carinho a criança. O bebê já apresentando os primeiros dentinhos sorriu para ele e se aninhou em seu peito.

À noitinha, como que por obra do destino, apareceram o Pietro e a esposa Maristela, trazendo gêneros para Joana e Silvia. Ficaram surpresos e alegres ao encontrar o amigo Amadeu. Jantamos polenta com frango à luz de velas e lampiões, e o Pietro pôs o Amadeu a par de todos os acontecimentos. Confirmou que muitos processos foram destruídos e que o delegado nomeado pelo governo era o médico Walter Pécoits, que liderou o movimento e expulsou o delegado e o prefeito de Francisco Beltrão, soltou os que estavam presos. Contou que no desenrolar das negociações Walter Pécoits fez uma série de exigências ao chefe de polícia, Pinheiro Jr. Entre elas, substituir o delegado, exonerar o promotor, transferir o juiz, não reabrir os escritórios das companhias e não processar os posseiros pela participação na revolta. Todas as exigências foram aceitas por Pinheiro Junior que de imediato nomeou Pécoits como delegado. O entendimento dessa nova situação nos deu novo ânimo, pois se Walter tinha, inclusive, soltando os presos, certamente não se oporia que Amadeu voltasse para terras gaúchas.

Por bom senso, combinamos nesta reunião que eu como delegado, deveria ir conversar com o delegado Walter, para entender sua posição quanto ao histórico de Amadeu.

Como tínhamos pressa de voltar para o Rio Grande, na manhã seguinte, de carona com Pietro, me fui à cidade.

Acho que por Pietro ter me apresentado ao policial da recepção como delegado de Passo Fundo, fui rápida e cortesmente recebido por Pécoits.

Feitas as apresentações e após eu ter enaltecido sua liderança decisiva durante os eventos que culminaram com a revolta dos posseiros e as consequentes conquistas junto ao governo, tomamos um cafezinho e eu entrei no assunto:

- Caro delegado, vim até vossa cidade para tratar de um assunto deveras delicado. Há coisa de um mês, sendo mais preciso, no dia sete de outubro, prendi no interior de Passo Fundo um dos dezesseis fugitivos que se evadiram desta cadeia no dia sete de setembro. Ficamos sabendo que ele se encontrava em nossa região por ter ele se hospedado em uma pensão e a dona desta ter ouvido, na Voz do Brasil, rádio Nacional, notícias da fuga. Quando foram dadas as características dos fugitivos, ela de imediato intuiu que aquele pensionista que estava ali com a desculpa de procurar emprego era um deles.

Contei então toda a história para o delegado Walter.

- Sim, delegado, mas qual dos fugitivos o senhor prendeu? Pois, além deste, mais três estão desaparecidos.

- Ah...! Sim, sim! O fugitivo é um preto, alto, forte, chamado de Amadeu da Silva Ferreira. Será que o senhor chegou a conhecê-lo?

O delegado pensou um pouco com as mãos entre a cabeça e com voz pausada falou.

- Sei quem é, delegado! Este preto veio do Rio Grande trazido pelo senhor Giovanni. Delegado, eu sou médico e atendi o senhor Giovanni mais de uma vez. Lembro-me do Amadeu, pois os filhos de Giovanni, todos italianos, e o Amadeu, por ser preto, chamava a atenção no meio daqueles branquelos. Lembro ainda, completando o que o senhor me contou, porque os jagunços que lhe tomaram as terras e queimaram sua propriedade eram do grupo do Maringá, um assassino que liderava uma corja que tinha entre eles o jagunço Chapéu de Couro. Ele, Chapéu de Couro, e seus homens foram os responsáveis pela chacina da família do colono João Saldanha. Estes malfeitores assassinaram com crueldade, após a fuga de João Saldanha, sua mulher, que foi abusada, e como ápice da maldade lhe cortaram um seio, ela se esvaiu em sangue. As duas crianças que acompanhavam a mãe, um menino de oito anos e uma menina de cinco, também foram assassinados. A menina, pobre criança, Chapéu de Couro e seu comparsa José Lucas jogaram-na para o ar e a espetaram com uma adag. Em seguida assim como fizeram com Amadeu pilharam e incendiaram a casa.

Este fato, além de outros assassinatos, como o do Pedrinho Barbeiro, foi o estopim para a revolta dos posseiros.

O Cabelo de Fogo era parceiro desta gentilha e liderado por Chapéu de Couro, eu tenho certeza que o Amadeu matou os dois jagunços, em sua defesa e em defesa de seu lar.

Pelo que sei, delegado Mathias, os familiares do senhor Giovanni, que vieram esperançosos para este final de mundo, eram tudo gente de bem, inclusive o Amadeu. Portanto, mantenha-o lá no Sul, ele que fique por lá. Aqui todos estes movimentos são muito recentes, não temos certeza o que vai acontecer.

Se ele voltar, e se eu estiver aqui, o protegerei, pois sei que ele agiu como um homem age em defesa da família. Mas e se eu não estiver? Melhor não facilitar.

Conversamos mais um pouco e me despedi, agradecendo o seu pronto atendimento e lhe desejando sucesso na carreira. Mal sabia eu que o então delegado Pécoits se tornaria um grande líder, sendo em pouco tempo eleito prefeito de Beltrão e, posteriormente, deputado estadual.

--) 0 (--

Assim como vim de carona com Pietro até a delegacia, voltei com ele para as terras do falecido Giovanni. Com um quebra-costas bem chinchado, dei as boas novas para o casal. De imediato iniciamos os preparativos para nosso retorno. Como, por sorte, o Pietro precisava ir até Chapecó para tratar da compra de uma trilhadeira de grãos, combinamos de irmos juntos, ele na sua judiada pick-up e nós em meu velho jeep. A vantagem que se punha desta viagem em conjunto, pelo menos até Chapecó, é que Pietro levaria na caminhonete Joana e Silvia, num veículo mais confortável, pois vocês sabem né, se tem bicho duro na traseira é um jeep. E assim foi feito. De Chapecó pra frente, Joana com Silvia ao colo sentou na dianteira do jeep, e o Amadeu, com o banco traseiro acolchoado por um pelego, veio esfolando a bunda naquela estrada irregular que fazia o Dengoso pular como um cavalo mal domado.

--) 0 (--

Meu primeiro ato, ao chegar de volta, foi visitar o delegado Pedro Bento. Contei-lhe os acontecidos, minha entrevista com o delegado Pécoits. Ele me fez algumas perguntas e solicitou que o Amadeu viesse até a delegacia para conversarem. Ele desejava conhecê-lo e acertar com o homem algumas condicionantes para pudesse permanecer no município.

E assim foi feito. Poucos dias depois estávamos aqui nestas cadeiras, eu e o Amadeu, sentados em frente ao Pedro Bento. Ele sempre cortês ofereceu-nos café, chimarrão e chá de losna, a losna ele tomava agora por capricho, pois andava meio indigesto e atacado do fígado. Aliás foi este fígado que veio a matá-lo um ano depois. Deixamos o Pedro com o amargor da losna e nos

atracamos no chima. Em seguida, depois de dizer ao Amadeu que confiava ele aos meus cuidados, pediu que se apresentasse na delegacia a cada noventa dias, no primeiro ano, e a cada seis meses, no segundo. Pediu que compreendêssemos que essa atitude era de prevenção, pois se porventura algum juiz, promotor ou delegado do Paraná, coisa que todos nós duvidávamos, solicitasse alguma informação, ele poderia dizer que tudo estava sob seu controle e que, no caso, o Amadeu tinha endereço conhecido e estava trabalhando sob a supervisão de um ex-delegado.

Agradeceu o nosso comparecimento e, antes de apertar nossa mão, tomou mais um gole de losna, fazendo cara feia, e eu tomei mais uma cuia.

Dali saímos apressados, passamos em minha casa, apanhamos a Joana e a Silvia e fomos para a Pensão Dona Maria. Sabíamos que lá um farto almoço nos esperava, e o Amadeu tinha muitas explicações a dar para a Roncadeira.

Fiz tudo de caso pensado, pois não há nada melhor para amolecer o coração de uma mulher do que um bebê cheirado a talco e que gosta de um colinho. Não deu outra, a Roncadeira nos recebeu alegre e já foi pegando e se derretendo para a Silvia. Eu fiquei me rindo, pois sabia que o Amadeu estava perdoado, e para confirmar meu sentimento a Roncadeira e o Amadeu se abraçaram. Um abraço carinhoso e apertado, e ele, com uma cara mais que deslavada, sapecou um beijo naquela testa sardenta.

Mas respondendo a tua pergunta, Aderbal: há quanto tempo eu conheço essa gente? A Silvia minha afilhada, já terminou o seu curso de técnico em contabilidade, e casou com um colega e se foram para Carazinho, trabalhar num escritório contábil de um tio do marido. Ela casou com vinte anos, em março, mês de seu aniversário, daí a matemática nos diz que faz vinte anos que convivo com a Joana e o Amadeu.

--) 0 (--

Mas continuando delegado, quando chegamos à fazenda instalei o casal e a filha em minha casa, não tinha outro jeito. Mas eu gosto de ter minhas liberdades e certamente eles, as deles. Como tínhamos nos acertado quanto às questões de trabalho, e tudo indicava que ele permaneceria na propriedade por muitos e muitos anos, como de fato aconteceu, resolvemos construir uma casa onde eles ficariam com mais conforto, mais à vontade.

O Amadeu tinha experiência, adquirida no Paraná, com madeira, assim selecionou um belo pinheiro e madeiras de lei para a construção. Ficou uma casa supimpa, beirando a lagoa. Se na minha o sol se banha ao entardecer, na dele o astro rei mergulha ao amanhecer, pois ele está do outro lado, uma casa em frente à outra com um espelho d'água no meio.

Vivemos por anos e anos momentos de alegria, de aconchego familiar, pois eles se tornaram minha família. Eu que não tenho herdeiros, pois não tive filhos, ensinei Silvia a montar e por muito tempo foi minha companheira de cavalgada por pastos e barbas de bode. Auxiliei-a nos estudos e paguei a sua formação, não gosto de me gabar disso, mas foi uma forma de agradecer tudo que Amadeu e família fizeram e fazem por mim, tornando meu fim de vida mais interessante, mais cheio de emoções e de certo calor familiar.

--) 0 (--

- Doutor Aderbal! Voltando ao foco, voltando ao ocorrido no hospital. Perdoe-me todo este palavreado, fiz este preâmbulo, para que entendas a extensão do acontecido.

Na noite daquela visita, cheguei em casa por volta das vinte horas. Logo após ter acendido as luzes, mesmo antes de ir ao banho, me chegou, batendo na porta, meio afogueada, a Dirce mulher do Lili, meu vizinho taxista. Como eu já falei, tem ele telefone em casa.

- Vizinho! Ainda bem que o encontrei, tem um sujeito no telefone que precisa urgente falar com o senhor, já faz uma semana que ele liga, mas o senhor desapareceu.

Caminhamos em direção à casa e fui dizendo.

- É verdade, dona Dirce, eu estou na fazenda e com outros problemas que faz mais de dez dias que não abro esta casa. Mas quem é que tá ligando?

- Um tal de Pietro, diz que precisa falar com o senhor com urgência.

Apanhei trêmulo o telefone. O que poderia querer comigo o Pietro depois de tantos e tantos anos?

Após as costumeiras saudações, o Pietro, demonstrando nervosismo, me expôs o porquê de seu contato.

- Mathias! Estou a te ligar há dias, pois aconteceu algo terrível conosco e que envolve diretamente o Amadeu. O Amadeu deve lembrar que o Cabeça de Fogo que ele matou tinha um irmão, jovem na época, chamado Foguinho. Este Foguinho, que em realidade se chama Adamastor Barbacena, fiquei sabendo disso agora, após os eventos ocorridos há mais de 20 anos, foi preso em Curitiba pelo assassinato de um idoso no assalto a uma padaria. Pegou pelo crime vinte anos de prisão, foi beneficiado com indulto de natal e saiu um pouco antes disso. Ocorre que este Foguinho, índio ruim, que tinha no irmão Cabeça de Fogo um ídolo, jurou o Amadeu de morte.

- Mas que barbaridade, Pietro, mas prossiga, prossiga, meu amigo.

- Pois então, Mathias, no dia dez, hoje é vinte e quatro, ou seja, faz quatorze dias, ele chegou aqui no meu rancho pedindo serviço, me pareceu que eu conhecia o traste, aquela fachada não me era estranha, mas enfim se passaram anos e anos. Sentamos para conversar debaixo de uma bergamoteira, daquelas espinhentas. Enquanto conversávamos, ele apanhou um canivete de preparar palheiro e cortou um longo espinho como se desejasse espalitar os dentes.

Argumentei que no momento não tinha serviços e que ele aparecesse na colheita, ele agradeceu e me pediu água. Convidei-o para ir até a cozinha, onde minha esposa, que você conhece, estava preparando o almoço. Ele entrou na cozinha com o espinho na boca. Quando abri a geladeira para apanhar a água, ele empurrou a porta contra meu corpo, perdi momentaneamente o equilíbrio e ele puxou um trinta e oito e nos rendeu. De imediato pediu pelo Amadeu – onde está aquele preto, o Amadeu.

Sob a mira do revólver, dissemos que há muito não o víamos e que não sabíamos onde encontrá-lo. Ele insistiu com veemência, afirmando que iria matar aquele que tinha matado o seu irmão. Com a nossa negativa de qualquer informação, ele, com grande agilidade e de forma surpreendente, me deu uma coronhada no supercílio, me derrubando. De imediato agarrou pelas costas a Maristela, minha mulher, colocou o revólver em sua cabeça e com longo espinho preso entre os dentes começou a enfiá-lo em seu pescoço. Fiquei inoperante, pois qualquer reação minha e ele poderia disparar na cabeça dela. Ela gritava com horror e disse - Eu falo, eu falo.

- Eles estão no Rio Grande, em Passo Fundo.

- Onde?

- Estão com o delegado Mathias.

Ele a empurrou em direção ao fogão e disse com os olhos injetados:

- Contem mais, ou mato os dois.

Colocou então o revólver em minha cabeça e mandou me ajoelhar, dizendo.

- Pode falar, dona, ou o seu marido morre, e morre já.

Maristela chorando falou.

- O Amadeu, até onde sabemos trabalha na fazenda do delegado aposentado Mathias. Não sabemos o endereço, mas o delegado é conhecido em Passo Fundo e certamente lá terá maiores informações.

Ele se mostrou satisfeito e deu-me outra coronhada, agora na cabeça. Eu caí e ele chutou meu rosto. Correu para fora, apanhou a moto e sumiu.

- Mas, Pietro do céu, que coisa horrível! Como é que você está?

- Tô bem, delegado, ainda um pouco machucado, mas tranquilo. Minha preocupação é com o Amadeu. Tenho certeza que o Foguinho vai aí. Fico ainda constrangido, pois o Amadeu, que eu considero um irmão, pode entender que nós o traímos.

- Pietro, não tenha essa preocupação, a gente sabe como são estas coisas, felizmente vocês estão bem, logicamente fora o susto, o psicológico. Quanto à segurança do Amadeu tomarei providências.

Antes de encerrar a ligação contei para o Pietro a situação por que passa o Amadeu, seu acidente, a hospitalização e o coma.

Chamei a dona Dirce para agradecer-lá, ela ficou todo o tempo do telefonema no quarto, cuidando de uma neta, ainda bebê, que estava febril, com dor de garganta. Conversei com a vizinha por alguns minutos, não lhe contei o que foi conversado com o Pietro, para não preocupá-la. Além do mais, isso era um problema de ordem particular. No entanto, lhe confidenciei que estava muito preocupado com o Amadeu, que ela conhece e muito, pois os meus compadres possuem um quarto em minha casa que habitam quando vêm para a cidade, Estávamos neste conversê, eu já me despedindo, quando o telefone voltou a tocar. Dona Dirce atendeu e me passou a ligação – É o senhor Pietro novamente. Ela se foi para o quarto, pois o bebê voltou a chorar.

- Pois não, Pietro, o que houve meu amigo?

- Delegado, eu não lhe passei todas as características deste desgraçado. Olhe bem, ele e baixusco, cabeça grande de nordestino, pescoço curto, cabelo vermelho, sardento e olhos esverdeados. Possui uma marca em ferradura na testa, ou foi coice de animal cavalariço, ou briga de facão.

Outra coisa, Mathias: ao sair, porta afora de meu rancho ele fanfarronou:

– Pois fique você sabendo, Pietro, que eu vou lá matar aquele negro safado e vou trazer a orelha dele para enterrar na cova de meu irmão. Pode avisar este delegado, pois se ele se meter vai sobrar para ele também.

- Obrigado mais uma vez, Pietro, isso vai me ajudar muito e eu vou me prevenir. Tenha uma boa noite.

--) 0 (--

Fiquei esperto, não consegui dormir de imediato. Fui até a garagem e apanhei no porta-luvas da caminhonete o revólver que o Amadeu tinha entregado ao Zé Caniço quando foi fazer a doma. Na correria do acidente, o Zé me alcançou o trinta e dois. Eu coloquei o berrante no porta-luvas.

Para passar o tempo, me acalmar, refrescar minhas ideias e deixar o sono chegar, fui limpar e lubrificar o meu trinta e a arma do Amadeu. Naquela lida, meu pensamento vagou matutando como que este Foguinho poderia me encontrar. Ficou para mim obvio, Aderbal, que ele certamente viria até aqui a delegacia, pois tanto o Pietro como sua mulher, Maristela, confessaram para ele que o Amadeu estava trabalhando para mim – ex-delegado.

Apesar de ter levantado cedo, deixei a manhã andar. Às nove horas ajeitei minha moto para sair. Embora meu médico tenha me recomendado fazer caminhadas, eu estava cansado de andar a pé, e meu destino era o hospital. Pois quando tirei a Suzana da garagem, é assim que eu chamo minha moto, me chegou a Joana.

- Compadre, a Silvia chegou no noturno, está lá com o pai, eu vou tirar um descanso e aproveitar para lavar umas roupas. Faço almoço, vem almoçar comigo?

- Acho que sim, comadre, me deixa desenlear algumas coisas e daí eu vejo como faço. Não precisa me esperar, se chegar as doze, almoce.

Sabendo que a Silvia estava lá fiquei mais tranquilo. Fui ao hospital, convenci a moça de me deixar ir até o quarto. Abracei Silvia com carinho, conheci o seu pequeno e lhe contei minha preocupação com o tal Foguinho.

Dei-lhe o revólver do Amadeu, que ela conhecia tão bem e com o qual na fazenda tinha muitas vezes atirado. O que eu quero dizer, delegado, é que ela tem experiência com armas.

Verificamos que a porta não tinha chave, fomos até o posto e indagamos a enfermeira se, por segurança, havia chave para aquela porta. Ela argumentou que não era conveniente fechar o quarto, pois o paciente estava em coma induzido. Segundo o médico, estava melhorando e provavelmente em vinte e quatro horas acordaria. Era um período em que poderia haver convulsões e, nesse caso, o médico, e enfermeiras deveriam ser avisados com urgência. Logo uma fechadura poderia sempre atrapalhar os trabalhos que necessitam de uma resposta imediata. Como não podíamos fazer alarme nem preocupar a enfermeira, balançamos a cabeça e nos viramos para retornar ao quarto, quando ela falou.

- Não se preocupem estamos aqui. Vocês sabem: visitas só das dez às onze e das quinze às dezessete. Fora deste período, qualquer visitante tem que passar por aqui.

Tranquilei, mas reforcei a preocupação com Silvia:

- Minha afilhada não se desgrude deste revólver. Se um estranho aparecer tome providências, eu vou até a delegacia assuntar se algum estranho andou indagando por mim.

- Padrinho! Estou muito triste com tudo isso. O senhor já imaginou que este Foguinho pode ser meu tio? Veja a minha pele clara, meu cabelo ruivo encaracolado, enquanto mamãe e papai têm características negroides.

- Eu compreendo, minha filha, mas nós temos que dar valor em primeiro lugar a quem nos criou com amor, com carinho, que nos deu segurança desde o berço até a idade adulta. Pode até ser que o sangue fale alto, mas o amor grita mais alto ainda.

Ela me abraçou e me deu um beijo na testa. Aderbal, uma lágrima correu destes olhos cansados.

Decidido, vim pra cá. Na porta encontrei o Brandão, que tinha amanhecido de plantão, lhe perguntei se alguma alma tinha procurado por mim, ele respondeu de pronto: – Não delegado, desde ontem às dezoito horas até agora felizmente não tivemos movimento nenhum na delegacia.

A moça que faz a limpeza e que varria a calçada ouviu minha conversa com o Brandão e me falou num repente:

- Delegado Mathias, teve um homem há cerca de uma hora quando eu estava lavando as vidraças, e pediu se eu conhecia o delegado Mathias. Eu disse que sim e completei informando que o senhor às vezes aparecia, mas que estava há muito aposentado. Perguntou se eu sabia seu endereço, eu informei que era no Boqueirão, mas que não sabia o local. Ele se lamentou dizendo que o conhece há muitos anos e que gostaria muito de encontrá-lo.

- E para onde ele foi, Lucia? Era um senhor de cabelos cor de fogo?

- Isso mesmo, delegado, cabelos cor de fogo e pele enferrujada. Eu disse para ele que provavelmente o Adão, aí do bar da frente, que é morador do Boqueirão e que lhe conhece, poderia lhe informar.

Ele me agradeceu e disse que ia até o bar tomar um café e conversar com o Adão. Eu achei ele meio mal-encarado. Ele é mesmo seu amigo Delegado?

- Eu vou ali falar com o Adão. Lucia, este sujeito que está aí me rondando é na realidade um traste. Mas eu acho este infeliz. Obrigado pelas informações, fica com Deus.

Atravessei a rua e me acheguei no bar. O Adão, vejam vocês, já estava àquela hora servindo uma cachaça para um pinguço desocupado. Ao ver-me, com alegria, apertou-me a mão e foi logo indagando:

- Bom dia, delegado, o que o traz aqui a esta hora?

- Meu amigo Adão, a Lucia, aquela que está ali na delegacia, limpando as vidraças, tá vendo? Disse-me que um sujeito está me procurando e que ela o mandou aqui.

- É vero, é vero, Mathias! Disse-me que é conhecido antigo seu, que veio do Paraná a passeio e que gostaria de revê-lo. Eu lhe dei teu endereço, inclusive ensinei como lá chegar. Fiz mal, delegado.

- Que nada, Adão, vou pra lá atrás dele. Tenha um bom dia.

Saí extremamente preocupado, lembrando que na casa estava a Joana.

--) 0 (--

Joana tinha lavado a louça do café e colocado algumas roupas de molho no Rinso. Ia começar a trocar as roupas da cama quando ouviu o barulho de um carro estacionando em frente à casa. Espiou pela janela e viu o passageiro de costas, conversando com o taxista. O motorista deslocou o veículo e estacionou à sombra de um ipê que começava a se pintar de flores.

Quando o passageiro se virou para vir até a casa, ela tremeu as pernas, sentiu um gosto amargo na boca e ânsias de vomitar. Num relance, reconheceu o Foguinho.

Tremelicando, largou a cortina, que voltou a cobrir a réstia de luz que entrava pela janela, escondendo aquela visão repugnante. Ela, para não fazer barulho, praticamente se arrastou até o quarto e se enfiou debaixo da cama. Começaram então as batidas na porta, o bater de palmas os gritos – Oh, de casa! Oh, de casa! Cada batida, cada palmada, cada grito lhe feria a alma e lhe trazia á mente o quanto aquele homem lhe machucou, lhe estuprou, lhe bateu, ferindo-a física e emocionalmente. As lágrimas teimavam em molhar seus olhos, ela engolia qualquer murmúrio e estava paralisada de terror. Mesmo com os olhos fechados, ela recordava tudo, sentia em suas ventas o cheiro ácido do suor, o bafo azedo da cerveja e as mãos suadas que sempre teimavam em lhe apertar os seios. Lembrou-se do dia em que ele a sufocava, apertando-lhe o pescoço e ela, num ato de desespero, conseguiu Tateando a lateral da tarimba, apanhar um copo pesado feito com o fundo de uma garrafa de vinho, e lhe bateu com violência contra a testa. O sangue espirou e ele começou a lhe bater, ela sentiu que ia morrer. Foi quando o Cabeça de Fogo, seu irmão, com um murro, o afastou de cima dela e asperamente gritou: – Pare, pare! Quer matar meu filho que tá na barriga dela? Ela ainda lembrava da marca na testa dele.

Após breve silêncio ela ouviu o barulho dos coturnos, num toc, toc, circundando a casa. Ouviu também suas unhas arranhando as vidraças, sinal que espiaava pelas janelas.

Seu estômago continuava embrulhado, e ela vomitou quando ele passou pela lateral do quarto gritando para o motorista:

- Acho que não tem ninguém em casa.

O motorista respondeu:

- Olha, a vizinha do lado tá saindo, pode ter notícias.

Ele correu e Joana ouviu o portão batendo e o seu grito:

- Senhora, senhora, onde pode estar o povo dessa casa?

Ela reconheceu a voz da dona Dirce:

- Senhor! Acho que não tem ninguém em casa, se procuras pelo delegado, ele deve ter ido ao hospital para ver o amigo Amadeu que está internado.

- Obrigado, senhora, qual seria este hospital?

- O da Praça Tamandaré.

Foi questão de minutos. Ao que cheguei, Joana estava branca. Ao ver-me, abraçou-me e se derreteu em lágrimas.

- Compadre, compadre é o Foguinho. Esteve aqui, foi para o hospital, certamente quer se vingar do Amadeu.

- Calma comadre! Eu vou para lá, faça um chá e vá deitar. Eu vou tomar todas às providências.

Confesso que saí desesperado, a moto roncou passando pela Mãe Preta e resfolegou na subida. Subi as escadas do hospital pulando de dois em dois degraus. Como já tinha aberto a hora de visitas, muitos circulavam pelos corredores. Cheguei ao posto três afogado e meio sem fala. Perguntei para a enfermeira, que já me conhecia.

- Alguma novidade, moça?

- Não, tudo tranquilo. Acho bom o senhor esperar um poquito, pois já tem visita no quarto, exclamou ela com um sorriso que destacou uma dentadura alva e uma covinha na bochecha esquerda.

- Não se preocupe, só vou deixar uns cobres para o almoço da moça e já saio.

Quando ela ia responder, chegou um médico que lhe tomou a atenção, e eu segui pelo corredor. Cheguei a porta pé ante pé, pois eu sabia quem era aquela visita.

Quando coloquei o ouvido na porta, escutei o primeiro estampido. Pelo barulho, soube que era um trinta e dois, certamente a arma da Silvia. Em seguida um estrondo que eu soube de imediato que era um trinta e oito, e um grito: – Saia, sobrinha, ou vou matar teu pai. Com o pé direito eu dei um chute na porta, e ele atirou no vazio, então o alvejamos. Um tiro na cabeça e outro no sovaco.

- Pelo que tu tá falando, Mathias, foram cinco tiros, e os peritos falam em quatro tiros. As contas não estão fechando.

- Provavelmente hoje delegado Aderbal, quando forem periciar as armas, verão que a arma que estava com Silvia disparou duas vezes. Ela estava no banheiro, quando ouviu passos no quarto, colocou o ouvido na porta e escutou admirada o foguinho murmurando.

- Tu vais agora para o inferno, Amadeu, e eu vou levar a tua orelha comigo.

Quando ele pegou o travesseiro, para servir de silenciado, ela abriu um vão da porta e atirou. Errou, a bala cortou o travesseiro e se alojou na parede.

Ela errou o tiro delegado, porque a porta, como o senhor vai ver, para quem está no quarto abre para dentro e para a direita, ela teve que abrir com a mão esquerda e mal posicionada atirou pelo vão, e recuou. Ele, entendendo que ela estava abrigada pela porta atirou na porta, mas ela tinha

dado um passo a mais, se abrigo na parede. Por isso a porta está lascada e a bala está alojada na parede acima da pia.

Quando eu chutei a porta e fiquei protegido pela parede e pelo portal, ele atirou. A porta do quarto da frente estava aberta, não havia paciente, a bala passou pelas duas portas. E vocês verão que na janela do quarto há um furo na vidraça. Ele devia estar furioso, deu dois passos para vir me caçar. Em cima da cama, para minha sorte, eu enxergava o crucifixo espelhado com o Jesus em bronze, pelo espelho eu observei seus movimentos. Preparei-me, mas, Aderbal o Cristo estava a nos proteger, pois neste momento o bebê chorou com vigor, e ele, o Foguinho, surpreso, desviou o olhar e então eu atirei. A Silvia ouviu o choro do menino e, desesperada, pois sua cria estava em risco, abriu a porta e também atirou.

- Escrivão, ligue imediatamente para Curitiba e peça por telefone, pois por correio vai demorar a chegar, informações e a ficha corrida deste tal de Foguinho.

Quanto a você, Mathias, vá para casa, tomar um banho, se alimentar, descansar. Passe aqui amanhã. Até lá devo ter maiores informações, mas tenha uma certeza: provavelmente vamos arquivar este processo. Eu falo com o doutor Alberi, nosso juiz, e o ponho a par desse assunto.

--) 0 (--

- Boa tarde, Mathias! Como passou de ontem para hoje?

- Saí daqui meio rengo, delegado. Aquela cama me deixou descadeirado. Mas foi um dia feliz, pois cheguei ao hospital, fui direto para lá, e encontrei meu amigo e compadre Amadeu acordado. Pra mim foi quase como um milagre, eu tava achando que ele ia bater as botas.

- Mas então o home escapa mesmo?

- Escapa! O médico vai liberá-lo dentro de três dias, aí ele fica mais uma semana em repouso em casa e, depois, graças a Deus, fazenda. Lá eu tenho certeza que ele se renova e, melhor ainda, delegado, o doutor fez uns testes com ele, e não vai ficar seguelado.

- Mathias, você sabe que o caso teve repercussão na cidade, não é todo dia que há um tiroteio no hospital. Eu conversei com o promotor e com o juiz, levei a ficha corrida do meliante e o caso será arquivado como legítima defesa, ainda mais que tinha até um bebê no meio.

- Obrigado, Aderbal, você sabe meu endereço, estamos à tua disposição. Eu agora estou mais aliviado e vou lá para a pensão da Maria Roncadeira, vou levar a Silvia e o bebê para a Maria conhecer. A Roncadeira a esta hora já tá em roda do fogão fazendo um mondongo para a janta. Eu vou levar um vinho de primeira e vamos festejar a vida. Se achegue por lá, vai ser uma alegria recebê-lo.

Data : 25/02/2020

Título : SEDEX

Categoria: Contos

Descrição: - Seu menino! Seu menino! Este calor vai me matá, vai me matá, vai me matá, vai me dar um sedex, um sedex, um sedex. E despidoradamente levantava o vestido até a cabeça, mostrando uns cambitos cascorrientos e uma calçola branca de algodão.

## S E D E X

Pois naquele tempo, Benevides, em que vivi naquelas planuras, eu era jovem, com toda a graxa no rim. As estradas hoje asfaltadas não passavam de trieiros poeirentos na seca e cobertos de lama nas chuvas. As estradas cortavam cerrados e cerradões entremeados por campos sujos, veredas e varjões. A paisagem naquelas lonjuras é cortada por rios e riachos orlados por buritis. Onças, veados, caititus, capivaras, antas e outros bichos eram o que abundava. Nos córregos e rios, peixes, tartarugas e lontras vagavam por águas transparentes. Não posso me esquecer de te contar que a cobra sucuri dominava as veredas, até mesmo a onça e os jacarés respeitavam aquelas brutas, algumas com mais de dez metros.

O povo naquela época era um misto de nordestinos que migraram do Piauí, do Maranhão e da Bahia, além de descendentes de bandeirantes e de escravos que vieram com as Bandeiras, além, é lógico, dos indígenas nativos daquelas terras. Este povo se misturava entre si e vivia num território de natureza soberba: a flora e a fauna lhes davam de comer. Para completar a cozinha, faziam roça de toco onde cultivavam arroz, mandioca, feijão de corda e outros legumes mais.

- E que mal pergunte, e o sal?

- Este eles buscavam ao longe, e assim como o sal, vinham de outras terras produtos naturais ou industrializados inexistentes na região. Estes produtos vinham em caminhões e caminhonetes até onde era possível, daí pra frente em carroças e no lombo de animais.

- E estas bateias que enfeitam a parede?

- Benevides, estas bateias me trazem grandes recordações, espere, espere, eu vou te contar.

Bene, prepara uma caipirinha para nós, você é bom nisso. Apanhe o limão no limoeiro ali no fundo, a canha comprei na venda do turco.

Esta tua caipira é incomparável Benevides, mas, continuando a prosa, pequenas comunidades, Bene, se espalhavam por toda a região, ligadas umas às outras, como já te disse, por estradas precárias. Estes sertanejos eram os meus clientes. Eu vagava por aquele sertão comendo carne seca, frango caipira, feijão de corda e arroz temperado com pequi. Sempre fui bem recebido, assim como meus colegas mascates. Nós os mascates levávamos a eles, além de notícias do que ocorria mundo afora, mercadorias de todo o tipo, tirávamos fotografias, arrancávamos dentes podres, fornecíamos medicamentos, tinturas, xaropes, lombrigueiros, enfim, tudo aquilo que eles precisavam ou que nos encomendavam.

Andanças para cá, andanças para lá, descobri que, no fundo da calha do rio Tocantins, havia uma comunidade garimpeira, formada por descendentes de Bandeirantes, que vieram no antigamente para a região banhada pelo rio Paranã, em busca de ouro e outros metais.

A fama do local tinha se espalhado. Os sertanejos comentavam que lá havia riquezas, mas o estilo de vida e a ordem eram cumpridas com rigor. Comentavam ainda que há algum tempo morte e estupros tinham ali ocorrido. Com ares de mistério, afirmavam que casais e famílias se desviavam dali, pois temiam serem assaltados e as mulheres, molestadas.

Eu, solito no mais, descompromissado de tudo, não tinha um papagaio para dar de comer, busquei informações, daqui e dali, de como chegar lá, e me fui com esperança de bons negócios. Outros mascates, temerosos daquilo que ouviam, nunca lá tinham ido. Era, portanto, um terreno virgem para comercializar meus produtos, e, o mais importante, o ouro era a moeda daquele local. Essas informações me alegraram, me animaram, e eu me bandeiei para aqueles fundos.

-- § --

Pois daí, meu amigo, num dia ensolarado, eu ia todo pachola beirando uma ravina, quando vi ao longe uma fumaça, que espiralava a cerca de uma légua. Intuí que era fumaça de roça de toco. Matutei: estão queimando o roçado para plantar mandioca e milho tão logo cheguem as chuvas. Acelerei a pick-up GMC, a estrada não ajudava, mas eu estava na direção certa. O calor era intenso. Ah! É bom que eu te diga, mês de setembro, já no agosto mesmo, aquelas terras são quentes, parece que abriram as portas do inferno. O vento, que é constante, traz um mormaço queimador, o ar é seco que as narinas e os lábios ficam cortados, chega a passar cento e cinquenta, cento e oitenta dias sem chuva, por isso inclusive que eu levo em minhas bugigangas leques, sombrinha e chapéus. Nestes meses os matutos passam mais na sombra e nas beiras dos córregos, banhando e olhando para o céu, orando e pedindo chuva.

Refiz meu anseio de bons negócios e segui em direção ao fumo que subia aos céus levando a esperança de chuva e frescor, andei mais um pouco e encontrei uma casa à sombra de mangueiras.

Eu te confesso, Benevides, que quando estacionei minha amarelona à sombra do arvoredado tive a sensação de estar sendo observado. Os cabelos de minha nuca arrepiaram.

Olhei para os quatro cantos e nada. Dei uma conferida nos pneus, na água do radiador, sempre espiando por sobre o ombro, nada vislumbrei, nem uma folha se mexia, nem um cachorro latia, mas minha nuca continuava arrepiada. Então, conformado, me achei na casa, sentindo no rosto o mormaço. A porta estava aberta, certamente tentando obter algum refrigerio.

Bati palmas na porta me anunciando, e de um quarto saiu uma velha desdentada, pele seca enrugada e pés de galinha sitiando os olhos verdes, cabelos grisalhos presos num coque, pés descalços, vestido de chitão floreado em vermelho e amarelo. Ela parecia ter molas nos pés, me encarrou e com uma voz rouca se prendeu a pular e a gritar:

- Seu menino! Seu menino! Este calor vai me matá, vai me matá, vai me matá, vai me dar um sedex, um sedex, um sedex. E despuadoradamente levantava o vestido até a cabeça, mostrando uns cambitos cascorrientos e uma calçola branca de algodão. E em passos de dança, rodopiava e continuava gritando com boca chupada: um sedex, um sedex, um sedex.

Como que para encerrar com aquela gritaria infernal, de outro quarto saiu uma moça, moça linda de tez morena com longos cabelos presos por uma fita. Tinha compostura e, com gestos delicados, chegou junto à senhora abraçando-a. Eu observei a cena encantado. Meu olhar estava enfeitiçado. Me entretive olhando aquela beleza. Quando eu quis abrir a boca para dar um buenas, momento em que nossos olhares se cruzaram, tudo escureceu.

Quando dei por mim, eu estava flácido, tonto, sem forças, com a cabeça zunindo, então alguém me colocou sobre minha caminhonete amarela e me levaram em direção à fumaça.

Deitaram-me sobre um estrado num rancho de chão batido, jogando em meu rosto uma lata de água fria para refrescar minhas ideias.

Atiraram sobre meu peito um pano encardido para eu me secar, quando o passei no rosto e na cabeça ele saiu vermelho de sangue, levei à mão à frente e encontrei a carne esmagada. Minha cabeça latejava. Embora tonto, tentei me recompor, quis levantar, trambalhei e esparramei sobre uma cadeira.

Aos poucos meus olhos desanuviaram, a visão foi clareando e vi em minha frente um ancião, que descobri, depois, ser o líder, o Zé de Deus. No entorno muitos homens, cabeludos, barbudos, alguns gordos, outros pelinchando. Sinal de que a boia era boa, farturenta.

-- § --

O ancião levantou a mão e todos se calaram. Ele, abrindo a boca onde apareceram alguns dentes de ouro, me indagou:

- O que fazias bisbilhotando na casa verde?

Eu o olhei firme e de imediato entendi por que ele impunha respeito. Era um homem, embora a idade, de físico avantajado, branco bronzeado, de olhos verdes penetrantes, cabelo longo, grisalho e encaracolado, vestia um camisão branco de algodão preso à cintura por um cordão trançado. Era uma figura impoluta, transpirando dignidade.

- Eu não estava bisbilhotando. Como os senhores podem ver, eu sou apenas um mascate, que nunca rondei por estas paragens. Tinha informações de outros que aqui havia uma comunidade, então pra cá me desloquei na esperança de realizar negócios. Ao ver fumaça no horizonte senti que estava no caminho certo. Andei nesta direção e encontrei a casa, parei para pedir água e informações.

- Todos sabem nestas redondezas que aquela casa não recebe visitas a não ser com minha ordem. Logo, não se aproxime mais de lá.

E me encarando firme vociferou:

- Nosso cemitério tá cheio de abelhudos.

Eu permaneci calado, pois eles eram muitos, o homem impunha respeito e a minha cabeça chacoalhava.

Ele voltou a falar.

- Voltem todos ao trabalho! O Zé Enfermeiro fica para tratar o nosso visitante, que passa a se chamar Zé Mascate.

O tal de Zé Enfermeiro me levou até um rancho, sua morada, lá ele tinha alguns medicamentos e principalmente ervas e tinturas.

- Senhor enfermeiro! O que houve comigo?

- Mascate! Você abusou da sorte! Não viste que numa lasca ao lado da casa verde tem uma placa dizendo “Afasto-se, propriedade particular, não perturbe”?

- Homem de Deus! Te confesso que não percebi este escrito.

- Pois então, você, por ser curioso, deu ao Zé Esquisito a oportunidade de ele lhe acertar na cabeça com uma pedra tapio-canga. Você ficou desacordado, besta, por bons minutos e arrumou este ferimento feio na fachada.

O Zé Enfermeiro com boa prática iniciou um curativo em minha fronte. Enquanto ele limpava o ferimento com água oxigenada, eu gemia. Mas você sabe que a curiosidade matou o gato, e eu não me contive e indaguei:

- Me diga, enfermeiro, por que aquela casa é proibida?

- Bem, seu moço, eu não devia, mas vou lhe contar como funcionam certas coisas aqui, inda mais que você vai ficar por uns dias até se recuperar.

- Eu percebi de imediato que o enfermeiro gostava de uma prosa e fiquei atento.

- Nestes córregos, seu menino, existe ouro. Não na fatura da região de Vila Boa, mas tem ouro, e este ouro foi descoberto por Zé de Deus há muito tempo. Ele dividiu a área em lotes e chamou todos os zés que estão aqui. Estes homens lhe são fiéis e não deixam outros garimpeiros entrarem nesta área. Nós, além de garimparmos, temos nossas obrigações, eu sou enfermeiro, o Zé Cuca é o cozinheiro, e por aí vai. O Zé Esquisito, que lhe acertou, faz a guarda em toda a região, principalmente na casa verde.

Do ouro encontrado, dez por cento é de nosso líder. Com este recurso, ele, que é homem justo, providencia a alimentação, os medicamentos, paga a segurança e inclusive providencia mulheres para atender toda esta turma. É muito homem, e eles precisam desaguaxar.

Mas tudo é organizado. Na casa verde, mora aquela senhora que você deve ter visto, idosa e caduca, ela é irmã do Zé de Deus.

Eu estava agoniado e curioso e já fui perguntando:

- E a jovem morena que eu vi de relance?

- Esta é a joia da coroa, meu caro mascate, ela é neta do grande Zé, seu maior tesouro, ele a criou, os pais dela morreram quando ela era muito pequena, a maleita levou os dois.

O Zé de Deus não apenas a criou como lhe deu educação, ensinou a ler e escrever, lhe deu modos de uma dama, lhe ensinou português, história, geografia e matemática. Ele é homem letrado, é ex-padre . A senhora, que hoje está caduca, tia da moça, lhe ensinou as artes domésticas - o bordado, o tricô e a culinária. O Zé de Deus é quem faz a venda e a repartição de todo o ouro. A venda é realizada para compradores tradicionais no Goiás Velho, às vezes em Arraias. Agora que a Leopoldina está moça, ela o acompanha nessas viagens. Segundo Deus, ela assim aprimora sua educação, pois conhece gente, costumes e sempre encontra algum livro para comprar. Como muitos livros são escritos em francês, ele lhe ensinou um pouco da língua.

- Mas que loucura, Leopoldina e Zé de Deus, pessoas preparadas neste fundão. Como será o nome dele? E os homens se aliviam onde?

- O nome dele, falam os mais antigos, é José Francisco de Deus Novaes, daí Zé de Deus. Esta comunidade, Zé Mascate, tem algo de peculiar, vou te contar um pouco, pois uma boa conversa vai distraí-lo e lhe aliviar a dor.

Este rincão que leva o nome de Rincão dos Zés é composto praticamente por homens, e todos usam o nome de Zé. Não que todos sejam José de batismo, mas, se quer aqui produzir, garimpar e viver, tem que atender a dois preceitos, primeiro a concordância do chefe, Zé de Deus, para aqui se instalar; segundo usar o nome de Zé. Este costume, esta tradição deve-se ao fato de Zé de Deus ter fundado esta comunidade, de ser ele aquele que nos cuida e nos organiza em sociedade, é ele que reza as missas, nos benze, cura nosso espírito, nos aconselha, realiza as cerimônias de casamento, batizado e funeral. Por tudo isso ele impõe liderança e respeito. Além do mais, ele tem uma crença inabalável no Senhor e afirma ter sonhado com Jesus, que o encarregou de liderar pessoas e que todos os liderados devem ter o nome do pai de Cristo – José.

Pois então, mascate, quem quer se arrancar nesta comunidade tem que usar o nome de Zé. Daí tem o Zé Latoeiro, o Zé do Ouro, o Zé Carroço, o Zé Pescador, o Zé Banguela, o Zé Cuca, eu o Zé Enfermeiro, além de tantos outros zés.

Outro detalhe é o seguinte: como todos somos Zé mantém-se a igualdade. Todos aqui são iguais, desde o nome até os procedimentos, somos humildes, oramos todos os dias, não aparentamos riqueza, embora a riqueza exista, todos se respeitam e se ajudam mutuamente.

Outra coisa, meu amigo, matando tua curiosidade, mulher não tem, ou melhor, tem, mas sob o controle do líder. Se alguma mulher se extravía e se aproxima destas paragens, seja índia, branca

ou quilombola, lhes são oferecidos alimentos e água e são levadas para longe daqui com a ordem de jamais voltar. Elas são alertadas que se voltarem serão incorporadas ao patrimônio dos zés e vão para a casa da lagoa. Essa é a lei. Até hoje, mascate, Nenhuma voltou.

- Prossiga, enfermeiro, estou muito curioso com todo este sistema.

- Tô vendo tua ansiedade, mas entenda: o Zé de Deus é líder principalmente por ser um sábio. Ele sabe que muitos homens sem mulher transformam qualquer comunidade num barril de pólvora, por isso a um quarto de légua do Rincão dos Zés há uma casinha bem construída, à beira de uma lagoa e à sombra de sucupiras; Jatobás e aroeiras, é a casa da lagoa.

Você me pergunta como os homens se aliviam. É sabido que geralmente onde tem garimpo tem mulheres, e você também deve saber que a desgraça de garimpeiros é mulher e bebida. Achar ouro, bamburram e logo estão novamente na miséria. O Zé de Deus quer exatamente quebrar este círculo. A casa da lagoa abriga sempre três mulheres. Elas são substituídas a cada seis meses. Os homens as visitam somente aos sábados e domingos, num rodízio controlado pelo líder, o pagamento é feito em ouro, parte fica com o Zé de Deus para a manutenção do local e alimentação das mulheres, e parte se destina ao pagamento delas. O álcool é proibido, aliás a bebida é proibida em todo o território, fato que evita brigas e confrontos. Todos sabem das regras, e o possante Zé Esquisito fica de olho evitando que alguém as quebre. Quem o fizer é sumariamente expulso.

Esta é a lei, a lei das fêmeas.

Assim, aqui, vive-se em paz. Estes garimpeiros, você pode não acreditar, possuem dinheiro, não estão ricos, mas têm o suficiente para dar uma vida confortável a suas famílias. Alguns possuem terras e gadaria, estão aqui porque têm no sangue o vício de garimpar. Muitos possuem filhos estudando fora em internatos.

Armas também não circulam pelo território, elas existem, pois, para andar por estas matas os homens precisam estar armados, principalmente com facões, mas ao chegar aqui elas, as armas, são entregues ao líder que as guarda. Este procedimento também evita brigas e ferimentos.

Há outro detalhe, só frequentam a casa das mulheres os solteiros. Quando algum solteiro quer casar, até mesmo com uma das mulheres da casa, fato que já aconteceu, o Zé de Deus casa-os.

- Mas então, Zé Enfermeiro, as regras aqui são respeitadas e esta sociedade é um exemplo: homens em paz e fêmeas acomodadas.

- Este é o objetivo, este é o desejo do Zé de Deus, mas eu preciso te dizer que a lei das fêmeas foi quebrada. Foi quebrada uma única vez, mas este fato nos preocupa. Preocupa-nos muito!

Eu pedi água, pois tinha uma sede terrível, ele a buscou numa bilha. Não me contive e indaguei.

- Que fato foi este que os preocupa tanto?

- Você sabe que o bicho homem tem mil faces.

- Isso é verdade, mas me conte!

Há coisa de quinze meses, um casal jovem e inexperiente, vindo dos lados de Arraias, entrou na área. Estavam extraviados de garimpeiros que bateavam mais acima na bacia do rio Palmas. O destino não lhes foi favorável, pois deram de cara com o Zé Mutuca, um mameluco, jovem, forte e de maus bofes, que só estava no eito, porque o Zé de Deus tinha noutros tempos sido amigo de seu avô.

O Mutuca lhes engambelou, oferecendo água e rapadura e os convidando para ir até o acampamento. No trajeto, atravessando uma vereda com um golpe de foice, matou o jovem, estuprou e feriu a senhora. Os gritos de desespero dela alertaram o Zé Esquisito que correu até o

local e evitou que a mulher fosse assassinada. O Mutuca tentou fugir, mas o Esquisito, forte como é, o dominou.

A mulher foi socorrida e alimentada, mas na noite do ocorrido se enforcou. Zé de Deus ficou num terrível dilema, se não punisse o Zé Mutuca exemplarmente, perderia o controle e a liderança sobre aqueles homens. O burburinho se fazia intenso, alguns mais exaltados já se organizavam para linchá-lo.

Os mais antigos, que formavam uma espécie de conselho, se reuniram com Zé de Deus e quiseram dele uma solução. Linchá-lo, levá-lo para ser julgado em Goiás Velho ou Arraias, o que era de todo difícil pela distância e pela complexidade de um julgamento, mantê-lo preso era impossível, pois não possuímos cadeia, e a fragilidade das instalações lhe propiciaria a fuga.

Alguns destes conselheiros manifestaram a intenção de lhe castrar, outros de que lhe fosse cortado um dedo ou mesmo a mão, alguns usaram a expressão “dente por dente, olho por olho” e sugeriram que ele fosse degolado, assim como ele fez com o jovem.

Zé de Deus argumentou que estes ferimentos drásticos, castração ou amputação, naquelas condições insalubres, certamente o levariam a morte. Degolar ele não admitia. Sua formação católica e de ex-padre não lhe permitia executar um ser humano. Então decidiu que, pela ofensa aos princípios que norteavam a comunidade, ele perderia todo o ouro que estava depositado com o líder; perderia também todos os demais bens que possuía, ficando somente com a roupa do corpo e um cavalo para ir embora, e por último, assim como era feito com os escravos, seria chicoteado trinta e cinco vezes, que era a soma da idade de suas vítimas. Em suas chagas seria derramado sal para cicatrizar e depois de cinco dias ele iria embora. Assim foi feito.

No sexto dia, pela madrugada, ele foi expulso. Já montado, com a camisa manchada de sangue e arrepiado pela dor, ele gritou a todos – Eu volto e matarei todos vocês.

Esta promessa está gravada em nossas memórias, pois o Zé Mutuca é um traste ruim, vingativo e cumpridor de promessa. Há quem se arrependa de não tê-lo matado. Eu concordo com estes, por mim tinha dado um fim naquele assassino e jogado o corpo em alguma lagoa para os jacarés consumirem com ele, mas o Zé de Deus, por sua formação, nunca admitiria tal ato. Eu te falo, mascate, ainda vamos nos arrepender. Aquele idiota ainda vai voltar, ou vai fazer uma espera e assassinar nosso líder.

Depois desse relato, o bom enfermeiro foi até a cozinha e preparou um café bem quente, feito com cevada torrada, adoçado com rapadura, achei bom, e ele voltou a comentar o meu caso.

- O teu ferimento por agressão é uma exceção, Zé Mascate. Ocorre que o Zé Esquisito, e já lhe foi chamada a atenção, achou que você ia invadir a casa verde, que é protegida e é o refúgio do Zé de Deus.

Eu pedi se podia deitar numa tarimba, pois a cabeça me doía e eu estava cansado. Mesmo deitado eu perguntei:

- Será possível eu conhecer e conversar com a Leopoldina?

- Oh, mascate! Você não acha que já tá passando de pato a ganso? Nem bem chegou e já quer rodear o bem mais precioso do chefe.

- É, eu sei que é muita pretensão, mas eu fiquei muito curioso com tudo o que você me contou, enfermeiro, e, além do mais, do pouco que eu vi ela é uma beleza.

- Realmente ela é uma bela mulher. Tenha paciência, procure se aproximar do Zé de Deus, ele certamente vai chamá-lo para uma conversa, vai ver que produtos você tem para oferecer à comunidade e daí... Você precisa conquistar o líder para conquistar a preciosa neta dele. Mas

agora durma, eu lhe dei uma tintura para que você descanse e para que este ferimento cure rapidamente.

Eu já começava a cochilar e ouvi ainda o Zé Enfermeiro comentar.

- Mascate, eu não sei o quanto você a observou, mas a neta é uma linda mulher, morena de seis fartos, longos cabelos negros cacheados, nariz delicado e lábios carnudos, olhar provocador, sorriso simpático com dentadura alva e uma covinha na bochecha esquerda que enfeitiça qualquer um.

Eu dormi sonhando com esta imagem.

-- § --

Acordei melhor, embora a dor no local do ferimento fosse constante. Fui até a pick-up e lá apanhei erva-mate e os avios para o chimarrão, eu tava seco por um verde. Eu tinha a sensação que a dor de cabeça seria aliviada com um amargo. Sempre tive comigo um bom estoque de erva, além de maçanilha, poejo, marcela e outras ervas medicinais que encontro nos mercados por onde ando. Preparei o chima numa pequena cuia, era preciso poupar, naqueles fundões erva valia ouro. Fui até a cozinha do Zé Enfermeiro, aquetei água numa velha chaleira e fui sorvendo aquela bebida santa. Na mesa o desjejum estava preparado: leite com farinha de puba, queijo, banana e manga. Nem cheguei a tocar naquele manjar e chamaram-me à presença do Zé de Deus.

Aquetei um pouco mais a água e me fui até o líder, com a cuia e a chaleira na mão. Cheguei meio ciscado, pois não sabia o que me esperava, mas fui recebido com atenção para uma conversa privada.

- Se assente, seu moço. Vejo que gostas de um chimarrão?

- Me faz muito gosto, embora nem sempre o tome, pois erva aqui é algo muito raro, então me acode poupá-la.

A cuia roncou e eu, que fui criado na educação, ofereci um mate ao anfitrião – Aceitas um chimarrão, e para minha surpresa ele balançou a cabeça afirmativamente.

Ele recebeu a cuia e sorveu o mate, que era curto que nem coice de porco, pois a cuia era pequena, e comentou:

- Fazia muitos anos que não experimentava um chimarrão, e este está saboroso. Saiba, seu moço, que eu, quando padre, residi no Sul, Santa Catarina e Rio Grande, lá não só tomava esta delícia como também tínhamos um soque nos fundos do seminário, logicamente também tínhamos parreirais e fabricávamos nosso vinho.

Fiquei feliz com estas palavras, pois tu sabes, Benevides, que nada melhor para se iniciar uma amizade que uma boa conversa regada a um bom chimarrão.

Vi de pronto, Beni, que o ex-padre simpatizou comigo e ele depois de alguns rapapés me perguntou:

- Quais são suas intenções, seu moço, se achegando aqui?

- Meu caro senhor, eu vim até aqui na intenção de vender meus produtos, disponho de variedades, tanto produtos masculinos como femininos, além de algumas ferramentas e medicamentos. Tiro fotografias, corto barba e cabelo, arranco dentes, enfim, sou pau pra toda obra.

- Muito bem! E você pretende ficar aqui por quanto tempo?

- Poucos dias, após apresentar meus produtos para os homens e, com sua autorização, gostaria de mostrar para as mulheres, pois para elas eu tenho: tecidos, roupas de cama, vestuário em geral,

perfumes, utensílios domésticos como panelas, pratos, talheres, bem como chapéus, leques, sombrinhas, eu sei que elas vão gostar.

- Seu moço, os homens circulam por aqui durante o dia. Você pode expor seus produtos, procure uma sombra para tal, e tens uma semana para realizar seus negócios. Abra uma conta para cada um, e no final eu acerto contigo.

- Combinado, eu tenho comigo ainda um pequeno estoque de erva, se o senhor aceitar, e venho aqui pela manhã e podemos juntos sorver um mate bem gordo.

- Perfeito, perfeito, façamos isso.

Roncamos mais umas cuias e fui forrar o estômago com algumas frutas e deitar um pouco mais, pois minha cabeça com o calor do dia começou a latejar.

Naquela tarde ajuntei tudo e comecei a negociar, foram boas as vendas. Em quatro dias dei uma baixa grande em meu estoque. Todas as manhãs eu chimarreava com Zé de Deus, lhe apresentava as contas do dia anterior e recebia. Por segurança e por sugestão dele, meu ouro ficava guardado dentro de pequena caixa em seu cofre.

-- § --

No quinto dia, pela manhã, na hora do chimarrão, lhe confidenciei que as vendas para os homens estavam praticamente encerradas, pois restavam poucas mercadorias. Como eu já estava mais aquerenciado e o Zé já era meu companheiro de chima, me encorajei e lhe pedi autorização para visitar a casa verde e a casa do lago.

Ele me olhou bem dentro dos olhos e lascou:

- Você não está sendo muito ousado, Zé Mascate?

- Não, meu senhor! Ocorre que tenho um excelente estoque de produtos para senhoras e senhoritas e seria, em meu modo de vista, não dar a elas a oportunidade de verificar, pois, como o senhor bem sabe, aqui por estas bandas não é todo dia que passa um mercador com produtos especiais para damas.

- Você tem o poder do convencimento. Pois então, hoje, que é quinta-feira, vá até a casa do lago, assim aquelas mulheres podem se enfeitar melhor para o sábado e o domingo.

- E a casa verde?

- Na casa verde você vai no sábado, o Zé Esquisito te acompanha.

- Zé de Deus, me permite uma sugestão?

- Sim, sim! Prossiga.

- Acho que seria mais interessante eu ir hoje à casa verde, mostrar meus produtos em primeiro lugar à sua irmã e à sua neta. Se eu for hoje à casa da lagoa as mulheres de lá é que terão a oportunidade de escolher o que há de melhor.

Esta proposta eu confesso que fiz de causa pensado, pois se eu fosse naquele dia à casa verde teria a oportunidade de voltar lá mais vezes com a desculpa de elas terem ficado com vestuários para experimentar e até mesmo para alguns ajustes, pois como tu sabes eu fui ajudante de alfaiate e levava comigo apetrechos como tesoura, trena, agulhas, alfinetes, dedal e linhas de diversas cores. Conforme a situação eu fazia e ainda faço hoje pequenos arranjos em roupas, tanto de homem como de mulher.

O Zé de Deus coçou a cabeça, ficou em silêncio por minutos, para minha agonia, e falou firme:

- Pois vá lá hoje. Mascate, eu exijo respeito. Vou avisar o Zé Esquisito para te procurar dentro de uma hora. Você almoça lá comigo, o Esquisito vai avisar a Leopoldina para que ela prepare um bom almoço.

-- § --

Lá pelas dez horas de um dia que tinha amanhecido fresco, pois havia chovido à noite, me achei na casa, escoltado pelo Zé Esquisito.

Apresentei-me para Leopoldina e para a velha senhora que, fiquei sabendo chamava-se dona Isaura. Ela estava calma sentada em uma cadeira, balançando constantemente as pernas, num tique nervoso. A mão direita segurava o cotovelo esquerdo e a mão desse braço, como se ela tivesse medo de fosse cair, apoiava firmemente o queixo.

Leopoldina trajava roupas simples de quem está realizando tarefas domésticas, com um avental xadrez azulado preso à cintura e um lenço do mesmo tecido, cobrindo os cabelos negros como azeviche. De imediato concordei com a descrição que o enfermeiro me havia feito e concluí mais uma vez que estava, como que por milagre, naquele fundão, em frente à mais bela mulher que minhas vistas tinham observado.

Coloquei uma toalha ao chão da sala para expor meus produtos, primeiro, roupas de cama, lençóis, fronhas, cobertores e tecidos diversos. Numa caixinha rasa, aveludada mostrei joias de prata vindas do Chile e perfumes de diversas origens. Enquanto ela ia olhando, tocando e abrindo as mercadorias para observá-las com maior rigor, a velha continuava balançando as pernas, segurando o queixo e resmungando palavras desconexas.

Ela olhava com delicadeza os produtos e eu, na necessidade de conversar, inda mais que estava encantado, fui explicando a qualidade do que oferecia. Ela, embora simpática, me parecia nervosa e acanhada. Para quebrar esta timidez, levei a conversa para o lado familiar, assim ela poderia se sentir melhor. Daí perguntei:

- Esta senhora é sua avó?

- Não, não, ela é minha tia-avó, irmã de meu avô que você certamente conhece, caso contrário não estaria aqui.

- E por que Leopoldina, que no dia que aqui cheguei ela gritava: sedex, sedex?

- Como o senhor bem sabe a região aqui é muito quente.

- Por favor, não me chame de senhor, nem de Zé Mascate ou mascate, chame-me pelo meu nome que há tempos não ouço – Amilton.

- Muito bem, Amilton, mas em frente a meu avô, irei chamá-lo de Zé Mascate.

- Tudo bem, tudo bem! Mas e o por que sedex?

- Como ia te dizendo aqui o calor é intenso. Esta quentura lhe provoca enxaqueca, dor de cabeça, mal-estar, ansiedade, aflição e ela dá a estas sensações o nome de sedex, não me pergunte o porquê, que eu não sei responder.

- Eu vou lhes oferecer dois produtos que podem auxiliá-la, fazendo-a ficar mais calma e dormindo melhor: primeiro a tintura de valeriana, que vai lhe diminuir a ansiedade e melhorar seu sono; segundo a alfazema que você vai misturar no óleo de amêndoa, quarenta gotas em cem mililitros, massageie o corpo dela antes da noite, isso vai lhe dar um sono mais tranquilo e relaxante, além de lhe hidratar a pele que me parece bastante seca.

- Amilton, você tem estes produtos?

- Claro que tenho, e vou lhe dar de presente.

Ela me olhou com aqueles olhos grandes e cílios imensos e me agradeceu, e pela primeira vez seu olhar me flechou.

Leopoldina separou roupas de cama, vestidos, blusas, tecidos, artigos para costura e bordado.

Então me olhou nos olhos, um olhar que somado ao sorriso com aquela covinha me deixou de pernas bambas, e me perguntou:

- Gostaria de experimentar estes vestidos. Será que você voltaria amanhã para ter minha decisão? Logicamente que mostrarei a meu avô para a sua aprovação, pois quem vai pagar é ele.

- Pois não! Fique o tempo que quiser, se precisar de minha ajuda eu posso fazer alguns ajustes.

- Se preciso for, eu pedirei para a Marlene, que mora na casa da lagoa, vir me ajudar, deixe-me, por favor, alguns alfinetes para marcar. Com o vestuário marcado você poderá fazer os ajustes, combinado!

- Sim, sim, combinado!

- Agora, se me dá licença, eu vou preparar o almoço, pois o Zé Esquisito me informou que vovô virá almoçar e que você nos acompanhará.

- Tá bom, eu vou arrumar estas mercadorias.

Ela saiu, deu alguns passos e olhou para trás, com um leve sorriso e um gracioso requebrado.

O vovô dela chegou ao meio-dia e o almoço já estava servido, numa mesa ampla com toalha e guardanapos alvos. A conversa foi pouca, ele perguntou se ela tinha gostado das mercadorias, se eram de qualidade e se o preço não era abusivo.

Ela lhe informou que estava satisfeita com tudo, que o vestuário ela precisaria experimentar e que tinha pedido ao Zé Esquisito que trouxesse à tarde a Marlene para ajudá-la. Que após os ajustes eu faria os consertos necessários.

O Zé de Deus me olhou com certa curiosidade e me perguntou de soslaio, levando o garfo à boca.

- Você se acha capaz de fazer estes consertos?

- Sim, por um dever de profissão, preciso saber fazer ajustes, tanto em roupa masculina como feminina. Se eu não entender um pouco dessa arte, principalmente nos interiores onde não existem alfaiates e costureira, eu não consigo vender. Lá nos meus pagos, lá no Sul, eu trabalhei em uma alfaiataria e aprendi muitos segredos dessa lida, por outro lado, quando tomei o rumo de ser mascate, me preparei com minha mãe e minha avó, ambas costureiras, para fazer ajustes em roupas femininas.

- Muito interessante. Espero, gaúcho, que não estejas se aproveitando de minha hospitalidade.

Eu entendi o recado, ele não me queria perto de sua neta.

Ele prosseguiu:

- E quando vai à casa do lago?

- Vou lá amanhã, sexta-feira, como combinado, agora à tarde farei ajustes em calças e camisas que adquiriram o Zé Enfermeiro e o Zé Cuca. Vou ainda extrair o último dente do Zé Banguela. Já lhes adianto que no sábado retorno aqui, para discutir com Leopoldina os ajustes a serem realizados.

Leopoldina então entrou na conversa:

- Vovô, vovô! Veja só mascate nos brindou com dois medicamentos para a vovó, valeriana para ela dormir melhor e óleo com alfazema, para ela relaxar e ficar mais tranquila.

- Eu te agradeço, mascate, mas podes cobrar pelos produtos.

- Zé de Deus, eu estou oferecendo estes produtos à dona Isaura de todo o meu coração, sei que não vão lhe curar, mas aliviarão suas agruras. Além do mais, o senhor tem sido hospitaleiro e eu fico devendo a todos vocês grandes obrigações.

Tomamos um chá de capim-santo e o Zé de Deus se despediu, ele foi saindo e eu o acompanhei, não queria criar motivos para ele ficar cismado.

-- § --

Realizei minhas atividades naquele dia, e na sexta-feira visitei a casa da lagoa. Três jovens e perfumadas morenas de cabelos longos, com vestes leves, coloridas e sensuais, ficaram encantadas com tudo o que eu apresentei, minhas vendas superaram a expectativa. Conheci também a Marlene, que eu imaginei que fosse uma das damas, mas que em realidade era uma senhora de meia-idade, que tinha a função de manter a casa em dia, limpando, cozinhando e cultivando uma pequena horta no quintal. Marlene me convidou para almoçar. Assim almoçamos juntos com Cida, Jacira e Antônia, que me contaram terem vindo da região de Natividade.

Após o almoço as jovens se retiraram e eu fiquei tomando um chá de ervas com Marlene, que, gostando de uma charla, me confidenciou que tinha ido à casa verde para ajudar a neta do Zé de Deus na escolha e nos ajustes das roupas por mim lá deixadas.

Uma fina garoa caía refrescando e levantando um cheiro de terra molhada. Bebericávamos aquela bebida adocicada e, entre outras conversas e perguntas, ela me prometeu que provaria as roupas com as meninas e que eu poderia vir na segunda-feira para apanhá-las para realizar os ajustes. Já estava eu de pé me despedindo e agradecendo pelo almoço quando ela me confidenciou.

- A menina Leopoldina ficou caída pelo senhor.

- Oh! Mas que surpresa agradável – foi só o que eu pude murmurar.

Ela, com ares de alcoviteira continuou:

- Ela lhe achou um moço atraente e de boa conversa, as roupas estão lá todas no alfinete para os consertos necessários.

- Eu vou lá amanhã conforme o combinado, ela também é uma moça muito simpática.

Eu precisava falar alguma coisa, para esconder o meu contentamento e até mesmo o meu espanto.

Confesso-te, meu amigo que naquela noite passei me revirando na cama, pouco dormi, pois não via a hora de o sol levantar para ir ter com Leopoldina.

-- § --

Voltei à casa verde à meia-manhã, sempre sob o olhar do Zé Esquisito. Sentia um vazio no estômago, ao me chegar à porta, na qual fui recebido com um largo sorriso de Leopoldina, que estava linda, usando um vestido que eu lhe tinha oferecido e que havia ficado perfeito em seu corpo esguio. Ela estava radiante, e senti que as palavras de Marlene eram verdadeiras.

Conversamos enquanto ela me explicava e me mostrava as peças a serem consertadas. Conversávamos olho no olho, num flerte gostoso, num namoro ligeiro.

Para minha surpresa me convidou para o almoço, aceitei de imediato, no quarto contíguo, dona Isaura resmungava e cantarolava.

Ela me serviu uma taça de vinho e se retirou para preparar o almoço.

Almoçamos sozinhos, Zé Esquisito, em sua esquisitice, preferiu comer sentado em um banco, à sombra do pé de manga que ladeia a casa.

Enquanto degustávamos um arroz com frango, temperado com pequi, conversamos animadamente, nos apresentando e confidenciando nossas experiências de vida. Eu contei de minhas origens sulistas, gaúchas, da beleza de meus pagos, de minhas viagens até chegar àquelas terras. Ela, por outro lado me contou como foi criada por Zé de Deus. Relatou tudo o que ele lhe proporcionou de ensinamentos, da vida confortável que lhe oferecia. Gabou muito sua tia-avó, dona Isaura, da mulher que ela tinha sido, de quanto lhe amava, pois ela tinha sido sua mãe, e que se o avô Zé de Deus lhe prepara intelectualmente, Isaura a prepara para o lar, para ser esposa e mãe. Lágrimas lhe vieram aos olhos quando ele reconheceu que a avó estava caduca, fraca e mal e mal se alimentava.

- Faço tudo pra lhe dar conforto, carinho e amor, ela merece ter uma velhice amena. Ela merece ser amada até o final de seus dias.

Ficamos em silêncio, e eu num rompante, até porque não posso ver mulher chorar, perguntei-lhe, com olhos apaixonados:

- Queres casar comigo?

Minhas palavras pegaram-na desprevenida, a surpresa fez com que suas faces avermelhassem, seus olhos piscassem e sua boca se contorcesse em espanto. Ela levantou, caminhou em silêncio até a janela, contorceu as mãos com os olhos perdidos no horizonte. Retornou e me encarrou firme com preocupação.

- Você sabe exatamente o que estás a me propor?

- Sim! Meu maior desejo é estar contigo. Estou apaixonado. Só penso em você desde o dia em que aqui cheguei.

- Eu confesso que você me é muito simpático, que gosto muito de estar contigo, de ouvir sua voz, suas palavras.

Ela falava isso torcendo a ponta da toalha, vi que mais uma lágrima escorreu em seu rosto, e ela prosseguiu:

- Fico feliz com sua proposta. Agora vá. Fale com meu avô. Diga-lhe com sinceridade o que o seu coração sente. Se ele lhe perguntar, e certamente vai perguntar, diga-lhe que eu concordo com sua proposta, mas que a última palavra é a dele.

- Eu falarei com ele, lhe direi o quanto a amo e que tudo farei para fazê-la feliz, espero que ele concorde. Fique em paz, fique com Deus em breve a verei.

-- § --

Pela manhã, como de costume, fui com ter com Zé de Deus, agora para tomar um café, já que minha erva tinha acabado. Estava preparado para a conversa, pouco tinha dormido, passei a maior parte da noite decorando um discurso para convencer o velho.

Ele já estava na mesa tomando café preto adoçado com farinha de rapadura e comendo beiju.

Mandou-me sentar à mesa com cara de poucos amigos, senti que estava nervoso e que, resmungando, não encontrava palavras para falar comigo. Por fim ele desembuchou:

- Que história é esta de querer casar com minha neta?

Eu fui pego de surpresa. E agora era eu quem gaguejava engasgado com um pedaço de broa de milho.

- Como o senhor sabe disso? Foi Leopoldina quem lhe falou?

- Não! Minha neta é reservada, não fica de fuxico.

- Então quem foi o linguarudo que lhe trouxe esta notícia?

Ele ficou me olhando com olhos enraivecidos.

Eu lhe fitando logo entendi:

– Ah! Foi o enxerido do Zé Esquisito. Então aquele cabra fica ouvindo atrás das portas?

- Não é enxerido, não! O Zé é meu homem de confiança e cuida de meus interesses, inclusive cuidando de minha família. E tem por obrigação olhar e escutar qualquer desavergonhado que fica fazendo propostas sem cabimento para minha neta.

Levantei, ele levantou também, um fogo me subiu e chegou à minha cabeça, tive ganas de enfrentá-lo, mas me lembrei de Leopoldina e resolvi recuar. Levantei a mão em sinal de calma, de paz. O silêncio pairou por segundos, só o zumbido de uma mosca varejeira se fazia ouvir. Voltei a sentar, ele também assentou.

O silêncio envolvia tudo, eu não achava as palavras e meu apetite tinha acabado. Ele envolto em pensamentos remoía as palavras mastigando um queijo duro que tinha vindo de outras terras.

Após minutos estávamos como duas ferras enjauladas, olhado um para o outro. Ele levantou e foi até a um armário, abriu uma gaveta. – Eu pensei comigo: foi pegar uma arma. Mas não, ele sacou uma garrafa de aguardente, e olhe que era de manhã, apanhou um cálice e voltou a sentar.

- Embora a hora imprópria, é melhor tomarmos uma para nos acalmar.

Serviu o cálice e embicou, bateu com o cálice na mesa, voltou a servir e me ofereceu. Tive que embicar.

A caña me subiu queimando o peito, ele tomou outra e eu, para não parecer fraco tomei mais uma e falei:

- Zé de Deus, o que o Zé Esquisito falou é verdade, passei a noite em claro buscando palavras para lhe falar, a Leopoldina exigiu que eu lhe procurasse, pedisse sua bênção e sua concordância. Eu lhe confesso de todo o coração que amo muito sua neta e que darei minha vida para fazê-la feliz. Ela concorda com meu pedido, mas a última palavra é sua, ou seja, a felicidade minha e dela está em suas mãos.

- Ora, ora, vá! Não quero vê-lo mais hoje! Vou conversar no almoço com minha neta, vou investigar tudo isso, amanhã a esta hora conversaremos.

Foi um dia difícil para mim, me debrucei no conserto de roupas, mas a situação não me saía da cabeça, não consegui sestar, tive mais uma noite insone, me revirando e me revirando na tarimba.

Pela manhã, mais cedo do que ele esperava eu já estava lá. A cara dele era séria, como de costume, mas era boa.

Fiquei sabendo depois, pela boca de Leopoldina, que o almoço foi em princípio tenso, depois silencioso e, por fim, os corações se abriram e ambos choraram. Dona Isaura, por incrível que pareça, saiu de seu torpor e teve decisiva participação em nosso futuro.

Foram estas mais ou menos as palavras, Benevides.

- Leopoldina, você em realidade está pensando em casar com este mascate sem eira nem beira?

- Vovô, ele, de forma muito respeitosa e amável, me fez uma proposta de casamento e se diz apaixonado. Eu lhe confesso que ele me é simpático, é trabalhador, tanto é que percorreu

quilômetros e quilômetros para aqui chegar, correndo riscos por estradas desconhecidas para ganhar seu sustento de forma honesta. O senhor sabe que ele é bom comerciante e sabe quanto ouro ele faturou.

Ademais vovô, eu já estou com dezoito anos, sonho em casar, constituir família, ter meus filhos. Será que terei que ir para a capital para ter um marido?

- Mas em tão poucos dias, você mal o conhece, você pode afirmar que o ama, que ele é a pessoa para lhe acompanhar pelo resto da vida? Você não é criança e sabe que qualquer homem se empolga rapidamente por uma mulher com sua educação, por sua beleza e pela herança que vou lhe deixar.

- Sim, vovô! Eu compreendo sua preocupação, mas eu não pretendo me casar com ele amanhã! Eu afirmo que ele me é muito simpático, de boa conversa e respeitador. Se o senhor concordar, eu pretendo, com sua autorização, namorá-lo, ficar noiva, por algum tempo, se eu descobrir, então, que realmente o amo, aí sim podemos nos casar.

- Ainda bem que você tem bom senso. Vou pensar nisso, você sabe que é meu bem mais precioso.

Foi quando, para surpresa e emoção de ambos, dona Isaura se manifestou com veemência:

- José Francisco! Deixe ela namorar! Este é o tempo dela, ela precisa casar, precisamos de herdeiros, já lhe ensinamos tudo que ela tinha que aprender, ela está pronta para ser mãe e dona de casa. Nós não vamos perder uma filha, nós vamos ganhar um filho, algo me diz que ele é boa pessoa.

Este palavreado foi uma grande surpresa e lágrimas correram dos olhos do Zé de Deus e de Leopoldina. Dona Isaura voltou para seu mundo, voltou a cantarolar.

-- § --

Amanheceu um daqueles dias que eu adorava naquelas terras, fresco, luminoso, com o sereno brilhando nas baixadas. Quando este frescor se fosse, a temperatura seria de rachar. No entanto, aquele “friozinho” ajudou a diminuir minha dor de cabeça, foi mais uma noite de cão, tinha me revirado na cama a noite toda.

Me aperfilhei para ir ter com o Zé de Deus, conforme o combinado.

- Sente aí, Zé Mascate, chegou cedo hoje.

- Sim! Não consegui dormir! A sua decisão e mesmo de Leopoldina tem me tirado o sono e mesmo o apetite, estou em total agonia, minha cabeça não para de girar.

- Como prometido, almocei com minha neta. Discuti com ela como um estranho que está aqui há poucos dias teve o topete de lhe pedir em casamento.

- Sim, José de Deus, eu lhe fiz o pedido, mas foi respeitoso como tem que ser, ela merece meu apreço, e fui sincero com o senhor ao lhe informar minhas intenções e que em suas mãos está a minha felicidade.

Ele ficou em silêncio, com uma peixeira cortou ao meio uma melancia, me ofereceu uma talhada e, me olhando firme, prosseguiu:

- Sim, é verdade, eu ouvi sua ladainha, sua história de amor, mas para mim o que interessa é a opinião de Leopoldina, não de um quase estranho que chega aqui e em poucos dias já quer levar minha neta e ser meu herdeiro.

Levantei, apanhei o chapéu que descansava sobre uma cadeira e fiz menção de me ir, tinha o peito dolorido, os olhos me ardiam e um oco embrulhou meu estômago.

Ele voltou a falar.

- Te assenta, Zé Mascate, estás em minha casa, não seja desrespeitoso comigo. Você sabe que eu sempre te tratei bem, portanto continue a me ouvir.

Me assentei meio revoltado, mas seria melhor ouvir, afinal o que teria ele ainda para me dizer, magoar-me ainda mais? ...

- Não é de meu agrado, mas reconheço em você um homem trabalhador, reconheço também que você foi respeitador.

Você deve entender, gaúcho, que minha neta me é preciosa. Estamos aqui discutindo o futuro dela, por isso eu fui ouvi-la, ela deve ter a última palavra. Saiba você que ela não me disse que te ama, disse-me que simpatiza contigo, o que é muito diferente.

De qualquer forma, ouvindo também minha irmã, achamos que vocês podem namorar, e já vou dizendo, num prazo longo, um ano, você fica morando com o Zé Enfermeiro e ela na casa. Você a visitará às quartas, aos sábados e aos domingos, sempre de forma respeitosa. Esta é a nossa proposta.

- Entendo. Mas como eu vou viver, o que farei aqui? Eu sou um comerciante, um mascate.

- Você falou para ela e para mim que você a ama. Como você e os gaúchos falam, que o amor impõe doação, compreensão, perdão, companheirismo e principalmente sacrifícios. Eu te proponho, portanto, o seguinte: Tenho em estoque algumas bateias, te darei duas, são as que estão na parede, Benevides. Como nunca garimpou, o Zé Garimpeiro, o melhor de todos, vai te dar algumas aulas, já conversei com ele, tudo certo. O ouro que conseguires, com os descontos devidos, guardarei para ti, assim, por ocasião do casamento, terás uma pequena fortuna e poderás dar uma vida confortável à minha neta.

- A paixão era muito grande, Benevides, e eu fiquei. Não me arrependo um só minuto desta decisão.

Aí Bene, todas as manhãs eu saía colado no Zé Garimpeiro por aquelas margens de rios e sangas, pegando prática com a bateia.

Tu tens visto, meu amigo, presa em cima da lareira uma carabina, não é mesmo? Ela repousa em local tão destacado porque me é de grande valor. Em todas as andanças que fiz junto com o garimpeiro e mesmo solito ela me acompanhou. Herdei-a de meu velho pai.

Ainda meninote, meu pai, Dante Ortega, me ensinou a atirar com esta carabina Winchester 1866, que ele conquistou na revolução de noventa e três, a Revolução Federalista, quando tomou a arma de um Pica-Pau na batalha do Pulador. Meu pai era uruguaio, filho de espanhóis. Ele e os seus imigraram para o Rio Grande na sua tenra idade. Aprendi a atirar com a técnica de meu pai e lhe digo que fiquei perito. Papai me repassou esta joia quando completei vinte e um anos, foi quando ele me considerou de maior idade. Acompanhando o presente vieram duas caixas de munição, a munição para civil era rara, em cada caixa completa havia cem balas.

Quando decidi sair Brasil afora, mascateando, na minha amarelona, mandei fazer uma caixa embaixo da carroceria de madeira, ficou bem escondida, pois ao lado dela fiz um depósito de água e uma caixa para mantimentos, uma cozinha, com charque, arroz, banha e erva-mate.

Para ter segurança nesta minha nova vida de garimpeiro eu a retirei da caixa onde dormia e, após mostrá-la para o Zé de Deus e pedir sua autorização, passei a usá-la sempre que saía para garimpar, isso foi a minha sorte.

É bom que eu te diga que, embaixo do banco, sempre carreguei um Colt 38, que comprei de um pau d'água, que morava ali nos trilhos. Ele tinha herdado do pai, um senhor de respeito, que lhe deixou bamburrado e ele jogou tudo fora, na cachaça, na jogatina e com as perdas.

-- § --

Me tornei um bom garimpeiro, juntei muito ouro. Leopoldina era maravilhosa, a mulher de meus sonhos, e o seu amor eu conquistei dia a dia, e por fim ela me amava muito.

Conforme o tempo passou, o Zé de Deus passou a confiar em mim, tornei-me seu confidente. Fazíamos o jejum diariamente em sua cozinha e num dia ele manifestou a mim sua maior preocupação: contou-me o que eu já sabia através do Zé Enfermeiro com respeito ao evento envolvendo o casal e o Zé Mutuca. Mas Zé de Deus tinha novidades, obtidas de um comprador de ouro de que o Mutuca, lá para os lados de Vila Boa, estava procurando motivar alguns bandoleiros com promessas de riqueza a virem assaltar o Rincão dos Zés.

Tomamos então algumas providências: primeiro, na próxima ida do Zé até a cidade grande para comercializar ouro, compraria novas armas; reunimos todos os garimpeiros e informamos sobre a possibilidade de sermos atacados, e eu fui pessoalmente com a orientação superior aos vizinhos mais próximos solicitar que qualquer movimento suspeito nos fosse avisado. Eles teriam nosso eterno agradecimento e seriam recompensados.

Tivemos dias tensos e de atenção, mas nada aconteceu. Guardamos as armas e tocamos a vida em frente, tivemos a sensação de que tudo não passava de boataria.

-- § --

Me envolvi totalmente com o garimpo, às vezes saía em excursões longas com Zé Garimpeiro, buscando novos pontos para a garimpagem, íamos tão ao longe que, numa quarta-feira de lua cheia, estávamos tão distantes que eu falhei na visita a Leopoldina. Chegamos somente na sexta. Fui perdoado, pois, além de a saudade ter aumentado muito, tinha a bolsa cheia de ouro.

Mas o ano passou rápido, e se achegava o prazo para o nosso casamento. Tanto para mim como para Leopoldina estava tudo muito claro, faríamos uma pequena festa, casaríamos com as bênçãos do Zé de Deus, eu apanharia minhas economias que não eram poucas, montaríamos em minha velha GMC amarelona e viajaríamos em direção ao sul. Não tínhamos pressa em chegar, mas o roteiro estava todo em minha cabeça, sonhando em comprar terras, criar meu gado e encher meu rancho de crianças. Leopoldina estava um pouco tensa e ainda chorosa, pois dona Isaura havia falecido três meses antes. Numa manhã o esquisito me avisou que o Zé de Deus tinha chegado de viagem. Fui à sua casa para cumprimentá-lo e saber das novidades.

- Bom dia, Zé de Deus, como o senhor foi de viagem?

- Viagem boa, produtiva, o dinheiro está aí, hoje pago os homens. No cofre só estão o teu e o meu ouro, já que eu não vendo e você não quer vender.

- Eu não vendo, como já te falei, porque eu acho mais confortável ir embora com ouro do que com dinheiro. Vou para longe e em Porto Alegre farei no Banco da Província uma boa venda. Comprarei terras, gado, farei uma bela casa, criarei uma fazenda e cultivarei o amor de Leopoldina.

José de Deus foi até uma gaveta dentro do armário, de lá retirou uma pequena caixa de madeira com a tampa entalhada com a figura de um garimpeiro. De dentro sacou uma chave presa em uma corrente de prata. Sentou na mesa, colocou a chave em minha mão e falou com voz pausada:

- Esta chave é do cofre, onde estão nossas riquezas. Coloque-a no pescoço, não diga a ninguém do que se trata. A outra cópia está comigo. O cofre você sabe onde está? Ele dorme no fundo do alçapão, na sala, embaixo do tapete.

Preste atenção. No paiol, há também um alçapão, o alçapão do paiol, por um túnel, se liga ao alçapão da sala. Isso aumenta a nossa possibilidade de recolher os bens depositados no cofre numa emergência.

- Sim, mas por que isso agora?

- Já vou te explicar.

- Não estou gostando desta conversa. O que está havendo?

- Zé Mascate, o ano passou e você e a Leopoldina podem se casar dentro de poucos dias. Minha palavra eu vou cumprir, vocês vão casar, mas nem tudo será como você pretende.

- Como não será como eu pretendo?

- Eu farei vosso casamento e os abençoarei, mas não posso deixar minha neta partir com você.

- Não vai partir comigo? Ela após o casamento, será minha mulher e irá comigo para onde eu for.

- Se fosse seguro para você e para ela eu não me oporia, mas não é.

- Quem sabe o que é seguro para mim e para minha esposa sou eu.

- Até pode ser, mas vocês ficarão aqui pelo menos por mais cinco anos.

- Zé de Deus, não sei teus motivos, mas estás me parecendo Labão, pai de Raquel, que obrigou Jacó a trabalhar para ele por sete anos e depois mais sete.

- Não queira me ensinar a Bíblia, eu sei desta história. Acontece que tenho agora informações seguras, confiáveis, que o Mutuca está vindo, possui inclusive olheiros nesta região. Quando eu falo em cinco anos, falo de forma figurada, em verdade precisamos resolver esta situação para que vocês possam tomar a estrada de forma segura. Hoje ele pode com seu bando assaltá-lo na estrada, matá-lo, fazer minha neta refém, vir até aqui usando ela como escudo e nos matar a todos, levando toda a riqueza aqui depositada. Você entende, Zé Mascate?

Eu fiquei a olhá-lo uma certa raiva me subia pelo peito, um refluxo se formou numa azia angustiada, eu cocei minha barba e passei a mão alisando o bigode. Aquele padre era uma águia e poderia estar a me enganar para não se separar da neta, sua herdeira e por quem dedicava um grande amor.

- Essa conversa do Mutuca se espicha pra mais de dois anos, acho que as informações que nos chegam não têm fundamento.

- Pode ser, seu menino, talvez muito remotamente, você tenha razão, mas, tenha certeza, ele está nos cozinhando em fogo brando, ameaça vir e não vem, na expectativa de relaxarmos nossa mobilização, nossa atenção. Ele está fazendo uma guerra psicológica, diz que vem, mas não vem. Decorre o tempo, comentamos que tudo não passa de lorota, de fanfarronice, e então ele aparece, nos pega de calça na mão e nos liquida.

Levantei, sai porta afora, me voltei e disse:

- Vou falar com minha noiva.

Ele respondeu com firmeza.

- Ela já está sabendo e concorda comigo.

Fiquei sem palavras, voltei a me assentar e, não tendo outro jeito, lhe perguntei.

- Já que está tudo acertado, até com Leopoldina, pra quando marcamos o casamento?

- Se você concordar, faremos o casamento no primeiro sábado do próximo mês, daqui a quinze dias. Não fique zangado com Leopoldina, eu falei com ela ontem à noite, lhe expliquei tudo e ela

compreendeu. Ela não teve tempo de conversar contigo. Coloquei a chave no pescoço e me fui trocar ideias com o Zé ]Enfermeiro.

Num sábado luminoso, numa festa simples, mas animada, nos casamos. Estávamos radiantes, estávamos muito felizes.

-- § --

Três meses depois minha esposa estava grávida. Se nós ficamos felizes, você não imagina a felicidade do Zé de Deus, ele até remoçou, só falava na bisneta ou bisneto que iria nascer e fazia planos para o futuro.

Quando fechou um ano de nosso casamento, um casamento abençoado por Deus, de muito amor e imensa felicidade, nasceu José Leopoldo, nome escolhido por nós, homenageando o avô, afinal, numa terra de zés, ele tinha que ser José. E o segundo nome, Leopoldo, foi em homenagem à Leopoldina. Para completar a felicidade do avô o convidamos para ser o padrinho.

Me dou conta agora, Benevides, que você não conhece o José Leopoldo, pois te mudaste para cá só faz um ano, e o guri faz tempo que não se achega por aqui. Ele tá enrolado lá na capital, é médico formado, tá fazendo residência na Santa Casa. Zé Leopoldo é meu orgulho, parecido de físico com a mãe e tem o gênio forte do Zé de Deus. Todo dia para matar a saudade, eu cuido dos cavalos dele, dois Crioulos, trato-os com muito carinho, monto-os diariamente.

-- § --

O tempo não para, para uns ele anda devagar, para outros ele é rápido. Para nós era um tempo de ventura, de boa sorte, víamos Zé Leopoldo se desenvolver, esperto, ativo, cheio de saúde, com onze meses caminhava, com doze falava, com dois anos andava em minha garupa, em meu cavalo marchador. Leopoldina com a gravidez desabrochou e ficou mais bela ainda, eu respirava amor, minha casa, a casa verde, era um ninho de felicidade.

Assim como lá atrás, três anos antes, Zé de Deus falou, o povo - os garimpeiros do Rincão dos zés - incorreu por ação do tempo num erro fatal o erro do relaxamento, da confiança excessiva. Ninguém mais falava em Zé Mutuca.

No aniversário de dois anos de José Leopoldo, comentei:

– Zé de Deus, três anos se passaram, tudo continua como dantes, eu já estou há cinco anos longe de meu povo, de minha mãe, preciso retornar. O senhor sabe de minhas intenções, tenho ouro suficiente para dar conforto à minha família e comprar a fazenda com que tanto sonho.

Com olhos rasos d'água ele apertou meu braço e falou baixinho, para que somente eu ouvisse.

- Fique não se vá de já, permita que eu desfrute meu bisneto mais um pouco, estou envelhecido, Amilton. Foi a primeira vez que ele usou meu nome. A hora que vocês partirem levarão meu coração com vocês, e eu sei que não os verei mais.

- Tá certo, ficarei, cumprirei minha palavra, o quarto aniversário do meu filho será o último neste rincão, assim se completarão os cinco anos que estou, na casa verde, alojado. Saiba que sempre fui feliz nesta minha estada, mas a voz de minha terra e de meu povo me chama.

- Onde está o teu ouro Zé Mascate?

- Está bem guardado, no mato, nem Leopoldina sabe, é uma questão de segurança, por isso, também não vou lhe revelar. Fique tranquilo, meu sogro. Foi a primeira vez que o chamei assim, vi que ele ficou satisfeito. Está bem guardado. se algo me acontecer Leopoldina sabe que no porta-luvas da caminhonete tem uns rabiscos para ela. A caminhonete ninguém rouba, pois desmontei a distribuição e a tenho escondida junto com o ouro.

-- § --

Os meses se passaram, chegou a época da seca, os rios baixaram e ficou mais fácil garimpar. Todo santo dia eu saía, quase sempre acompanhado pelo Zé Garimpeiro, que se tornou um amigo afável e de confiança, e seu inseparável cachorro, o Pipoco.

Lembro ainda, com dor no peito, daquele sábado fatídico. Saímos depois de um desjejum com a intenção de revisarmos uns espinhéis que tínhamos deixados na tarde anterior, numa sanga piscosa. Levamos, também, como era de costume, a minha carabina e o garimpeiro, sua espingarda, na expectativa do encontro de alguma caça, anta, capivara, caititu e, quem sabe um veado campeiro.

Depois de uma caminhada de duas horas chegamos ao nosso destino e encontramos as linhas pesadas de tucunarés e cachorras. Nos envolvemos na limpeza dos peixes. Quando terminamos o sol já ia alto, fizemos fogo e assamos um tucunaré avantajado para nosso almoço. Comíamos à sombra de um jatobá quando o Pipoco latiu entusiasmado, e o garimpeiro falou: ele levantou algum bicho. Pegamos as armas e seguimos em direção à buía e eu disse: – se for bicho grande, não vamos matar, pois não temos como carregar. Corremos até uma volta do córrego e lá estava uma cutia cercada e ferida pelo Pipoco. O cachorro ao nos ver perdeu o foco e a cutia iniciou a fuga, mas o Zé mais que depressa atirou.

Levamos a cutia até a beira do córrego e a preparamos, ajeitamos caça e peixes. Descansamos um pouco, apanhamos água em nossos cantis e iniciamos a caminhada de retorno. Isso já ia lá pelas quatro da tarde, chegaríamos ao anoitecer.

Quando saímos numa mancha de basalto, onde o cerrado é ralo, percebemos forte fumaça no Rincão.

- Isso é lá em casa.

- E é mesmo, respondeu o garimpeiro, o fogo é grande.

O vento veio a nosso favor e ouvimos tiros.

Largamos tudo e nos prendemos a correr. Eu corria e me lembrava do maledeto do Mutuca, só podia ser ele. Ele sabia que nos fins de semana muitos companheiros iam para suas casas e o rincão estava desprotegido.

Se levamos uma hora para chegar até a sanga, caminhando tranquilo e batendo bom papo, levamos uns quinze minutos para nos acercarmos do rincão.

O Zé Garimpeiro falou comigo severo:

- Espere, espere! Vamos chegar sorrateiros, se formos de peito aberto eles nos matam.

Parei resfolegando.

- Você tá[MSG1] certo, tá certo!

Cortamos por um trieiro a mata e, quando saímos mais para o limpo, protegidos por arbustos, olhamos: não tinham queimado as casas do Zé de Deus e do Zé Enfermeiro. Zé Enfermeiro trocava tiros com invasores. Na casa verde mais isolada, também não havia fogo, mas havia troca de tiros. Firmei a vista e vi no alpendre lateral da casa dois desconhecidos. O garimpeiro também viu e disse: aquele de chapéu preto é o Mutuca. Tive certeza que o Zé Esquisito estava na mata.

- Garimpeiro, vá pela esquerda e ajude o enfermeiro, eu vou por aqui, ajudar o esquisito, eles vão ser surpreendidos.

Ele correu protegido pelo cerrado e eu subi pequena ladeira, sempre me protegendo. Quando cheguei numa distância em que tive segurança em atirar, fiz mira no de chapéu preto. Fui frio e

preciso, a bala acertou na nuca, a cabeça explodiu como se fosse uma melancia. Na surpresa o outro se desentocou e o esquisito lhe acertou no peito.

Subi o resto da ladeira correndo e encontrei o esquisito já no portão, gritei para ele:

- Vá ajudar o Zé Enfermeiro! Tens notícias do de Deus?

Ele me olhou desnorreado e passando a mão no pescoço gritou:

- Foi degolado.

Ele correu em direção a vila e eu corri para a casa.

Entreí na casa tremendo porque sabia que o que me esperava não era bom, pois se fosse Leopoldina teria vindo ao meu encontro. Encontrei-a caída debruçada sobre uma poça de sangue, tinha levado uma coronhada na cabeça e um tiro no peito. Virei-a ela ainda vivia, me olhou e falou com as palavras fracas, cortadas, mesmo assim tinha um sorriso nos lábios.

- Querido, que bom que não estavas aqui, senão teriam te matado, eles queriam o ouro, eu falei que não estava aqui, eles disseram que eu mentia...

- Shhh, shhh! Fique quietinha, vai ficar tudo bem. Onde está o Leopoldo?

- Está escondido dentro da garagem na amarelona...

Me assentei no chão, coloquei sua cabeça em cima de minha coxa, acarinhei seu cabelo, seu rosto e suas mãos, e a vida foi a abandonando devagarinho, e ela murmurando: – Cuide de meu filho.

Fiquei em choque, as lágrimas corriam em meu rosto, mas eu tinha um nó que me impedia de chorar. Fiquei ali não sei por quanto tempo até que o Zé Enfermeiro chegou correndo, pisando forte sobre o tabuado e me tirou daquele transe me perguntando:

- Onde está o menino?

Levantei como num susto.

- Está na caminhonete.

Saí tropicando em meus passos e me fui à garagem, e lá estava meu filho com os olhos arregalados, deitado quase em baixo do banco do caroneiro.

Os seis invasores estavam mortos, dois deles por Zé de Deus, que foi assassinado pelo Mutuca, um pelo enfermeiro e outro pelo garimpeiro.

Eles mataram dez pessoas. Além de José de Deus, mais seis moradores e as três belas prendas moradoras da casa das mulheres. Marlene salvou-se, pois estava no bananal colhendo bananas quando viu o rebuliço e se escondeu por lá.

-- § --

A tristeza, a dor no peito, o desalento tomaram conta de todos nós, mas embora tudo isso tínhamos que tomar providências. Então reunimos todos os nossos mortos na ampla varanda da casa verde, em um velório simplório. Marlene, a única mulher, nos consolava e tomou frente nos serviços de lavar e vestir os mortos; os vivos ela alimentou com bolos e chás e assim passamos uma noite que eu procuro sempre esquecer, mas não consigo. Os invasores enterramos em uma vala comum.

-- § --

A comunidade se esfacelou. Descobri o cofre do Zé de Deus, dentro de uma gaiota, como falamos aqui, uma carroça, como lá se fala, escondida no mato. O cofre estava intacto, abri com a chave que o Zé me confiou, devolvi o ouro aos garimpeiros proprietários, cada bolsa com o metal estava

identificada, e fiquei com o ouro do Zé de Deus, que era muito, e seu único herdeiro era meu filho, José Leopoldo, seu bisneto.

Ficaram naquele recanto, que, te confesso me dá saudades, o Zé Enfermeiro, que passou a morar na casa do de Deus, o Zé Esquisito que se mudou para a casa verde, e a Marlene, que se juntou com o Zé Garimpeiro e ficaram morando na casa das mulheres. O restante da vila foi praticamente toda queimada, eram ranchos frágeis cobertos de palha e com paredes de adobe.

Fiquei na casa verde alguns dias, revisando minha amarelona e puxando pedras para fazer um túmulo digno para minha amada Leopoldina, fiz uma cruz em aroeira, e numa pequena tábuia de jatobá, escrevi seu nome, as datas de nascimento e de falecimento e a saudade que eu e seu filho iríamos sentir para todo o sempre.

-- § --

Dez dias depois do ocorrido me vi na estrada, eu e o José Leopoldo, piaquito no mais, mas foi um companheiro maravilhoso. De quando em vez, sempre na hora em que fazíamos nossas orações a Virgem Maria, na calada da noite, ele me pedia da mãe. Tinha eu, então, com dor no peito e meio engasgado, que lhe explicar que mamãe e o vovô Zé de Deus tinham ido para o céu, que eram estrelinhas que estavam a visitar o Menino Jesus.

Depois de dias e muitos dias por estradas e trieiro, pneus furados, chuvas e atoladouros, pousando de favor em ranchos e fazendas, cruzamos o rio Uruguai. Senti o cheiro da terra e me senti em casa. Parei na primeira capela que encontrei, fiz longa oração de agradecimento e mostrei ao meu filho a imagem da Virgem e do Menino Jesus. A partir daí, com a graça do Senhor, ele ficou mais conformado e entendeu que mamãe e vovô tinham partido para não mais voltar, mas que moravam num lugar maravilhoso com flores, matas e córregos cristalinos.

Pois então, Benevides, ao te contar estas passagens meu peito suspira de saudades. Estou no ocaso de minha vida, mas sou imensamente feliz por ter conhecido e vivido naquelas quentes planuras, e lá, pela graça de Deus, ter conhecido Leopoldina, meu eterno amor. Diariamente, Beni, vou até a capelinha que construí na beira da sanga no meio da mata, para orar por Leopoldina, faço minhas orações e fico por horas conversando com ela, contando para ela, muitas vezes chamarreando, o que tenho feito e lhe dando notícias de nosso filho.

Venha, vamos entrar, vamos quebrar uma pinga, tô precisando, pois a saudades está enchendo meus olhos de água.

---

[MSG1]

Data : 01/01/2001  
Título : Coxilha  
Categoria: Poesia

Quando o Patrão do universo,  
Criou a grande querência,  
Ao sul do Rio Uruguai,  
Usou de divina ciência  
O nosso bendito Pai,  
Esculpiu aquela paisagem  
Usando o cinzel e o traço  
Dispensou a velha régua  
E abusou do compasso.

Nasceu assim a coxilha,  
Num estilo arredondado,  
O planalto verdeja em ilha,  
Galopa ali a tropilha  
Ali pasteja o gado,  
O Minuano assoprado  
Ronda o solo como fera,  
Com seu hálito gelado  
Forma seios sobre a terra.

Topografia sinuosa  
Na baixada, na ravina,  
A água sangra ruidosa,  
Fresca, pura, cristalina,  
É banho para o guri,  
É fresco para a china,  
Habita nesta partilha  
Pintassilgo, Bem-Te-Vi,  
Guajuvira e Coronilha.

No frescor em sua magia,  
A lua clareia o campo  
Luminosa em harmonia  
Brinca com os pirilampos,  
Que vigiam o Boitatá,  
Esperto como o relampo,  
Que vem pra aqui, vai pra lá,  
Espanta o Tatu-Galinha,  
O zorrilho a Paca e o Preá.

Na hora da Ave-Maria,  
Em aquarela envolvente,  
Aninha-se o sol no poente,  
No topo, um cuera valente,  
Montado em pingo de luxo,

Como se fosse num trono,  
Anuncia num repente,  
Este torrão é gaúcho  
Estas coxilhas têm dono.

Data : 01/01/2010

Título : DITOS DO MEU RIO GRANDE

Categoria: Poesia

Descrição: Estes versos de memória São ditos simples, mas grandes,

DITOS DO MEU RIO GRANDE

06/ 2010

Estes versos de memória  
São ditos simples, mas grandes,  
Pois contam a oral história  
Do meu querido Riogrande  
Circulam de mão em mão,  
Repasso-lhes com carinho  
É tradição em meu ninho.

São ditos de mil autores,  
Distribuídos como flores,  
Em cores, sem alvoroço,  
Na hora do chimarrão  
Ao piá a guria e ao moço,  
Ao pé do fogo de chão,  
Em prosa de índio grosso.

Nestes versos eu me lembro  
Aprendi o tempo contar,  
Trinta dias tem setembro  
Abril, junho e novembro,  
Fevereiro vinte e oito,  
Os outros que sete são,  
Trinta e um todos terão.

Quando eu saia dos cueiros,  
Meu velho, olhou e brincou,  
E ao meu ouvido ensinou:  
Não foi ninguém que me disse  
Foi meu pai que me contou

Que o pai do pai do meu pai,  
Era pai de meu avô.

Neste mundo de espertos,  
Povoado por gente atoa,  
Quem menos corre voa,  
Olho pra frente tinindo,  
Aprendi não fico atado,  
Conheço o cego dormindo  
Conheço o rengo sentado.

Com a paz dos bois de canga  
Levo a vida, bem arteira,  
Não faço cara de zanga  
Tenho existência faceira,  
Tricolor é minha bandeira,  
Feliz como lambari na sanga...  
Qual pica-pau em tronqueira.

No modernismo atual  
Todos correm atrás do pila,  
Tem gente morando em fila  
Mesmo tendo boa estampa,  
Como se diz lá na vila,  
Sem grana tô na trampa...  
Apertado como rato em guampa.

Busquei o amor com sorte  
Com fê na minha escrita,  
Encontrei linda consorte  
Numa bela senhorita,  
É uma pérola na ostra,  
Fina, elegante e, bonita,  
Como laranja de amostra.

Este dito leva jeito,  
E o gaúcho adora,  
Falo e digo com respeito,  
Prá Você que chega agora,  
Criticando o que está feito,  
Porque não estava aqui  
Para fazê-lo benfeito.

Quem rubricou este dito  
Assinado em uma via  
Ainda passou um pito  
Aquele que fez e faria,  
E fez tudo com saber  
Quando ninguém queria  
Ou sabia o que fazer.

Encerro este gracejo,  
Eu que nunca fui mimado,  
Como o lerdo caranguejo  
Andei sim, meio de lado,  
Constatai - bem aperreado  
Nem sempre os belos ditos  
São versos e são rimados.

Perdoem-me vou-me embora  
Despeço-me com afago  
Tirando meu corpo fora  
Sigo o rumo do meu pago  
Vou pra estrada, sem mistério,  
Com o coração esfarrapado  
Como poncho de Gaudério.

Data : 01/01/2010  
Título : O CÃO E A VACA  
Categoria: Poesia  
Descrição: Levantamos juntos, Eu e o sol,

### O CÃO E A VACA

Levantamos juntos,  
Eu e o sol,  
Ele, vermelho – dourado,  
Com rabiscos azuis, prateado,  
Eu, meio amarelado,  
Sentindo o corpo enfebrado,  
Com meu jeito despojado,  
Olhei-me de relancina,  
Isto é saudade de china,  
Vou-me embora pro povoado.

Dei de mão na minha cela  
Enfrenei o Pode Ser,

Chuleou-me ele de esguela,  
Entendeu meu padecer,  
Segui o rumo do Sol  
Que dorme lá na lagoa,  
Colorindo em braseiro  
A água pura do lajedo,  
Confirmando pro arteiro,  
A casa do chinaredo.

Depois de longa jornada  
Cheguei à terra dos “home”,  
Empoeirado e com fome,  
Nesta hora um índio macho  
Pra traz joga o barbicacho  
Quer banho, cachaça e bóia,  
Cheguei à praça carente,  
E encontrei num de repente  
Um local cheio de gente,  
Toca do Cachorro Quente.

Vi estrelas no poente  
Cardápio preso na mão,  
Pedi uma bebida quente  
Sentei-me todo pimpão,  
Passei na melena o pente  
Fantasiando minha missão,  
Chamei prum lado o garçom  
Cara inchada, dor de dente,  
Prá matar a minha fome  
Um trio de cachorro quente.

O cão tinha seu mistério,  
Com fome pedi urgência  
Para o garçom Desidério,  
Que me trouxe com ciência,  
Um X tudo e dois gaudério,  
Fiquei na exclamação,  
Olhando praquele fiambre  
Gaudério de tradição,  
Pão com tiras de matambre.  
E revirado de feijão.

Foi um estouro na Toca,  
Cachorros e muita Coca,  
Formou-se uma maçaroca  
Fiquei meio barrigudo,  
E o Pode Ser no arvoredado  
Bombeava-me carrancudo  
E, eu lambendo o dedo,  
Matutando o que fazer,

Lembrava-me do chinaredo,  
Pensava em meu bem querer

Sai contra o lusco-fusco  
Pra fazer a digestão,  
Traçar três cuscos  
Prenunciam congestão,  
Neste meu sólito andar  
Encontrei belo lugar:  
Perfumado – refrescado,  
Só no ar condicionado,  
Refrigério pra patrão  
Cheguei-me ali então.

Sorvete de Rum e bombom  
Ali não tinha garçom,  
Que bispa e não atende,  
Mas uma guria - lindaça,  
Bronzeada, com olho verde,  
Fiz então a minha graça  
Olhando aquela pequena  
Pedi e não fiz careta,  
Traz-me linda morena  
Essa tal de vaca preta.

E, Puxa! Não faço prosa,  
No encontro de cão e vaca,  
Foi tremenda a rebordosa,  
Agora minha barriga  
Ecoava uma cantiga,  
Pisquei para a rapariga  
É minha hora eu saio  
Decidi o que fazer  
Cheguei a espora no baio,  
Mandei-me no Pode Ser.

Num capão bem amoitado,  
Vi a lua entrar  
Caminhei desolado  
Até a aurora chegar  
Ao longe, ouço o som,  
Na casa da senhorita,  
Que usa perfume e batom,  
Fica cheirosa e bonita,  
A barriga reclamava,  
E o Pode Ser... Só pastava.

Surge o dia em aquarela  
Eu, desacorçoado, descrente,  
Numa tristeza amarela,

Queria um chima bem quente  
Chá de carqueja ou marcela  
E os carinhos da bela,  
Mas já chega de desgraça!  
Seguirei estrada a fora  
Encilhei o bom de raça  
Dei um pinote e fui embora.

Só volto à casa da prenda!  
Quando estiver consertado,  
Levarei uma oferenda  
Um regalo aprumado,  
Em cores de borboleta  
Bonito, bem perfumado,  
Com minha égua Roseta  
Chego rápido – sem treta  
Mas nunca mais me aprocho  
De cão quente e Vaca Preta.